

LOBOS BLACKTHORN-2

UM ROMANCE DE FANTASIA POR AGATHA SERAVAT

### **Table of Contents**

<u>SUMÁRIO</u>			
ORIGEM DA ESPÉCIE			
<u>OS CLÃS</u>			
<u>MAPA</u>			
PARTE I			
<u>PRÓLOGO</u>			
<u>UM</u>			
<u>DOIS</u>			
<u>TRÊS</u>			
<u>QUATRO</u>			
<u>CINCO</u>			
<u>SEIS</u>			
<u>SETE</u>			
<u>OITO</u>			
<u>NOVE</u>			
<u>DEZ</u>			
<u>ONZE</u>			
<u>DOZE</u>			
<u>TREZE</u>			
<u>QUATORZE</u>			
<u>QUINZE</u>			
<u>DEZESSEIS</u>			
PARTE II			
<u>DEZESSETE</u>			
<u>DEZOITO</u>			

**DEZENOVE** 

**VINTE** 

**VINTE E UM** 

**VINTE E DOIS** 

<u>VINTE E TRÊS</u>

**VINTE E QUATRO** 

**VINTE E CINCO** 

**VINTE E SEIS** 

**VINTE E SETE** 

**VINTE E OITO** 

**VINTE E NOVE** 

**TRINTA** 

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

PARTE III

TRINTA E QUATRO

**TRINTA E CINCO** 

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

**TRINTA E OITO** 

TRINTA E NOVE

**QUARENTA** 

**QUARENTA E UM** 

**QUARENTA E DOIS** 

**QUARENTA E TRÊS** 

**QUARENTA E QUATRO** 

**QUARENTA E CINCO** 

**QUARENTA E SEIS** 

**QUARENTA E SETE** 

**QUARENTA E OITO** 

**QUARENTA E NOVE** 

**CINQUENTA** 

CINQUENTA E UM

**CINQUENTA E DOIS** 

**EPÍLOGO** 

# GUERRA DALUA NOVA

LOBOS BLACKTHORN-2

UM ROMANCE DE FANTASIA POR AGATHA SERAVAT

Copyright © 2024 by Agatha Seravat

Todos os direitos reservados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Design de capa: Ellen Ferreira

Ilustrações: Taissa Emanuelly, Lívia Branco.

Revisão: Beatriz Lúcio

Projeto gráfico e diagramação: Agatha Seravat

Os personagens e situações desta obra existem apenas na ficção, não se referem a pessoas ou fatos ou emitem opinião sobre eles. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Este livro foi publicado na versão digital exclusivamente no site da Amazon, para ser lido no Kindle. Qualquer outra veiculação deste é ilegal e constitui crime, segundo a Lei de <u>Direitos Autorais</u> (<u>Lei nº 9.610/98</u>).

### **SUMÁRIO**

**SUMÁRIO ORIGEM DA ESPÉCIE** OS CLÃS **MAPA** <u>PARTE I</u> <u>PRÓLOGO</u> <u>UM</u> **DOIS** <u>TRÊS</u> **QUATRO CINCO SEIS** <u>SETE</u> **OITO NOVE** <u>DEZ</u> **ONZE DOZE TREZE QUATORZE QUINZE DEZESSEIS PARTE II** 

**DEZESSETE** 

**DEZOITO** 

**DEZENOVE** 

**VINTE** 

**VINTE E UM** 

**VINTE E DOIS** 

**VINTE E TRÊS** 

**VINTE E QUATRO** 

**VINTE E CINCO** 

**VINTE E SEIS** 

**VINTE E SETE** 

**VINTE E OITO** 

**VINTE E NOVE** 

**TRINTA** 

TRINTA E UM

**TRINTA E DOIS** 

TRINTA E TRÊS

**PARTE III** 

TRINTA E QUATRO

**TRINTA E CINCO** 

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

**TRINTA E OITO** 

TRINTA E NOVE

**QUARENTA** 

**QUARENTA E UM** 

**QUARENTA E DOIS** 

**QUARENTA E TRÊS** 

**QUARENTA E QUATRO** 

**QUARENTA E CINCO** 

**QUARENTA E SEIS** 

**QUARENTA E SETE** 

**QUARENTA E OITO** 

**QUARENTA E NOVE** 

**CINQUENTA** 

**CINQUENTA E UM** 

**CINQUENTA E DOIS** 

**EPÍLOGO** 



epígrafe

"A história é contada pelos vencedores" George Orwell



Dedicatória

Para todos aqueles que duvidaram de si mesmos, abracem seu destino.



Nota da autora

#### Olá, queride leitore!

Antes de mais nada, você precisa saber que este livro é uma continuação. Para prosseguir com a leitura, procure na Amazon por "Fúria da Lua Cheia – Lobos Blackthorn 1", ou clique aqui: livro 1 da duologia.

Em FDLC, a primeira parte desta história, preocupei-me em te entregar um novo mundo e te colocar a par da minha *lore*: a cultura e as regras do jogo, para dar início ao grande mistério: "a profecia de Luna", contida na "lenda" do livro 1 (que é *diferente* da que vou te contar aqui, *não pule*!). Mostrei a transição de Kamari e te trouxe para o meu universo, juntinho com ela.

Ao mesmo tempo, fui apresentando o dilema magnífico do meu alfa furioso, o filho da lua cheia, que tinha uma jornada sombria para trilhar. Ao final, estávamos apaixonados pelas inseguranças e as fragilidades de Axel e *sabíamos* que não haveria outro caminho para ele, além da escuridão.

*Axel* te *prometeu*, inúmeras vezes, em FDLC que ele sucumbiria, que abriria mão de sua alma por aquela que era a felicidade dele, Kamari. Agora, o alfa precisa te *mostrar* o salto para o abismo e, talvez, a escalada de volta.

Uma jornada de vilão em decadência, os meus favoritos.

*Kamari* precisava ser a heroína, aquela que cresce em uma velocidade absurda, enfrentando novas batalhas, com seus poderes antes desconhecidos. E olha, a sensatez dessa garota! Num livro com

quatro narradores (já vou te explicar isso), os capítulos contados por Kami eram meus respiros, antes de submergir.

Veja bem, *Guerra da Lua Nova* é um livro filha de sua lua. "A lua nova é sombria e engana os desavisados". Leiam atentamente, pois ele (o livro) é ilusionista: "olhe para esta mão", quando a mágica está acontecendo na outra. Sigam as pistas, leiam cada linha e aproveitem a viagem.

Para te dar a viagem completa e te deixar a par de tudo o que estava acontecendo — ou talvez para te confundir, haha —, precisei ampliar o plano de jogo, por isso, o meu *segundo casal* pôde sair das sombras da lua nova e vir para a luz.

**Drako** é um macho que eu queria conhecer pessoalmente. Sagaz, afiado, o antagonista que tem a moral retilínea, com uma prontidão para *ser bom*, apesar de todos seus defeitos. É o manual do *anti-herói*. Ele *vai errar*, fazendo escolhas difíceis com as informações que possui no momento.

Sim, estou aqui já te pedindo panos. Escrevo personagens defeituosos.

Por último e não menos importante, veio *Selene Aesire*. A semideusa é a minha personagem mais camaleoa e foi extremamente fácil ser ela, desde sua vilania, cheia de motivações para tanto, até sua redenção maravilhosa. Entrar na mente de um ser milenar foi intenso.

Quatro protagonistas com jornadas individuais, personalidades distintas, embrenhados numa trama que não vai te deixar respirar. Nunca fiz algo assim, fui ambiciosa — talvez mais do que tenha habilidade para executar — e, se pecar, peço humildemente que perdoem, haha.

Um beijo imenso, boa leitura, Agatha Seravat



avisos

Esta *duologia* — história contada em duas partes —, Lobos Blackthorn, é uma fantasia romântica, dentro do escopo do omegaverse, que não tem a pretensão de ser *sombria* — *dark fantasy*.

Em tempo, existem cenas gráficas de violência (violência descritiva) e antropofagia (canibalismo). É uma história de lobisomens!

Não se force na leitura, respeite seus limites.

Atenciosamente,

Agatha



Playlist



Para tornar esta leitura mais imersiva, separei uma playlist com as músicas que me inspiraram a escrever o livro. Aponte a câmera do seu celular para este código



Ou clichê no link abaixo

PLAYLIST GDLN NO SPOTIFY

Ou pesquise a playlist pelo nome: GDLN



ilustrações

### Todas as ilustrações de Guerra da Lua Nova você encontra no link abaixo.

<u>Ilustrações GDLN</u>

#### ORIGEM DA ESPÉCIE



A lenda esquecida

No início, Fenrir era o deus primordial do caos: ilimitado e indefinido, que antecedeu a origem de todos os seres e realidades do universo. Uma força devastadora e imparável, lembrança divina de que tudo podia ser tocado pela obscuridade e retornar à vastidão do oblívio eterno.

E na noite, onde a escuridão era mais poderosa, a luz pálida de sua parceira instável surgiu. Luna passou a existir, pelo amor de Fenrir, *a partir dele*.

Sem *noite* não havia *luar*.

E sem a luz de Luna, Fenrir era um simples vazio. Esquecimento.

O destino dominava até os deuses.

Luna, com suas fases instáveis, iniciou a criação dos seres da noite, seus prediletos. Humanos e natureza a reverenciavam e não ao seu parceiro grandioso. Ninguém cultuava *o caos.* Caos não criava, só deformava, estava ali, feito uma ameaça, simplesmente por existir.

A deusa, cultuada pelos humanos como uma primordial, revoltou-se com a dependência que tinha de seu parceiro. Em sua inconstância, gerou os semideuses, a quem adorava mais que seu destinado. E, quando Fenrir tentou alertá-la dos perigos de tocar a humanidade, Luna se voltou contra ele.

Reuniu os deuses e os fez verem Fenrir como a ameaça que ele representava. Que, assim como todos partiram dele, todos podiam ser por ele engolidos.

Ele era o início e o fim, o destino trapaceiro.

Fenrir, furioso com a traição de sua adorada parceira, amaldiçoou a criação da amada. Os quatro filhos de Luna. Para que ela compreendesse que a escuridão sempre iria existir. Para toda criação, destruição sempre acompanharia.

A princípio, Luna odiou seu parceiro por corromper seus filhos, depois, compreendeu: tudo precisa de equilíbrio. Só era tarde demais.

A deusa tentou consertar seus erros, buscando compensar a balança dos seus defeitos exacerbados em seus filhos:

Seus Aesire, os que deveriam ser esperança, o retorno à luz, receberam o toque da deusa, suas *graças*, mas o caos dentro deles era imenso e corrompido demais. Luna precisou sacrificar seus *crescentes*.

Os filhos sombrios, Lunaris —a *lua nova* —, desprezavam toda a criação, toda a harmonia, e escolheram esquecer sua humanidade, vivendo na natureza hostil e inóspita. Seus Lunaris estavam completamente perdidos.

Os mais brutais, seus Tyrant, os que deveriam ser reflexo de toda sua glória de lua cheia, perderam para a tirania e orgulho, os mesmos defeitos que fizeram a deusa pecar contra seu destinado. E se transformaram em força imparável de caos e destruição.

A deusa se culpou por seus erros, até que o último filho, sua versão minguante, equilibrada, clamou por redenção e renovou sua esperança.

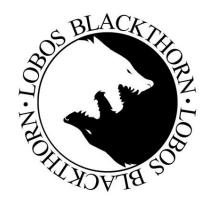
Esperança era cruel, oprimia os desesperados, um espinho negro — *Blackthorn*. Mas Luna agarrou a oportunidade com todas suas forças. Deu ao seu filho leal um bando abençoado por ela, sua última criação.

Então aguardou um sinal de seu amado para consertar seu maior erro, contar que entendeu quem ele realmente era: início e fim.

E ela, Criação, só nascia dele, o Caos.

Essa é a história do fim, contada pelos descendentes profetizados.

#### OS CLÃS



### BLACKTHORN

Blackthorn

**Os descendentes de Jonah**. O clã mais jovem, cerca de seiscentos anos.

Mortais, com expectativa de vida superior a humana, alimentamse como lobos e humanos. Respeitam a natureza e a humanidade. Não têm veneno, portanto sua mordida não transforma humanos, mas ainda é extremamente perigosa, pois o lupino que se alimenta de um humano vira imortal.

Tem os olhos amarelos, quando transformados, e a pelagem negra ou cinzenta.

São divididos em dois subgrupos: lobisomem e metamorfos.

Lobisomens podem se transformar na besta mitológica: *meio humano, meio lobo* (a maldição), também a transformação mais forte; ou entregar suas peles para os lobos — transformarem-se completamente em lobos —, como os metamorfos (o presente da Luna).

Ambos os grupos passam pela primeira Fúria, transformação descontrolada, no fim da adolescência, início da juventude. Os machos correm risco de se tornarem ferais se não tiverem o bando para trazê-los para a humanidade. As fêmeas entram automaticamente no Calor (período fértil), e podem se tornar ferais se não forem *atendidas*.

Os alfas dos Blackthorn são sempre os descendentes de sangue de Jonah, ou seja, os lobisomens, pois são os mais fortes.

**Tyrant** 



**Os descendentes de Tyre**. O clã mais antigo, cerca de seis mil anos.

Imortais, permanecem alimentando-se de presa humana, sem se importarem com o fardo de sangue. Venenosos, transformam humanos para aumentar o bando, quando muitos dos seus morrem em guerras civis. A mordida de um Tyrant tem a probabilidade de sucesso de um porcento de gerar um outro lobisomem.

Tem os olhos vermelhos e a pelagem fulva.

Aesire



Os descendentes de Selene. O clã extinto.

Eram belos e imortais, por isso eram adorados pelos humanos, vivendo como deuses. Transformavam apenas membros da realeza, os

"eleitos", para acumularem riquezas.

Tinham olhos prateados e pelagem branca/prateada.

Lunari

### LUNARI

Os descendentes de Vikran. O clã feral, cerca de quatro mil anos.

Mortais, permanecem a vida inteira como lobos, alimentando-se de caça animal. Procriam como lobos e passam pela Fúria da primeira transformação invertidos. Quando o Lunari não consegue retornar a pele para seu lobo, ficando preso como humano, ele é expulso do clã, tornando-se um *vagante selvagem*.

Tem os olhos pretos e a pelagem marrom.

Vagantes selvagens

### VAGANTES SELVAGENS

**Os marginalizados**. Também conhecidos como "os vira-latas", "sem raça". Descendentes variados.

Geralmente são bandos formados por membros exilados, os piores lobisomens, pois não se preocupam com a manutenção do "segredo", são nômades que matam desenfreados e transformam sem se preocupar com os rastros.

Por culpa deles, os humanos criaram os Caçadores de Prata, que tem como objetivo exterminar todos os lobisomens ou morrerem tentando.

Tem os olhos e pelagem misturadas, de seus clãs de origem.

### TRANSFORMAÇÕES

transformações

#### LOBISOMEM

lobisomem



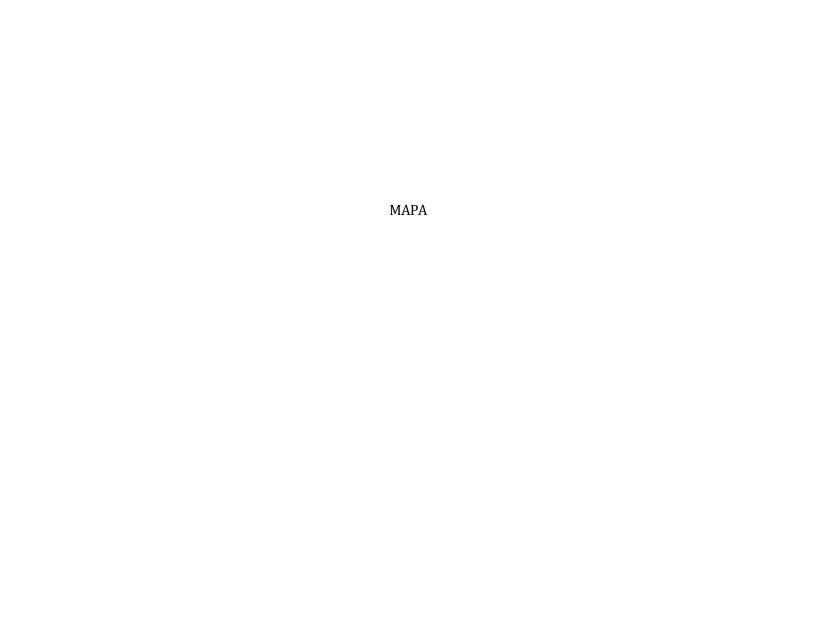
Lupinos amaldiçoados por Fenrir, presos ao "fardo de sangue". Descendentes dos quatro originais, podem se transformar na besta bípede ou na forma de lobo, como os metamorfos.

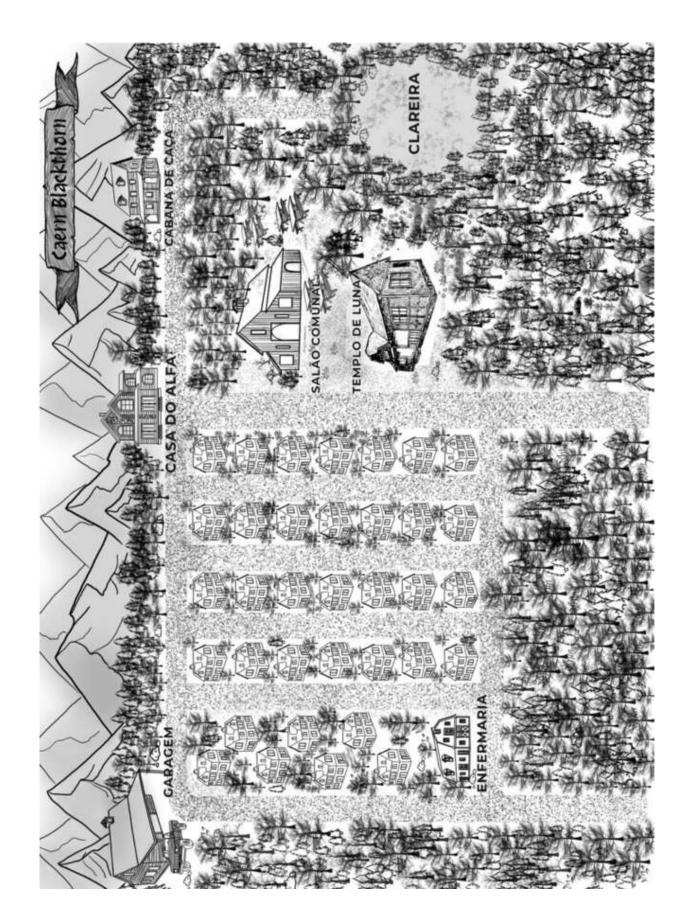
**METAMORFO** 

metamorfo



Lupinos abençoados por Luna, presos ao "fardo da lua". Só podem se transformar em lobo. Apenas o clã Blackthorn possui as duas espécies.





### PARTE I





## PRÓLOGO SELENE AESIRE

Selene Aesire

— Ele é resistente ao acônito, essa é uma primeira vez! Vai ser difícil de quebrar! — Julius debochou do Blackthorn maldito ao qual Luna me prendeu. O luar minguante reluziu em sua tez retinta, os dreads longos estavam presos atrás das orelhas.

Era verdade. O macho, que tinha seu destino ligado ao meu, olhava diretamente para mim, ao ser jogado na traseira da van, mesmo sob efeito do veneno. Qualquer outro estaria inconsciente, vivenciando seus piores pesadelos surrealistas.

Não ele.

Completamente nu, o cabelo comprido espalhou-se no chão sujo do carro; todo o corpo tensionado, delineava cada músculo sob a pele castanha, pouca coisa mais clara que a minha.

As veias do pescoço largo, saltadas, delatavam a dor extrema, porém os olhos amarelo-dourados, transformados, que só Blackthorn tinham, estavam focados em mim: *ódio, arrogância, desprezo*.

Segurei uma das portas traseiras, sem tirar meus olhos de cima dele, enquanto Mason, o ruivo no meu par de aliados, amarrava Luna e a deitava ao lado do macho que supostamente era meu.

— Todos eles quebram, sempre quebram! — Mason ironizou, pegando as roupas que Julius atirou na sua direção, e ambos se vestiram.

Circulou a van, indo para o motorista, enquanto Julius subia atrás e tentava fechar a traseira para que fôssemos para longe daquele Caern, antes de amanhecer.

Rosnei um comando, estabelecendo minha dominância e minhas presas alongaram, enquanto meus olhos se abriam e o poder de manipulação passava de mim para os dois Tyrant, que me seguiam desde a Primeira Guerra. Com a névoa densa de poder que empesteei o veículo, eliminei qualquer traço de euforia e enlevo que estivessem sentindo.

Não consegui aceitar que rissem desse macho.

Nem *tocariam* nele, porra!

Parceiros destinados eram ligados eternamente. E agora que o chamado de sangue havia acontecido, ele viraria minha fraqueza, *um Blackthorn alienado*.

Luna me pagaria por isso também!

 $-N\~ao!$  — urrei, justificando para mim mesma que o instinto de proteção que sentia era autopreservação. Se algo acontecesse com ele, afetaria a mim.

Era exatamente o que eu faria: manteria o Blackthorn em uma redoma de cristal, protegido, bem longe de mim. Da mesma forma que Tyre, meu irmão mais velho, fez com a sua parceira por milênios. Os pecados que cometíamos em nome de causas justas, muitas vezes nos transformavam nos monstros que queríamos derrotar.

Luna estava nitidamente mais consciente do que o meu...

*Meu...* merda, nem queria *pensar* sobre isso.

"Não seja infantil, Selene, Drako é *seu destinado*" — Luna invadiu minha mente e só então, pouco a pouco, fui relembrando como funcionava.

Há milênios não sentia essa conexão mental, a *resposta* nas conversas telepáticas. Meus descendentes, *meus filhos*, faziam isso comigo, antes de serem eliminados pela deusa a quem eles idolatravam.

E aqui estava ela, a maldita que me gerou, *minha mãe*, usando algo que eu tinha memória afetiva, para tentar se aproximar de mim com essa familiaridade forçada.

*Sai da minha cabeça!* — urrei com ela e transformei meus olhos de volta, antes que me respondesse, fechando-me.

Você vai ter que me escutar em algum momento, minha filha.
O tom condescendente da voz profunda de Luna, no corpo de uma filhote, era uma dicotomia enervante.

Bati as portas de trás com um estrondo e escutei o gemido de dor de Drako.

Drako Blackthorn, meu... meu parceiro destinado.

Precisaria de algum tempo para me acostumar. Apenas isso. Não mudaria nada, eu tinha um objetivo, uma missão: vingar minha família, meu clã! Fazer a deusa pagar e destruir Tyre, o único original que restava além de mim. Cumprir a profecia, e encerar o que os fodidos deuses começaram.

Chegava de sangue derramado!

Entrei no carona. Minha pele fumegou sob a jaqueta e a arranquei, jogando a peça para trás. Ajeitei as alças finas da camiseta e afastei o rabo de cavalo. Estava inquieta em minha pele, hiperconsciente da dor daquele macho, que não deveria representar nada para mim.

Os olhos cor de carmim sedentos de Mason vierem na direção do meu corpo, demorando-se pelo meu pescoço e seios. Não podia negar que gostava da atenção, nem que ele e Julius serviam ao propósito de aliviar tensões ao longo dos milênios. Porém a atenção submissão dele me incomodou.

E, nesse momento, só queria um segundo para *amargar* o novo golpe da minha mãe. O nível da maldade de Luna era inesgotável. Prender-me a um *Blackthorn*?! A um dos alienados que ainda a adoravam? Os únicos que não viam a manipulação dela!

Malditos aduladores como Jonah. O caçula medroso, o que só sabia seguir Tyre igual a um cachorrinho e chorar pelas "maldades que cometeu". Que assumisse seus erros, feito um macho!

Apontei com o indicador para o para-brisas, ordenando silenciosamente que Mason parasse de me encarar e fizesse o trabalho dele. Fui obedecida prontamente e às vezes tinha vontade de gritar com ele para ao menos *tentar* me desafiar.

Só que Mason e Julius me salvaram. Sem a ajuda deles, não estaria viva. Ou semiviva. Pelo menos até cumprir a minha promessa com a minha linhagem:

Mataria os filhos prediletos de Luna, seus espinhos negros, seus Blackthorn; e a faria sentir na pele o que fez comigo, ao mutilar meus filhos e deixá-los como presas fáceis para o clã vermelho os aniquilar.



O novo posto em Winnipeg era arriscado para mim e os outros lupinos infiltrados na minha organização, mas se era um risco para a meia dúzia que odiava Tyre e decidiram se juntar a mim, era ainda mais perigoso para o clã vermelho e, agora, Axel Blackthorn que viria atrás da parceira e desse macho.

O prédio em Rockwest, a cidadezinha nas montanhas nevadas, era muito bem protegido. Fixei meu posto ali por anos, mas devia saber que Paul não faria a missão dele direito. Não. Se ele fosse um dos *meus*, teria matado essa garota como mandei que fizesse, anos atrás

Agora Kamari Chandra estava aqui, com o gene desperto e pronta para ser usada como vaso de Luna, seu passaporte para o plano terreno. A marca em seu pescoço indicava que o parceiro, o filho de Loth, estaria entrando em Fúria e a caçaria até o fim dos tempos, como o pai fez.

Antes, eu lidaria com minha mãe do meu próprio jeito.

E que o Axel se fodesse! E esperasse sua vez de cumprir seu destino, eu não morreria agora, não antes de fazer tudo o que deveria. Tocado por Fenrir ou não, se viesse para cima de mim, eu o mataria. Mataria todos os Blackthorn e faria Luna assistir.

Não todos, na verdade... nem Axel e nem Drako.

Maldição!

Adentramos o prédio funcional, com prata nas paredes. Enquanto estava nos espaços protegidos pelo metal, precisava usar meu poder de cura ininterruptamente, para que meus lupinos não falseassem e enfraquecessem, perdendo a pele para suas formas bestiais.

Ouvi murmúrios abafados da minha mãe atrás de mim, ao mesmo tempo em que Drako continha os grunhidos de dor no maxilar cerrado. Olhei-os por sobre o ombro, sentindo um incômodo na boca do estômago ao ver que Mason carregava Drako feito um saco de lixo, com uma mão sob um braço, arrastando seus pés pelo chão.

Ao olhar para a figura da lupina que minha mãe havia escolhido para ser sua nova predileta, vi a expressão arrogante da deusa, como se me desafiasse a fazer alguma coisa a respeito de como tratavam o meu... Drako!

Não fala nada! — Meu tom saiu ameaçador e fez Mason e
 Julius curvarem o pescoço para minha dominância.

Luna ergueu as mãos presas com algemas de prata, em sinal de rendição, o sorriso debochado dela era *tão familiar*, que me fazia detestá-la ainda mais. Conseguia sentir, porém, a aura do seu poder de cura, impedindo que as algemas machucassem a filhote que ela havia possuído.

Eu a emparedaria em prata!

Na forma terrena, carne e osso, Luna não podia simplesmente desvanecer para outro lugar. Estava presa ao corpo da keepa, minha descendente, com todos os meus poderes. Criou outra para poder usá-la em seu benefício, mas eu não permitiria que a deusa utilizasse Kamari

como uma arma na mão do meu inimigo. E se quisesse se libertar, teria que sair do corpo da fêmea e voltar para o plano espiritual.

Drako era outro problema para resolver. Um macho, um *alfa* Blackthorn, mais dominante que eu. Não seria facilmente contido e eu *não podia* machucá-lo, sem me prejudicar. Quando arranhei seu peito, senti um reflexo de sua dor.

A conexão era real, então. Depois de seis milênios de vida, sem nunca encontrar meu destinado, achei que *aquilo* fosse força de expressão dos outros licantropos. Mas era real, a ligação era viva e latejava como se inflamasse a carne.

Olhei para trás outra vez, buscando o macho que foi imposto a mim. Mason o colocou de pé, escorado em uma parede com prata. A pele dele começou a chiar e o cheiro da queimadura me fez transformar de novo meus olhos, liberando meu poder, para fazer o Tyrant que me seguia se sentir esmagado emocionalmente.

### — Mason! — rosnei.

Então fui até Drako e o segurei, equilibrando-o de pé, longe da parede. Seus olhos dourados focaram nos meus, enquanto a pele dele permanecia machucada, por causa do veneno.

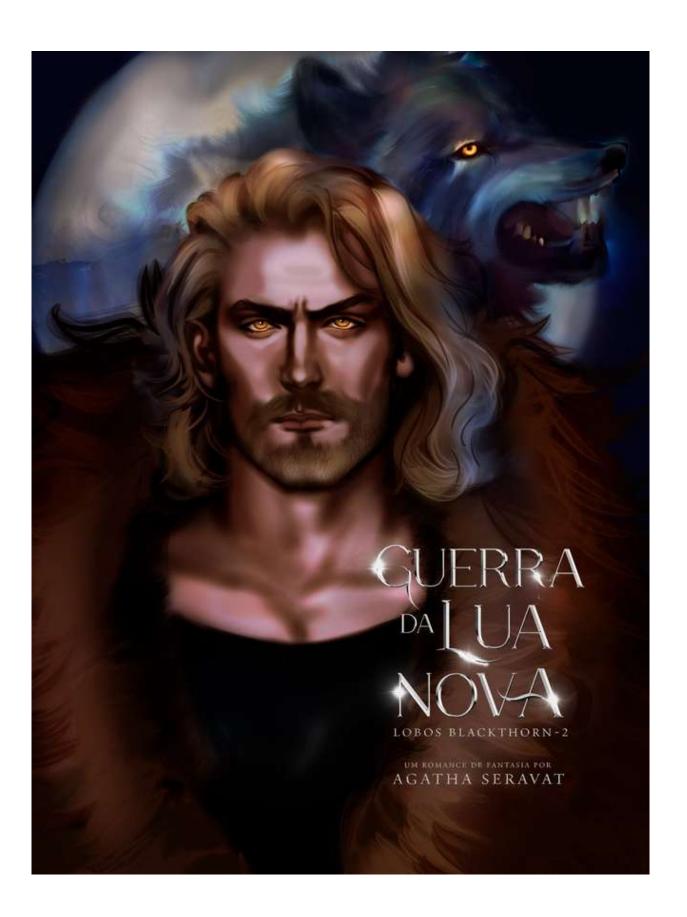
O cabelo cor de mogno, solto, cercou seu rosto absurdamente belo. A barba cheia, o nariz perfilado, as sobrancelhas grossas, faziam-no o macho mais magnífico que já tinha visto, em toda minha existência. E a camada de suor doentio em sua pele fez meu estômago revirar.

O contato visual me colocou em sua mente e vi qual era o seu pesadelo, o que o mantinha desperto. A *realidade* era o cenário mais cruel que seu subconsciente podia produzir; olhar para mim e saber que *eu* era seu destino, uma imortal suja, uma maldita, era o seu pior tormento.

Drako não era um licantropo, um lobisomem, ele era um *metamorfo*. Minha mãe o transformou para me fazer pagar a língua!

Se acreditava que odiava essa situação sozinha, ver a mente de Drako me deu a certeza de que, para ele, era infinitamente pior. Drako Blackthorn me desprezava com a mesma potência com a qual eu queria vingar meus filhos.

*Eu* era seu pior pesadelo, pior que o veneno, seu inferno pessoal.





Axel Blackthorn

A transformação de Paul ocorreu de uma maneira monstruosa. Nunca havia presenciado a *Fúria da transformação*, mas claramente doía. Pouquíssimos humanos resistiam às mordidas venenosas, a maioria morria. Atualmente, apenas os Tyrant e os Vagantes Selvagens permaneciam transformando para aumentarem seus contingentes.

Um porcento de chance de sucesso sempre foi inadmissível para mim. Matar noventa e nove humanos, para conseguir obter *um* novo lupino no bando, era uma estatística cruel.

"Só os fortes!" — meu lobo me contradisse e até aceitava a lógica dele.

Se eu transformasse cem Caçadores de Prata e recebesse um lobisomem na troca, era uma conta justa. Que os outros morressem e fossem para o inferno.

— Marrom? — Bog perguntou, surpreso.

Em forma humana, parou ao meu lado direito, ainda segurando aquela fodida pistola com acônito. Rosnei para que ele não ousasse mirar em mim outra vez ou arrancaria seu braço, mas a perplexidade do meu beta estava focada no meu novo descendente e sua pelagem marrom, cor de lama, como os Lunaris, descendentes de Vikran.

Paul, o caçador, era um descendente latente[1] de Vikran?!

O lobo marrom se ergueu nas duas patas, as garras compridas negras, da mesma cor de seus olhos reluzentes, as íris largas quase consumiam todo o olho. A envergadura dele não era tão grande quanto a minha, mas a aura de seu ódio por mim, pela violência com a qual o transformei, atiçou meu lobo e minha dominância.

Rugi, cuspindo saliva através das presas e ergui a pata direita no ar, pronto para rasgar a garganta de Paul, se não se submetesse.

Ele deu dois passos para trás, ainda se habituando com a nova forma, sacudindo a cabeça, tentando relutar contra o comando-alfa e não dobrar o pescoço. Não sentia um lobo nele. Era como os imortais, que a fera e a parte humana mesclavam-se, alterando ambas as personalidades e os transformando em uma coisa só. Apenas a maldição.

Eu e meu lobo estávamos quase nesse estado de simbiose, mas ainda mantinha a racionalidade, e estava disposto a sacrificar minha primeira descendência para estabelecer meu ranking, minha liderança.

Um lupino latente, que não se transformava, tinha mais chances de passar pela transição, como provavelmente ocorreu com Layla. Vinham mais fracos, mas suportavam o veneno.

Só que eu era um alfa Blackthorn, descendente de Jonah dos dois lados. Paul — Lunari ou Blackthorn, seja lá qual fosse o seu verdadeiro clã — dobraria o pescoço e entraria na linha, quisesse ou não.

Mostrou-me os dentes, resistindo ao meu comando, então dobrou o pescoço. A língua passando nas presas, o focinho franzido e as patas fechadas, garras encravadas nas palmas, sangrando-as.

Um sibilo invertido coletivo foi cacofonia de fundo, quando avancei nele e o mordi no braço, estabelecendo-o dentro do meu bando, para que a conexão fosse feita e pudesse me comunicar com ele na forma lupina.

Kami foi a primeira loba que entreguei ao meu bando, esse caçador filho da puta era o segundo.

A ironia do destino não me faltava.

"Quem pegou minha parceira?!" — rugi para o novo lobo, a ira dele acentuava minha dominância, e Paul tentou resistir, tentou pra caralho! Mas vi em sua mente as imagens da mulher que o criou, que o ensinou tudo sobre lobisomens e o deu a missão de perseguir e matar minha fêmea.

"Quem é ela?!" — ladrei um comando-alfa que ele jamais conseguiria desobedecer.

Acompanhado do rosnado gutural, feral, minha pata se fechou em seu pescoço. Aproximei meu focinho do dele e minhas presas coçaram para arrancar seu rosto, como fiz com o outro Lunari. Sentia sua pulsação acelerada sob os pelos do pescoço, a ira foi se transformando em um pavor delicioso de provar no ar.

Meu lobo regozijou com o domínio do macho que ele mais detestava, ficando ainda mais feral, mais psicótico. Machucar o lobo marrom nos daria prazer, arrefeceria a dor da falta que Kamari fazia, preencheria o vazio em meu peito com o gosto de seu sangue.

Esse infeliz não era *meu descendente*, não era nada para mim! O contraste de nossos pelos, o meu negro e o dele marrom, provava que jamais pertenceríamos ao mesmo bando, que ele era apenas um dos idiotas do clã feral.

— Ax, ele chamou de "Capitã Amaris", ela é a líder dos Caçadores de Prata, não é? — Bog tentou racionalizar comigo, na forma humana, pois a arma em sua mão era a melhor opção para me controlar, neste momento.

Estava em um duelo feroz entre razão e irracionalidade. Tão amalgamado ao animal dentro de mim, que pouco restava de Axel.

Odiava esse caçador infeliz, isso era um fato. E cada rastro de consciência que me restava digladiava entre continuar o interrogatório e deixá-lo provar lealdade a mim, ou matar o miserável e ir farejar Kamari até encontrá-la!

Meu lobo queria terminar logo com isso para arrancar sua cabeça e vísceras, espalhar pela fronteira do nosso território, para que todos soubessem que aqui vivia um predador. Que o cheiro da carniça de Paul virasse promessa de vingança, um desafio que só os mais fortes aceitariam.

Porém, quando Paul finalmente ergueu os olhos negros para os meus, o lobo dele foi se separando da consciência humana. A alma se dividiu diante dos meus olhos e eu *vi*:

Um fodido *filhote*! Um lobo delta, cheio de coragem, mas sem força.

"Respeite seus inferiores, pois todos são filhos da lua". A prece de iniciação do meu bando, o que fazia dos Blackthorn melhores que os Tyrant. ou qualquer outro clã, era o fato de respeitarmos a porra da vida!

"Mata ele!" — meu lobo vociferou, mas uma parte dele se retraiu.

Fechei a pata ao redor do pescoço de Paul, fazendo-o ganir e sufocar. Os olhos negros esbugalharam, mas ele não conseguia lutar de volta, preso na teia da minha dominância.

"Não podíamos matar *ela... não podíamos*!" — o lobo de Paul explicou, lamentando-se e me mostrando coisas que eu não queria ver: seu maldito amor.

Paul Reid, o humano, *amava* Kami e, em outra vida, se pudesse escolhê-la como sua parceira, teria feito. A missão de Paul não era "reconhecimento", era *eliminação*. Mas ele resistiu, aproximou-se dela para ver quando desse sinais de que se transformaria.

E implorou para a mulher que o criou que não matasse Kamari, foi assim que acabou surrado em uma cela com Kaleb, por pedir a líder dos caçadores para *poupar* a vida da minha parceira.

Atirei-o longe, antes que eu perdesse o controle. O lobisomem com mais de dois metros e meio de altura caiu por cima de uma maca, derrubando-a no chão. Ainda em duas patas, levantou e se afastou de mim.

Forcei a transformação de volta para a humana, pois se continuasse na pele da bípede, mataria esse infeliz e me alimentaria dele. Odiava-o por amar minha fêmea, por querê-la para si, mas se não fosse ele, se fosse qualquer outro, Kami estaria morta.

— Alguém ajuda ele a se transformar e sair da Fúria! E tira esse desgraçado de perto de mim! — Virei-me para minha matilha.

Rulf e Kaleb estavam cuidando de Layla, ainda envenenada. Kal estava fora de si, pálido, segurando as patas brancas da parceira e chorando, enquanto murmurava uma prece da lua, pedindo pela vida da mãe de Kami.

Luna estava pouco se fodendo para nós. Se Layla sobrevivesse, seria pelo conhecimento de Rulf, não pela deusa maldita.

Leah, ainda transformada na loba cinza-claro, passou por mim, com a cabeça baixa em sinal de respeito, assumindo a responsabilidade sobre Paul pela segunda vez. Ela tinha a dominância mais alta que a dele, mesmo sendo uma metamorfa. Daria conta de lidar com o peso morto.

— Ax... — Luther me chamou. Ao seu lado, Bjorn. Ambos eram cunhados de Drako, que também estava desaparecido, junto com Kamari.

Os dois machos gamas não se atreveram a entrar na enfermaria, parados na porta, as peles fumegantes da transformação e as respirações ofegantes de quem havia corrido com força total.

- Perdemos o rastro. O cheiro dela simplesmente desaparece, é a mesma coisa que aconteceu quando invadimos o prédio dos Caçadores de Prata em Rockwest. É alguma *mágica*! Bjorn falou e estendeu sua palma, em rendição, sua tez negra empalideceu, quando avancei algumas passadas na sua direção.
- Já mandamos os rastreadores irem atrás deles, farejarem Drako e sua parceira. Eles estão procurando nos quatro cantos, Ax, vamos encontrá-la Luther intercedeu em favor do mais novo.

Bjorn era um membro novo do grupo dos soldados de elite, tinha quase a idade de Kami, pouca coisa mais velho. Eu costumava gostar dele, antes de me dar notícias ruins.

- Quero vocês dois na porra da ronda. Leah tá presa com o lobo novo. Até ele conseguir se transformar de volta, preciso dos meus melhores! Hoje à noite, os Dissidentes de Loth vão chegar, rasgar o peito para mim e eu vou usá-los para irmos atrás do que quer que vocês encontrem. Todos os Blackthorn vão atrás dela, entenderam?
- Zane tá coordenando os grupos de batedores, estamos todos contigo, alfa. Luther mostrou o pescoço e empurrou Bjorn para trás de si.

Meu lobo não queria esperar, queria ir agora, nesse instante.

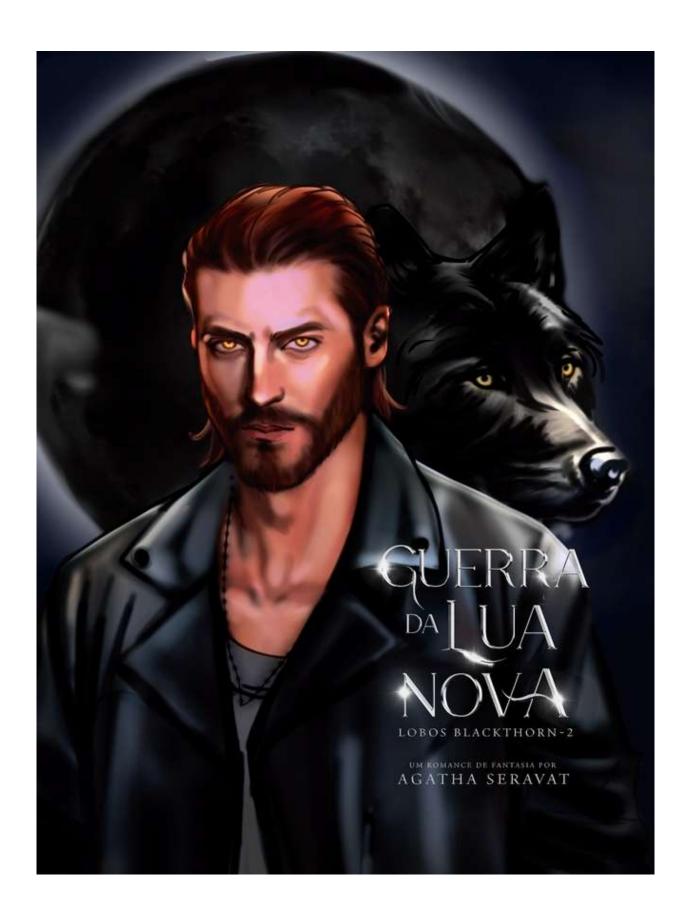
"Você precisa de força. Mais lobos, mais força. Espere." — A voz profunda que ouvi antes da cerimônia de iniciação, soprou em minha mente, fazendo os cabelos da minha nuca eriçarem.

Não era exatamente uma voz, era um eco em uma caverna, distante e múltipla, sombria. Tão visceral e intensa que sobrepujou meu lobo e o fez se acalmar para esperar o momento do ataque. Uma espera nefasta. Vingança em prato frio, servida com requinte de crueldade.

A ebulição do meu sangue contrastava com a frieza de pensamento, a ausência do batimento no laço da parceria me deixava irrequieto, em luto, esvaziado.

A única certeza que tinha era que Kami estava viva. Porque se ela morresse, eu iria junto. Era a única benção que podia contar em toda essa situação. Tinha a garantia de que viveríamos ou morreríamos, juntos.

Teria minha parceira comigo outra vez, nem que isso custasse a minha alma.



## DOIS



Drako Blackthorn

Selene me segurou de pé pelos bíceps. Os olhos castanhoavermelhados foram se transformando em duas íris prateadas, quase fundindo-as com o globo ocular. As palmas aqueceram e a dor foi aliviando em ondas, bem como ela foi aproximando o corpo do meu, inconscientemente.

Seu cheiro, porra, esse fodido cheiro! Um que remetia a deserto escaldante e oceano, simultaneamente. O único oceano que eu havia farejado era o gelado, o Ártico, mas Selene tinha cheiro de calor, do tipo que *desidratava*.

Sal marinho e sálvia.

Fechei as mãos em punhos, conforme a consciência retornava. Saí do pesadelo semiconsciente imposto pelo acônito. E acordei dentro de outro:

"Minha! Minha! Marca!" — O lobo se debatia, desesperado, como se sob o efeito de algum feitiço. Brigava comigo para tocar na fêmea.

Com Kamari — quando pensava que era sua parceira —, choramingava e gania, *implorava*. Por Selene, ele se transformava em um maldito obstinado, raspando as garras por dentro do meu peito, escavando até encontrar uma saída para estar perto dela.

Trinquei os dentes com tamanha força que meus molares quase quebraram, tentando contê-lo lá dentro, impedindo-o de tomar a pele e se entregar a *essa*...

- Imortal *imunda*? É isso que acha que eu sou, Drako *Blackthorn*? xingou meu sobrenome com o mesmo tom que usou para se referir a como eu pensava dela. Selene estava lendo meus pensamentos? Seu clã de alienados não te ensinou nada sobre a nossa história, sobre os Aesire? continuou, invadindo minha mente e riu desdenhosa.
- Não, na minha história, você foi apagada. Extinta pelos vermelhos — sussurrei um deboche, ainda reencontrando minha voz pós-envenenamento.

Incitei uma cólera tão profunda nela, que seu cheiro fez meu lobo se encolher e urrar comigo para calar a boca, para não falar daquela forma com ela. Selene subiu a mão para meu queixo barbado e pressionou os dedos, transformando suas garras aos poucos, até furar minha pele.

Aproximou o rosto do meu. Sua altura — acima da média das fêmeas regulares — fazia-me inclinar a cabeça para baixo levemente para olhá-la nos olhos. Seu rosto era tudo o que eu conseguia ver e os olhos ganharam um brilho ainda mais potente, quase cegante. Por isso, desci o olhar para os lábios prensados juntos. As presas delicadas despontavam no lábio inferior e as narinas infladas de raiva me contavam que queria me morder, arrancar um pedaço meu, para se vingar.

A maldita era linda feito uma deusa. E por mais que a detestasse, que tivéssemos audiência e não fosse o que eu queria, meu membro inchou progressivamente, à vista de todos, uma vez que ela sequer se preocupou em me cobrir.

Sentia o cheiro dos Caçadores de Prata, também o odor dos lobos Tyrant acompanhando nossa interação, mas nada disso importou, preso na órbita ultra consumidora que ardia minha pele. Meu lábio superior retraiu e minhas presas desceram, ao sentir suas unhas encravadas na minha barba. Ergui a mão e a fechei na frente de seu pescoço, rosnando para ela, embutindo o novo tom de comando-alfa, que agora eu conseguia alcançar.

Selene entreabriu os lábios, ofegante, afrouxando o aperto. Seu aroma ficou mais proeminente, transitando deliciosamente do ódio para a luxúria primal. A cada puxada de ar, arrepios de antecipação sexual me percorriam e castigavam minha vontade.

### Não, caralho!

"Sim!" — A voracidade do meu lobo nunca foi tão intensa. Ele costumava ser tranquilo, deixava-me liderar a relação, mas não no que dizia respeito a essa fêmea amaldiçoada!

— Tira a mão dela, cachorro! — Um dos Tyrant que invadiram o Caern, o ruivo com os olhos vermelhos, apontou uma arma para minha têmpora.

Mesmo os lobisomens imortais morriam com tiros de prata no cérebro.

Soltei Selene e ela levou a mão para o pescoço, onde a minha esteve, ainda ofegante e atordoada. Desceu o olhar pelo meu corpo e foi quase um toque. Minha pele tensionava, os músculos contraíam ao sentir a apreciação, o embevecimento. O maldito cheiro de sua boceta, ficando mais acentuado por eu mostrar dominância, veio como um relâmpago no meu olfato.

### Puta merda!

O rosnado ficou ainda mais grave em meu peito, conforme os olhos prateados desceram até meu membro. E a confusão dela foi se transformando em presunção diante dos meus olhos. Sim, ela estava lubrificando para mim, na mesma proporção em que eu endurecia.

Uma necessidade básica, instinto animal, e eu não era um animal.

— Leva ele para o andar de cima, Mason — rindo de mim e dos pensamentos que lia, como se eu os dissesse em voz alta, comandou ao ruivo.

Ele veio na minha direção para me tocar. Eu ainda estava fragilizado pelo envenenamento que Selene curou, mas transformei minha mão em pata hominídea e estapeei a arma que o desgraçado carregava. Observei minha nova pelagem branca que chegava até o cotovelo e me deixava doente.

### Eu era um fodido *Blackthorn*!

— Se fizer isso, ela morre aqui e agora, Black-thorn — Selene franziu o cenho, xingando o sobrenome do meu clã pausadamente.

O outro macho Tyrant que seguia Selene, o que tinha quase a mesma estrutura de Bogdan, com a tez marrom-dourada e os mesmos olhos maníacos vermelhos deles, segurava Kami em uma chave de braço, uma pistola em sua testa.

Sabia que não era *minha alfa* e sim a deusa desgraçada que me amaldiçoou ali. Só que eles não tinham como matar uma deusa. Se ferissem aquele corpo, seria Kamari quem pagaria por isso.

"Faça o que ela está pedindo, filhote. Tudo vai fazer sentido." — Uma voz feminina antiga, macia, ecoou em minha mente.

Selene virou a cabeça na direção de Kami, chicoteando o rabo de cavalo no meu rosto. Quis puxá-la pelo cabelo, esfregar o corpo dela em mim. E, infelizmente, esse foi um pensamento meu, não do lobo.

#### Não!

— Você está bloqueando ele? Acha que isso vai *te* ajudar de alguma forma? Eu tenho o seu *corpo*, Luna, se quiser se livrar de mim, basta sair e deixar a filhote livre. — Enquanto falava, levou uma mão para a cintura marcada e ergueu uma sobrancelha arqueada em desafio.

"Faz. Alguma. Coisa. Morde!" — o lobo grunhia gutural entre a fala e minhas presas alongaram mais, ao ver a dominância de Selene se espalhar no ar, feito toxina afrodisíaca.

— Você vai machucá-la, precisamos conversar... — Luna debateu com a filha, muito tranquila, pois quem estava presa com uma arma na

testa não era exatamente ela. Então continuou a falar comigo dentro da minha mente: — "Estou consertando todos os erros que cometi, Drako Blackthorn. Minha filha precisa de ajuda, a sua."

Ri em escárnio, dando um passo para trás, mas sabendo que, enquanto Selene tivesse Kamari, mesmo que não me algemasse, como fez com a própria mãe, eu não poderia fugir. Aquela era a alfa a quem jurei lealdade e minha fodida parceira estava se aproveitando disso.

Nunca vou ajudar ela em nada! Você não pode me forçar, deusa. Livre-arbítrio! Prefiro a morte e a minha alfa preferiria também. Kamari jamais se tornaria uma imortal como a sua filha — Cuspi para Luna em minha mente e o lobo ficou insano, vocalizando rosnados contra mim, brigando comigo e causando uma bagunça sensorial no meu corpo.

Ele odiava a rejeição extrema que eu sentia sobre essa parceria.

"Você também é um alfa agora, não precisa seguir essa criança, se não quiser." — Quando rosnei para a insinuação dela, de que deveria deixar Kami se foder sozinha, a deusa riu em minha mente, por mais que o rosto que havia roubado estivesse sereno. — "É você para ela. Não podia ser diferente. Sei *quem* você é, por mais que se esconda com seus comportamentos mesquinhos, é o macho perfeito para consertar a minha predileta."

Ela não tem conserto! Se me conhece e sabe quem eu sou, sabe que ela é tudo o que eu odeio!

"O destino não é justo com ninguém, meu abençoado" — ironizou e saiu da minha mente. Consegui sentir a ausência, como se parasse de me tocar.

— Vai por bem ou por mal? — Selene chamou minha atenção para si, o cenho franzido de raiva por saber que foi excluída da minha cabeça. — Porque eu tenho *certeza* de que ela te mandou sacrificar a garota para se salvar.

Estava errada. A fodida Luna mandou que *eu* me sacrificasse para *salvar* Selene.

Só que alguns pecadores estavam muito além da redenção.

Atravessei o grande salão atrás da maldita, cobrindo meu pau com as mãos, enquanto ela desfilava com a cabeça erguida, sendo chamada de "Capitã Amaris" por aqueles humanos idiotas. Um monte de homens fracos a quem ela não dignava com nenhum segundo de atenção, apenas acenando entediada.

Só que eu via os sinais de sua postura fingida. As costas praticamente descobertas pelas alças finas cruzadas sobre a pele castanha, brevemente mais escura que a minha. O decote da camiseta descia cavado até a lombar e deixava o inchaço lateral dos seios à mostra para todos os machos e homens ali dentro.

Havia mais lupinos mesclados naquele monte de Caçadores de Prata. Os humanos não deviam saber que abrigavam lobos em seu galinheiro. O nível de testosterona naquela sala era opressivo e mantinha um rosnado profundo reverberando em meu peito, estabelecendo dominância instintivamente.

Costumava julgar Axel pela hostilidade, agora compreendia. Ser um alfa sobrecarregava, era um cabo de guerra constante para manter o ranking. Quando se é o número um, o topo é o único lugar aceitável.

Continuei seguindo-a através do salão para o corredor com os elevadores, um tanto hipnotizado pelo balançar de seu cabelo preso, descendo até o meio das omoplatas, e o ondular delicioso do quadril.

### Filha da puta!

Todos a notavam, adorando-a e dissipando o odor de tesão infernal pela fêmea que eu não queria! Era com isso que Selene Aesire era acostumada: ser endeusada e rejeitar machos. Lidar com todos como se fossem coisas: "isso", "um brinquedinho", a forma como se referiu a mim.

Filhos da lua nova eram reconhecidos pelo seu ego nocivo e eu não era isento dessa culpa, entretanto, o que mais me incomodava não era o que pensava de mim.

Foda-se se me achava inferior por ser um Blackthorn.

O que me *azucrinava* era o que *eu* pensava sobre ela; o fato de a própria deusa ter me usado como arma em qualquer que fosse a lição que queria dar à sua cria.

Selene pensava que estava no controle da situação, por ter posse do corpo de Kamari com a deusa dentro, e que me usaria por ser leal ao meu clã. Kami era uma loba branca, tinha descendência do clã extinto, mas era uma Blackthorn!

Eu era um Blackthorn e pelagem nenhuma mudaria isso.

— Leva ela lá para baixo. — A voz melodiosa de Selene ordenou ao macho negro que segurava Luna pelo braço. Então me olhou sobre o ombro magro, e odiei não ser imune ao apelo. — Você vem comigo, nós precisamos estabelecer algumas... *regras* para a sua estadia. — Curvou os lábios em um sorriso maldoso.

Bufei e apertei o meu pau, odiando o quanto ela mexia comigo fisicamente. Meu lobo salivava com a ideia de ficar sozinho com ela. Loba e parte humana estavam amalgamadas, como acontecia com os imortais, uma coisa só, por isso, o meu animal estava descontrolado com a fêmea.

Luna me encarou, antes de se deixar ser levada, aqueles olhos fantasmagóricos eram um lembrete constante de que a garota, a quem meu lobo jurou lealdade, não estava ali. O sorriso cínico era o pior. Eu não podia abandonar Kami!

— Se você *obedecer*, não vou machucá-la. — Selene negociou e saiu de perto de mim, pressionando o botão do elevador.

Relutei, apenas porque odiava comandos, chantagem e essa opressão que os lobisomens privilegiados possuíam e se aproveitavam. Odiava dentro do meu clã, com os regentes lobisomens que *sempre* comandavam os metamorfos.

Kaleb era justo, mas o que ele realmente fez para merecer a porra do cargo? E Axel... só não! Bogdan merecia ser o regente. Ele tinha força e controle, mas nasceu na "lua errada", como se essa merda existisse!

Odiava que os filhos da lua cheia e os crescentes sempre ficassem com os cargos de poder e determinassem como os outros deveriam viver suas vidas.

E aqui estava ela, a *minha destinada*, marcando todo o checklist de tudo o que eu abominava: imortal, corrompida, opressora, a fodida privilegiada, acostumada com poder e adoração gratuitos.

Parei ao seu lado, levemente à frente, quase grudado na porra da porta de metal, para evitar que nossas peles se encostassem. Selene riu baixinho e precisei fechar os olhos para controlar a dor, ao apertar meu pau cada vez mais duro dentro das mãos.

Não! — urrei em minha mente, quando o lobo começou a fantasiar que a montava, que a mordia. — Nem fodendo! Tira a sua mente daí!

Ela queria *conversar*? Era tudo o que teria de mim.



Selene Aesire

Drako Blackthorn era um macho jovem. Não chegava sequer a quarenta anos de vida nesta terra. Levando-se em consideração que era mortal, significava o ápice de força vital e sua postura assertiva, destemida e dominante, reforçava tudo isso.

Ele foi um *metamorfo*, transformado em lobisomem com o intuito de ser... *meu*.

O que Luna estava pensando?

O que ela esperava que esse macho fosse capaz de fazer?

— Quanto tempo o seu lobo resiste sem caçar? Não quero você entrando em Fúria. Do contrário vou ter que te conter, espero que entenda... — Puxei conversa, dentro do elevador.

O espaço fechado empesteou com o perfume de sua pele e meus nervos ficaram completamente atiçados. Drako tinha cheiro de poder, algo que mexia comigo em um nível celular, intoxicante. *Sândalo e cedro*, amadeirado e picante, *quente*.

Por mais que só tivesse me demonstrado frieza, desde que colocou os olhos em mim, o nível de atração que o chamado de sangue impunha nos lupinos era uma erupção; um punho fechado em minha garganta, que me impedia de respirar e sufocava-me aos poucos.

Esse macho era orgulhoso, não podia ser incisiva, do contrário, iria me repelir ainda mais. E, se ele estava ligado a mim, precisava que fosse meu aliado. Tentaria uma abordagem menos cortante, para medir a flexibilidade de seus preconceitos e o nível de alienação que o culto à deusa entranhou em seu cerne.

Depois que Luna o bloqueou para mim, não conseguia acessar sua mente, só ouvia ruídos desconexos, chiados e microfonia, quando tentava ler seus pensamentos; como se ele tivesse o poder de me manter do lado de fora, da forma que os Aesire faziam uns com os outros, quando queriam privacidade.

Seria muito mais fácil se conseguisse escutá-lo. Apesar de ter visto apenas ódio e desprezo, ao menos era honesto. Drako me considerava seu castigo e eu poderia usar isso a meu favor. Se ele me detestava, detestaria Luna por tabela.

Drako saiu pelas portas de metal no último andar do prédio, indo na minha frente, tal qual um alfa arrogante faria. Um filho da lua cheia, ou pior, *da nova*? O ego ferido dos novos era uma marca de seus augúrios, suas profecias de vida. E era uma combinação letal com a minha lua. A união entre crescentes e novos era explosiva.

Mãe, que merda você está fazendo?!

— Não vou me alimentar como você! — grunhiu uma resposta, sem sequer me olhar.

Rangi os dentes, pois o desafio dele, toda a postura hostil, deixava-me à flor da pele, como nada mais conseguira nos meus seis milênios de vida lupina. Desde que a maldição recaiu sobre mim e meus meios-irmãos, que a Fúria não esteve tão à espreita. Em algumas horas, a presença de Drako me colocou de volta no estado intempestivo dos meus primeiros anos.

— Não foi isso que eu perguntei, Blackthorn. Quero saber se vai se transformar e sair em Fúria descontrolada, caçando meus humanos. Sei que vocês, do seu clã, gostam de viver como selvagens, mas aqui não precisamos *caçar*. Sua... *dieta*, será respeitada. — O tom satírico foi

impossível de conter em minha fala e aquilo trouxe o olhar dourado do macho na minha direção, por cima do ombro.

Observei suas costas largas, os músculos tensionados sobre a pele castanho-dourada, o torso estreitando na cintura e quadril, as coxas fortes e longas. Mechas do cabelo comprido encobriam seu perfil parcialmente, mas as linhas marcadas me permitiam ler sua expressão.

Desgosto estava estampado nas sobrancelhas grossas franzidas; a tensão nos ombros hipertrofiados e no maxilar entalhado, sob a barba cheia, contava-me de seu asco sobre o que falar de "dieta" inferia.

— Como dizem os humanos: "Não julgue, até provar!" — impliquei, mesmo sabendo que este era o principal motivo de seu desprezo por mim.

Só que ele não fazia ideia da verdade.

Imortalidade foi o motivo da extinção do meu clã; continuar vivendo era meu castigo autoimposto e expiação por todos aqueles pecados. Drako Blackthorn não sabia *nada* sobre a minha vida, sobre ser amaldiçoada, *duas vezes*: por Fenrir e por Luna.

Ceder ao fardo de sangue era a morte lenta da minha alma, minha punição: ficar viva, para lembrar e vingar, ser testemunha da crueldade da minha própria mãe.

Se meu parceiro destinado tinha seu pré-julgamento a meu respeito, eu lhe daria exatamente o que queria. Não precisava da *aprovação* de um Blackthorn. Minha lealdade existia apenas para com os meus. Ele seria um subterfúgio, uma peça de xadrez, nada mais.

O rosnado selvagem que reverberava em seu peito revirou meu estômago, deslizando em espasmos e ondas de arrepios por toda a pele. Drako farejou o ar, tentando reconhecer o caminho, mas minhas barreiras de proteção limitavam os sentidos dos lupinos entre essas paredes e não o permitiriam usar seu faro, pelo menos não para me encontrar ou às minhas coisas.

— Eu preciso de roupas! — demandou, com o tom de comandoalfa ao qual eu não conseguia deixar de obedecer.

Ele era um alfa mais forte que eu, como Tyre.

A cada segundo que passávamos um com o outro, sentia que sua dominância crescia, sobrepondo-se à minha, feito uma garra fincada em meu peito. Precisei da ajuda de Luna para me livrar do meu irmão mais velho. Porém, agora, a deusa me amarrava a outro alfa criado por ela, para me controlar.

Era *isso* o que queria: colocar-me no meu lugar, submissa a um macho, outra vez?

A hipocrisia de Luna! Fez de tudo para se livrar do parceiro que a sobrepujava e ser adorada como se fosse a grande salvadora..., mas me relegava ao mesmo destino.

- Vou mandar meus homens trazerem. Agitei a mão no ar, apontando para a porta que ele deveria entrar.
- Seus *humanos* ou seus capachos *Tyrant*? Se é isso que acredita que vai acontecer aqui, que vou lamber o chão que você pisa igual a eles...

Riu nasalar, enfurecido, a pele castanha fumegando, meteu a mão na maçaneta e entrou no espaço que era apenas meu, em qualquer que fosse o complexo que nos estabelecêssemos. O andar de cima era sempre meu e dos meus aliados Tyrant.

- Difícil saber qual deles você despreza mais. Os "abençoados da deusa" não deviam ser adoradores dos humanos? atirei de volta e ele foi até a cama, arrancando uma das cobertas e a enrolando na cintura. Seu membro pesado ainda estava semiereto, marcando a colcha grossa.
- Não *todos*, aparentemente. Forçou um sorriso raivoso e foi na direção da parede de vidro, dando-me as costas novamente. A luz fraca da lua minguante o contornava com um brilho sombrio. O que você quer conversar?

A rouquidão em sua voz era um feitiço maldito; como a manipulação de humor, que me colocava em um estado perpétuo de desejo fatal. Seis mil anos e esse Blackthorn soberbo, preconceituoso, fazia-me sentir indigna.

Minha mãe me pagaria por isso!

- Sua deusa fodeu a nós dois, Blackthorn. Precisamos decidir como vamos resolver a situação que temos nas mãos. Você obviamente não consegue me matar para se livrar de mim e eu tenho algo que te interessa...
- Não vou ser seu *brinquedo*, Selene! urrou meu nome, fechando os punhos ao lado do corpo. O cabelo cor de mogno se arrastou nos ombros, conforme ele virava de frente para mim, recostando-se no vidro. Tem um monte de machos e homens atrás de você, eles querem essa missão, *vai lá*.

Riu, em escárnio, estendendo a palma na direção da porta, então ergueu uma sobrancelha. Não fossem suas presas alongando-se no processo, juraria que estava tranquilo com a ideia. Por mais forte que fosse, possessividade estava embrenhado em seu DNA.

— *Isso aqui* nunca vai deixar de ser o que é: você me chantageando com a vida de uma companheira do meu bando. Seu desprezo por Luna está te transformando nela. — Bateu onde doía, alfinetando-me com a pior ofensa que conseguia imaginar, testando os meus limites.

Sentei-me na poltrona de madeira antiga, em frente à cama. Soltei meu cabelo, que esteve preso o dia inteiro e cruzei as pernas, ficando confortável, para recobrar meu autocontrole, antes de responder:

— Bom, não *preciso* que seja meu brinquedo, tenho vários desses. Mas, olhando para você, um novo brinquedo brilhante... Não deixo de ficar curiosa — provoquei-o com o que obviamente o ofendia, da mesma forma que fez comigo.

A pele de Drako fumegou e ele trincou o maxilar, semicerrando os olhos, até transformá-los do castanho de volta para o dourado, e um

sorriso lindamente macabro se formou em seus lábios.

— Se essa é a sua melhor forma de *propor* a um macho, talvez todos esses anos não tenham te ensinado muita coisa, Selene Aesire. — Voltou para a cama e se sentou de frente para mim, os cotovelos sobre os joelhos. — Tá entediada com a subserviência deles, eu sou teu novo *desafio*, "oh, semideusa"?

Gargalhou tão desdenhoso que fez minha pele se arrepiar, de ódio e desejo inconveniente. Ele tinha essa espécie de aura de arrogância, um escudo espinhoso ao seu redor, que repelia as pessoas e protegia qualquer que fosse sua vulnerabilidade. Ah, mas eu descobriria.

— Talvez você seja acostumada a seduzir machos medianos e usar sexo não vai mudar nada para mim. Boceta molhada, cio e porra, é o perfume da minha casa. — Gesticulou na minha direção, apontando para minhas pernas cruzadas, cada vez mais prensadas juntas. — E, se um dia eu te foder, pode ter certeza de que *você* será a usada. Até *eu* me satisfazer e *enjoar*, da mesma forma que faz com eles.

Drako era sagaz. Estava furioso com a deusa, mas não me permitiu manipulá-lo. Não aceitou sexo como todos os outros machos que cruzaram meu caminho fizeram e, claramente, não se sentia lisonjeado com meu breve interesse, da forma que sempre acontecia.

— Bom, chegamos a um impasse, porque, querendo ou não, fodendo ou não, Luna prendeu nossos destinos, alfa Blackthorn. E eu tenho objetivos que nada e nem ninguém vão conseguir me impedir de conquistar. Se não vai se aliar a mim para vingar a si mesmo, então vou te deixar guardadinho aqui, na minha estante. — Levantei da poltrona e agitei a mão no ar, indicando o quarto.

O rosnado em seu peito e as garras negras despontando nas patas com o pelagem branca deixaram-me à flor da pele. Luna era cruel, muito cruel. Esfregar na minha cara um parceiro, com a pelagem mesclada do meu clã e o dos novos favoritos dela, era barbárico.

— Vou te mandar roupas bonitas e uma comida de qualidade, tudo que um "bom garoto" merece. — Sorri, ao vê-lo levantar da cama,

irado e fechei a porta atrás de mim, trancando-a com a nova senha.

Sem mim lá dentro, emanando meu poder de cura, a prata nas paredes o enfraqueceria ao ponto de não conseguir derrubar a porta. Um brinquedo em uma estante, sim.



Ao descer do elevador, precisei me escorar na parede. Estava me sentindo drenada. O uso de meus poderes para me esconder por toda uma vida, havia se tornado um esforço natural. No entanto, camuflar o corpo da minha descendente, que também era uma *keepa*, somado ao poder imenso de Luna, e o que quer que fosse que minha mãe estava transformando Drako, vinha me sugando.

Desde que as barreiras do meu antigo Caern caíram e permitiram a invasão dos Tyrant, tive que aprender na marra como projetar minhas meus poderes para confundir os humanos desavisados e os Sem Raça, os vagantes, de encontrarem meus complexos.

Sel, você está bem? — Mason falou comigo, logo atrás dele,
 Julius.

Eles eram uma unidade na maior parte do tempo, sempre cobrindo as costas um do outro. Não era um comportamento comum para um membro do clã Tyrant — os mais traiçoeiros —, mas eram companheiros de bando há milênios.

- Sim. Dispensei a preocupação do ruivo e fingi serenidade, erguendo meu queixo. Onde vocês a colocaram?
- Bom, não tem muito o que fazer, sendo ela o que é. Se quiser fugir, vai fugir.

Julius olhou sobre o ombro, para ver se os humanos que passaram prestaram atenção ao que ele disse. Seus dreads fininhos cascatearam na frente da camiseta preta. Ele era muito bonito, mas a minha libido ainda estava focada no macho preso na cobertura do prédio.

— Colocamos ela numa das celas lá embaixo: barras de prata e dois soldados com armas com acônito na vigilância, é o melhor que dá para fazer. — Mason completou.

A discrepância de seus olhos vermelho-profundos, tanto no ruivo, Mason, quanto no negro retinto, Julius — que salvaram a minha vida, ao invés de me exterminar —, só me faziam pensar em Drako e seus olhos dourados, que eu deveria odiar mais que os vermelhos.

Sentia-me como o velho que saiu para pescar uma última vez, para provar a si mesmo que conseguia, nem que isso o matasse. Eu era aquele velho, arrastando uma carcaça de volta para a praia. E também era o peixe, que lutou pela sua vida, apenas para ser recompensa de uma deidade moribunda, que se recusava a admitir seus próprios pecados contra a natureza.[2]

— Estamos quase acabando, Sel, quase acabando. Depois disso, vamos salvar minha irmã, certo? — Julius, o mais atento dos meus dois comparsas mais antigos, afirmou e, inconscientemente, suspirei.

Não estávamos não, este era apenas o início do fim. E salvar Nala, na verdade, significava matá-la.

# **QUATRO**



Drako Blackthorn

Um dos humanos subiu para trazer roupas e um fodido coelho, ainda vivo. Selene tinha um humor macabro implicante e não sabia porra nenhuma sobre o que era ser um metamorfo ou um Blackthorn.

Duas coisas que eu não podia mais dizer com certeza que era.

Tomei banho na suíte do quarto massivo em que me prendeu. Havia muitas roupas penduradas em araras, uma inutilidade, do ponto de vista de seres como nós, uma vez que a mudança de pele entre as duas partes da alma tornava as roupas uma convenção social incômoda.

Talvez fosse diferente para os imortais. Ainda mais se as lendas sobre a semideusa, lupina original, fossem verdadeiras e ela sequer *caçasse* por si mesma, apenas recebesse oferendas, feito uma deusa.

Investiguei tudo, a procura de qualquer pista para sair daqui. Meus sentidos estavam nublados, da mesma forma que aconteceu quando invadimos o prédio dos caçadores em Rockwest. Pelo tempo de viagem, provavelmente, ainda estávamos no Canadá, mas bem longe do Caern.

Um problema por vez.

Primeiro, precisava ir atrás de Kami-Luna e nos tirar daqui, antes que Selene e seus guarda-costas sentissem nossa falta. Ela tinha um miniexército de Caçadores de Prata, humanos que a adoravam e alguns lupinos infiltrados no meio.

Como conseguiu viver todo esse tempo camuflada? Como se tornou uma lenda sussurrada, fingindo-se de morta por milênios?

E mais importante: por quê?

Depois de vestir uma calça de moletom e rir dos tênis minúsculos que o caçador trouxe, transformei minha mão em uma pata hominídea, como vi Axel fazer por quase toda a minha vida.

Assim que me transformei, alguns anos antes de Bogdan, fui incumbido de ser o primeiro beta de Ax. Nossa amizade minou um pouco, pois estar dentro da sua mente durante as corridas, ver o duelo entre ele e sua besta monstruosa, deixava-me enojado.

E aqui estava eu, lutando com meu lobo, que só me obedecia por acreditar que conseguiria tomar minha pele, depois que a porta caísse, para ir atrás da parceira dele. Aguardar paciente enquanto ela aprendia a dividir sua alma, aprendia a dar voz para a loba interna que foi sufocada em um estado feral por milênios.

Espere sentado. Não tem nada ali! — debochei dele, que estava alucinado, ansiando estar na presença da fêmea outra vez.

"Parceira. Sim!" — A obstinação dele, a crença absoluta, seria louvável se Selene não fosse... *ela*.

Ao menos isso o fez me dar força suficiente para lanhar a porta com as duas mãos. Minhas garras raspavam no metal, causando muito menos estrago do que deveriam. Chegaram a esquentar com o atrito, mas meu lobo e eu estávamos decididos a derrubar a merda na unhada.

Foquei na maçaneta digital, até estraçalhar a fechadura que demandava senha. Então chutei ali, quebrando a tranca e arrancando reboco das paredes com prata embutida. O som oco das minhas pisadas preenchia meus ouvidos e o barulho ecoava pelo quarto gigantesco, até estremecer os vidros da parede que mirava o leste. Até a porta finalmente cair com um estrondo.

Não havia nenhum guarda no andar superior. Ninguém para presenciar a demolição que causei na força bruta, apesar do que o poder de Selene fazia com o lugar. Era o mesmo tipo de magia que nos drenou naquele subsolo, na missão de resgate de Kaleb. E, se Kami não tivesse negociado com o humano dela, Ax jamais teria conseguido nos tirar daquele lugar.

Kamari Blackthorn salvou minha vida duas vezes, devia a ela. E, depois que conseguisse levá-la de volta para casa, deixaria de ser seu beta, pois quando mais precisou de mim, falhei.

Orgulho era um defeito e uma qualidade para os filhos da minha lua. Éramos malvistos, os desordeiros, os infames, mas a verdade era que não depositávamos confiança deslumbrada em quem não a merecia ou a honrava; isso era papel dos minguantes e dos crescentes, acreditar cegamente em líderes e deuses.

Bogdan se sacrificaria por Axel e o seguiria até morte. Já eu? Tentaria fazer Ax enxergar outro caminho, um em que ninguém precisasse morrer.

Ignorei o elevador, para não alardear os caçadores sobre minha movimentação. Procurei por câmeras de segurança, não tinha nenhuma. Selene gostava de sua privacidade e, com todos aqueles poderes, certamente não precisava de proteção.

Desci as escadas, com minha velocidade sobre-humana. O tanto de força que meus músculos conseguiam produzir, sem nenhum traço de cansaço ou sequer um ofego, ainda me deixava bestificado.

"Ficamos melhores!" — o lobo argumentou. Para ele, toda a merda que Luna nos impôs era uma benesse, quase um favor.

Sequer o dignei com uma resposta, a certeza dele, a fodida confiança e essa paixão infundada por Selene, ampliavam minha ira contra toda a *imposição*. Ia contra todo o meu ser, tudo o que eu acreditava: uma parceria destinada — e não a escolha que me foi prometida como metamorfo —, uma transformação que eu *não pedi*, um status de dominância que me impediria de viver com meu clã...

Eu era um lobisomem, um fodido *alfa*. Um alfa *da lua nova*! Minha matilha era composta por um monte de crendices absurdas, jamais me aceitariam como regente. E nunca foi um desejo meu, muito pelo contrário, queria que *não houvesse* regentes!

Também não fazia ideia de como reagiria quando me encontrasse com Axel e sua hostilidade que emanava de cada poro. Curvaria o pescoço como fazia antes? Aceitaria a brutalidade dele, como fora compelido a vida inteira? Ou nos mataríamos?

Matar Axel significava matar Kamari. Maldita Luna!

Ninguém em sã consciência ia querer matar a parceira do Ax e ela tinha esse apelo, como se fosse da família. Era como eu e o lobo nos sentíamos em relação a ela.

Ao menos uma coisa você ainda pensa direito — briguei com ele, parando atrás da porta que tinha o número um, ouvindo os passos como se estivessem muito longe, por causa da fodida barreira mágica.

"Ela é boa..." — referiu-se a Kami, já sem nenhum traço do amorzinho ridículo que sentia antes, agora restava o mesmo sentimento que tinha pelos meus irmãos. — "Venço eles, cede a pele!"

Pra você ir correndo cheirar a bunda daquela fêmea? Nem fodendo! — Ri dele e seu despreparo.

"Minha fêmea!" — ele me corrigiu e avançou na fronteira que nos separava, mas o contive, espalmando as mãos na parede com prata.

Enquanto minha carne queimava, o babaca se retirou, mostrando-me as presas. Sua forma mental ainda era de lobo, não da besta, mas ele fez questão de mudar os pelos para aquela mescla hedionda que havíamos nos tornado: cauda preta, com a ponta branca, igual um gambá, bem como a faixa alva no peito e nas patas.

### Uma atrocidade!

Prossegui descendo as escadas, torcendo para eles manterem o mesmo padrão do outro complexo: deixar os prisioneiros no subsolo. Assim que abri a porta da escada de emergência para o andar, vi os dois caçadores, armados até os dentes, enquanto Luna estava sentada atrás de barras de prata, as pernas cruzas uma sob a outra, tranquila.

Não fossem aqueles olhos completamente brancos, sem íris, reluzindo feito faróis, acreditaria que era Kamari outra vez.

### Merda!

— Quem é esse? — Um dos caçadores me viu e avancei nele em velocidade, tão rápido que, mesmo seu dedo ansioso, não conseguiu pressionar o gatilho a tempo.

Suspendi-o alguns centímetros no ar, mostrando minhas presas e a deusa entrou em minha mente:

"Drako Blackthorn, esse não é você! Achei que soubesse quem era" — ralhou comigo, usando um tom maternal, como se falasse com uma criança.

Desde que me transformou, minha ira borbulhava nas veias, mantinha-me em um estado de alerta opressivo. Piorava muito quando Selene estava junto comigo, mas Caçadores de Prata sempre conseguiram extrair esse tipo de sentimento de mim.

Lancei-o sobre o outro caçador e os dois caíram para trás, grunhindo pela pancada. Uma das armas ficou aos meus pés e a peguei com dificuldade, as garras despontando dos dedos humanos.

Sacudi a cabeça, reganhando o controle, meu lobo mostrava as presas, passando os dentes sobre elas, saliva escorria grossa, implorando que o deixasse sair, para que desmembrasse os humanos fracos que ousavam cobiçar a fêmea dele. E não pude evitar de ser influenciado por esse pensamento.

Lembrar de Selene desfilando e o embevecimento que exortava naqueles idiotas... porra!

Enfiei o dedo no gatilho e atirei os dardos de acônito nos filhos da puta no chão. Não faria nada com eles, mas, ainda assim, descarreguei o pente de munição, para machucá-los o máximo que conseguisse, sem de fato, matá-los.

Luna tinha razão, eu sabia quem era. E não era um fodido assassino sedento como Selene ou Axel.

"Muito bem, meu abençoado." — Recebi um equivalente a tapinhas nas costas por parte da deusa escrota e apontei a arma na direção dela.

Ambos sabíamos que estava descarregada, mas não me importei, queria que ela compreendesse que eu não seria seu peão no xadrez corrupto que jogava com a filha. Minha intenção era proteger Kamari, a garota de quem Luna roubou o corpo.

- Se eu te tirar daqui, vai se comportar? perguntei, quebrando o cano da arma nas mãos e atirando os pedaços nos caçadores caídos.
- Você *não quer* me tirar daqui, Drako, não de verdade... Estou na sua mente, filhote explicou quando contorci a expressão, tentando negar o que dizia.
- Não vou deixar Kamari com Selene! Se for preciso, vou te levar amarrada e amordaçada, mas seria muito mais fácil se cooperasse.

O sorriso de Luna não tinha absolutamente nada a ver com o de Kami. Eram os lábios da minha antiga alfa, mas não o seu sorriso. Puta merda, se Ax visse isso, perderia a cabeça!

— Não queremos isso. Meu campeão tem uma missão, assim como a minha pequena lua. — Apontou para o peito da Kami. — E você nem começou a cumprir a sua, Drako! — Luna riu de mim, levantandose do catre no meio da cela e veio até perto das grades, segurando-as sem se queimar.

Os dois caçadores ainda grunhiam no chão, o fedor de pavor fez meu lobo ficar agressivo — coisa que nunca foi, não gratuitamente —, mas ele estava possuído de ciúmes e incutia o sentimento em mim.

- Não vou fazer nada por ela. Eu tenho escolha!
- Claro que tem. Todos os meus filhos têm.

Rosnei ao ouvi-la me chamar de "filho", mas era esse o relacionamento que conhecia das mães... a minha também não era lá grandes coisas. Crescentes eram sempre difíceis de lidar, cheios de si, donos da verdade: minha mãe, Malena, Rulf... *Selene*.

Escutei as passadas apressadas e os batimentos. Mas foi o cheiro que a entregou.

Selene entrou no subsolo acompanhada pelos seus lacaios Tyrant, usando uma porta diferente da que entrei. Abriu a boca para rosnar para mim, mas abaixou o olhar para os caçadores no chão e mudou a postura. Sacou a pistola no coldre da perna do macho Tyrant, que tinha a pele retinta, e apontou para mim.

Ah... não usava seus poderes na frente dos humanos? Muito bom saber disso.

Alfa Blackthorn, pensei que tínhamos entrado em um acordo.
 Mas se quiser se juntar a ela, te coloco atrás das grades também.

Blefou tão perfeitamente que quase acreditei. Só que eu sentia o cheiro dela, minha dominância, empesteando o ar estagnado do espaço fechado, mexia com ela. Era como funcionava com as parcerias, o macho forte atraía fêmeas de ranking mais baixo. Selene Aesire era uma alfa, mas eu a sobrepunha. Dobrou o pescoço para mim no Caern e, se não tivesse a vantagem de seus poderes ou de manter Kamari prisioneira, dobraria de novo.

Meu rosnado grave, no entanto, fez os Tyrant atrás dela mostrarem o pescoço a contragosto. Eles eram betas, talvez menos. O lobo odiava ver outros machos a cercando, eu só queria que ela compreendesse que a servidão que eles lhe ofereciam não estava na mesa vinda de mim.

Eu não a endeusaria, não a honraria da maneira que os lobisomens costumavam fazer e nem fodendo a cortejaria, tal qual um metamorfo faria. Se Selene manteria uma pistola na minha têmpora — a vida de Kamari —, eu a faria implorar para ter qualquer afeição vinda de mim.

— Não vou ser feito de prisioneiro, estou aqui por escolha, por ela!

Ao apontar para Luna, querendo dizer que estava ali por Kamari, Selene se transformou. As presas delicadas desceram e os olhos castanho-avermelhados ficaram pálidos, deixando apenas as pupilas dilatadas à mostra.

Veio rosnando na minha direção, as garras de fora, o revólver esmagado na palma, tomada de ciúme possessivo. O cheiro dela trazia traços de início de Calor e precisei fechar os punhos para não ceder à tentação.

Essa merda de atração selvagem ficaria muito pior.

Segurou-me pela nuca, puxando meu cabelo e rosnou na minha cara, soando grave ao falar:

- Você é burro? Ela te modificou para me castigar! Prefere deixar Luna te usar a se aliar a mim?
- Estou falando da fêmea que ela está usando, é com ela que me importo — provoquei, odiando a sensação de prazer de suas garras arranhando meu couro cabeludo.

Odiava que ela fosse quase da minha altura, que sua respiração aquecesse meus lábios e o aroma de sal marinho e sálvia me deixasse duro feito pedra. E, principalmente, odiava que meu lobo estivesse presunçoso com a escolha da deusa para nós. A euforia dele avaliando sua fêmea: forte, alfa, keepa original, deixava-o altamente arrogante.

O lobo e eu éramos filhos da lua nova, afinal de contas. E, por mais que Selene fosse o manual do que eu odiava em lideranças arbitrárias, também era malditamente magnífica!

### E era nossa!

"Ela não é a minha predileta à toa, você ainda vai me agradecer!" — Luna falou em minha mente e se sentou de volta no catre, ficando confortável em seu cativeiro. A deusa estava onde queria estar.

— Sai da minha cabeça, porra! — urrei para a deusa e segurei o antebraço de Selene, desfazendo seu aperto.

Alguns fios do meu cabelo estavam embolados nos dedos delicados dela. Suas garras afiadas tinham meu sangue. Arrancou o primeiro sangue em uma batalha. Eu só *não conseguia*, não tinha um fiapo de vontade de aceitar o desafio e machucá-la.

— Tira a mão de mim e se controla, *parceira*. Não quer que seus humanos de estimação percebam o que você é, certo? Vamos renegociar o nosso acordo. Não vou ficar preso junto com você. Quero um *quarto*, não uma cela. E, se você se recusar, vou te compelir a se transformar na frente deles e vai perder o seu exército.

O brilho maligno no olhar dela me contava que estava próxima da Fúria, que a empurrei longe demais para que recobrasse a racionalidade. Ao mesmo tempo em que a odiava, ansiei pelo caos em sua expressão furiosa.

Selene Aesire não obedecia a ordens arbitrárias.

Não, essa fêmea morreria lutando!

— Eu já perdi o *meu* exército, Blackthorn. Se acha que esses humanos valem para mim o mesmo que a filhote que você está protegendo vale para você, vou te mostrar seu erro de julgamento. Eles são gado de abate, *comida*!

Dizendo isso, Selene me soltou e agachou, puxando um dos caçadores sentado. Mordeu-o no pescoço e arrancou um pedaço profundo de carne, praticamente o decapitando nos dentes. A artéria decepada jorrou sangue sobre ela, pintando os seios e o pescoço. O líquido carmesim pingava das presas, que seguravam um pedaço daquela carne imoral entre elas.

Perdi a pele para o meu lobo, transformando-me em nanossegundos, possuído pela fome voraz, corrompida: o fardo de sangue com o qual a própria deusa me amaldiçoou.

Não, não, porra!



Axel blackthorn

Horas depois, minha pele fervilhava e meu lobo estava tão próximo da superfície que, por muitas vezes, quem me movia na forma humana sequer era eu mesmo, era ele. Além disso, havia essa presença sombria me rondando, os pensamentos obscuros ganhando consciência. Uma espécie de alterego, que me dizia o que fazer.

Escondi-me na cabana que havia tomado para mim, *para nós*. A ausência de Kami, o cheiro dela, de sexo, fez-me destruir a casa.

Agora eu estava ali, trancafiado, olhando para os escombros dos móveis, a bancada com marcas das minhas garras, partida ao meio, os eletrodomésticos com as portas amassadas.

Caos, destruição e o odor da minha ira dissipavam tão densamente, que sobrepujavam o aroma suave de mel e lavanda.

Espalmei meu peito, ainda ofegante, buscando sentir os batimentos daquele novo órgão que era dividido com Kamari e que me enchia com a felicidade gratuita, efêmera, que só ela me dava.

Vazio! Só restou o vazio.

Passei mais de vinte anos *sobrevivendo*. Num espaço de menos de duas semanas, ela mudou a porra da minha vida. E sua falta devastava, enlouquecia. Nem o luto da morte da minha mãe, nem a vergonha de ser

um monstro, raspavam a borda do que ter minha parceira arrancada de mim fazia comigo.

A sensação era de inanição, de Fúria à espreita.

Ouvi as passadas coordenadas, mas não consegui me importar. Leah era uma loba mediana, maior que as outras fêmeas metamorfas, por ser mais dominante que a maioria dos machos no meu bando, mas não oferecia perigo a mim. No entanto, foram as outras patas que me colocaram à flor da pele: Paul.

Conseguia sentir a presença dele, como se fosse uma centelha de mim, ao mesmo tempo em que o rejeitava. Ele não era nada para mim, não era *nada*! O lobo vacilou ao me ouvir rejeitar a cria dele.

Abri a porta da cabana com tamanha força, que quase a arranquei das dobradiças. Descendo a última rua, vindos da floresta que beirava a montanha, a loba cinzenta e o marrom, nas quatro patas, caminhavam na minha direção.

Mais abaixo na rua, perto da enfermaria, meu beta estava sentado, feito uma sentinela, na varanda da casa de Malena. Dando-me privacidade ao mesmo tempo em que esperava por ordens, ou para se fazer de escudo entre mim e o resto do clã, como sempre fez.

Só que, pela primeira vez desde que me transformei, não sentia vergonha de ser um monstro. Queria que todos soubessem, que dobrassem seus pescoços e fizessem a merda que fosse preciso para reaver Kami.

— Fala! — rosnei para a loba cinzenta e Leah foi compelida a se transformar de volta na minha frente.

Paul não a seguiu, mas mostrou o pescoço, com a cernelha mesclada de pelos castanhos e loiros, quase dourados.

— Nós temos um problema, alfa — falou, de cabeça baixa. Os cabelos loiros da fêmea estavam desgrenhados pelas horas de corrida na floresta, encobriam os seios parcialmente, mas não sentia nenhum apelo com relação a ela. — Ele... Eu não consigo comandá-lo, porque ele não se

conectou ao bando... — Ergueu os olhos claros para mim, pedindo desculpas com a sua expressão.

- Mordi ele! É um Blackthorn, queira ou não.
- Paul é um lupino latente, descendente de Vikran, Ax. *Seu descendente*. Os Blackthorn nunca transformaram ninguém, desde o princípio do clã. Nós *procriamos...* O que foi feito com ele... Leah tentou não deixar transparecer seu julgamento, mas falhou miseravelmente.

Sabia o que todos estavam pensando: havia atravessado o limite, contaminado o clã ao *transformar* Paul. Que se fodessem! Se não fosse meu veneno, não saberíamos com quem Kami realmente estava: os caçadores e a fodida Capitã, que vinha perseguindo minha parceira há anos! Que ordenou sua morte.

Tyre era um problema, o clã vermelho havia aberto a temporada de caça aos Blackthorn em bandos de vagantes e, em breve, chegaria ao Caern. Entretanto, neste momento, minha prioridade era pegar minha fêmea! E eu transformaria quantos "Pauls" fossem precisos para recuperá-la.

- Ele *vai* conectar com os Blackthorn! Eu sou o regente, se ele é meu... se o veneno nele é parte de mim, isso faz dele um Blackthorn!
- Talvez o bando não o esteja aceitando, por ser uma... uma... Não colocou em palavras, mas compreendi a mensagem.

Uma abominação, uma criação do meu lobo, que eles odiavam.

Esse não era o bando que eu pensava que eles fossem. Mas, talvez, estivessem seguindo o líder e mudando a postura da dócil e polida de Kal, para a agressiva e monstruosa, a minha. Bom, se eles queriam ser liderados pelo medo, daria o que estavam pedindo.

"Contra força não há resistência" — a voz profunda, que estava guiando-me neste momento de desespero, afirmou, sardônica.

— Reúne todo mundo! Vamos resolver isso agora! — Arrastei um comando tão agressivo, que Leah perdeu a pele e voltou à forma de loba.

Bog se aproximou, ao longe via Malena agarrada a um viga de sua varanda, preocupada com o macho que queria para si. Bufei e apoiei as mãos no quadril, tentando não descontar minha fúria no meu melhor amigo.

Enquanto Leah partia para cumprir minhas ordens, Paul ficou. Sentado nas patas traseiras, media Bogdan como um rival. O que ele queria de mim, caralho?! Estava testando minha paciência?

— Paul, tome a pele! — comandei.

O ex-caçador voltou à forma humana com dificuldade, a pele branca fumegando. Cobriu o pau com as mãos, incomodado com a nudez que ninguém se importava. Por mais que se submetesse à minha dominância, meu descendente me detestava e a recíproca era verdadeira.

Entrei na cabana e peguei uma calça na dufflel bag, que trouxe quando decidi me mudar para uma casa minha, com minha parceira, ontem. Menos de vinte e quatro horas haviam se passado e parecia uma eternidade.

Atirei a peça de moletom no peito dele, que a pegou por puro reflexo. Seus olhos trocaram do castanho para o preto brilhante dos Lunaris, transformados. Ao sentir as presas alongarem-se e perfurarem o lábio inferior, sua expressão foi de nojo.

Era mesmo minha cria, a repulsa por si mesmo era um dos traços. Paul *Axson*, meu primeiro descendente. Puta que pariu!

— Luther mandou notícias... — Bog falou comigo, tirando-me da espiral de ódio ao observar minha criação, que era também responsabilidade. Devia matar esse macho.

O lobo grunhiu em minha mente, não gostando da minha linha de pensamentos sobre a cria dele.

E eu soltei. Paul estava vivo por causa de nós dois. A raiva que o lobo tinha de si mesmo, vinha recheada de dúvidas. Não queria que eu matasse Paul. Estranho.

- Cospe, Bog! O que Luther disse?
- Sinto muito... eles ainda estão vasculhando, mas a pista esfriou, foi como aconteceu com Kal, o cheiro simplesmente desapareceu.

Passamos semanas atrás de Kaleb, antes de chegarmos a Layla e Kamari em Rockwest. E ele também estava com os Caçadores de Prata. Lembrei-me da barreira mágica que os protegia como se fosse um Caern.

- Você! Apontei para Paul e ele se aproximou mais. Preciso de respostas, vai cuspir tudo o que souber, não vai esconder nada! Como os Caçadores fazem isso? Como somem com o cheiro de lupinos?
- A Capitã. Ela... Paul tentou resistir, prensando os lábios juntos, ao ponto de suas presas fazerem a boca sangrar em trilhas finas nas laterais da boca.
- Fala, caralho! desci as escadas e o segurei pela garganta, rosnando para ele.
- Amaris salvou a minha vida! Um Blackthorn sujo matou a minha família! Não concordo com os métodos, mas devo a vida a ela.
  - Deve sua vida a mim! Sou seu alfa, se submeta!

O comando-alfa foi tão agressivo, tão hostil, que o fedor de sua dor fez meu lobo se encolher, ao contrário daquela voz sombria em minha consciência. Causar dor em Paul amenizava a minha, dava-me prazer. O ex-caçador resistiu enquanto pôde. Via as cabeças nas janelas, acompanhando a cena, ninguém veio em defesa dele.

— Ax, ele prefere morrer a contar. Lealdade não pode ser forçada, alfa. — Bogdan se aproximou, fechando o punho no meu antebraço, antes que eu enforcasse o caçador miserável.

Soltei Paul e estapeei a mão de Bog, mostrando-lhe os dentes. Meu melhor amigo abaixou a cabeça raspada, os punhos fechados ao lado do corpo, as narinas infladas de raiva. Minha hostilidade estava contaminando o bando.

Excelente! Estariam preparados para a guerra!

- Não se mete! Isso é entre mim e meu descendente!
- Ou ele é *seu*, ou é um Blackthorn Bog rebateu, não se acovardando.

Filhos da lua minguante eram leais, justos, o exemplo de como um clã deveria ser. O problema: ele estava desafiando minha autoridade na frente da matilha. Os fofoqueiros nas janelas passariam adiante o que viam, não podia deixar barato seu desafio.

Rosnei até que os dois lobos diante de mim perdessem as peles e permiti que meu lobo tomasse a minha. Meu lobo agora era tão imenso quanto o de Bogdan. Duas monstruosidades. Meu pelo negro contrastava com o cinza-chumbo do meu beta e com o marrom-dourado de Paul, bem menor que nós dois.

O que me surpreendeu foi que o lobo, que deveria ser meu inimigo, posicionou-se à minha esquerda, como o delta que era, mas claramente escolhendo um lado na disputa: o meu.

Vi dentro da mente de Paul, mais do que ele queria me mostrar. O humano era resistente e preferia morrer a trair a pessoa que o salvou, mas o lobo sabia o que precisava fazer para salvar Kami e, por isso, mostrou-me tudo que eu precisava ver.

Assisti, nas memórias envelhecidas, um lobisomem de pelagem negra, o peito cinzento, esmagar o crânio da mãe do garoto e arrancar a cabeça de seu pai, cuspindo-a aos pés dele. Então a convivência com a mulher que o salvou e o criou, feito uma mãe. Mas que também o treinou desde a infância.

Vi o momento em que Paul foi no grupo de assalto que sequestrou Kaleb. E notei o que o humano não conseguia enxergar: a manipulação de humor que a Capitã usou para colocar Kal dócil, aguardando ser acorrentado por prata e envenenado de acônito.

Essa fodida capitã Amaris *não era humana*, mas também não era Tyrant. Seus olhos brilharam brancos, como os da minha parceira. Uma loba Aesire liderava os Caçadores de Prata!

O lobo que matou a família de Paul era um Blackthorn, justamente o bando em que o impus, o que ele mais odiava. Não era apenas meu bando quem não aceitava Paul, ele não os aceitava também, nunca faria parte.

Tive a sensação sombria sobre quem era aquele lobisomem desconhecido... Loth, o meu pai! Meu sangue destruiu o início de vida do humano incumbido de matar minha fêmea, mas que se apaixonou por ela. E algo me dizia que não havia sido coincidência que um descendente de Vikran, perdido no meio dos humanos, fosse atacado *justamente* por um Blackthorn dissidente.

Loth foi atrás de Paul e arruinou sua vida para sempre. Eu estava apenas seguindo seus passos e completando a destruição.



Ivar Lothson não mentiu, seu bando inteiro estava disposto a se unir ao que obviamente era o elo fraco na corrente da guerra.

Tinha certeza de que eu era a segunda opção, mas aceitaria. Uma vez que rasgassem seus peitos e dobrassem os joelhos, prometendo lealdade a mim, minha dominância os manteria na linha. Eu os regeria e faria esse maldito bando misto funcionar, nem que fosse só até completarmos o objetivo: salvar Kami e vencer o "Alfa dos alfas", Tyre.

Minha fêmea ficaria segura, às custas de quem quer que fosse!

— Clã Blackthorn! — Projetei a voz dentro do fodido templo da deusa.

Os metamorfos se sentavam espremidos de um lado e o pequeno grupo de quatorze lobisomens dissidentes ocupava o outro, com folga. A separação me incomodou profundamente. Porque não partia dos imortais e, sim, do meu bando.

Bog estava ao meu lado direito, minha família ainda na enfermaria, aguardando a vida ou morte de Layla; o que significava a de Kal. E, mais abaixo, do meu lado esquerdo, sem que o tivesse ordenado, Paul.

Meu lobo bufava entediado sempre que o notava, mas o tanto que a presença do loiro me incomodava, também parecia uma obviedade. Ele era um lobo delta, não servia para ocupar a ausência que Drako deixou, não mesmo, mas aqui estava ele, *ocupando o espaço*, como se fosse seu dever, mesmo assim.

— Como todos sabem, minha parceira foi levada da proteção deste Caern, junto com Drako. Lobos Tyrant se infiltraram nos Caçadores de Prata e eu tenho *certeza* de que são liderados por uma lupina Aesire! — Os guinchos de surpresa viraram uma cacofonia de burburinhos sussurrados, ao ponto de serem ininteligíveis mesmo com a minha audição sobrenatural. — Não sei se eles vieram atrás de Kami por ela ter a descendência de Selene, mas ela é minha destinada.

Metade do grupo começou a murmurar coisas maldosas, como se Kami não devesse ser resgatada por não ser *apenas* uma Blackthorn. E olhavam para Paul à minha esquerda, feito um pária, um membro que jamais seria um deles.

E começava a me dar conta que o nível de *tolerância* dos Blackthorn, que antes era uma verdade absoluta em minha mente, na realidade, não passava de uma fachada, um preconceito velado.

O tipo de aceitação passivo-agressiva: "É claro que empatizamos com as suas lutas, tente mudar!"; "Veja as coisas pelo outro lado, nós também temos os nossos problemas.".

Resumo: quem não fosse o molde da perfeição deles, não merecia seu suporte incondicional. Talvez os "abençoados pela deusa" fossem um reflexo dela.

"Muito bem, alfa!" — A voz misteriosa veio embrenhada de um orgulho paternal e abasteceu minha cólera.

— Vamos resgatar a minha parceira e Drako, meu antigo beta! Estamos todos ameaçados e, sem o retorno dos dissidentes para o clã, todos *vocês* serão mortos pelos Tyrant. — Apontei para o grupo dos crescentes, focando meu olhar em Malena, que era a figura de liderança, na ausência de Astrid.

A morena baixinha assentiu para mim, concordando comigo pela primeira vez, desde que éramos crianças. Ela ergueu a mão para que os metamorfos se calassem e parassem de protestar. Minha paciência estava extremamente fina. Se continuassem com a babaquice, perderia a cabeça e, talvez, alguns deles, perdessem as deles nas presas do meu lobo.

— Ivar Lothson, está pronto para jurar fidelidade ao seu alfa? — Voltei-me para o líder do bando de Vagantes Selvagens que passariam a me servir.

Ivar não era confiável, mas eu o faria se submeter. *Ele* precisava de mim e estava decidido a me seguir por resignação, não lealdade em si, mas eu aceitava qualquer coisa. Os dissidentes seriam infantaria, pescoços para serem arriscados, antes do bando fodido no qual nasci.

Todos os lobisomens imortais foram se ajoelhando e cortando os peitos, repetindo a prece que lhes foi ensinada. À medida que cada um o fazia, meu lobo sentia um solavanco de energia crua aumentar, somando-se à nossa força exponencialmente.

"Quanto maior o bando, maior o alfa e vice-versa" — a voz obscura recitou o pensamento que sempre esteve na minha mente, um que sempre me fez temer a ascensão à regente. Pois, se antes meu lobo era imparável, uma força brutal, agora seria muito mais caótico.

- Todos os lupinos irão atrás da minha parceira! As crianças ficam com os anciãos, todo o resto vai! anunciei para meu novo bando, nitidamente dividido.
- Alfa, até os jovens, que nunca saíram do Caern sozinhos?! Deirdre, a mãe de Drako, segurou Leif pela nuca.

O moleque só havia passado por duas luas cheias. Porém, era um lobo Blackthorn, um membro do clã, tinha que *servir ao bando*! Deirdre e aquele monte de escrotos filhos da lua crescente, os mais cheios de si, fizeram caras feias para minha postura. Porém, um a um, foram abaixando a cabeça.

— Ele não é mais criança, Dee — respondi-a, tentando com o fiapo de paciência que me restava não ser grosseiro com a anciã. Os sibilos invertidos fizeram meu lobo se agitar e aquela voz severa rir em minha mente, criando um caos ainda maior no meu peito vazio. — Eu disse *todos*!

Urrei e desci do altar, sendo seguido de perto por Paul. Quando cheguei a porta do templo, olhei por cima do ombro, para ver Bogdan parado no meio do caminho, olhando para os metamorfos, como quem se desculpava por mim.

Que se fodesse tudo! Faria o que fosse necessário e lidaria com as consequências depois.



Selene Aesire

Cuspi a carne do caçador que eu sequer sabia o nome. O outro, atrás de mim, começou a rastejar no chão. Enquanto cuspia o sangue, Drako, transformado, enterrou as garras no peito do homem que tentava fugir de mim, vendo-me como o que eu realmente era, pela primeira vez em sua vida.

As garras negras fincaram na carne, tal qual um ancinho. O macho ergueu o humano adulto, como se não pesasse mais que um saco vazio. Os gorgolejos sangrentos atiçaram ainda mais minha fome e o desejo sexual.

Ver Drako caçar não deveria me deixar excitada, eu costumava *abominar* caças. Não me transformava há anos, talvez décadas!

A forma hominídea de Drako era uma mescla de branco e preto e seu focinho tinha ganhado pelos brancos, que não estavam ali da primeira vez que o vi, no Caern Blackthorn.

Abriu a bocarra, a saliva voando com o urro selvagem, na direção do homem que tinha o queixo completamente coberto de carmesim, manchando sua barba. Como se em câmera lenta, antes que o Blackthorn mordesse o pescoço do humano, Luna se aproximou das grades de sua cela, em velocidade sobre-humana, e estendeu uma mão.

Luz cegante me obrigou a fechar os olhos, mesmo assim, ultrapassou a pele das pálpebras, a ponto de doer. Fui engolfada por um calor punitivo, que fazia minha pele arder, tal qual um banho de prata líquida.

Urrei de dor, encolhendo-me contra as barras da cela atrás de mim. A ardência da queimadura não era maior que a do poder de Luna. Era como se minha pele descascasse até os ossos.

Minhas presas retraíram e meus poderes foram anulados, não conseguia sequer me curar em velocidade lupina. A fúria que senti quando vi Drako defender outra fêmea, transformou-se em pavor; Luna foi manipulando como me sentia, da mesma maneira que eu fazia com os humanos.

Uma tristeza imensa se assomou ao medo e o castigo em minha pele foi bem-vindo. Que me torrasse, obliterasse e me fizesse esquecer o que vivi. Esquecer da maldita dor da saudade infinita.

Tempo não curava nada, nada!

A luz foi retrocedendo aos poucos e meus poderes retornando, ainda falho, feito uma luz com mau contato. Afastei-me das barras de prata e abri os olhos. Diante de mim, Drako estava ajoelhado de costas, derrotado. A cabeça e os ombros pendidos baixos, as costas largas encurvadas. Um guerreiro que esperava a morte digna: a espada fincada à coluna.

O cabelo arrastava-se pouco abaixo de sua nuca, cascateando nas laterais da cabeça, encobrindo seu perfil. As mãos sujas de sangue jaziam largadas ao lado das coxas poderosas, como se não lhe pertencessem. O cheiro de sua pele alcançava meu olfato com um amargor de fel. Nada de sândalo e verão, nada de seu orgulho, só desprezo — não por mim, mas de si mesmo.

O que Luna havia feito com ele?

"Ele vai ficar bem. Não o pressione desta maneira, Selene, é um caminho sem volta e você sabe melhor que ninguém! *Ele é melhor*!"

"Sai. Da. Minha. Cabeça!" — Dei-lhe o equivalente a um empurrão mental, e ela silenciou.

Drako Blackthorn era *melhor* do que eu? Era isso que minha mãe miserável acreditava? Um Blackthorn era melhor do que uma Aesire! Os que *eu* permiti que se corrompessem.

Mas aqui estava ela, a mesma deusa que orquestrou a minha derrocada, protegeu seu querido *espinho negro*; *interferiu* no livrearbítrio dele, impedindo-o de virar um imortal sujo, como eu.

Um grunhido de dor profunda interrompeu minha linha de pensamento e me ergui, ainda cambaleante, sentindo meu corpo surrado. Humilhação me varreu. Sabia que não tinha chances contra a deusa, mas sentir na pele, literalmente, era doloroso. A única coisa que eu podia fazer era seguir com meu plano.

Luna sofreria, antes que eu chegasse ao fim de tudo.

— Selene? — Julius me chamou, os lábios marrons estavam pálidos e ele usou a barra de prata de uma cela vazia para se levantar e tentar chegar a mim.

Depois de milênios convivendo, as linhas entre nossas diferenças de clãs borravam. Infelizmente, não conseguia me importar. Os olhos vermelhos deles só me faziam lembrar de tudo o que os Tyrant me fizeram. Lembravam-me do meu irmão maldito!

— Não! — Ergui a palma no ar para mantê-lo distante.

Dei um passo na direção de Drako, pois a agonia dele me perturbava em um nível celular, como se compartilhássemos aflições. Era assim que parcerias destinadas deveriam funcionar? Não houve a mordida e não existia *nada* entre nós, além do desejo imposto pela ligação. A dor dele não deveria importar, *não deveria*!

— Não chega perto de mim, Selene. — Sua fala foi grosseira, mas não o tom. O murmúrio mostrava seu abatimento envergonhado, sua humilhação.

Algumas horas atrás, esse macho estava debatendo comigo de igual para igual, mostrando toda sua arrogância e sagacidade. Agora, sequer erguia o olhar.

— Vou... vou te dar o quarto que exigiu, Blackthorn. — Forjei indiferença, mas não conseguia tirar os olhos dele.

Drako se levantou, o olhar vítreo, o maxilar trincado de dor — ou autodesprezo, não saberia de dizer — e as sobrancelhas grossas vincadas no centro. O cabelo selvagem ladeava o rosto e embolava na barba. E, ainda que ele fosse o macho mais bonito que eu já tivesse visto, seu sofrimento fazia a cena parecer feia, errada!

- Vocês dois, se livrem dos corpos e limpem isso, antes que alguém veja ordenei, impondo comando-alfa sem precisar. Eles sempre obedeciam.
- Essa *ausência* será notada, Sel Mason ofegou, ainda no chão, deitado de barriga para cima. E focou o olhar em Drako, erguendo uma sobrancelha em questionamento.

"Sim, bota na conta dele. É o melhor que dá para fazer no momento, depois eu resolvo" — informei ao ruivo por pensamento. Julius o segurou pelo antebraço, ajudando-o a levantar.

"Lucian e G. estão trazendo a comida, não esqueça." — Julius se comunicou comigo.

Bufei, pois, depois desse show de merda, a *última* coisa que eu queria pensar era nos humanos que os lupinos foram buscar para manter o nosso segredo com os humanos que nos serviam de exército.

Assenti, encerrando a conversa mental, indo na frente de Drako.

Subimos pelas escadas, até o vigésimo andar do prédio comercial em que instaurei o novo complexo em Winnipeg. A subida foi lenta, uma penitência. Sentia-o em todo o lugar, a cada passada, respiração sonora e latejar incômodo em meu peito e entre as pernas. Bufava sua angústia, que foi se transfigurando em raiva e grunhidos.

Os cabelos da minha nuca eriçaram conforme ele foi diminuindo a distância, *perseguindo-me*. Três degraus abaixo, então dois, um; nossas peles quase se tocavam e a estática me fazia ficar, além de sensível, hiperconsciente.

O rosnado grave, gutural, baixinho, feito um ruído branco calmante, tinha efeito contrário. Atiçava-me em brasas. Então seu cheiro retornou: sândalo, cedro e *ódio*.

Quando alcançamos o andar superior, Drako tinha os punhos fechados em bolas, manchados de sangue seco; o maxilar tão trincado que conseguia ouvir os dentes rangerem. A porta do meu quarto estava no chão, destruída. Mesmo com a prata e as barreiras de proteção do meu poder, Drako a derrubou.

O que Luna estava fazendo dele? No que ela o transformou?!

— O quarto que você pode ficar é aquele — falei, virando-me para ele.

Seu peito tinha uma leve camada de suor, a barba cheia contornava os lábios e o vi se conter para não retrair o superior e me mostrar os dentes. Subi o olhar e encontrei os orbes transformados no dourado que eu odiava. Antes... ainda!

— Não me olha *assim*, porra! Não depois do que quase me fez fazer! É isso que quer de mim, que eu vire um monstro?! — Avançou na minha direção, ainda nu, contaminado pela fúria.

O vapor que exalava de sua pele tinha aroma de perdição, dominância e brutalidade. Jamais me senti tão atraída por alguém. Enfiou a mão no meu cabelo solto, segurando atrás da minha cabeça. Então a angulou para trás, com força, para me obrigar a parar de olhá-lo.

— *Hm*... — grunhiu profundo e me farejou feito um animal.

Um Blackthorn das montanhas, membro daquele clã de alienados, adoradores de Luna, que viviam metade da vida na forma animalesca. Um macho arrogante, julgador.

Fiz força para observá-lo de esguelha, mesmo que isso fizesse sua mão bruta puxar minhas mechas ainda mais forte.

- Não consegue se controlar, mas eu sim. Soltou meu cabelo e se afastou alguns passos. O membro ereto pulsava, as veias enrijecidas e a glande avermelhada e brilhante de pré-gozo. Não pense que vai me dominar com esse *cheiro*, ou o cio, Selene Aesire. *Não vai me usar*, me manipular ou me forçar a ser pior. Já não basta a sua mãe maldita ter me amaldiçoado para me dar de presente pra você!
- Não foi um *presente*! É um castigo, Blackthorn desdenhei, mas sequer conseguia olhá-lo nos olhos, esquadrinhando seu corpo, principalmente as mãos sujas de sangue.

Imaginei-as se esfregando em mim, pintando-me com a sua corrupção. O desejo profano era imenso; "chamado de sangue" fazia jus ao nome, pois parecia que o meu queria sair do corpo e ir para o dele.

— Se eu sou o seu castigo, fica longe de mim! E lembre-se disso, quando sua boceta estiver implorando por mim. — Farejou o ar e um sorriso sarcástico me mostrou as presas levemente alongadas.

O fodido era malditamente lindo e sabia. Mas o pior era que ele estava certo. Meu canal comprimia-se no vazio, inchado como se eu tivesse sido fodida à exaustão, por dias e dias. Quando já havia passado um bom tempo que não coçava essa coceira.

— Não se preocupe, minha boceta pode chamar seu nome com outro pau dentro dela. Não vou te *incomodar.* — Sorri e virei de costas, pegando a porta estraçalhada no chão e a erguendo. Entrei no meu quarto e encaixei a porta no lugar o melhor que pude.

Só precisava de alguma barreira entre nós, porque estava perdendo o controle. Eu tinha *um* objetivo de vida, uma motivação: vingança! Drako era um empecilho. O que pensava de mim, de nossa situação, não importava!

Escutei o estrondo furioso quando ele bateu a porta do quarto em frente ao que eu ficava. Era menor, onde geralmente Mason e Julius ficariam, mas, desta vez, seria o maldito Blackthorn. Ele era uma fraqueza, um corpo a mais para proteger; ao menos até que eu terminasse o que precisava fazer. Depois, que se danasse!



Uma batida na porta do meu novo escritório me fez ranger os dentes. A parede de vidro espelhado mostrava tanto a lua minguante, quanto a silhueta dos arranha-céus lá fora; uma nova era da humanidade, um suspiro para mim.

Ouvi o clique da porta se abrindo e observei o homem enfiar a cabeça para dentro do espaço através do reflexo do vidro.

— Capitã, sargento Julius mandou vir te chamar para a reunião com os membros do posto de Nova Iorque — Solomon, um dos poucos humanos que havia chamado atenção o suficiente para que eu aprendesse seu nome, explicou com a voz firme.

Ele estava na metade de sua vida humana, cerca de cinquenta anos. Era um homem com um cheiro de masculinidade potente, que me fazia quase farejar gene lupino em seu DNA. Se pudesse transformá-lo...

"Reunião com os membros de Nova Iorque" era o código para comida: os humanos criminosos que eles traziam para nos alimentarmos. Não adiantava mentir para mim mesma, como vinha fazendo há milênios, de que prestava um serviço para a humanidade, eliminando os vermes que eles produziam. Os piores dos piores: predadores sexuais, assassinos, membros do crime organizado, pedófilos...

A podridão deles não mudava o fato de que alimentava a minha.

E tentei mudar, fazer meus filhos mudarem, busquei modificar o caminho... Não levávamos mais terror para a humanidade, como fazíamos quando éramos um só clã, Tyre, Vikran, Jonah e eu. Meus primeiros anos com a maldição de Fenrir foram *caóticos*. Devastamos povos inteiros...

Quando Luna me concedeu suas graças, transformou a mim e meus descendentes nos guardiões de seus poderes, seus keepas. Acreditei que não *atacar* os humanos seria o suficiente. Não mais os violávamos, eles se rendiam a nós em sacrifício.

Agora compreendia o *valor* da palavra, o peso do signo linguístico:

Só é sacrifício, se doer. Se tomar uma parte que fará falta.

Entendia muito bem de sacrifícios e estava disposta a ir até o fim.

Virei-me para Solomon e o medi. Cabelo grisalho e porte de guerreiro... Esse humano teria sido um bom Aesire, se eu ainda tivesse como transformá-lo. Esse foi um dos sacrifícios impostos a mim: a solidão eterna...

Bom, não *eterna*. Agora havia a filhote, a mãe dela — que Luna protegeu de mim, transformando em metamorfa. Minha descendência não era mais minha, pertencia à minha mãe. Era eu quem não servia mais para ser *uma mãe*.

— Diz a eles para se resolverem sozinhos, não vou à merda de conferência nenhuma! — Abanei a mão, expulsando o humano da minha sala, antes que eu perdesse a cabeça outra vez.

Sacrifício.

Virar o que mais odiava, era o meu sacrifício. O primeiro, não o último.



Selene Aesire

Fazia quatro dias que Drako estava trancado no quarto que havia exigido para si. Não por exigência de ninguém, além de si mesmo, um castigo autoimposto.

A bússola moral do macho que foi destinado a mim era cravada em pedra; e Drako media seus próprios erros com a mesma régua com a qual media os meus. Diferente do que eu pensava de todos os *espinhos negros*, o parceiro que Luna escolheu para mim não era um hipócrita.

Quando se transformou na minha frente, pronto para se alimentar do caçador, Luna se meteu e o impediu de ceder ao seu fardo de sangue. Ela o protegeu de si mesmo, como nunca fez por nenhum de seus filhos. Não por mim e meus descendentes, pelo menos.

Realmente, minha mãe preferia os Blackthorn, acreditava que eles mereciam sua misericórdia, enquanto o resto de nós tinha que sofrer com nossas maldições e a miríade de escolhas malfeitas.

Meus Aesire não tiveram segundas chances, não tiveram rede de segurança, ao darem passos em falso para fora da corda bamba. A deusa nos deu poderes, sua *benção*, mas não sua proteção.

Para os Lunaris, Luna deu seu manto. Há séculos ninguém conseguia encontrar o bando. A não ser os que eram expulsos da matilha feral do meu irmão do meio. Vikran *repudiava* os humanos, escolheu

passar fome, viver como bicho, a continuar se misturando com "a raça inferior", como os chamava. Escondeu-se da civilização, virando um sussurro, uma lenda...

Se não fossem os vira-latas que surgiam nos bandos de Vagantes Selvagens, sequer haveria provas de que o clã ainda existia. E, dentre os exilados, nenhum deles tinha uma gota de sangue de Vikran. Eram apenas descendentes de seu veneno, seus transformados.

Até a família Reid aparecer no meu radar. E o maldito Loth quase os exterminou.

Desci as escadas e liberei os novos guardas. Agora eram meia dúzia, uma vez que "o alfa Blackthorn matou os dois anteriores" e, por isso, estava sendo aprisionado no quarto, "distante da outra". Até onde eles sabiam.

Foi preciso usar muita manipulação de humor e telepatia para convencer todos meus caçadores de que era um castigo justo, pois eles pediram a cabeça de Drako. Mantê-lo no quarto no andar superior não era uma solução à longo prazo. Mas eu precisava de tempo para me reagrupar, acostumar-me com a presença constante dele borbulhando sob a pele.

Perdi o controle ao vê-lo defender não apenas Luna, mas a filhote que minha mãe usava. Sua nova favorita, sua nova esperança, como me chamava, quando eu era jovem e estúpida.

Não me sentia possessiva com a vida de outro alguém, desde que meu clã estava vivo. Antes de serem exterminados brutalmente. Desde a queda dos meus, ninguém importou... merda! Não podia pensar sobre isso agora ou a Fúria me consumiria e precisava conversar com a deusa, tentar cavar qualquer informação da maior manipuladora que já existiu.

Ficar distante de Drako foi bom, pois consegui voltar a ser eu mesma — ou o mais perto disso que conseguiria.

— Selene... — cumprimentou-me Luna, com o mesmo sorriso de mãe afetuosa que usava como engodo.

O rosto da criança, que Luna resolveu habitar, não entregava toda a potência carismática dela. Ainda assim, remanescia a mesma falsa sensação de segurança, *de mãe*, a qual busquei por auxílio, antes de ela me trair.

— O que você está fazendo, Luna? Por que fez isso comigo? Já não me fez mal o suficiente, porra?! — urrei, indo até ela e segurando as barras de prata.

Meus poderes — os que ela me deu — vieram tão naturalmente quanto respirar. E curavam minhas palmas na mesma velocidade em que a prata as queimava. Restava apenas a sensação: a ferida indolor, um choque de baixa voltagem nos meus sentidos, fritando meus nervos e razão.

Meus olhos pinicaram e aguaram. Rosnei de ódio, encarando as íris pálidas, quase inexistentes, no rosto daquela *criança*. Minha descendente, pela qual *implorei* por séculos para que Luna me deixasse ter outra vez.

Não apenas matou todo meu clã, como tirou meu veneno. Deixoume vagar sozinha por milênios! Quando seu adorado Jonah pediu arrego e foi "chorar no colinho da mamãe", deu-lhe um bando, fez *uma raça nova* e o deu de presente!

- Eu fiz um *para você*, Selene! Por que não vê?
- Drako?! O *parceiro destinado* que você "fez para mim" me despreza! Que espécie de castigo é esse? rugi, enfurecida.

Ataquei-a, afiando minhas unhas e golpeando o nada. O som estridente do ar sendo cortado pelas minhas garras, onde ela estivera microssegundos antes, zuniu em meus ouvidos. O sangue pulsava nas têmporas e minha temperatura corporal subiu, deixando-me à beira do abismo da Fúria.

Precisava me controlar, voltar à frieza com que conduzi meu plano de vingança, a espera por reparação. Não podia ferir o corpo dessa filhote, ela era uma Aesire, apesar de ter sido manchada com a linhagem de Jonah.

- Sei que não quer ouvir isso, Selene, mas precisa *confiar* em mim.
- Eu *nunca mais* vou confiar em você! E deixo aqui a minha promessa: vou te fazer pagar. Não posso te matar, como fez com *meus filhos*, mas posso te fazer sentir o mesmo que eu. Vou matar os seus prediletos! Queimar todos os seus espinhos negros.
- Tanto ódio, minha lua. Tanto ódio... Tornou a se aproximar e o poder dela me engolfou, obrigando-me a ficar dócil, parada, enquanto me tocava.

Debati-me, presa em minha mente, até que me levou para o plano espiritual, onde nos encontrávamos no passado, quando ela ainda não tinha uma forma corpórea.

O plano em que os deuses viviam tomava a configuração que o indivíduo mais se sentia confortável. Para mim, era o deserto onde minha família prosperou, onde os humanos ergueram monumentos para nos reverenciar.

Ao meu lado, a loba branca parou e se sentou nas patas traseiras, uivando para a lua crescente no céu, a minha. Quase conseguia escutálos respondendo-a, reverenciando-a. Ouvia os ecos dos meus filhos, em meio àquela civilização triunfante, por *nossa causa*, nossos poderes.

Era uma barganha justa, o sacrifício de alguns deles em troca da prosperidade de muitos. Para eles, éramos deuses... e, quando sucumbimos, os humanos foram aniquilados pelo povo traiçoeiro com o qual Tyre e seus monstros se uniram. O seu exército de capas vermelhas que quase dominaram o mundo antigo.

Luna estendeu a pata e secou minha lágrima. Afastei-me dela, para que não me consolasse; eu tinha direito a sentir minha dor, ela que não tinha direito de fingir ser uma mãe carinhosa.

— Eles foram corrompidos além de qualquer reparação, Selene. Eu sinto muito. Neste plano, apenas ela falava. E não havia argumentos para contradizê-la, sabia disso. Meus Aesire foram corrompidos, entretanto, apenas *os meus* foram exterminados. Luna protegeu Vikran e os seus; abençoou os descendentes de Jonah; e *permitia* que Tyre e a prole desgraçada dele fizessem o que quisessem.

— Não é verdade! Tyre vai ter o destino que merece. E o que você *está* recebendo é uma oportunidade. A *sua* segunda chance. Não escolhi uma descendente sua para ser meu vaso por capricho...

Tudo o que ela fazia era por capricho!

— Teimosia é o seu pior defeito. O que puxou de mim. Mas acorde e veja, escolha certo desta vez, minha Selene.

Lambeu minha trilha de lágrimas e eu saí do plano, empurrando as grades de prata e me afastando da cela, onde aprisionei sua forma corpórea. Ainda atordoada, sequer ouvi os passos deles.

— Sel! — Mason veio correndo da entrada até o final do corredor,
 onde Luna e eu estávamos. — Os caçadores trouxeram prisioneiros,
 lobos Blackthorn... — O ruivo empalideceu, pois sabia que eu não
 gostaria do que me ia me dizer: — Drako saiu do quarto.

## Merda!

— É a sua oportunidade, filha, use-a com inteligência.

Dei as costas a ela, não querendo escutar nenhum aconselhamento. Subi as escadas para o primeiro piso, com Mason e Julius em meu encalço, e a cena que encontrei no salão principal me deixou *apavorada*!

Gelo percorreu minhas veias ao ver Drako em sua forma bestial, uma mescla de pelos brancos e negros, em medidas iguais. A cada vez que o via transformado, mais pelagens brancas consumiam as negras.

E ele estava com dardos de acônito presos no peito e pescoço, mas permanecia lutando, dando patadas a revelia, virando mesas e fazendo caçadores voarem; chocando-se uns com os outros, nas paredes, no teto de pé direito duplo. Um caos infernal, uma cena de guerra em ambiente fechado.

A dominância que emanava do alfa Blackthorn era densa, feito uma parede de concreto e me assombrou e bestificou igualmente. O poder cru que emanava do macho se assemelhava ao que sentia nos meus irmãos, os amaldiçoados originais. O que Drako, de certa forma, era.

Ele foi amaldiçoado pela própria Luna, o primeiro de sua maldição.

Atrás dele, dois lobos cinzentos se escondiam, uma fêmea e um macho, jovens, com os olhos amarelos. Correntes de prata queimavam suas pelagens e os faziam vacilar nas passadas. Os odores mesclavam-se no ar, criando uma cortina de cheiro de carne queimada, sangue ferroso e adocicado humano, dominância, pavor e ira.

Drako estava protegendo os lobos cinzentos à custa da própria vida. Como um líder valoroso faria. Saí do meu estupor e corri na sua direção, contendo um rosnado, ao vê-los continuarem atirando no macho com quase três metros de altura.

Estávamos conectados de uma forma que não parecia normal. O veneno já deveria tê-lo derrubado, mas permanecia de pé, movido pelo senso de justiça inabalável. O compasso da ética dele não *vacilava* e estava disposto a matar e morrer para proteger os seus.

Conhecia esse sentimento, de outro prisma, reconhecia exatamente o que sua raiva representava: liderança justa, altruísta, *moral*.

Sentia o gosto do acônito nas veias dele em minha garganta, mexendo comigo e meus sentidos, envenenando-me junto. Contudo, não podia usar meus poderes de cura, não aqui, na frente dos humanos.

Parei diante da besta de Drako e estendi minhas palmas no ar, implorando em silêncio que saísse de sua Fúria. Meus homens cessaram fogo, mantendo-o nas suas miras. Ainda que acreditassem que eu fosse

humana como eles e o veneno não me machucaria, não queriam atirar em mim.

O silenciar dos disparos me permitiu ouvir os grunhidos dos feridos e o rosnado grave e furioso que reverberava no peito largo da fera enorme diante de mim. O focinho tinha pelos brancos, descendo pelo queixo e pescoço até o peito largo, e cintilavam prateados, mesclados com os escuros e brilhantes, feito asas de corvo, no restante do corpo.

— Alfa Blackthorn, você está em desvantagem, volte à forma humana e vamos conversar!

Drako removeu os dardos encravados nele, como se não fossem nada. Sacudiu a cabeça e grunhiu grave, enfurecido. Com a adrenalina cedendo gradualmente, cambaleou para trás, piscando freneticamente. Os lobos jovens posicionaram-se ao seu lado: a fêmea à direita e o macho menor à esquerda.

Conseguia ler suas mentes e eram quase animais, enquanto a consciência gritava ao fundo para protegerem Drako ou morrerem tentando. Os abençoados de Luna, seus metamorfos, eram valentes. E, se tentassem, morreriam. O envenenamento da prata era mais lento, mas tão letal quanto acônito.

A cena era de partir o coração, mesmo um endurecido como o meu.

Eram filhotes ainda, seus focinhos curtos indicavam a pouca idade. Lembravam-me dos *meus Aesir*[3] — *meus guerreiros* —, quando eram devotos a mim. Esses dois faziam o mesmo pelo macho que permanecia de pé, por pura força de vontade.

Drako trocou a forma, mas não para a humana, mais frágil, foi para as quatro patas — como só os Blackthorn *escolhiam* fazer — e seu lobo abriu a mente para mim:

"Irmãos! Meus irmãos! Ajuda!" — implorou para mim, de uma maneira que não faria na forma humana.

A divisão das almas, que os lupinos mortais adquiriram, era algo que eu não conseguia compreender. Entretanto, olhando a mente de Drako, via que seu lobo me idolatrava, ao passo que o humano só enxergava meus defeitos.

A confiança do lobo em mim, abalou-me tremendamente. *Acreditava* numa benevolência que eu mesma havia esquecido que possuía, milênios atrás. Depositava fé incondicional, em mim, de que *cuidaria* dos irmãos dele.

As palavras de Luna reverberaram em minha mente feito um agouro. Esta era a oportunidade que deveria usar com sabedoria. Machucar os irmãos de Drako Blackthorn ia fazê-lo me odiar para sempre.

Chamado de sangue ou não, eu sabia muito bem o quanto de ódio que sangrar a família causava. Não era este o motivo para todas as coisas que eu fazia? Meu parceiro destinado sabia o valor da família, estava disposto a morrer por isso. Como eu.

— Mason, Julius, tragam os lobos para o subsolo, eles têm informações, vou investigar! — anunciei, para benefício do coletivo, para não perder a moral diante dos meus caçadores.

O lobo de Drako veio junto, cambaleante, enfraquecido, mas não aceitando ser ajudado. Rosnou quando meus aliados Tyrant carregaram os irmãos fragilizados dele.

"Vou curá-los, você precisa confiar em mim." — pedi ao lobo, que resmungou e ganiu baixinho, sem tirar os olhos dos irmãos menores. — "Eles não vão machucá-los, confia em mim."

À contragosto, o lobo me obedeceu, cambaleando à frente dos meus aliados — que agiam como meus betas, apesar de eu jamais tê-los permitido ocuparem o cargo de Nya. O lobo de Drako tomou a dianteira, feito um alfa. Mason olhou para trás, os olhos avermelhados brilhando, transformados, então o tranquilizei, enviando a mesma mensagem para ele e Julius.

"Não os machuque. São irmãos dele, preciso que resolvam essa bagunça, enquanto resolvo o que fazer com eles."

Não mataria os irmãozinhos, mas pegaria as informações que pudesse com os filhotes e Drako teria que me mostrar alguma gratidão por isso. Teria que me ouvir!

# OITO OITO ORAKO BLACKTHORN

Drako Blackthorn

Tomei a pele, assim que entrei na cela com barras de prata, ao lado de onde Kami estava.

Os machos que seguiam Selene, feito filhotes desgarrados, colocaram meus irmãos nos catres fajutos e se afastaram, ao ouvirem meus rosnados. Minhas presas alongadas perfuravam meus lábios e conseguia sentir o sabor do meu sangue envenenado. Não fazia ideia de como ainda estava lúcido, apesar da dor imensa que o *wolfsbane* causava.

Minha dor não era maior que a deles. Freya tinha correntes enroladas no pescoço, praticamente a enforcando, também nas patas dianteiras. Mas o que mais me deixou apavorado foi Leif, que tinha levado um tiro de prata na pata traseira, além da corrente enrolada na outra pata.

Leif era praticamente um filhote ainda, porra! Assim como Freya, que mal tinha feito vinte anos. O que eles estavam fazendo aqui, sozinhos?!

Selene mandou irem atrás da minha família?

Minha pele fumegava quando ela entrou na cela e começou a enfiar o dedo na ferida de bala de prata de Leif. Tensionei o corpo, mas me segurei, pois era necessário. Sem remover o projétil, o envenenamento impediria a cicatrização.

- Tira as correntes dela, vai arrancar pelo e ela vai urrar de dor, se não conseguir fazer, Mason ou Julius...
- Já fiz isso antes interrompi-a, resmungando, mas me sentia agradecido por vê-la cumprir o que prometeu ao meu lobo.

Mais uma vez não consegui proteger os meus. Primeiro Kami, agora meus irmãos, porra! Quando segurei a corrente, minha pele queimou, mas trinquei o maxilar e arrastei as palavras:

— Freya, você precisa aguentar! Serei rápido, ok? — Desenrolei a primeira volta e a loba se debateu, pulando da cama e se enforcando com a merda, piorando os ferimentos. — Freya!

Senti o poder de Selene me atravessar. Era muito mais saturado que o de Astrid. A manipulação de humor dela me acalmou e fez minha irmãzinha sentar nas patas traseiras, ganindo e lambendo as feridas. Implorando-me, com os orbes dourados, que eu fizesse alguma coisa para acabar com a dor.

Deitei um joelho no chão e puxei a corrente, arrancando nacos de pelagem e pele do pescoço de uma das minhas irmãs caçulas. Quando completei essa tarefa, virei-me para trás e Selene estava curando Leif, que voltou a forma humana, ainda ofegando, fumegante. O cabelo loiro colado na testa suada e seus olhos claros, como os da minha mãe, focaram em mim e Freya, ainda machucada.

Selene fez um gesto de cabeça na direção dos Tyrant que a seguiam e eles saíram de perto. Então, ela veio para Freya. À medida que o poder dela emanava para minha irmã, tão próxima de mim, meu envenenamento foi retrocedendo, sendo curado a reboque.

Freya se transformou, sentada sobre os calcanhares, e a expressão de embevecimento com que olhava para Selene me fez rosnar, inconscientemente. Freya era minha irmãzinha, não tinha que ter ciúme dela com outra fêmea.

Selene não era nada para mim!

— Ah, entendi. Você é linda, filhote, mas... na maior parte do tempo, eu prefiro machos, *adultos*. — O tom velhaco de Selene me incomodou por causa da familiaridade daquilo tudo.

Mais uma vez, o problema foi o que ela me causava: essa fodida bagunça. Não queria me sentir possessivo com ela. Ciúme era uma merda que eu abominava. E sentimento de posse? Com ela?

Só não!

"Ela é nossa!" — O lobo revirou os olhos para mim, como se falasse com uma criança, quando ele era o mais novo de nós dois.

Passei pela primeira Fúria com dezenove anos, um pouco depois do normal. Mas meu lobo me fez sentir orgulho de mim mesmo. Sempre foi forte para um metamorfo; o segundo metamorfo mais forte e não abaixava a cabeça para merda de ninguém, só se forçado por comandosalfa.

Meu orgulho durou até Selene aparecer. Até Kami, na realidade. Antes de toda essa bagunça, eu e meu lobo éramos o par perfeito. Não discordávamos em nada. E eu o admirava. Agora? Ele era um babaca apaixonado, que não respeitava meus limites e *implorava* pela ajuda de Selene.

"Ela ajuda!" — reclamou comigo, defendendo a parceira.

— Eu. Sei! — vociferei verbalmente, irritado com a lógica dele.

Fechei as mãos em punhos e me ergui. Ao mesmo tempo, os homens da "Capitã" apareceram com roupas para mim e meus irmãos. Vestimo-nos e notei o olhar de desejo cru de Selene sobre mim.

Queria muito poder dizer que era imune, que a fêmea não mexia comigo. E isso era o pior! Não conseguir conter meus impulsos a respeito dela. E a gratidão, por ter curado a mim e meus irmãos menores, nublava ainda mais o julgamento.

— Nós precisamos conversar, Drako. — O tom imponente, cheio de comando-alfa, fez minha pele eriçar. Meu lobo ficava excitado com a

força dela e refletia na parte humana.

O fato de ela ser uma alfa, de ter poderes que garantiam seu controle sobre mim, deveria fazer um alfa — pelo menos um alfa novo, no que Luna havia me transformado — se sentir ameaçado. Só que aí entrava a minha lua, o meu orgulho. Uma fêmea forte, enchia-me de soberba, quisesse eu ou não.

Dominá-la era um desejo sexual e não instinto de soberania. Que se fodesse o ranking! Queria que ela cedesse a mim e apenas a mim. E não queria, ao mesmo tempo.

Ao ter minha atenção toda sobre ela, o cheiro que exalava de sua pele ficou concentrado, agressivo. Sua boceta estava molhando para mim: sal marinho e sálvia, um deserto em alto mar.

— O que vai fazer com eles? — questionei-a, apontando para os meus irmãos, sentados na mesma cama, aguardando minhas ordens.

Lado a lado, eles eram o contraste perfeito que havia em nossa família; metade dos meus irmãos eram loiros como minha mãe; a outra metade era como meu pai e eu: pele castanha e cabelo cor de mogno. Como era o caso de Freya, a pele castanha e seus olhos avelãs.

Não fossem os traços do rosto, as cores fariam as pessoas pensarem que não dividíamos sangue com Leif. Mas eu conseguia farejar o amor entre eles. E, mesmo que minha irmãzinha tivesse ciúme de mim com Kendra, uma das fêmeas não-acasaladas que dividia a casa e a cama comigo, sabia que Freya não me odiava, não de verdade.

 É sobre eles que precisamos conversar, alfa... o que você vai fazer para protegê-los.
 O sorriso maquiavélico dela era uma dualidade entre sensual e fodidamente maldoso.

Quando a única refém que Selene tinha para usar como vantagem contra mim era Kami, conseguia recusá-la; pois Kami não precisava de proteção. Mas meus irmãos?! Selene era cruel.

Você mandou buscar o meu sangue para me chantagear a te foder?
Avancei para ela e seus brutamontes se aproximaram, mas Selene estendeu a mão no ar, impedindo-os de se meterem.

- Eles apareceram na cidade sozinhos, não fui buscar ninguém. Se eu tivesse saído do prédio, você sentiria.
  - Seus lacaios fazem o que você ordena!
- Ela está dizendo a verdade, Drako. Freya se meteu e a encarei, buscando no olhar dela e de Leif se era medo que liderava a fala dela e o assentir amedrontado do meu irmão caçula.
  - Por que vocês estão aqui, porra?!
- O alfa mandou todo mundo atrás da parceira dele. Nós só chegamos na frente! Eles vão nos resgatar! Freya atirou, cheia de arrogância que não tinha mérito.

Minha irmãzinha era durona, só que era uma delta mediana. Era valente e tinha a porra da língua maior do que boca. Deirdre Blackthorn, nossa mãe, tentou bater o comportamento atrevido para fora Freya, evidentemente sem sucesso. Para uma minguante, o comportamento não combinava.

— Axel mandou *vocês* na busca?!

Leif concordou e respondeu:

— Todo mundo que se transforma está na busca da parceira do alfa, a keepa Blackthorn.

Esse tipo de comportamento não era de Ax. O Axel que eu conhecia era furioso e vivia perdendo sua merda, mas não arriscaria os membros mais fracos do clã. Minhas outras irmãs e meus cunhados tinham mais dominância que esses dois. Mas se ordenou que até Leif saísse do Caern, à procura de Kami, significava que estava fora de si. *Usando* o bando para fazer valer suas vontades.

# Porra, Axel!

— Eles estão curados e seguros. Luna, que está emanando poder, bem ali — Selene apontou para a figura de Kamari —, não vai deixá-los se ferirem com a prata. Mas, é claro, tudo depende da *nossa conversa*, alfa Blackthorn.

Essa fêmea maldita! Ela queria me prostituir, usar e diminuir? Queria meu pau? Teria que *implorar* por ele!

Com todas as letras!



Não queria o cheiro dela no quarto onde me enfiei. Então, assim que o elevador abriu as portas para o último andar, fui na direção do quarto dela, com a nova porta instalada.

A proteção de poder que mantinha ali, que impedia que outros lupinos farejassem seu perfume, foi dissipada, assim que entrei. Lá dentro, seu aroma maravilhoso me atingiu feito um choque de alta tensão, fez minhas narinas se alargarem e o sangue correr todo na direção do pau.

Calor! Ela estava na beira do Calor!

Meu lobo regozijou dentro de si com a ideia de servi-la, como fizemos para diversas outras fêmeas, dezenas de vezes; e fez o rosnado retumbar em minha caixa torácica, chamando pela parceira dele, que ainda estava agregada à da parte humana.

Era por isso que estava sendo agressiva nas investidas? Era o Calor que a estava fazendo vir atrás de mim dessa maneira?

Eu era acostumado com a tentação dos Calores. Morando com as fêmeas não-acasaladas por mais de dez anos, reconhecia todos os mínimos sinais. E os cios eram uma constante. A cada estação, uma delas precisava de mim. Eu as cobria, para não se tornarem ferais. E se esse ia ser o preço pela vida dos meus irmãos, pagaria.

Selene seria apenas mais uma. Mais uma em quem enfiaria meu pau.

Mais uma, só isso.

— O que você quer? — Não me preocupei com a intensidade do comando-alfa em minha voz.

Costumava detestar quando os alfas perdiam o controle e eram agressivos até na fala; odiava saber que me tornei um deles, mas aqui estava eu, dando a Selene o que ela merecia!

— Quero que me ouça, que entenda que aquela filhote lá não merece sua proteção. Ela é um efeito colateral, Drako.

Ouvir meu nome em sua boca, socava meu estômago, fazia meu pau pulsar e o sangue ferver, zunindo nas têmporas. Minhas presas desceram e eliminei a distância entre nós, olhando-a nos olhos e a sobrepujando com minha largura, que era quase o dobro da dela. Selene era uma fêmea alta, mas esguia.

— Olha como você fala dela! — rosnei, furioso, e ela foi dando passos para trás, até cair sentada na sua poltrona de rainha.

O móvel antigo se assemelhava a um trono e tinha certeza de que era como via a si mesma: uma rainha, uma deusa, para ser adorada por reles mortais feito eu.

### Nem fodendo!

"Ela é!" — O lobo emocionado dentro de mim adorava vê-la, estar na presença dela e me encheu a porra do saco por dias e dias, em que nos neguei isso bem aqui.

Só que aqui, no espaço que a pertencia neste complexo — antinatural para lupinos, uma floresta de pedra —, seu cheiro, sua linguagem corporal seduzida, deixava-me fora de mim.

Ambos estávamos sendo atacados pelo início do Calor dela. E, se meu faro não me faltava, seria um dos longos. Um dos que deixava a fêmea completamente em transe, complacente a tudo. Seria o tipo de cio prolongado, que durava mais que os outros. E que me sugava maravilhosamente.

Nunca sequer pensei sobre o Calor das fêmeas imortais, as poucas com quem cruzei o caminho eram as vira-latas ou ferais, que logo eram abatidas quando chegavam próximas demais do Caern.

Mas, parando para pensar, as imortais não deviam ter isso. Porque Calor indicava a necessidade do cio, era como funcionava a *reprodução* dos lobos. Imortais só *transformavam*...

# Era essa fodida parceria!

- Acha que por ter pegado meus irmãos, vai me fazer te obedecer?
- Drako! rosnou meu nome, fincando as garras nos braços acolchoados da poltrona, os olhos castanho-avermelhados se transformaram. Eu tentei ser civilizada, alfa.
- Civilizada? Nunca foi ou será! E, para mandar em mim, vai ter que me desafiar, *semi*deusa. O chamamento pingava deboche, mas também saiu carregado de desejo primal.

Vê-la olhando-me sob os cílios, mostrando-me as presas delicadas e aquelas íris peroladas brilhantes, fez toda minha pele eriçar e os músculos tensionaram em antecipação e adrenalina de caça. Espalmei meu pau, esfregando o contorno da semiereção sobre o tecido da calça jeans e a senti inchar progressivamente.

Invadi seu espaço pessoal, segurando as costas da poltrona, atrás de sua cabeça. Selene cruzou as pernas, para tentar me manter à distância, porém a boca entreaberta revelava seu ofego desejoso. O lábio superior retraiu e a boca carnuda foi um convite. Desci a calça, liberando meu pau e fechei o punho ao redor dele, inclinando-me na sua direção, quase esfregando-o no rosto perfeito.

O olhar dela veio diretamente para a cabeça, onde uma gota de pré-gozo escorria lentamente pela fenda.

— É essa a conversa que você quer. Abre a boca. — Reclinei o corpo, pairando sobre o dela e esfreguei a cabeça do meu pau na sua bochecha, sobre os lábios.

O ódio, porra!

O ódio em seu olhar foi o convite perfeito.



Selene Aesire

Drako estava descontrolado.

Os olhos brilhavam feito ouro líquido. O cabelo desgrenhado, solto, contornava seu rosto, embolando-se na barba cheia. A respiração pesada entrava ruidosa nas narinas infladas e as presas alongadas espetaram o lábio inferior.

Desejo cru digladiou com a ira em meu interior, por escutá-lo falando comigo daquela forma: dominante, vulgar, másculo.

Traguei uma respiração sôfrega, engolindo o aroma de sua pele extremamente saturado e selvagem, ao ponto de obliterar qualquer outro cheiro para mim. Meu coração disparou, olhando-o de baixo, uma posição de fraqueza, de submissão.

Minhas garras rasgavam o tecido da poltrona no quarto do meu novo complexo. No andar de baixo, dezenas dos meus homens estavam feridos pelo macho mais forte e aqui estava ele, o *inimigo*, colhendo os espólios de sua guerra: a rainha.

Rosnei e resisti quando esfregou a glande melada em meus lábios, sibilando ao espetar a si mesmo em minhas presas. Porém, não recuei. Drako sorriu, um riso sombrio, exalando lascívia. Sua mente ainda estava bloqueada por Luna. Eu não fazia ideia do que pensava,

mas começava a reconhecer os sons que seu lobo fazia, convidando-me para a monta, o acasalamento.

Feito um *animal*.

Passei milênios trepando com humanos e humanas, machos e fêmeas da minha espécie, e ninguém jamais me subjugou desta forma.

— Pede, *implora*! — rugiu e continuou esfregando a cabeça de seu membro grosso em meu queixo.

Não conseguia controlar a Fúria pulsando em minha carne, ameaçando transformar-me — o que nunca mais aconteceu sem minha permissão. Eu odiava a minha forma bestial, odiava!

Aesire não *perdiam* a forma para suas bestas!

Nossas bestas não nos lideravam como aos outros clãs, os selvagens Blackthorn ou os ferais Lunaris. Mas havia essa revolta, essa separação entre minha vontade e o que o rosnado do lobo de Drako fazia comigo.

Um convite, uma súplica.

"Parceira!" — Ouvi o lobo sobrepondo-se ao bloqueio de Luna, chamando por mim. Bom, não exatamente *por mim*. Só não tinha como atendê-lo. Não havia um animal morando em meu corpo, como havia no meu parceiro. Não havia separação.

Ao mesmo tempo, o grunhido que perpassava os lábios e as presas longas de Drako não era de seu lobo e sim dele mesmo. Outro convite, um muito menos suplicante e mais ordinário.

Ver a mão grande, cobrindo parcialmente o membro grosso e longo, fez meu baixo-ventre retorcer e um maldito gemido quase escapou meus lábios. Não imploraria por merda nenhuma!

Se não queria me ouvir, se queria me subjugar, eu o faria provar o próprio remédio!

Meus lábios curvaram-se em um sorriso maldoso e então abri os lábios, estendendo a língua para fora e forjei um gemido que era metade falsidade ensaiada, metade êxtase profundo.

Lambi a gota de pré-gozo que escorria pela cabeça, até onde a pele se prendia, e Drako rosnou rouco, fechando um punho no meu cabelo. O sabor da lubrificação dele era ainda melhor que o cheiro de sua pele.

Quando empurrou o membro na minha boca, esticando-a ao redor de sua espessura, o gemido foi real, deleite visceral. Meus olhos giraram nas órbitas com a rudeza dele. O miserável fez questão de usar meu prazer contra mim.

— *Esse* foi de verdade, *semi*deusa. Para cada gemido falso que me der, mais vai ter que implorar pelo meu pau, entendeu? — O tom de voz grave era inumano, bestial.

Arqueou o pescoço para trás e enterrou seu pau até minha garganta, engasgando-me e me fazendo perder o ar. Minha boca encheu de saliva e o gosto dele fez meus mamilos enrijecerem dentro da camiseta de alças que eu vestia.

Nos últimos dias, minha pele passou a fervilhar, mesmo que o ciclo da lua cheia já tivesse passado. Esse chamado de sangue estava mexendo com meus nervos, com minha racionalidade!

Minhas presas arranhavam seu comprimento, mas ele não se importou e a profanidade disso me deixou ainda mais sedenta. Chupei-o com força, até as bochechas encovarem, olhando-o sob os cílios, tentando recobrar o controle da situação. Drako soltou uma mescla de sibilo invertido com grunhido gutural e o abdômen trincado tensionou lindamente sob a pele castanha.

Seus dedos brutos puxaram meu cabelo, enquanto começava a ondular o quadril, fodendo minha boca sem nenhum pudor ou cuidado, usando-me tal qual uma fêmea qualquer, uma ninguém. Uma ômega que nasceu para servir.

Ninguém jamais me tratou desta maneira na cama. Sempre fui dominante, gostava de ficar por cima, controlando a penetração; e, raramente, chupava um macho, só as fêmeas. Mas aqui estava Drako

Blackthorn, meu parceiro destinado, usando meu corpo para o prazer *dele*.

Quando me dei conta de que estava *gemendo* ao redor do seu pau e vi o sorriso arrogante pregado no rosto perfeito dele, empurrei suas coxas, rasgando a calça jeans em trilhas perfeitas de minhas garras. Meus lábios soltaram seu membro, com um barulho molhado, que só me fez latejar ainda mais.

Drako não se abalou, empurrou a calça pelo quadril, terminando de tirá-la com os pés descalços. Segurou o membro babado na mão e se masturbou, olhando para mim. O sorriso irônico, com as presas alongadas, contava-me que sabia o quanto mexia comigo. O tanto que me deixou excitada ao chupá-lo.

— Se isso é tudo o que tem a oferecer, vou arrumar outro brinquedo, talvez até um de plástico faça um trabalho melhor — provoquei-o.

Seu semblante se transformou em um possessivo e, ao vê-lo retrair o lábio superior para rosnar para mim, ergui-me, como se imantada. Aquele rosnado era um comando-alfa para que me apresentasse para a monta.

Ao mesmo tempo, o lobo dele continuava me mandando imagens que não tinham o propósito de me excitar. Porém, o que *não deveriam* fazer era me enfurecer!

Nas memórias que o lobo projetava, como se para me instruir, mostrava-me Drako com *dezenas* de outras humanas ou fêmeas; duas, três ao mesmo tempo, na cama com eles, na forma humana ou lupina. Todas elas de quatro, para o macho fodê-las à exaustão.

Conscientemente, sabia que não fazia sentido sentir ciúme de seu passado. Ele era jovem em comparação a mim, mas era um lupino adulto. E, sendo bonito da maneira que era, obviamente transava mais que a cota de um macho regular.

Dominância era afrodisíaca para fêmeas. Mortais ou imortais, autoconfiança arrogante excitava. E eu nunca fui imune, embora Drako

fosse o primeiro macho mais dominante que eu, em milênios, a querer me levar para a cama.

Usei meu poder de manipulação de humor, para exacerbar o desejo dele, amolecê-lo. A onda densa empesteou o quarto feito fumaça. Seu punho se fechou ao redor da ereção e mais gotas peroladas de prégozo escorreram sobre a pele acastanhada.

Cruzei os braços na frente do corpo, subindo minha camiseta lentamente, até retirá-la, revelando meus seios e o encarei, esperando que desse o bote, que perdesse o controle. Encurvei-me para frente, a bunda empinada no ar e o cabelo cascateando até o chão, ao deslizar os zíperes das minhas botas de cano curto com um zunido estridente.

Drako sibilou, dando um passo para trás, sacudindo a cabeça, como se quisesse espantar algum pensamento intrusivo. Ri por dentro de sua reação, enquanto jogava o cabelo para trás e me levantava.

Era ele quem imploraria!

— Você faz promessas que não pode cumprir, alfa. — Arrastei minha fala, sensualmente.

Rosnou, grave e profundo, quando abri o zíper da calça, descendo-a lentamente, até ficar seminua diante dele. Minha calcinha estava melada, grudada na boceta, marcando a fenda e Drako farejou o ar, feito bicho: bruto e primal. A pele fumegante brilhou com o suor limpo; e cedro e sândalo invadiram meu olfato.

— Se vai ficar só olhando, vou resolver sozinha.

Sentei-me na cadeira e abri as pernas, enfiando uma mão lentamente sob a calcinha. Deslizei o indicador de um lado para o outro pelo elástico, então sobre a fenda melada, por baixo do tecido preto delicado. Com a outra mão, segurei um seio e apertei o mamilo, torcendo-o.

No instante em que o gemido longo escapou dos meus lábios, Drako veio para cima de mim, completamente descontrolado.

— *Maldita*! — urrou, furioso comigo e consigo mesmo.

Segurou-me pela frente do pescoço, enforcando-me, sem delicadeza. Perdi o ar e sufoquei, sendo encoberta por ondas e ondas de arrepios, que me fizeram encharcar. Sorri e passei a língua sobre os dentes, perfurando-a na ponta de uma presa. A gota de sangue escorreu junto à saliva pelos meus lábios e Drako não perdeu tempo, colou a boca na minha, lambendo a gota do meu sangue que chamava pelo dele.

Mordi seu lábio superior, provando-o também. Engoli com dificuldade, a pata imensa fechada ao redor da minha garganta. Soltou meus lábios e me olhou nos olhos, raiva e desejo evidentes, fervendo.

— Não vai me usar, sou eu que estou te usando! — Dizendo isso, virou-me de costas, ajoelhada sobre a poltrona e esfregou a ereção na minha bunda. — Vai se arrepender de ter me provocado, de ter usado seu poder em mim, Selene!

Ele percebeu, claro que perceberia. O Blackthorn podia, ou não, ser um selvagem, um adorador de Luna, mas não era ignorante, muito pelo contrário. Ainda segurando meu pescoço pela frente, liberou minha entrada de ar e manteve o toque apenas para estabelecer dominância e controle.

A glande melada deslizou entre as minhas nádegas, empurrando no meu anel, sem penetrar. Meus nervos fritaram e arqueei as costas, empinando-me para ele instintivamente. Depois continuou para baixo, até entrar em meu canal, numa estocada dura, voraz.

Por mais que estivesse melada e pronta, ainda ofeguei e fechei os olhos com a sensação de esticamento e preenchimento. Drako era grosso, mas não esperou que me acostumasse com a invasão. Enfiou dois dedos na minha boca e embolou meu cabelo na outra mão, feito uma rédea, metendo em mim, possuído de raiva.

Bruto, selvagem, meu inimigo, meu parceiro destinado.

A penitência que ambos pagávamos.

Eu merecia, mas e ele?

— Acha que vai me dominar, que sua boceta molhada vai me deixar viciado? — murmurou e inclinou o corpo para frente, colando o peito nas minhas costas. — Isso aqui é uma inevitabilidade. Preciso foder, como preciso alimentar meu lobo. *Você* é só comida!

Mordi seus dedos, com raiva, até sentir o sabor de sua carne, mas não se abalou. Minha saliva cicatrizava a mordida instantaneamente, mas meus dentes ficariam marcados em seus dedos e a sensação era luxuriante. Começou a estocar feroz, punitivo, acertando meu ponto G com a glande inchada, cada vez mais rápido, *mais forte*, até me ter gemendo, afrouxando minha mordida.

— Quando tá com a boca cheia de pau, o gemido é mais gostoso
 — ironizou, murmurando ao pé do ouvido. O tom sardônico de sua voz deveria ser humilhante, mas só me fez contorcer e xingar palavras incoerentes.

Que merda era essa que ele estava fazendo comigo?!

— O que você disse, *semi*deusa? Isso foi um pedido? Fala o que quer, pede, *implora*! — Diminuiu o ritmo, saindo até quase a ponta.

Meu canal contorceu vazio e o abdômen encovou, por ele ter saído do ritmo que me levaria ao orgasmo. Entrou lento, até a metade, estocando raso, bem longe do meu ponto G, de onde eu precisava dele.

— Tá pronta pra implorar, Selene? — Puxou meu cabelo, virando meu rosto na sua direção.

O brilho dourado de seus olhos transformados e a boca, com as presas longas passando do lábio inferior e manchada com nosso sangue, faziam dele divinal.

Neguei, com muito esforço. Ele gargalhou e voltou a meter vorazmente. Soltou meu cabelo e pescoço, segurando minhas ancas, e tudo o que consegui fazer foi deitar o corpo para frente, no encosto, para me equilibrar, enquanto recebia sua raiva sendo fodida dentro de mim.

Não queria outra coisa, apenas sua raiva, seu desprezo, para que eu não confundisse meus limites. Não desviasse do meu objetivo e não

fosse manipulada pela deusa maldita que nos amarrou juntos.

O prazer era indescritível, sombrio e devastador. Espasmos faziam meus músculos tensionarem e, mesmo de olhos fechados, conseguia visualizá-lo, endemoniado, entrando em mim como se eu fosse, de fato, seu alimento, sua saciedade.

Um dedo melado pressionou meu anel, entrando ardido e delicioso, girou-o lá dentro, esticando-me mais. Saiu até a ponta e voltou com mais um. Um gemido lânguido me fez encurvar ainda mais para frente, empurrando contra seu quadril e dedos que me penetravam.

— Você *gosta* disso — afirmou, lendo minhas reações corporais, como se tivesse um manual de mim.

Olhei-o sobre o ombro, o maxilar trincado, enquanto um "hm" profundo reverberava em sua garganta, completamente enterrado em mim, fodendo meu ânus com os dedos. Ele também gostava, ansiava, na realidade.

— Dois paus ao mesmo tempo, é como gosto. Conheceu os meus brinquedos prediletos. Mason ama comer a minha bunda, enquanto Julian vem pela frente — desafiei-o, gargalhando, ofegante, quando suas pupilas alargaram de ciúme e possessividade.

Abriu a boca em um rosnado irado e acreditei que fosse perder a pele para o lobo, meter em mim na forma bestial. Mas retirou os dedos do meu canal e as patas hominídeas, com a pelagem branco-prateada, transformaram-se e seguraram minha cintura. As garras fincaram em minha carne, dominando-me e me obrigando a suportar a furiosidade de suas investidas brutais.

Gemi descontrolada, ao ser fodida como se ele estivesse matando! Grunhidos e gemidos desvairados, cheios de luxúria obscura e possessividade, formavam uma cacofonia de sexo que construía um orgasmo avassalador. Meu canal o comprimia e sugava, de uma maneira que jamais aconteceu em toda minha existência.

Cada estocada feral, imprimia o formato do seu pau em minha boceta, e os sons de seu quadril, chocando-se no meu, ampliavam o tesão obsceno que senti desde que coloquei meus olhos em sua forma bestial, no meio daquele Caern primitivo.

Gemia sem me importar, aproveitando o prazer que me dava, ao me manter parada para recebê-lo nessa foda com ódio, que não tinha precedentes para mim.

Drako permanecia ordenando que eu deveria implorar.

Que ele se fodesse, estava tendo exatamente o que eu queria: seu descontrole!

Estava na beira de um orgasmo vulcânico, quando o senti inchar. Parou dentro de mim e seu membro me prendeu a ele, alargando-me e me aprisionando. Seu gozo quente encheu meu canal, saindo em jatos ininterruptos por longos segundos, talvez um minuto inteiro. Queria mais fricção, estava quase no clímax, mas se me movesse, seria doloroso.

— Fica parada, porra! Vai machucar nós dois! — grunhiu, espalmando a mão em meu ombro, pressionando meu ponto de pulsação no pescoço com o polegar.

Não *conseguia* ficar parada! Por mais que ele fosse precisar de uns instantes para se soltar de mim. Queria mais, *precisava* de mais! Agora! Meu ventre contorcia, agoniado, e tive que pressionar os lábios juntos, para conter um ganido frustrado e, realmente, *implorar*!

Era quase como ficar sem respirar. Eu precisava dele!

Drako riu em escárnio, ainda preso dentro de mim. Então olhei para trás, sobre o ombro, observando o riso sarcástico.

— Não me olha assim... — debochou. — Eu te dei muitas chances de pedir pelo que *você* queria. — Trouxe os lábios para a concha da minha orelha e sugou meu lóbulo, rindo grave. Então atirou: — Tomei o que *eu queria*. Se tivesse implorado, como mandei fazer, teria gozado também. Talvez deva ir chamar seus *brinquedos* Tyrant, ou usar um de plástico. *Eles* te obedecem!

Desinchou e saiu de dentro de mim, antes que eu reunisse um pensamento coerente para lhe responder. Minha boceta inchada contorceu vazia, escorrendo seu esperma, enquanto Drako catava a calça em farrapos e a vestia, cobrindo o pau ainda rígido e melado de porra.

— *Esse* é o acordo, *essa* é a conversa. E, se tocar nos meus irmãos, a conversa vai mudar. Agora que me deixou saber que os Tyrant importam para você — desdenhou, como se eu fosse idiota e ele não estivesse nada abalado depois do sexo furioso que fizemos —, se acontecer qualquer coisa com Freya e Leif, vou fazer em dobro nos seus *brinquedos* favoritos. — Atirou e saiu do meu quarto, onde eu ainda ofegava pela afronta.

Blackthorn filho da puta!

Subestimei-o; tive piedade do *lobo* que me pediu ajuda para os irmãos. Drako não se curvaria! Só que, ao contrário do que ele pensava, meus "brinquedos Tyrant" não tinham o mesmo valor para mim e meu parceiro logo veria.

Dois podiam jogar.



Selene Aesire

Drako voltou a se trancar no quarto nas últimas vinte e quatro horas. Meu corpo ainda urrava pelo dele e, talvez estivesse perdendo minha cabeça, mas conseguia sentir seu membro dentro de mim, infernizando-me, fazendo-me convulsionar só com as lembranças e a frustração do orgasmo interrompido.

Não tinha tempo para isso!

O posto avançado que meus Caçadores de Prata mantinham em Nova Iorque, vigiando os movimentos dos Tyrants, foi atacado e praticamente exterminado. Quis ir até lá e afrontar Tyre, meu irmão mais velho, retaliar. Meus aliados lupinos e os humanos queriam ir, porém, considerei os prós e contras.

Agora não era hora de ir para a batalha final. Passamos milênios nessa perseguição ininterrupta. Ele me caçando e eu tendo que fugir e me esconder, usando meus poderes. Haveria a hora para me vingar, mas ela ainda não tinha chegado.

Entretanto, meus poderes não eram mais os mesmos de sempre. Camuflar não apenas minha presença, mas de Luna, junto com Kamari, estava me drenando. Por isso, ali estava eu, naquele subsolo, para enfrentar a mãe que eu detestava e ordenar que me dissesse qual era o futuro de Tyre e se eu conseguiria meu objetivo.

Minhas visões eram limitadas ao que a deusa queria que eu soubesse e passei a odiá-las depois da queda do meu clã, pois significavam que Luna não havia terminado seu plano comigo.

Ela me dava visões apenas para que eu compreendesse aonde queria chegar: a profecia. Não apenas de Luna, também de seu parceiro maldito, Fenrir!

Luna ainda me manipulava, entregando migalhas do tecido do destino, para que eu agisse de acordo com a vontade dela, *deles*. No entanto, desta vez, nossos destinos estavam entrelaçados.

Na noite passada, sonhei com o Caern Blackthorn: meus Aesire correndo por lá, nas quatro patas, e precisava saber o que ela queria dizer com isso.

Ao entrar no subsolo, encontrei a meia dúzia de Caçadores, que faziam a guarda da deusa — que eles acreditavam ser apenas a parceira do alfa-regente Blackthorn —, debochando dos irmãos de Drako.

A filhote fêmea, Freya, estava com seus olhos transformados no amarelo-dourado. Os cabelos castanho-mogno desciam selvagens até a altura de seus seios. Ela me lembrava de Nya, minha beta, a que não pude salvar.

— Vai tirar a roupa e se transformar, lobinha?! — um dos caçadores, o qual nunca me importei em aprender o nome, debochou da filhote. — Vai fazer o show completo?

Aquilo me enfureceu. Freya era valente, estava protegendo o irmão caçula, que não tirava os olhos claros das pistolas nos coldres de perna dos caçadores, na certa, revivendo o momento em que foi ferido e trazido para cá. Seu cabelo loiro escuro caído sobre a testa, grudava no suor nervoso.

- O que vocês estão fazendo? Mantive a voz neutra, embora fervilhasse por dentro.
- Capitã Amaris! três deles me cumprimentaram e os que estavam provocando os filhotes fizeram um aceno de cabeça, ainda

rindo.

- Responda à pergunta, soldado!
- Só passando o tempo, já que as ordens são para não *encostar*neles, *eh*. O humano imbecil engoliu em seco, mudando a postura.
- O alfa Blackthorn está calmo, respondendo ao meu interrogatório, porque os irmãos dele estão *seguros* menti, não me atrevi a me aproximar de Drako desde ontem à noite. Se ela tentar te atacar e se machucar na prata, o alfa vai ouvir cada sibilo de dor dela e vai matar vocês, como matou os outros.

Usei meu poder de manipulação de humor para deixá-los apavorados, fantasiando com mortes asquerosas pelas mãos de Drako. Fazendo-os revivenciar o showzinho que o alfa havia dado no andar de cima, ao proteger os jovens, em que matou dois e deixou outra meia dúzia de caçadores em estado crítico.

Meu contingente estava escorrendo entre os dedos, com todos esses ataques. Não era fácil treinar soldados humanos e era perigoso transformá-los em lupinos, pois a *maioria* morria.

— Saiam! Vou interrogá-los e não preciso de vocês aqui.

Acenei com a mão, expulsando-os do subsolo. Obedeceram, passando por mim com suores fedendo a pavor e preconceito.

Assim que se afastaram, peguei a chave mestra que abria todas as celas e entrei na que os irmãos caçulas de Drako estavam.

O alfa prometeu que tudo o que eu fizesse com seus irmãos seria feito em dobro com Julius e Mason. Bom, sentaria para conversar e interrogar os filhotes, queria ver Drako tentar fazer o mesmo. Ri por dentro com a ideia.

- Podem sentar aqui, não vou lhes fazer mal.
- Você é Amaris, a líder dos caçadores? Mas você é uma de nós...
  Freya questionou, desconfiada.

Devia ter imaginado o que eu realmente era, uma vez que os curei do envenenamento de prata. A jovem ainda usava o corpo esguio como escudo, colocando o irmão atrás de si, mas notei o quanto a filhote estava deslumbrada ao me olhar e precisei prender o sorriso.

 — Aqui entre nós, nosso segredinho? — Sorri e me sentei em um dos catres, cruzando as pernas e colocando meu rabo de cavalo sobre o ombro. — Eu sou Selene Aesire, das lendas que seus anciãos contam. Ou deveriam.

O coração dela disparou e os olhos arregalaram, geralmente era um combinação que eu apreciava: reconhecimento, medo e veneração simultâneos.

Tudo o que o irmão dela não me dava.

Bati no colchão fino do catre e lancei uma onda da minha manipulação de humor, incitando a confiança nos dois, fazendo-os se sentirem seguros. Meu poder tinha uma assinatura diferente do de Luna, emanando da cela dela, para manter os dois curados do envenenamento lento pelas grades de prata. Mas os jovens não conseguiram sentir a diferença.

— Selene?! Todo mundo pensa que você tá morta! — Leif falou, recebendo uma cotovelada de Freya por abrir a boca.

O adolescente loiro tinha alguns traços semelhantes aos de Drako, em uma versão muito mais jovem e pálida. Quando crescesse, seria um macho extremamente bonito, faria um estrago nos corações das fêmeas ou machos que desejasse.

Beleza estonteante era um traço da família, aparentemente, mas a virilidade de Drako era toda dele. Se me permitisse relembrar a noite passada, em que me fodeu e *não me satisfez*, de propósito, ficaria irada e malditamente carente, ao mesmo tempo. Afugentei as lembranças e sorri para os irmãos.

— Essa é uma história longa. Mas talvez vocês devam aprender a contestar as "verdades absolutas" que contam; a história sempre é contada pelos vencedores e eles conduzem a narrativa para apagar a verdade, principalmente seus defeitos. Apenas *crianças* tem o passe livre da ignorância. — Desafiei Freya, ao olhar diretamente para a jovem.

Ela tinha um pavio curto e, no segundo em que seus olhos passaram do castanho avelã para o dourado, transformei os meus e ouvi seus pensamentos. Odiava que a estivesse chamando de criança e duvidando da sua inteligência em uma só sentença; e, mesmo assim, não conseguisse deixar de se sentir atraída por mim.

Foi *muito difícil* não rir.

- Bom, se quiser saber a minha versão da verdade, basta perguntar.
- Você é mesmo "A Selene"? A *original*? Leif se interessou e saiu de trás da irmã mais velha. Ela tentou segurá-lo pelo braço, para não se aproximar, mas ele estapeou a mão dela. Freya! Ela não vai machucar a gente! Se quisesse, já estaríamos mortos.

Concordei, um sorriso falsamente acolhedor nos lábios, porém, estava realmente me divertindo com os irmãos caçulas de Drako.

- Você tem o quê, *dez mil anos*?! Leif perguntou e arregalou os olhos, talvez calculando a probabilidade de ser minha idade real.
- Só seis. Brinquei e o macho se sentou o mais distante de mim que conseguiu. A expressão surpresa dele arrancou-me uma risada e lancei outra onda de manipulação, para mantê-lo confortável e falante.
  Vem, Freya, senta aqui. Vamos conversar.
- Drako não gosta de você, não vamos ficar amiguinhas. Ergueu o queixo orgulhoso e seus olhos ainda estavam dourados, deixando a mente aberta para mim.

Mostrou-me as presas e deu um olhar de reprimenda no irmão mais novo, que se encolheu. Ela era resistente à manipulação, bom para ela. Já Leif não queria trair o irmão em seu ódio por mim, mas estava evidentemente curioso.

— Drako e eu temos problemas, que vamos ter que resolver, estamos ligados... — expliquei vagamente e os pensamentos dela

aceleraram, procurando respostas sem ter que me perguntar nada.

— Ele é um lobisomem agora... Você o fez comer *carne humana*?! Porque se fizer, nunca vão se resolver, ele vai te odiar para sempre! — Leif atirou, então ficou com medo do tanto de informação que me deu.

Foi então que os pensamentos de Freya urraram, quando deduziu o que eu realmente quis dizer.

"Chamado de sangue!" — A garota e sua loba pensaram em uníssono e sentiram um alívio tão imenso, que me deixaram confusa.

Então vi o motivo, como se estivesse na cena, junto com ela:

Drako com um séquito de fêmeas, rindo para elas, gracioso, sendo gentil e amigável. O oposto do que era comigo. Uma delas, alguns anos mais velha que Freya — uma loira morango, tímida e feminina — por quem a irmã de Drako era *apaixonada*, fazia parte dessa espécie de harém que rondava seu irmão mais velho.

Kendra era *o amor da vida* de Freya! E a filhote diante de mim tinha certeza de que jamais ficariam juntas. Agora que Drako tinha uma parceira, quisesse ou não, não conseguiria mais tocar na loira.

- Ele *sabe* que você a ama e, mesmo assim, leva a *sua fêmea* para cama?! Irritei-me pela irmã do alfa Blackthorn, o macho que tinha uma língua ferina para julgar, mas tinha esqueletos no armário.
- Ela *precisa* dele! A jovem correu para defendê-lo. Lealdade era rara e bela. E, ao menos com Drako, sei que nunca vai propor parceria, porque meu irmão odeia a obrigação da parceria! É mais seguro assim. Freya desviou o olhar de mim, então se deu conta: Você está lendo meus pensamentos?!
- Não consigo evitar, é parte de quem eu sou: uma Aesire, uma keepa. Essa parte os anciãos contaram, certo?
- Não! Leif mais uma vez falou e alisou a têmpora, como se pudesse sentir se eu estava lendo seus pensamentos. — Nós acreditávamos que Kamari fosse a única.

Bom, até onde se sabia, ela era. Tyre fez questão de espalhar a notícia da minha morte, mesmo sabendo que Julius e Mason o traíram e não me mataram.

— Aparentemente, os anciãos dos Blackthorn estão *escondendo* muitas coisas, não é mesmo? — ironizei e voltei a olhar para Freya, que começava a se desesperar com a possibilidade de Kendra escolher um parceiro, agora que não teria mais Drako. — Por que vocês não ficam juntas? É *proibido* por acaso? Seu clã é preconceituoso, além de alienado?

Não fazia ideia do porquê o dilema da filhote estava me incomodando, mas, se fosse intolerância, eu esfregaria isso na cara de Drako. E ainda estava borbulhando com o meu ciúme e o de Freya, acumulados nas lembranças dela daqueles dois juntos.

As memórias que a loba de Freya enviava estavam piorando as coisas: todas as múltiplas vezes em que ele saiu das festas com duas ou três fêmeas nos braços. A ânsia de Freya quando conseguia roubar beijos de Kendra, que tinha medo de que alguém descobrisse sobre as duas.

Tyrant eram brutais e tiranos malditos, mas *nem eles* eram preconceituosos com homossexualidade.

— Não! É só que não temos escolha... — Freya declarou, constrangida.

Consegui ler o que não me contou e vi para onde sua mente correu: o nojo que sentia de si mesma, quando precisava se deitar com machos por causa do período fértil, o Calor. Tinha ouvido falar sobre isso, algo que só acontecia com lupinas mortais: lobisomens ou metamorfas.

- Como assim "não têm escolha"?! Surpreendi-me.
- Precisamos ser montadas quando entramos no Calor ou viramos ferais! É necessidade básica! Não temos opção. Acha que eu gosto de ficar de quatro para um macho?! Freya ficou tão furiosa, tão *ultrajada*, que as unhas se transformaram em garras de pelagem cinzenta.

Vi em suas memórias o asco que sentia de si mesma depois de cada cio. Como usava um amigo, escondida no meio da floresta, e passava dias depois do fato trancada em casa, recebendo o carinho da família. A revolta dela fez mais e mais sentido.

Fúria escaldante fez todo meu corpo entrar em choque, cada nervo exposto, recebendo a descarga elétrica da Fúria. Levantei-me e abri a porta da cela, encarando Luna, que estava com as mãos nas grades de prata da cela no fim do corredor; a expressão pesarosa e culpada.

- Por que fez isso com elas? Seus Blackthorn não são seus *prediletos*? Por que, porra?!
  - É a *natureza* neles, não posso mexer nisso, é o equilíbrio.
- Freya não tem direito a "livre-arbítrio"? Não é esse o seu mantra para justificar suas atrocidades, Luna? Por que você está fazendo isso com ela, com todos eles?!
- Ela *tem escolhas*, Selene! Virar feral é uma escolha, virar imortal é outra. Freya e Kendra escolhem o terceiro caminho: suportar seus fardos. E eu sinto muito por isso, criança falou com Freya, que estava logo atrás de mim, os olhos cheios de água.
- Você é uma filha da puta! Quando te interessou, transformou um metamorfo; me deu poderes para compartilhar com meus filhos... Ou seja, você decide quando vai mexer no livre-arbítrio! Não me venha com essa cara de choro, se fazendo de coitadinha, culpada, que ninguém acredita!
- Todos vocês foram feitos para serem o equilíbrio perfeito entre humanidade e natureza. O cio é parte da natureza animal. Não posso mexer nisso, sem causar algum desequilíbrio. Estamos tentando corrigir o último, lembre-se disso. Minha mãe mudou a postura para uma de reprimenda, garantindo que me recordasse do motivo de tudo isso, o destino que ligava todos seus filhos.
- E Drako *nasceu* para ser seu! Não mexi no livre-arbítrio dele, só cumpri o destino. Pergunte aos irmãos, se não acredita em mim. Pergunte sobre a aparência do lobo dele, quando era um metamorfo.

Não precisei perguntar. As mãos de Freya sobre os lábios e os olhos arregalados foram tudo o que eu precisava saber. Então a loba dela me mostrou a forma lupina de Drako, antes de eu chegar na vida dele: um lobo negro com as patas completamente brancas.

A parte dele que tocava o solo, era branca, era minha. Um símbolo.

— Ele é um dos meus Aesire? Como essa criança que você roubou o corpo?!

Não me respondeu de imediato e não precisava. Meu cérebro desgovernou, feito um relógio com os ponteiros girando acelerados, e tentei calcular como, quando...?

— Eu e Jonah fizemos um acordo. Ele vagou sozinho, desde antes da Primeira Guerra, antes de Tyre te alcançar — Luna admitiu e, lendo meus pensamentos, continuou: — Esperei o momento em que Jonah realmente se submeteu, em que estava disposto a morrer, para dar a ele nova vida, uma nova missão. — Trancou o olhar no meu, a expressão piedosa parecia tão real nas feições daquela filhote que minha mãe possuiu. — Entenda, *alguns* dos meus *Aesir* podiam ser salvos, não estavam contaminados ainda. E eu os refiz, como metamorfos. Eles escolheram, *escolheram o equilíbrio*, como profetizei.

Puxei o ar em haustos, quase sufocando, como se não houvesse oxigênio suficiente. Cambaleei para trás com a informação que atirou no meu peito.

Não fomos *extintos*, ela os voltou contra mim e os fez escolherem *me abandonar*.

Tremia da cabeça aos pés. Vertigem me consumiu e meus ouvidos zuniram.

— Jonah assumiu a responsabilidade de liderá-los e garantir que não recairiam. Como você mesma disse, a história é contada pelos vencedores. Eles esqueceram... Olhei para trás, para os filhotes. Então para a mão humana de Freya e me lembrei de sua pata cinzenta. Os Blackthorn eram lobos negros ou cinzentos. *Cinza* era a mescla de preto e branco: Jonah e eu. Todos os metamorfos Blackthorn eram, em tese, meus também.

Luna roubou meus filhos!

Cólera me assolou. Voei na cela dela, perdendo a forma. Minhas patas hominídeas dobraram as barras de prata, até que eu pudesse passar entre elas, mas a deusa era veloz. Criou um campo de força ao redor de si e, a cada lanhada de minhas garras contra o domo de poder puro, era como se arranhasse um quadro negro.

O sibilo cortante fez meus ouvidos zunirem, o sangue pulsava furioso em minhas veias e não o ouvi se aproximar, até que tivesse passado os braços ao meu redor e me suspendido do chão.

— Me solta, Drako! — O peito dele subia e descia, colado em minhas costas, e o rosnado grave no pé do ouvido foi me amolecendo aos poucos.

O comando-alfa embutido ali era o mais forte que já havia sentido em toda minha existência. *Mais que Tyre*. A força intrínseca que esse macho possuía aumentava, a cada vez que o encontrava. Com ele ali, jamais conseguiria encostar em Luna. Precisava que parasse de protegêla.

— Você não vai machucar a Kamari! — urrou o comando e travei por um segundo, obediente.

Então recobrei os sentidos, lembrei de *quem era*, que não me submetia a macho algum, e lancei meus poderes de manipulação e telepatia. Sua mente era um vácuo, uma imagem chuviscada, microfonia. Luna não queria que eu soubesse o que ele pensava e o estava bloqueando.

Deusa maldita!

Urrei, bestial, minhas presas expostas, a pele fervente.

— Eu te implorei *por milênios* para me deixar ter outros filhos! Eu *implorei*! Você os roubou de mim!

O olhar piedoso e condescendente dela me fazia sentir diminuída.

— Você ainda não estava pronta, minha filha, *ainda não está*.

Debati-me no aperto de Drako, mas ele era fisicamente mais forte que eu e cada vez mais resistente à minha manipulação.

Porra!

Urrei e lanhei seus antebraços musculosos, arrancando sangue. Era um desafio ao seu ranking como alfa e que se fodesse se me mataria. Não me submeteria a ninguém, *nunca mais*! Parceria e chamado de sangue que fossem para o inferno. Estava pouco me lixando se ele era meu descendente ou não!

Eu queria *vingança*. Luna filha da puta!

— Se acalma, porra! — vociferou e me sacudiu, tentando me conter. Não conseguiu.

Carregou-me para fora da cela e virou na direção oposta de onde os irmãos dele estavam, trancando-nos em outra cela. Quando me soltou, virei de frente, empurrando seu peito com minhas patas hominídeas.

Ele cambaleou para trás, tamanha era minha ira, e suas costas colaram nas grades de prata. Ouvi o chiado de sua carne contra o metal: sândalo, cedro e desprezo, eram os aromas que entravam em meu olfato, não o de carne queimada.

## — Selene, para!

Ao ouvir o comando-alfa, ver seus olhos irados comigo, sem me dar o benefício da dúvida, soube que ele preferia a deusa. Jamais escolheria o meu lado ou tentaria me escutar. Minha carne contraiu e expandiu, concomitantemente.

Fúria!

Senti o estalo interno, como se minha alma partisse.

## **ONZE**



Drako Blackthorn

Selene estava possuída de ódio.

Acusou Luna de ter roubado os filhos dela. Mas imortais não tinham filhos, só descendentes transformados. Do que ela estava falando?

A lupina original perdeu a forma para a bestial em um milésimo de segundo, ainda mais veloz do que Axel. Suas roupas explodiram e a vi sobre as duas patas. Esplêndida e colérica. Uma lobisomem completamente branca, os pelos mais prateados que os de Kami.

As íris desapareceram, deixando apenas as pílulas largas de Fúria. As patas hominídeas eram mais delicadas que as minhas, mas, na forma bestial, ficava quase um metro mais alta do que eu na forma humana.

Permiti que a linha escaldante descesse pela minha espinha, cedendo a pele. Quando meu lobo saiu — bípede, onde ele era mais forte —, minha pelagem já era mais da metade branco-cinzenta.

Ele não aceitou o desafio de alfa que Selene lançou no ar, porém. Permitiu que ela o lanhasse, que arrancasse sangue e pintasse os pelos brancos no meu peitoral.

Ele estava pouco se fodendo para o ranking, só restava um pavor absurdo de ela se machucar, ou que ele a machucasse, enquanto se defendia. Tentou segurar os braços dela, mas a loba uivava e gania, extremamente angustiada e enfurecida.

A dor dela comprimia o peito dele e fazia que até eu a visse sob uma nova luz.

Que merda estava acontecendo?!

"A deusa mandou ajudar! Obedece!" — o lobo brigou comigo, como se aquilo justificasse sua passividade, diante do tanto de sangue que a parceira arrancava de nós.

*Não faço o que essa deusa manda!* — urrei com ele, em pensamento, e observei a cena feito um expectador.

Selene era experiente nas duas patas. Nossa diferença de altura na transformação era muito maior que na forma humana. Eu era mais de meio metro maior que ela, mas tal fato não a impediu de nada.

Segurou na grade atrás de mim, acima da minha cabeça, e saltou no ar, usando as pernas fortes para me empurrar contra as grades de prata novamente. Sibilei, quando suas garras fincaram em meu abdômen, mas, nem assim, meu lobo reagiu.

Chamava por ela, abria a mente, tentando contato, mas Selene não o ouviria, nem se quisesse, estava fora de si, em Fúria.

Não podia permitir que me machucasse, do contrário, meus irmãos e Kamari estariam desprotegidos nesse antro de caçadores. Tomei a pele de volta para a forma humana, e a dor dos cortes ficou exacerbada.

— Selene, para! Se você me matar, vai ser pior para você! — Senti que meus irmãos estavam do outro lado das grades, acompanhando o desenrolar da cena. — Vão para dentro da cela e fechem a porta!

Impostei tanto comando em meu tom, que os dois quase perderam as peles e colaram o queixo nos peitos, obedecendo-me prontamente.

Por puro reflexo, segurei o pescoço de Selene, antes que mordesse meu rosto e me matasse, da maneira que fez com aquele caçador, dias atrás. Estava descontrolada como Axel ficava.

Os pelos brancos em seu pescoço eram macios, seu hálito quente, com perfume de sálvia e sal marinho, invadiu meu olfato e meu corpo respondeu à proximidade da fêmea destinada a mim.

— Se acalma, *por favor* — pedi, modulando a voz para lhe dar escolha, soando menos hostil.

A loba rosnou, então pressionei sua entrada de ar e ela piscou algumas vezes, recobrando algum nível de sanidade. Tornou à forma humana, na mesma velocidade com a qual perdeu a pele. Seus pés ainda na minha barriga, sobre as feridas que cicatrizavam aceleradamente, muito mais velozes do que quando eu era um metamorfo.

O cheiro dela me invadiu, tensionando meus músculos, e Selene foi abrindo as pernas, envolvendo meu quadril. Minha mão ainda a segurava pelo pescoço e a cada lufada de ar, sentia a vibração na palma.

Acompanhei a progressão do seu ofego irado para o de desejo, que vinha em um pacote infernal de tesão: Calor, devassidão, encantamento. A ligação da parceria era irresistível, uma maldição!

Puxei-a para mim e Selene veio, cruzando os calcanhares na minha lombar e abraçando meu pescoço, enquanto eu invertia nossas posições e a imprensava nas grades. Ataquei sua boca, rasgando meus lábios nas presas delicadas e afiadas feito navalhas. Um beijo sangrento. Justamente o que representávamos na vida um do outro: um prazer sujo, uma corrupção imoral.

Seus mamilos intumescidos esfregaram em meu peitoral e o abdômen dela tremulou contra o meu. Sua boceta quente melou minha pele e a cabeça do meu pau latejou com a proximidade.

Subi a mão de seu pescoço para sua nuca e puxei o cabelo pesado, angulando o beijo da forma que eu queria, beijando-a com uma ânsia imensurável, como se ela fosse meu sustento. Seu gemido lânguido perpassou meus lábios, gutural e feminino. Gemidos simultâneos, dela e da loba.

Meu lobo ficou eriçado dentro de mim, comemorando a centelha de racionalidade que a loba dela havia conquistado com o ataque de Fúria que Selene teve. Havia *alguma coisa* ali.

Entretanto, perdi a capacidade de pensar, no instante em que a semideusa girou a língua quente na minha. Empurrei o quadril para cima, buscando por mais proximidade, encaixando a cabeça do meu pau na sua entrada.

— Sim, sim! — murmurou em meus lábios, descendo os beijos pela minha barba, meu pescoço.

Sugou e lambeu meu ponto de pulsação e senti sua lubrificação melar meu pau. As unhas delicadas arranhavam minha nuca e o couro cabeludo, enquanto beijava minha pele, sedenta, como se eu fosse sua última refeição.

Seu canal me convidava. Nossos corpos se moldavam um ao outro, conversando em uma língua esquecida, um chamado visceral, impossível de recusar. Jamais desejei uma fêmea da maneira como *necessitava* da minha parceira.

Guiei-a mais para baixo, até penetrá-la por completo e meu lobo explodiu num rosnado que atravessou meus lábios.

Minhas presas alongaram até ultrapassarem o lábio inferior, ao sentir suas paredes me comprimindo deliciosamente. Enterrei-me outra vez, sendo encoberto pela lubrificação, com um aroma incendiário. Meus olhos giraram nas órbitas e os grunhidos de prazer mesclavam-se aos gemidos agoniados dela.

Cada estocada lenta que arremetia dentro dela, entrando mais e mais, alargando-a para mim, fazia sua pulsação e temperatura aumentarem, numa espiral crescente de prazer imenso. Puxei o ar invertido, quando entrei completamente e seu canal me comprimiu. Pulsei dentro dela, jorrando pré-gozo.

— É isso que você quer, semideusa? — O tom de arrogância que eu esperava obter, ao usar o apelido debochado, soou como um elogio, uma apreciação.

E, porra! Ela era maravilhosa, fodidamente maravilhosa!

Selene amoleceu em meus braços, arqueando o pescoço longo para trás, rebolando com meu pau enterrado. Segurei suas nádegas, aumentando as investidas, completamente bestificado com o prazer dela, a maneira como estava entregue.

Essa fêmea nos meus braços não era a mesma que me chamou de "isso", que afirmou que eu seria seu brinquedo. Era outra. Uma que tinha dores imensas e era capaz de qualquer coisa para defender seus ideais.

Lambi a linha de sua clavícula, guiando-a para cima e para baixo, com as costas dela ainda queimando e se curando contra a prata. O cheiro ao nosso redor era de cio, mas eu sabia bem que não era. Não ainda. Éramos apenas nós.

Um deserto em alto mar, familiaridade ancestral, pertencimento, um sangue pulsando para o outro. Destino!

Odiaria essa sensação mais tarde, amargaria o deleite, como fiz nas últimas vinte e quatro horas, mas a aproveitaria e provaria. Neste momento, esqueci que a detestava, que ela me diminuía e tentava me manipular. Aqui, era minha, *malditamente minha*.

Deixei minhas presas rasparem sua pele imaculada. Selene não tinha nenhuma cicatriz de batalha como eu, nunca devia ter perdido nada na vida. Boa parte de mim teve orgulho dela, por ser extremamente forte, por não se submeter a ninguém e ser a melhor na merda que se propunha a ser.

Naquele segundo, passei a ser um de seus fodidos *adoradores*, que a veneravam e endeusavam.

A única diferença entre os outros e eu, era a maneira como Selene me correspondia. Seus olhos semicerrados, as pálpebras pesadas e as presas delicadas perfurando o próprio lábio inferior, até fazer seu sangue cheiroso escorrer no queixo. Selene estava vindo junto comigo, em adoração mútua.

Puta que pariu, linda pra caralho!

Segurei uma barra de prata atrás dela — sem me importar quando queimou minha mão — e estoquei forte e voraz, duro. O barulho da foda brutal reverberou ao nosso redor, deixando-me insano. Seu canal me comprimia com a mesma força com que eu socava o pau dentro dela.

Um desejo sombrio, que só podia ser pecado.

As íris prateadas focaram em mim e meu nome escapuliu de seus lábios sangrentos:

— *Draaaako*! — um murmúrio lânguido, esticado e agoniado, implorando por mais.

Não "alfa Blackthorn", nada degradante, como falou comigo na nossa primeira foda. Queria-a assim, exatamente assim, entregue e malemolente, escorrendo sobre mim feito água do mar.

Entregue só pra mim.

Puxei-a pela frente do pescoço, grudando nossas bocas. Completamente enterrado, deixei que me montasse e usasse como bem entendesse. Ondulou o quadril no meu pau, enquanto eu a beijava, esfomeado, perfurando minha língua em suas presas e pintando seus lábios, língua e céu da boca, com meu sangue.

Minha palma queimava na prata, mas não ardia mais que meu peito. Não era racional ou bonito, sequer real. Era essa merda de chamado de sangue, a manipulação da deusa; uma marca de gado em brasa, com o nome de Selene, queimando em meu peito. Uma tatuagem permanente sob a pele, que talvez ficasse evidente até por fora.

Soltei seus lábios para grunhir um gemido, ao sentir meu pau inchar. Antes de ficarmos presos, lambi dois dedos, pintando-os de saliva e sangue, e enfiei entre nossos corpos, buscando o clitóris inchado. Massageei-o, para vê-la se desfazer, antes que o nó a impedisse de se mexer.

Dessa vez, queria seu gozo escorrendo pelo meu pau, enquanto jorrava dentro dela.

— Sim, sim... ah! — gemeu, agoniada.

Suas pernas estremeceram e tensionaram em volta do meu quadril. O abdômen encovou, ao passo que toda a pele eriçou em um arrepio que fez os mamilos ficarem lindamente intumescidos.

— Está implorando, semideusa? — Arrastei as palavras com dificuldade, pois minhas presas estavam mais longas do que era acostumado. E a ânsia de enterrá-las em sua carne era indizível.

Não conseguiu me responder. Soltou meu pescoço, segurando nas grades acima de sua cabeça e girou o quadril no meu pau e nos dedos. O lábio superior retraiu, exibindo as presas pintadas com meu sangue. Soltou um gemido mudo, vibrando no fundo de sua garganta, que percorreu todo meu corpo.

Queria seu orgasmo, ser o dono dela por um instante.

Sorri, ao notar que perdia o ritmo e subia e descia no meu pau, descoordenada. Colei sua bunda na grade e estoquei feroz, enquanto podia, cada vez mais inchado e pronto para esporrar.

Seu baixo ventre encovou e ela segurou atrás da minha cabeça, embolando os dedos em meu cabelo, a ponto de machucar. Só me fez ficar mais voraz, endemoniado. Colou a boca na curva entre meu ombro e pescoço, buscando equilíbrio, recebendo a estimulação no clitóris intumescido e meu pau em sua boceta melada.

Gemeu contra minha pele, gozando e me espremendo tão forte que vi estrelas por detrás das pálpebras. O nó nos prendeu juntos e, só então, despejei minha porra dentro dela.

Selene cravou as presas na minha carne e a centelha de dor logo foi sublimada por prazer inenarrável.

Em um segundo, minha consciência voou para longe dali, levando-me para um deserto com areias brancas cintilantes e o céu estrelado com duas luas. Uma nova e uma crescente se justapunham; o sorriso invertido da lua dela iluminava a escuridão sombria da minha.

O céu azul profundo era clareado pela infinidade de estrelas cadentes, tão brilhantes, que quase me cegavam. Meu lobo, corria à minha frente. Banhado por aquele brilho imenso, ele parecia todo branco, sem nenhum pelo escuro.

Avançava em linha reta, desaparecendo no horizonte, enquanto eu me projetava junto com ele, como se estivéssemos ligados por cordas.

O lobo conhecia o caminho, eu que não sabia aonde chegaríamos. Mas não parecia que tinha opção. E, a bem da verdade, o êxtase frenético foi o mais arrebatador que havia sentido em toda a vida.

Aquele deserto era infinito, os brilhos das estrelas e da areia só aumentavam, iluminando a tudo, quase como se fosse dia. O cheiro de mar bravio, sálvia e o calor escaldante, adentravam minha pele, transformando-me em algo sem matéria.

Foi então que ouvi o som das ondas na arrebentação e um foco de luz, feito um holofote, a mostrou para mim. Não havia uma forma corpórea, só uma certeza de que era Selene, à frente de uma loba branca, adormecida.

Meu lobo tentou alcançá-las, meu meus pés fincaram na areia fervilhante, impedindo-nos de continuar, como se caminhássemos em areia movediça; cada passo que eu dava para frente, eram dois para trás. Então o cenário foi modificando para a floresta do meu Caern e ele estava em chamas.

A luz ao redor da minha parceira deixou de ser plácida, etérea, e se transformou em uma sirene vermelha. As chamas a consumiram e fui puxado na direção oposta, na velocidade da luz. Voltando à realidade.

Os alarmes do subsolo daquele prédio piscavam ao nosso redor. Ainda estávamos dentro da cela de prata, no subsolo do complexo dos caçadores. Aquele deserto foi um delírio.

Meu peito incendiou e a dor foi quase mais forte que a apreensão.

Selene ainda estava com as presas cravadas em mim, meu nó ainda nos prendia e ambos estávamos gozando, perdidos na névoa do clímax. Nem um segundo havia se passado, mas ela estava em perigo.

Meus irmãos e Kamari estavam em perigo!

Puxei o cabelo de Selene próximo da raiz, horrorizado com o fato de ter me mordido. Também ansioso com o que o alarme representava.

O complexo estava sob ataque!

E ela me mordeu, porra!

"Perigo! Proteger a parceira!" — meu lobo lamentou e meu pau desinchou, liberando-nos.

Desci-a de mim, vendo que não havia saído do estado de transe anterior. Seus lábios carnudos, manchados com meu sangue, estavam entreabertos e os olhos ainda reviravam nas órbitas, em êxtase.

Depositei minha mão em seu rosto, dando tapas suaves na sua bochecha, tentando trazê-la de volta ao presente.

## — Selene!

Segurei seu queixo, sacudindo-a, mas as íris completamente brancas, com as pupilas apertadas, provavam que estava fora de si. Conseguia sentir meu sangue escorrer do pescoço pelo peitoral, a prova cabal de que eu a pertencia a partir de agora e isso fez meus pensamentos descarrilharem:

Ela me mordeu!

Minha parceira destinada, a que eu detestava, tinha iniciado o elo da parceria...

Fez de propósito?! Impôs uma marca?!

E ainda estava em Fúria, não voltava a si! Puta merda!

Joguei-a sobre o ombro, ainda amolecida, segurando-a por trás das coxas. Seus braços penderam em minhas costas e desesperaram meu lobo, que ganiu, chamando a parceira dele, sem resposta.

Carreguei-a para a cela onde a deusa estava. Deitei Selene no catre e berrei, chamando meus irmãos. Afastei o cabelo castanho escuro do seu rosto e passei o polegar na sua boca, limpando meu sangue.

Freya e Leif entraram pelas barras tortas, que eu imaginava que tivesse sido Selene a destruir, na briga que interrompi.

— Eu vou protegê-los, é o que posso fazer, alfa. Não posso me meter na guerra, nem escolher lados. — A voz de Luna não combinava com o rosto doce de Kami. Mas, por mais que odiasse a deusa pelo que fez comigo, sabia que estava falando a verdade.

Ao menos neste momento.

- Se eles se machucarem... ameacei, fazendo um gesto de queixo na direção dos meus irmãos, mas a queimadura em meu peito, fez meu coração apertar, feito um ataque cardíaco, então desviei o olhar para Selene desacordada na cama fajuta.
- *Nenhum deles* vai se machucar, não hoje. Vai, alfa. Não é Axel quem está invadindo o prédio...

Merda! Tyrants!



Axel Blackthorn

Seis dias! Ela estava desaparecia há seis dias!

Fui e voltei de Rockwest, quase demoli o prédio de onde resgatamos Kal. Claro que eles abandonaram aquele posto, só as armadilhas de acônito ficaram e Bog quase morreu tentando me tirar de lá de dentro, antes que eu perdesse o controle.

Subi com Paul e Ivar até a porra do Alaska a procura, mas não encontramos nada! E ninguém tinha nenhuma pista, nenhum rastro.

Paul não tinha outra opção a não ser me seguir, o laço entre cria e criador era forte demais. Meu lobo ficava implorando que eu assumisse o problema e matasse o ex-caçador, pois ele não conseguia mais se ver matando o lobo marrom.

Só que, sem o ódio do lobo, meu lado racional vencia e, agora que eu sabia que Paul odiava a si mesmo na mesma intensidade que passeia vida inteira me odiando, fazia-me ser cruel.

Morte era misericórdia para Paul Reid, quer dizer, Paul *Axson* — descendente de Ax. Porra!

Olhei para a casa ao lado da minha, onde os dissidentes se amontoaram, enquanto não construíamos novas casas para acomodálos. Por mim, eles podiam ir viver nas montanhas, assim meu clã não se partiria ainda mais.

Depois que Layla conseguiu voltar à forma humana e que o acônito saiu de seu sistema, Kal recobrou algum autocontrole e estava fazendo as vezes de meu segundo beta, mediando minha relação com o bando, que estava cada vez mais cáustica. Ele me contou que os crescentes estavam irritadíssimos comigo; logo, os filhos da lua nova iam junto, porque era isso que eles faziam, promover o caos! Os minguantes estavam divididos e os filhos da lua cheia reafirmavam lealdade a mim sempre que podiam, pois queriam guerra tanto quanto eu.

Meu clã se partiria se eu permanecesse na tirania, mas que se fodesse! Os metamorfos eram uma obrigação que, cada dia mais, fazia eu me questionar se valiam o esforço. A maioria deles não se garantia em batalha, embora o orgulho os fizesse ir para a morte de cabeça erguida.

"Bando fraco, eu avisei." — meu lobo rosnou na minha mente.

Então se escondeu quando viu que Paul estava na varanda dos dissidentes, olhando diretamente para mim, o nojo estampado no rosto, duelando com a fodida adoração ao alfa.

Ouvi os passos dela se aproximando. Bogdan e Leah... e o fodido Paul, eram os únicos que se aproximavam de mim, ao menos tentando esconder a apreensão. Nem minha família escondia o medo.

— Você precisa comer, Ax — Leah parou na frente da minha varanda, olhando para o cenário atrás de mim, a casa ainda em escombros.

Seu olhar piedoso era amigável, mas eu não merecia essa merda. E não tinha tempo para a crise de consciência dela. Que dormisse e saísse de novo na busca junto dos cunhados de Drako: Bjorn e Luther!

Ira me carcomeu e meus punhos fecharam, fazendo-me descer alguns degraus. Vi o esforço hercúleo da fêmea para sustentar meu olhar e não vacilar com a aproximação. Uma fêmea gama, não era forte o suficiente para um macho como eu, um monstro!

Minha parceira era uma alfa! Kami *nunca* vacilava, sempre me encarava, questionava minhas ordens. Se ela estivesse aqui, eu não teria

perdido o meu caminho.

— Eu não quero comer, porra! Eu não quero respirar!

Observei a loira murchar os ombros e o que vi ali não era piedade, como Astrid direcionava a mim, e sim *compreensão*. Se tinha alguém que conseguia imaginar o que eu estava sentindo era Leah, a viúva.

- Como você faz isso? Como aguenta *não morrer*, quando o seu parceiro se foi?
- É exatamente isso, *eu aguento*. A gente aprende a respirar por cima da dor, aprende a entorpecer. O maxilar dela trincou e seus olhos se encheram de água.

Se eu fosse outro, choraria também, empatizaria com a dor dela, mas tudo o que senti foi ira.

Não quero entorpecer, prefiro a dor! — urrei e ela assentiu,
 compreendendo-me de uma maneira que só quem passou por isso podia. — Se a dor é tudo o que eu tenho para lembrar dela, eu quero!

Ao menos eu tinha a *certeza* da morte, caso Kamari não existisse mais. Ou a pegaria de volta, ou morreríamos juntos!

Uma comoção interrompeu nossa conversa, quando Mama Dee veio correndo na frente do seu séquito de filhas. Mouro, o pai de Drako, vinha logo atrás, tentando segurar a fêmea voluntariosa dele.

O pequeno grupo dobrou a esquina da última rua e o cheiro da fúria nele me atiçou feito gasolina em fogo. Várias cortinas foram afastadas nas casas da rua, o bando de fofoqueiros queria ver a confusão, mas não tinham coragem o suficiente para saírem de seus lares.

A loira grisalha vinha na frente do monte de irmãs de Drako, que tinham restado no Caern. Observei o grupo majoritariamente feminino. Atrás da mãe: Liv, Ingrid, Val, Yrsa e Siv; atrás delas, os machos que eram parceiros de alguma delas: Luther, Bjorn e Simon.

Mouro alcançou a parceira, mas não se atreveu a me olhar. Tentou dissuadir Dee de qualquer que fosse o discurso que ela tinha preparado.

Seu rosto branco estava tingido de vermelho, tamanha a ira dela contra mim e eu não fazia ideia do motivo.

— Eles sumiram! E a culpa é sua! — Mama Dee apontou o dedo na minha cara, gritando para todo o Caern ouvi-la.

Paul pulou a varanda da casa vizinha, correndo na minha direção, ao mesmo tempo em que Leah entrou na minha frente e espalmou meu peito, impedindo-me de fazer algo contra uma anciã do meu clã.

- Deirdre, se acalma e se afasta! Leah deu um comando nela, que a fêmea endemoniada não obedeceu, mesmo que a loira tivesse o ranking mais alto das fêmeas, depois de Kamari.
- Meus bebês foram pegos, porque *você* mandou que eles fossem atrás da sua parceira, sem se importar com o resto do bando.
- Leif e Freya? questionei e meu lobo ficou atento, erguendo as orelhas.

Paul entrou no meu campo de visão, virando uma parede humana e rosnou para afastar a família de Drako de mim. Eles o olharam com nojo e meu lobo riu do esforço do mais fraco em nos proteger. Eu sentia pena de Paul, preso a mim da mesma forma que eu estava a ele.

Só que, ao contrário do que ocorreria uma semana atrás, a notícia do desaparecimento dos filhotes me encheu de *esperança*; se os irmãos mais novos haviam sumido, viraram uma pista! Seguiríamos atrás do cheiro deles.

- Para onde eles foram? Eles são pistas, qual foi a missão deles, Leah?
- Não fui eu quem distribuiu as missões.
   Leah se aproximou e sussurrou, inutilmente, todos ali conseguiam escutá-la:
   Ao menos finja sentir pena dos filhotes. Eles não são iscas vivas.

Eram sim! E seu sumiço significava que eu estava um passo mais próximo de encontrar Kami. Quantos Blackthorn, dissidentes ou caçadores, fossem necessários sacrificar para recuperar minha Kami, era o preço que eu pagaria.

- Reúne todo mundo, vamos atrás deles! comandei Luther, que assentiu, juntando-se ao pai de Drako para afastar as fêmeas de mim.
- Não finja que se importa com meus filhos, alfa! Drako te seguiu por mais de quinze anos! Ele te considera um *irmão* e você o mataria para reaver a sua fêmea! Deirdre Blackthorn era corajosa, atacandome para defender suas crias.

Mas o pior, ela estava certa!

Ninguém estava seguro enquanto Kami não fosse encontrada!



Reuni-me com todos os Dissidentes, o grupo de elite que Luther gerenciava e os metamorfos mais fortes no salão comunal. Era para isso que o espaço vinha sendo utilizado há seis dias: um quartel general.

A separação entre os grupos era horrível de observar, principalmente quando o pavor dos metamorfos — que antes era recheado de compaixão para comigo —, agora vinha acompanhado por olhares acusatórios.

Eles me culpavam por Leif e Freya, dois membros jovens da matilha. E agora a mãe de Drako tinha três crias para se desesperar e, possivelmente, enlutar. Parte de mim compreendia a raiva deles, a maior parte, a vil, produzia os pensamentos impuros que aquela consciência brutal embrenhava em minha mente.

"Toda guerra tem baixas. E aqueles que morrem nela viram heróis ou mártires" — disse a voz profunda, ecoando dentro da caverna que havia virado o espaço vazio em meu peito, onde o laço da parceria costumava ficar.

Agora havia um vácuo, um buraco negro caótico, sugando-me para dentro.

- Alfa, por favor Luther pediu, colocando Liv, uma das *muitas* irmãs de Drako, atrás de si. Eu vou, sou leal a este clã, deito a minha vida se for preciso. Mas minha parceira tem que ficar e terminar de criar Maia, caso alguma coisa aconteça comigo.
- Se algo, de fato, acontecer com você, não vai fazer diferença onde ela estiver, não é mesmo?

Com a conexão forte entre os dois, mesmo ela sendo metamorfa, provavelmente morreria de qualquer forma. Leah era uma exceção, não uma regra. Mas Kal e Bog entraram na minha frente, pedindo-me calma com os olhares repreensivos.

Não sabia o que era pior, Bogdan se juntar com Kal para protegerem Luther de mim, ou Paul e Ivar se posicionarem nos meus flancos. Um imortal e um descendente de Vikran cobrindo minhas costas, enquanto os dois, que desejei que fossem meus betas-regentes, voltavam-se contra mim.

A vida tinha uma maneira irônica de cuspir na sua cara.

— Ela não tem experiência de caça ou nas comunidades humanas. Do que adianta Liv ir? — Kal racionalizou comigo.

"Escudo!" — Meu lobo praticamente moveu meus lábios, mas consegui trancá-lo lá dentro.

Suspirei, entediado, e assenti para Luther, que ficou agradecido, como se não enxergasse o óbvio.

Enquanto Luther começava a explicar para os demais a trilha que ele havia dado para Freya e Leif seguirem, até Winnipeg, Ivar me chamou para o lado de fora. Saí com ele, afastando-nos do campo de audição do restante do bando.

Como sempre acontecia, Paul veio atrás e ficou atento. Era notório na sua expressão que aquela era uma ação involuntária, que era o lobo dele liderando a relação, da mesma maneira que o meu vinha fazendo.

- Fica! rosnei o comando para ele, que obedeceu, mostrando os dentes.
- Isso me assusta. Nós precisamos conversar, *Lothson* Ivar falou, pingando sarcasmo.
- Não. Me. Chama. Assim! Segurei a frente da camisa de Ivar, minhas presas alongando progressivamente.

A pele fumegou e o sangue se tornou fogo líquido. Vapor condensava à minha volta ao ser chamado de "filho de Loth".

— Exatamente *isso aqui* — olhou para minha mão fechada em punho, rasgando sua camisa —, é o que me assusta. Você está perdendo para a besta. Seu pai foi pelo mesmo caminho. Quando o separaram da fêmea, ele enlouqueceu aos poucos, até ser tarde demais... até... — Os olhos pretos de Ivar desviaram para onde Paul estava parado, feito um dois de paus.

Ivar estava me dizendo o que eu achava que estava dizendo? Estava confirmando que *meu pai* matou os pais de Paul?

— Loth começou a nos reger pelo medo e não mais pelo respeito. Nós o amávamos, passamos séculos com ele. E, ao contrário do que vocês pensam, nem todos os imortais são malditos sanguinários, que matam qualquer um. A única diferença entre você e seu pai, neste momento, é que você ainda não *engoliu* a carne que decepou, Axel.

Olhei para Paul e me lembrei da forma como o garoto que ele foi se recordava daquele lobo monstruoso. Se aquele monstro era Loth, meu pai, ele não engoliu a carne do pai do ex-caçador.

Matou apenas pelo prazer.

- Todo o sangue que é derramado é cobrado depois. Eu sou um *ancião* do seu clã, você *deveria* me ouvir debochou e empurrou minha mão de seu peito, deixando para trás um rasgo que inutilizava a camisa.
- Foi Loth que... Fiz um gesto de cabeça na direção do Paul, deixando a pergunta no ar.

— Ninguém vai contar para o filhote ali. Não na minha parte do bando, pelo menos. Seus tios devem ter ligado dois com dois a essa altura. Lobos negros com pelos brancos são raros *agora*... não eram na minha época. Agora os Blackthorn são *cinzentos*.

O que ele queria dizer com isso?

Kamari tinha pelagem branca, mas era uma Blackthorn; e tinha Drako, que *sempre* teve as patas brancas. Loth tinha o peito branco...

Minha trilha de pensamento foi interrompida, quando o grupo começou a sair do salão pelo pátio de trás. Entendi que seja lá quais fossem as estratégias que eles tinham esquematizado para sair na busca, havia terminado. Estava pouco me fodendo, iria atrás de Kami, nem que fosse sozinho.

## **TREZE**



Drako Blackthorn

Transformei-me de volta na besta, desta vez meu lobo tinha um foco apenas, usar toda a nova força que havia recebido da deusa e *destruir* quem quer que estivesse ameaçando sua parceira.

Selene me mordeu. A conexão foi maravilhosa, mas não se assemelhava a nada do que os outros lobos conseguiam descrever. Era uma ferida exposta, ardia feito queimadura de prata, que não curava nunca, e me deixava um pouco fora de mim.

Todos os lupinos que eu conhecia descreviam a parceria como algo fantástico, miraculoso, uma *multiplicação*. A minha com Selene parecia que arrancava um pedaço, subtraía, ao invés de somar.

Corrompida. Nossa parceria era corrompida!

"Não!" — meu lobo urrou, em defesa da parceira pela qual estava apaixonado.

E seguiu em frente, feito um soldado obstinado, subindo as escadas para o primeiro piso do prédio. Quando escancarei a porta, vi a cena caótica.

O lugar ainda estava esvaziado, depois do meu ataque a eles menos de quarenta e oito horas atrás, algumas lâmpadas faltando nos buracos no teto, que fiz ao arremessar corpos para o alto. Sentia os lupinos disfarçados de humanos ali, à flor da pele, impedindo suas bestas de explodirem. Suportando o envenenamento da prata. Sem os poderes de Selene, que ainda estava fora de si no subsolo, o metal nas paredes enfraquecia a todos nós.

A eles mais que a mim, por algum motivo.

Quatro lobos bípedes, fulvos, dos Tyrant, haviam invadido o complexo pela porta da frente e estavam causando caos. Um deles foi abatido pelos caçadores, mas os outros desmembravam parte do esquadrão, dois, três por vez.

Só que para cada um que eles acertavam com rajadas de balas de prata ou acônito, outros dois entravam no lugar, os malditos eram como uma hidra. Não importava qual fosse a artilharia pesada que os Caçadores de Prata usassem, os Tyrant que vinham na sequência os eliminavam aos montes.

Urrei, chamando a atenção dos membros do clã vermelho para mim. E, quando os lobos fiéis a Selene entenderam que eu estava ali para lutar ao lado deles, pediram que o grupo humano recuasse.

Eu não daria conta de meia dúzia de lobos Tyrant sozinho. Mas levaria alguns comigo!

Foi quando os senti nos meus flancos: os brinquedinhos de Selene, Mason e Julius, transformados em lobos de pelo avermelhado. Não éramos do mesmo bando, não havia como me comunicar com eles, da forma que fazia com Bog e Ax, entretanto, a sinergia do objetivo em comum foi facilmente compreendida.

Fechei os dedos em garras, dando uma patada que arrancou o maxilar de um Tyrant inimigo, ao mesmo tempo em que os aliados de Selene avançaram em outros dois. Com eles rolando no chão, não conseguia discernir quem era quem, uma vez que as pelagens iam desde o cobre até um vermelho sangue antinatural.

Foquei no macho dilacerado na minha frente. E enfiei minhas garras em seu pescoço, para usá-lo como escudo, ao avançar em outro

Tyrant mais perto da entrada. O tiroteio reiniciou, mirando nos outros invasores e a batalha continuou.

Minhas presas tinham gosto metálico de podridão, do sangue dos imortais imundos. O sangue deles tinha sabor de carvão e putrefação.

Larguei o cadáver com a metade inferior do rosto decepada aos pés de uma dupla e lanhei o ar, ambas as mãos acertando um Tyrant e fazendo o outro se afastar. Tomei um chute nas costelas e meu lobo urrou de ódio, ao senti-las se partirem e comprimirem meus pulmões.

Acima da dor, a ira virou combustível. Não pude proteger Kamari, mas agora eu era infinitamente mais forte que daquela vez. Eles não invadiriam o complexo e chegariam perto dos meus irmãos e de Kami.

"Parceira!" — o lobo urrou comigo, como se eu a tivesse esquecido.

Enterrei a mão inteira na cavidade torácica do lobo fulvo diante de mim e esmaguei seu coração na minha pata, antes de arrancá-lo de seu peito. Segurei a carcaça pela nuca, usando aquele corpo como arma, ao lançar na direção do segundo Tyrant, que havia me chutado e quebrado minhas costelas.

Saltei sobre os dois, enterrando minhas garras no abdômen do que estava vivo ainda e rasguei a pele da sua barriga. Os órgãos internos saltaram para fora, sem os músculos para contê-los do lado de dentro.

Ele virou uma poça de sangue e intestinos no chão.

Mais três entraram, só que, desta vez, não eram mais apenas Julius e Mason que estavam transformados, revelando seus disfarces para os Caçadores de Prata. Outros cinco lupinos perderam suas formas para as betas e viraram um grupo misto: uma mescla de pelagens, dois marrons, outro fulvo e um cinzento — Blackthorn.

A conexão com esse foi imediata, mesmo que eu jamais o tivesse visto no Caern.

"Caçadores vão atirar em nós?" — Meu lobo enviou a mensagem para o dele, que não era nem de longe tão eloquente.

Negou com a cabeça para responder e me mostrou imagens de Selene fazendo algum tipo de lavagem cerebral neles com seus poderes, apagando suas memórias, em outras vezes que foi necessário fazer controle de danos como agora.

O ciúme que senti, da adoração que o outro macho Blackthorn tinha por ela em sua mente, enfureceu-me duplamente: com ele, por adorá-la feito uma deusa; e comigo, por me importar.

Com minha distração, recebi um rasgo desde o rosto até o peito, mas reagi a tempo de segurar a outra pata do Tyrant inimigo e quebrei seu punho, virando-o em um ângulo que, supostamente, não deveria ser possível.

Se eu havia feito, era possível, certo?

Eu e meu lobo rimos por dentro, ao mesmo tempo em que ele saía feito uma flecha disparada para matar. A dor das feridas incendiava minha raiva, o ciúme por esses machos e homens terem convivido com Selene por décadas, séculos, fodidos milênios, era o maior acelerador de incêndio que podia existir.

Pulei no ar e pisei no peito do Tyrant que retalhou minha cara, ainda o segurando pelo pulso quebrado, puxando o braço na direção contrária do corpo. Até que o braço soltou da articulação do ombro, desmembrando-o, como se fosse uma peça de encaixar.

Urrei, animalesco e vitorioso, vibrando pela sede de sangue. Usei aquele braço para acertar seu rosto. A ponta de osso que saía da carne sangrenta fincou na cavidade ocular do Tyrant aos meus pés.

Seu pelo cor de cobre tingiu de carmim. Agachei sobre ele e terminei de empalá-lo com o próprio braço, até que o osso atravessasse seu cérebro e ele se tornasse uma massa de espasmos moribundos.

Rugi um rosnado gutural que se assemelhava a uma risada caótica, ao ver diversos corpos de lobisomens Tyrant empilhados pelo grande salão, na entrada do prédio. Meu urro veio embrenhado de comando-alfa que empesteou o lugar feito veneno.

Todos os lobos reagiram em subserviência em algum nível: dobrando os pescoços, deitando um joelho no chão, perdendo a forma bípede para a de quatro patas. Nenhum deles era um alfa como eu, ou Selene, para resistirem ao comando e me desafiarem.

Julius foi o que mais demorou a se render, ainda mostrando as presas, mesmo quando seu queixo colou no peito.

Voltei à forma humana, sem temer que os caçadores que miravam em mim atirassem. Eles sabiam que eu era resistente ao acônito, tentaram da outra vez e não me derrubaram.

E, se tentassem com a prata, era melhor correrem, correrem pra caralho! Por mais que doesse feito uma vadia, prata não me derrubaria rápido o suficiente, antes que eu exterminasse essa dezena de humanos fracos.

— Cadê a Selene? Onde ela está? — Mason, o ruivo, foi o primeiro a voltar para a pele humana, acusando-me e avançando contra mim.

Meu lobo, retumbando um rosnado grave, garantiu que ele sequer conseguisse erguer o olhar para o meu.

## — Estou aqui!

Selene apareceu na porta que dava para o subsolo, claramente abatida, usando uma camisa masculina, que devia ter pegado em algum armário de uniforme dos caçadores lá embaixo.

Seu cabelo solto ainda tinha as marcas dos meus dedos, mas o que mais me surpreendeu foi ver que ela estava fumegando, como se fosse perder a pele outra vez. Ainda estava em Fúria?

Esticou o braço e a luz cegante, que emanou de sua palma, fez o que sobrou dos humanos despencarem feito moscas no chão. Cambaleou para frente e não consegui me impedir de dar um passo na sua direção, para ampará-la. Mas Julius foi mais veloz. Pegou-a nos braços, feito uma noiva humana.

Com os humanos desmaiados, os outros lupinos retomaram suas formas, dando as costas para mim e reunindo mesas para colocar a fêmea, que eles endeusavam, sobre o tampo. O pavor coletivo deles era o mesmo tipo que meu clã sentia quando um dos nossos se machucava.

Eles *eram* um bando, leais a ela. Havia honra, mesmo entre os imortais. Saíram de seus bandos e se uniram em um propósito. Caçadores de Prata caçavam *imortais*. Raramente vinham atrás dos Blackthorn. Mas todos ali também consumiam carne humana.

### Não fazia sentido!

Esses machos seguiam minha parceira por escolha, viviam sob o guarda-chuva de poder de Selene e, seja lá o que estava acontecendo com ela, significava que estava ferida de alguma forma.

Foi a mordida! Nossa parceria era amaldiçoada.

— Sel... — Mason alisou o cabelo dela, apavorado ao ver as íris prateadas rolarem nas órbitas.

Irritei-me com a ladainha do meu lobo, dizendo eu deveria me aproximar, que deveria cuidar da nossa fêmea e *prover*. Prover o quê, porra? Eu não tinha como curá-la, era ela quem tinha poderes! A primeira keepa, guardiã das graças de Luna.

## O que eu podia fazer?

Mantive-me parado, tentando concatenar algo, pensar em uma solução. A mordida fez isso com ela, mas caralho, eu não autorizei Selene a me morder, me marcar como dela! Ela fez porque estava fora de si, em Fúria, ou por que quis?

Meu pescoço ainda sangrava, cicatrizando em velocidade humana, porque ela não fechou as feridas com sua saliva. Todo meu corpo lutava contra mim, uma batalha perdida, porque a queimadura em meu peito se tornou insuportável, ao ponto de eu precisar encurvar para frente e me apoiar nos joelhos para conseguir respirar.

— Essa marca no seu pescoço é dela? — Julius jogou os dreads finos para trás dos ombros e caminhou na minha direção cheio de atitude. — Você é parceiro dela agora! Faz alguma coisa, porra!

— Não sei o que fazer, não sou um crescente, não sei nada sobre curar ninguém!

Por dentro meu lobo raspava as bordas da fronteira que o prendia dentro de mim. Uma ânsia de vômito infernal me carcomeu, de alguma forma, Selene estava me drenando. O que quer que fosse acontecer com ela, aconteceria comigo.

- Eu vou ficar bem, Julius. Selene voltou a si, ainda fraca, sugando minha energia para si. Que-queima esses corpos, estamos sem barreiras, eu... eu... só preciso de um instante para tomar fôlego, antes de consertar isso ofegou, fraca, os lábios pálidos. Eles só nos encontraram porque deixei as barreiras caírem.
- Você fez isso, Blackthorn, conserta! Mason apontou o dedo para a minha marca de parceria, como se eu tivesse arrancado os poderes de dentro de Selene.

Eu fiz isso?! Como?

"Pede a deusa!" — meu lobo implorou e rangi os dentes, porque era a única saída lógica para isso, mas odiava a ideia de pedir qualquer coisa à Luna.

— Vou levar ela lá pra baixo. A deusa está no corpo da fêmea que trouxeram comigo. Ela pode curar Selene, seja lá o que estiver acontecendo com ela. — Omiti a parte de que algo estava acontecendo comigo também.

Aproximei-me dela, deitada sobre duas mesas circulares, a pele castanha tão pálida me assustou. Seus olhos não ganhavam foco, por mais que ela me procurasse. Dentro de mim, havia um duelo imenso ao notar que estava fragilizada, embora ainda sendo adorada.

Ela era sobrenaturalmente bonita. O cabelo comprido espalhado, as coxas a mostra, escorrendo minha porra entre elas, para todos os machos ali sentirem o cheiro. Seu rosto ainda manchado com meu sangue e, então, os olhos apagaram, voltando ao castanho avermelhado que me consumia.

Engoli em seco e passei um braço em suas costas e o outro atrás de suas coxas. Ao carregá-la, senti o poder dela nos rondando, de uma forma desconexa, como se tivesse estilhaçado e se remontando aos poucos.

— Não pede nada a ela... Não quero a ajuda dela, Drako — insistiu, agoniada, debatendo-se sem força, tentando sair dos meus braços.

Chiei, ajeitando a pegada e colando-a contra meu peito. Por mais que odiasse o que faria agora, caminhei na direção das escadas, não dos elevadores. Não me importava se Selene me odiasse, o que eu odiava era me importar *com ela*.



Selene Aesire

Minha essência, tudo o que me compunha: consciência, poderes, crenças e vivências, estavam desconectados do meu corpo.

Enxergava um corredor escuro, múltiplas portas entreabertas, por onde névoa ominosa e gélida escapava, ao mesmo tempo em que me sugava. Cada porta uma versão de mim mesma, uma coleção de memórias e eras, meus múltiplos tempos de vida roubados.

A Selene que desafiava o percurso natural dos seres vivos: nascer, crescer, reproduzir e morrer, estava estilhaçada, desconectada.

Simultaneamente, a vibração do lobo, contido dentro do corpo de Drako, era um bálsamo. Não conseguia ouvir seus pensamentos, mas compreendia a mensagem naquele ganido: "Eu estou aqui, sinto a sua dor.".

Solidão era um estado. E não havia como lutar contra ele. Bastava seguir o percurso. "Respirar a vida como se não houvesse ninguém. Até que haja[4]".

Não estava mais sozinha... Solidão eterna foi um dos sacrifícios impostos a mim. E era cruel demais que, justamente no final, *ele* surgisse. Ainda mais dessa forma, manchada pelo ódio.

As passadas coordenadas do macho que me odiava, mas me carregava atenciosamente em seus braços, ninaram-me para a

semiconsciência. O calor do seu corpo passava uma sensação de segurança que não sentia, desde antes da maldição de Fenrir.

Drako era potência, sólido, uma montanha, formado pelo atrito, modificando o relevo do mundo. Modificando a mim. Não apenas seu corpo ou sua dominância — a qual me atravessava como um cobertor de proteção —, também seu caráter: rochoso, imutável.

Estávamos subindo ou descendo as escadas?

- Ela vai te odiar por isso, alfa Luna falou, cheia de pesar.
- Não me importo com o ódio dela. Faz alguma merda, conserta ela! A preocupação velada na voz de Drako e a mensagem do que proferiu: que estava pouco se importando com meu ódio, fizeram minha garganta arder.
- Essa é a *sua missão*, meu abençoado. Mesmo irônica, Luna ainda soava preocupada.
- Vai se foder! Não vou ser manipulado. Eu tenho escolha e não escolhi ela! Drako urrou com a deusa, defendendo a si mesmo.

A voz dele ecoou em minha consciência, escancarando as portas mais sombrias do corredor. Uma sombra nefasta começou a serpentear para fora dessas portas, soprando no ar, feito vento, uma noite eterna, o fim.

Mal tive tempo para processar aquilo, senti o calor do poder da deusa emanar em meu corpo e todas as portas se fecharam. Todas, menos uma. Para onde eu e a presença, quase fantasmagórica, atrás de mim seguiam.

Essa segunda presença não era obscura, era um sombra, um pedaço de mim, que havia se partido e não voltaria mais a encaixar. Outra consciência, caótica, animalesca, feral.

Abri os olhos e vi Drako pairando sobre mim, recortado pela luz quase cegante do poder de Luna. Os cabelos cor de mogno cascateando ao redor de seu rosto lindo, ganhavam um brilho vinho, com o halo sagrado do poder da deusa. As sobrancelhas vincadas no centro e os

olhos dourados demonstravam selvageria crua, preocupação, mas as narinas infladas e as presas alongadas, beliscando o lábio inferior, e a barba densa, delatavam sua frustração.

Aquilo me enfureceu, sua rejeição imensa era uma queimadura que me massacrava e eu não *deveria* sentir nada com isso.

- Eu te disse para não pedir nada a ela?! reclamei.
- Você preferia ficar fraca?! Eles não vão te seguir se não tiver mais poderes, *semi*deusa! Atacou-me com sua grosseria, apontando para cima, referindo-se aos meus caçadores.
- O ferro em brasa em minha garganta parecia real, quase perfurando minha traqueia.

Eu sabia disso!

Nem os humanos e muito menos os lupinos, iriam me seguir, se não fossem atraídos para mim, feito mariposas para a luz. A adoração e reverência que eu recebia não eram *por mim*, em si, eram pelo meu status: a ideia de Selene que todos tinham.

Ninguém *me conhecia*, ninguém olhava para mim como nada além de "uma tocada pela deusa", uma keepa, a amaldiçoada original, que foi destituída de seu clã. A imagem beatificada fazia homens inferiores dobrarem os joelhos, unindo-se a causa "dos injustiçados por Luna".

Foi o que atraiu Loth Blackthorn, quando precisou de ajuda.

Mas meu parceiro miserável se recusava a me reconhecer como qualquer coisa além de uma inimiga. Ele me julgava indigna e fazia sentir diminuída, sem nem tentar! Fazia com que eu ansiasse por um olhar cuidadoso, para que visse através da máscara e entendesse meus motivos.

"Eu tenho escolha e não escolhi ela!"

Drako era fiel a si mesmo e aos seus princípios. Infelizmente para ele, a escolha lhe foi roubada e ele nem sabia. Não me cabia convencê-lo do contrário, não faria diferença.

Vi a marca da minha mordida curada em seu pescoço. O poder de Luna selou a conexão entre nós. Não era como deveria ter sido feito, era para ser algo íntimo, uma entrega. Mas, outra vez, nada entre nós acontecia como deveria. Fiz com ele o que os machos faziam com Freya no seu período fértil: obriguei-o a me aceitar.

Franzi o cenho, incomodada com a presença de Luna, com o que fiz, selando o destino de Drako junto ao meu, ainda que me desprezasse.

— Já estou bem, pode ir, Drako — resmunguei, virando o rosto para o outro lado, recusando-me a olhá-lo partir.

Estalou a língua no céu da boca audivelmente e saiu de perto. Seu lobo gania, implorando que ficasse ao meu lado, mas Drako o ignorou. Seus passos habilidosos, afastando-se de mim, tinham sua assinatura, reconheceria sempre. E, a cada metro que se distanciava, sentia-o sob o esterno, enfiando a lâmina em brasas mais e mais profundo.

Instantes depois que a porta do subsolo fechou, sentei-me no catre dentro da cela de Luna. Farejei o ar e soube que Drako havia tirado os irmãos dali de baixo. Por mim tudo bem. Os filhotes não eram um problema e se ele os queria por perto, para cuidar deles, que os levasse.

— O que você quer em troca da sua ajuda, deusa? — Sequer a olhei ao questionar.

Tudo tinha um preço. Algum sacrifício a ser feito.

- Ainda não era a sua hora. Deu de ombro, tentando imprimir leveza na conversa tensa.
- Não, a minha hora só vai chegar quando você achar que eu posso morrer, não é, mãezinha? interrompi-a, rindo em escárnio, porque ao menos aquela parte do plano dela estava clara para mim há séculos. Mas não pense que vou gentilmente para a minha morte. Vou, mas vou levar quantos puder comigo! Incluindo o "seu abençoado"! Apontei para a porta no final do corredor, por onde Drako saiu.

Vê-la no corpo daquela filhote, que era em parte minha, dava-me ânsia de vômito. Metade de cada membro no clã que eu odiava me

pertencia. Eram descendentes dos meus descendentes. Luna os limpou da corrupção, mas os escondeu de mim!

- Que porra de castigo cruel é esse? Lágrimas de ódio escorreram em minhas faces e meus dedos apertaram-se na beirada do catre, entortando o metal. Eles estão vivos, eles *existem*! Você *me* apagou da história! Me deixou *sozinha*... Por que me odeia tanto?
- Não deixei e não odeio! Mas você ainda não estava pronta, ainda não está.
- Eu vou seguir o seu plano, porra! Mas não pense que estou aqui para corrigir os seus erros, suas *escolhas ruins*! Ninguém vai atingir essa utopia de perfeição que você deseja...

Lembrei de Loth, buscando-me para tentar salvar a cria dele do destino que Fenrir planejara com *ajuda* de Luna. Axel, o novo regente do clã, era o predestinado para ser o vaso do Caos e não tinha muita escolha. Precisava acontecer.

Entrei na memória, com um gosto amargo no fundo da garganta.

Décadas atrás, Loth Blackthorn encontrou meu antigo complexo em Rockwest, sozinho. E, mesmo com os sentidos nublados pela proteção dos meus poderes, atacou o prédio até que eu o subjugasse, colocando-o de joelhos com a manipulação de humor.

A imagem do alfa grandioso debatendo-se no chão, espumando pela boca, os olhos dourados cravados em mim, implorando por ajuda, jamais sairia da minha mente.

Apiedei-me dele e o permiti explicar o que queria. Então me contou sobre a traição dos deuses. Sobre Fenrir ter soprado em seu ouvido séculos antes, obrigando-o a cometer atrocidades, virar um imortal e se transformar em algo obscuro. Corrompendo-o, como fez com meus filhos.

Contou da traição de Luna, que ofereceu uma parceira para ele, uma "âncora de luz", e os deu uma cria amaldiçoada. O que Loth só descobriu quando o herdeiro nasceu. Ambos os deuses manipularam as

vidas dele e de sua fêmea, para gerar Axel. Luna queria o filhote para ser seu campeão Blackthorn, seu sacrifício.

Da mesma forma que queria a mim, Tyre e o que quer que tivesse restado de Vikran. Peças num xadrez perverso.

Loth confessou, aos prantos, que tentou *matar* o próprio filho assim que Axel nasceu, pois considerava um destino melhor do que era reservado à cria dele. Nisso eu o respeitava, o alfa tentou quebrar a roda, antes de ela começar a girar.

Infelizmente, o chamado de sangue maldito fez com que enlouquecesse. O distanciamento da parceira consumiu a sanidade de Loth, muito antes de conseguirmos cumprir o plano. Não pude fazer nada, não havia manipulação de humor ou telepatia suficientes para mudar o que o coração dele desejava.

Luna interrompeu minha divagação, respondendo ao que eu pensava:

- Loth te levou até a criança, ele cumpriu a sua parte no plano.
- Era para ele ter *transformado* os Reid, não ter matado dois deles e quase ter matado Paul. E sai da minha mente!
- Essa parte do plano foi corrigida, filha. O destino *sempre* vence. E quanto mais cedo compreender isso, melhor será!
- Você é uma filha da puta, sabe disso?! Usou Loth e a parceira, está usando Axel *e Drako*! Por que essa parceria? Por que enfiar ele na minha vida, já não sacrifiquei o suficiente?

Luna suspirou e baixou aqueles orbes branco-brilhantes fantasmagóricos.

— Eu não sou onisciente ou onipotente como pensa. O destino também me prende — admitiu, derrotada, e tentou se aproximar.

### Mentirosa!

Levantei-me do catre, cruzando os braços sobre os seios. O cheiro de Drako, impregnado na camisa que eu vestia, invadiu minhas narinas e

me deixou malditamente melancólica. Ela não apenas enfiou os meus preciosos Aesire naquele bando, *sem mim*, como me ligou eternamente a um Blackthorn.

A queimadura em meu peito parecia esburacar meu coração, partindo-o em dezenas de pedaços decepados, cauterizados a ferro e fogo.

— *Isso aqui* é crueldade. — Soquei meu peito e rosnei as palavras, acima do choro esganiçado. — Eu não precisava *disso*, não agora! — A visão nublou com as lágrimas ardidas.

O odor da minha mágoa sobrepujava o cheiro delicioso de Drako no algodão. O gosto de seu sangue: cedro e sândalo, ainda estava em minha língua; seu esperma escorria de dentro de mim, feito uma impressão digital. Minhas veias queimavam, contorcendo-se em si mesmas, gravetos em uma fogueira, estalando, partindo e virando cinzas.

- Todas as coisas precisam de equilíbrio, minha lua. Drako é o seu proferiu, naquele tom maternal enervante.
- *Eu* não sou o dele! Drako está condenado junto comigo e vai me odiar até o fim.
  - Veremos. Seu sorriso gracioso me enfureceu.

Mas não adiantava avançar nela, machucaria apenas Kamari, não Luna.

Saí da cela, limpando o rosto com as costas das mãos. Penteei meu cabelo com os dedos e parei no armário de suprimentos do subsolo, recolocando as vestes de Capitã Amaris, líder do grupo que criei para ser minha artilharia. O clã de desajustados movidos pelo ódio, que era tudo o que eu tinha para dar, por milênios.

Meus Caçadores de Prata. Humanos e lupinos que viviam para caçar lobisomens descontrolados. Para reparar os *meus erros* do passado, minha leniência com os filhos que perdiam o caminho, que se corrompiam.

Meus Aesir não estavam completamente destruídos, eles foram modificados, viraram *espinhos negros*. E ainda eram os prediletos de Luna, sob a nova forma.

Não podia matá-los, restava-me cumprir o meu destino.

E que Luna e Fenrir se fodessem!

## **QUINZE**



Drako Blackthorn

— Para de olhar para isso, Freya! — reclamei pela centésima vez, desde que os trouxe para o quarto comigo.

Minha irmã permanecia olhando, pasma, para as marcas dos dentes de Selene em meu pescoço. A marca da *posse* da semideusa sobre mim. Ou assim ela pensava.

Irritei-me, pois mesmo de banho tomado, seu cheiro estava entranhado em minhas narinas, nos meus dedos. Uma tentação infernal!

Porém, toda vez que fechava os olhos, lembrava-me do desgosto dela ao abrir os olhos e me ver dentro daquela cela. Enxergava-me como uma decepção. Quando notou as marcas que fez, *arrependeu-se*, não me considerava merecedor de carregar suas marcas.

Puta que pariu! Que maldição era essa?

"Não é! Volta!" — o lobo gania e lutava contra mim, querendo conferir se Selene estava bem.

Claro que estava! O fato de eu não conseguir farejar nada, além dos meus irmãos dentro do quarto comigo, era indicativo de que ela havia erguido suas barreiras outra vez.

 Você é um *lobisomem* agora! É o parceiro destinado da lupina original!
 O embevecimento na voz de Freya me irritou mais do que o lobo. Não tive tempo de refutar sua fala, porque o barulho do tiroteio alcançou meus ouvidos, mesmo sob o manto de poder de Selene, que nublada nossos sentidos.

Abri a porta e fui na frente, sendo seguido pelos meus irmãos caçulas. Virei para trás, soltando um rosnado que os fez parar e quase perderem a pele para os lobos. Ainda teria que aprender a dosar a hostilidade do comando-alfa com metamorfos.

Contra os lupinos que seguiam Selene, não me importei, e só parei quando todos eles curvaram os pescoços. Mas esses aqui eram *meus irmãos*, não meus inimigos.

— Desculpa. — Espalmei a mão no ar, pressionando o botão do elevador. — Vocês ficam aqui em cima. E, se qualquer pessoa entrar, mordam na garganta, ouviram?

Não fui hostil, mas não deixei margem para teimosia.

— E se for a Selene? — Leif questionou, cruzando os braços no peito, para evitar se encolher. O merdinha era linguarudo demais para a pouca dominância que tinha.

Fodidos filhos da lua cheia e essa valentia irritante!

— Ela não é sua amiga, porra! Fiquem longe dela!

Selene fez alguma *bruxaria* que fez meus irmãos ficarem encantados por ela. Falavam dela como se fosse *maravilhosa*. Freya ainda se sentia sexualmente atraída pela fêmea que foi destinada a mim e, agora, eu sentia na carne o que ela devia amargar quando Kendra se aproximava de mim. Mas para os metamorfos era diferente. Não era essa possessividade primitiva, era escolha.

Só que um chamado de sangue ia além do indivíduo, tirava o livre-arbítrio. Tudo o que eu abominava, embrulhado em um pacote de desgosto.

- Fiquem aqui em cima e obedeçam, porra!
- Você não é meu pai, nem é mais *meu beta*, saiu do bando por causa da Kamari! Freya me desafiou e me emputeci, mostrando as

presas para ela.

Ela e Leif se encolheram, andando de costas, de volta para o quarto. Estava virando Ax! Puta que pariu! Fui salvo pela porta do elevador se abrindo, Mason e Julius estavam dentro da caixa de metal. Rugi para que não ousassem descer no andar, perto dos meus irmãos.

— Sel pediu para te dar um aviso. São Blackthorn tentando invadir. Ela disse: "Se não quer que o seu clã se machuque, precisa mantê-los afastados". — Julius não se atreveu a erguer o olhar e, entre os dois seguidores de Selene, ele era o que eu odiava menos.

Selene estava me dando a oportunidade de *negociar*? Ela prometeu que mataria meu clã. O que havia mudado?

Entrei no elevador junto com eles, meu lobo rosnou tão alto com a proximidade dos machos que haviam passado milênios tocando em Selene, que o som atravessou meus lábios. Até chegarmos ao primeiro andar, eles quase perderam suas formas, pelo tanto de dominância hostil que me cercava.

Ao chegarmos no corredor, a cacofonia dos rosnados, trocados entre lobos Blackthorn e os membros lupinos dos Caçadores de Prata, atingiu meus ouvidos. O grande salão era um campo de batalha destruído, o chão ainda manchado com o sangue que derramei dos Tyrant que haviam invadido horas atrás.

Selene estava no meio de seus lobos, sendo protegida feito uma deusa, e projetava seu poder como um escudo, concentrada em manter os Blackthorn à distância. Mas a animosidade feral que emanava do lobisomem negro imenso, no centro da confusão, era nefasta.

Axel estava fora de si, muito mais alto e mais largo do que sempre foi, uma monstruosidade de lobo. Atrás dele, Bogdan, o lobo cinzachumbo que, nas quatro patas, tinha a mesma altura de Axel de pé.

Sabia que meus melhores amigos provavelmente sobreviveriam a um ataque do bando imortal, mas e os demais?

Reconheci o lobisomem que era Kal, com sua pelagem grisalha e Rulf, em um preto apagado, que brilhava cinzento. Também, Leah, Luther e Valkirie, minha irmã. O que me estarreceu, foi ver que à esquerda de Axel, onde antes eu ficava, agora tinha um lobo marrom, *um Lunari*, que não fazia ideia de quem era.

Atrás deles, vários metamorfos, família, companheiros de bando que morreriam, se eu não interviesse. Selene estava me dando a oportunidade de salvá-los, mas qual seria o preço?

— Não vai fazer nada, alfa Blackthorn? — Mason implicou, aproximando-se de mim para me incitar para a ação.

Ao ouvir o ruivo me chamar de "alfa", a atenção do lobo de Ax se voltou na minha direção. Corri até o meio dos dois grupos, virando de costas para os imortais, tentando fazer o lobo negro escutar, antes de agir.

Com ele na forma lupina, não tínhamos como nos conectar. Mas se eu me transformasse e Ax notasse o tanto de dominância que meu lobo possuía agora, tinha certeza de que ele perderia a cabeça.

A proteção de Selene foi ficando menos densa, empalidecendo, de certa forma, até se esvair.

— Ax, espera! — pedi, modulando a voz para não impor nenhuma centelha de comando-alfa.

Os Blackthorn atrás dele avançaram em formação de matilha, sentindo que tinham o caminho liberado para o ataque. Olhei sobre o ombro e vi Selene encarando-me com seus olhos castanho-avermelhados. Havia uma certa confiança implícita em sua expressão, na maneira como deu um breve passo para trás. Uma afirmação silenciosa de que aquele era um momento em que ela permitiria que eu liderasse a ação.

Uma alfa privilegiada não deveria ceder o comando assim... Axel jamais teria cedido controle a outro alfa, nem para proteger seu bando.

E que caralhos ela esperava de mim, porra?!

— Axel, vamos conversar primeiro! Não quero que ninguém se machuque.

O lobo negro sacudiu a cabeçorra animalesca e foi retrocedendo a transformação lentamente, ainda com os olhos transformados e as presas alongadas.

— Você tá *protegendo* eles?! — urrou para mim e uivos e rosnados baixinhos do meu clã preencheram o espaço. O bando de imortais foi se encolhendo às minhas costas.

A dominância de Axel era agressiva, caótica. Eu era acostumado, porém, agora que também era um alfa, meu lobo não se sentiu na obrigação de mostrar o pescoço, muito pelo contrário, injetou agressividade em minhas veias, transformando-me em um caldeirão prestes a entornar.

— Estou protegendo o *meu clã*! Você vai sair daqui ileso, *como sempre*, quem sempre se fode são os metamorfos! Eu estou protegendo eles! — Apontei para Luther, Bjorn, Leah e muitos outros que estavam atrás do regente Blackthorn.

Ao me ouvirem, impostando comando-alfa descontroladamente, os metamorfos ficaram claramente confusos, sacudindo suas cabeças e alguns até mostraram o pescoço para mim.

Axel notou e me mostrou as presas, por ousar dar comandos no bando dele.

— O que você pensa que está fazendo?! — rosnou, avançando na minha direção.

Nu, o corpo fumegando de ira, deu-me um encontrão de ombros, que me fez bambolear e dar um passo para trás. Meu lobo tomou o controle, rosnando de volta. Não se submeteria a Axel nunca mais, era o que o lobo urrava dentro da minha mente.

O odor pungente de ira múltipla, que brotava de nós dois, estava afetando ambas as matilhas. Urros e ganidos, uivos baixinhos e terror absoluto, formavam uma muralha tóxica ao nosso redor.

Meu lobo não chegava nem perto de arranhar o ódio implacável que Axel emanava, contudo, não havia mais controle. Olhando para Axel Blackthorn do meu ponto de vista atual, depois de saber que mandou meus irmãos caçulas em uma missão suicida para se beneficiar, não havia mais respeito.

Eu só não conseguia *odiar* Axel. Crescemos juntos, fomos melhores amigos por toda a infância. Antes de Bogdan se transformar, éramos só eu e Axel, eu sendo sua consciência, forçando suas barreiras, impregnando os valores que acreditava serem certos: livre-arbítrio, respeito aos mais fracos, comunidade acima de ranking.

Tentei mostrar a luz no fim do túnel, para que ele não perdesse para o monstro que vivia dentro de si; e aqui estava ele, provando-me errado.

Não havia conserto para perversidade.

Não o seguiria mais, ele não era um alfa que merecia ser meu líder.

Selene se colocou à minha direita, o poder dela de manipulação de humor veio feito uma navalha na testosterona que eu e meu antigo alfa emanávamos. Fez todos os outros relaxarem e alguns até retomaram as peles humanas.

— Não usa essa merda de poder em mim, porra! — Axel rosnou e esticou a mão em velocidade sobre-humana, como se fosse enforcar Selene.

Entrei na frente, em um impulso, e minha mão se transformou em uma pata peluda, branco-prateada, quando empurrei o braço de Ax para fora do caminho. Proteger a fêmea que havia sido destinada para mim, pela qual fui *amaldiçoado*, não foi um ato consciente, foi instintivo.

Os lobos do bando dos Caçadores de Prata entraram no nosso flanco e coloquei Selene atrás de mim. Estiquei o pescoço, expondo minha marca de parceria, para que Axel compreendesse o que eu não tinha coragem de falar:

"Selene é minha parceira".

Não conseguiria abrir a minha boca e proclamar minha posse sobre ela. Nem eu estava de acordo com nada disso. Porém, era a realidade do momento.

Bogdan foi mais veloz que eu, entrando na frente de Axel, em forma de lobo, empurrando-o para trás. Enquanto o antigo alfa estremecia de ódio, a pele visivelmente esticada, mal comportando seu lobo.

Quando Ax chegou para trás, o lobo marrom assumiu a frente, tentando olhar para Selene, atrás de mim. O rosnado dele era desrespeitoso, uma vez que ela era superior a ele em ranking e eu estava *bem aqui*.

Esse era um dos Dissidentes de Loth, que Axel abraçou no bando? Era a isso que meu clã se resumiria a partir de agora: um monte de fodidos que não respeitavam ninguém?

Rosnei, colocando o Lunari em seu lugar. Axel podia tolerar o desrespeito com a fêmea dele, eu não aceitaria com a minha.

— Drako... não, o filhote me conhece e tem mérito na raiva dele
— Selene ironizou. — Vejo que cumpriu seu destino, Paul Reid.

Paul? O caçador que era o humano de estimação de Kamari? Como ele virou um lobo? Tomou a pele humana de volta, como que para comprovar que era ele mesmo.

— Sua filha puta! Você é uma deles? Passou a vida inteira me *cultivando*, para me fazer virar um deles?! Eu preferia ter morrido!

No instante em que apontou o dedo na cara de Selene, perdi a minha merda. O lobo avançou na minha pele e moveu meus braços, segurando o macho loiro pela garganta. Uma unha minha se transformou em garra lentamente, furando sua carne. Se me movesse alguns milímetros a mais, perfuraria sua carótida.

— Cuidado com o que deseja, Lunari! Se prefere morrer, posso realizar seu desejo. — Mostrei as presas e meu braço foi trocando pele

por pelagem branca.

— Não! — Axel urrou, a voz dele e a de seu lobo juntos. — Ele é meu descendente!

O que?! Como? Axel não tinha veneno! Nenhum Blackthorn tinha! Que caralho estava acontecendo aqui?!

Empurrei Paul, socando seu plexo solar, para que ele se afastasse dela. Sabia que o ex-caçador provavelmente estava certo sobre a semideusa o ter usado. Selene enganava os caçadores, usando-os como fodidos pratos descartáveis em seu plano de vingança mórbido, porém, não conseguia, simplesmente *não conseguia*, permitir que a atacassem.

- Nós precisamos conversar, Axel. *Eu e você*! falei com meu antigo alfa.
- Vim buscar a minha parceira! Se tentar ficar no meu caminho, vou passar por cima de você.

Vi a frieza em seus olhos transformados da mesma cor dos meus. Aquele não era o Axel que foi meu amigo de infância, o alfa que eu passei dezesseis anos defendendo de si mesmo, impondo limites. Convencendo a se importar o suficiente por dois: ele e o lobo psicopata com quem dividia a alma.

— Tem algo que você precisa saber, Drako, *antes...* — Selene soprou, tentando inutilmente manter alguma privacidade.

Notei a forma como Axel e Paul a olhavam, com o mesmo desgosto e julgamento que eu sentia sobre tudo o que ela representava: imortal, amaldiçoada, corrompida.

"Minha!" — O lobo vociferou e não tive condições de protestar. Caralho!

## **DEZESSEIS**



Axel Blackthorn

Os cães imundos que viviam no meio dos Caçadores de Prata trouxeram roupas para o meu clã vestir. Drako garantiu que conversaríamos, mas antes foi falar com aquela fêmea maldita, que ordenou que Paul matasse Kamari, quando ela começou a dar sinais do gene lupino.

E foi justamente Paul quem se aproximou de mim, com aquela hostilidade que apresentava na forma humana. Seu lobo, contudo, duelava com o homem dentro dele, fazendo-o me buscar, como se eu devesse ser seu guia. Se era isso que esperava de mim, era melhor se preparar para a decepção.

— Ele foi mordido por ela, isso vai ser um *problema*. Seu amigo nunca mais será o mesmo.

Bogdan rosnou para a afirmação de Paul. Nós *sabíamos* disso, o que me irritava era que Paul também soubesse. O tanto que Kami era despreparada para ser uma lupina, que desconhecia nossos costumes, Paul Reid era o inverso. Ele sabia de coisas que até eu nunca tinha ouvido falar, principalmente sobre os hábitos dos imortais.

Paul seria uma excelente aquisição para o grupo de guerreiros dos Blackthorn, se os metamorfos o suportassem. O ex-caçador era altamente treinado em como *matar* lupinos. Então Ivar o tomou como

responsabilidade em meu lugar, mas Paul permanecia me perseguindo, feito uma sombra. Ainda que nós dois *odiássemos* a situação.

— Ninguém te perguntou merda nenhuma, caçador! — Bog atirou e lhe mostrou os dentes, fazendo Paul abaixar o pescoço para sua dominância.

Eu estava pouco me fodendo se Bogdan o atacasse, ia me livrar do problema. Felizmente para Paul, o grandalhão era justo e, por mais que não quisesse ouvir, sabia que tinha razão. Bastava olhar para o casal para compreender que algo havia mudado.

Drako murmurava monossílabos indiscerníveis, protegido por algum tipo de véu que nublava meus sentidos. Ele não tirava os olhos dela, nem por um instante, ainda que estivessem rodeados de um grupo altamente hostil.

— Drako, eu quero a minha parceira. *Agora*! — falei, por cima da cacofonia de rosnados baixos e murmúrios.

Havia *nós* e *eles*... e Drako estava do outro lado, junto com a parceira dele e aqueles imortais sujos. O que fizeram com meu ex-beta para trocar de lado desta maneira? Drako Blackthorn sempre foi um metamorfo orgulhoso, com a língua afiada para o julgamento, principalmente sobre a minha espécie.

O casal parou de se comunicar e virou para mim. A capitã dos caçadores fez meu sangue borbulhar com sua expressão de desdém e um sorriso maldoso nos lábios. Mas foram suas íris transformadas que chamaram minha atenção: pálidas, prateadas, como as de Kami, embora sem o anel dourado.

— Vamos descer, Ax. Ela... ela tá lá embaixo — Drako falou, sem olhar para mim, o maxilar trincado, encarando a fêmea dele.

Apesar de a ter defendido de mim e de Paul, não parecia que ele estava de acordo com a situação da parceria. Ela o *forçou*? Não funcionava assim para os metamorfos! E Drako era escorregadio.

"Não confie nele, está mentindo para você." — Aquela voz sombria soprou em meu ouvido.

Do outro lado espaço destruído, fedendo a sangue e putrefação, sentia o cheiro de hesitação no meu antigo beta. Drako estava *mentindo* para mim? Nunca foi um mentiroso. Era inteligente demais para provocar meu lobo desta maneira.

— Bog e Kal — Drako falou, modulando a voz para um comandoalfa.

Como ele conseguia fazer isso? A keepa dele o transformou em um alfa?

Drako foi na minha frente, na direção da porta que dava para o subsolo. À frente dele, aquela fêmea maldita que pagaria pelo que fez, de alguma maneira. Ela ser parceira de Drako a mantinha respirando, por enquanto. E, se precisasse, sacrificaria meu antigo beta para matá-la.

Nos meus flancos, Bogdan, Kaleb... *e Paul*. Por mais que não o quisesse perto de mim, ele conhecia o modus operandi dos caçadores; se Drako estivesse tentando nos levar para uma armadilha, Paul saberia.

Descemos os degraus para o subsolo, a fêmea abriu a porta para o corredor, indo na frente. O brilho das grades de prata das celas incomodou minha visão. Antes que passássemos pelo portal, meu exbeta parou.

 Preciso que você entenda quem realmente tem culpa nisso tudo, ok? — Drako falou, por cima do ombro.

Meu lobo avançou em minha pele com o tom que ele usou: desrespeitoso, dizendo-me o que fazer, exalando essa dominância visceral, que era quase um chamado para o desafio.

Desci o degrau, fazendo Drako virar de frente para mim, recusando-se a dar as costas para um predador. Na forma humana, ele era mais alto e mais pesado que eu, mas se eu perdesse a pele, com a minha nova forma, Drako não teria chances.

Ele estava tentando defender a fêmea maldita? Estava tentando eximi-la de culpa por ter sequestrado os dois? Que porra de lavagem cerebral haviam feito com ele?

— Sempre achei que você fosse inteligente, Drako, um erro que não vou cometer duas vezes — desdenhei e vi suas narinas alargarem, ao passo que seu odor ficou pungente de raiva.

O riso malicioso, de escárnio, moldou-se nos lábios dele; minhas presas alongadas perfuraram meu lábio e o sabor do meu sangue incitou ainda mais cólera. Ergueu as palmas no ar, em sinal de rendição, mas que, na realidade, era um deboche evidente. E saiu do meu campo de visão, deixando-me ver o corredor.

Meia dúzia de caçadores tinham armas em punho, mas as mantinham mirando o chão. A fêmea maldita que os liderava estava bem no centro, escondendo a figura de Kami.

Meu coração galopou no peito e o lobo avançou na fronteira, urrando pela fêmea dele, que *não estava lá*. Farejei o ar, em busca de me certificar de que não era uma ilusão, que era Kami ali.

— Controle o seu lobo, alfa-regente. Não vai gostar do que vai ver, mas ainda é cedo demais para perder o controle, ok? E, quando conseguir se controlar, precisamos conversar, isso aqui é muito maior que nós dois... — a Capitã dos Caçadores falou comigo.

A audácia dessa fêmea em lidar comigo com pouco-caso desafiador, o mesmo sorrisinho maldoso que o parceiro dela possuía e que aturei por uma vida inteira...

Foda-se! Não tinha absolutamente nada para falar com ela.

Senti as mãos de Kal e Bogdan em meus ombros, impedindo-me de avançar na parceira de Drako. Matá-la seria o mesmo que matar meu antigo beta. Só que, neste segundo, não me importava o suficiente para me conter.

Estapeei as mãos dos dois membros mais fortes do meu clã, atualmente, e me movi em transformação simultânea, pois não consegui

mais conter meu lobo. Precisava ver Kamari, tirá-la daquela prisão!

Minha pele foi trocada por pelagem negra, feito asas de corvo, e avancei em linha reta na direção da fêmea amaldiçoada! Tudo ao meu redor não passava de um borrão, minha visão afunilou em vermelho, um holofote voltado para o sorriso desdenhoso dela!

Foi tudo tão acelerado, que não o vi se transformar ou me alcançar, até que ele se colocasse tal qual um escudo daquela desgraçada! Um lobisomem com a pelagem mista, preta e branca, mais veloz que eu, segurou meus ombros, rosnando para mim.

"Ax! *Para*!" — conectou-se comigo mentalmente e rugiu um comando-alfa tão vigoroso que meu lobo ficou desnorteado, ao se chocar contra a parede de dominância de Drako.

Aquele fodido lobisomem, meio branco, meio preto, era Drako!

"Ele não é mais forte que você!" — A voz sombria incitou meu lobo para a batalha.

Adrenalina de caça bombeou, fazendo o buraco em meu peito latejar. A ausência de Kamari abria espaço para essa crueldade ilimitada. Abri minha boca, expondo as presas e fechei uma mordida na direção do rosto de Drako, sem sucesso. Lanhei seu peito, no entanto, mas ele não se moveu um milímetro e não se permitiu desafiar. Sequer me atacou de volta.

Empurrou-me, espalmando as patas no meu peito, curando-se em velocidade muito mais acelerada que a minha. Eu era mais forte, sim, mas Drako era mais veloz. E com a cura rápida, eu precisaria fazer o dobro de esforço para derrubá-lo e tirá-lo do caminho.

Segurei-o pela nuca, lançando seu corpo contra a cela do lado direito. A besta gigantesca derrubou alguns humanos e amassou as grades das celas vazias. Eu tinha nanossegundos de ação, antes que se recuperasse.

Voltei-me para frente, encontrando a fêmea com os olhos transformados em um branco tão pálido, que apenas suas íris

contrastavam com o globo ocular. Ao redor dela, um domo de energia reluzente, absurdamente poderoso, repelia-me e cegava. Arranhei as paredes de sua proteção, o som estridente de minhas garras raspando naquele escudo era tão alto, que os humanos caíram de joelhos protegendo os ouvidos.

Senti os braços peludos de Drako passando por baixo dos meus e me segurando em uma chave de braço. Debati-me, endemoniado, sendo abastecido de força caótica. Ódio era meu combustível. Todos aqueles corações batendo céleres pareciam tambores de guerra, anunciando a batalha brutal.

Impulsionei-me para trás, usando o corpo dele como alavanca. Pisei no domo de energia e girei no ar, em um salto mortal, até cair atrás de Drako, invertendo nossas posições. Ele soltou meus braços, mas, antes que se virasse para mim, pisei entre as omoplatas, empurrando-o para frente.

O lobo mesclado deu de cara na parede de poder de sua fêmea. Encerrei a nossa distância e o segurei pelo pescoço, fincando as garras em sua nuca, enquanto rugia, ordenando que parasse!

Drako não lutou de volta. O lobo dele se debatia para me enfrentar ou morrer lutando; nunca mais se deixaria dominar. Fixou os orbes dourados nos meus e a fêmea desfez o escudo, saindo de trás dele. *Ela* era meu alvo! Empurrei-o até as grades e então a vi:

#### Kamari!

Dor me atravessou feito lança, bem no vácuo onde nossa ligação costumava ficar. Ofeguei, minhas pernas ficaram gelatinosas e meu lobo ganiu em minha mente, clamando pela parceira dele. O monstro em mim estava de joelhos, querendo chorar, o humano lamentava vê-la daquela maneira.

Kami estava sentada sobre um catre fajuto, amassado. Usava a mesma roupa de quando a deixei no templo de Luna, quase uma semana atrás. Era minha culpa que estivesse atrás das grades, feito um animal. Se tivesse ficado com ela, nada disso teria acontecido! Eu merecia essa merda, não ela! Ela nunca!

— *Kami*... — voltei à forma humana, sem me importar com o que Drako faria comigo por ter arrancado sangue dele.

Segurei nas grades, a prata queimou minhas mãos, mas não me afastei. Dor era bem-vinda, o castigo merecido.

### Kamari estava aqui!

Não parecia estar ferida ou assustada. Seus olhos fechados indicavam serenidade. Traguei o ar, mas não senti lavanda e mel... Agonia me abateu e meus joelhos cederam. Drako, outra vez humano, foi quem me sustentou.

— *Não é ela*, irmão. Mantenha a calma. Não é culpa de Selene, não essa parte. Você precisa ouvi-la, para resolvermos isso, ok? — falou comigo, como se eu fosse um fodido filhote.

A condescendência dele, ainda defendendo aquela filha da puta, emputeceu-me. Empurrei-o, pois a última coisa que eu faria era ouvir a maldita que mandou Paul perseguir e vigiar Kami e, depois, matá-la!

Minha Kami abriu os olhos e observei seu rosto bonito se transformar em uma máscara irreconhecível. Eram seus olhos, seu rosto maravilhoso, mas *não era ela*!

 É Luna, ela está usando o corpo de Kami, desde antes de sairmos do Caern. A Deusa invadiu o corpo dela, Ax. Não foi Selene quem fez isso — Drako murmurou, chamando por uma racionalidade que eu não possuía mais.

Kaleb apareceu ao meu lado, também queimando as mãos nas grades, ao olhar para a filha. A angústia dele ampliava a minha. Luna estava *dentro* de Kamari? A deusa maldita roubou minha parceira?!

 $-N ilde{a}o!$  — berrei e arranquei as barras de prata do chão, até abrir passagem.

Meu lobo gania, envolto em um maremoto de dor da perda. Mas também me concedia toda sua força, para que eu chegasse até Kami. Precisávamos dela! — Não é ela, Axel! Você *precisa* se controlar! — Drako tentou me segurar, mas me esquivei e entrei na cela. Não queria mais ouvir. Fui até o corpo de Kamari e a segurei pelos ombros, com o máximo de cuidado que minha ira permitia. Abracei-a e funguei em seu cabelo, seu pescoço, sobre a minha marca. O cheiro não era dela.

Não me abraçou de volta, sequer se moveu, apenas me fitou com aqueles olhos fantasmagóricos, sem íris ou pupilas; mas que pareciam me seguir, ainda assim. Urrei, pressionando-a contra mim. Consumido pela saudade mórbida, que não ancorava em lugar nenhum.

Nossa parceria estava desconectada, voando no ar, feito cabos de aço partidos, enferrujando em velocidade acelerada, até me apodrecerem.

Meus olhos arderam, enevoados de lágrimas de ódio. Uma dor lancinante, que não era física me consumiu.

Por que essa fodida deusa me odiava?!

— Eu estava te aguardando, *parceiro* — Luna falou comigo.

Reconheci aquela voz, era a mesma que me mandou correr para fora do Caern e deixar Kamari sozinha. Uma voz feminina milenar, suave e nociva, em medidas iguais.

Aquela consciência sombria, que vinha me acompanhando desde que ascendi à regente, tomou forma humana, extracorpórea: uma capa negra me envolvendo, escurecendo o subsolo.

*Ele*, essa outra consciência, que agora eu compreendia que não era minha, tomou controle dos meus braços, movendo-me feito marionete. Desesperei-me, ao sentir a presença desse ser imenso me rodear e adentrar meus poros, até infectar cada célula do meu corpo.

O abraço terno que dava em Kamari se transformou em um aperto de morte, quase a sufocando. A lufada de ar que ela soltou, veio acompanhada de um gemido submisso, saudoso.

Minhas presas alongaram mais e a mordi na curva do ombro e pescoço.

O sabor do sangue dela não era o mesmo da minha Kami, mel e lavanda. Agora tinha sabor de ruína e destruição, poder cru e sublime. Sua carne macia passou a ser um vício e redenção, o pecado que cometeria e do qual jamais seria capaz de me redimir.

Eu e meu lobo viramos apenas um, liderados pela Fúria, até desaparecermos. Viramos outra coisa...

O caos que engoliria o mundo.

# PARTE II



### DEZESSETE



Drako Blackthorn

"É ele, Drako! É *Fenrir*!" — A voz mental de Selene adentrou meus pensamentos estarrecidos. A nota de pânico na voz rouca e melodiosa era uma que jamais acreditei que ela demonstraria.

Mas eu compreendia. Estávamos diante de uma profecia maligna se concretizando.

Selene foi breve em me explicar que Kamari era uma espécie de *vaso*, a forma corpórea que a deusa escolheu para ser sua no plano terreno. E que Axel era a mesma coisa para Fenrir. A semideusa não podia evitar a vinda de Luna, só se matasse Kamari. Por isso, foi até meu Caern.

Não gostei de saber do seu plano, mas compreendia. Não era exatamente fã da deusa que abusava da fé do meu clã.

Agora que Luna estava neste plano, só sairia quando quisesse, depois que Fenrir — o fodido parceiro da deusa — se libertasse. Era a única saída para libertar Kamari: o deus sombrio do caos *precisava* ser liberto. Pelo que Selene conseguiu me explicar, naquela conversa breve que tivemos.

O que eu não esperava era que, "libertar Fenrir", tivesse que ser assim!

A barba de Ax pingava sangue, *da Kami*, e uma cachoeira de carmesim escorria da mordida que Fenrir deu nela. Era assim que o deus do Caos se libertaria? Fazendo Axel *matar* a parceira? Matando *a própria* parceira?

Axel-Fenrir nos encarou por cima do ombro, os olhos completamente pretos eram um vácuo, emanavam uma sombra sinistra ao redor, formando uma espécie de máscara negra.

— *Nãããoooo*! — Paul urrou, lívido, e perdeu a pele para o lobo, avançando contra o deus maldito.

Kami estava desfalecida, acumulando uma poça de sangue gigantesca aos pés do amigo que cresceu junto comigo. Só que *não era* mais ele.

Axel *jamais* mataria Kamari, ela era a única que estava segura com seu lobo psicopata. Não, Ax não sorriria daquela maneira, com a boca coberta do sangue dela, *engolindo* sua carne.

Selene foi mais veloz que eu. Usou seu poder para paralisar o lobisomem marrom e o fez cair de joelhos, antes que encostasse em Fenrir. Não compreendi por que ela se meteu, mas sabia que o estava salvando de uma morte certa.

Nenhum de nós ousou se mover, enquanto o fodido ajeitava a pegada em Kamari, carregando-a nos braços. Os membros dela amolecidos e a pele empalidecendo progressivamente, com a hemorragia massiva, que manchava o vestido claro de uma forma macabra.

Não havia o que fazer. Se Selene pudesse curá-la, *talvez* desse tempo, mas Fenrir a mantinha consigo. Como se a protegesse e quisesse garantir sua morte, simultaneamente.

O tipo de dominância que o deus emanava não era nada que tivesse sentido antes. Não era uma compulsão, era uma *proibição*, sugava toda a força de vontade e livre-arbítrio.

No caos não há racionalidade, não há escolha. Só o fim de todas as coisas.

Em um piscar de olhos, eles desapareceram. Bogdan precisou voltar à forma humana para amparar Kaleb. O alfa que regeu meu clã durante toda minha vida, caiu de joelhos, ao lado da poça do sangue de sua única cria e a cena toda foi extremamente mórbida e deprimente.

— Eu não sabia... não sabia que seria *assim* quando ele se libertasse — Selene se lamentou, em um sussurro entristecido.

Estava visivelmente abalada, ao olhar para a dor de Kaleb. E meu coração voltou a bater, com aquela marca de queimadura que tinha o nome dela em meu peito. Seu perfume de sal marinho e sálvia foi manchado pela piedade. E, inconscientemente, aproximei-me dela.

Enfrentei Axel por ela, entrei na frente de um canhão prestes a explodir *por causa dela*. Era isso que a deusa queria dizer, quando falou que eu tinha que salvá-la? Era para deitar a minha vida por essa fêmea?

- Você me mandou *matar ela*, sua maldita! Paul a acusou e se levantou do chão, de volta à forma humana, a pele fumegante e o rosto banhado de lágrimas. Ela era... era *tudo* para mim! Meu criador *matou* a própria parceira! berrou, visivelmente perdido. Enfiou as mãos no cabelo loiro curto e puxou-o desde a raiz.
- Não foi *o Axel*! comecei a explicar e Bog olhou para trás, investigando-me por respostas, como se eu fosse maluco e não tivesse assistido o mesmo que ele.

Nem ele e nem Kal sabiam o que estava acontecendo. Para eles, Ax havia escolhido virar imortal, alimentando-se *de Kamari*!

O ultraje na expressão de Paul, quando me ouviu sair na defesa do novo regente, o "criador dele", era idêntico ao que Selene demonstrava ao falar com Luna. O tamanho da decepção dele deixava um fedor pungente no ar.

Para os metamorfos era diferente, nós tínhamos *pais*, não *criadores*. Não conseguia entender essa relação.

Antes que qualquer um dissesse alguma coisa, Paul saiu da cela, correndo para longe do grupo de caçadores, ainda atordoados com a cena. Selene estendeu a mão, para derrubá-lo outra vez, mas eu a impedi, segurando seu punho.

— Deixa ele ir embora. Ninguém deve ser obrigado a fazer qualquer coisa. Acho que você *entende.* — Tranquei nossos olhares e as íris prateadas reganharam a cor aos poucos, até chegarem no castanho-avermelhado.

Selene abriu a boca, como se fosse me dar uma resposta atravessada, mas voltou o olhar para Kaleb no chão. O alfa cobriu a boca com a mão trêmula, os dedos melados do sangue da cria dele, enquanto chorava copiosamente e urrava sua dor. O cheiro de Selene mudou do enfrentamento para compaixão.

Essa fêmea conhecia perda, acusou Luna de roubar seus filhos; estava empatizando com a dor de Kaleb Blackthorn, um alfa do clã que ela odiava. A dualidade da situação me deixou mexido. Odiava não entender, odiava querer que me explicasse... talvez até me convencesse de que eu estava errado a seu respeito.

— Nós precisamos conversar, Drako. Estou tentando *conversar* com você desde que chegou aqui... — ela me acusou.

Bogdan se levantou, escorando o braço de Kaleb, ainda atordoado, sobre os ombros. Meu clã estava sem o alfa-regente, o alfa anterior completamente fora de si. Imaginava o tamanho da decepção de Kal, ao ver o sobrinho, que ele criou como filho, escolhendo virar imortal dessa forma bárbara.

A cria dele foi morta na sua frente.

Os Blackthorn precisavam de mim, eu era um alfa agora. Não podia ser hipócrita e colocar os meus interesses, minhas necessidades, na frente do bando. Sempre fui severo ao julgar os líderes, agora que era um, tinha dever moral de *fazer e ser* melhor.

— Eu vou voltar para o Caern, meu bando precisa de mim. Eles estão sem regente, sem explicações... precisam de mim.

A traição no olhar de Selene me pegou desprevenido. Ela não podia esperar que eu a escolhesse, ao invés do meu clã. E sequer me queria, porra! Mordeu-me em Fúria, liderada pelo lado animal. Ou para estabelecer posse, não por mim. Não fui escolha dela em momento nenhum. Não era justo que pensasse que tinha direito de ficar ofendida por eu não a escolher.

- Se quiser, *você* tem espaço e segurança lá murmurei entredentes, deixando que ela completasse o pensamento: "por ser minha parceira".
- Você tem o seu bando para voltar, alfa Blackthorn, eu tenho o meu para remendar. Apontou para os humanos, que pareciam bonecos infláveis murchos, olhando-a, bestificados.
- O quanto de manipulação tá usando neles? Eles ainda são pessoas? — condenei a ação, irritado comigo mesmo por ter esperado algo diferente dela.

Ela era e fazia tudo que eu detestava! Esse controle do outro, a imposição, que os poderosos tinham sobre os mais fracos. Essa corrupção indigna era a mesma merda que os "descendentes de Jonah" impunham na vida dos metamorfos; o que as pequenas facções das luas faziam com a vida do meu clã.

Selene representava tudo o que eu mais julgava errado na porra da vida! A soberania do mais forte, injusta e imoral! Não podia vacilar nem um centímetro perto dessa fêmea!

- Isso realmente te importa? questionou-me, séria, estudando meu rosto e buscando por algo que eu estava pouco me fodendo em lhe mostrar.
- Não. Fui seco e outro olhar traído dela me enfureceu. Ri em escárnio. Dei as costas para ela, dirigindo-me a um caçador tremendo de puro pavor. — Precisamos de roupas.

Julius e Mason desceram as escadas, vindo atrás da líder, a "deusa deles": Selene Aesire, a lupina original, que mantinha todos ao redor de seus dedos, para usá-los como brinquedos.

— Sel, aconteceu? Ele veio? O Reid fugiu, quais são as ordens? — Julius questionou e não consegui conter o rosnado por escutá-lo falando com ela íntimo, feito um amante.

Precisava sair daqui, deixá-la para trás e fazer o que era necessário.

— Bog, Kal, vamos embora daqui! Freya e Leif estão na cobertura, eu vou buscá-los — comandei e fui obedecido por eles.

Segui o caçador até um armário de suprimentos com uniformes. Peguei três calças grandes e atirei para os meus companheiros de bando, vestindo-me.

Os olhos se Selene não saíam de cima de mim, da *minha marca*. Estaríamos ligados para sempre e tinha certeza de que nos procuraríamos a vida inteira, por causa dessa ligação maldita, mas eu tentaria, *tentaria muito*, resistir o máximo que conseguisse.

Quando ela entrasse no Calor, teria que vir atrás de mim. Enquanto isso, viveria a sua vida e eu a minha. Não seria controlado pela deusa.

Com Kami morta, Luna não estava mais no plano terreno, certo? Mas se ela realmente morreu, por que Fenrir levou o corpo?

E se Kami não estava morta, tínhamos que encontrá-la, ela e Ax!



Freya e Leif foram até Luther e Bjorn — parceiros de Liv e Siv, respectivamente, outras irmãs minhas. Logo atrás deles, Val, minha irmã do meio, de quem eu era mais próximo, veio diretamente para mim. As olheiras sob os olhos demonstravam a preocupação, que fingia não ter por nada na vida.

Éramos dois filhos da lua nova e tínhamos temperamento semelhante, por isso, a gente se bicava a porra do tempo todo, mas nos

entendíamos sem palavras. Por muitas vezes, defendíamos um ao outro dos ataques de Mama Dee, sobre já termos passado da idade de acasalamento. Val era como eu: "escolhia não escolher", não se sujeitar às regras apenas "porque sim"; e era a maior predadora de machos do Caern Blackthorn.

Ainda que eu fosse o mais velho e tivéssemos uma diferença de idade de oito anos, Valkirie era minha predileta.

— Você tá bem? — Val segurou meu pescoço, empurrando meu cabelo para trás e puxou um sibilo invertido, ao ver a marca de parceria.

Imediatamente, calculou que a marca havia sido *forçada*. Franziu o cenho e torceu o bico. A marca *foi forçada*, de certa forma. Ainda assim, odiei a piedade no olhar castanho de Valkirie. Porém, o que mais odiei foi ouvir o rosnado de Selene do outro lado do salão destruído, e o tanto que a possessividade e o ciúme dela mexiam comigo.

- Foi *ela* quem fez isso em você?! Minha irmã arregalou os olhos, de forma maníaca. Apontando o dedo na direção de Selene.
  - Val, não se mete!
  - O caralho que não!

Val era estourada demais para o meu gosto! Fintou-me, usandose da velocidade de sua loba e enfrentou Selene à distância. Passei meu braço em sua cintura magra, o cabelo castanho mogno chicoteou no meu rosto e tive vontade de rir, ao senti-la tremendo de raiva, feito um pinscher.

- Me solta!
- Val! resmunguei, estalando a língua no céu da boca, e olhei para Selene, pedindo que não fizesse nada contra minha irmã, que a semideusa não sabia quem era.

As íris transformadas de Selene estavam focadas no meu antebraço, envolvendo a cintura de Valkirie. Meu lobo ficou alucinado, ao ouvir os uivos da parceira dele dentro da Aesire.

Estava acontecendo, uma imortal estava dividindo as almas.

O que isso queria dizer para nós dois?

"Parceira!" — meu lobo ficou eufórico, praticamente me puxando na direção de Selene.

Engoli em seco e soltei Val, segurando-a pelo antebraço. Odiava me sentir compelido a me explicar com uma fêmea que eu não queria. *Ela* não era nada, além de uma imposição divina; e, aparentemente, decidiu que havia acabado comigo. Marcou, usou e fez de mim o brinquedo que queria.

— Você não pode contra ela, ela é mais forte. Respira — sussurrei para minha irmã valentona e percebi que tinha ganhado a atenção de todos ali. Humilhado, ergui a voz e expliquei: — Foi um chamado de sangue. Ninguém *forçou* ninguém — menti, em defesa de Selene, outra vez.

### Porra!

Apertei o pulso de Valkirie e a empurrei na direção de Bogdan, que era acostumado a lidar com ela — até demais, para o meu gosto. Mas quem era eu para falar das merdas de alguém? Ainda bem que Malena não estava aqui, porque o gigante passou o braço ao redor da cintura da minha irmã e a carregou para longe de Selene, literalmente.

Fui até a parceira que era para ser minha e fiz um gesto de cabeça, chamando-a para o canto, tentando nos dar alguma privacidade. Selene se aproximou e ergui a sobrancelha, indicando que queria que ela fizesse a merda que fazia, que nublava os sentidos dos lupinos e nos camuflava.

Foi o que fez quando Axel estava aqui, quando me contou sobre o destino do outro casal.

— Já pode falar, nenhum deles irá te ouvir — disse, e ergueu o queixo orgulhoso, vibrando possessividade e ciúme, que jamais admitiria sentir.

Não era opcional e era, de fato, um castigo merecido, para fazê-la descer de seu pedestal.

- É minha irmã. Foi a primeira merda que saltou dos meus lábios. Rangi os dentes, enfurecido com o rompante. Selene me deu um sorriso presunçoso, relaxando e emanando uma presunção irritante. Quando você estiver no Calor, sabe onde me encontrar... *Se quiser* adicionei, para não parecer que estava pedindo nada a ela.
  - Eu não tenho *Calor*! cuspiu verbalmente, enojada.

Não fazia ideia se o nojo em sua face era a ideia de ser servida por mim ou qualquer outra coisa. Farejei o ar e senti o aroma picante: sal marinho e sálvia, sexo e *cio...* O meu gozo ainda escorria de sua boceta e ela estava, definitivamente, entrando no Calor.

### Puta que pariu!

- Qualquer macho consegue servir uma fêmea em um cio. Mas eu sou... bufei, não querendo proferir as palavras: "seu parceiro". Eu sou a melhor opção *para resolver o seu*.
- A soberba dos machos! debochou, como quem queria me colocar no meu lugar. Acha que preciso *de você* para...
- Essa merda que *você fez* no meu pescoço é o que diz isso, semideusa, não eu! interrompi-a e apontei para a marca, sem querer encostar na pele. Quem é que não sabe porra nenhuma sobre a vida lupina agora?

Meus olhos transformaram, emanando dominância, ao imaginá-la sendo montada no cio por outro macho. Selene arfou, ampliando o cheiro do seu Calor. Caralho!

Não deveria deixá-la ao redor desse bando de machos, que cortariam os próprios pulsos só para levá-la para cama, quanto mais para servi-la. Mas *não iria* atrás dela feito um cachorro e não imploraria para que viesse comigo.

Selene Aesire tinha a própria agenda de objetivos de vida e disse, explicitamente, que eu não fazia parte dela. Foda-se, então!

Além do mais, era um favor que tomasse a decisão por nós dois. Porque o meu lobo fodido estava choramingando e me eviscerando por dentro, só com a ideia de deixá-la. A loba dela também não estava indiferente, ganindo descontrolada.

- Os Tyrant já descobriram essa localização, não pode ficar aqui. Luna não está mais *no prédio...* ironizei e cruzei os braços no peito, pois eles formigavam para segurá-la, jogar sobre meu ombro e a obrigar a vir comigo. Ela não vai poder te curar e eu...
- Não preciso de *proteção* de um macho, Blackthorn! cortoume, com um tom de desprezo, mas seus olhos prateados aguaram.

Ela me confundia pra caralho! O que queria de mim, porra?!

"Fica!" — Meu lobo se intrometeu e fez a marca arder.

Sabia que não precisava *de mim* para porra nenhuma. Os Aesire tinham múltiplos poderes e ela conseguiu se defender dos ataques de Axel, o problema era que os poderes dela estavam decaindo, notoriamente, em comparação ao que eram alguns dias atrás. E eu não deveria me preocupar. *Não deveria*!

Ela tinha um batalhão atrás de si. Eu era só mais um corpo para cair morto.

— Faz o que quiser. Eu disse o que precisava dizer, — Virei de costas, mas a barreira que impôs não era apenas para os sentidos, aprisionou-me dentro do domo, junto com ela. — *Você* ainda não disse que o tinha para dizer... é essa a sua forma de me mostrar a coleira, semideusa?

Rosnei, enfurecido que estivesse usando seus poderes contra mim, como fez na primeira vez que nos vimos, também durante a primeira vez que entrei nela. Se Selene gostava de machos submissos, era só mais uma prova de que não servíamos juntos e que nossa parceria foi uma escolha malfeita.

— Eu tenho coisas importantes para fazer, Blackthorn, mas nossos destinos estão amarrados. Então *se cuida*, do contrário vai me matar junto. E... não *forcei* a marca em você de propósito, eu estava em Fúria. Não é uma desculpa, é só um fato.

Era o melhor pedido de desculpas que receberia de uma fodida semideusa cheia de privilégios, que se considerava melhor que aqueles que a seguiam. Não a dignei com uma resposta e ela me deixou sair.

Do lado de fora do prédio, olhei para a fachada espelhada, até chegar na cobertura e imaginei se ela continuaria ali dentro, à mercê de ataques dos Tyrant; com seus Caçadores de Prata humanos e lupinos, sendo *venerada*.

Val segurou minha mão, puxando-me de volta para a realidade: meu clã, minha família, a vida que eu *escolhi* ter. Precisava ajudar meu bando a colar os cacos e se preparar para a guerra.

Eu e Selene fomos um erro do destino, nada mais.

# **DEZOITO**



Drako Blackthorn

Dentro do SUV, com apenas nós três; Bogdan e Val tentavam manter o clima leve na viagem longa, rindo e implicando um com o outro, como velhos amigos. Eu não conseguia participar, nem desfazer o nó em meu estômago.

Kamari estava *viva*, tinha que estar!

Fenrir não levaria um *cadáver* consigo. Não fazia sentido.

Os olhos pretos de Ax me assombravam e não consegui descansar, nem depois que Valkirie apagou no banco de trás. Bog dirigia, esfregando a cabeça raspada de tempos em tempos, certamente revivendo o mesmo pesadelo que eu.

Fomos betas de Ax por mais de uma década. Ver o alfa que temíamos e amávamos, na mesma medida, transformar-se *naquilo*, era o pior pesadelo de um beta. Alfas lideravam o bando, betas mantinham o alfa em cheque, faziam-no manter a cabeça no lugar.

Bogdan era o suporte incondicional, os olhos e ouvidos de Ax; eu era o desafio, a sombra que o fazia se questionar e comedir suas ações, sua fodida *consciência*. Então, a responsabilidade por ele ter se corrompido era uma marretada em meu peito.

Aquele Axel fora de si parecia uma profecia de destruição concretizada. Sempre soubemos o que ele *poderia* virar, se perdesse

para o lobo. E ele perdeu.

Selene afirmou que *precisava* acontecer, mas não teve tempo de me explicar os porquês. E eu não conseguia discernir se minha vontade de voltar para Winnipeg era para obter as respostas que recusei ou se era vontade de vê-la.

Fugi dela ou vim socorrer meu bando?

Eram eles quem precisavam de mim ou eu quem precisava deles?

— Não foi *o Axel*, Bog, ele... Eu estava lá quando vocês correram na ascensão do Ax. Kami nunca voltou ao normal, o tempo inteiro que eu estive naquele lugar, era a deusa Luna no corpo dela.

Bog perdeu a direção, sacudindo o carro e acordando Valkirie.

- Filho da puta! Val resmungou e estendi a mão para trás, apertando o joelho dela para acalmá-la de ser acordada no susto.
- Kamari é meio que "o corpo da Luna" no plano das coisas *vivas...* e Ax... merda! Ax é o corpo do *Fenrir*.

Bogdan desviou o olhar da pista, virando-se para mim com uma expressão surpresa e soltou um:

- *Que porra*?! Explica isso direito!
- Aquilo que a gente viu lá embaixo, *aquilo* não era o Axel! E eu acho... na verdade, é meio que uma *certeza* borbulhando no meu sangue, que Kamari tá viva. Da mesma forma que eu soube que ela era minha alfa, a porra da *necessidade* que o meu lobo tinha dela... Eu tenho alguma espécie de conexão com a Kamari, por causa da Selene. Eu sinto aqui, que a Kami tá viva! Soquei meu peito, que ardia como se tivesse uma fornalha dentro dele.

Só de falar o nome *dela*, meu lobo voltou a me retalhar por dentro, furioso comigo por ter saído de perto da parceira dele.

— Selene, a *sua parceira*? — Bog testou as palavras e eu rangi os dentes ao ouvi-las.

"Parceira!" — o lobo rosnou, brigando comigo, como nunca fez.

— Ela é "A Selene", aquela Selene — expliquei o que eles não tinham compreendido.

Obviamente, sendo a original, o nome dela era comum entre as lupinas que queriam homenagear a fodida semideusa. Logo, havia sempre uma "Selene", "Selena", "Seline", a cada geração de crias no Caern Blackthorn. O *nome* era comum, minha parceira que não era.

Bog freou o carro tão bruscamente, que quase bati a porra da testa no vidro. Val xingou outra vez e enfiou o corpo entre os bancos, virada para mim.

- A Selene *original*? A Aesire? *Ela tá morta*! Valkirie subiu a voz uma oitava. Seus olhos castanhos arregalaram-se, de uma forma que minha irmã valentona, usualmente, não deixava transparecer.
- Ela se *fingiu* de morta! Ri pelas narinas. Tem poder pra caralho, passou todo esse tempo camuflada. Criou os Caçadores de Prata e os humanos fazem o que ela manda, porque ela manipula a mente deles. Também tem uns lupinos no grupo, é uma espécie de bando de Vagantes Selvagens, que convivem com humanos... Tem Tyrant, Lunari e um Blackthorn com ela.

O carro que Luther dirigia parou ao lado do nosso, no meio da estrada, do jeito que Bog freou. Não queria que todos soubessem ainda, tinha que ruminar meus pensamentos sobre a melhor forma de explicar para o bando que o regente deles estava *possuído* pelo deus do Caos, literalmente.

Mas, principalmente, que precisávamos resgatar Kamari *e Axel*.

— Mantenham as bocas fechadas sobre esse assunto — atirei, mais bruscamente, e Bogdan franziu o cenho, ao mesmo tempo em que Val arregalou os olhos.

Merda! Minha fala assertiva saiu como um comando-alfa. Mas era até melhor assim.



Ao passarmos pelos guardas nas torres de vigilância e atravessarmos a barreira de proteção, tive uma sensação imediata de vazio aumentando em meu peito.

Acreditei que, quando pisasse no meu território, quando passasse pela proteção de Luna no nosso Caern, voltaria a ter a sensação de estabilidade. Estava errado.

Parecia que o Caern havia diminuído de tamanho no pouco tempo que estive fora. Nunca fui uma "cria da montanha", igual a maioria dos meus companheiros de bando, que nunca havia saído daqui de dentro, mantendo o contato com a civilização humana brevemente na cidade vizinha ou pela internet.

Sempre me enfiei nas incursões, nas negociações com os líderes humanos, que sabiam da nossa existência e queriam manter a segurança da população. No início, foi como meu clã ganhou dinheiro, apenas para não atacar.

Com o passar dos séculos, adquirimos propriedades no mundo dos humanos, compramos ações em empresas, que geravam renda para manter o conforto no Caern. Essa renda mantinha os bens coletivos: alimentação, roupas, tecnologias, tudo o que precisávamos.

Não era exatamente distribuído de forma igualitária, não se você fosse um metamorfo com dominância baixa. A *casa do alfa*, quase três vezes maior que a casa de qualquer outra família, era um reflexo.

"Somos um só bando", até o momento em que nos transformávamos.

Gostava do Caern, o território, a liberdade de não precisar controlar os meus impulsos naturais, como rosnar, deixar as presas alongarem livremente... Ainda assim, também me sentia *bastante confortável* no mundo dos humanos.

Por isso, sabia que essa sensação de vazio não era saudade de casa. Foi tudo o que aconteceu, a maneira extrema que minha vida mudou em menos de uma semana: Selene cruzando meu caminho feito um furação; Luna e Fenrir; minha nova forma, força e status de ranking; e toda essa merda.

— Quando vai contar para eles sobre Kamari? Kal precisa saber. É a cria dele. — O beta segurou meu antebraço, antes de eu descer.

Val compreendeu que precisávamos de espaço e desceu do carro na frente. Suspirei e olhei para meu melhor amigo, mas que, neste momento, estava claramente desconfiando de mim. Ele viu no que me transformei, minha pelagem mista, mais branca dos Aesire que negra dos Blackthorn.

Lidaria comigo da mesma maneira que lidava com Axel, com panos quentes? Eu precisaria ser manejado com cautela, conduzido a comedir impulsos cruéis?

Seria alguém que geraria temor e piedade em medidas iguais?

Agora que tinha sido transformado em lobisomem, sentia na pele o que Ax passava, o julgamento e a apreensão constantes; no olhar cinzento de Bog em cima de mim, medindo se havia me irritado; na responsabilidade que o grandalhão puxava para si, de me interrogar e se colocar à disposição da minha Fúria, antes que me aproximasse do resto do bando.

O gigante sempre foi o melhor de nós, a muralha para a ira de Axel, para o meu sarcasmo ácido. E eu também estava com medo de precisar ser controlado.

— Você ainda confia em mim, Bogdan? — questionei, as palmas geladas.

Temi sua resposta. Ele bufou muitas vezes, antes de me responder, deixando-me amargar na aflição de ter perdido o respeito do meu melhor amigo.

- Não sou você! Não enxergo as coisas três passos à frente... Era o nosso acordo, porra! Eu sou os músculos, você é o fodido cérebro.
  Soltou o volante e trincou o maxilar, deixando as mãos pesadas caírem no colo.
  Sem você aqui... perdi o controle dele. Falhei.
  Sua voz embargou e os lábios pressionaram juntos.
- Não fiz nada disso de propósito. Segurei seu ombro, em um aperto firme.

Ele vibrava raiva e frustração. Mas se tinha alguém que não tinha culpa de porra nenhuma era Bogdan.

- Vamos consertar, como sempre fizemos, ok? perguntei e ele esfregou a boca com as costas da mão, assentindo. Você confia nos Dissidentes?
- Não, eles seguem Axel e ninguém mais. Kal é um alfa, eu sou o beta-regente, mas ele não nos respeita. Se quiser o respeito deles, vai ter que derrotar ele em batalha, como os antigos faziam.
- Os Blackthorn eram diferentes dos bandos de vagantes. Respeitávamos a dominância como status, ninguém precisava *se provar*. Se fosse assim, metade do clã, os metamorfos mais fracos: deltas ou ômegas, teriam sido mortos, ou passariam fome, como acontecia em outros bandos.
- Como foi que *aquilo* aconteceu? Bog foi cuidadoso ao me perguntar *como* me transformei em lobisomem, se me tornei um *imortal* fodido, comedor de gente.

Não queria me ofender ou me julgar. Bogdan era um macho melhor que eu.

A bem da verdade, não sabia responder, não exatamente. Não consumi carne humana, mas me tornei praticamente invulnerável. Resistente ao acônito e à prata. E meu pelo... essa mescla não era *normal*.

Eu não era mais normal.

— Quando Kamari transformou Layla, fez o mesmo comigo. Luna fez isso com a gente. Layla sobreviveu ao envenenamento, certo? Senão

Kal teria morrido com ela.

- Sim. Mas ela é branca, como a Kami... Bog desviou o olhar de mim, para não completar: "como você está ficando".
- Elas são Blackthorn por parceria, é como funciona afirmei, temendo o que isso queria dizer sobre mim. Se eu não era mais um Blackthorn.
- Não para todos. O clã tá dividido, Drako... o Axel ficou *cruel*. Ele não ficou apenas venenoso depois de virar regente, ele parecia *envenenado* também. O clã se dividiu entre metamorfos e lobisomens; e os crescentes... eles tão se amotinando. Mesmo se resgatarmos Ax, talvez ele não tenha mais um bando.
- Minha mãe tá enchendo a cabeça da Lena? questionei e Bog franziu o cenho, desviando o olhar de mim.

Malena era basicamente a líder religiosa do meu clã meio fanático. Por causa do seu posto como a próxima Alta-Sacerdotisa de Luna, com Astrid sendo uma lobisomem, os metamorfos mais crédulos iriam até Lena.

Poder complicava as coisas, subia para a cabeça. Eu precisava me policiar pra caralho, para não ficar deslumbrado e virar o que sempre detestei.

— Vou resolver isso. Mas antes eles precisam saber da verdade. Não escolhi *isso*, Bogdan, não quero que me vejam como um *deles*. — Fiz um gesto com o queixo na direção de onde Rulf e Ivar carregavam Kaleb, ainda meio fora de si, para a casa do alfa. Layla e Astrid o aguardavam na porta e choraram quando ele as abraçou.

Deviam estar escutando a notícia sobre Axel ter consumido a carne de Kamari, tê-la matado. O que eu sabia dentro de mim que não era a verdade.

— Kal não vai contar e você pode *me comandar* a não falar porra nenhuma, não é mesmo? — Bog me acusou, rindo incrédulo.

— É difícil de controlar essa merda e eu sou um alfa há uma semana. Não me julgue! — Forcei um riso e ele também, mas ambos sabíamos que era tenso.

Estava pagando a porra da minha língua, isso sim.

Finalmente, desci do carro e vi Lena de braços cruzados, olhando de mim para Bogdan, com seus olhos de lince. Acenei de longe, pois ela gostava de fingir que me odiava e eu permitia, e Bog tinha ciúme dela comigo. Era melhor assim.

Logo atrás dela, a loira que eu amava odiar e odiava amar: minha mãe. Deirdre Blackthorn estava beijando e abraçando Leif e Freya, igual fazia quando eles ainda eram filhotes; fui me meter, porque não queria os dois merdinhas dando com a língua nos dentes antes da hora.

Minha mãe veria a porra da marca de parceria e faria suas milhares de perguntas, mas falar de Selene para ela era a última coisa que eu desejava, principalmente depois do que Bog contou sobre a divisão do bando.

— Drako. — Mama Dee tentou forçar frieza, mas meu sorriso a amoleceu.

Não nos dávamos bem, principalmente por causa da religião. Mas ela era uma mãe decente. Intrometida, mas presente. Beirando à toxicidade na porra toda que saía de sua boca, mas também me dava um pouco de pena, porque ela não sabia ser diferente.

O nível de ignorância dela para todas as coisas vinha embalado em um pacote de orgulho, que não a permitia admitir que *não sabia*. E criava ideias engessadas sobre as coisas. Era um pouco irritante.

— Mama. — Beijei-a na testa, em cumprimento.

Abraçou-me e investigou, para ver se não estava faltando um pedaço, como sempre fazia.

Fechei os olhos quando tocou a marca de Selene e meu peito ardeu, em chamas. A sensação era de queimadura de verdade, não um

fantasma de sensação, força de expressão. *Era real*. Queimava e ardia, o tempo inteiro.

Esse era o meu laço com a parceira que a deusa escolheu: dolorido, furioso e letal. Igual a Selene.

— Tão dizendo que você falou que foi um *chamado de sangue*? — comentou com aquele ar de quem cavava mais informações, transformando a afirmação em uma pergunta.

As malditas fofocas do Caern... Eles não tinham chegado nem dois minutos atrás e já estavam contando sobre a minha vida!

Olhei para os meus irmãos e Freya negou com a cabeça, confirmando que não tinha revelado quem Selene era, não ainda. Leif nem sequer olhou para mim. Foi ele? O moleque falava demais! Puta merda, outro filho da lua cheia impulsivo!

- Sim, foi o que eu disse respondi, seco, para Mama Dee. Preciso resolver coisas, avisa aos crescentes que vamos nos reunir no salão, quero todos lá, até as crianças.
- Mas, mas... Minha mãe olhou para a porta da casa do alfa escancarada, buscando mais informações.
- Vai, mãe! Chama todo mundo, sei que você é boa de repassar as informações. Soltei o abraço e fiz um gesto de queixo.

Chamei meus irmãos mais novos e fui na frente, na direção do salão comunal. Bog fez os guerreiros e caçadores, que acompanharam Ax na viagem de ida, entrarem ali direto, bastava esperar o resto do bando chegar.

- Vocês dois, mantenham a porra da boca fechada por enquanto, preciso medir o que tá acontecendo aqui, ouviram?
  - Sim, senhor Freya debochou e puxou Leif com ela.

Na porta do salão, Ruth, Kendra e Sara estavam me aguardando juntas, como costumavam ficar toda vez que eu saía do Caern em alguma missão.

Ruth era a única morena no trio. Mais velha que eu, uns bons quinze anos, relacionava-se com a mais nova das três, Sara, a loira sardenta que era a mais ciumenta e que, de vez em quando, eu precisava dar um "chega pra lá", para não confundir as coisas.

Sara e Ruth gostavam de fingir que eu era o elo entre elas, mas a verdade era que o relacionamento delas era muito mais estreito que isso. Eu era um adendo, uma desculpa esfarrapada, para não usarem outros machos para saciar seus Calores.

Nenhum de nós estava enganando ninguém, todo mundo saía no lucro. Isso também valia para a terceira:

Kendra, a loira tímida, procurava-me por pura carência, principalmente para se forçar a acreditar que gostava mais de machos que de fêmeas. Eu fingia não ver que ela e Freya tinham alguma coisa, porque isso complicaria as coisas. E, antes, "complicar coisas" não era um ponto forte meu.

Só que toda minha vida foi *complicada*, desde que Kamari chegou e piorou infinitamente quando Selene apareceu. E eu não tinha escolha senão acelerar o passo, para não ficar para trás.

A ligação em meu peito fervilhou e quase me fez perder o ar. Seis noites e sete dias mudaram minhas estruturas e, se eu continuasse perto de Selene, modificaria meu caráter, meus valores.

Não conseguia mais olhar para o trio de mulheres, que dividia a casa comigo, com olhar de lascívia, como fazia antes. Na verdade, elas meio que empalideciam quando as comparava injustamente com a semideusa. Permiti-me ser abraçado por elas, pois, além de todo histórico sexual, sempre fomos amigos.

— Estou bem, desta vez, inteiro. — Sorri, tenso, e elas não me acompanharam. O olhar de Sara, trancado na marca dos dentes de Selene, constrangeu-me.

Todo o clã sabia o que eu pensava sobre a parceria; fosse a escolhida dos metamorfos, fosse a destinada dos lobisomens, odiava a

merda! E, agora, tinha certeza de que, enquanto alguns sentiam pena de mim, outros riam pelas minhas costas.

Orgulho era o pior defeito de um filho da lua nova, receber piedade ou deboche era extremamente humilhante. E, em parte, sabia que merecia.

## **DEZENOVE**



Drako Blackthorn

O grupo foi se reunindo aos poucos, vindos de suas casas, e passavam por mim na entrada, cumprimentando-me. Claramente já sabendo da nova fofoca a meu respeito: que eu agora era um alfa, que tinha uma marca de parceria, mas não tinha o que dizer.

Reconheci que aquilo devia ser extremamente mais difícil para Axel, uma vez que ele ainda tinha o peso de seus pecados para carregar. Por isso, engoli meu orgulho, decidido a tomar à frente na situação.

Não foi para isso que voltei?

Assim que entrei no salão comunal, o murmurinho silenciou e toda a atenção se voltou para mim. Meu lobo ficou incomodado com a medição que aqueles guerreiros faziam, como se perguntassem "quem eu pensava que era" para ordenar que todos ficassem ali, ao invés de irem para suas casas.

Diante da mesa do alfa, Rulf e Bogdan me olhavam, com expressões distintas de suporte e desdém. O antigo beta-regente não sabia no que eu havia me transformado. Mas conseguia sentir que minha dominância, agora, ultrapassava a dele.

Dirigi-me para o centro do salão, recusando-me a tomar à frente, pois, se o bando estava dividido, manter a segregação, ficando acima da posição dos mais fortes, não era inteligente.

- Preciso contar algumas coisas e espero que vocês escutem, com muita atenção. Impostei a voz para ser ouvido, mas a modulei, evitando dar um comando-alfa. Axel Blackthorn e sua parceira estão presos em uma armadilha dos deuses e nós precisamos ajudar.
- Ele *matou* a minha filha! Kaleb entrou no salão, desembestado, com Layla o seguindo e tentando contê-lo em sua ira. Veio em linha reta até mim, espalhando sua dominância no ar, feito gás tóxico.

A multidão de lupinos ali dentro se rebelou, mostrando o tanto que o clã estava partido e que Bog tinha razão: talvez Ax não tivesse mais um bando para o qual voltar.

— Senta e escuta, Kal! — vociferei, puto com sua atitude de me desafiar na frente do bando, quando sabia que eu era um alfa mais forte que ele. — Vocês precisam ouvir a história completa, antes de interromper.

Impus tanta dominância na minha voz, que todo o clã se calou. Os ômegas mais fracos perderam a pele para os seus lobos, os dissidentes rosnaram, incomodados com a atitude hostil, porém não me desculpei.

O que eu tinha para dizer era *urgente*, eles que passassem por cima de seus orgulhos e entrassem na linha. Ivar era um filho da lua cheia, nem precisava perguntar para saber. Filhos da lua cheia tinham essa espécie de aroma de arrogância, que empesteava todo lugar. Até os Cheios mais fracos, eram difíceis de lidar.

— Na ascensão do Axel à regente, Kamari começou a dar sinais dos seus poderes. Quando o bando foi fazer a corrida com o novo alfa, os poderes dela me fizeram perder a pele, eu e meu lobo não entendemos o que estava acontecendo, acreditamos que fosse apenas por ser uma keepa, uma descendente *de Selene*. — Titubeei ao dizer o nome da fêmea que queimava sob minha pele.

Os sussurros e as conversas paralelas não me detiveram, prossegui:

— O poder dela transformou Layla e a mim, fez de mim um alfa.
 — Isso os silenciou. — Os Caçadores de Prata invadiram o Caern e eu percebi que, na verdade, eram lobos Tyrant, junto com eles a... a líder. Selene Aesire, a lupina original.

Sibilos invertidos e expressões de terror e surpresa preencheram todas as faces. Eu me virava, olhando para todos e cada um, querendo que se sentissem incluídos. Então continuei:

— Tivemos um chamado de sangue, era vontade da deusa. Luna está usando o corpo de Kamari para libertar Fenrir. Kami é o vaso da deusa, seu corpo terreno. Axel é o de Fenrir. — Olhei para Kaleb, antes de falar: — Aquilo que nós vimos, consumindo Kamari, *não era* Axel, era o deus do caos.

Não consegui conter a algazarra, muitos se levantaram, aflitos, e os dissidentes começaram a me cercar, emanando hostilidade. Precisei conter meu lobo na força bruta, pois ele queria sair e desafiar cada um dos Dissidentes de Loth, para se estabelecer no ranking. Mas *banho de sangue* não era o que eu desejava, o que meu bando precisava agora.

— Você está mentindo! — Ivar saiu em defesa de Axel, empurrando Kaleb do caminho para chegar até mim. — Quer o lugar dele, metamorfo?

Trinquei a mandíbula, sentindo meus molares rangerem, meus punhos fecharam-se em bolas e os músculos tensionaram, a ponto de quase sentir a pele ceder. Um rosnado gutural vibrou em meu peito, fazendo com que Ivar dobrasse o pescoço e recuasse.

Nossa interação foi acompanhada pela multidão e, ao mesmo tempo em que alguns concordavam comigo, outros se encolhiam de medo. Nenhum deles, porém, parecia estar interessado no que eu estava dizendo.

Eles não entendiam que dois dos nossos estavam correndo grande risco, porra?! Os Blackthorn sempre foram um clã amistoso, apesar de ter uma porção de defeitos, ainda eram a melhor opção entre todos os outros clãs.

- Se não acredita em mim, pergunte ao Kaleb ou a Bogdan! Selene me avisou, precisava acontecer da forma que aconteceu. Surpreendi-me ao perceber que, por mais que não gostasse dos meios pelos quais a minha fêmea atingia seus objetivos, mesmo assim, acreditava nela. Tenho certeza de que Kamari está viva, Fenrir não teria levado o corpo dela se tivesse morrido, afinal de contas, é o corpo da deusa Luna.
  - Selene Aesire é a sua destinada? Ivar riu em escárnio.
- É ela, sim! Eu vi com meus próprios olhos ela usando os poderes, melhor do que a parceira do alfa!
   Freya se meteu na conversa, ficando de pé.

Ivar e seu monte de brutamontes, fodidos imortais, rosnaram para minha irmã por ter *ousado* falar, sendo uma delta fraca. Isso fez com que todos os metamorfos se levantassem e formassem uma espécie de divisão literal, onde de um lado estavam os metamorfos, de outro, os lobisomens dissidentes.

Não tinha tempo para consertar essa merda! Minha prioridade era ir atrás do rastro de Axel e Kami. Até que os deuses saíssem deles. Agora que Fenrir estava liberto, não tinha motivo para continuarem os usando.

— Eu te avisei que estávamos rachados — Bog sussurrou, parando ao meu lado, no meu flanco direito, tomando a posição de meu beta.

Soltei um rugido feral, um comando-alfa do qual nenhum deles poderia se esquivar, e segurei Ivar pela camisa, praticamente colando nossas testas. Minhas presas alongaram e meus olhos e os dele se transformaram no dourado dos Blackthorn.

Minha pele fumegava, preparando-se para a transformação, mas sabia que, se deixasse a besta sair, a metade metamorfa do meu clã não me ouviria mais, veriam a mim como "um deles".

— Cala a porra da sua boca e *obedece*! — urrei para Ivar, demonstrando quem era o verdadeiro alfa. — Eu avisei que queria ser

ouvido sem interrupções, se não conseguir controlar a porra da sua língua, vai perder seu direito a ela, tá me ouvindo?

Empurrei seu peito, fazendo o cambalear para trás. Dois de seus lobisomens o seguraram. Risinhos e deboches se espalharam como fogovivo no salão, da parte dos metamorfos, e aquilo me enfureceu. Eles estavam desperdiçando o caralho de um tempo precioso.

Olhei para Bog, buscando reforço e racionalidade, mas até ele parecia ter perdido a paciência com a arrogância dos lobisomens. O que, provavelmente, agora me incluía.

— Vocês não entenderam o que eu estou falando?! A guerra começou, queira vocês ou não! Fenrir está liberto, *por causa* de Luna! A deusa de vocês *usou* Kamari e Axel! Enquanto vocês se escondem nessa montanha, tem uma guerra acontecendo lá fora! Acham que vai levar quanto tempo para chegar aqui?! — berrei por cima da bagunça.

Tentei fazê-los ver a razão, compreender que a fé deles foi depositada em ídolos defeituosos. Mas era muito difícil lutar contra a fé alienada.

Lutar contra violência era fácil, gerava revolta, porque o senso comum fazia todos repudiarem a "maldade"; mas Luna foi esperta, manipuladora. Embrenhou esse senso de "justiça divina" e superioridade dos "abençoados", que fazia o meu clã ficar passivo, em cima do muro, e cego para a realidade.

— Sem a fêmea do alfa não somos mais alvo, não é isso? — Foi minha mãe quem falou essa merda!

O pior de tudo era ver que um monte dos metamorfos concordavam com ela, principalmente os crescentes.

Os filhos da lua nova sequer me indignaram com uma resposta, erguendo os seus queixos, como quem dizia "foda-se".

Já os minguantes, ao menos tiveram a decência de abaixar seus olhares, pois estavam envergonhados em concordar com os crescentes.

Nenhum deles achava que Axel e Kami mereciam virar motivo de guerra.

Automaticamente, pensei em mim e em Selene; eu, o "amaldiçoado pela deusa", ela a semideusa que eles sequer acreditavam que estava viva.

- Axel é o alfa de vocês! exasperei-me com a forma com que eles o abandonaram.
- Não era você quem dizia que o alfa deveria ser escolhido pelo mérito? O que Axel fez para merecer o posto dele, além de ter nascido na família e lua certas? Simon, o parceiro de Ingrid, uma das minhas irmãs, foi quem se pronunciou. O alfa passou a vida inteira sendo uma ameaça velada, aterrorizando este clã com uma promessa de futuro sombrio. E, enquanto você esteve fora, recebendo uma parceira destinada, que pode ou não ser a lupina original o metamorfo se levantou, coberto por uma coragem que provinha da coletividade —, nós estávamos *aqui*, sem dormir, vendo nossas crias, irmãos e parceiras, sendo ameaçados pela brutalidade de Axel!

Muitos concordaram com Simon, preferiam deixar Axel se foder sozinho. Traição num nível asqueroso. Não era nisso que eu acreditava! Não acreditava que a diferença tinha que ser rechaçada.

Enfureci-me e rosnei, para silenciá-los.

- Não era o Axel! A vida inteira foi Fenrir soprando no ouvido dele, modificando aquele lobo... e se Ax fosse outro, teria abandonado vocês!
- Talvez seja melhor assim Mama Dee se meteu. Talvez esteja na hora de os metamorfos formarem seu próprio clã. Nós somos *maioria*, Drako. Eles podem ser mais fortes, mas um alfa tem a força do bando e vice-versa. Não seremos peões para sermos usados em jogos de poder, somos parte deste bando também.

Os argumentos faziam sentido. Mas, ainda assim, eram injustos. Também me rebelei contra Axel, também o odiei por arriscar a vida dos meus irmãos. Mas Kamari não tinha culpa de nada e deixar Axel morrer significava matá-la.

- Vocês têm razão, esse era o meu discurso, que um alfa devia merecer liderar. Axel nasceu como um "descendente de Jonah", na lua cheia, seguindo os preceitos que a deusa ensinou para este clã. Só que vocês *não sabem* o que é resistir a um fardo de sangue. Acham que a deusa abençoou vocês, por ter tirado essa fome dos metamorfos? Talvez lidar com líderes furiosos seja o fardo que vocês tenham que carregar.
- "Vocês"?! Você é um de nós! Luther, meu outro cunhado, líder do grupo de elite dos guerreiros metamorfos, questionou.
- Não, não sou mais. Eu fui *amaldiçoado* pela própria deusa, sou um lobisomem! Vão dizer que talvez seja melhor assim também? retruquei.

Os metamorfos cobriram as bocas e puxaram o ar invertido, murmurando entre si.

Estava espumando pela boca de puro ódio. Ver o tamanho do preconceito deles e perceber que estavam usando minhas palavras contra mim, agora que eu estava do outro lado, era como tomar um tapa na cara, beber ácido. Cuspindo brasas, continuei:

— São vocês que estão errados, sendo preconceituosos e julgando sem saber, sem nunca ter calçado os sapatos do outro. É fácil dizer o que faria, sem nunca ter estado na situação.

Imediatamente lembrei do meu pré-julgamento com Selene, o tanto de vezes que ela me pediu para conversar e me recusei e a fodi até a submissão, por acreditar que eu era melhor que ela.

Culpa tinha peso dobrado quando vinha da hipocrisia.

— Eu rasguei meu peito para *Axel Lothson*! Não vou fazer o mesmo por você, Drako Blackthorn... Se é que ainda é Blackthorn. *Você* nunca será meu alfa, eu só sigo os lobos negros. — Ivar conseguiu falar, passando por cima do meu comando-alfa, de alguma maneira. — E, se os metamorfos se acham tão melhores que nós, para fazerem seu próprio

clã, no meio de uma fodida guerra, que todos vocês se fodam! Sem o Ax e sem a keepa, estarão mortos antes da próxima lua cheia.

"Acham que são puros-sangues? Saibam que a memória do bando é *seletiva*. É a deusa quem escolhe o que vocês vão *lembrar ou esquecer*. Quando a mentira é contada vezes demais, passa a ser considerada verdade." — Ivar fez um gesto de mão, chamando seus dissidentes para fora do salão.

Do que ele estava falando?

Assim que me recuperei do efeito da bomba que Ivar soltou, fui atrás dele. O que restava do meu bando abriu espaço para que eu passasse, como se nem quisessem *encostar* em mim.

Uma semana atrás, aquele foi meu comportamento com os Dissidentes, que vieram pedir asilo. Agora, sem a presença deles, a responsabilidade de proteger meu clã recairia nos meus ombros, de Kaleb e Rulf.

Os metamorfos podiam ter um discurso gigante de preconceitos, mas a verdade era que não sustentavam seus próprios argumentos. Em uma guerra, seríamos os primeiros a morrer.

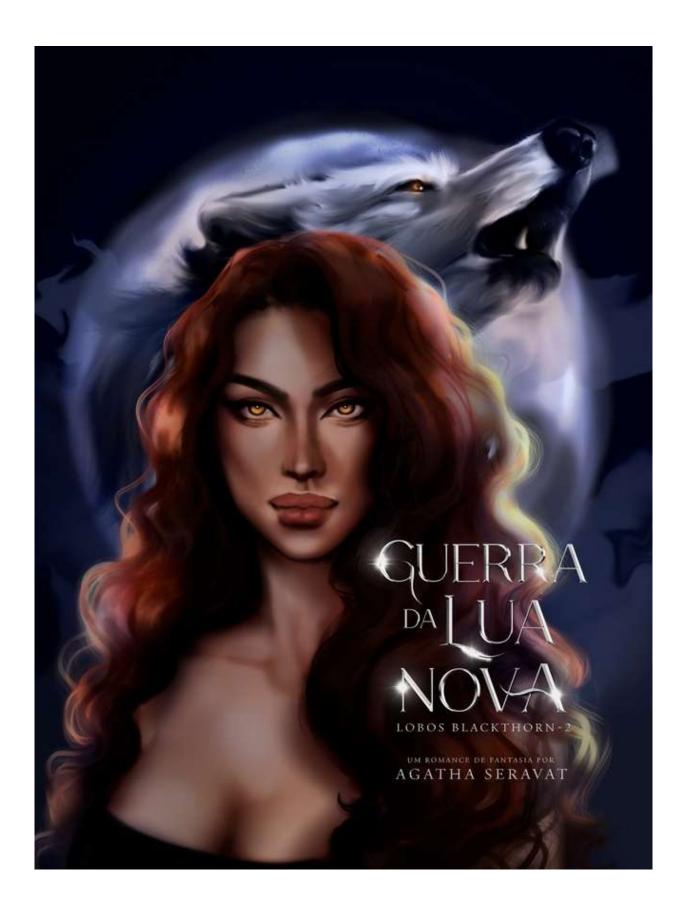
Alcancei Ivar do lado de fora, o vento gelado da noite sombria da lua nova nos banhou e fez algumas mechas do meu cabelo soltarem do coque. Puxei a camisa dele, forçando-o a me encarar e ouvir.

- Na hora que te beneficiou, veio procurar ajuda do meu clã.
   Agora que o barco está afundando, vai fugir como um rato? acusei-o.
- Escuta, filhote, você acabou de se transformar, ainda não sabe o que significa ser *um lobisomem*. Não sabe o que é passar toda a sua vida com um monstro canibal implorando por sangue e *resistir*... Ah, essa é a pior parte! Você pode ser um alfa, ser mais forte que eu, mas liderança se impõe por *respeito*, não apenas pela força. E, se quer ter *alguma chance* de encontrar o seu alfa e a keepa, é melhor nos deixar ir em paz. Nós somos acostumados a vagar, vamos encontrar o alfa para o qual dobramos o joelho.

- Vai procurar Axel? Investiguei sua expressão, procurando ver se ele estava mentindo sobre a devoção para com Axel.
- Ao contrário do seu bando de preconceituosos, que se acha melhor que os outros, *nós somos leais*! Seguimos Loth pelo abismo, vamos fazer o mesmo pela cria dele. Se for verdade o que disse sobre Luna ter libertado Fenrir, significa que a profecia está se concretizando e que Axel é um dos nossos, um imortal, um *espinho negro* corrompido... Ele vai precisar de um bando que acredite nele, que o compreenda. Não daquilo ali... Apontou para o salão, onde muitas cabeças colavam na janela, esperando por fofocas.

E, infelizmente, não podia dizer que ele estava errado. Os Blackthorn tinham que melhorar *muito* e se adaptar, se quisessem sobreviver. *Nós* fomos os privilegiados, superprotegidos pela deusa, cobertos pela capa da hipocrisia imoral dela, por tempo demais.

Cabia a mim mudar, não apenas minha postura, mas a deles.



# VINTE KAMARI BLACKTHORN

Kamari Blackthorn

O laço da parceria finalmente voltou a pulsar.

Axel! Conseguia sentir Axel.

Cada fio de aço, que compunha a corda que nos ligava um ao outro, foi se remendando, como se jamais houvesse partido.

Naquela floresta etérea, onde fui deixada por Luna, eu e minha loba — a que era jovem, porém muito mais destemida que eu — víamos aquela meia-lua constante. Uma noite eterna, um momento suspenso.

Então, a lua voltou a girar, enchendo-se em esplendor; mudando da minha meia-lua de paz, para a cheia e furiosa *dele*.

Só aí, minha consciência se reconectou, feito quem acordava de um sonho. Porém meus sentidos estavam nublados. Enxergava como se através de um vitral, escutava abafado, cheirava e sentia efemeramente.

— Você me traiu! — A voz profunda que saía dos lábios de Axel não era a dele.

Meu parceiro estava presente em corpo, mas sem consciência. Não era Ax. Luna me avisou que Axel era o *vaso de Fenrir*. E este aqui era o deus do Caos, o que amaldiçoou minha espécie.

Seus olhos estavam negros, envoltos em uma espécie de máscara de sombras, da mesma forma que aconteceu com meus olhos, no primeiro sonho que tive com Luna. Antes de encontrar o trio de lobos na casa de minha mãe e toda a minha vida se modificar.

O aroma que vinha de sua pele alva era diferente, também não tinha seu calor. Um corpo movido por outro ser. A energia caótica, que sempre rondou meu parceiro, estava exponencialmente mais forte, sombria, densa. Girando em um eixo invisível, convergindo diante de mim, em uma cólera abissal.

Também não era eu quem comandava o meu corpo, por isso, não senti o pânico que a figura deveria causar. Pude apenas observar a cena, uma espectadora passiva.

— Sinto muito e me arrependi tremendamente, parceiro. Entendi as minhas fragilidades e desenhei seu caminho de volta. — Luna usou meus lábios para proferir seus pedidos de desculpas para Fenrir.

O remorso dela era tão grande, que considerou um castigo justo ele ter consumido um pedaço de si, aprisionando-a nele. Luna sabia o que aquilo significava: sangue se pagava com sangue. E a ferida em minha carne não era suficiente para aplacar a ira do deus.

— Passei seis mil anos aprisionado, esperando que voltasse a si! Foi preciso todas suas criações se corromperem, para que você compreendesse que eu estava certo. Seu orgulho foi maior que a nossa parceria! E você foi míope, *mesquinha*, mentirosa! Jamais teria te diminuído ou me aproveitado das suas instabilidades para te dominar... — Encerrou a distância entre nós, encoberto por uma ira magoada. — Sempre te *amei*, nada mais, nada menos! — rugiu em minha face.

Luna ganiu um choro melancólico, mas foram os meus olhos que se encheram de lágrimas. Por mim e por ela, por Axel e Fenrir. Meu choro e o dela. Conseguia sentir o tanto que a deusa amava aquele parceiro caótico, descontrolado, e foi como me olhar no espelho.

Foi por isso que Luna me escolheu, pois ela também compreendia o que era ser forte, vivendo à sombra de um parceiro maior que a vida, que poderia destrui-la, se quisesse, e, mesmo assim, amá-lo. Entretanto, *jamais* teria feito com Axel o que Luna fez com Fenrir, jamais o aprisionaria por medo do que ele *poderia* fazer.

Parceria era entrega, era comunhão e confiança, e a deusa se esqueceu disso.

Certo e errado, bem e mal, eram convenções sociais. O poder cru, devastador e onipresente não precisava escolher lados, não era preso aos mesmos paradigmas. Eu *escolhi* me apaixonar por Axel, *apesar* de toda e qualquer possibilidade de sua escuridão vencer minha luz; Luna quis *apagar* Fenrir.

- *Eu* não amava, não da forma correta. Precisei de muito tempo para compreender que amor não pode ser competição; Eu parti de você, Fenrir, era *sua*, por definição. Agora quero ser por escolha, aceitar meu destino.
- *Eu sou o destino*! urrou e sua voz soava tão pesada, tão destruidora quanto o inferno. A mão pesada de Ax tocou a dobra do meu pescoço, onde uma ferida, ainda latejante, cicatrizava lentamente, feito o perdão que o deus se recusava a ofertar à sua parceira. O início e o fim; o *nada* que você teme... isso nunca irá mudar.

Eram seus dedos, mas não seu toque; era minha pele, contudo, o carinho não era em mim. Toda fúria que Fenrir professava não era o único sentimento que vertia dele, em ondas concêntricas, que convergiam para dentro de si. A devoção dele pela deusa era inestimável; e, estando dentro do mesmo corpo que ela, enxergava a reciprocidade.

Eles se amavam.

Tive pena, ao perceber o desperdício.

Um amor distorcido. Não era um cabo de aço ou um feixe de luz, era uma órbita sombria: ela, a lua girando ao redor de um buraco negro; ele, o buraco negro que se recusava a tragá-la, lutando contra a própria natureza, por paixão.

— Se é o nada, também é *o tudo* — ela sussurrou, mansa e cálida, sincera.

Fenrir fechou os olhos assombrados, inspirando profundamente, mais por reflexo, que por necessidade. Nossos corações bateram coordenadamente, o meu de pura saudade, em expectativa de que ele libertasse meu parceiro; o de Luna, aguardando o perdão inevitável.

Ele a amava, ainda que doesse. Amor não deveria ser dolorido assim.

- Sabe que este aqui é apenas o início, que me libertar não resolve o problema que você criou. Vai se arrepender e se ressentir de mim outra vez, quando chegar a hora? Ofereceu a trégua que ela ansiava.
- Era isso que você queria quando amaldiçoou minhas criações, não era, Fenrir? Me ensinar uma lição, me ensinar o meu lugar... Ela estendeu minha mão, tocando a barba de Axel, porém acariciando seu parceiro.

A saudade dela sobrepôs a minha, tão gigantesca, que era indescritível.

Ambos olharam à distância, muito além do que olhos comuns conseguiam fazer; como se olhassem através de um telescópio. Focaram em um arranha-céu, no meio de uma cidade que eu nunca tinha visto, entretanto, reconhecia pelos cartões postais: Nova Iorque.

Acompanhei parte do pensamento de Luna, o que me permitiu ver. Ela estava consciente da minha condição de espectadora e me mostrava este momento, dela com seu parceiro, para que eu recordasse e aprendesse o valor do sacrifício que fazia, ao se entregar para ele.

Sob a avaliação da deusa, aquela cidade havia se tornado o epicentro da corrupção de suas criações, o ápice do desequilíbrio causado *por ela*, quando traiu Fenrir. Milhões de vidas: humanos, lupinos e as outras criaturas da noite, eram um reflexo do que o maior erro dela causou no plano terreno.

A lua nova no céu era apenas uma sombra pálida, o estado mais efêmero, mais sombrio da deusa; contava sobre seus momentos mais obscuros. Era quando eles mais se aproximavam: na sua versão sem o brilho roubado, banhada em escuridão e, por isso, a mais *honesta*.

Na lua nova, a deusa era sinceridade brutal, seus valores extremos, o ID monstruoso, os impulsos mais vis. Imperfeição perfeita.

Na noite seguinte, ela começaria a crescer, o ciclo de esperança renovada, quando começava a se afastar do parceiro. Um círculo vicioso, ininterrupto e eterno. Ninguém mais seria capaz de amá-la, em todas as suas fases, da mesma maneira que Fenrir.

- Eu, mais que ninguém, respeito o livre-arbítrio; se não o fizesse, nada existiria. Pois sou o caos, a desordem. É você que tenta interferir o tempo inteiro, parceira. Avisei o que aconteceria se continuasse com suas criações; essa corrupção que está vendo é culpa sua, mais que minha. Olhe para eles. Girou o pescoço, abrindo os braços, no corpo lupino que mal o comportava no plano terreno. Aquele ali é o teu primogênito, Luna, o mais forte. E *isso* é o que ele *escolhe* fazer com a liberdade que tem.
  - Tyre não era assim, a maldição o corrompeu!
- Também corrompeu Jonah. E este aqui. Apontou para o peito de Ax, o sorriso refletia um deboche cruel. Ser bom ou mau é uma escolha. E não adianta ficar na defensiva, está vendo com seus próprios olhos, mesmo esses olhos humanos são capazes de enxergar a verdade.
- Desfaça a maldição. Eu te trouxe de volta, sacrifiquei muitos dos meus... Permita que seja o suficiente.
- Não é o suficiente, Luna... Se não quer que eu te sobreponha, tem que deixá-los repararem o equilíbrio. Não está mais nas nossas mãos e você sabe.
- Eles são *meus,* Fenrir, *por favor* implorou, como uma mãe faria e ele colou a testa na dela, evidentemente agoniado com a dor de sua amada.

— Não adianta implorar, parceira. Não dá mais para voltar atrás. Sabe qual é o preço, profetizou que eles *escolheriam*. Está na hora de colher o que plantou.

Um suspiro, um silêncio doloroso.

Luna bloqueou seus sentimentos e pensamentos de mim, pois não queria que eu soubesse do que Fenrir estava falando. Ela foi se desconectando de mim aos poucos e, finalmente, senti medo do que viria, do que tudo isso queria dizer.

— Espero que se controle e deixe o curso seguir, ou vou ter que interferir para equilibrar, outra vez. — Fenrir impôs um tom de ameaça que me apavorou. Beijou sobre a marca que fez em mim, quer dizer, *nela*, cicatrizando a ferida. — Sei que você é traiçoeira, parceira... que já interferiu mais do que deveria. Conduziu minha atenção para este aqui, enquanto, às escondidas, produzia *aquele outro*. Mas o que fez foi dificultar as escolhas da sua predileta. Ela precisa cumprir seu destino. Senão, nunca acaba e você sabe disso.

A advertência me deixou confusa. De quem eles estavam falando?

— Minha lua sabe o que fazer... *E você também, Kamari* — Completou a fala em pensamento e Fenrir negou com a cabeça, rindo consigo mesmo, ao se dar conta de que eu já estava ali.

Então ela partiu, deixando-me sozinha para lidar com o deus do caos. Pisquei os olhos e senti o vento gélido no terraço daquele prédio alto, porém não ousei olhar para os lados, focada na imagem de Axel, ainda dominado por Fenrir.

Sua barba loira e a pele pálida, nua, estavam manchadas de carmesim. *Um banho de sangue*. A memória dos dias em que estive ausente foi retornando aos poucos, tudo o que Luna viu: Selene, Drako, Axel... então cobri minha boca com a mão trêmula, quando me lembrei dele *consumindo* minha carne.

O pior pesadelo do meu parceiro se tornou realidade e eu não estava lá para impedi-lo, como havia prometido.

- Ninguém escapa do destino, *nem eu* Fenrir murmurou. A voz profunda era muito mais assustadora, quando não a ouvia sob o filtro apaixonado de Luna.
- Por que, por que fez isso com ele? Axel nunca vai se perdoar!
   Ousei questionar um deus e vi os lábios de Axel encurvarem nos cantos, de uma forma quase paternal.
- Era o único caminho. Fui aprisionado pela minha parceira e apenas ela me libertaria. Também era uma vantagem, agora estamos ligados em todos os planos: o que eu existo e o que ela criou. Nunca mais vai poder me prender, não sem vir junto comigo.

Luna o chamou de astuto, mas isso era diabólico.

- Mas e ele, o que *Axel* fez para merecer isso?
- Minha parceira acredita que o fardo deste aqui seja o pior. Apontou para o peito de Axel, bem sobre o nosso laço da parceria, e, como se ligasse um interruptor de luz, finalmente o senti; escutei sua consciência retornando aos poucos, da mesma maneira que eu havia retornado. Que ter que lidar comigo, minha grandeza e descontrole, seja tarefa impossível para uma criação dela.

Ter seus olhos assombrados, aquela máscara negra, atentos em mim, fez um arrepio gélido descer pela minha espinha. Pude ouvir Ax se debater dentro dele, em desespero e fúria, relembrando o último momento de consciência, enquanto me mordia. O deus o ignorou, como faria com uma mosca zumbindo ao seu redor, e continuou seu discurso:

— Mas, na minha opinião, a *sua missão* é a mais difícil. Amar um parceiro instável, significa amar todas as partes: qualidades e defeitos, bonito e feio, altos e *baixos*. Luna *te fez* para ele, para ser o que *eu* sou para ela. É por isso que acredito no arrependimento dela. Porque te escolheu como vaso, para carregar o mesmo fardo que eu. E esse, *criança*, é o seu destino final. — Contorceu os lábios de Axel em um sorriso paternal, sombrio e ameaçador, e falou em tom de ameaça: — Todos nós somos presos ao destino, deixe que ele cumpra o dele.

As sombras ao redor dos orbes do meu parceiro foram retrocedendo para dentro de Axel, até se retirarem.

Com meus olhos transformados, conseguia escutar os pensamentos de Axel e do lobo brutal, além da minha loba jovem e curiosa, dona de uma coragem imensa. Que estava disposta a adorar seu parceiro monstruoso, sem ressalvas. Foi ela quem chamou pelo parceiro, uivando e ganindo.

Axel despertou para a realidade, a pele fumegando. Os olhos transformados naquele amarelo aceso, transmitiam toda sua tristeza e arrependimento, por um pecado que ele não cometeu.

Ajoelhou-se diante de mim, abraçando minhas pernas e colou o rosto na minha barriga, sobre o vestido pintado com o sangue que Fenrir arrancou de Luna.

Seus ombros largos sacudiram com choro devastador e irado, que perpassava seus lábios. Os braços vigorosos apertavam me contra si, como quem queria sufocar a si mesmo. Urrou sua dor contra meu ventre e o som me atravessou, reverberando até os ossos.

Segurei sua nuca gentilmente, acariciando seu cabelo, tentando tranquilizá-lo, porém lendo seus pensamentos e todo a agonia que sentia, pelo que pensou ter feito comigo, enquanto Fenrir o liderava.

Chiei, angustiada, empatizando com sua dor e o tormento que ele carregaria, a partir de agora. Assisti, como se dentro da cena de um filme, tudo o que ele fez, cada pensamento pérfido que teve, enquanto eu estive desaparecida.

Vi a maneira como explorou o clã, que prometeu reger e proteger com a própria vida, mas que, em seu momento mais sombrio, sacrificou sem piedade. Movido pela influência do deus do Caos. Não o temi ou o julguei, fiquei com medo por outro motivo.

Não eram minhas desculpas para dar. Por mais que eu lhe entregasse todo o perdão que necessitava, sabia que meu parceiro jamais se perdoaria. Não o Ax que conheci, pelo qual me apaixonei. Esse

Axel aqui, de joelhos, era outro. O corrompido pelo deus, o que eu teria que amar, em qualquer uma de suas fases.

Contudo, o que mais me assustou, foi ver que pensava que não me merecia, que cogitava me devolver para a vida humana, para seguir em isolamento, indo atrás de destruição.

— Não, Ax, não! — Desesperei-me, pois tinha aquilo como verdade, entalhada em pedra. E, conhecendo sua natureza, soube que faria.

Deitei um joelho no chão, enfiando-me entre seus braços, beijando sobre a barba sangrenta, bebendo suas lágrimas furiosas e abracei seu autodesprezo, tentando tomar um pouco daquilo para mim.

Não era justo, mas como Fenrir e Luna explicaram, todos nós éramos presos ao destino. Precisava ser forte o suficiente para amar Ax, mesmo que ele não se sentisse digno. Amá-lo por nós dois, da forma como o deus sombrio amava sua parceira imperfeita.

— Não foi você e eu estou bem! — afirmei, severa, odiando que aquilo tivesse sido feito com ele, mas Axel se recusou a me escutar.

Ax e o lobo monstruoso só se arrependiam de ter provado minha carne. Era o pesadelo do humano, ceder ao fardo de sangue; o lobo, no entanto, *sonhava* com isso, tornar-se poderoso às custas de sua parte humana, porém não desta forma. Desta vez, a culpa que Axel carregava sozinho, passava a ser dobrada: dele e de seu lobo.

Meu Axel virou um lobisomem imortal.

— Não importa! Estamos juntos para tudo! — falei, contra seu peito largo, sobre nossa ligação, que tinha um batimento próprio, acima de seu coração partido.

Usei toda minha força para empurrar seu queixo para cima, buscando seu olhar com o meu, mas não se permitiu me encarar. Desfocou seu olhar, mirando o nada.

Soube, ali, que seria uma longa jornada até recuperar meu parceiro. Agora seria eu a fazer qualquer coisa para encontrá-lo.



Selene Aesire

Cinco dias.

Passei quase a mesma quantidade de dias com ele, que sem ele.

Antigamente, para mim, dias eram como milésimos de segundos para os humanos. Quando se era um ser imortal, o tempo se tornava algo *indiferente*. No entanto, aqui estava eu: contando os minutos, agonizando por horas, para morrer um pouco a cada dia.

Finalmente compreendi a loucura que dominou Loth.

Nenhum dos lupinos que convivia comigo teve um chamado de sangue, nenhum deles compreendia, ou tinha experiência para compartilhar. Eu possuía o conhecimento teórico, é claro, de como *deveria* ser uma parceria destinada: duas vidas em uma, almas ligadas.

Muitos imortais a odiavam, pois significava aumentar as fraquezas, ter um segundo corpo, que eram obrigados a proteger para sobreviver. Principalmente os machos se ressentiam das fêmeas, por terem de protegê-las.

Meu irmão mais velho, Tyre, foi o primeiro de nós a descobrir a existência do chamado de sangue. Fomos os precursores em muitas coisas. Nala, uma das primeiras descendentes dele, irmã de Julius, era sua parceira e ninguém a via há milênios.

Tinha vergonha de admitir que, ao ver Drako no Caern Blackthorn, tive vontade de fazer com ele o mesmo que Tyre fez com Nala: aprisioná-lo e colocar numa estante, feito um bibelô inútil.

Em pouco menos de uma semana, aquele macho me mostrou o seu *valor* e *valores*, e o quanto eu estava errada.

Drako colocou seu clã em primeiro lugar, viu a necessidade deles e foi atender. Da mesma forma que eu faria pelos meus Aesire, protegeu os irmãos caçulas. Só que Drako fazia melhor: proteger, liderar pelo exemplo, sacrificar, a si mesmo e seus desejos, em prol do coletivo.

Sua régua de moralidade era afiada e o tornava um *líder* melhor que eu.

— Trouxemos comida. — Julius veio me chamar, na janela da casa segura em Nova Iorque.

Não queria ouvir sobre o tipo de "comida" que ele se referia. Havia alguma coisa errada comigo, uma consciência subcutânea, que me fazia enojar, toda vez que pensava em me alimentar da maneira como fiz por milênios

Mas na cidade, não havia como nos alimentarmos de outra forma, caçando animais, por exemplo. Nova Iorque era uma selva de pedra e velhos hábitos morriam lentamente.

— Você precisa *se alimentar*! Quanto tempo faz? — Mason se preocupou, segurando meu antebraço, para chamar minha atenção.

Puxei o braço de seus dedos, odiando que me tocasse. Ainda tinha lembranças vívidas de quando era Drako encostando em mim, com suas palmas calejadas e brutas, não queria outro macho apagasse isso da minha pele.

 Vocês deviam parar, não eu voltar a me alimentar. Não precisamos mais ser assim. Imortalidade não é mais uma necessidade, estamos quase no fim — reclamei com eles, mesmo que jamais tivesse dado a ordem para que parassem. Não era justo condená-los por um crime que eu cometia, querer que tomassem a frente nas decisões, quando os subjuguei por uma vida inteira. Ou desejar que tivessem ideias e ideais próprios, da mesma maneira que Drako possuía.

Vivemos como imortais por milênios aguardando este momento, quando poderíamos seguir para o objetivo final. Não precisávamos mais viver para sempre. Ao menos, não eu.

Olhei para trás e vi três humanos amarrados com braçadeiras plásticas, os rostos surrados. Sentia o cheiro de seu sangue adocicado, escorrendo nas feridas. Ainda era de carne osso, uma amaldiçoada, e aquele aroma me cativava, porém não queria mais isto, não conseguiria mais.

Ficaria livre dessa tentação, do vício sombrio, do qual eu precisava me reabilitar.

Atrás dos bandidos que virariam alimento, dois Caçadores de Prata humanos, dos poucos que tinha restado do contingente de Winnipeg, após tantos ataques. Certamente, acreditavam que os prisioneiros eram lupinos e precisavam morrer.

Vim para Nova Iorque para caçar Paul, antes que ele fizesse a merda que acreditava que estava fazendo: vir atrás de Tyre. O prédio em Manhattan, onde ficava o quartel general dos Tyrants, não era exatamente um Caern, não tinha proteção de Luna, nenhuma barreira mágica para afastar humanos.

Tyre era tão arrogante, que se garantia apenas na força bruta para defender seu território. Um filho da lua cheia que adorava guerrear. Sequer trouxe todo seu exército, os Primeiros Filhos quase nunca pisavam no continente americano.

A cidade era infestada de Tyrants, por isso, estávamos nessa casa no subúrbio, bem longe do território central deles. A quantidade de humanos nesta cidade podre camuflava nossos cheiros, mantinha-nos quase em segredo. Julius, Mason, Lucian, G. e eu, não éramos páreo para invadir o prédio de Tyre. Lá havia mais de cinquenta lobisomens fazendo a guarda, além dos outros que moravam na cidade. Como a polícia novaiorquina conseguia esconder os milhares de ataques anuais, não fazia ideia, mas dinheiro comprava tudo.

A humanidade era tão corrompida quantos os amaldiçoados por Fenrir.

Luna estava delirando, se acreditava que humanos e seus descendentes eram capazes de voltar a harmonia do princípio, mesmo depois que eu terminasse minha missão. Estavam todos corrompidos pelo caos, por culpa dela e sua arrogância tóxica, ao trair Fenrir e jogá-lo no abismo.

Eu podia quebrar a maldição, mas a maldição não seria retirada deles.

— Tirem esses lixos humanos daqui — ordenei e gesticulei com a mão, indicando que levassem os bandidos embora.

Recebi sete pares de olhos transformados focados em mim, feito laser. Condenando-me pela minha ordem. Aqueles três humanos eram pouco alimento para a quantidade de lupinos ali dentro e ainda os estava mandando descartarem.

Julius entrou na minha frente, quando os outros se levantaram, dispostos a debater. Minha dominância e poderes estavam minguando pouco a pouco, e a mudança era sentida por todos ali dentro.

Eles só respeitavam *força*. E o que eu esperava, reunindo a escória ao meu redor?

Sempre fui a mais forte deles, até mesmo sem usar os poderes. Porém, desde que a deusa me amarrou a Drako, minha essência estava se esvaindo à conta-gotas. Em breve, não conseguiria mais usar meus poderes e me arrependia de ter vindo na minha caçada. Seguir com o meu plano, sem o parceiro que foi destinado a mim, com o qual dividia a alma.

— Não vou me repetir — demandei, impondo comando-alfa em minha voz. Não foi suficiente para compeli-los a me obedecerem.

Comida e território eram instintos básicos dos licantropos. Para fazer um lupino abrir mão de um de seus instintos primais, era necessário um alfa muito forte, o que eu já não era mais.

Talvez jamais tenha sido, uma vez que tentei comandar meus filhos a pararem de se alimentar dos humanos e falhei. Quando negociei com Luna, pedindo que me livrasse de Tyre, ela me deu poderes, a mim e meus descendentes, com a condição de que fizéssemos o que Jonah e Vikran fizeram: virar mortais.

Meus Aesire nunca obedeceram.

Vivemos como deuses, por séculos, recebendo sacrifícios, usando os poderes que *ela* deu para manipular as mentes humanas. Na Primeira Guerra, quando Tyre desceu com seu exército vermelho para o meu deserto, Luna nos castigou, tirou os poderes dos meus filhos — não os meus. E os Aesire foram destruídos.

Luna me culpava e castigava, para que eu pagasse pelo meu maior erro. Não pude convencer meus descendentes a serem mortais, que dirá esses aqui.

Aproximei-me dos humanos que serviriam de alimento e falei com a voz doce, usando minha manipulação de humor e a telepatia, para entrar em suas mentes. Era como os mantinha calmos, em silêncio, enquanto morriam sob nossas presas. Fazia o que os humanos chamam de *gaslighting*: alterar a realidade, com a manipulação mental.

- Vocês vão sair daqui e não vão contar para ninguém o que viram. Afinal de contas, quem acreditaria em vocês, não é mesmo? *Não existem monstros*! Não vão conversar nem entre si, com medo de serem ouvidos e destruídos. Vão esquecer esta noite. Entrar na primeira delegacia que encontrarem e confessar todos seus crimes. *É o melhor*.
  - É o melhor! concordaram comigo, em uníssono.
  - Sel... Mason sussurrou, chamando minha atenção para si.

O ruivo fez um gesto de cabeça, indicando os Caçadores de Prata humanos presentes na sala. Então olhei para o lado e vi que Solomon estava piscando repetidamente, fora do meu controle mental.

Meus poderes não eram mais tão fortes para controlar toda uma sala; Solomon era um humano, que eu tinha quase certeza de ter o gene lupino. Com ele sempre precisei usar mais potência. Arrebentei as braçadeiras de plástico que prendiam os bandidos humanos e Julius abriu a porta para que saíssem.

Aproximei-me de Solomon e o outro caçador que nunca soube o nome, repetindo o controle mental. Meus olhos transformados eram ignorados por eles, conforme fora ordenado muito tempo atrás, quando se juntaram a mim.

Mas desta vez, Solomon fixou o olhar no meu, arregalando as pálpebras esbranquiçadas. Sua pele empalideceu, reconhecendo-me pelo que eu era: a inimiga que ele passou a vida inteira perseguindo.

- Você! balbuciou algumas coisas indiscerníveis e sacudiu a cabeça, como se recobrasse as lembranças que eu havia mandado esquecer. Você *matou*... eu te vi *comendo*... Cobriu a boca, sugando o ar em haustos, tendo uma crise de pânico a olhos vistos, ao recuperar todas suas memórias. É igual a eles, um monstro!
- Claro que não, Solomon, isso não existe! Continuei forçando suas barreiras mentais, porém meu poder falhava quando mais precisava dele.

A sensação era de ser drenada à exaustão, como se não soubesse usar meus poderes, não soubesse acessá-los.

Frustrada com aquela situação, fui lenta demais para perceber o movimento. O humano que treinei, que ensinei a usar uma faca ao invés de uma arma, em lutas à curta distância, usou o conhecimento que lhe passei contra mim.

Vi o brilho da lâmina por milésimos de segundo, antes que ela fosse enterrada em meu abdômen. Minhas presas alongaram, bem como minhas garras, e lanhei o ar ao cair para trás, com um empurrão que o humano me deu. Estava tão fraca, que um reles humano me derrotou.

Aconteceu tudo em uma velocidade acelerada e, ao mesmo tempo, em câmera lenta: meus homens vieram em minha defesa, segurando Solomon. Outros antepararam minha queda e urrei de dor, ao sentir a lâmina rasgar minha carne na saída.

— Filho da puta! — grasnei, furiosa e amedrontada.

Eu não era mais páreo para Tyre, não conseguiria cumprir minha missão de vida. E havia essa espécie de consciência animalesca dentro de mim, chorando e pedindo passagem em um caminho empedrado. Toda minha pele retorcia, meus ossos partiam e reajustavam, como se me transformasse e voltasse à forma normal, tão veloz que mal conseguia registrar.

- Selene, você está bem? Julius apertou a ferida em meu abdômen, pressionando o corte, que já deveria ter começado a se curar, se meus poderes não estivessem ausentes.
- Morde esse filho da puta! Se ele tem tanto ódio do que somos, vai ser transformado em um de nós ou morrer! ordenei, irada, sem me importar com as consequências.

Mason não pensou duas vezes, sequer piscou ao me obedecer, mordendo o humano no mesmo ombro do braço em que ele segurava a faca de prata.

Era um castigo cruel, eu bem sabia; porém, se morreria pelas mãos dele, ele morreria pelas minhas. Era besteira procurar redenção a essa altura de minha vida e tudo o que conseguia pensar era na decepção de Drako, se soubesse o que eu havia acabado de fazer.

Só de permitir meus pensamentos de retornarem para *ele,* foi como romper uma represa: flashes das vezes que entrou em mim; de cada palavra maldita que me disse; de todos seus olhares de julgamento; os grunhidos de prazer; o cheiro de sândalo e cedro; o cabelo cor de mogno; a barba cheia; e os olhos dourados, invadiram meus pensamentos de uma forma violenta.

Não queria morrer sem vê-lo, não queria matá-lo à distância. Mas aquela mordida era um elo inquebrável. Solomon não enfiou esta faca apenas em mim, enfiou também em Drako.

- Não posso morrer! Não ainda, não sem terminar o que começamos! murmurei, quase sem ar, para Julius, que segurava minha cabeça. Seus dreads compridos cercaram meu rosto e seu desespero ampliava o meu.
  - Não vamos te deixar morrer, Sel! Do que você precisa?

Antes de perder a consciência, por causa da hemorragia, a única coisa em minha mente e que escapou pelos meus lábios, feito um segredo que deveria ser escondido a sete chaves, foi uma palavra:

#### — Drako.

Então senti a transformação e minha pele já não era minha, a forma bestial com a qual convivi por seis mil anos estava modificada. Não mais duas patas e um corpo monstruoso, quatro patas e uma segunda consciência, à frente da minha, comandando o meu corpo, meus instintos e movimentos.

Um novo eu.

## VINTE E DOIS



Drako Blackthorn

— Alfa... digo, *Drako!* — Val era uma filha da puta debochada.

Desde que retornei para o Caern, uma semana atrás, ela estava sempre enchendo meu saco sobre eu ser um alfa.

— Você devia mostrar algum respeito, *Delta* — rebati e ergui a sobrancelha, prendendo um sorriso debochado, desafiando-a a continuar sendo a encrenqueira fodida que ela era.

Estávamos dentro da minha casa no Caern, a casa das fêmeas não-acasaladas, onde passei a morar, depois que fiz o acordo com todas as moradoras, de cobri-las em seus Calores. Não tínhamos conversado sobre isso, porém a marca em meu pescoço deixava evidente que o acordo estava desfeito e, em breve, eu teria que procurar outra casa.

A opção seria voltar a morar com meus pais e *dividir* o quarto com Leif. Nem eu, nem o moleque, queríamos isso.

Desde que os dissidentes foram embora, a vida no Caern voltou a uma espécie de rotina, tampando o sol com a peneira, fingindo que estávamos protegidos da guerra. Mandei alguns dos gamas do grupo de elite irem atrás do rastro de Axel, ainda que soubesse que, enquanto Fenrir estivesse assumindo seu corpo, o cheiro dele e de Kamari eram diferentes.

Rulf e Kaleb foram com Luther, Leah e outros gamas fortes, deixando-me com Bog, para servirmos de escudo, caso fôssemos atacados. Então aqui estava eu, tentando me adaptar ao novo ranking, vivendo da mesma maneira que vivia antes. Obrigando-me a manter meus pés no chão, enquanto esperava por notícias.

Eu *não era* o alfa-regente, ninguém me elegeu. Era só mais um membro do bando, com um ranking alto, como sempre fui. Estava liderando uma situação de crise, não seria permanente. Quando Ax voltasse, entregaria o bando e...

"Não mostro o pescoço!" — meu lobo rosnou, falando comigo pela primeira vez em dias.

Ele vinha me dando o tratamento do silêncio. Eu estava "de castigo", por ter "abandonado Selene".

A verdade é que dissimulava a tranquilidade, fingia me preocupar com a divisão do meu clã, ao passo que me inquietava com a fêmea que não saía da minha cabeça. Dormia e acordava pensando em Selene, lembrando-me de seus olhos aguados e sua expressão de desdém, ao me deixar partir, sem olhar para trás.

E a dor em meu peito ficava cada dia mais forte, feito uma doença.

Era uma fodida agonia: sonhar com Selene, apenas para acordar e ser atacado com memórias dela. Senti-la a cada respiração dolorida, a cada batimento ardido, nessa *queimadura*, onde deveria ficar o laço da parceria.

Não era como se a quisesse por perto, apenas para saber que estava ali. Não, queria vê-la, ouvir as merdas que não a deixei contar... Queria *brigar* com ela. Qualquer coisa!

"Saudade!" — o lobo ofereceu.

Ficava orgulhoso que ele fosse mais articulado que aquele monstro maldito de Axel, mas também detestava que sua inteligência me desafiasse.

Val estalou os dedos diante de mim, chamando minha atenção para si.

— Não atire no mensageiro, ok? Mama Dee quer saber se, agora que é um *macho acasalado*, vai voltar para casa. — O deboche de minha irmã deveria me irritar.

Porém sabia que era a pergunta que estava rondando a mente de todo o bando nos últimos seis dias: "onde estava a minha parceira?". Alguns deles achavam até que estava mentindo sobre Selene ser a semideusa, que estava contando vantagem.

Não era uma vantagem, porra!

— Eu *estou* em casa — respondi minha irmã, seco, perdendo qualquer interesse em fingir normalidade.

Valkirie me deu um olhar piedoso, mas logo desfez a expressão, transformando seu lindo rosto em uma careta desconfiada. Amava minha irmã do meio, porém nossa personalidade semelhante, fazia dela alguém perigoso de se mentir. Ela me compreendia só no olhar.

- Vai meter essa pra mim, irmão? Ergueu uma sobrancelha arqueada.
- Não estou *metendo* nada! Ri sozinho da minha piada infame e Val apenas negou com a cabeça. Seus longos cabelos castanhos balançaram, quase alcançando os cotovelos.
- Isso é *óbvio*. Acabaram os dias de cachorro pra você. Rolou os olhos e focou em Sara, a loira sardenta que dividia a casa comigo, e nos trazia duas cervejas.

Fez cara feia para a ironia de Valkirie. Sabia que as minhas companheiras de casa estavam enfurecidas comigo, como se eu tivesse culpa por ter sido *destinado* a outra. Agiam como se as tivesse abandonado.

Agradeci, sem tocar seus dedos, ao pegar a garrafa, esforçandome para não me esquivar. Não queria ser grosseiro com a pequena, mas o toque de outras fêmeas meio que *incomodava*.

Vinha fazendo muitas coisas que não queria fazer, suportando muito do que não queria suportar, pelo bem coletivo. Tentava manter uma rotina diária: reunir-me com os crescentes, anciãos e Bogdan, Astrid e Malena, a fim de forjar novos hábitos, transformar mentalidades endurecidas, trazendo-os para a luz.

Ignorei a implicância de Valkirie, observando-a bebericar sua cerveja, enquanto eu deixava a minha intacta. Perdi-me em pensamentos que só tinham um destino: Selene. Foi então que escutei as passadas estrondosas da corrida de Bogdan, subindo a última rua.

Levantei-me da poltrona, depositando a garrafa de cerveja cheia sobre a mesa de centro e fui abrir a porta, antes mesmo que Bog batesse nela. O gigante bufava, descamisado, a bermuda de basquete embolada no quadril, prova de que a tinha vestido às pressas, ao tomar a pele de seu lobo.

— O que foi, porra?! — questionei-o, ansioso, e a ligação em meu peito queimou, como se refeita naquele instante.

Cobri o peito com a palma sobre o esterno, mas não havia calor. A queimadura parecia real, roubava todo o meu ar, fazia minha pele suar frio e fumegar. Meu lobo ficou agitado, pressentindo perigo, e a agonia dele nublou meus pensamentos.

"Parceira?!" — ganiu, agoniado, usando meu nariz para farejar o ar.

Sal marinho e sálvia, um deserto congelante.

Selene estava aqui!

- Onde ela está?! Minha pergunta foi um comando-alfa e Bog cuspiu o que sabia de uma só vez, sem nem ao menos respirar.
- Estávamos fazendo a ronda do perímetro, Bjorn e eu. Senti o cheiro dela, por isso, deixei eles entrarem. Vem comigo e fica calmo!

Corri um pouco à frente do meu amigo. Embora ele soubesse o caminho, fui guiado pelo faro, até o portão principal, moendo o asfalto

solto sob meus pés descalços. O perfume natural dela estava tão concentrado, que só podia significar duas coisas: Calor ou sangue.

Mas era pior, muito pior!

Ela estava no Calor e sangrando!

O lobo ficou irracional, tomando a pele sem autorização. Explodiu minhas roupas e correu nas quatro patas na direção de um SUV com cheiro de morte. O desespero dele me contaminou, pois precisávamos vê-la, ver quão grave era o ferimento que a fazia sangrar.

Selene era extremamente poderosa, nada podia feri-la. Para estar sangrando, a merda foi grave!

O lobo lanhou a tampa da mala fechada, sem saber que bastava apertar um botão para abri-la. Avancei na fronteira que nos separava, contudo, ele não me permitiu tomar o controle. Brigava comigo, dizendo que eu a detestava e que, o quer que tivesse acontecido a ela, era culpa minha.

Era? Ela sobreviveu por *milênios* sem mim. Selene não precisava da minha proteção. Por mais que eu quisesse, ela não *precisava*.

Julius abriu a tampa da mala. Assim que vimos a cena, o pânico do meu lobo inundou meus pensamentos e estacamos, congelados, ao vê-la daquela maneira. Era um pânico que não sentia, nem quando o ferido éramos nós. O pavor tremendo esmagou toda sua valentia de instantes atrás.

Dentro da mala, com os bancos traseiros dobrados para frente, uma loba quase prateada, ergueu focinho no ar, uivando, amedrontada, tentando se comunicar. Não éramos do mesmo bando, mas seus poderes a fizeram se comunicar com o meu.

A loba era minha parceira, aprisionada em sua forma animal, numa espécie de Fúria, quase feral. A loba de Selene não sabia como voltar à forma humana e mal conseguia se comunicar em monossílabos, mostrando em imagens de sua transformação, quase vinte e quatro horas atrás.

O ferimento em sua barriga não se curava e impedia a loba de ficar de pé. Era um ferimento letal, que a mataria lentamente.

Meu lobo branco-cinzento, com poucos pelos negros, empurrou as patas traseiras da loba branca diante de si, farejando o sangue que manchava sua pelagem. Rosnou para impedir a proximidade de Julius, que tentava se comunicar comigo, a fim de explicar o que estava acontecendo.

Ele não queria ouvir e, a bem da verdade, nem eu. Ainda que de forma precária, a loba de Selene conseguiu me explicar o suficiente, através de imagens e lembranças: um dos caçadores esfaqueou Selene, ela perdeu a pele e seus poderes não estavam funcionando da forma como deveriam, por isso não se curou.

Desesperado com o que viu, meu lobo encostou o focinho em seu ferimento, cheirando o envenenamento da prata e lambeu o sangue coagulado, limpando a ferida. A loba branca permitiu que seu parceiro cuidasse dela, deitando-se de lado e ganiu baixinho, como quem pedia ajuda. O comportamento extremamente distinto da sua metade humana, sem nada do orgulho inerente ao da semideusa, que era minha parceira.

Meu peito doía, queimando, pois não ouvia Selene, só via as imagens que a loba enviava, contando sobre sua dor e entregando uma confiança gratuita no parceiro dela. Era como se eles se conhecessem. Uma sensação infinitamente maior que a familiaridade que ele sentia com Kamari.

Aquela loba era *seu sangue*, sua metade. A paixão instantânea que ele tinha pela fêmea era retribuída por ela, principalmente em seu desespero. A parceria deles era fácil, saudável e fodidamente bonita, mesmo dentro da tragédia.

Selene e eu éramos o inverso disso.

As lambidas do meu lobo, removendo o sangue envenenado e limpando o corte, foram fechando a ferida. A loba de Selene ergueu a cabeça, enfiando o focinho no pescoço do meu lobo, em agradecimento. Ainda gania baixinho, enquanto ele permanecia em um frenesi,

lambendo sua ferida e o focinho dela, cuidando e provendo o que ela precisava.

A sensação de alívio dele, vendo-a melhorar, foi tão gigantesca, tão sublime... que fez o laço da parceria dolorido em meu peito, transformar-se em uma sensação de bálsamo, feito óleo quente sobre músculos cansados. Não mais dor e sensação de morte e sim, certeza e calmaria, a tranquilidade daquelas areias desérticas iluminadas.

Muito diferente do que ocorria quando estávamos em nossas formas humanas: trocando ofensas e palavras hostis, desdenhando um do outro e amaldiçoando essa parceria injusta. Os lobos se compreendiam, acariciavam-se, lambendo e esfregando os focinhos, os pelos dos pescoços, cernelha com cernelha.

Ele a incentivou a ficar de pé e ela se atrapalhou ao andar, ainda com medo de estar machucada. Não estava mais. Ele a *curou* e não fazia ideia de como conseguiu se livrar da prata, ou fechar aquela ferida inflamada. Pulou da traseira, aguardando ansiosamente que ela fizesse o mesmo e rosnou para o macho ruivo e o de dreads, que tentaram se aproximar dela para ajudá-la, impedindo-os de sequer *falar* com a loba de Selene.

A essa altura, uma pequena multidão de Blackthorn havia se formado no fim da estrada de entrada do Caern, assistindo à distância a chegada da minha parceira. Uivei um comando, compelindo-os a se transformarem, e que nos acompanhassem em uma corrida.

O lobo gigantesco de Bogdan não parecia mais tão maior que eu, quanto era antigamente. Ainda assim, posicionei-me entre ele e a loba de Selene, colocando-a à minha direita, enquanto Bog ficava à esquerda.

Iniciei a corrida com um trote lento, olhando para trás, para ver se ela me acompanhava. A loba se surpreendeu com a sensação de ter uma matilha e me mostrou algumas memórias embaralhadas, de muitas luas atrás, quando correu com seu bando, em duas patas, inconsciente de si mesma, presa dentro da consciência de Selene.

Uma matilha de lobisomens brancos, naquelas mesmas areias desérticas, que vi quando Selene me marcou, iluminadas pela lua cheia amarelada.

Seu antigo clã, os extintos Aesire.

A saudade dela foi tão *imensa*, que me atingiu como ferro em brasa atravessado no peito, e me fez falsear as passadas, voltando-me para ela, para ver se estava bem.

Meu lobo estava extremamente angustiado, sem saber o que fazer para lhe oferecer remédio para a nova dor. Tranquilizei-o de que ela ficaria bem, de que não havia o que fazer. Lambidas não resolveriam, não havia como voltar no tempo e trazê-los de volta. Aquele era um desejo dela, que jamais poderíamos atender. Questionei-me se era algo que afligia Selene também.

Não me imaginava viver sem um bando, ser sozinho da maneira que aquela loba se sentia.

Ela tem que entregar a pele de volta, tem que encontrar Selene, senão vai virar feral — expliquei ao meu lobo, informando-o sobre o problema que ele *poderia resolver*.

Meu clã nos seguia, a uma distância segura, na direção da clareira, onde iniciávamos os novos lobos na matilha. Não houve preparação, fogo ou prece para Luna, porém quando ele explicou à loba o que precisava ser feito — a mordida —, ela consentiu.

O lobo ficou eufórico com a ideia de fincar suas presas em sua parceira diante de todo o bando, introduzindo-a aos Blackthorn. Era uma honra, que o deixou orgulhoso de si mesmo e dela. Nunca tínhamos entregado um lobo a este bando e a primeira seria a de Selene.

Quando aproximei meu focinho de sua pata dianteira, a diferença de envergadura ficou ainda mais evidente. Ela era alta para uma fêmea, mas não mais alta que o meu lobo. Era esguia, mais pelo que músculos, mas dominante. Mordi-a e lambi as marcas de meus dentes em sua pata. Ainda assim, as cicatrizes em meia-lua eram visíveis, através da pelagem branco-prateada. Os olhos quase brancos dos Aesire iluminaram-se, feito faróis acesos, e seus poderes voltaram para dentro dela, como se sugados de sua órbita.

Estava tão próximo dela, que sentia as ondas densas de seus poderes passeando em meus pelos. Um alfa tinha a força de seu bando e vice-versa. Os metamorfos podiam não ser tão poderosos quanto um bando de lobisomens, porém tinham muita força de espírito, determinação.

Eu e Selene éramos dois alfas, diante de um bando.

A transformação foi coletiva, todo a matilha clareou a pelagem um ou dois tons. Aqueles que eram predominantemente pretos, acinzentaram, e os que eram cinzentos, passaram para um cinza mais claro.

"Parceira?" — meu lobo chamou por ela, mas a consciência de Selene fazia a loba, quase feral, retroceder a um estado de inércia, um vácuo de inexistência.

Selene foi transformando de volta, primeiro na forma bestial em duas patas, depois à forma humana. Seus olhos estavam aguados, observando a matilha de lobos reluzentes ao seu redor, emocionada.

*Entregue a pele, preciso falar com ela!* — ordenei ao meu lobo.

Assisti-a ajoelhar, sentando-se sobre os calcanhares, segurando a marca cicatrizada em seu braço, a única na pele ilesa. Em seguida, cobriu o peito com as duas mãos em oração e fechou os olhos.

Surpreendi-me e fiquei angustiado, ao ver as lágrimas rolarem em suas bochechas castanhas. Meu lobo entregou a pele sem protestar. De pé, segurei-a pelos cotovelos, erguendo-a. Pois ela, de joelhos, era uma imagem que eu não queria ver *nunca mais*.

Trouxe-a para mim, colando nossas frentes, e fui tomado por uma sensação de pertencimento que era indizível. Deitei minha testa na dela,

com dificuldade de respirar, sendo assaltado pelo seu aroma malditamente delicioso. Ela trincou a mandíbula, contendo o choro.

Jamais esteve tão linda e apelativa.

E eu só podia ser um filho da puta fodido, por desejá-la desta forma inumana, enquanto ela se desfazia em lágrimas.

— Selene? — chamei-a, mas ela permaneceu chorando, olhando ao redor, para o bando ao qual ela pertencia também, por ser minha parceira.

Um rosnado grave reverberou em minha caixa torácica, chamando sua atenção para mim. Ela concedeu, por escolha, não obediência, e trouxe aqueles olhos pálidos para os meus.

Enxuguei as trilhas de lágrimas em suas bochechas com meus polegares, sem conseguir proferir mais nenhuma palavra. Minhas mãos coçavam para tocá-la, minha pele inteira formigava porque ela estava comigo.

Inevitável; instinto primitivo, necessidade vital.

O fodido destino!

Espalmei seu pescoço pela frente com delicadeza, angulando seu rosto da forma como eu desejava e, de olhos abertos, colei os lábios sobre os dela.

A mensagem naquele beijo era clara: eu estava ali para ela. Quisesse eu ou não, essa fêmea me pertencia.

Nossos lábios se envolveram, como se fosse a primeira vez que se tocavam. Não foi um beijo feroz, mas, sim, um reconhecimento, uma *possessão*. Suguei seu lábio inferior, marcando-o com minhas presas, ferindo e cicatrizando, semelhante ao que ela fazia comigo, simultaneamente.

Selene tentou resistir, manter sua fachada de controle, porém, ao mesmo tempo em que suas presas desceram, as pálpebras pesadas de desejo desceram, até fecharem e ela se entregar ao beijo, sedenta.

O aroma delicioso de sua boceta invadiu meu olfato, convidandome para o acasalamento. O Calor de Selene deixaria nós dois malucos, entretanto, o pior foram os rosnados dos outros machos, sentindo seu cheiro de fêmea.

Ela havia me mordido e marcado como posse, eu que ainda não tinha feito, estabelecendo-a como minha.

Quase me rendi, mas me lembrei da deusa rindo de mim, como se fosse inevitável! Orgulho era o pior defeito de um filho da lua nova. E nenhuma deusa filha da puta me *obrigaria* a selar meu destino.

# VINTE E TRÊS (SELENE ÀESIRE

Selene Aesire

Drako soltou o beijo, como se estivesse sendo eletrocutado. Segurou-me pelos ombros e rosnou, gutural, com seus olhos dourados transformados, afastando os outros machos de mim.

A possessividade dele fazia minha boceta latejar e meu ventre contorcer. Por mais que tentasse manter o distanciamento, algo havia mudado, quando seu lobo me curou. Nossa conexão fortaleceu, quase como uma dependência, um vício nocivo.

A presença de Drako reestabeleceu meus poderes, da mesma forma que me afastar dele me drenava. Este era um revés que não esperava sobre a parceria, entretanto deveria ter esperado mais esta armadilha de Luna.

Isso me amarrava a este macho, mais que minha vontade de estar com ele. Ambos eram reveses, falhas no plano, que eu não esperava. E só faria doer mais, quando encontrássemos o nosso fim.

— Preciso de roupas — informei-o, cobrindo minhas partes íntimas, incomodada por estar nua diante daquele clã que, por mais que tivesse alguma centelha de descendência minha, não era meu.

Mas o pior era o fato de os outros machos estarem voltando à sua forma humana, os olhos trancados em mim, como se eu fosse comestível.

— *Precisa sim* — Drako praticamente rosnou, ao invés de falar, a presença de seu lobo evidente no tom feral de sua voz.

Toda a masculinidade imponente que emanava dele, unida ao seu cheiro maravilhoso de cedro e sândalo, atingiram-me e fizeram escorrer desejo líquido entre as pernas. Minha pele ficou arrepiada e um suor gelado percorreu minha espinha, ao observá-lo com seus músculos trincados, sob a pele castanha, ainda fumegante da transformação.

Subi o olhar para sua boca, contornada pela barba cheia. Os lábios estavam manchados com meu sangue. No instante em que serpenteou a língua sobre o inferior, lambendo-o, o movimento refletiu em minha boceta desejosa.

Ofeguei suavemente e o som trouxe os olhos dourados de Drako para minha boca, cheios de fome abrasadora. O tipo de tesão que meu parceiro destinado despertava em mim era devasso, pecaminoso.

— Vem comigo! — urrou a ordem, sem controlar o comando-alfa que impôs em sua voz, claramente fora de si, mexido, da mesma maneira que eu.

Não tive condição de protestar, principalmente depois que seus dedos brutos rodearam meu braço, sobre a marca que seu lobo fez em mim. Puxou-me consigo, por aquela espécie de clareira, na direção de uma construção enorme em madeira rústica. As mesas de piquenique do lado de fora, iluminadas por dezenas de pequenas luzes de filamento, davam um aspecto de acampamento luxuoso ao local.

Duas semanas atrás, quando invadi este Caern, jamais imaginei colocar meus pés aqui outra vez. Não fazia ideia de como seria a recepção de seu bando à minha presença. porém imaginava que não seria bem-vinda.

Os Blackthorn não tinham conhecimento que parte de sua ascendência era ligada a mim; deviam me odiar por ter sequestrado a parceira do alfa-regente e Drako; e, provavelmente, pensavam que aquela marca no pescoço dele foi uma *imposição*.

Impor uma marca de parceria era um dos crimes mais hediondos que um licantropo podia cometer contra outro.

— Você está me machucando — falei, tentando manter um resquício de sobriedade em meu timbre, contudo sabia que ele escutaria o que eu disse como uma súplica.

### — Você não é frágil.

Não me olhou, porém aliviou seu aperto, puxando-me para sua frente e, praticamente, colou meu corpo no seu. Não era um comportamento comum para um alfa: colocar sua fêmea à frente de si, mas o ciúme de Drako, tentando impedir que o resto do seu bando me visse nua, fez-me prender um sorriso.

Para toda a grosseria desdenhosa que saía pelos seus lábios, meu parceiro demonstrava o inverso. Batia no peito que não me queria, contudo demarcava seu território ao meu redor, mesmo sem perceber.

Paramos diante de um armário metálico, nos fundos do que era um bar ao ar livre. Ele abriu a porta, procurando roupas para mim, antes de se vestir. Conhecia aquele costume, de alguns bandos de Vagantes Selvagens: o uso de roupas coletivas, uma vez que perdiam a pele para as bestas, descontroladamente. Bens materiais eram um hábito de clãs mais antigos, como os Aesire e Tyrant.

Vestia a calça legging cinzenta, de algodão grosso, sem calcinha e minha boceta melada marcou o tecido escuro. Os mamilos intumescidos apontaram na camiseta masculina sem mangas, de algodão, que Drako havia me dado para vestir. Ele farejou o ar e suas presas alongaram, ao focar no triângulo entre minhas pernas e ver o tanto que eu estava lubrificada.

- Estamos ficando sem tempo declarou com a sobriedade forçada de quem atestava um fato, mas seu membro enrijecido, marcando na calça de corrida azul-marinho, provava-me o contrário.
- Sem tempo para quê? Odiava a sensação de ignorância, conhecia muito bem meu corpo, porém as reações que tinha quando estava ao lado de Drako eram inéditas.

- Você está no Calor argumentou, impaciente, como se fosse óbvio e eu devesse saber daquilo melhor que ele.
- Eu. Não. Tenho. Calor! Nunca tive! rebati, falando pausadamente, pois era a segunda vez que ele me acusava de ter esses instintos primitivos, degradantes, como as fêmeas de seu bando.

Como Freya e Kendra, as filhotes que se amavam e continuavam presas a esse instinto animalesco, que as fazia se sentir um lixo. Minha libido sempre foi escolha minha. Quando tinha interesse em um macho ou uma fêmea, seduzia e os levava para a cama.

Obviamente, com Drako, aquilo era diferente. Ele me desmantelava, dobrava-me à sua vontade e me dominava, de uma forma que ninguém jamais conseguiu em toda minha existência.

O olhar astuto dele me pegou desprevenida. O sorriso cafajeste desenhou seus lábios e o brilho no olhar, ao se dar conta de que possuía uma informação preciosa, fez-me compreender que usaria aquilo como vantagem contra mim.

— Agora, *você tem*. — Gargalhou, presunçoso. — E vai ser um intenso, *semi*deusa. Mas, não se preocupe, eu sei exatamente o que você precisa. — Aproximou-se mais um passo, invadindo meu espaço pessoal e a estática entre nossos corpos me atravessou feito um raio, arrepiando-me inteira. Então grudou os lábios na concha da minha orelha e grunhiu um "hm" profundo, antes de sussurrar: — Basta pedir, *implorar*...

As palavras dele desceram pela minha garganta contraída, queimaram em meu peito, até alcançarem meu baixo ventre e amolecerem minhas pernas com o tesão alucinado que me causaram.

Deslizou o olhar lascivo pelo meu corpo, parando na mancha de lubrificação na fenda da minha boceta coberta. O grunhido masculino, suas presas alongadas e os olhos dourados, faziam minhas pernas amolecerem, de uma forma que jamais senti com ninguém.

Alisei seu cabelo para longe do rosto, prendendo-o atrás da orelha, e Drako sibilou, alargando as narinas e retraindo o lábio superior.

Minha boceta latejou, como se chamasse por ele.

Deu dois passos para trás e prendeu o cabelo no coque atrás da cabeça, esfregando a barba, tentando se reagrupar. Minha pele ainda fervia e eu respirava em haustos, como se estivesse me afogando em luxúria. Que merda estava acontecendo comigo?

Enquanto parte do bando contornava a grande construção, desaparecendo das vistas, uma senhora loira-grisalha, com olhos claros de águia, veio até de nós, de queixo erguido. Atrás dela, uma lupina jovem, morena com cabelo curtinho, tentava conter a fêmea mais velha, que emanava odor de revolta.

— É *ela*, Drako?! — A mais velha parou nua ao lado dele, contrastando em toda a coloração: pele, cabelo e olhos claros, porém eles tinham traços semelhantes.

Era a *mãe* dele.

Ergui o queixo e enquadrei os ombros, enquanto a mais nova pegava roupas para as duas, no mesmo armário em que Drako pegou para nós. Ele estalou a língua no céu da boca e foi até uma geladeira atrás do balcão de madeira, à minha esquerda, pegando duas garrafas de cerveja. Estendeu uma para mim e, só então, notei como estava quente, suando, ao segurar a cerveja gelada.

— Dee... — Um macho mais velho, porém nitidamente mais jovem que a mãe de Drako, parou ao lado dela, puxando-a pela cintura, para trás de si.

Tentei ignorar a tranquilidade do homem em ficar nu na frente de uma desconhecida. Esses costumes selvagens não eram algo que eu fosse acostumada. A senhora se vestiu com as roupas que a mais jovem a entregou. Enquanto os anciãos Blackthorn discutiam em sussurros, que ignorei, vi a baixinha se aproximar de Drako, ainda colocando a camisa.

Ele sequer a olhou, virado de costas para mim, e conversando com a fêmea seminua ao seu lado, como se nada estivesse acontecendo. Aquela centelha de consciência dentro de mim, fez-me segurar sobre a marca dos dentes do lobo em meu braço, enquanto um rosnado grave perpassou meus lábios, estabelecendo dominância sobre a proximidade daquela fêmea com Drako.

Ele me olhou com o cenho franzido, sobre o ombro, um sorriso enviesado brincando nos seus lábios.

— Fala pro Bog que eles podem ficar no perímetro, não quero eles aqui dentro. E, Lena, avisa que ela está segura comigo. Vai ficar até o Calor passar... *uns dias*, pelo menos.

Imaginei que Drako conversava com a filhote sobre meus aliados Tyrant. Eu *não ficaria* dias! Estava curada, tinha que voltar para Nova Iorque, vigiar os passos de Paul Reid. Não me esconderia no meio da floresta com ele.

— Não vou me calar, Mouro! — A mãe de Drako voltou a chamar minha atenção, gritando com o marido.

O laço da parceria dos pais dele era um feixe de luz forte, ainda que ambos estivessem emanando odores negativos com relação um ao outro. Era isso que meu destinado conhecia sobre parceria: brigas e revolta.

— Sim, você vai! — Drako ordenou e fixou o olhar na mãe, logo em seguida, virou a garrafa nos lábios.

Acompanhei o movimento de seu pomo de Adão e sua língua serpentear sobre o lábio inferior, lambendo o líquido que escorreu ali.

Enquanto mãe e filho mantinham uma espécie de comunicação silenciosa. O pai dele, no entanto, sustentava uma postura completamente diversa da parceira e do filho — ambos combativos —, estudando-me.

Mouro Blackthorn era uma cópia menos elaborada do filho.

Drako havia puxado as cores do pai e a beleza da mãe, porém nada nele era feminino. Voltei a ficar consciente de sua presença, o calor de seu corpo parado ao meu lado. O que fez a mãe, Dee, emanar mais hostilidade com relação a mim.

Para minha sorte, não parecia ter muito amor perdido entre mãe e filho. Até nisso, Drako e eu nos parecíamos. Odiava vislumbrar as semelhanças, admirar sua postura firme e a forma retilínea com a qual conduzia tudo em sua vida.

A mãe dele trancou o olhar na marca de parceria no pescoço dele, a que eu o forcei a receber, quando estava em Fúria. Engoli em seco, constrangida, como não ficava há muito tempo.

— Vamos, vem comigo. — Drako plantou a palma bruta na base da minha coluna e me conduziu pelo lado de fora do salão, na direção de uma das trilhas.

Mantivemos o silêncio no caminho. O som do cascalho e asfalto sendo moído sob a sola de nossos pés descalços, junto às nossas respirações e corações batendo coordenados, eram a única trilha sonora. Estranhei o fato de não me sentir insegura, não protestar ou questionar para onde me levaria.

Passamos em frente a uma casa enorme, com paredes de vidro e madeira robusta, que eu imaginava ser do alfa-regente; entretanto, havia apenas uma senhora à porta. Os cabelos brancos cascateavam sobre os ombros, lisos, e reparei em seu rosto bastante enrugado. Não era acostumada a ver lupinos envelhecerem, a maioria de nós era imortal e morria assassinado, não de causas naturais.

Os Blackthorn viviam seguindo os ideais utópicos de Luna, em comunhão com a natureza, inclusive a deles: meio lobo, meio humanos.

A anciã fez uma reverência para mim, as mãos em oração e um sorriso singelo. Anuí, em cumprimento, reconhecendo a leve assinatura de seu poder. Essa senhora possuía alguma *graça* de Luna; uma prova de que meus descendentes realmente estavam aqui, perseverando e progredindo, mesmo na minha ausência.

Fiquei emocionada e minha passada falseou. Drako parou e me investigou com um olhar vigilante — talvez até *preocupado*. Aquela conexão em meu peito, que me ligava a ele em um feixe de luz

incandescente, diferente do laço de parceria de seus pais, tremeluzia feito fogo.

E, como fogo, era uma ligação bonita e perigosa, simultaneamente.

Não dissemos nada, apenas neguei com a cabeça, desviando do seu olhar. Segui na frente, sem saber para onde ir, mas querendo me livrar de seu escrutínio.

Teria que confessar, em algum momento, o que descobrira, sobre os Blackthorn serem descendentes dos Aesire que sobreviveram; e que, por isso, não mais desejava fazer mal ao seu clã, pois eles eram meus também.

Só que havia uma urgência borbulhando em meu âmago; uma espécie de... *Calor*, de fato.

— Fica na última rua, vamos — murmurou e tornou a andar ao meu lado, não à minha frente, como um alfa faria.

Drako tinha uma dominância *imensa* e, talvez, nem ele se desse conta de que não a usava em sua totalidade. Não era um alfa prepotente. Bom, não com seu *poder*. Como qualquer filho da lua nova, era orgulhoso, sim, e julgava impiedosamente, mas não era injusto ou hipócrita.

Seu discurso era coerente com suas atitudes. Algo extremamente raro, ver alguém ganhar poder e não se corromper.

Não conseguia me impedir de ficar ridiculamente encantada e começar a dar razão para minha mãe maldita; Drako era um parâmetro difícil de alcançar: um alfa controlado, sagaz e *honrado*. Meu avesso.

Seguiu ao meu lado, como quem tinha um objetivo e toda minha pele contorcia, sabendo exatamente qual. Assim que chegássemos aonde quer que ele me levaria, ele cumpriria sua missão: aliviar essa sensação agoniante de cio animalesco.

Fiquei agradecida, embora jamais confessasse, de que, ao menos neste momento, ele estivesse sendo *respeitoso*; sem declarar seu

desprezo ou ódio por mim, lidando comigo como se eu fosse apenas uma fêmea, não a *semideusa*, que ele debochava.

Queria acreditar que, talvez, pensasse em mim como sua fêmea.

Percebi meu engano, assim que dobramos a última rua e subimos as escadas da primeira casa. Era a casa *dele*, sim, tinha seu cheiro. Também de sexo e de múltiplas outras fêmeas e seus *gozos* impregnados na madeira da construção rústica.

Fui incapaz de conter meu instinto. Quando Drako abriu aquela porta e a nuvem de feromônio me atingiu, feito um soco na boca do estômago, fúria escaldante me dominou.

Avancei contra ele, segurando em seu pescoço e mostrando minhas presas, rosnando, diante de sua face malditamente bela:

— O que pensa que está fazendo, Blackthorn?! Me trouxe aqui para me *espezinhar*?!

A reação dele foi sincera, ergueu as sobrancelhas em surpresa verdadeira e fechou a porta atrás de si. Recostou na madeira, sem tentar tirar minha mão de seu pescoço, mais uma vez ignorando o fato de minhas garras terem arrancado o *primeiro sangue* em uma batalha.

- Não, eu te trouxe para *minha* casa respondeu-me, seco, sem demonstrar nenhuma emoção em sua entonação.
- O fato de não ter feito aquilo propositalmente, esfregar suas amantes na minha cara, não fazia eu me sentir melhor, apenas mais furiosa. Seu erro foi honesto ou um ato falho?
- *Não. Vou.* Entrar. Aí! grunhi, sentindo minhas presas beliscarem meu lábio inferior.

Desci a mão pelo pescoço largo, sem conseguir parar de tocá-lo, como se estivesse possuída por algum transe. Deslizei os dedos na linha de sua clavícula, entre os peitorais, até espalmar o esterno. Drako puxou o ar invertido, grunhindo um "hm" de apreciação.

Então sorriu aquele sorriso maldito, buscando meu olhar com o dele. Nossas palavras circulavam ao redor do tema principal desta

conversa. Mas nossos corpos sabiam qual era o assunto que estávamos debatendo: sexo... cio.

Mortificada, pois esta era uma necessidade que eu jamais tive na vida, e, por mais que eu desejasse que fosse ele, só ele, não tornava o momento menos desconfortável.

Drako me desejava sexualmente, mas não me queria.

— Já entendi... Mas as opções não são muito melhores — murmurou e fez um gesto de queixo, indicando casas do outro lado da rua.

Casas muito mais simples, cabanas rústicas, claramente desabitadas há bastante tempo. Diferente da que ele morava com aquele *bando* de fêmeas. Sequer o dignei com uma resposta, furiosa com toda a situação humilhante — *precisar de um macho* para qualquer coisa.

Girei nos calcanhares e desci as escadas da varanda, caminhando na direção mais distante daquele fedor de boceta das fêmeas que iam para cama com o meu macho!

O que eu estava fazendo aqui? Já estava de volta a mim mesma, sob controle — na medida do possível —, meus poderes foram *recarregados...* Eu não precisava dessa merda!

Escutei seus passos, seguindo-me. Irada, parei no meio da rua, com a certeza de que havia muitos olhos sobre nós e apontei na direção dele, ladrando:

— Quer saber? Vou embora! Você disse que *qualquer macho* podia resolver esse *problema*, não é? Se você mora com um monte de fêmeas, Blackthorn, machos para me foderem é o que não me falta.

Vi seu semblante se transformar em uma máscara de ódio. Ao mesmo tempo em que suas íris castanhas trocaram para aquele dourado incandescente.

Se ele queria me ofender e me espezinhar, seríamos dois.

# VINTE E QUATRO



Drako Blackthorn

#### Essa fêmea maldita!

Avancei nela, dominado por uma ira possessiva. Só de imaginá-la com outros machos, sendo servida em seu Calor, por aquele bando de imortais sujos, que a veneravam feito deusa, o ciúme infestou meu sangue, contaminou minhas carnes e estripou qualquer pensamento racional.

Segurei-a pela frente do pescoço, colando seu peito no meu e a sobrepujei com minha envergadura, direcionando-a para a entrada da casa vizinha ao celeiro-enfermaria. Na casa da frente, sabia que Bogdan acompanhava nossa interação, pois escutei sua risada quando abri a porta, empurrando Selene para dentro e a fechei com um estrondo atrás de mim.

Lá dentro, ainda conseguia sentir os cheiros dos dissidentes, que usaram essas casas, enquanto eu estava sequestrado em Winnipeg. E, mesmo depois de quase uma semana que eles tinham ido embora, o odor deles ainda remanescia no local fechado.

Ela se desvencilhou de mim, mostrando-me as presas e seus olhos pálidos, iridescentes. O cheiro daquela fêmea me estilhaçava, seu Calor era mais que um convite para o cio, era uma *coerção*.

— Vai se arrepender de ter me provocado, *semi*deusa! — urrei, possuído de ciúme e ela riu, debochada, provocante.

Meu pau esfregou no tecido da calça, formando uma mancha de lubrificação, como ela tinha na roupa que vestia, marcando sua boceta, colando-se na fenda de seus lábios vaginais que me chamavam para lambê-los.

Fechei as mãos em punhos, sentindo minhas garras perfurarem as palmas. Um tesão elétrico percorreu meus músculos. Sibilei, ao assisti-la cobrir a boceta com a mão em concha e arfar, deslizando aquele olhar luxuriante pelo meu torso desnudo.

— Você vai *implorar* por isso... — Segurei meu pau por cima da calça, envolvendo a circunferência e o massageando lentamente.

Selene mordeu o lábio inferior, negando lentamente, mas o sorriso cínico, me fez rosnar. Avançamos um para o outro, simultaneamente. Segurei-a pela nuca, entrelacei meus dedos no seu cabelo e os puxei desde a raiz. Ao mesmo tempo em que ela envolvia meu pescoço com seus braços magros e colava a boca na minha, espetando as presas em meu lábio inferior, até abrir a carne.

Aquele beijo tinha sabor de devassidão, de fruto proibido. Gemeu, ao sentir o gosto do sangue que arrancou de mim, enfiando a língua entre meus lábios, encontrando com a minha; e pude me provar em sua boca: cedro e sândalo, era como eu cheirava para ela.

Grunhi, quando a marca em meu peito queimou de uma forma prazerosa, e esfreguei meu membro coberto em seu ventre, feito uma ameaça.

A gana com que me beijava contava muito mais sobre seu descontrole e desejo, do que ela jamais me diria. E que se fodesse! Podia negar o quanto quisesse, seu corpo a desmentia.

Fui nos encaminhado para um dos quartos, onde sequer havia uma cama, apenas um colchão no chão, coberto por lençóis limpos.

Soltei o beijo, puxando seu cabelo comprido e envergando seu pescoço para trás. Mostrei-lhe minhas presas, emanando dominância e tesão primal. As paredes ficariam com meu cheiro impregnado, nenhum outro macho ousaria se aproximar do meu território, onde cobriria minha fêmea.

Empurrei-a no colchão. Selene caiu sobre ele, rindo, dobrando um joelho, como se me convidasse. Traguei o ar de forma ruidosa e ela abriu um sorriso malditamente sensual; as íris brilhando pálidas, o cheiro infernal de sua boceta no Calor, matava-me aos poucos, entranhando em meu olfato como um toque.

Observei-a se apoiar nos cotovelos, arrastando-se no colchão. O corpo esguio, entalhado para a batalha, todo tensionado. Seus mamilos apontavam na regata masculina. E seus batimentos aceleraram, ao deslizar o olhar do meu rosto para a boca, abdômen e pau.

Esfregou a língua rosada sobre os dentes, nas presas, provocando-me. E abriu as pernas, ainda cobertas pela calça justa acinzentada. Desci a minha, terminando de tirá-la com os pés e me deleitei com seu arfado miado. Os olhos dela presos no meu membro rígido, apontando para cima.

— É isso que você quer, não é? Quer me tirar do sério, *bater de volta*, porque ficou ofendida com o cheiro das fêmeas que moram comigo.

Ao me ouvir falar sobre outras fêmeas, Selene girou o corpo para se levantar, mas me movi veloz, ajoelhando no colchão e a puxando pelos calcanhares. De bruços, a camisa dela subiu, revelando suas costas lisas.

Ela não tinha nenhuma cicatriz de batalha, só a marca dos dentes do meu lobo em seu braço esquerdo. Fui engolfado por uma vontade insana de mordê-la inteira. Deixá-la coberta de cicatrizes dos meus dentes, para que todos os machos que a adoravam vissem que se entregava para mim.

— Você é um babaca! — urrou, fazendo força para se levantar.

Deitei meu corpo sobre o dela, depositando todo meu peso. Esfreguei a ereção em sua bunda coberta, segurando seus punhos, usando força bruta para contê-la. Esperei pela onda de seu poder de manipulação de humor. Esperei que me fizesse sentir um merda, como fez quando me arrancou do meu Caern.

Não veio. Selene queria a merda que eu estava fazendo com ela. Queria que eu fosse bruto e a dominasse, que tomasse o que me pertencia. Mas não seria fácil assim, não, ela teria que pedir! Teria que confessar que me queria.

— Eu sou um babaca e, mesmo assim, você quer isso aqui! — debochei, arrastando minha barba em seu cabelo, fungando e me maltratando com o cheiro delicioso de mar e deserto.

Abri suas pernas com meus joelhos, fazendo movimentos de vaivém, como se estivesse enterrado dentro dela. A fricção do meu pau em sua bunda coberta foi o suficiente para que ela parasse de se debater e estremecesse. Meu pau babava, melando sua calça. Toda a minha pele e a dela arrepiaram-se, quando a cabeça encaixou na sua entrada.

Selene levou um segundo a mais que eu para voltar a si, com todo o corpo latejando. Fez força, ficando nos quatro apoios, empurrando a bunda, para ganhar suporte para se levantar.

Ajoelhei atrás dela, fechando os dedos em seus punhos e os prendi, cruzados, em sua lombar. Ela perdeu o apoio, colando os ombros no colchão e ficou na altura perfeita para que eu a cobrisse e a servisse.

Segurei seus pulsos com uma mão, transformando-a em uma pata hominídea, para que ela não conseguisse se soltar. E, com a outra, rasguei a calça, só o suficiente para descobrir seu quadril.

Esfreguei a cabeça do pau entre suas dobras e Selene sibilou, gemendo rouca, quando a glande esfregou em seu clitóris.

- Basta pedir, semideusa, e eu vou te dar.
- Vai se foder! urrou, a boca colada no colchão.

As garras afiadas arranhavam meu punho peludo, mas não a soltei. Meu lobo estava tão atento e excitado quanto eu. E o miserável gostava quando ela arrancava nosso sangue.

O lobo regozijava por ter uma parceira forte, difícil de dominar. Uma alfa poderosa, que, mesmo no Calor, não implorava por nada.

Já eu ficava mais e mais cheio de tesão com a espera. Não me afundaria nela, sem que me pedisse por isso. Ainda que ficássemos loucos aqui dentro.

Cuspi na fenda de sua bunda, esfregando as pontas dos dedos no seu anel. Enquanto a cabeça inchada do meu pau roçava em seu monte de nervos intumescido.

A forma responsiva como se empinou, parando de me arranhar e de tentar sair de meu aperto, enquanto ainda grunhia de ódio, por ter sido subjugada, era o contraste perfeito. O reflexo do que tínhamos desde o início: desejo e ódio por essa parceria infernal que foi imposta a nós.

Vendo-a começar a ceder, o lobo ficou eufórico, queria que eu a mordesse, que a fizesse ser nossa para sempre.

*Não!* — urrei para ele em pensamento e afastei meu quadril, apertando a nádega exposta de Selene. Tentando recobrar o juízo antes de invadi-la, sem que me pedisse por isso, que me dissesse que queria.

Ela tinha que *dizer*, que abrir a boca e me escolher, uma fodida vez!

— Se é essa a sua resposta.... — Soltei-a e me deitei ao seu lado, punhetando meu pau lentamente.

Só de olhar para sua expressão frustrada, os cabelos selvagens e o rosto corado pelo Calor, abri um sorriso, gemendo enquanto me masturbava ao lado dela.

— Que porra você está fazendo? — Alargou as narinas e pressionou as coxas juntas.

A camisa alcançava o alto de suas pernas, escondendo sua boceta de mim. O tecido da calça rasgada caía sobre os quadris e as coxas ainda cobertas. Ela estava parcialmente vestida, porém, completamente irada e cheia de tesão.

— Estou te dando o que você quer, Selene. No caso, não quer.

Sussurrou um "filho da puta" sob o fôlego, ao puxar a blusa pela cabeça, e terminou de rasgar a calça, despindo-se. Fiquei bestificado ao olhá-la de joelhos ao meu lado, a boceta melada, quase na altura do meu rosto. O cheiro delicioso fez meu pau enrijecer, ao ponto de doer. Firmei a pegada, apertando o polegar sob a cabeça e uma gota perolada de prégozo escorreu.

Selene me surpreendeu ao montar de costas no meu quadril, recusando-se a me olhar. O cabelo comprido cascateava em suas costas e ela estapeou minha mão para longe do meu pau. Zumbi, em aprovação, observando-a me segurar pela base e me encaixar.

Segurei suas ancas, com força suficiente para deixá-la marcada. E a assisti descer em toda minha extensão, engolindo-me inteiro, em uma sentada firme.

Grunhi, sorrindo, ao observar sua bunda em formato de coração, subindo e descendo algumas vezes, acostumando-se com a invasão. Meu olhos giraram nas órbitas, com o Calor e prendi a respiração, sendo espremido em seu canal.

Puta que pariu!

Quando reabri os olhos, encontrei os dela, observando-me sobre o ombro, enquanto subia e descia, lento demais, lubrificando meu pau a cada sentada torturante. Sentei-me, embolando minha mão em seu cabelo e o afastei, lambendo sua nuca. Minhas gengivas doeram com o tanto que minhas presas alongaram.

Mas eu não a morderia, porra!

— Sabe o que acontece quando a gente fode sem você pedir por isso, não sabe? — Relembrei-a da nossa primeira vez, em que eu não dei

o que ela queria: não a fiz gozar.

— Eu estou no controle dessa vez, Blackthorn, vou gozar o quanto eu quiser.

Levou as duas mãos para minhas coxas, perfurando-as com as unhas em garras. Ondulou o quadril, para frente e para trás, dando prazer a si mesma, usando-me, como se eu fosse um dos seus brinquedinhos.

Alisei suas costas, descendo os dedos pela espinha, depois, acariciei seu baixo ventre, sentindo-o encovar e observando a pele arrepiar. Aquele rebolado hipnótico era a perfeição. Contínuo, um símbolo do infinito.

Podia deixá-la me usar, gozar com meu pau o tanto que quisesse. Mas Selene tinha que saber o que aconteceria. Ela teria que dizer que me queria. *Implorar*! Descer de seu pedestal, vir para o mundo dos reles mortais e se entregar para mim.

Sorrindo, colei a boca na concha da orelha dela, sugando o lóbulo, até deixar uma marca de chupão que desvaneceu em segundos, com a cura acelerada. Então expliquei o que ela claramente desconhecia:

— Você é inexperiente em cio, parceira. Você *vai* implorar, vai implorar pra caralho. E não vai ser para gozar. — Levei minha mão para o meio de duas pernas, massageando seu clitóris. Ela estava pingando, melando todo o meu pau, ao ponto de escorrer até as bolas. — Quer gozar? Vou te fazer gozar.

Empurrei meu membro para cima, acompanhando o giro sensual de seu quadril, enquanto lambia seu ponto de pulsação, seu ombro; raspei os dentes, sem ferir a pele; e mantive um ritmo crescente ao masturbá-la.

Os gemidos dela me deixavam louco, mas não o suficiente para perder o controle e inverter nossas posições, cobrindo-a. Suas mãos vieram para meu antebraço, empurrando minha mão para esfregar mais forte.

Gemia rouca, de olhos fechados, entregue ao próprio prazer. Linda pra caralho, com a boca aberta em um "o" perfeito. Seu cheiro inebriante fazia minhas bolas repuxarem, mas eu não gozaria, não ainda.

Ela perdeu o rumo, ondulando o quadril em um ritmo frenético e descoordenado. Colei a boca no seu ouvido, incitando-a a gozar para mim, dizendo que queria chupar o gozo dela. E Selene virou a boca, na direção da minha, pedindo um beijo sem dizer.

Não a beijei, segurei firme em seu cabelo, angulando seu rosto para ver exatamente sua expressão de entrega, ver o exato momento em que ela sentiria o transe do Calor estalar e nós dois entraríamos no cio.

Ri, ansioso para passarmos por isso juntos. Era o *primeiro* dela, em milênios, literalmente. Porra! E seria *eu* o primeiro macho a servi-la. O único!

A vontade que eu tinha de mordê-la, bem neste momento, era inexplicável. Mas não podia ser assim, não quando ela estava a *um orgasmo* da irracionalidade. O cio era quase uma Fúria, puro instinto, com um único objetivo: reprodução.

Mordê-la, agora, com Selene fora de si, seria pior do que a semideusa havia feito comigo. Ela me mordeu *em Fúria*; Eu não poderia usar essa desculpa. E, consciente, não iria impor uma marca em uma fêmea que me considerava menos.

Seria uma violação, aceitar o arranjo merda que a deusa planejou.

Senti seu orgasmo nos espasmos em seu corpo, na forma como seu canal me chupava para dentro, inchado, aveludado e quente como o inferno. Mas foram em seus olhos, abrindo-se agoniados, que eu soube que tinha começado. Apertei sua boceta em concha, sentindo o clitóris pulsar nos dedos e fixei o olhar no dela, aguardando impacientemente.

— *Dra-ko*! — gaguejou meu nome, gozando e gemendo, entre o prazer e a dor, a *necessidade*. — Eu preciso... preciso de você, porra! — urrou um comando-alfa, ao mesmo tempo em que implorava.

Não esperava diferente, não dela.

Soltei seu cabelo, acariciando seus seios, prendi os mamilos entre os dedos e a empurrei com o quadril, para frente. Debruçou-se, espalmando o colchão entre minhas pernas, e apoiou os joelhos ao lado do meu quadril, apresentando-se para a monta.

## Caralho!

Saí debaixo dela, ajoelhando-me atrás. Selene se contorcia naquele colchão com trapos de roupas e os lençóis fora do lugar. Nada de luxos, no meio de um Caern inimigo, desprovida de todo o aparato bélico do qual se cercou por milênios...

Eu era tudo o que ela precisava!

Entrei de uma vez, estocando voraz. Servindo-a do que ela necessitava: a mim. Meu gozo, meu pau. O macho que a porra da deusa escolheu para sua filha predileta.

Minhas garras fincaram em seus quadris, perfurando sua pele castanha maravilhosa, enquanto estocava e gozava, jorrando dentro dela, como me implorou para fazer. Continuei metendo, sentindo-a tremer e chegar ao clímax outra vez.

Não pararíamos, só quando a primeira onda de Calor passasse. Enquanto isso, eu a serviria, tomaria e entregaria o que queríamos.

Lá fora, ela era minha inimiga, a fêmea que eu odiava desejar.

Ali dentro, pertencia a ela.

# VINTE E CINCO



Axel Blackthorn

A lua crescente se aproximava da meia-lua, iluminando a estrada em um tom de azul índigo, pálido. Do lado de fora, a vegetação rasteira passava feito um borrão verde-azulado.

Kamari estava dormindo ao meu lado, no banco do carona do carro roubado, que teríamos que abandonar na próxima cidade. Uma semana depois que saímos de Winnipeg, só conseguia olhar para ela quando adormecia. Mal troquei meia dúzia de palavras com Kami e vivia recebendo seus olhares piedosos e compreensivos.

Minha parceira acreditava que eu estava me culpando pelo que fiz, arrependido de ter virado um tirano com meu bando; e preferia que pensasse assim. Entretanto, a verdade cruel, era que não me *arrependia* de nada, exceto de ter provado sua carne. Teria feito tudo outra vez, para salvá-la daquela deusa maldita.

Eu e meu lobo tínhamos voltado a odiar um ao outro, pois eu pretendia deixar Kamari viver como humana outra vez, assim que tivesse certeza de que a guerra havia acabado. Já ele, prometia que nunca a deixaria partir. Era o que veríamos!

Ela não teve experiência de bando suficiente para sentir falta de um e sua loba era muito mais pacífica e racional que a maioria dos que conhecia, muito mais que o meu, principalmente. Fiz uma curva, entrando em uma cidadezinha, onde pegaríamos o transporte para Cambridge Bay. O norte canadense era menos populoso, poderíamos parar de perambular como Vagantes Selvagens. Talvez encontrar um território de caça para os lobos e passar pelo próximo ciclo de lua cheia em paz.

Não sabia dizer se depois de ter provado a carne de Kamari, enquanto estava possuído por Fenrir, havia me tornado imortal. Mas uma coisa eu sabia, nunca mais cederia ao fardo de sangue.

— Kami, chegamos. — Estendi a mão para tocá-la e a acordar, porém me detive, e segurei o volante com ambas as mãos. — Kami... — chamei outra vez e ela abriu seus olhos amarelo-pálidos, sorrindo para mim.

O cheiro dela me indicava que estava em paz. Que não me temia, mesmo que a tivesse mordido. A marca da mordida de Fenrir *em Luna*, do pedaço de sua parceira que consumiu, não ficou marcado em Kamari, mas eu o via ali, um fantasma me assombrando, de olhos abertos ou fechados.

Ainda conseguia sentir sua escuridão em minha carne, em minhas células, e duvidava de mim mesmo, a cada pensamento sujo que tinha.

Desviei o olhar para a estrada meio deserta, perto do porto onde pegaríamos um barco para o destino final — por enquanto. Tinha certeza de que Bogdan e Kal viriam atrás de mim, talvez acreditando que Kami estivesse morta. Mas, se ela morresse, eu iria junto, então, talvez, soubessem que ela estava viva.

Era cruel deixar Kaleb e Layla acreditando que matei sua cria, mas não me forcei a pegar um telefone descartável, nas pequenas incursões que fizemos para comprar comida. Quer dizer, *roubar*.

Não podia acessar nenhuma das contas nos bancos humanos, que pertenciam ao Caern, embora fossem minhas digitais programadas em algumas delas. Kamari tinha uma reserva limitada de poupança, da pensão que Kaleb mandava. Mas, se ela tentasse sacar esse dinheiro, entregaria nossa localização e eu não estava pronto para confrontá-los.

Então estávamos fugindo: eu, das minhas responsabilidades; ela, comigo.

Pela visão periférica, vi que Kami murchou os ombros quando evitei olhá-la, porém não havia o que fazer, não era digno dela e só estávamos juntos para sua proteção.

Ax, até quando vai me dar o tratamento do silêncio?
 Segurou meu ombro, antes que eu descesse do carro.

Seu toque era um bálsamo, a benção que eu não merecia. Permitime alguns segundos de prazer, com seus dedos deslizando em meu pescoço, sobre a marca que ela havia feito, o polegar acariciando minha barba. Fechei os olhos, recostando-me no banco e senti quando se aproximou, o hálito quente em meu rosto, o cheiro de mel e lavanda.

Aquele órgão em meu peito, restaurado com a presença dela, tensionou, parando de pulsar, junto ao meu coração, e senti toda sua angústia, sua saudade, mas, principalmente, o amor *inabalável* dela por mim.

Não podia... não *devia* aceitar. Só que era impossível resistir.

Debruçou-se sobre o meu banco, até se espremer entre o volante e meu corpo, e sentou de lado sobre minhas pernas. Abraçou meu pescoço, acariciando minha nuca, enquanto a outra palma continuava a me dar um carinho que era incoerente com sua personalidade.

Kamari amansava só para mim.

Não resisti. Subi as mãos pelas laterais de seu corpo, pelas costas. Meus dedos embolaram-se em seus cabelos pesados, com as ondas largas. E, no instante em que finalmente reabri meus olhos, Kamari me atacou com um beijo cheio de saudade.

Beijei-a de olhos abertos, grunhindo o desejo e o sentimento suave que ela despertava em mim. Repousei uma mão em sua nuca,

angulando seu pescoço para aprofundar o beijo. Dizendo com minha língua o tanto que eu a adorava, que jamais a esqueceria.

Senti suas lágrimas, antes de vê-las. Soltei o beijo bruscamente, olhando angustiado para as trilhas que cobriam as maçãs do rosto e pingavam de sua mandíbula para o meu peito.

### — Kamari?

Ela deitou a testa na curva do meu pescoço e urrou, irada, socando meu peito. A outra mão puxou meu cabelo com força. A raiva dela atravessou o laço da parceria. Segurei seu punho que me socava, beijando suas falanges. O soluço agoniado, seu choro e a ira, sacudiamme por dentro.

# — Eu odeio ver o que você pensa! Odeio!

Engoli em seco, pois sabia do que ela estava falando. O fato de eu estar pouco me fodendo para qualquer outra pessoa, que não ela. Nem eu mesmo.

Se a vida dela não dependesse da minha, teria ido até Nova Iorque atacar aquele bando de Tyrants, filhos da puta, apenas para poder matar alguém e me banhar em sangue. Mesmo que morresse no processo, ao menos levaria alguns comigo.

— Para, Axel! — Voltou a fazer força para me machucar. Suas unhas viraram garras e ela se sacudiu, tanto que pressionou a buzina. Não havia espaço suficiente para nós dois, mas eu não a soltaria, não quando estava assim. — Para de pensar em morrer!

Apertou meu queixo, com força inumana, a ponto de me machucar, forçando-me a olhar para seus orbes transformados. Mesmo de olhos fechados, ela invadia minha mente.

- Não consigo ser diferente. Não sou bom para você.
- Cala a boca! Para! Cobriu meus lábios com sua palma morna e vi o desespero em seus olhos aguados. — Eu não me importo! Você acha que, o fato de você pensar que mataria qualquer um por mim,

me assusta? Acha que penso menos de você porque não se arrepende de ter arriscado a vida dos Blackthorn, para me encontrar?

Bufei, agoniado que ela soubesse esses segredos sujos, mas era melhor assim. Que visse do que a estava livrando. Meus pecados, meus demônios. De mim, porra!

— Eu *sei* quem você é! — Atirou as palavras em meu peito, como uma granada de pregos. Arfei contra sua palma que me amordaçava, mas não a afastei, não precisava *falar* para que me ouvisse. — Fiquei naquela... naquele lugar entre sonho e irrealidade, *esperando*. Sem te sentir, morrendo de medo de estar morta e nunca mais te encontrar.

Enxuguei suas lágrimas com meus polegares e abracei a dor dela, que refletia em meu peito.

Você estava aqui, destruindo tudo o que conquistou, o que se dedicou, se diminuiu e se dobrou do avesso para *merecer*; para que outros validassem e medissem se o seu lado bom era maior que o ruim.
Fungou, as lágrimas escorrendo livres e prosseguiu: — Sacrificou tudo, virou o que sempre *temeu... por mim*, Axel! Como eu posso... — Soluçou, chorando agoniada. E colou a testa na minha, liberando minha boca.

Lambi suas lágrimas, meu lobo uivando e ganindo dentro de mim, ao ver a tristeza dela exposta dessa forma. Aquilo partia meu coração, mas não havia o que fazer para mudar o passado. Só podia prometer um futuro melhor a ela. Ou morrer tentando. Custasse o que custasse. Queimaria o mundo por ela, se fosse preciso.

# — Olha tudo o que você fez!

Segurou minha nuca com as duas mãos, pressionando nossas testas com tanta força, que meu crânio latejou, como se fosse partir. Fechei os olhos, colando minha face na dela e aguardei o momento em que diria que *odiava me querer*. Que tinha *vergonha* do monstro que me tornei.

Drako me olhou assim, com decepção. Bog e Kal me temiam, viraram um escudo entre minha bestialidade e o clã. E Paul, o fodido

descendente que eu não queria, abandonou-me.

Por que Kamari ficaria?

— Porque *eu te amo*, porra! — respondeu ao meu pensamento e mordiscou sobre a linha da minha barba, o canto da minha boca, puxou meu lábio inferior e as presas diminutas desceram, ferindo e curando. — Se você vai queimar o mundo por mim, Axel, o meu novo mundo é ao seu lado. *Para sempre*!

Enfiei uma mão em sua nuca, beijando-a, voraz. Bebendo as lágrimas que escorriam quentes entre nossos lábios, misturando nosso sangue. As presas bateram umas nas outras, rasgando os lábios para curarem com a saliva, no instante seguinte: mel, lavanda, pinheiro e fogo.

Minha maldade não diminuía a bondade nela.

Um equilíbrio caótico.

Era esse o sentimento inominável que inflava em meu peito, que me movia para frente, atropelando tudo: *amor*. O dela limpo e bonito, entrega e benção. Eu era um amaldiçoado, um monstro com sede de sangue, usado pelo próprio *caos*. O meu amor era brutal, inconsequente, e, se ela queria ficar, se me amava de volta, acima de qualquer defeito, ficaria.

Kamari soltou o beijo bruscamente, os lábios inchados e manchados com nosso sangue, os olhos acesos, pálidos, envoltos pelo anel dourado, fulminaram-me. Aquela mulher, tão jovem, tão assertiva, fazia-me tremer. Possessividade e avareza se amontoavam e agigantavam por dentro; desejava-a só para mim.

- Eu *amo* os seus defeitos também. Não vou te diminuir ou te amar condicionalmente. *Amo. Você*. Entendeu?
- Nunca vou entender. Mas eu sou egoísta o suficiente para aceitar. Você foi manipulada para entrar na minha vida. E, dessa vez, não vou lutar contra o destino que os deuses planejaram.

Ela negou a minha fala, secando as lágrimas com o antebraço.

— Não significa que não seja o melhor caminho. Mesmo se soubéssemos que isso aqui — espalmou sobre meu esterno, no órgão de nossa parceria —, foi maquinação de Luna, ainda seria a nossa vida. Ela e Fenrir colocaram as peças no lugar, mas fomos nós quem fizemos as jogadas.

Neguei, sem concordar com ela. Ela foi literalmente *feita* para mim. Nasceu quando meu lobo despertou e Luna soube que eu seria o vaso de Fenrir, aquele que o tiraria do abismo em que a deusa o prendeu. Nossa parceria não passava de um golpe do destino.

— A vida é assim para todos: um tabuleiro de xadrez montado desde o nascimento. Mas *nós* movemos as nossas peças, fazemos as nossas escolhas, com lucro ou prejuízo. Você pode escolher me largar, Axel. E eu vou continuar escolhendo te perseguir.

# Puta que pariu!

Fiz força para trás, quebrando o banco, até que ele ficasse em cento e oitenta graus. Manipulei o corpo de Kamari para sentar no meu colo e o vestido delicado, cor de creme, que ela usava, subiu em suas coxas, revelando a calcinha de algodão simples, que roubamos juntos em uma loja de departamento.

Kamari se esfregou sobre minha ereção, arrancando-me gemidos, grunhidos e rosnados do meu lobo, que concordava com ela, pronto para fazer o que fosse preciso, até me suprimir, para ficar com sua parceira.

Puxei-a, deitada sobre mim, com uma mão em sua nuca, mantendo-a prisioneira em meu beijo, enquanto a outra apertava sua nádega, conduzindo-a naquele movimento de vaivém delicioso que ampliava a antecipação. Estava pouco me fodendo se alguém estivesse vendo do lado de fora.

Os vidros sem insulfilm permitiriam que qualquer um que passasse assistisse minha fêmea montar meu pau, mas duvidava que alguém tivesse coragem de se aproximar.

Ela enfiou a mão entre nossos corpos, puxando o cordão da calça, desfazendo o laço, e ergui o quadril, para que ela a descesse, apenas o

suficiente para liberar meu pau.

No instante em que sua mão se fechou ao redor da circunferência, esfregando o polegar na fenda melada em minha glande, segurei a parte de trás de sua calcinha, fechando o punho nela e a puxei, até arrebentar contra a pele dela.

Kamari gemeu em meus lábios e o senti descendo rasgando minha garganta. Minha resposta foi um rosnado possessivo, que confirmava a ela o tanto que a desejava.

Com as pontas dos dedos, espalhei a lubrificação de seu canal pelos lábios de sua boceta, por trás. Minha língua se embolava na dela, acariciando, provando, fodendo sua boca, como queria fazer com a boceta melada, que esfregou no cumprimento do meu pau.

Porém, antes que me encaixasse, ouvi passos se aproximando do carro. Meu lobo rugiu um rosnado, que me atravessou, e soltei a boca dela, sentando-me com ela, ainda colada em mim. Olhei pelo retrovisor, mas só enxerguei múltiplas pernas vindo na nossa direção.

Sua mão parou em meu pau, a boceta colada nele, pelo lado de fora, mas seus olhos arregalados me contavam que tínhamos companhia e, pelo aroma, não eram humanos.

Farejei o ar, identificando pelo cheiro quem eram, e rosnei alto o suficiente para fazer as janelas tremerem, minha dominância exalando, um escudo de ódio por ser interrompido.

- É o Ivar. E ele não está sozinho Kami sussurrou, ainda temerosa do que a aproximação significava.
- Não vamos chegar mais perto, alfa, mas precisamos conversar
   e aqui não é seguro Ivar Lothson, o beta do meu pai, berrou para mim, à distância.

Olhei pelo vidro traseiro, o grupo de mais de uma dúzia de lobisomens imortais, dissidentes Blackthorn, em formação de matilha, triangular, sem ninguém ao centro na frente. Ivar estava à direita, na posição de um beta e compreendi o que queriam de mim.

Que eu fosse o alfa deles.

# VINTE E SEIS



Kamari Blackthorn

Axel desceu do carro com aquela aura sombria, muito mais densa do que sempre foi. Luna havia me deixado sozinha com minha loba, mas Fenrir ainda estava com ele, contaminando seu julgamento, sua visão de mundo.

O Ax que conheci, pelo qual me apaixonei, era bruto, honesto e tinha uma autodepreciação imensa, isso permanecia. Porém, o anterior *escolhia* ser bom. O que encontrei depois, que foi dominado por Fenrir, era outro, um que ignorava o senso comum de bondade e estava disposto a *fazer o mal* em prol de seus objetivos.

Meu coração espremia ao vê-lo tão sombrio e, ao invés de desvanecer, o sentimento de pertencimento ampliava. Fenrir me avisou que eu teria que *ser* para Ax o equivalente dele para Luna: amor incondicional. Não era uma tarefa difícil, era um movimento involuntário: batimentos cardíacos, respiração.

### Axel era meu ar.

Ainda ficava abismada com o tanto que dobrava minha moral, para continuar ao seu lado, mesmo lendo seus pensamentos e acompanhando a transformação. Na batalha dos lobos dentro de cada um: o bom e o mau, na qual vencia aquele que alimentávamos, Axel estava decidido a deixar seu lobo bom morrer de fome.

Meu medo era um dia sua consciência anterior retornar, galopante, e o pisotear com a culpa por todos os pensamentos nefastos e as ações cruéis que cometeu.

Observei Ivar, o moreno de humor sardônico, aproximar-se do alfa, de queixo erguido, sem se acovardar. O Lothson vivia no limite: desafiou Axel, mesmo quando pedia asilo no Caern Blackthorn. Não daria certo, não com meu parceiro tão fora de sua persona regular.

Sem calcinha, ajeitei meu vestido para cobrir minha nudez e desci do carro, indo atrás de Ax. As costas largas, o cabelo aloirado, despenteado, e suas mãos transformadas em garras hominídeas, deixavam sua imagem ameaçadora.

Corri e entrei na sua frente, entre ele e Ivar, que, mesmo depois de receber toda a potência da dominância agressiva de Axel, continuava sorrindo enviesado, jogando seus cabelos negros para trás, como se não o temesse. Virou sua atenção para mim e falou comigo, para o desagrado de Ax:

- Viemos em paz, keepa. Avise ao alfa pra parar de nos oprimir com essa dominância, ou vamos perder a pele *aqui*, no meio da rua, onde qualquer humano pode aparecer e nos ver.
- Que se foda o segredo! Que os Tyrant venham atrás de mim! Ax latiu, rosnando e mostrando as presas, fazendo os lupinos atrás de Ivar curvarem os pescoços e se encolherem.
- E a sua parceira, alfa? Ela também quer que os Tyrant venham atrás dela? Ivar retrucou, com a cabeça abaixada.
- Não fale da minha parceira ou o que ela quer, *beta*! o alfa cuspiu, com desdém.

Fui puxada para o lado, bruscamente, pela mão pesada de Ax em meu antebraço, enquanto ele dava mais um passo na direção de Ivar, quase colando suas frentes. O rosnado grave, que repercutiu no espaço aberto, fez alguns dos lupinos no fundo da formação transmutarem as mãos e fumegarem, através das roupas pesadas de frio.

Enregelei, não por medo dos lobisomens, mas por temer que perdessem suas peles e saíssem à caça naquele ambiente. Olhei para os prédios afastados, nessa zona portuária, e tentei ouvir se havia alguma pessoa ali, aquela hora da noite.

— Axel... — murmurei, aflita.

Espalmei seu peito, tentando encontrar em meu interior o poder de manipular o humor, que Luna sempre usou e eu mal sabia como acessar. Sem ela soprando em meu ouvido, tranquilizando-me, era difícil digladiar com meus sentimentos.

Respirei fundo, tragando o perfume natural de Axel: lenha crepitante e pinheiros, o cheiro do Caern, o da floresta, no sonho em que Luna me manteve. Fui capaz de reter a concentração por um instante e vislumbrei a espécie de aura luminescente, perpassando em uma camada fina sobre a pele.

Veio em um filete, uma luz pálida, contornando meu antebraço. Então acendeu mais forte, gradualmente, da palma, para o peito dele. Mal conseguia me concentrar o suficiente para esse tanto de poder, que era ínfimo, comparado ao que a deusa usava. Principalmente, por sentir o lobo dele vibrando em seu peitoral, feroz, gigantesco, obscuro.

Com a outra mão alcancei a marca de parceria em seu pescoço, pois isso sempre o acalmava. Tentei buscar seu olhar, ainda encravado nos outros lupinos, mostrando as presas alongadas, com os lábios retraídos. Tão *malditamente* bonito!

"Parceiro, calma" — minha loba uivou dentro de mim, apreensiva.

Na imagem mental que tinha dela, como se em um outro compartimento interno, via a loba branca, seu rabo entre as patas traseiras, as orelhas para trás. Tão aflita quanto eu, mas corajosa, uivando baixinho, para chamar a atenção do parceiro monstruoso dela.

Ela era linda, jovem e *pacífica*. Foi usando a força resiliente e serena dela, que consegui me concentrar e o poder cintilou mais forte. Se ela adorava o parceiro cruel dela e o aceitava, eu podia fazer o mesmo.

"Não precisa ter medo", lembrei-me dos ensinamentos de Luna.

O poder se abriu feito um guarda-chuva iluminado. Ax foi atingido primeiro, depois eu, e, então, os lobos atrás de mim, trocando nervosismo por tranquilidade, objetividade. Mantiveram a formação de matilha, com a frente vazia, à espera de um alfa.

Um convite estendido ao homem à minha frente.

A palma de Axel — outra vez humana — cobriu a minha, sobre seu peito, e seus olhos amarelos-humanos me buscaram. As presas haviam retraído, mas o semblante severo, o vinco entre as sobrancelhas, característico dele, permanecia.

— Nós viemos atrás de vocês, porque a história que os Blackthorn estão contando é que você está morta, keepa, que o alfaregente matou a própria parceira, o que é meio impossível — Ivar explicou, cruzando os braços, agora capaz de erguer o olhar na nossa direção. — E que ele estava possuído por Fenrir, enquanto você estava por Luna.

O beta tinha uma aura de desafio, mas não ameaçadora. Ele não era perigoso, não para Axel. Estava aqui, entregando seu bando para Axel. Sem seus olhos estarem transformados, não conseguia ler sua mente, mas sentia nele uma ansiedade que disfarçava bem.

Ivar queria um alfa, queria saber que protegia os seus descendentes, aqueles que escolheu transformar.

Desviei o olhar para a fêmea robusta atrás dele. A pele marrom escura e os olhos castanho-escuros, amendoados, eram lindíssimos. Mas o cabelo, preso em quatro tranças boxeadoras, deixava-a intimidante, uma lutadora de luta livre, pronta para entrar no ringue.

O lobo de Axel era orgulhoso, conseguia senti-lo incitando Ax a desconfiar primeiro. Sua mente estava fechada para mim, mas o lobo era extremamente fácil de ler.

"Não, parceiro, não!" — Minha loba soltou um uivo baixinho, que atravessou meus lábios e a animosidade feral de seu parceiro arrefeceu.

— É verdade, Ivar Lothson — falei, observando meu parceiro fechar os olhos e trincar o maxilar, envergonhado de si mesmo, por Fenrir ter "me machucado".

Passou o outro braço em minhas costas, de forma possessiva, como quem precisava lembrar a si mesmo que eu não havia morrido, quando Fenrir mordeu minha carne, enquanto Luna estava liderando minhas ações.

— Mas estou bem, como podem ver. E não foi Axel quem fez aquilo. Os deuses nos usaram, todos nós, para libertarem Fenrir do aprisionamento. Esse era o objetivo deles.

As interjeições surpresas do bando fizeram os músculos de Axel tensionar. Ele era acostumado a receber um julgamento severo de todos e minha admissão, de que ele era *o vaso do Caos*, colocava um alvo em seu peito, para que atirassem nas suas maiores fraquezas: o autojulgamento e autodepreciação.

- Kami... Ax sussurrou, negando com a cabeça, para que eu me calasse.
- Nós sabemos como é, alfa, não estamos julgando. Seu pai ouvia Fenrir também. Confidenciou isso para mim, antes de começar a decair. Ele amava a sua mãe, amava de verdade.

Colei meu peito no de Axel, emanando mais poder para mantê-lo tranquilo e o abracei, tentando ser o escudo que anteparava sua Fúria. Mesmo unidos no abraço, ele deu dois passos para frente, na intenção de ferir o beta, que permanecia falando de coisas que ele considerava sagradas: eu e sua mãe.

Ivar deu um passo para trás, as mãos erguidas no ar e um sorriso velhaco. Queria ter certeza de que podia confiar nele, mas, sem Luna comigo, precisava me guiar pelos meus próprios instintos. E seus olhos negros me faziam lembrar de Fenrir.

— Não vou falar dela também, já entendi... Mas viemos atrás do *nosso alfa*. Queira você ou não, vamos *te seguir*, Axel Lothson.

*Sim!* Era exatamente isso que meu parceiro precisava ouvir e merecia receber na vida: *suporte e compreensão*. Um bando que o seguisse, não importasse o quê, diferente dos Blackthorn, que o faziam se sentir diminuído, por ter o lado obscuro dentro de si.

Os Dissidentes de Loth conheciam o caminho tortuoso que Ax teria de fazer. A mim, cabia cumprir meu destino: ser a âncora de luz, que Luna disse que eu seria.

— Ela ainda é um alvo? — Foi a primeira coisa racional que meu parceiro disse, desde que fomos abordados por eles. Ivar anuiu a resposta. — Mas tem outra keepa viva, porra! E ela é muito poderosa!

Os lobos se entreolharam, mas não pareceram surpresos com a informação.

- É justamente *esse* o problema. A outra sabe se camuflar, a sua parceira *não sabe*. Foi como te encontrei. Temos muito o que conversar, alfa. Muito. Vai voltar para a proteção do Caern?
- Não! Ax foi definitivo. O timbre bestial: ele e o lobo falando em uníssono.

Pensei em minha mãe, todo esse tempo sem notícias. E, se os Blackthorn acreditavam que eu estava morta, Layla Chandra certamente estava desesperada, sofrendo com uma inverdade.

— Tenho que ligar para minha mãe, Ax. Vou contigo onde você quiser ir, mas eles precisam saber que você não me fez mal, que estamos bem.

Estalou a língua no céu da boca e esfregou a barba aloirada, recobrando a calma, antes de assentir. À noite, seu cabelo e as feições sombreavam, refletindo quem ele era agora. Mesmo assim, deixava-me um pouco desnorteada, apaixonada.

Era verdade, abriria mão da minha mãe e de conhecer o pai que podia, ou não, ter me abandonado, só para ficar com esse cara. E não seria exatamente um sacrifício.

- Precisamos de carros. Não vou ficar parado em um lugar só, se ela é um alvo ambulante. Ax deu a ordem e perdi o controle do meu poder, estremecendo em seus braços.
- Bem-vindo à vida de Vagante Selvagem, alfa. Tem sempre alguém nos perseguindo. Ivar riu e fez um sinal com as mãos, chamando os outros.

A mulher de tranças boxeadoras, que estava à direita dele, e o homem com o cabelo loiro areia, na frente da fileira, à esquerda do alfa, mantiveram-se na formação, enquanto os demais saíram dela, correndo de volta para a estrada. Entrando nos carros que estacionaram à distância, para chegarem de mansinho no alfa.

Olhei de esguelha para Ivar, quase o agradecendo por vir cobrir as costas de Axel e recebi um sorriso enviesado, que me fez lembrar de Drako.

O beta gostava de testar limites, mas não era diretamente ofensivo. Sabia exatamente o que estava fazendo.



Ivar e seu bando eram experientes em viver no submundo lupino. Encontraram uma espécie de pousada, onde havia outros grupos de vagantes. Fui atacada pelos cheiros, assim que entramos na estrada malfeita que levava ao local recluso.

Era, basicamente, um hotel de beira de estrada. Com espaço para estacionar os múltiplos carros que traziam o bando com pouco mais de uma dúzia de Dissidentes.

Do lado de fora, algumas lareiras de chão tinham motorhomes estacionados ao redor e grupos de andarilhos se amontoavam separados, em núcleos menores. O prédio principal, tinha a fachada meio detonada, mas, ao menos, tinha muitas janelas e saídas, indicando diversos quartos nos dois andares.

Os Dissidentes fizeram uma espécie de cerco ao meu redor, por mais que Axel fosse à frente do grupo — comigo à sua direita —, segurando minha mão, e Ivar, ao seu lado esquerdo, no lugar de um beta.

Ajeitei o capuz que Axel pediu que eu colocasse, para que não vissem meu rosto, mas era a aura sombria dele que fazia todas as cabeças virarem, não a "trilha do meu poder", como Ivar havia explicado.

- Que porra de lugar é esse, Ivar?
- Território neutro, alfa. Tem alguns desses espalhados por toda o continente norte-americano. Na Europa é mais organizado, mas custa mais para viver lá. Os Primeiros Filhos são acostumados com o luxo, que nós trabalhamos para manter.

O moreno gargalhou para a expressão entediada de Axel. Ele parou de caminhar, encarando o beta, medindo se estava mentindo. Não entendi do que ele estava falando sobre a Europa, mas o lugar onde estávamos tinha um milhão de estímulos, deixando minha loba agitada.

Não é porque somos vira-latas, que não temos *regras*, Lothson.
Ivar ergueu a sobrancelha, indicando que Ax não o corrigisse no uso do sobrenome, que o estabelecia como filho do Blackthorn corrompido.

Não era seguro ser um Blackthorn vagante. Os Tyrant estavam perseguindo todos os lobos negros que restavam, antes de ir até o Caern.

Meu parceiro bufou e assentiu, respondendo ao pedido mudo do mais velho. Ivar não *parecia* mais velho que Axel. Tinha linhas de expressão ao redor dos olhos, mas nenhum fio de sua barba ou cabelo era grisalho, diferente de Kaleb ou Rulf. Ivar Lothson tinha pelo menos quinhentos anos, mas tinha a aparência de quando virou um imortal. Era desconcertante.

— Isso aqui é um Santuário. Ninguém vai derramar sangue aqui ou o grupo recebe um veto e fica exilado de qualquer Santuário, *eternamente.* Depois disso, fica na mira do "Alfa dos alfas". É como funciona a sociedade dos que não são "abençoados pela deusa".

Olhei para os rostos dos lupinos ao redor da fogueira, próximos de seus motorhomes e picapes ferradas, e reparei nas roupas remendadas ou puídas. Alguns tinham cicatrizes no rosto que os deformavam, marcas de batalhas.

Empatizei-me, pois *vagar eternamente*, não valia a maldição. Mas compreendi que, sem um bando, não sobreviriam. Não havia saída para eles.

- Não vou ficar aí dentro. Eu e Kami vamos dormir no carro.
   Axel apontou no peito do beta e ele negou com a cabeça, achando graça.
- Tudo bem, mas tem lugar para lavar as roupas e tomar banho, tirar o sal da pele, sabe como é. Ivar prendeu o riso e desviou o olhar de Ax para mim, deixando o olhar vaguear pelo meu corpo.

Encolhi-me, envergonhada, sabendo que falava do cheiro da minha lubrificação. Eles nos pegaram quase transando no carro. Axel foi mais veloz que minha tentativa de o impedir. Enforcou Ivar e as garras saíram.

— Não fura minha pele, Axel, nós precisamos dos Santuários, se quer vagar por aí com a sua *parceira especial*. — O rosto foi arroxeando, sem ar, e suas íris transmutaram do preto para o amarelo dos Blackthorn, focados em mim. Transformei os meus também. — *Convence ele, keepa, dá um jeito. Se ele me machucar, estaremos fodidos!* — comunicou-se comigo em pensamento, sem se importar que eu entrasse em sua mente.

"Não devia ficar implicando, então!" — reclamei, enviando meu pensamento para sua mente, como só tinha feito com Ax, quando estávamos no cio.

Mas me aproveitei da situação para ouvir o que o líder dos Dissidentes pensava. Sua busca por nós era sincera, estava disposto a seguir Axel. Carregava uma culpa tremenda, uma dívida, por não ter seguido Loth na missão que Selene Aesire deu para o seu antigo alfa, a que o matou.

Selene e Loth se conheciam? O que estava acontecendo?

- Eu já te avisei para não falar da minha fêmea, *beta*! Ax rosnou, puxando Ivar mais para perto de si, e as presas alongaram-se, espetando seu lábio inferior.
- Não vai se repetir, alfa Ivar concordou, com a voz rouca,
   quase sem ar. Além do mais, ela é jovem demais para mim.

Axel o empurrou, com um soco no esterno que fez o moreno e cair no chão. O som do osso partindo me horrorizou, mas Ivar estava gargalhando, sacudindo as mãos para não receber ajuda para levantar.

 Vamos entrar e pegar um quarto. Mas não vamos dormir aqui dentro. — Ax foi definitivo.

Entrelaçou os dedos nos meus e me puxou para suas costas, emanando uma carga hostil de dominância ao entrar no local. O lupino atrás do balcão de atendimento de fórmica lascada, encolheu-se e dobrou o pescoço, mostrando os dentes.

- Ax... chamei-o, sem usar meus poderes e atrair atenção para nós.
- Você é *novo...* o atendente falou arrastado, o queixo colado no peitoral largo.

Eu via o topo de sua cabeça raspada e a pele retinta brilhava com a luz amarelada das lâmpadas antigas. Aparentava ter uns cinquenta anos humanos, mas, provavelmente, tinha muito mais. Para ele, Axel devia ser um *filhote*.

— Não é assim que fazemos negócios aqui. Esse é *meu território*!

Reparei em outros lupinos vagantes se afastando de nós, saindo pelas portas laterais ou se encolhendo nos sofás antigos, da grande sala com uma televisão imensa.

A dominância hostil de Axel provava que ninguém ali dentro era páreo para ele, mas e os outros dissidentes? *Precisávamos* de reforço, ele não era invulnerável, muito menos eu.

— Ax, por favor... — murmurei, colando minha testa em suas costas e o abracei por trás, espalmando seu abdômen tensionado.

- Somos quinze. Mas eu e minha parceira queremos um lugar no estacionamento. O mais afastado que você tiver, mesmo que precise mover alguém do acampamento lá fora ditou, autoritário, mas ao menos parou de ser ofensivo com a dominância cáustica.
- Só tenho um quarto, duas camas. O homem ergueu a cabeça, os orbes vermelho-sangue trancados nos amarelos de Ax. Franziu o cenho, reconhecendo-nos imediatamente como Blackthorn.
  - Vai ter que servir.
- Quinhentos dólares, *americanos*. Abriu um sorriso perfeitamente alinhado, as presas compridas ultrapassavam seu lábio carnudo, contrastando com sua tez.
  - Esse é o preço real?
  - É, para *turistas*.
- Ele tá comigo, Big Jerry! Ivar parou do lado esquerdo de Axel.

Big Jerry? Isso não era nome de lobisomem imortal, ou era?

- Ivar... seu filhote precisa aprender sobre respeito!
- É meu novo alfa, o que eu posso fazer? Vocês, alfas, são um pé no meu saco, porra! Ivar debruçou sobre o balcão, cheio de intimidade, e cumprimentou o dono do lugar, com um aperto de mão e encontrão de ombros. É cria do Loth, Axel Lothson. Ele sabe das regras Big J., ninguém vai se machucar, só preciso de um lugar pros meus. falou gesticulando, cheio de intimidade e o outro se acalmou, retraindo as presas.

Ax rosnou, mas fechei o punho na sua camisa e o virei para mim, implorando, com o olhar, que ele parasse com essa merda, ou teríamos que voltar para a estrada, exilados *para sempre*!

- Não gostava do pai dele, não gosto do filho!
- Vou ficar te devendo, Jerry, quebra essa. Prometo que demoro algumas décadas para voltar. Ivar negociava com um carisma

proficiente, diluindo a tensão com seu jeito velhaco. Acostumado a lidar com alfas descontrolados.

A afronta dos dois mais velhos fez Axel rosnar, mas segurei seu queixo. Os pelos da barba, um pouco mais comprida, espetaram minha mão. Sustentei seu olhar raivoso e minha loba me ajudou no rosnado, comandando que ele parasse com essa merda de *macho babaca* e se controlasse!

Big Jerry se inclinou, empurrando Ivar do balcão, para conseguir me ver. Enquanto Ax segurava meu quadril com as mãos pesadas, apertando-o, um dos seus sorrisos raros formou em seus lábios, iluminando todo seu rosto e me fazendo derreter, feito uma imbecil.

Jerry assoviou um trecho de uma música antiga, claramente debochando do fato de eu ter dado um comando no alfa mais poderoso ali dentro. Virou para trás, abriu o quadro com as chaves dos quartos e as atirou sobre o ombro para Ivar, que as pegou no ar.

O líder dos dissidentes segurou no ombro de Ax, empurrando-o na direção de um corredor com papéis de parede floridos, descascados pelo envelhecimento.

- Obrigada..., mas você tem como pagar por isso? Cada quarto custa...
- Não se preocupe com o dinheiro, querida interrompeu-me e Ax o olhou sobre o ombro. Rindo, Ivar continuou: Foi ela que falou comigo primeiro, alfa! Toma, 3B, usem o quarto e, quando acabarem, alguém vai ficar muito feliz em dormir em uma cama. Só a deusa sabe quando teremos a oportunidade novamente. Amanhã, quando pegarmos a estrada, temos que conversar...
  - Hoje!
  - Muitos ouvidos, Ax... na estrada. Estamos seguros até amanhã.

# VINTE E SETE



Axel Blackthorn

O quarto estava limpo, apesar do lugar ser uma pocilga. Ainda assim, era melhor que os carros onde dormimos, desde que saí do controle de Fenrir, no terraço daquele prédio em Winnipeg.

A cama de casal tinha a cabeceira de madeira com os entalhes de flores antiquadas. O quarto fedia a centenas, talvez centenas de milhares, de imortais sujos. A decoração datava do início do século anterior. Para essa gente que vivia séculos, era o mesmo que a década passada, para um mortal.

Parecia uma dessas pousadas de filme de terror. Mas Kamari se jogou na cama, gemendo de satisfação por deitar em uma cama. Rindo, chutou os sapatos e se espreguiçou, como se fosse um hotel luxuoso dos humanos. Ela não conseguiria viver feito uma Vagante Selvagem. Não como aqueles imundos que estavam do lado de fora.

Fiquei puto ao notar onde Ivar nos trouxe: um antro de fodidos vira-latas, os que eu matava, assim que se aproximavam das fronteiras do Caern. Agora estava aqui, com ela, no território deles.

Minha fêmea não entendia o que significava para mim, um alfa, um Blackthorn, entrar num lugar desse.

Fechei os olhos e bufei, irritado com a manipulação do destino, ao me dar conta de que reproduzia os mesmos passos do meu pai: nascer

um alfa da lua cheia, virar imortal, trazer minha parceira mortal e *limpa* para o meio dos que eram como eu: sujos.

- Não preciso ler a sua mente para saber o que você está pensando, Axel.
   Começou a reclamar, mas a interrompi, pois não queria que me dissuadisse de odiar a situação:
- Não precisa mesmo, *princesa* ironizei, mas não retrucou, muito pelo contrário.
- *Princesa*... Eu senti falta disso. Deu-me um dos seus sorrisos mansos, e levantou da cama, vindo até mim, descruzando meus braços, passando-os atrás de si, manuseando-me para abraçá-la. Precisamos mesmo dormir no carro? contorceu o nariz, deslizando o indicador sobre a minha camisa.

Ela ainda vestia um casaco masculino que era do meu tamanho, não do dela. Seu cabelo despenteado, em ondas revoltas, chamava pelas minhas mãos. O vestido claro, que usava por baixo, era mais curto do que a barra do agasalho. E a deixava com a aparência mais jovem.

Poucas vezes Kamari agia de acordo com sua idade real. Apenas vinte e um anos e essa fêmea conseguia vencer até minha maldade. Por mim, matava todos que não rasgassem os peitos, transformando-os em escudos vivos. Barreiras para qualquer um que tentasse se aproximar dela.

Mas, se tivesse arrancado a cabeça daquele babaca no balcão, Kami não diria mais que me amava, não olharia para mim, como se eu não tivesse mudado. *Não ficaria*.

Minha mãe não ficou com meu pai.

Meu lobo discordou, bufando que a parceira dele jamais o abandonaria. E, agora que Ivar havia confirmado que ela ainda tinha um alvo nas costas, eu era o único que podia protegê-la, ao meu lado era onde ficaria.

— Você não vai *dormir*, de qualquer forma — atirei, alisando a linha do seu maxilar, com as pontas dos dedos.

— Era para ser uma ameaça? — Deitou a cabeça para o lado, colando a bochecha na minha palma aberta, esfregando-se, feito uma gata.

### — Um aviso.

Kami deslizou o casaco pelos ombros, mordendo o canto da boca, para conter um sorriso travesso. Então segurou a barra do vestido, subindo-o excruciantemente lento. Não a interrompi, nem a apressei, deixei que se despisse para mim, que escolhesse me dar seu corpo.

Embebedava-me disso, um fodido avarento que não tinha o direito de receber dela o que me entregava. Fitou-me com seus olhos amarelo-pálidos, repletos do amor pacífico e a paz, que atravessava o laço da parceria em meu peito.

Essa fêmea conhecia cada canto sujo da minha mente, estava sob a minha pele, no órgão palpitando acelerado em meu peito. Sabia dos meus pensamentos mais cruéis, meu passado sombrio e da promessa de futuro hediondo, ainda assim, ela me *pertencia*, como nada mais.

No segundo em que o vestido caiu no chão, puxei minha camisa por trás da cabeça e a sobrepujei, avançando feito um predador. Kami recuou, até cair na cama, seu aroma delicioso eliminando qualquer traço dos outros. Inspirei profundamente, grunhindo, em apreciação, e observei seus mamilos amarronzados endurecerem ao olhar para mim, de pé, sombreando-a com minha envergadura.

Despi-me, olhando a calcinha limpa que colocou, mas o cheiro de sua lubrificação, ainda estava entranhado na pele cor de mel. Seu peito subia e descia de antecipação e ela começou a virar de bruços, como se acostumou a fazer, quando a montei durante o cio.

Não desta vez.

Virei-a de volta, fechando o punho na frente da calcinha. Vi o instante em que seus olhos se transformaram, descontrolada. Sorri de canto, ao puxar o tecido até arrebentá-lo contra sua pele. Kami sacolejou com o puxão brusco e ofegou audivelmente. Seu baixo ventre encovou e os joelhos caíram para os lados, expondo-a para mim.

## O macho dela.

Ajoelhei ao pé da cama, cheirando a calcinha arrebentada e tragando o perfume. Um rosnado grave preencheu o silêncio do quarto, sendo seguido pela respiração ofegante dela, cada vez mais veloz.

— A-Ax... — Estendeu a mão, cobrindo a boceta, o dedo médio entrou na fenda e suas presas prenderam o lábio inferior, contendo o gemido, quando tocou o próprio clitóris.

Perdi o controle. Passei os braços sob suas coxas, trazendo-a até a beirada e mordisquei as costas de sua mão, para que me desse passagem. Lambi toda virilha, o monte de Vênus, os grandes lábios, aumentando sua antecipação.

Kami ofegava, como se estivesse se afogando, as pálpebras pesadas delatavam seu desejo e meu pau enrijecido pulsou, escorrendo pré-gozo. Mas não entraria nela, não ainda.

Queria lhe mostrar que não me amava sozinha, antes de dizer; antes de prometer vingança e ódio, de lhe entregar todas as verdades que ela já sabia, *mostraria*. Minha parceira era a única que estava a salvo de minha Fúria e acreditava nela, quando prometia que iria comigo para a escuridão.

Abri sua boceta, esfregando os lábios de um lado para o outro, e chupei seu clitóris com força, até tê-la se contorcendo na cama. Fechou uma mão na parte de trás da minha cabeça e a outra na coberta fajuta daquele lugar esquecido no tempo. Desci as lambidas e chupei sua entrada, deixando-a inchada e pronta.

Envergou o pescoço para trás, gemendo longo e agudo, e minha audição concentrou apenas nela, ignorando o entorno.

Subi na cama, encaixando-me entre suas pernas. Ela veio afobada, tentando segurar meu pau, mas a impedi, prendendo seus pulsos com suavidade. Apenas a dominando, sem forçá-la. Deitei meu peso sobre seu corpo, apontando meu pau rígido, sem precisar guiá-lo com as mãos.

Colei meu peito em seus seios, prendendo seus braços ao lado da cabeça, enquanto a penetrava, malditamente lento. Seus lábios abriramse em um "o" perfeito, expondo as presas delicadas, que lambi, até me furar, e esfreguei meu sangue em seus lábios, antes de beijá-la profundamente.

Engoli seu gemido, enterrando-me por completo dentro dela, girando o quadril para alcançar seu ponto G. Ela gozaria só com meu pau. Suguei seu lábio inferior, observando sua expressão de deleite ao entrar e sair dela, empurrando até o fundo e aumentando o ritmo das estocadas progressivamente.

Deixei meus olhos se transformarem para que lesse meus pensamentos e soubesse:

Cada parte minha era dela e para ela. O pouco de compaixão e zelo que me restavam eram apenas seus; e, se amava a minha crueldade obscena, eu seria o pior de mim para preservar a inocência dela.

"Eu quero, Axel!" — Enfiou seu pensamento nos meus, concordando com o que eu prometia.

Fodi o amor que reciprocava lentamente. Soltei suas mãos e as unhas em garras rasgaram minhas costas, incentivando-me para mais. Meti fundo e mais fundo, colando minha boca na curva de seu pescoço, sugando seu ponto de pulsação, enquanto segurava sua bunda com ambas as mãos, mudando o ângulo da penetração.

O barulho molhado do meu pau a invadindo repetidamente, forte e rápido, esfomeado, insano, coordenou com seus gemidos ofegantes e meus grunhidos rosnados. Ergui o tronco, ajoelhado entre suas pernas, admirando a marca do chupão que desvanecia rápido demais.

Urrei e meus olhos giraram nas órbitas com a necessidade de esporrar e encher seu canal com meu gozo. Marcando-a com meu cheiro, para que ninguém ousasse olhá-la, sem saber que era minha. Subi uma mão pelo seu corpo, apertando um seio de cada vez e, então, segurei a frente do seu pescoço, pressionando as laterais, sentindo a respiração sob as palmas.

A única vida que eu protegeria seria a dela.

Seu canal me espremia, ordenhando-me, demandando meu prazer, junto com o dela. As unhas de Kami desceram rasgando meu peito, meu abdômen, então, segurou meu quadril, cravando-as nas minhas nádegas. Aumentei o ritmo, descontrolado, e, no instante em que ela chegou ao orgasmo, gozei dentro dela.

Kami ergueu o corpo, puxando-me para si, o braço passado atrás do meu pescoço. Caí para o lado, ainda encaixado nela e inverti nossas posições. A boca macia esfregava na minha, e o corpo suado no meu.

O beijo começou afogado, feroz, e foi amansando, seguindo a condução dela. Cada rolar de língua, cada vez mais lento, feito uma carícia, mostrava seu carinho e sinceridade. Sugou meus lábios juntos, da mesma maneira que eu fazia com os dela, então sorriu. Linda, tão linda.

- Não tenho *conserto*, Kami. Isso é quem eu sou. O monstro, o maldito...
- Não é verdade... interrompeu-me e foi minha vez de cobrir sua boca, para que silenciasse.
- Não vou *voltar* a ser... se é que algum dia fui, *bom para você*.
  Ele venceu. Apontei para o meu peito, onde ainda sentia a presença daquela consciência nefasta, que pensei que fosse minha, mas era Fenrir.
   Esse sempre foi o meu destino.

"Eu também sou o seu destino, Axel. Pode ser os dois." — Invadiu meus pensamentos.

Voltei meus olhos ao normal, para tirar Kamari da minha mente, pois ela não gostaria da minha trilha de pensamento sobre aquilo. Para ser os dois, precisava garantir seu futuro, livrá-la de todos seus inimigos. O que significava que a fêmea de Drako precisava morrer. Mesmo que ele tivesse de ir junto.

Depois que Kami dormiu, fiquei acordado, sem confiar na história de que "ninguém derramava sangue no Santuário". No entanto, precisava

de privacidade para conversar com Ivar.

Vesti-me e saí do quarto, indo atrás do beta dos Dissidentes Blackthorn. Encontrei-o do lado de fora, sentado em uma cadeira de acampamento dobrável, uma fêmea no colo, conversando com vagantes de outro bando.

No segundo em que apareci, a conversa encerrou e eu estreitei os olhos. Ivar dispensou a morena em seu colo e veio na minha direção, indicando que caminhássemos para longe do grupo e o campo de audição.

- Preciso de um telefone. E que você faça a merda que fez para encontrar Kami. Só que para rastrear a outra fêmea. Aquela que também é uma keepa.
- Não consigo. Seu pai a rastreou algumas décadas atrás... Sorriu e não vacilou, quando rosnei por ele chamar Loth de "meu pai". Ivar tinha um desejo de morte, só podia ser. Não sei como ele fez, mas *eu* não consigo, ninguém consegue. Ela sabe se camuflar. Não fosse por isso, o irmão dela já teria matado a fêmea.

Do que ele estava falando? O que a fêmea de Drako tinha a ver com meu pai?

- De onde você conhece aquela fêmea e *quem* é o irmão dela?
- Ah, todos os lupinos conhecem os lendários originais, Ax. *Tyre Tyrant* é o irmão dela. Ivar sorriu, cruzando os braços com uma sobrancelha erguida, esperando que a ficha caísse.

Lembrei-me de Drako chamar a parceira dele de *Selene*, mas era um nome comum... *Não*, não podia ser!

# VINTE E OITO SELENE ÀESIRE

Selene Aesire

O colchão estava frio.

Costumava gostar quando isso acontecia. Depois de passar a noite fodendo, queria que meus parceiros sexuais me livrassem do constrangimento de ter que ser cruel e mandá-los sumirem.

Com Drako, no entanto, o sentimento foi outro, abandono.

Quando o Calor passou, voltei ao meu eu, sendo triturada pela vergonha das coisas que disse, da maneira como o deixei *me cobrir*. Igual bicho. Minha boceta estava inchada, pingando esperma, que melava a parte interna das minhas coxas e os lençóis, com nosso cheiro misturado.

Todos meus músculos estavam fracos, exaustos, como se eu tivesse lutado uma guerra.

Levantei-me da cama improvisada, aquele colchão no chão, agora sem nenhum lençol sobre ele. Vesti a mesma camisa masculina e passei os dedos entre as mechas de cabelo, tentando arrumá-lo um pouco. O couro cabeludo sensível. Por mais que estivesse curado, ainda conseguia sentir as mãos pesadas de Drako, puxando-os desde a raiz.

Cada flash de memória fazia-me latejar de desejo e a decepção de encontrar aquela cama vazia me levava na outra direção: vergonha, humilhação.

Era melhor assim. Ele cumpriu sua função de macho e eu passei pelo Calor. O período fértil. O que isso significava, eu não fazia ideia. Era uma imortal há milênios, não tinha um ciclo hormonal, desde que fui amaldiçoada, com vinte e cinco anos.

Fui a mesma Selene, congelada no tempo, uma geleira intransponível, seca. Agora, eu derretia. E esse derretimento causava catástrofes naturais dentro de mim.

Precisava sair desse Caern, ir para longe do bando que abraçava o lado animal, dividindo seu tempo minúsculo de vida entre as formas. Precisava me reagrupar e seguir meu plano, meu destino.

Só de imaginar isso, aquela consciência feral ganiu dentro de mim, como se me puxasse de volta para a cama. Para o ninho de acasalamento com o macho que ela idolatrava.

Alisei meus cabelos para trás, decidida a fazer a caminhada da vergonha, através do Caern. Encontraria Julius e Mason no perímetro do território, como Drako afirmou que eles poderiam ficar, e voltaria para Nova Iorque, antes que Paul desaparecesse outra vez.

Instantes antes de alcançar a porta, Drako a abriu e me assustei que não o tivesse escutado chegar, ou sentido seu cheiro. A cabana estava saturada dele, meu olfato só sentia o perfume de sua dominância.

De banho tomado, o cabelo lavado e preso de volta no coque, não se parecia com a bagunça que despenteei com meus dedos, a noite inteira. Uma calça jeans e uma camisa simples de algodão escuro escondiam o corpo que se esfregou no meu. E nem as roupas simples, gastas, faziam-no ficar menos magnífico ou mundano.

— Você precisa comer, antes da próxima onda vir — afirmou, tentando desviar o olhar do meu corpo, do seu esperma escorrendo entre minhas pernas.

#### Como assim?

Puxei a barra da camisa, incomumente tímida, odiando abaixar o olhar, quase colando o queixo no peito. Não era sua dominância me

compelindo, era aquela maldita consciência nova dentro de mim, prestando uma espécie de reverência, de reconhecimento, ao alfa. Bufei, raivosa e ergui a cabeça, encontrando seus olhos dourados e as presas alongadas.

O rosnado profundo que saiu de seus lábios não era dele, era de seu lobo, em uma versão feral, assumindo a liderança, recebendo a submissão dela. Engoli em seco, sustentando o olhar de Drako, mas dei uns passos para trás, saindo da órbita dele, dando-me margem para respirar e dominar a situação.

— Eu trouxe toalhas e roupas, enquanto você tava dormindo. Estão no banheiro. — Drako fechou a porta atrás de si, mas conseguia ver alguns dos membros de seu bando olhando para mim pela janela. — Eles estão curiosos.

Virou de costas para mim, depositou o prato de vidro com ovos e bacon sobre a bancada de madeira estreita, que separava os compartimentos da sala, sem móveis, e a cozinha mobiliada. Foi até a geladeira antiga e pegou uma garrafa de água mineral, colocando-a ao lado do prato.

- Se a sua loba quiser caçar, podemos ir, mas, se a onda vier enquanto estivermos na outra forma, espero que saiba o que vai acontecer...
  - Não, não sei... murmurei, um pouco horrorizada.

Alguns machos gostavam de foder na forma bestial. E, nas poucas vezes em que experimentei, foi horrível. Preferia sexo na forma humana.

— Você precisa alimentá-la, podemos esperar o Calor passar, mas a sua loba *precisa* ser alimentada, com caças de lobos, ou seja, outros *animais* — frisou, condenando-me com o olhar. — E ela também precisa ficar perto de um bando, Selene. Ela é... Ela foi aprisionada por tempo demais. Ficou... ela não é... ela é... — Drako se atrapalhou nas palavras, franzindo o cenho e bufando, incomodado em me dizer o que precisava dizer.

Queria conseguir ler seus pensamentos, mas, de alguma forma, o bloqueio de Luna ainda estava lá. Talvez não fosse a deusa e sim ele, quem me mantinha do lado de fora. Tudo em Drako era um mistério para mim, não havia ninguém como ele: um lobisomem *de Luna*. O primeiro de sua espécie, por assim dizer.

— Ela é o que? — questionei, irritada com sua postura alheia, lidando comigo como sempre: frio, distante, em seu pedestal de retidão e julgamento.

Cruzei os braços sob os seios, mas desfiz quando os olhos dourados dele focaram na minha boceta descoberta. Puxei a camisa para baixo, cobrindo-me.

Ele sacudiu a cabeça, recostando-se na pia e desviou o olhar de mim, como se também detestasse essa sensação de aprisionamento. Ontem à noite, enquanto me consumia, nossa ligação virou um fogo líquido, hiper saturado, *prazeroso*, não mais dolorido.

Ainda sentia sua língua passeando em minhas costas, enquanto ele jorrava seu gozo dentro de mim, lambendo meu suor, grunhindo em meu ouvido e usando palavras de apreciação, que o *Drako-normal* jamais me diria.

*"Essa boceta é minha e só minha, semideusa."*, sua voz grossa reverberou em minhas memórias, arrepiando-me inteira, castigando-me. Encolhi-me, pressionando as coxas juntas, e precisei fechar os olhos, forçando-me a pensar em *qualquer* outra coisa.

- Ela é *feral!* Drako me tirou da névoa de desejo hediondo que me varria e aumentava minha temperatura. Está no limite de perder a consciência, quase te *suprimiu!* E, se você entrar em Fúria na pele dela outra vez e eu não estiver... Meu lobo conseguiu trazê-la de volta, *te trazer* de volta. Mas, se eu não estiver por perto, quando acontecer de novo...
- Não vai acontecer de novo! interrompi-o, mais por medo, que por prepotência.

- Para de ser teimosa, caralho! Você *não sabe* de tudo, Selene Aesire! Estava indo embora? É isso? Apontou para a porta, que eu sabia estar só encostada, não trancada. Estamos nisso juntos. E, agora que começou, não tem mais volta.
- Mas nós já fizemos o que precisava abri os braços, indicando o quarto onde passamos a noite inteira, literalmente, fodendo.

Drako espalmou a bancada de madeira à sua frente, os orbes transformados ainda focados em mim. Alargou as narinas, farejando o ar, feito um lobo.

— O cio vem em ondas, dura *dias*... Aquela foi só a primeira. Pelo seu cheiro, está *longe* de acabar. — Farejou novamente e um grunhido feral, grave e rouco, perpassou seus lábios. — Algumas vezes, chega a uma semana. Eu acho que vai ser o caso. Você está escorrendo outra vez, vem comer, antes que a outra onda chegue.

Engoli em seco, calculando o quanto de experiência ele tinha nisso. A forma como farejava o ar e sabia que eu já sentia o Calor outra vez, era indicativo de que não era a primeira vez que passava por isso com uma fêmea.

— Você já fez isso muitas vezes — acusei-o, sentindo-me traída, mesmo que isso fosse irracional.

Tive centenas — talvez milhares — de parceiros ao longo da minha existência. Drako, em seus míseros... *menos de quarenta anos,* havia tido outras parceiras sexuais, era uma obviedade. Lembrava-me das cenas que o lobo reproduziu na primeira vez, como se para me provar que Drako era um macho que sabia o que fazer.

— Sim — respondeu, seco, constatando um fato e não me provocando.

Não consegui impedir meus olhos de transformarem ou minhas presas de descerem. Ciúme era um sentimento novo. Conhecia possessividade, gostava das minhas coisas: meu status de alfa; meu ranking no bando desajustado, que mantive por séculos; meus

territórios. Mas nunca fui possessiva com outro indivíduo, não sexualmente.

- Tudo bem. Eu vou...
- Se abrir a porra da boca pra dizer que vai receber outro macho no seu cio, vamos ter problemas! Antecipou o que eu diria, irritado.
   Não vou mentir para você ou adoçar nada. Eu já passei por muitos cios, sim. Mas... Interrompeu-se e virou de lado, alisando a barba com as duas mãos.
  - Mas...?
- É diferente com a *parceira destinada*. Não estou esfregando meu conhecimento na sua cara, para espezinhar... Porra! xingou, mas não a mim.

Inclinou-se sobre a bancada outra vez e voltou a me encarar, os olhos castanhos novamente. A expressão cansada, como se não tivesse dormido por dias, como se me pedisse para baixar a guarda.

— Eu estou *aqui. Nós* estamos aqui...

"Juntos", foi o que ele não disse e não precisava usar minha telepatia para saber. A palavra ficou pendurada em uma forca, esperando o momento em que o alçapão abriria.

Nós estamos aqui, juntos.

Recuei mais um passo e pressionei meu esterno, onde nossa ligação flamejava, vermelha, ardida. Drako prensou os lábios juntos, contorcendo o rosto, como se sentisse dor, da mesma maneira que eu. Encurvou os ombros para frente e pendeu a cabeça entre os braços musculosos estendidos na bancada.

- Não era para doer dessa forma. Ninguém que eu conheço que é acasalado sente isso. Isso é *errado*, Selene.
  - Eu sei admiti, a garganta contraída.

Todo meu corpo estava arrepiado, com medo de que ele dissesse algo odioso. Que me repudiasse outra vez, como fez na presença de Luna.

Nunca me encurvei por medo, nem para Tyre, que era um sádico miserável, que nos liderava pela força bruta. Mas Drako tinha um jeito de me fazer sentir diminuída... De me fazer ansiar pela sua *aprovação*, como nada mais na vida era capaz.

— Você quer ir embora? Quando passar o cio, não vou te pedir para ficar. — Aquilo foi uma pedrada dentro de mim. Aquela consciência, a loba feral, que Drako disse que eu tinha, ficou mais presente e a agonia dela ampliou a minha. — Mas nós precisamos de *alguns dias*... Então, *fica aqui...* — pediu, a voz carregada de um sentimento que eu não sabia nomear.

*"Comigo."*, foi o que ele não disse, mas compreendi. Precisávamos que esses "alguns dias" de cio fossem *de paz*. Ele estava me oferecendo uma trégua, mesmo sem dizer.

Começava a entender que Drako jamais tentaria me seduzir ou me fazer gostar dele, não se importava que o detestasse. Tinha dito isso, que "não se importava com meu ódio", que "não me escolheu", "não me queria". Mas, quando precisei, ele fez o necessário, porque esse era ele: o maldito herói imperfeito, sombrio, que minha mãe escolheu para mim.

Concordei e me aproximei da bancada de madeira, tragando o aroma amadeirado e picante que vinha dele. O prato com a comida estava sobre o tampo, entre suas mãos grandes; o corpo dele, encurvado para frente, fazia sombra sobre os ovos.

Era uma declaração: ele não se afastaria e eu teria de lidar com sua presença.

Ergui o queixo, trancando nossos olhares e estiquei a mão, pescando um bacon e o trazendo para boca, também me debruçando sobre a bancada. Quando comecei a mastigar, meu estômago roncou alto. Fui presenteada com sua risada, grave e rouca. Então, desceu mais o rosto na minha direção, roçou o nariz pela maçã do meu rosto, colou os lábios na minha orelha.

— *hmmm*... — grunhiu alongado e minha boceta correspondeu, espremendo-se no vazio, enquanto seu esperma ainda escorria do meu canal. — E, mesmo que você tentasse ir embora, meu lobo tomaria minha pele e iria atrás de você, te arrastando de volta nos dentes, semideusa... Você sabe por que, não sabe?

"Essa boceta é minha e só minha...", a memória dele me dizendo isso, repetidamente, enquanto me comia, retornou, feito uma mordida na carne. Engoli o pedaço de bacon como se fosse areia, esfomeada de outra coisa.

— Durante o cio, eu preciso gozar dentro de você, senão a onda não acaba. Consequentemente, o macho sempre goza mais que a fêmea. Mas, se você *pedir*, se disser o que quer — mordeu meu lóbulo e virou o rosto para o meu, esperando que eu o olhasse de volta —, *eu vou te dar*.

Drako abriu aquele sorriso cafajeste arrebatador e seus olhos brilharam, castanhos — só o humano —, provocando-me. Meu coração disparou ao olhar aquele macho desgraçado. Ele, que era um maldito metamorfo semanas atrás, que era um alfa que não tinha sede de poder, alguém com a moral inabalável, tudo o que eu nunca fui, mexia comigo profundamente.

— O que eu quiser? Tem certeza? — provoquei-o de volta e o sorriso alargou, deixando de ser deboche e passando a ser real.

Um sorriso espontâneo e quase acreditei que não me odiava mais, que não se ressentia de estar preso a mim para sempre. O pior era desejar isso com a força que desejei, desesperada para *implorar* por isso.

— As opções são meus dedos ou minha língua... talvez *os dois*. E, se eu fizer bem-feito, vai ser a cara toda. Até pingar seu gozo da minha barba. — Riu, implicante, tranquilo. Muito diferente do Drako furioso que tinha visto até agora.

Arfei, rindo abismada, imaginando-o me chupando e, depois, entrando em mim de frente, não de quatro, como animais, como se fosse uma tarefa a cumprir. Com esse pensamento irresponsável, abalada com tudo o que ele me causava, abri a boca e falei:

— Eu quero que você... — Fiquei subitamente tensa, sentindo-me fragilizada, como se feita de vidro fino, a ponto de estilhaçar.

Drako notou que eu não estava mais brincando. O sorriso morreu e seus olhos ganharam aquele brilho atento, sagaz, de quem analisava e media a tudo.

— O que você quer, Selene? Pede...

*"Eu vou te dar"*, ficou suspenso, mas nós sabíamos.

Estendi a mão lentamente e ele não se afastou, segurei seu queixo, assegurando-me de que ele não me repeliria. Com a boca seca, passei a língua sobre os meus lábios, ansiosa, assustada.

O que ele estava fazendo comigo?

A linha de energia que nos conectava passou, do vermelho sangue, para o amarelo cálido, e foi empalidecendo, até virar luz cegante. Engrossando e repuxando, calma e tranquila.

Prazer, onde antes tinha dor.

Drako colou a boca na minha, dominando o beijo, tão sedento quanto eu. Empurrou o prato para longe, e o barulho, da porcelana estilhaçando no chão, despertou-me para a ação. Enlacei seu pescoço e ele me segurou pela cintura, puxando-me sobre a bancada estreita.

Sentada, ali em cima, ficava mais alta que ele. Enfiou-se entre as minhas pernas, segurando-me pela bunda, até colar minha boceta na sua camisa. Cruzei meus calcanhares em suas costas, prendendo-o a mim, enquanto envolvia seu pescoço com os braços e desfazia aquele coque, entrelaçando seu cabelo comprido em meus dedos.

Ainda que eu estivesse encurvada, para não soltar o beijo, era Drako quem tinha o controle. A língua dele quem ditava a ferocidade do beijo. As mãos brutas me apertavam por onde passavam: minha bunda, as costas, a lateral dos seios, meu pescoço e cabelo.

Que continuássemos dentro dessa bolha de paz encenada, falsa. Se era tudo o que poderíamos ter, eu aceitava. Não teríamos muito tempo, mas tínhamos alguns dias, só esses dias.

## VINTE E NOVE



Drako Blackthorn

Sabia que alguns dos filhotes estavam do lado de fora, que nos observavam, como se fôssemos um filme pornô. Não me importei, na verdade, queria que a vissem amolecida, só para mim. Soltei sua boca, observando os lábios inchados e vermelhos ao redor. Seus olhos, feito prata líquida, e as pálpebras pesadas, deixavam-na ainda mais sensual.

Puta que pariu!

Estendi a língua, lambendo seu queixo, a garganta. Ficou arrepiada, onde minha barba a arranhou. Desci a trilha de beijos, segurando a gola da camisa com as mãos, puxando-a para baixo, para cobrir a pele sedosa com minha saliva.

Rasguei a camisa até a altura do umbigo e suguei um mamilo intumescido, para que ficasse pontudo, vermelho, sensível. Minhas presas desceram, ferindo meu lábio e a pele dela.

Dois arranhões em sua pele imaculada, que ficariam ali *para sempre*. Em seu corpo imortal, só havia duas marcas: a mordida de meu lobo em seu braço e minhas presas em seu seio.

Selene sibilou, inclinando o corpo para trás naquele balcão, uma mão em meu ombro, atravessando a manga, arrancando meu sangue. Toda fodida vez que ela arrancava meu sangue, meu pau endurecia mais. Suguei a carne abaixo do seu seio e ela enfiou a outra mão no meu cabelo, embolando as mechas entre os dedos.

— Drako! — Era Freya, gritando-me e socando a porta.

Puta que pariu, o que ela estava fazendo aqui, caralho?

— Some, porra! — Odiava quando invadiam meu território. Ou quando interrompiam minha foda, *principalmente* durante um cio.

Dei atenção ao outro seio de Selene, que me usava para se equilibrar e jogava o corpo para trás, o cabelo comprido cascateando em suas costas. Sua linguagem corporal implorava que eu descesse a boca, que chupasse sua boceta, mas teria que dizer, que usar suas palavras.

— Drako, é o Axel no telefone!

Paralisei. Gelo percorreu minha espinha e ergui o corpo, tenso, subitamente ansioso. Por que ele estava *ligando* e não voltando para casa? As mãos de Selene passearam pelo meu corpo, em um gesto tranquilizador. Tive dificuldade de discernir, se era ela usando seu poder ou se era *apenas ela*.

— Entra, Freya. — A semideusa tomou a frente, dando uma ordem na minha irmã, que abriu a porta e entrou, de cabeça abaixada.

Selene não se escondeu, não tentou cobrir o corpo. Em cima da bancada, as pernas ao redor do meu quadril, buscava meu olhar, preocupada com minha mudança de postura. Na realidade, era ela quem me equilibrava e não o contrário. A mão suave deslizou para minha nuca, pressionando os dedos, até ter minha atenção.

- Fenrir não se preocuparia em pegar um telefone. É o seu alfa.
- Ele não é meu alfa! Kamari é afirmei e vi seu cenho franzir, semicerrando o olhar, envelopado de ciúme.

O cheiro da possessividade dela, que escondia, atingiu-me feito um afrodisíaco. Duelei entre o desejo por ela e a raiva de Axel: por interromper, por não ter voltado para o Caern ainda. Podia não querer a morte ou o exílio de Ax, mas ainda estava puto com ele por ter virado a moeda, perdido para Fenrir. Sabia que não havia fundo racional para minha raiva e que meu julgamento prejudicava a porra da coerência, mesmo assim, não conseguia me impedir de ficar decepcionado.

Estendi a mão e Freya deu os passos que faltavam para me alcançar, como se estivesse vindo para uma execução.

Só então senti o poder de Selene se alastrando no espaço fechado. Dissipando a Fúria e a camada densa de dominância que eu vertia, inconscientemente. Senti seu poder imenso na primeira vez que nos vimos, com ela me colocando de joelhos, fazendo-me sentir menos que merda. E. naquele quarto luxuoso, quando injetou tesão infernal na minha corrente sanguínea.

Era a primeira vez que ela usava seu poder para o bem comigo, acalmando-me. Astrid tinha uma *fagulha* desse poder. Quando a Alta Sacerdotisa o usava em mim, ficava extasiado. Selene ia além.

Segurei o aparelho e tomei algumas respirações profundas, antes de colocá-lo no ouvido. O tempo inteiro a observando de perto. Devia me afastar dela, para que não ouvisse o que quer que fosse que Axel tinha para me dizer, mas *não conseguia*.

Selene tapou o microfone do aparelho. As unhas compridas rasparam na minha barba, os olhos prateados fixos na minha boca e não nos meus.

— Se quiser que eu pare, só avisar. Mas afastar os sentimentos é sempre melhor em negociações — murmurou, permitindo que eu escolhesse aceitar o uso de seus poderes, não me manipulando, como fazia com os humanos.

Minha fodida irmãzinha estava quase ao lado de Selene, os olhos trancados em seus seios expostos. A semideusa a ignorava, focada em mim. Rosnei baixinho, para Freya parar de olhar para ela com tesão.

Diferente do que ocorria quando me envolvia com qualquer outra fêmea, que meu lobo ignorava na forma humana, o babaca estava ronronando com a proximidade dela. Era *apaixonado* por Selene em qualquer forma e nublou meu julgamento.

Segurei seus dedos, trazendo-os para os meus lábios e mordisquei a falange do indicador, fazendo-a arfar, acima de seu encanto de tranquilidade.

### -Ax — cumprimentei-o.

"Kamari está bem" — atirou, direto e seco, com aquele subtom de arrogância de alfa da lua cheia, de quem nasceu com poder e sempre soube qual seria seu lugar na vida, acima dos demais. — "A sua parceira é *Selene Aesire*, Drako?"

— Sim, ela é a... minha... — Titubeei, pois a tensão dela fez seu poder vacilar, apagando-se gradualmente. Engoli em seco, minhas narinas alargando, tragando sal marinho e sálvia, afogando-me no cheiro de cio. — Selene é minha destinada.

Era a primeira vez que a assumia verbalmente. Fechei a mão dela na minha, quando tensionou e tentou puxá-la, recolher-se e subir os muros. As pupilas dela dilataram e o laço em meu peito voltou a queimar, dolorido.

"Ela é uma *imortal*!" — Axel riu, irônico, alfinetando-me.

Essa pessoa que estava falando comigo não era meu companheiro de bando, o *irmão* que cresceu comigo.

— Eu sei! — Arrastei as palavras, não gostando do rumo da conversa.

"Kami tem algumas lembranças do período em que essa filha da puta a aprisionou." — Trinquei a mandíbula, quando ele a xingou. — "A minha parceira e *a você*."

Não podia deixar emoções entrarem no caminho. Nem precisava demarcar território sobre a parceira que estava diante de mim, com as pernas passadas ao meu redor e os olhos astutos investigando-me.

Estava dificultando as coisas ao não me afastar dela. Essa conversa tinha múltiplas camadas: era Axel me questionando sobre

minha lealdade de uma forma implícita e Selene fazendo o mesmo.

Com qual propósito, não sabia dizer.

— Eu estava lá, Axel, tenho *todas* as lembranças. Se quiser perguntar alguma coisa, pergunta. Sei que *falar* não é a sua melhor *habilidade*, mas decifrar seus grunhidos não é mais minha obrigação. Se tem algo a dizer, cospe.

Sempre soube pressionar os botões de Axel. Mas quem ele pensava que era para me sondar? Logo a mim?! Minha lealdade estava com meu bando, minha família. Quem sumiu foi ele, quem fodeu tudo foi ele, não eu.

"Ela te mordeu, vocês estão ligados. Espero que entenda que não será pessoal quando..."

— Está me pedindo autorização para me matar, Axel?!

Afastei-me de Selene, virando de costas e segurei na pia de porcelana. Era uma daquelas de fazenda, antiga, em sobreposição. Meus dedos transformaram-se em uma garra hominídea, os pelos branco-prateados brilharam com a luz morna do sol matinal.

— Ligou para me avisar que vai matar a minha parceira. E quer a minha benção? Quer que eu te diga que "tudo bem, eu entendo"?

"Não, liguei pra te dar a cortesia de um *aviso*. Estou caçando a sua fêmea e, quando a encontrar..." — ele parou de falar e escutei a voz de Kamari ao fundo, soando alegre e risonha. Ela não sabia a merda que esse filho da puta estava me dizendo.

Axel desligou e a pia partiu, quando fechei o punho.

— Melhor você ir, filhote. Deixa que resolvo isso aqui. E não conte a ninguém o que ouviu, ok? — Selene ordenou a Freya, que estava com os olhos arregalados, pálida, olhando para mim, como se eu já estivesse morto.

Depois que ela saiu, Selene projetou seu poder, anulando meus sentidos para o lado de fora, tudo o que eu farejava e escutava era ela.

- Privacidade desdenhou, mas sentia a tensão na fala. A expectativa pelo que eu diria, como agiria, ao ser relembrado de que ela era uma imortal, que era inimiga.
- Pergunta o que quer saber, semideusa. Quer saber se isso muda as coisas? Se vou te proteger dele?!

Voltei para perto dela e vi seus olhos nublarem com a decepção, como se ela esperasse algo diferente de mim e eu estivesse sendo, deliberadamente, menos que o pouco que acreditava que fosse.

- Não preciso da sua proteção, Drako.
- Só do meu gozo.
- Voltamos para isso? Saltou da bancada e segurou as partes da camisa juntas, cobrindo os seios.

Não estava sendo justo, nem um pouco. Estava descontando em Selene a frustração pela minha conversa com Ax ter sido a merda que foi, por ele ter virado um filho da puta e, pior, por compreendê-lo.

Os sentimentos revoltos em mim tinham diversos fundamentos: primeiro, meu melhor amigo disse que me queria morto.

Segundo: o alfa que eu segui por toda uma vida estava caçando a fêmea que foi destinada para mim.

E terceiro e pior: Selene não precisava de mim para protegê-la, ela só precisava *de porra*, que nem tinha que ser a minha. Havia dezenas de machos fazendo sua escolta. Aqueles dois filhos da puta Tyrant ainda estavam nos arredores do meu Caern, aguardando-a. E ela era a porra da lupina original.

Quem eu pensava que era?

— É a *verdade* — reafirmei, resignado e um pouco desnorteado com a realização. — Seu corpo precisa do meu gozo. Você não precisa de mim para porra nenhuma, além disso. Então, nada mudou no plano original. Vamos terminar o que começamos e é isso.

Ela deixou a redoma desfazer, feito um globo de neve estilhaçado. Deu passos para trás e voltou na direção do quarto. Estaquei no lugar, frustrado pra caralho com o quanto o que considerava certo vinha sendo destruído.

Meus valores, certezas, a porra da minha vontade!

Nada mais me pertencia, nada.

Fui atrás dela e a encontrei dentro do box, a água serpenteando ao seu redor. Não havia vapor, estava tomando um banho gelado. A onda do Calor estava de volta, água congelante não faria passar.

Mesmo que toda a merda entre nós fosse tóxica, dolorida e amaldiçoada, pelo menos, para isso, ela precisava da minha ajuda. Cobrir cios, para mim, sempre foi só pelo prazer. Desta vez, vinha com o peso na consciência de desejar o indesejável, a corrupção imoral a qual cedia.

Puxei a camisa por trás da cabeça e ela se virou para mim. As mechas de cabelo mais escuras, molhadas, e os cílios úmidos, evidenciavam ainda mais a decepção nas íris castanho-avermelhadas.

Sal marinho e desilusão. Sálvia e catástrofe.

Entrei no box, sem sequer tirar o resto das roupas. Avançamos um para o outro, feito átomos. Só que meu desespero não era pelo cio, não, meu desespero era a finitude. A ironia de ter uma parceira imortal, que estava marcada para a morte, era o pior castigo da deusa. E a morte dela seria a minha.

Quando tudo o que se é na vida colide com a pessoa que vai causar a sua morte, todo o resto perde o significado.



A onda havia passado.

Meus olhos ainda giravam nas órbitas, gozando dentro dela e Selene ofegava sob mim, as unhas retraindo dos lençóis. Deitei meu peso sobre suas costas, tentando regularizar a respiração e meus batimentos. Funguei em sua nuca, sobre o cabelo com nossos perfumes misturados. Queria lamber seu suor, lambê-la inteira, como estava fazendo na bancada, antes de Axel ligar.

Apoiei-me em um cotovelo, afastando as mechas para o lado, descobrindo sua nuca e pescoço. Inconscientemente, minhas presas desceram e eu grunhi profundo na concha de seu ouvido, sugando o lóbulo. Desci pela linha de pulsação e minhas presas rasparam na região, provando com a língua o sabor delicioso de seu suor.

Ela ficou arrepiada, mas, ao sentir as pontas afiadas espetarem naquela região específica, Selene ficou tensa. Os batimentos aceleraram vertiginosamente e a escutei engolindo em seco.

Achou que eu a *marcaria* e estava *me rejeitando*. Não queria minha marca, não precisava disso. Voltaria para seus Caçadores de Prata e faria disso aqui só mais um momento na coleção de memórias de sua eternidade.

Caí para o lado, ainda desnorteado pelos orgasmos consecutivos. Mirei o teto, odiando a sensação de ter sido *usado*. Nunca me importei, nunca. Passava por meia dúzia de cios por ano e jamais foi desta maneira, com esse sabor amargo.

Sentei-me, olhando minha calça e as botas ao lado do colchão, ainda encharcados. As roupas que trouxe de madrugada foram para ela, mas levantei-me e as busquei no banheiro apertado, dessa casa que não pertencia a ninguém.

Vestindo a calça de moletom, apertada — do tamanho dela, não do meu —, voltei para o quarto e falei da porta:

- Vou buscar comida e resolver umas coisas menti. Você devia dormir.
  - Drako, precisamos conversar.

Sentou-se e se encolheu, puxando os joelhos na direção dos seios, escondendo-se de mim, as pernas cruzadas nos tornozelos. Farejava

meu esperma escorrendo de dentro dela, mas a queimadura em meu peito parecia metal fundido, escorrendo em meus órgãos, perfurando meu estômago e subindo pela traqueia.

- Eu sei... já volto, preciso... Passei as mãos no cabelo, jogando-o para trás. Incomodado com ele cercando meu rosto, com o cheiro dela.
- Precisa ir para qualquer lugar, menos aqui... ok. A decepção nos orbes castanho-avermelhados contradizia o riso irônico em seus lábios.

#### Caralho!

Virei as costas, e olhei para o meu peito, a sensação era de estar em brasa, de morte. E, a cada passo que dava na direção contrária, a queimadura aumentava.

"Volta!" — meu lobo ganiu, tentando tomar a pele e uivou, chamando pela parceira dele.

Ao abrir a porta, ouvi a resposta da loba dela, no que imaginei ser: "fica". E, porra, queria ficar, ouvir que merda ela tanto queria falar comigo e entender por que não temia o fato de Ax querer matá-la.

Viu Axel em ação. Sabia que ele era a porra do mal encarnado, literalmente.

Só que, do lado de fora, a vida real me aguardava; a "família real" estava na minha porta, esperando que eu fizesse o papel de alfa, que nunca quis ser.

## TRINTA



Axel Blackthorn

Kamari interrompeu minha ligação de sondagem com Drako, encontrando-me do lado de fora do dito "Santuário". Enfiei o telefone no bolso da calça jeans.

No meio da manhã, o sol glacial de Cambridge Bay refletia na neve, salpicando a grama rasteira, naquele espaço descampado, e fazia minha parceira parecer *iluminada*, embora a paleta de cores dela fosse terrosa: cabelos castanho-escuros, pele bege queimada e suas íris amarelas.

*Uma Blackthorn*! Mesmo que fosse descendente daquela maldita, minha Kami era Blackthorn, meu sangue também.

"Minha!" — o lobo bufou, irritado com a comparação mental e não o refutei.

Não podíamos ficar parados nesse lugar. Contudo, não fazia ideia de por onde começar a procurar a porra da lupina original, que ninguém sequer sabia que ainda estava viva. Nem o líder do clã tirano, que era júri, juiz e carrasco, conseguiu encontrá-la por milênios.

Tyre tentou exterminar os Aesire, mas Selene sobreviveu.

Uma fodida barata.

Dei metade da minha atenção ao que Kami contava sobre a conversa com Layla. Parte do interesse ficou nas coisas que dizia, na

felicidade saudosa, que atravessava dela para mim, pelo laço da parceria; porém, havia uma sirene em minha mente, um instinto de sobrevivência, alertando-me de que precisávamos sair desse lugar.

"Matar a fêmea!" — meu lobo rosnava dentro de mim, perambulando cada vez mais próximo da barreira que nos separava, raspando as garras naquela parede fina.

Mais ao fundo da minha consciência, a voz de Fenrir ecoava: "ele não é mais forte que você!", "e está mentindo".

Drako virou um alfa poderoso. Durante nosso embate no subsolo do novo quartel dos Caçadores de Prata, onde encontrei Luna no corpo da minha parceira, meu antigo beta não havia se esforçado o suficiente para me machucar. Não, ele tentou me parar e *proteger* Selene; e, se os dois se unissem contra mim...

Selene tinha os mesmos poderes de Kami, mas, diferente da minha parceira, aquela fodida sabia usá-los! A lenda contava que os Aesire foram estripados de seus poderes, como castigo da deusa, por terem se voltado contra ela. Por isso, perderam na Primeira Guerra e os Tyrant conseguiram atacá-los. Só que a semideusa ainda os possuía, ah, se possuía.

Talvez a resposta para a matar, fosse mirar no seu parceiro.

- Ax, você tá me ouvindo? Kami tocou a marca de sua mordida no meu pescoço, trazendo-me de volta para o momento.
  - Sim, sua mãe ficou feliz com a ligação... Você falou com Kal?
- Não, ele não estava lá. Buscou-me, preocupada, as unhas delicadas traçando a mordida e subindo para minha barba.

A loba dela estava presente também. Era dominante, mas não tinha condições de se defender, se ficasse nas quatro patas. E, nas duas, ela era inexperiente demais. Não podia enfiar Kamari na minha caçada, porra! Precisava de um lugar seguro e pessoas que eu confiasse para tomar conta dela.

— Sabe onde Kaleb está?

- Procurando a gente...? respondeu com outra pergunta, pois não sabia como eu reagiria a informação.
  - Bom. Vamos facilitar para ele.

Com Kal por perto, poderia deixar Kamari aos cuidados do pai, por uns tempos, e ir atrás da fêmea maldita que ordenou a morte da minha parceira e, quando não conseguiu, roubou-a de mim!

Ergui a mão, chamando Ivar, que ria com um grupo misto do seu bando e de outro. Virou-se para me atender. O miserável era um beta experiente, sabia lidar com a minha merda, melhor que meus betas antigos, e fazia o papel melhor também.

Era um negociador muito mais eficiente que Drako; e tinha disposição, para servir de escudo e levar porrada, com mais tranquilidade que Bog, sem ficar cheio de melindre.

O que me irritava profundamente era ter noção exata de onde Ivar adquiriu a experiencia: com Loth, meu pai. Eu estava refazendo todos os passos do antigo alfa dele, virei um *Lothson*, como eles. Aproveitava o caminho que o miserável pavimentou.

- Alfa, *keepa*... Ivar cumprimentou, ao se aproximar, rindo do rosnado do meu lobo, por ter falado com Kamari.
- Kaleb está vindo atrás de nós, deve estar acompanhado. Dê um jeito de ele nos encontrar.
- Seu tio estava pedindo a sua cabeça, porque achou que você tinha *matado* a cria dele o macho refletiu, coçando a barba negra.
- É por isso que você vai enviar emissários para explicar a merda para ele, antes de trazê-lo até mim.

Machucar Kaleb ainda era uma linha que eu não queria cruzar, mas, se chegasse a isso, não teria interesse suficiente em impedir meu lobo de fazê-lo. Se Kal se tornasse um obstáculo, eu o atropelaria.

- Rosalyn e Benny, são os mais fortes...
- Não interrompi-o e Ivar abaixou o olhar, preocupado.

- Quer que eu escolha alguém *dispensável*, alfa? Estratégia cruel, mas eu compreendo. O beta olhou para a varanda da pousada fuleira, onde o grupo com pouco mais de uma dúzia de lobisomens Dissidentes se reuniam, fingindo não estarem nos observando.
- Se Kal perder a merda dele, não vou sacrificar dois lobos fortes, só para entregar uma mensagem.
- Axel! Kami me repreendeu, segurando meu antebraço, mas não a encarei.
- Talvez os lobos fracos façam Kal parar e escutar. Talvez eles fiquem a salvo da Fúria do alfa, justamente por não serem oponentes fortes o suficiente para constituir uma ameaça disse, mais para o benefício de Kami, para que voltasse a ter esperança em mim.

Na verdade, estava contando minhas baixas e colocando os riscos na balança. Eram todos peões. Da mesma maneira que os irmãos caçulas de Drako foram na busca por ela. Se funcionasse, bem, se não, bem também.

- É, pode ser Ivar concordou, no entanto, devia saber exatamente o que pensei.
  - O dono desse pardieiro é de confiança? questionei-o.
- Defina *confiança*... Ivar riu e Kami colou o corpo na minha lateral, inundando-me com seu poder de manipulação de humor, tentando me tranquilizar. Jerry gosta de *dinheiro*. Só precisamos questionar quanto ele cobraria para nos vender e pagar mais, para que fique calado.
- Ou não pagar porra nenhuma retruquei e contive meu lobo de tomar a pele, mesmo sob a cortina de calmaria que Kami exalava.
- Estou atestando os fatos. Matar Big J. é o mesmo que ligar um farol, convocando os Tyrant. Todos os exilados querem retornar para o clã a qual pertencem, Ax.
  - Nem todos! rebati, pois eu não queria voltar para o meu clã.

O beta assentiu, cruzando os braços no peito, sobre a jaqueta militar pesada, tentando encontrar uma forma de me convencer a não matar ninguém.

— Jerry perderia um braço para voltar para o clã dele. Quanto custa um sonho?

O meu sonho virou um pesadelo. Ser o alfa-regente dos Blackthorn foi uma merda. Consegui enxergar exatamente o que eles eram e o quanto não serviam como meu clã; mal eram Blackthorn! A ideia que construí por uma vida inteira, do que significava ser um membro do clã negro, não era compatível com a merda que vi, quando os crescentes se rebelaram e racharam meu bando.

— Faz o que eu mandei, estamos ficando sem tempo.



Tempo era um artigo de luxo em meio a uma guerra.

Metade dos vagantes que estava no Santuário foi embora durante o dia. Ivar negociou uma pequena fortuna com Jerry, para não entregar nossa localização para os Tyrant.

Ainda assim, meus instintos me retorciam as entranhas, dizendome que não estávamos seguros, parados em um só lugar. Só que, infelizmente, a dupla de deltas que Ivar enviou para rastrear Kaleb e trazê-lo até nós, havia saído menos de doze horas atrás. Precisava aguardar o contato, antes de avançar.

No meio da noite, o fardo da carne sempre ficava pior e os sentidos mais afiados, preparados para a caça. Mesmo assim, fui pego de surpresa. Os lobisomens imortais eram mais velozes e furtivos. Possuíam um tipo de experiência de combate, que só era adquirida com séculos de treinamento e ação.

A lei do mais forte.

A maioria dos Tyrant eram alfas, betas ou gamas fortes; deltas e ômegas eram exterminados do clã, não sobreviviam em um bando carniceiro. Os mais fracos viravam Vagantes Selvagens ou morriam. E eram justamente esses, os mais fracos, que ficaram no Santuário.

Kami ficou tensa ao meu lado, dentro do quarto, ao ouvir os primeiros sons de luta. Sabia que deveríamos ter ficado no estacionamento, prontos para reagir ou fugir, se fosse necessário.

— Vem comigo e não para, por nada, nem ninguém! Só *você* importa, Kamari, está ouvindo?

Seus olhos amarelos transformaram-se naquele prateado luminoso, o anel dourado ao redor. Cobriu a boca com as duas mãos, na certa, vendo através dos olhos deles a carnificina que estava ocorrendo do lado de fora.

— Onde eles estão? — Puxei-a comigo para a janela, querendo colocá-la em segurança dentro do carro.

Minha parceira era uma lupina jovem demais, nunca havia tirado uma vida. E, ao menos uma vez, meu lobo concordava comigo, que deveríamos debandar da batalha, que a proteger era mais importante.

Sendo o alfa dos Dissidentes, tinha obrigação de entrar na luta ou, ao menos, ordenar que recuassem. Agora, no entanto, só pensava que eles seriam subterfúgios, escudos vivos. Decidiram me seguir, que morressem pela causa.

Abri a janela e suspendi Kami pela cintura, enquanto ela se debatia, agoniada.

- Kamari!
- Eles estão sendo destroçados, Axel, você precisa ir até lá!
- Preciso te tirar daqui, porra!

Empurrei-a para o lado de fora e seus reflexos a fizeram cair em posição de caça, os joelhos dobrados e as mãos espalmadas no chão, as presas à mostra.

A loba dela estava na superfície, a pele fumegante, sob a calça jeans e a camiseta que vestiu durante o dia. Ela ia perder a pele para aquela loba frágil. Ou tentar a sorte sobre duas patas, com quase nenhuma experiência na forma bestial.

Puta que pariu! Teimosa pra caralho!

— Kami! — urrei, pulando a janela.

A moldura de madeira se partiu sob minha pata. Minha transformação foi mais veloz que a dela, pelos meus anos de experiência. As roupas explodiram ao redor da nova forma. Desde que virei o alfaregente dos Blackthorn, minha envergadura ampliou, bem como a força.

Tentei alcançar Kamari, mas a lobisomem branca rosnou para mim. A pelagem brilhava sob o luar, prístina, cálida, em contradição à aura feroz que exalava. Fui atacado com a dominância dela, a ponto dos meus pelos eriçarem de raiva e orgulho. Minha fêmea, outra alfa, a única que não me temia e que podia me destruir.

"Não vou permitir que eles sejam feitos de gado de abate! *Você* me ensinou que um alfa se responsabiliza pelas ordens que dá. Eles são *minha* responsabilidade também!" — Infiltrou seus pensamentos na minha mente e empurrou meu peito.

Orgulho e ira. Eu e meu lobo queríamos dominá-la, mas protegêla era vital. Kamari era, literalmente, meu coração batendo em outro corpo. Sem ela, eu morreria ou desejaria morrer. Não passaria por aquilo nunca mais!

Correu na direção da lateral do prédio, onde os motorhomes e as fogueiras de chão ficavam. Fui atrás dela, pronto para arrastá-la para a segurança, quando um dos atacantes dobrou a lateral da casa.

Nas duas patas, ele tinha, virtualmente, o dobro da largura da minha parceira. Seu pelo fulvo encharcado de sangue no peitoral e as garras manchadas, pingando o líquido com odor metálico. Atrás dele, outros dois lobos Tyrant. Cheiro de morte e putrefação desceu sulfúrico pelas minhas narinas, nublando qualquer outro odor e meus sentimentos convergiram para o instinto de proteção. Aumentei a velocidade, saltando por cima de Kamari, as patas dianteiras fechadas em garras. Cai de pé, retalhando o rosto do lobisomem, que ousou enfrentar e mostrar suas presas para minha fêmea.

Deixei que o lobo assumisse o controle e empalei minhas garras sob o queixo do Tyrant que estava mais à frente. Seu sangue encobriu meu braço, até o cotovelo, uma cachoeira carmim. Os olhos vermelhovivos agigantaram-se, até quase saírem das órbitas.

Puxei a pata para trás, arrancando a mandíbula inteira. A língua ficou pendurada, banhando-o em sangue. Rosnei, gutural, exalando dominância, tão sobrecarregada e violenta, que os outros dois travaram seus passos e perderam o controle para as bestas, deformando-se em uma meia-transformação para as quatro patas.

Fechei o punho na mandíbula dilacerada e ensanguentada, usando-a como uma espécie de soco inglês, feito de osso, e soquei o que restou da face do lobo vermelho. Até que ele caiu morto aos meus pés.

Pisei em cima dele, usando-o de tapete, para chegar nos outros dois, que transmutaram para os lobos. Suas caudas entre as pernas, contavam-me de seu pavor e inexperiência na forma animal. Não sabiam como lutar nessa forma, muito menos contra um alfa.

"Beber o sangue deles e comer órgãos!" — O lobo regozijou dentro de mim, ao provar o terror deles com a língua.

Nós dois estávamos conectados, sentindo a adrenalina de caça e o poder nos abastecer. O enlevo era inebriante.

Chutei um deles na lateral da casa, quebrando as paredes de madeira antiga e reboco frágil. O animal atravessou para o compartimento e fugiu, mancando, deixando seu companheiro de bando para trás.

Atirei o osso na direção daquele lobo fulvo, com os orbes vermelho-vivos, reluzindo, feito sirenes de emergência. Vociferei um

urro, minha saliva voando entre as presas, na direção do macho que se contorcia, colando o peito no chão, tremendo.

"Ax... AX!" — Kami chamou em pensamento.

Virei o pescoço para trás, assistindo-a ser cercada por outros quatro Tyrants. A loba branca rosnava e alguns abaixavam a cabeça, respondendo à dominância dela, mas outros dois não: alfas.

Uivei, convocando os lobos Dissidentes. Alguns deles traziam a mesma pelagem inimiga, porém os reconhecia pelo cheiro. Ivar, o maior lobisomem negro, estava à frente de uma dupla de outros Blackthorn. Atrás deles, dois fulvos.

"Alfa! Eles são muitos!" — Ivar se comunicou comigo.

Avançou na minha direção, seguido pelos dois outros betas Blackthorn: Rosalyn e Benny, descendentes de Ivar, pelos quais pediu asilo no Caern.

Ros, a loba que era a segunda no comando, a cria mais velha, matou o lobo Tyrant, que ainda estava preso ao meu comando-alfa. Nós éramos sete contra os quatro que cercavam Kamari. Só que minha parceira não esperou por reforços.

Sua loba era poderosa, mas inexperiente, e tinha aquela coragem irresponsável que a colocava em risco. A Fúria do meu lobo foi tão incineradora, que cheguei no grupo primeiro, mas não a tempo de impedir que Kamari desse um golpe e errasse, recebendo as garras do lobo que ela atacou em seu braço. Os pelos brancos ficaram manchados de carmesim, três cortes profundos.

Não, caralho!

Vi tudo vermelho, ódio primal percorreu minha espinha, explodindo em cada célula.

Cheguei por trás do filho da puta, enfiando minha pata na sua coluna. Puxei-a de uma só vez e as vértebras se desconectaram, feito blocos de montar sangrentos. O corpo dobrou para frente, numa posição antinatural, caindo no chão, como se fosse um saco de merda.

O Tyrant atrás de Kami se aproveitou do despreparo dela, para encaixar um mata leão. Dois vermelhos vieram para cima de mim, ao mesmo tempo. Lanhei o ar, ao tentar atacar o primeiro, que se agachou a tempo, encravando suas garras na lateral do meu abdômen, partindo as minhas costelas.

Urrei de dor e cólera, o sangue pulsando feito um inferno furioso. Golpeei o segundo fulvo. Fatiando a frente do pescoço. Cambaleou para trás, segurando com as mãos, tentando conter a hemorragia, que era muito mais acelerada que sua cura. Caiu ajoelhado, gorgolejando sangue, ao mesmo tempo em que Ivar enfiava as presas no pescoço daquele que ainda tinha as garras encravadas nas minhas costelas.

Minha respiração entrou rasa, o filho da puta havia perfurado meu pulmão?

Eu não cairia por causa de um lobo miserável desse!

Kami se debatia no aperto do alfa que a segurava por trás, muito mais largo que ela, enforcando minha fêmea e me dando um riso lupino. Em um golpe fluido, arranquei o braço do que havia conseguido me atingir e puxei suas garras de dentro de mim, rosnando para a dor de ter minha carne dilacerada. Jamais havia sido ferido dessa forma, nunca chegaram perto o suficiente.

Mas ela estava aqui, em perigo mortal, e isso nublava meu juízo.

Salvaria Kamari a qualquer custo!

"Matamos todos eles!" — meu lobo concordou.

# TRINTA E UM



Kamari Blackthorn

Os Dissidentes fizeram a formação de bando, triangular, atrás de Axel. Só que mais e mais lobisomens de pelagem vermelha surgiam na minha visão periférica, embaçada pelo enforcamento.

"Tem sete, pai!" — Benny, um lobisomem de pelo preto, dissidente, cria de Ivar, enviou a imagem mental para o grupo — "Dez!" — prosseguiu, desesperado.

Havia mais de dez inimigos. Eu mal conseguia organizar seus pensamentos, as imagens múltiplas formaram um panorama de trezentos e sessenta graus da mesma cena. Estávamos cercados. Eles vinham pelas laterais, pulando as janelas do hotel antigo.

O lobo de Axel, mesclado a consciência dele, lançou um comandoalfa, para que o bando "enfiasse o medo no cu e morresse, como Blackthorn". E os comparou com os metamorfos que, mesmo sendo "um bando de hipócritas filhos da puta, fracos, morreriam tentando".

Havia tanto ódio em Axel, tanto, que eu perdia o ar. Mais por presenciar isso, do que por estar sendo presa pela garganta.

"Estamos prontos para morrer, Alfa!" — Ivar se pronunciou, sendo o porta-voz daqueles que restavam, enlutando os mortos e aqueles que ainda agonizavam, em algum lugar dentro, ou arredor, do santuário.

No meio de toda aquela bagunça, Ax segurava o braço que arrancou do macho que o feriu e tomou a decisão de usar qualquer meio necessário para se fortalecer.

"Não, Ax!" — urrei em pensamento, suplicando que não fizesse o que imaginava.

"Vinte e três, alfa! Eles são muitos!" — Benny falou diretamente com meu parceiro e foi o prego final naquele caixão de dor.

Alguns dos Dissidentes preferiam implorar misericórdia, mas de nada adiantaria.

"Nós somos Blackthorn! Morremos lutando!" — Ax proclamou o comando, ao qual todos dobraram seus pescoços.

Então fez o indizível, o pecado original.

Axel engoliu a carne do Tyrant.

Meu Axel cedeu ao fardo da carne e, dessa vez, foi por escolha.

Choraminguei e minha loba ganiu, ao ver a ação desenrolar em velocidade acelerada. os últimos seis lobos dissidentes atacaram o grupo inimigo, que tinha uma vantagem imensa. Debati-me mais, lanhando o braço do meu captor, mas quase sem ar, não havia muito o que fazer.

Meu bando estava sendo *massacrado*. Axel saltava, desmembrando lobos e atirando pedaços de corpos nos que estavam mais atrás. Arrancou cabeças nos dentes e corações nas mãos, tão veloz, que eu mal conseguia registrar as mortes.

A ira dele explodia, tal qual uma bomba de gás tóxico, envenenando os outros para mais violência, sede de sangue e destruição.

A essa altura, apenas Ivar e seus filhos, os outros dois lobos negros, restavam de pé, mas os dois Tyrant que pertenciam aos Dissidentes não estavam mortos, apenas agonizando no chão.

Minha visão foi afunilando com a privação de ar, embora a adrenalina me mantivesse desperta o suficiente para ver meu bando

morrer aos poucos.

Um lobo marrom surgiu no meio de todo aquele mar de vermelhos e pontos pretos e correu em linha reta para mim, transformando-se durante a corrida.

#### — Kami?! Não!

Paul, nu, coberto de sangue na forma humana, correu entre os lobisomens, sem temer. Tentou me tocar, mas o alfa, que era uma parede de músculos atrás de mim, rosnou, protegendo-me como sua caça.

Li seus pensamentos, pois seus olhos negro-brilhantes, deixavam-no aberto.

Depois de que me viu "morrer" nas presas de Axel, Paul foi para Nova Iorque, dizer a Tyre que o alfa dos Blackthorn tinha virado imortal e se aliado aos Caçadores de Prata, liderados por uma *keepa*.

O homem loiro com um semblante cruel era Tyre, o lupino original que liderava os Tyrant. Em nome da justiça falsa que ele pregava, ordenou que Paul usasse sua ligação com seu criador, Ax, para rastrear meu bando.

Tyre sabia que, se Axel estava vivo, eu também estaria. Paul *deveria* saber, mas o luto não o permitiu pensar direito.

— Não era dessa keepa que eu estava falando. É outra!

Paul tentou debater com o alfa que me segurava, mas ele sabia. E não se importava. As ordens eram para me levar até Tyre e me usar para colocar Ax em uma coleira. Dois prêmios em um: uma keepa para rastrear a outra e o "tocado por Fenrir", para matar a irmã: Selene Aesire.

O lobo que me segurava, soltou-me e caí de joelhos no chão, tossindo pelo enforcamento. Recebi um chute na lateral do corpo, que me fez voar no ar alguns metros e cair no chão de terra enlameada e gravetos congelados, no meio da batalha. Então, ele me alcançou e pisou nas minhas costas com seu pé hominídeo.

Uivou, chamando a atenção dos seus e de Axel.

O cheiro nefasto de morte e injustiça, de sangue metálico e podridão, fez meu estômago revirar e vomitei, sentindo dores imensas em minha barriga, a cada espasmo.

Axel segurava um Tyrant no ar, paralelo ao chão, e o desceu em seu joelho, quebrando-lhe a coluna. O barulho dos ossos sendo partidos mal foi registrado, antes que desse o outro golpe, enterrando a mão inteira na caixa torácica. Arrancou o coração e o enfiou na boca, ainda pulsando.

"Esse é o seu destino" — A voz de Fenrir reverberou em minhas memórias e urrei de agonia e Fúria.

Não! Isso não era o meu destino! Nem o dele!

Fiz uma promessa e cumpriria.

O formigamento começou no laço da parceria, um entorpecimento gradual, um processo de cura acelerada. Minha pelagem iluminou e foi cedendo lugar para a pele de volta. Fazendo os Tyrant se afastarem de mim. Aquele alfa que me subjugava voou no ar, sendo empurrado pelo meu poder.

Acompanhei a cena pela visão de cada um dos lobisomens presentes, provei seu pavor e estupefação, mas apenas um me preocupava.

A onda de poder saltou de mim, numa espécie de domo. Gigantesco e cegante, o mesmo poder de Luna. Transformei-me de volta e, na minha pele humana, cambaleei, até ganhar força nas pernas, completamente curada, reunindo-me com meu bando.

Ivar e Ros foram os primeiros a quem meu poder atingiu, curando-os. Os dois apoiaram as patas negras nos joelhos, recuperando o fôlego, tendo suas feridas cicatrizadas.

"Não!" — o alfa que havia me prendido exasperou-se em pensamento, olhando-me, como se eu fosse sua morte.

Meu domo alargou, deixando os vermelhos inimigos do lado de fora e encobrindo meu novo bando, em uma redoma de cura e proteção.

Não meu parceiro. Esse prosseguiu, aproveitando-se do elemento surpresa, para continuar na sua matança desenfreada, avançando na direção do alfa que havia me enforcado.

— Axel! — gritei por ele, mas sua Fúria era tão imensa que não me ouviu.

A mente dele estava focada em Paul, ali no meio dos inimigos. Ax e seu lobo digladiavam entre o ódio e a proteção da cria. Meu parceiro preferia ver Paul morrer, o lobo estava transtornado e foi ele a puxar as rédeas, paralisando Axel, quando o macho Tyrant enfiou os dedos no peito de Paul, segurando seu coração.

— Não chega perto, porra! — O homem de cabelos ruivos mostrou as presas para Axel, que devolveu um rosnado, tremendo da cabeça aos pés de Fúria.

Aquele alfa desgraçado segurava o coração de Paul, usando-o de escudo para negociar com o alfa mais poderoso. O lobo não cedia a pele para Axel falar, urrou, cuspindo saliva e ódio, mas eu lia seus pensamentos desesperados.

Sua primeira cria, seu descendente: Paul Axson.

— Achei que você tinha matado ela, alfa. Achei que Kamari estava morta — Paul explicou e lágrimas rolaram de seus olhos. As íris foram se apagando aos poucos, deixando de serem negras, de volta para o verdeavelã que eu era acostumada.

A dor que senti pela traição dele, por todos os anos de amizade roubados e a saudade infinita das memórias manchadas pela traição, convergiam com a felicidade que sentia com ele, quando minha vida era simples. Quando ele era meu ponto de equilíbrio, meu melhor amigo, minha família.

Dor atravessava o laço da parceria, sentindo a angústia de Axel. Notando a centelha de humanidade no meu parceiro. Mais que isso, o filete de bondade em seu lobo feral. Meu parceiro tremia dos pés à cabeça, o lobo dele gania, irado e agonizante.

Ele não era só maldade, como o acusavam de ser. Estava de luto, assistindo seu descendente ser morto.

— Axel! — chamei-o outra vez e meu parceiro virou para trás.

O focinho negro emplastrado de sangue, as presas pingando o líquido de destruição, mas os olhos amarelos estavam se apagando, o lobo queria se esconder do que aconteceria.

— Eu... sinto muito... Kami — Paul falou pausadamente, o sangue escorrendo sobre a barba cerrada.

Então o alfa, na forma humana, puxou seu coração para fora do corpo e o deixou cair no chão, feito lixo.

Os olhos de Paul se apagaram, ficando vítreos, olhos de peixe. O sofrimento do lobo atravessou nosso laço de parceria e já não escutava mais os pensamentos de Axel, só os do lobo.

Dor, ódio, Fúria infinita.

Ele suprimiu Axel. Não! Não!

Seus olhos dourados pareciam pegar fogo e a fumaça negra que os rodeava me lembrou a máscara de Fenrir. Meu domo cedeu, tamanho o desespero, e foi com custo que consegui forçá-lo para fora, protegendo Ivar e os dissidentes que ainda estavam vivos.

O lobo de Axel, sozinho, terminou de matar a multidão dos Tyrant que estavam ali, deixando o alfa por último. A dominância agressiva dele multiplicou exponencialmente, fazendo-os ficarem todos imóveis na sua presença.

Estátuas de sal, para serem esfareladas sob a ira do meu parceiro, o caos que vivia dentro dele.

Enxergava só através dos olhos dos meus e do lobo dele, todos os outros mortos. Só restava o alfa que matou Paul, transformado e disposto a morrer, regozijando-se de ter tirado algo precioso do alfa mais forte.

Foi então que o cenário foi multiplicando, abrindo novas telas em diferentes localizações. Outros lobos Blackthorn, meu clã!

O lobisomem negro de pelo grisalho, meu pai, despontou na parte de trás do hotel, primeiro. Trazendo os mensageiros que Axel havia enviado. Atrás deles, metamorfos cinzentos, davam-me a perspectiva da carnificina e devastação à frente do santuário. O grupo mesclado de Vagantes Selvagens e Jerry, todos mortos.

Quanta destruição, meu Deus!

"Pai!" — Tentei alertá-lo, pedir que não se aproximasse, mas foi tarde demais.

Kaleb Blackthorn travou sua corrida, vendo Axel morder o pescoço do assassino de sua cria. Vimos juntos, quando o filho que meu pai amava consumia a carne do Tyrant. A decepção dele não foi maior que sua culpa.

O antigo alfa se culpava por ter falhado com Axel, enquanto Leah e Luther desaceleravam a corrida, horrorizados e enojados do alfa deles. Ivar socou o domo, tentando chamar a atenção do meu pai para si, para impedi-lo de se aproximar de Axel, mas não conseguiu.

O alfa da meia-lua havia me abandonado, com medo de que justamente *isso aqui* ocorresse: que me tornasse um alvo e Ax virasse um imortal descontrolado; Kal estava disposto a morrer pelo seu filho, a se sacrificar para salvar a alma de Axel.

"Ax!" — Kaleb chamou meu parceiro pela conexão mental. Mas Axel não estava mais ali, apenas seu lobo destruidor. Aquele que todos os Blackthorn temiam que ele virasse.

Seus olhos ficaram completamente negros, e a fumaça negra começava a escurecer seu arredor, como se dissolvesse sua forma corpórea. Fenrir ainda estava com Axel.

O lobo ponderado de Kal enviou dezenas de imagens da infância do mais novo; de todo o amor que ele recebeu; do que Aretha, sua mãe, ensinou a ele sobre lealdade e força. Ao ver aquelas memórias, o afeto que Kaleb dedicou ao menino, ao meu parceiro, meu coração comprimiu, e mais lágrimas inundaram meus olhos.

Nada penetrava aquela capa de escuridão que rodeava o macho, que fora tocado por Fenrir desde seu nascimento. Ele permanecia chafurdando na carne do homem que matou sua primeira cria. Seu primeiro descendente.

Tristeza e escuridão, sensação de impotência e revolta, provavam-me que Ax não estava perdido. Que ninguém era apenas maldade. Só precisava ser relembrado disso.

Esse era o meu destino.

A redoma de poder que nos cercava evaporou ao meu redor e corri para Axel, puxando o corpo de suas garras. O lobo rosnou para mim, protegendo sua caça. Contudo, não o temi.

Olhei para o focinho pingando sangue, mas não me importei. Abracei-o na cintura e as patas pesadas seguraram meus ombros, tentando me empurrar.

"Eu estou sentindo o mesmo que você" — falei com o lobo, colando a testa no alto do seu abdômen peludo, melado de sangue. O odor pérfido embrulhou meu estômago, mas não me esquivei. — "Deixa o Axel voltar, por favor!"

"Não!" — urrou comigo, fazendo força para me afastar.

Olhei para o lado e vi a pele pálida de Paul morto, os olhos vidrados na minha direção. Seu tórax aberto, sem o órgão que lhe dava vida, ensopado em uma poça carmim. Nunca mais seria o Paul que me dava seu amor. Tudo sobre nós foi uma teia de mentiras, menos seu amor e sua morte.

Uma morte injusta.

"Tudo bem sentir dor pela morte dele, ele era seu." — argumentei com o lobo.

"Não" — teimou, furioso comigo, por fazê-lo sentir, mas sem fazer força real para me afastar.

Minha loba se aninhou em meu peito, próxima dele, ganindo e uivando baixinho, implorando que eu cedesse a pele, para que ela ficasse com seu parceiro. Só não podia. Precisava recuperar Axel.

"Ele estava vingando a minha morte, caçando seu próprio criador, porque pensava que eu havia sido machucada por Axel. Você teria feito o mesmo" — insisti, mesmo que metade do discurso se perdesse na espécie de tradução que ele tentava fazer.

Lágrimas escorreram de meu rosto e, no fundo da mente daquele lobo cruel, furioso consigo mesmo por se importar; irado com Fenrir por ter me machucado e feito Paul se voltar contra ele, Ax voltava a urrar, exigindo que o lobo tirasse as patas de mim.

Minha manipulação de humor veio tão voraz, que o lobo perdeu a forma e um Axel, cambaleante, ofegou e passou os braços ao meu redor, equilibrando-se em mim. Enfiei o nariz na curva do seu pescoço, sendo consumida pela vontade descomunal de vomitar, por causa de todo o fedor de morte que exalava dele.

Nada de pinheiros e lenha. E, sim, morte e putrefação.

Ele tinha que parar!

Com Ax ali, de volta, perdi completamente o controle, sendo dominada pelo pânico, por quase tê-lo perdido, quase ter morrido e não ter sido suficiente. Os poucos que consegui salvar, quase perderam suas vidas.

Paul estava morto!

O bando dos Dissidentes que vieram atrás de Axel, que queriam ajudá-lo, viram seu pior. Não fui suficiente para impedir que o caos se apossasse dele outra vez. Talvez jamais fosse.

Foi então que li a mente de Ivar e soube que o pior ainda viria. As lembranças dele sobre Loth, sobre o dia em que tentou matar Axel ainda bebê. Foi justamente por causa disso, pelo que o pai *sabia* que o filho se

tornaria: imparável, destruição infinita, ferramenta do caos, uma aberração.

Luna avisou meus pais sobre quem eu seria, por isso Kaleb me abandonou, para que eu tivesse uma chance de escapar do meu destino.

Loth foi avisado por Fenrir e, na cabeça daquele alfa da lua cheia, *matar* sua própria cria, era o melhor destino que poderia dar a Axel.

O golpe final foi saber que Loth matou os pais de Paul e que, por isso, Selene Aesire o matou. Axel já queria matá-la por ter me sequestrado. Quando meu parceiro descobrisse que a fêmea de Drako matou seu pai e, por consequência, a mãe que ele idolatrava...

"A provação do alfa Blackthorn será colossal.", lembrei-me do discurso de Luna, quando me prendeu naquele lugar. "Entreguei uma âncora de luz, para que Axel tivesse todas as ferramentas para fazer a escolha certa."

"Todos nós somos presos ao destino, deixe que ele cumpra o dele", Fenrir me avisou.

*Eu* precisava ser suficiente.

# TRINTA E DOIS



Drako Blackthorn

Eles sequer me deixaram sair da varanda da cabana fodida que Selene escolheu para nosso cio.

Astrid, Rulf e Layla Chandra me cercaram, falando ao mesmo tempo:

- Você estava certo, Kami está viva. Acabou de me ligar, está bem. Precisamos ir buscá-la!
   Layla se atropelou nas palavras, afobada.
- Meu irmão está indo para a morte! Axel não matou a filha, mas vai matar o pai. Talvez você queira isso, não é? Rulf me acusou.
- Precisamos que assuma a liderança, meu filho Astrid suplicou, encobrindo-nos com sua manipulação, tão rasa e serena, que mal surtia efeito.

Talvez eu tivesse ficado invulnerável para as Graças da deusa também. Costumava buscar pelo poder dela feito uma droga antes, agora mal o sentia, bem como os venenos.

— Calma, porra! Um de cada vez! — Ergui as mãos no ar e dei um passo para trás, para que Layla não me tocasse.

Havia a mesma familiaridade com ela, que eu sentia com Kami. Porém, ela sendo uma ômega, meu lobo ficava ainda mais protetor. Ele sempre foi tranquilo, mas, desde que virei um alfa, o babaca só sabia reclamar e exigir que eu assumisse o controle e ascendesse à regente.

Eu não queria liderar porra nenhuma, ninguém me escolheu para isso.

"Luna escolheu!" — o lobo retrucou, mas eu o ignorei, porque ele era um alienado fanático, que lamberia o chão da deusa, por ter dado Selene de presente *para ele*.

— Você falou com a Kami? — questionei Layla, que me deu um sorriso arreganhado, entrelaçando os dedos com as mãos, em oração, na frente do rosto. Era jovem demais para ser mãe de uma fêmea adulta. — Onde eles estão? Vou ligar pro Kal e dar as coordenadas. E não quero porra nenhuma, Rulf! — rosnei para o ex-beta-regente imbecil, que sempre me deu nos nervos.

Meu sonho sempre foi que Ax perdesse a cabeça e machucasse o tio idiota dele. Mas até o lobo psicopata não perderia tempo com esse Zé-merda

— Astrid, o que eu estou tentando fazer é manter as coisas sob controle, até os alfas descendentes de Jonah voltarem. O clã não quer mais o Ax como alfa, não significa que queiram a mim. Eu não sou mais *um deles*.

Trinquei os dentes, lembrando-me de uma das conversas na semana passada, em que Mama Dee e Bjorn — feito um segurança, como se eu fosse atacar minha própria mãe — deixaram muito claro que eu não podia mais falar em nome dos metamorfos.

Eu não era um descendente de Jonah, minha pelagem quase branca dizia que eu mal era um Blackthorn. Só que *essa merda aqui* ainda era o meu Caern, meu bando, no qual nasci e por quem devotei a porra da minha vida, assumindo o problema que era um alfa descontrolado por metade dela.

— Um bando não funciona sem um alfa, filhote... — Astrid chamou minha atenção.

- Não precisa ser eu.
- Quem restou para fazer o trabalho, alfa Blackthorn? Você nunca se escondeu do trabalho pesado. Sempre fez o que era *certo*, doesse a quem doesse, não foi? Eu amo meu neto, mas o bando não sente o mesmo. E Axel... alguns pecados são imperdoáveis, de ambos os lados. Antes de os Blackthorn não o desejarem como regente, Ax *desistiu* de nós. A Alta Sacerdotisa ficou com os olhos aguados e enxugou as lágrimas do rosto enrugado.

Ax desistiu *de si mesmo!* Ameaçou me matar! Ameaçou a minha... Caralho!

— Kami tá viva, certo? Kaleb vai conversar com eles e *ele* vai resolver. Eu...

Eu o quê?

Um alfa da lua nova, num bando fanático religioso, era a última opção. Astrid estava *errada*. Porém suas íris âmbar traziam aquele brilho maternal e o tapinha, que deu em meu rosto, foi quase como se me dissesse que eu estava errada.

— Kal está vivo, um alfa *da meia-lua*, e ele não desistiu desse bando. Jamais deveria ter entregado o posto para Axel. — Rulf empertigou a postura, cruzando os braços no peito, na tentativa de parecer maior.

Eu era meia cabeça mais alto que ele e a dominância diminuta que exalava não me dizia nada. Sequer valia o esforço. Também não foi Kal quem entregou porra nenhuma. Axel *tomou* a liderança de forma hostil, quando os Dissidentes de Loth invadiram o Caern.

A chegada de Ivar foi um prenúncio de guerra, só não esperava que a guerra começasse dentro do meu bando.

Dentro de mim.

A nova pele, a fome inesgotável do meu lobo, que me fez caçar quase diariamente, desde que cheguei, para compensar a fome que passou no tempo em que esteve no quartel general dos Caçadores de Prata. Todas as mudanças em mim, deixavam-me do avesso.

Pelo menos, o lobo tinha o pé firme em não perder o controle outra vez, jamais ceder ao fardo de sangue e virar um imortal. Talvez nem tivéssemos tempo para viver *uma* vida mortal, com o alvo nas costas de Selene.

 Outra coisa — chamei-os, quando desceram os degraus da varanda. — Não falem pra Kami ou Ax que Selene tá aqui. Pelo menos até o cio acabar.

Rulf estreitou os olhos e eu rosnei, repetindo a ordem como um comando alfa.

— Eu falei com Kaleb ontem à noite. — Astrid se acusou, erguendo o queixo, como se esperasse pela punição. — Ele sabe e se encontrar os dois... Kamari pode ler os pensamentos dele.

Como eu poderia puni-la? Ela foi mais minha avó que os meus, quando eram vivos. Assenti e soube que estávamos com o tempo contado. Isso traria Axel de volta ao Caern.

Fiquei até eles se afastarem e não consegui ir além da varanda. Meu lobo ficou inquieto, considerando tudo uma ameaça. Não sairia de perto de Selene, nem que precisasse tomar a pele de forma hostil, para me manter preso a ela.

Depois que eles saíram, Malena veio da casa dela, do outro lado da rua, trazendo uma sacola de algodão com cheiro de comida. Bogdan veio atrás, mas ficou parado na rua, não se aproximando do meu território, mais que o necessário. A dominância alta do beta-regente seria um problema que a de Rulf não foi.

Felizmente, não havia mais ciúme dele comigo e a baixinha. Ele só estava acompanhando a aproximação da fêmea, que ainda não era dele.

Quis poder ter isso outra vez, a escolha. Se tivesse escolhido uma parceira, Luna teria me amaldiçoado? Um chamado de sangue

interromperia a conexão de parceria com outra? Ou a deusa me forçaria Selene, às custas de outra fêmea?

O pior: eu escolheria outra fêmea?

Instantes atrás, Selene rejeitou a marca que *pensou* que eu faria nela. Chamado de sangue ou não, *ela* não me escolhia.

Olhando a baixinha de cabelos curtos vindo na minha direção, um sorriso tímido, incomum para a crescente espevitada que era a futura Alta Sacerdotisa de Luna do meu clã, o segundo cargo mais alto no bando, só conseguia fazer comparações injustas.

Ambas eram morenas, mas as mechas longas de Selene faziam minhas mãos pinicarem, querendo voltar a se embolar nelas. Os olhos castanhos de Malena eram marrons, os da semideusa tinham um brilho avermelhado inumano, ou as íris prateadas.

A sacerdotisa era bem baixinha, magrela, mal alcançava meu ombro. Selene era a fêmea mais alta que eu já tinha visto, passava de um metro e oitenta, e tinha o corpo de amazona lendária. Uma fodida semideusa, de fato.

Era malditamente forte, mas quebrava nas minhas mãos. Chorava pelos filhos que perdeu, seu clã, e estava disposta a ir até o fim, dar o seu pior, para vingá-los. Não era o que eu faria, mas compreendia o princípio. Explicava, mas não justificava.

— Trouxe comida. Suas fêmeas se recusaram a vir, elas meio que estão de luto. É um pouco ridículo. — Lena riu em escárnio, sorrindo para mim, tranquila na minha presença.

Fiquei atordoado com o comportamento discrepante.

- *De luto*? questionei.
- Pelo seu *pau sagrado*! Rolou os olhos, rindo de mim, como não fazia, desde que passamos pelo primeiro cio dela juntos.

No meio da rua, Bogdan gargalhou, sem se importar com a proximidade. Bom, eu "meio que era acasalado", como ele. Puta que pariu.

- Foi por isso que elas não estavam em casa mais cedo, quando fui tomar banho e buscar comida?
- Sara pediu para te avisar que elas estão arrumando as suas coisas. Você não é mais bem-vindo lá. Bog se meteu e Lena fez um "tsc, tsc", implicante.

Esses filhos da puta estavam se divertindo às minhas custas. Sorri, junto com eles, pois podia me acostumar com isso. Agora que eu não era mais pivô de brigas entre os dois, podíamos voltar ao normal. Enquanto tivéssemos tempo para "normal".

# — Estou expulso da minha casa, agora?!

Espalmei meu peito, negando com a cabeça, mas sem realmente me importar. Tanto fazia, na verdade, onde eu moraria. Isso era um problema mundano, diante de toda a merda que viria.

— A casa é delas, Drako! — Malena subiu os degraus, apoiando a sacola no guarda-corpo da varanda, sem se apressar em ir embora. — E, se você não for rápido o suficiente, elas vão entregar suas coisas para Mama Dee...

### Puta merda!

Aproximei-me de Malena para pegar a sacola de comida. Selene precisava comer. Depois iria resolver a merda das minhas coisas e com minhas antigas companheiras de casa.

Um rosnado rouco atravessou a madeira envelhecida da casa, Malena ficou atenta e desceu os degraus de costas, afastando-se de mim. Bog deu um passo para frente, estendendo a mão na direção da fêmea dele.

— Está tudo bem, Lena. Fala com a Ruth para me dar uns dias para fazer minha mudança, ela é a líder naquela relação. Sara não pode jogar minhas coisas *na rua*, só porque não vou mais servir a bo... — Parei de falar, quando Selene aumentou os rosnados para o teor da conversa.

Franzi o cenho, incomodado com a forma como ela tomava posse de mim, depois de ter rejeitado uma mordida *hipotética*. Segurei a alça da bolsa e abri a porta, encontrando Selene no corredor, o lençol enrolado no corpo, ainda descabelada. Os olhos arregalados, como se estivesse surpresa consigo mesma pelo descontrole.

— Drako... quando tiver outra *folga*, a gente precisa resolver a situação das... *visitas* — Bog falou comigo e passou o braço pela cintura de Malena, carregando-a os degraus para baixo que faltavam.

Ele desconfiava da Aesire, viu o que ela era capaz de fazer, quando se defendeu de Axel. Lena podia ser boa de briga — ter caído na porrada com minha irmã Val e outras fêmeas por causa de Bogdan —, mas não daria conta de uma alfa, não mesmo.

- Eles não saíram do território? perguntei ao beta-regente, sobre a dupla de Tyrants que endeusavam Selene.
  - Tão na fronteira ainda.

Ao me ouvir negociar sobre os comparsas dela, Selene se aproximou da porta, estudando Bogdan e Malena, que, pela primeira vez, teve um pingo de instinto de sobrevivência e se escondeu atrás do grandalhão.

— Avise a eles que estou *resolvendo a situação...* Vou embora, assim que puder. — Atacou Bog com um comando-alfa.

Rosnei para ela, quando ele foi compelido a curvar o pescoço.

- Por favor acrescentou, arrogante, afrontando-me com seu olhar castanho. Estalei a língua no céu da boca e fechei a porta na cara dos dois.
- Faz essa merda com teu bando, aqui não! Apontei para a cara dela, que alargou as narinas com minha agressividade.
- Eu não tenho mais um bando, Blackthorn! O meu foi *exterminado*. Abaixou os olhos, virando-se de costas para mim.

A nossa ligação ferveu, ao ponto de eu encurvar para frente. A sensação era de solidão inesgotável, angústia doentia. *Era ela*. Essa dor no meu peito era *a dela*! Era por isso que doía o tempo inteiro?

Toda minha pele arrepiou com a ideia de que se sentisse assim sempre. Sozinha e fodidamente infeliz.

Mas o que havia para ela ainda? Sua família foi amaldiçoada por um maldito deus. "Seus filhos" foram assassinados pelo *irmão* dela. Os outros dois irmãos estavam mortos. Imortalidade assim era mais castigo do que poder.

Fiquei perdido em palavras, observando seu perfil: o cabelo bagunçado cascateando nas costas nuas, o lençol esfarrapado, que ela retalhou com as garras, cobria seus seios e caía na lateral, deixando a curva de um seio à mostra. Uma mão estava fechada em punho, a outra segurava aquele tecido com nosso cheiro, contra o peito, bem na altura dessa ligação dolorosa que compartilhávamos.

— Você tem um bando, Selene! Todos aqueles machos que te cercam, eles são teu bando e você é a alfa deles. Tem dois filhos da puta no meu território, te esperando passar pelo cio! Te trouxeram aqui, ferida... — A forma como se encolheu, os lábios prensados juntos e a respiração dolorida, fez a queimadura arder mais forte. — Por que, Selene? Você não sabia que meu lobo podia te curar, por que eles te trouxeram aqui, para mim?

Não me respondeu e a dor ficava pior a cada segundo, subia pela minha garganta, como se carbonizasse minha traqueia. Larguei a bolsa com a comida no chão e fui até ela, virando-a para mim.

Segurei as laterais do seu pescoço, com as mãos. E recebi um tiro furioso com seus olhos castanho-avermelhados. Um poço sem fundo de tristeza, que ela escondia com uma armadura de força cruel e desdém. E foi com esse desdém que me atacou:

— Eles são aliados na guerra, não são meu bando. Todos nós fomos fodidos pela deusa que o teu bando idolatra. Luna é cruel e você precisa *saber*. Conhecer a história verdadeira, porque, infelizmente, ela uniu seu destino ao meu.

Aquilo foi uma porrada no meu plexo solar. Afastei-me dela e rosnei para a afronta, mas meu lobo ganiu, piorando muito a sensação de derrota que atravessava nosso laço de parceria maldita.

É isso que tem pra falar comigo, porra? Essa é a mesma ladainha que a gente tá repetindo, desde que se conheceu! "Eu sou seu castigo", "você não me escolheu", "não precisa de mim" ... Chega, porra!
Entrelacei minhas mãos na nuca, puto comigo mesmo por ter me apiedado dela, por ter pensado que faria algo diferente do que me atacar.

Selene Aesire não sabia aceitar ajuda, ela *mordia* a mão que era estendida.

## — Não, Drako!

Aproximou-se de mim um passo, dei outro para trás. A nossa ligação estava desgovernada, flamejando feito uma fogueira abissal, como se pudesse queimar toda a floresta da montanha, transformá-la em um vulcão. Como naquela espécie de visão que tive, quando ela me mordeu.

— *Eu vou morrer*... — murmurou e levei uns instantes para registrar o que estava dizendo. Meu coração começou a trabalhar dobrado, pulsando em brasas, mais forte e acelerado, atiçando a fogueira. — E minha mãe sabia disso. Ela *planejou* tudo isso. Esse sempre foi o meu destino, o meu sacrifício. Eu só não esperava... — Fungou, soprando para não quebrar a voz. — Não esperava... *você*.

# TRINTA E TRÊS SELENE ÆSIRE

Selene Aesire

Os ombros de Drako murcharam e ele se apoiou na bancada atrás de si. A sacola, que a fêmea jovem havia trazido, esquecida no chão, e todo o ar ao nosso redor pareceu rarear.

Nossa ligação era uma corrente em brasas, puxando-me para o fundo de um vulcão em erupção. Toda a pele retorcia, desintegrando-se. E não havia nada que eu pudesse fazer para amenizar a dor.

Só era sacrifício se doesse, se tomasse uma parte que faria falta.

Esse era o meu: o parceiro que não me desejava, o que levaria para morte junto comigo.

— É por isso que você estava ferida e não conseguiu se curar? — questionou-me, a expressão atormentada, sem sequer me encarar, o olhar baixo, juntando as peças, tentando extrair sentido.

Drako era sagaz demais para um macho tão jovem. Envolvi meu corpo com o lençol, sentindo-me muito mais exposta que a nudez.

Não e sim. Eu não... me alimento há meses, desde que sequestrei o seu antigo regente. — Ao me ouvir confessar um crime, os orbes castanhos se voltaram para os meus, digladiando internamente sobre me ouvir ou rebater. Ergui a palma no ar, pedindo que silenciasse.
Me escuta, não temos muito tempo, Drako. Preciso que me ouça até o final e faça as suas considerações. — Ri, em escárnio, pois sabia que viria

uma tempestade de julgamento, depois que eu explicasse tudo o que precisava saber, antes do fim.

A casa não tinha móveis, estava realmente abandonada. O degrau, em frente à lareira apagada, era o único local para se sentar. Puxei a barra do lençol e me encaminhei até ali, sentando-me com uma tranquilidade forçada.

Drako acompanhou meus movimentos, feito um predador, sua mandíbula trincou, ao me ver enquadrar os ombros, preparada para sua rejeição. O que eu tinha para contar já era difícil o suficiente, sem que ele se apiedasse de mim.

Alisou o cabelo para trás, depois a barba, também se reagrupando, erguendo seus muros de proteção contra mim. Construindo alguma espécie de verdade errônea em sua mente. Que ele fizesse o que precisava para suportar o peso que despejaria sobre seus ombros.

Drako não tinha sede de poder, recusou o chamado de seus líderes para ser o regente, pois queria ser *eleito* pelo seu povo; um líder *democrático*, como nenhum outro clã jamais havia conseguido fazer.

Como um filho da lua nova, ser idealista, talvez até ingenuamente utópico, vinha no pacote. Drako Blackthorn, no entanto, era a personificação do pensamento anarquista, contrário a toda e qualquer arbitrariedade que prejudicava o bem coletivo.

Princípios sublimes e efêmeros. Sabia que ele ainda se decepcionaria no decorrer de sua vida, mas uma certeza intrínseca tranquilizava-me: esse macho jamais se corromperia pelo poder. Eventualmente, precisaria usá-lo, precisaria tomar as decisões difíceis: era o que líderes faziam.

Mas meu parceiro, o que foi destinado para mim, aquele que "nasceu para ser meu", com suas patas brancas, num bando mestiço, era infinitamente melhor que eu jamais seria. Um exemplo.

Foi bom que o tivesse conhecido e compreendido *quem* ele era, antes de dividir as informações. Originalmente, usaria esse macho como

um simples peão na minha vingança. Agora, faria dele meu aliado, para cumprir o plano, para encerrar o sangue.

Veio até mim com passos pesados, feito um prisioneiro que arrastava bolas de aço acorrentadas aos tornozelos. E, finalmente, sentou-se ao meu lado, invadindo meu espaço pessoal.

— A lenda que os lupinos conhecem é uma mentira. Luna não é benevolente. Ela manipula a todos, inclusive o parceiro dela. A deusa surgiu a partir do caos, a partir de Fenrir. Todas as coisas nascem do vazio, transformam-se, até que, no fim, quando deixam de existir, retornam para ele. É um ciclo vital: tudo que tem vida, morre. Nada é infinito.

Olhei-o de esguelha e observei seu perfil anguloso, lindo demais, concentrado em tudo o que eu dizia. Os antebraços fortes, com as veias salientes de tensão, apoiados nos joelhos e a barba... meu cheiro ainda estava ali.

— Luna e Fenrir são inversos, ele é o vazio e ela é a criação. E a deusa queria ser adorada por isso. Só que os humanos criaram outras deidades, outras religiões, então ela nos criou, "filhos dela", dependentes. Interferiu no destino e seu parceiro agiu, ordenou que parasse de mexer no destino. Luna não ouviu. Fenrir é o caos, o desequilíbrio que ela criou, só o deixava mais forte. Então a deusa tomou providências.

Respirei fundo, recebendo a surpresa dele pelo laço da parceria, agonizante, que nos conectava. Um que me deixava extremamente culpada. Um que precisaria desfazer.

— Luna usou a sua influência sobre os outros deuses, manipulando-os a acreditarem que o deus iria destruí-los. — Drako virou o rosto para o meu. — É mentira. Fenrir é *inevitável*, Drako. Não é uma escolha, é o destino dele também. A escolha dele foi continuar corrigindo o que Luna fez. E, antes de ser aprisionado no abismo, ele nos amaldiçoou.

Respirei fundo, os olhos aguados, ao lembrar da minha juventude.

— Eu nunca tinha me transformado, só Tyre e Vikran. Eu e Jonah ainda não. Luna nos criou com as bestas, mas não havia fardos. Entregar-se para a bestialidade era um momento íntimo, uma escolha. Não quis, queria ser *humana*. — Ri de mim mesma e da minha ingenuidade. Pisquei repetidamente, afastando as lágrimas. — Ledo engano, nunca tive escolha de nada. Não é assim que o destino funciona! — Tomei uma respiração ruidosa, olhando para a sacola de comida largada no chão perto da porta. — Minha primeira transformação foi pela maldição.

As mãos dele fecharam-se em punhos e seu lobo vociferou um rosnado no peito do macho ao meu lado. O lobo era apaixonado pela pequena consciência feral que forçou para fora de mim, a "besta", que jamais libertei. Talvez sempre tivesse esperado por ele.

- Continua. A voz grave não era apenas sua, mas, também, do lobo.
- Tyre era o mais forte, o Alfa dos alfas. Todos nós éramos alfas, mas, naquela época, não havia hierarquia, só depois que começamos a caçar. Fechei os olhos, tentando bloquear as memórias, o ódio, a corrupção de Fenrir em mim. Axel foi tocado pelo próprio deus. Como eu e meus irmãos. Poder demais corrompe a todos.
- Nem todos! afirmou veemente. Olhei-o buscando ver se estava me julgando por ter cedido, mas não, havia certa frustração em seu semblante, talvez até medo. Kami, Bogdan, Astrid... Nem todos que tem poder são corrompidos por ele. Alguns são corrompidos sem nunca terem tido: Rulf, *minha mãe*... É caráter também.

Não incluiu a si mesmo na lista dos incorruptíveis.

Esse era seu medo.

Estendi a mão e cobri a dele. Drako abriu sua palma calejada e apertou a minha com firmeza, incentivando-me a continuar. Aquele

gesto simples foi tão terno, tão diferente de tudo que tivemos até agora. Suspirei, mexida, mas prossegui.

- Levei muito tempo para deixar de ter raiva e dobrar o joelho. Implorei por misericórdia, porque Tyre era mais forte que eu, um alfa mais forte. Como você. Drako pressionou os dedos nos meus, até que eu os abrisse, para que ele os entrelaçasse, fechando o punho com minha mão dentro, apertado a ponto de doer. Não me importei. Você não faz ideia do poder que possui, e, tenho para mim, que não *quer* saber, não quer ver qual é o limite.
- Não preciso conhecer meu limite. Só existe uma forma de medir minha força, Selene. Não *quero*, não ainda. Seus olhos castanhos se transformaram naquele dourado cintilante e eu perdi o fôlego, olhando-o.

Matar Axel.

Era a única forma dele de conhecer seu limite. Desafiar o alfa mais forte. E, consequentemente, matar a parceira dele: Kamari. A alfa que seu lobo seguia, a quem protegeu, entregando sua própria vida, para que eu o aprisionasse.

Ciúme era dolorido, pois quando minha vida foi ameaçada, Drako não se manifestou.

- Isso que eu sinto, essa dor, é você? É o que você sente o tempo inteiro? — O polegar dele esfregou nas costas da minha mão, amenizando o aperto. As íris retrocederam para o castanho.
- Luna me libertou de Tyre, dando-me poderes. Fui sua primeira tentativa de desfazer a maldição, de burlar o destino. Mas poder demais corrompe e eu ultrapassei o meu limite. Segurei a mão dele quando tentou puxar. Não tenho orgulho dos meus erros, mas meus pecados foram *brutalmente* expiados. Ela me fez *assistir* a morte de todos meus descendentes, ou assim me fez pensar. Passei milênios carregando essa dor. E sinto muito que seja isso que você receba da ligação, mas, sim, é o que eu sinto, o tempo todo. Há *milênios*. Tempo não curou as minhas feridas, inflamou, deixou em carne viva, cauterizando com fogo...

Drako puxou nossas mãos unidas, cobrindo o peito, sobre o laço da parceria quebrado.

— *Eu* vaguei sozinha primeiro, quebrada e malditamente sozinha, desde então. Quando Jonah pediu pela morte, *minha mãe* deu os meus filhos, os *meus* descendentes, para ele reger. — Senti o puxão no laço, seu rosto empalideceu e engoliu seco, ao compreender aonde eu queria chegar. Abriu a boca, sem coragem de proferir a pergunta, que respondi mesmo assim: — Os metamorfos Blackthorn são meus descendentes, os Aesire que ela *roubou* de mim. A essa altura, os dois clãs se misturaram. Não quero mais fazer mal ao seu bando, Drako. Vocês são... *meus* espinhos negros. E nunca mais serão.

Não contive o choro magoado e tentei puxar a mão, para cobrir o rosto, mas Drako não permitiu, puxou-me para si e deitou a testa na minha têmpora, respirando pesado no meu ouvido. Colou os lábios na minha maçã do rosto, espalhando as lágrimas com seu beijo tão, tão suave...

A cada minuto que eu liberava o choro, que prendi por uma eternidade, mais ele me envolvia. Seus braços estavam passaram ao meu redor, abraçando a minha dor, como se pudesse reagrupar minhas partes quebradas em uma só. Fazendo-me sentir como se ali fosse o meu lugar na vida.

E era, puta merda, se era!

O destino que minha mãe planejou era fodidamente cruel.

— Eu sinto muito — murmurou.

Os animais em nós dois estavam presentes naquela conversa, ganindo e se comunicando. Conseguia imaginá-los embrulhados um no outro, ele cobrindo o pescoço dela com seu corpo, num ato extremo de proteção. Não fazia ideia do motivo de ainda imaginar o lobo de Drako preto, uma vez que, agora, ele estava quase completamente branco.

Mais meu do que qualquer outro jamais foi.

Virei o rosto, encontrando seus olhos dourados tão tristes, compreensivos e cheios de *piedade*.

Não merecia sua piedade e partiria seu coração.

Colei meus lábios no dele, implorando com meu corpo pelo beijo que só ele poderia me dar. Drako não foi gentil, segurou minha nuca, apossando-se do beijo, dominando-me, a língua invadiu minha boca, falando de sua ira pelo que foi feito comigo, com meus descendentes, a injustiça dentro da justiça divina.

Os Aesire mereciam ser destruídos, agora compreendia o objetivo de Luna. E eu precisava sobreviver para cumprir o meu: ser um dos instrumentos para encerrar a maldição.

Meu sacrifício, literal.

Beijei-o, como se fosse uma despedida, mordendo seus lábios, sugando seu sangue e saliva, mesclando nossas essências. Soltei o lençol que cobria meu corpo, montando sobre suas pernas e unindo nossos corações, que batiam coordenados. Sem dor. Uma chama flamejante de paz, que me remetia as areias quentes do meu deserto amaldiçoado.

Naquele beijo, Drako me entregava a veneração que busquei em vão, quando era adorada como deusa pelos humanos.

As mãos brutas me puxavam mais para si, como se houvesse alguma maneira de entrarmos um no outro. O fim da solidão imensa que eu sentia, um bálsamo para a dor que precedeu e a que se seguiria, um momento roubado.

Nada era infinito.

Encerrei o beijo, alisando sua barba, trancando o olhar no sorriso vadio em seus lábios, nas presas alongadas do macho que deveria ser meu para sempre. Só que "para sempres" não eram eternos.

Acariciei seu lábio inferior com o polegar, enfeitiçada com seu cheiro de lar e pertencimento: sândalo e cedro. O cheiro da floresta congelada, onde meu clã sobreviveu e sobreviveria.

Esse macho era o meu avesso: minha retidão que foi corrompida, a ingenuidade idealista que me foi roubada, a bondade que abandonei.

— A maldição começou quando Fenrir foi para o abismo. Ela só poderia ser quebrada depois que ele fosse libertado. Quatro linhagens amaldiçoadas, quatro sacrifícios, os últimos sacrifícios. Sangue se paga com sangue. Você entende o que estou dizendo?

Drako me apertou, espalmando a mão gigantesca em minhas costas. Os olhos buscaram os meus, enquanto a outra mão segurava meu pescoço pela frente, garantindo que não desviaria o olhar, não tentaria me esquivar.

- Jonah teve filhos, descendentes de *seu sangue*, não de seu veneno. Vikran, teve *filhos*. Paul Reid é um descendente dele, de seu sangue. O último que restou. Fenrir tentou interferir, mexeu na cabeça de Loth... eu o impedi a tempo.
- Descendentes *de sangue* Drako repetiu minhas palavras, arregalando os olhos e empalidecendo, ao entender aonde eu queria chegar. Então ofegou e o lobo rosnou, acompanhando sua trilha de pensamentos. Aguardei, em silêncio, até que ele sussurrasse a conclusão: Selene, você nunca teve *um cio*... nunca teve crias suas...

Afastei sua mão da minha garganta e beijei as costas, esperando que intuísse e ficasse de bem com a ideia: nunca reproduzi meu sangue, só meu veneno.

- Esse é o certo, alfa Blackthorn. Você faz o que é certo, pelo bem coletivo. Preciso cumprir o meu destino, encerrar o fardo de sangue. E você vai me ajudar.
- Não vou te levar para a morte! Negou com a cabeça, tentando me empurrar de seu colo, mas essa nem era a parte mais difícil do plano.
- Me escuta, *precisa* acontecer... Tyre tem que morrer, pois ele é o único Tyrant com o sangue dele. Paul precisa morrer, eu me encarrego isso. E Axel vai me matar... é o destino dele. Matei seus pais, sequestrei a parceira... Tudo o que precisava ser feito, para chegarmos *neste ponto*. O

que eu preciso é que você faça a parte mais difícil: um Blackthorn com sangue de Jonah.

— Não! — Empurrou-me e ficou de pé, perambulando pela sala vazia, exalando uma dominância furiosa, que me fez dobrar o pescoço.

Usei meus poderes, para extrair as emoções da equação, pois o alfa que Luna criou era a última peça no tabuleiro. O único problema era aquela marca em seu pescoço, um deslize no plano.

Mas Luna teria que dar um jeito nessa merda.

Dobraria os joelhos mais uma vez e imploraria pela misericórdia dela. Não para mim, mas para ele. Pois esse era o líder que eu escolhia para reger o meu clã, os meus descendentes.

Drako Blackthorn, o parceiro que eu desejava.

# PARTE III SANGUE Lua de sangue

# TRINTA E QUATRO



Drako Blackthorn

— Você é mais forte que ele! — Selene insistiu nessa sandice!

Ela fez todas as coisas de caso pensado? Para que Axel *quisesse* matá-la?

— Você matou o pai de Axel para proteger o Paul? — Selene assentiu. — E agora ele precisa morrer? Qual é o sentido nisso?!

Minhas costas estavam tão tensas que as omoplatas quase esmagavam uma à outra. Não podia ser assim. Selene não tinha que morrer, nem Axel! Eu podia consertar isso, ser a porra da consciência que ele nunca teve. Eu era forte, Axel teria que me ouvir, ou eu o faria dobrar a porra do pescoço!

— Você não vai gostar da resposta. — Levantou e catou o lençol, cobrindo seu corpo outra vez.

Conseguia sentir seu cheiro ficar mais picante, mais apelativo, outra onda se aproximava e mal havia acabado a anterior. Seis milênios sem um cio, talvez nunca acabasse. Porra! Eu precisava sair daqui e pensar, mas meu lobo jamais me permitiria!

- Testa para ver! falei entredentes.
- Paul só podia morrer, depois que Fenrir saísse da sua prisão.
- Você *criou* ele, Selene!

— Sim. — Ergueu o queixo, esperando meu julgamento.

Era cruel *pra caralho* que ela o tivesse criado feito porco para o abate. Para morrer na hora certa. Porém, fazia sentido, se isso realmente fosse interromper o fardo de sangue. Agora que o sentia, concordava que precisava acabar.

Mas tinha que haver outra maneira, porra!

— Também por isso, continuei sobrevivendo — confidenciou e desviou o olhar, temendo-me, como jamais me temeu. — Depois que Luna me fez pensar que meus filhos... que meus Aesire estavam todos mortos, quis morrer, mas ela não permitiu. — Voltou-se para mim, dando passos na minha direção, como se ganhasse forças. — Luna me mostrou, por visões, este exato momento, em que todas as peças se alinhariam.

"O momento certo em que eu *precisaria* morrer. Você está incomodado com o que fiz com Paul por duas *décadas*? Fiz comigo mesma por milênios, Drako! Passei *milênios* cometendo o pecado que me desgraçou. Não dei a ele um destino pior do que dei a mim mesma. Então, você pode vir com essa capa de superioridade para cima de mim, mas eu estou fazendo o que *é preciso*: as escolhas impossíveis, pelo bem coletivo!"

Ouvir aquilo foi um soco no meu estômago.

Ser imortal não era uma *escolha* ou vaidade vil, era um sacrifício. A punição que dava a si mesma: continuar viva e livrar os lupinos — até os que não mereciam — da maldição.

Minha fêmea não era nada do que imaginei que fosse, quando a conheci: privilegiada, egomaníaca e cruel...

Selene Aesire era um soldado com uma missão. A guerra havia começado para os Blackthorn há algumas semanas, ela estava lutando há eras.

Luna me fez carregar esse fardo sozinha, por anos. Mas você...
Apontou para o meu peito e tragou o ar de uma forma venenosa.

Você foi o pior castigo. — Meu coração parou de bater e gelo entranhou nas minhas veias. — Justamente agora, no final, ela me deu a pior provação, o maior sacrifício.

- Selen... Soprei as palavras, soltando a respiração presa, sôfrega.
- Você é o fim da minha solidão interrompeu-me, mas sua voz rachou —, me enfraquece, *literalmente*! É tudo o que queria ter sido para o meu clã. É melhor que eu, sim! E dói, Drako, dói o tanto que *você sabe* e faz questão que eu saiba também. A fala saiu esganiçada, quebrada, então fungou, para prosseguir roubando a porra do ar dos meus pulmões com suas palavras: Quando eu disse que você era meu castigo, não fazia ideia do que estava falando. O meu castigo é saber que eu podia escolher ficar e ser... *ser sua*...
- Mas não vai. Soltei as palavras em um murmúrio quase inaudível, sem ar.

Eu não conseguia mais respirar. Estava queimando vivo, olhando aquela fêmea, que era a maior de todas, escolher *morrer* para salvar toda uma espécie.

Fui o maldito Blackthorn alienado, que me acusou de ser. Um babaca preceituoso como minha mãe, meu clã! O ignorante privilegiado, "abençoado pela deusa", que julgava, sem ter conhecimento de causa.

Machuquei Selene, sem saber que ela carregava essa dor imensa. Mesmo dividida por dois, ainda era lancinante. O cruel fui eu. E me tornei mais um na coleção de decepções de sua existência.

Luna avisou que Selene precisava da minha ajuda. Era para isso? Para morrer junto com ela, matar Axel? Como faria isso se morreríamos juntos?

Selene *era* minha maldição! Pois fomos um desperdício, desde o início. E o pouco tempo que tivemos foram estragados por mim.

Só de encará-la e ver os olhos castanhos cheios de lágrimas, tudo em mim — em mim, não no lobo — gritava que eu provesse qualquer

que fosse a necessidade dela. Que fizesse o que quisesse de mim.

Neste momento, soube que, se pudesse escolher, teria sido ela; também compreendi que a deusa estava certa, Selene merecia ser sua *predileta*. E seria a minha, enquanto durássemos.

A ironia não me passava despercebida: recebi minha parceira imortal, com a morte batendo na porta; e, no momento em me tornei forte, a ponto de desconhecer os limites do meu poder, era o que ficava mais impotente.

Selene não precisava de mim para *protegê-la*, nem *de mim*, porque eu piorava toda a situação. Essa dor fodida não era só pelo passado, era pelo futuro que jamais teríamos.

Tínhamos apenas um presente numerado.

Avancei nela, rodeando-a com meus braços e ela deixou o lençol cair, envolvendo-me com suas pernas compridas. O cabelo, com cheiro de cio, ladeou meu rosto quando me beijou, mordendo meu lábio inferior, fincando as presas, até arrancar meu sangue.

Carreguei-a para o quarto, empesteado com o perfume da sua boceta no Calor, minha porra, nós dois. Ajoelhei-me na beira do colchão, depositando-a sobre ele, com pressa. Ansiando entrar nela e esquecer toda a merda que estava acontecendo lá fora.

Soltei seus lábios carnudos, hipnotizado com a visão deles avermelhados e inchados, pintados com meu sangue. Deitei meu peso sobre ela, puxando minha calça para baixo nos quadris. Ela terminou de tirá-la com os pés. O que me fez sorrir, apesar do desespero e revolta.

Rocei meu comprimento entre as suas dobras inchadas e ainda meladas do meu gozo. Observei cada detalhe, desde o gemido silencioso que a fez arquear o pescoço e colar os seios no meu peito, até o cabelo espalhado ao seu redor. As pálpebras semicerradas e os cílios úmidos de chorar; a ponta do nariz vermelha e as íris prateadas, resplandecentes, mercúrio líquido.

Linda pra caralho, a fodida semideusa que eu não merecia. Que desdenhei e me recusei a ser parceiro, como precisava que eu fosse. Não havia palavras para pedir perdão, nem tempo para mostrar com ações.

Pareceu compreender, ainda assim, pois lágrimas escorreram pelas têmporas. E todas minhas forças foram sugadas. Tranquei meu olhar no dela, fazendo promessas que jamais poderia cumprir.

Não haveria tempo! Não fomos feitos para durar...

Deu-me um sorriso singelo, as presas alfinetaram o lábio inferior e assentiu, como quem respondia a coisas que não disse. Talvez estivesse lendo meus pensamentos? Quis que estivesse.

Tentou se virar, ficar de quatro e se apresentar para a monta, mas não permiti. Prendi-a sob mim com meu corpo, afastando suas pernas com minhas coxas. Não a queria de quatro, de costas para mim. Não se essas podiam ser nossas primeiras e últimas vezes.

— Não, quero te ver gozar. Quero te ver inteira — sussurrei, desejando que compreendesse que não falava apenas de seu prazer.

Engoliu em seco e sua pulsação aumentou vertiginosamente, levando meu olhar para o pescoço alongado, com a pele castanha tão suave, tão incólume.

"Minha, minha, minha!" — Meu lobo estava frenético, reconectado a mim, tão embevecido com a minha parceira e sua força extrema, quanto eu.

Minhas presas desceram, latejando. A vontade absurda de marcála fez meu pau enrijecer, ao ponto de doer. Precisava fincar os dentes nela, fazê-la minha para sempre, o quanto de "sempre" tivéssemos. A resposta dela foi espalmar meu rosto e subir os joelhos, acomodandome ainda mais entre suas pernas.

— Não me morde, Drako, por favor — implorou e acariciou meu cabelo para longe do rosto. A emoção suave flutuava dela para mim: pesar. Seu queixo voltou a estremecer e sussurrou, com a voz tremida:

— Não vou conseguir... se fizer isso. Não tira de mim essa escolha, por favor.

A angústia do meu lobo somou à minha. Nossa parceira não queria completar o laço. Acreditava que seria mais fácil desistir de nós assim. E minha fodida bússola moral seria minha derrocada.

A ironia outra vez. Parecia ser o tema da narrativa da minha vida desde sempre. A única fêmea que era para ser minha, que *necessitava* que fosse, não queria minha marca.

Assenti e depositei um beijo em sua garganta, penetrando-a lentamente. O canal me apertou e arrancou um grunhido que deixei em sua pele.

Uma promessa: tudo o que pedisse, até o que jamais pedisse, proveria. Enquanto estivéssemos aqui, entregaria nas mãos de Selene Aesire: a mim mesmo, o bando que ela perdeu, tudo que *pudesse*, inclusive a minha vida.



Dois dias depois, no início da noite, quando Selene acordou, eu a estava esperando na sala. Sentado no único móvel que trouxe para a casa abandonada.

Pedi que trouxessem uma fodida poltrona da cidade vizinha. De pés adornados e assento acolchoado, como a que tinha no quarto do seu complexo dos Caçadores de Prata.

Não era *nem de longe* igual, e sim uma porra carcomida, saída de um filme de terror, com cheiro de humanos velhos. Não uma relíquia, como a dela parecia ser. Mas aquilo a fez gargalhar, ao me ver sentado nela, esperando-a.

Balançou a mão espalmada no ar, forçando um desdém ao olhar a cadeira, então, deu-me um de seus sorrisos arrogantes, vestida com uma

camisa que deixei na cama.

— Como? Mas, principalmente, *por quê*? — questionou, risonha.

Meu peito flamejou, dessa vez numa dor confortável, quase prazerosa. Uma dor masoquista de saudade antecipada. Sorri junto com ela, ainda que soubesse que tudo isso só faria doer mais *depois*.

Até o cio acabar ou Axel voltar.

Mais um pouco, só mais um pouco...

— A gente não podia continuar sentando no chão. Eu sou jovem, mas você já tem *certa idade* e eu respeito os mais velhos. Não precisa agradecer, sou bom de graça — debochei e cruzei os braços atrás da cabeça, esquadrinhando o corpo dela.

A camisa de botões xadrez comprida, do meu tamanho, estava larga, mas nela, sendo alta como era, mal cobria a boceta. Seus mamilos marcavam sutilmente na flanela e não importava o quanto se vestisse de mundana, ainda era uma semideusa, cedendo atenção a um reles mortal.

— Tecnicamente, eu sou mais jovem que você. Só vivi mais — desafiou-me e cruzou os braços no peito, recostando-se na parede do corredor que dava para a sala.

O cabelo dela estava selvagem, de quem foi comida a exaustão e a parte troglodita de mim queria exibi-la assim pelo Caern, daqui a pouco. Além da minha porra escorrendo dentro dela, queria que todos os machos soubessem que era minha.

Não era assim que funcionava um cio, geralmente o casal se escondia, isolado em sua casa, até passar. Mas não tínhamos tempo e ela *precisava* disso; precisava ver pelo que estava se sacrificando: seus descendentes.

Egoísmo nunca foi um defeito meu, não começaria agora. Não com ela.

— Quantos anos você tinha quando...?

— O tempo não era contado da forma que é agora. E nós fomos os primeiros, então expectativa de vida lupina, em comparação à humana, era algo inédito. Eu era adulta o suficiente para ser considerada anciã na tribo humana em que nasci, mas *jovem* nos padrões lupinos.

Meus olhos arregalaram ao ouvir o relato. Jamais parei para pensar no tanto de *conhecimento* Selene possuía, tendo vivido milhares de vidas em uma. Tudo o que ela vivenciou ao longo da evolução humana e lupina...

— Vinte e cinco anos. O equivalente à média de vida humana da minha época — respondeu à pergunta que minha expressão entregou.

Eu tinha milhares de perguntas para fazer, milhares. Mas tempo, agora, era nosso inimigo. Por isso, mudei o assunto.

- Você precisa comer. Você e a sua loba. Eu trouxe algumas roupas femininas. Peguei com... Fui interrompido por um rosnado da loba feral e não contive a risada, Selene torceu o bico, entediada, o que só me fez rir mais, mas continuei: Val, minha irmã, mandou algumas roupas. Ela é mais baixa, mas vocês têm mais ou menos a mesma estrutura. Minhas outras irmãs são menores. Você vai ver.
  - Quantas irmãs você tem?!
- Somos oito. Conheceu meus pais, não me julgue por isso. Levantei-me da poltrona, que rangeu com meu peso, a merda estava caindo aos pedaços. Os meus prediletos você já conheceu: Valkirie, Freya e Leif, mas as outras não são tão ruins quanto a Mama Dee.
- Não sabia que lupinos reproduziam tanto. Para falar a verdade, ignorava essa parte até... Sacudiu o dedo, indicando nós dois, na direção das nossas virilhas.
- Bom, meus pais são férteis, ao contrário de mim. Nunca meti uma cria em ninguém. — Provoquei e ela rolou os olhos, quando sua loba rosnou outra vez.

Ciúme nem sempre era uma merda.

Peguei as peças dobradas sobre a bancada e as entreguei nas mãos dela, apontando para o quarto que estávamos usando.

- Vou te esperar aqui, para não perdermos muito tempo.
- Isso é uma boa ideia? Olhou para mim, uma sobrancelha erguida em desafio, que parecia me chamar de idiota.

Selene tinha muros altos, usava uma armadura pesada, que me confundiu quando nos conhecemos, fazendo-me julgá-la erroneamente.

Ataque como defesa, desdém para esconder seus receios; esse era o padrão da minha parceira. Eu tinha a obrigação de traduzi-los e conduzir as situações de uma maneira que ela não as escalonasse para uma briga. Pressionar alguns botões e aliviar a tensão quando necessário.

Lidar com alfas arrogantes nunca foi um problema para mim. Mas, com ela, a sintonia era diferente.

— Não! E eu talvez acabe machucando alguém, porque *isso aqui* é meu território — Segurei sua boceta em concha, alisando a fenda com o dedo médio. Ela arfou, perdendo a postura de semideusa. Grunhi, aproximando meu rosto do dela, farejando-a feito um animal. — Mas eu sou um alfa agora, ninguém vai ousar...

Tirei a mão dela e Selene deu um solavanco para trás, como se saísse de um transe. Recostando-se na parede. Chupei a ponta do meu dedo e abri um sorriso mais tranquilo, quando senti que ela estava desarmada. Então prossegui:

— Eles não são perfeitos, alguns vão fazer cara feia, sem noção de que você pode realmente machucá-los, se quiser. Porque são arrogantes, preconceituosos e rápidos em julgar. — Foquei meu olhar no dela, para que compreendesse que falava de mim também. — Mas são seu bando, Selene. Eu sou um Blackthorn e te entreguei a esse bando, quando te mordi, você se conectou com eles... e... eles *são seus*.

As narinas dela se alargaram e os olhos encheram de lágrimas, que ela não deixou cair. Segurei seu queixo, colando nossos lábios, sem

beijá-la, até sua respiração se acalmar. Agora ela estava medindo se valia a pena conhecê-los, se não era o mesmo que tacar sal na ferida.

Não era! Ela precisava disso! Talvez... se visse.

- Eu te entendo, ok? Não vou deixar as coisas mais difíceis. Se não quiser ir, eu busco a comida. Respirei fundo, querendo implorar que ficasse. E só me dizer o que você quer...
- Você vai me dar ofegou, com o olhar castanho trancado em minha boca.

Assenti. Nossas respirações mescladas, aquele cheiro de alto mar escaldante, das areias brilhantes do deserto para o qual me levou, quando me mordeu... toda ela!

Seus fodidos ideais, a crueldade utilitarista, as verdades que escondia, as fraquezas que tentava sufocar...

Minha, caralho!

Eu tinha tanta coisa para dizer, tanta, mas não seria justo. Graças a porra da deusa, ela não conseguia ler meus pensamentos, senão veria o tanto que precisava me desculpar, o tanto que queria que ela mandasse tudo se foder e *escolhesse* ser minha.

Podíamos roubar algumas décadas, ela virar mortal ao meu lado, morrer junto comigo, depois que tivéssemos vivido uma vida inteira juntos. Podia passar a ser um fodido egoísta agora.

Queria passar a ser.

— Vai, Selene, vai colocar uma roupa pra eu fazer o que você precisa e não o que eu quero.

# TRINTA E CINCO SELENE AESIRE

Selene Aesire

O Caern Blackthorn era uma espécie de vilarejo. Construções rústicas no sopé de uma montanha congelada canadense, com uma queda d'água, que parecia iluminá-la a noite.

Nossos passos eram acompanhados à distância por outros. Sentia olhos em nós dois, mas ergui meu queixo e enquadrei os ombros. Puxei as mangas do vestido e fiquei extremamente incomodada em usar sapatos de outra pessoa.

A ansiedade de vê-los pela primeira vez, todo o grupo e não apenas os poucos indivíduos, que apareciam na varanda para conversar com Drako, foi me agoniando.

— Vem cá. — Drako parou de andar e me puxou para si, passando um braço pelas costas do vestido que sua irmã me emprestou.

Roupas emprestadas, coletivas, casas simples e esse lugar, como se tivesse saído de séculos passados, protegido em uma bolha. Era assim que viviam os meus descendentes, numa paz limpa que eu nunca ofereci para eles.

Nada de monumentos e impérios poderosos, nada de sacrifícios sangrentos.

Eles foram *realmente* abençoados. E odiava querer agradecer à Luna por isso.

— Selene, para de pensar... — Segurou meu pescoço pela frente, forçando-me a sustentar seu olhar. — Só aproveita.

O olhar castanho era tão compreensivo. Tão tranquilo. Bem como aquele sorriso cafajeste, arrogante, de quem achava que sabia de tudo. Estalei a língua no céu da boca e sua resposta foi um grunhido arrastado, aquele "hm" grave, que descia contraindo todos meus músculos, até fazer minha boceta pingar.

- Porra! Arrastou a mão pelas minhas costas, até segurar minha bunda, pressionando sua ereção no meu baixo ventre. Isso já não é uma boa ideia, não faz piorar, semideusa.
- Eu não estou fazendo nada. Desceu o olhar dos meus olhos para minha boca e, então, meus seios. Minha respiração rareou e eu arfei audivelmente.

# Esse filho da puta!

— Então vamos garantir que você faça... Presta atenção. Quando a onda começa, não é só a fêmea que perde o controle do corpo. Bem no início, existe um momento breve de antecipação, em que o poder pode mudar. — Engoli em seco com a insinuação.

Drako me fazia implorar, *toda fodida vez*. Estava me dizendo como mudar isso? Entregando-me o ouro, para fazê-lo implorar para entrar em mim?

Trocamos sorrisos cúmplices e seus olhos ganharam aquele brilho dourado, transformando-se lentamente, só de imaginar a putaria que me contaria. Colou a boca na minha orelha, afastando meu cabelo com as pontas dos dedos e sussurrou no meu ouvido:

— Os machos perdem o controle, se *negados*, a foda fica mais brutal... É difícil para a fêmea dizer não, quando o corpo está gritando sim, implorando por porra. *Hmmm* — grunhiu e mordeu minha orelha, ao ponto de machucar. Gemi baixinho, deitando minha testa em seu ombro coberto pela jaqueta de couro. — Você é uma semideusa... Quando nós voltarmos, vai me dizer não. Vai negar, até eu perder o controle e parar de ouvir.

Fechou o punho no meu cabelo, puxando-o desde a raiz, os olhos transformados focados nos meus lábios, as presas longas sobrepondo-se ao lábio inferior. Minha marca exposta em seu pescoço, o cabelo cor de mogno preso no coque que eu adorava desfazer...

- Vai me dizer não, parceira?
- Sim.
- Sim o quê?
- Vou te dizer que n\u00e3o, at\u00e9 voc\u00e0 parar de ouvir e tomar o que \u00e9 seu.

A dominância dele virou uma cortina densa ao nosso redor, a loba que morava dentro de mim, presa atrás de uma parede fina, enevoada, arenosa, ficou amolecida, o peito colado no chão e as patas traseiras erguidas, oferecendo-se para a brutalidade que ele exalada de cada poro.

- Vai me fazer implorar, Selene?
- Não quero que fale nada, só que faça.
- Puta que pariu! Colou a boca na minha, rindo. E abraçado comigo, continuou dando os passos na direção da rua principal.
- Vieram ser o entretenimento da noite? Gosto do exibicionismo, como qualquer outra fêmea, mas *cioporn?* Essa é uma primeira vez. A fêmea que me afrontou no meu complexo, a que havia cedido as roupas para que eu usasse, interrompeu o beijo. Ao menos *alguma* primeira vez guardou para a sua parceira, irmão.

Valkirie era tão arrogante quanto Drako. Os cabelos castanhomogno dela cascateavam sobre os ombros, até abaixo dos seios. O sorriso em seus lábios era o mesmo do irmão e a ousadia excessiva não equivalia à sua pouca dominância.

Os dois tinham traços da minha descendência, não de Jonah. Embora usassem os nomes que homenageavam o povo bárbaro em que meu irmão caçula se meteu, esses dois eram meus. Desde o início, Tyre se preocupava com a proteção do segredo. Éramos mais fortes, porém minoria e vulneráveis, não imortais, no sentido literal da palavra.

"Tudo o que sangra pode ser morto", Tyre dizia e Vikran concordava. Jonah era um alienado, que seguia a tudo sem contestar, eu sempre fui minoria. A única fêmea, a alfa mais fraca, porém a que jamais abaixava a cabeça. Não quando podia escolher.

No fim, acabava cedendo às vontades deles, ampliando o território de caça, para as mortes não ficarem tão evidentes. Multiplicávamos lentamente, pois a maioria dos humanos morria com nosso veneno, só os mais fortes conseguiam passar pela transformação. Então, acabávamos mantendo territórios colonizados pelo grande exército de Tyre.

Com o passar das eras, os humanos evoluíram e não eram mais controlados por nós. Contudo, meu irmão se achava um rei e seguia imperando sobre os lupinos, com seu bando de tiranos espalhados no mundo inteiro. Meus caçadores foram uma tentativa vã de oposição. Um licantropo tinha a capacidade de matar dezenas de humanos, com muito mais velocidade do que eu conseguia treiná-los.

Jamais tive oportunidade de confrontar Tyre. Principalmente, por saber que ele, também, só podia morrer depois que Fenrir fosse liberto.

Com minha digressão, perdi a conversa entre os irmãos e Drako continuou nos levando na direção do salão comunal.

O burburinho alegre encheu meu peito de saudade dos meus Aesire. Precisava lembrar que esses eram Blackthorn, uma evolução mista do meu clã com o de Jonah.

O nervosismo retornou e Drako apertou minha mão, que ele segurava, sem que me desse conta. Um gesto tão natural, que pareceu que havíamos feito aquilo milhares de vezes. Que faríamos por toda a eternidade.

— Só lembrar do que vem depois — falou para mim, piscando, tranquilizando-me. Valkirie riu, sem se importar que eu ouvisse.

Assim que entramos, o silêncio zuniu em meus ouvidos. Rejeição jamais havia sido um problema para mim, não até Drako, não até os Blackthorn deixarem de ser meus inimigos.

Morreria por eles, para nivelar o plano, tirar a imortalidade de todos os outros clãs. Encerrar o fardo. E tudo o que eles queriam de mim era que eu morresse.

Não precisava transformar meus olhos para ler suas mentes, sabia o que estavam pensando em cada uma das expressões de desdém e repulsa que recebi. Loiros caucasianos, morenos de peles castanhas, peles negras retintas e variações de tons marrons, nenhum deles me queria ali.

— Esta é Selene Aesire, minha parceira! — Drako anunciou, acima do silêncio, emanando dominância e frustração pela reação deles.

Meu parceiro não era inocente, sabia quem os Blackthorn eram e de todos meus pecados. Esta reação era a esperada, todo resto era esperança... e tudo bem. Esse encontro era para mim, não para eles.

- Drako...
- Ela foi introduzida a esse bando por mim, na presença da maioria de vocês. Sei que sentiram o poder dela quando estavam na clareira, então é melhor guardarem as opiniões de vocês e fingirem que são o clã que eu disse a ela que eram: os abençoados da porra da deusa benevolente. Não é isso que nós somos?

Segurei seu casaco, puxando-o para mim, não queria que estragássemos qualquer que fosse a comemoração que eles estavam tendo. Não queria *isso*. Impunha-me perante meus caçadores, os exilados que se juntaram a mim. Lá, nenhum deles me *conhecia*, não sabiam quem era a fêmea, apenas a entidade "Selene Aesire".

Aqui, neste salão, desejei ser apenas Selene.

— E é melhor serem cuidadosos com a merda que *pensam*, porque ela pode ler mentes! Vai descobrir que somos um bando de fodidos intolerantes, fingindo ser melhores.

 — Drako! — rosnei para ele, trazendo a atenção de todos para mim.

Ao mesmo tempo, Freya se levantou da mesa, onde estava sentada ao lado da mãe. E a expressão de "Mama Dee" não podia ser menos amistosa. Suspirei, exausta, antes mesmo de começar.

Não devíamos ter vindo.

Freya caminhou até nós, cumprimentando-me com um sorriso e uma piscadela sutil, então se colocou atrás de Valkirie, à esquerda de Drako. Uma formação de matilha. Aquilo me emocionou e roubou as palavras.

Leif, o irmão caçula de Drako — que era uma cópia dele, mas nas cores de Jonah: cabelo loiro e pele pálida —, levantou da mesa, onde estava sentado com outros machos jovens, de ranking baixo. E veio, envergonhado, com a atenção e julgamento que recebia, para a entrada do salão.

Surpreendi-me e minha pulsação acelerou de maldita felicidade, quando o loiro se posicionou à minha direita. Olhei-o por cima do ombro e recebi um cumprimento de queixo tímido de adolescente.

Então o grandalhão que morava na casa em frente a que estávamos passando esses dias, levantou na mesa principal, paralela aos fundos do grande salão, e cerrou os punhos sobre a toalha xadrez, que cobria o tampo comprido.

Havia uma cadeira vazia ao seu lado, o lugar do alfa. Á direita dele, a fêmea de cabelo curtinho acompanhava a tudo de olhos arregalados. Do outro lado do assento vago, a senhora de cabelos brancos compridos, deu-me um sorriso de aprovação e fez uma pequena reverência, que balançou suas mechas lisas.

— Você costumava ser a alma da festa, porra! Transformou aqui em um fodido velório! Guardei um lugar pra você. — O gigante cruzou os braços extremamente musculosos sobre o peito coberto por uma camisa preta, justa demais, e os olhos cinzentos desafiaram o coletivo a se opor ao que ele havia decidido.

Aquele macho era um beta extremamente forte e, evidentemente, leal. Todo alfa precisava de um beta, um que se doava incondicionalmente. Drako Blackthorn tinha um, bem ali.

Era algo que eu sentia falta e jamais permiti que meus aliados Tyrant ocupassem o posto. O lugar de Nya, meu primeiro amor.

Drako entrelaçou nossos dedos, apertando-os, como se me desse um comando para não relutar. Não o fazer perder o controle e se enfurecer. Puxou-me consigo através do salão silencioso.

Quando contornamos a mesa, a senhora se levantou, pronta para me ceder seu lugar, mas o gigante fez a baixinha ao lado dele ficar de pé e liberou a direita de Drako para mim.

Sem alarde, sentou na cadeira dela e a colocou, de lado, em seu colo.

Todos os olhares estavam em nós e a tensão no ambiente me fazia sentir afrontada. A loba dentro de mim ficou de orelha em pé, querendo avançar, se qualquer um a desafiasse. Precisei me esforçar para segurá-la, para não transformar meus olhos e ouvir os pensamentos de ninguém.

Quando nos sentamos, ouvi burburinhos vindos do fundo do salão e Valkirie xingou um macho, pegando dois pratos de comida e vindo na nossa direção, como se estivesse desfilando.

Praticamente tacou os pratos na nossa frente e aquilo fez Drako rir.

Não se acostume! Eu não sou sua garçonete! — atirou para o irmão, sendo extremamente desrespeitosa com um alfa. Quando Drako riu, a tensão na mesa aliviou. E alguns dos Blackthorn voltaram a comer, fingindo que não mantinham suas atenções em nós dois. — E, antes de ele ser um alfa, o fanfarrão abusado era ele, só estou calçando os sapatos — Valkirie falou comigo. — Mas depois de colocar um medo do caralho em todo mundo, eles precisavam ver que você não morde.

- *Val*... Drako negou com a cabeça, ralhando com ela, como um irmão mais velho faria, não um alfa.
- Bom, ela te mordeu... Valkirie respondeu e girou nos calcanhares, os ombros balançando de rir, ao se encaminhar para a mesa da família.

A aura tensa dele atravessava o laço de parceria que nos acorrentava juntos. Contudo, minha tensão tinha outro motivo que não o constrangimento generalizado. Havia famílias inteiras ali, filhotes, parceiros...

Eles estavam bem.

Drako trocava sussurros por trás da minha cadeira com o macho gigante do meu outro lado. Meu estômago roncou de fome. Peguei os talheres, cortando a carne de caça que tinha cheiro de especiarias.

No segundo em que coloquei a carne na boca, a loba dentro de mim, se agitou-se, querendo ser alimentada. Mas eu tinha medo de ficar presa em sua pele outra vez. "Ceder a pele", era algo que precisaria fazer, para não entrar em Fúria outra vez.

A forma bestial era uma extensão da minha consciência, dividir o corpo era muito diferente.

- Ela também está com fome. Vamos correr depois, ir junto com o bando sempre ajuda a não se perder Drako falou comigo, mas notei que muitas cabeças se viraram na minha direção, na certa, pensando no tipo de alimentação que eu preferiria. Passou o braço por cima da minha cadeira, cutucando o macho grandalhão. Bog?
- Ok! Nós dois e um alfa descontrolado... Igual nos velhos tempos. — Bogdan riu e a baixinha em seu colo me estudou. — Lena?
- Eu vou Lena concordou, envolvendo o pescoço dele e me encarando, como se eu fosse um objeto de estudo.
- Nós também vamos... um bando sempre ajuda. A senhora ao lado de Drako chamou nossa atenção e eu observei a fêmea atrás dela.

Reconheci-a pelo cheiro, a Aesire que minha mãe transformou em metamorfa. Uma ômega, que sequer conseguia me olhar nos olhos, mas tinha o mesmo aroma dos meus.

Fiquei emocionada demais para agradecer, trinquei a mandíbula e assenti para as duas, em um agradecimento mudo.

O clã estava rachado, claramente em desacordo sobre minha presença, sobre a liderança nova, mesmo assim, reuniram-se ali para comerem juntos, como um bando. E Drako podia reclamar deles, chamálos de intolerantes, porém o que eu via era *conserto*.

Havia conserto para este bando, os pecados deles eram muito menores que os dos antigos Aesire.

# TRINTA E SEIS



Axel Blackthorn

Dois dias depois, ainda conseguia sentir o cheiro de carne podre exalando dos meus poros e o gosto de sangue na língua. Talvez fosse o meu, ao morder a boca e bochechas por dentro, a cada vez que via Kamari direcionar um olhar agoniado na minha direção.

Meus olhos estavam transformados, desde a batalha no santuário, deixando o acesso livre para que lesse minha mente e a do lobo. O miserável estava *de luto* pela morte de seu descendente. Uma dor que o humano não conseguia compreender. Ainda assim, retroalimentávamo-nos de Fúria, aflição e pesar.

Paul Reid, o primeiro lobo que transformei, odiou-me do início ao fim. A única coisa que o redimia era o amor por Kamari.

Kami tentava não me olhar diferente, mas eu estava esperando o momento em que me diria que preferia ir embora. Neste ponto, nossos objetivos estavam alinhados: voltar para o Caern. Eu precisava de contingente para atacar os Tyrant e, depois, caçar Selene.

- Não preciso de babá, Ivar reclamei, quando ele se aproximou.
  - Eles estão preocupados, Ax.

Sentou-se ao meu lado na mesa externa de um desses restaurantes com letreiros luminosos, que tinham a cada dezena de

quilômetros na estrada. Meu novo bando não servia para as mesas de dentro. Lobos imortais em abstinência, *e eu*... Não era boa ideia nos colocar em um espaço fechado com humanos.

Kami e Kal foram com os metamorfos fazerem os pedidos no balcão. Leah e Luther sequer se aproximavam de mim, ou do que sobrou dos dissidentes.

— Já saiu alguma notícia sobre o incêndio? — desviei o assunto, interessado no problema de fato.

Mais de cinquenta lupinos morreram naquela batalha. Tyrants, Vagantes e Blackthorn.

"Paul!" — meu lobo interferiu, pois seu descendente não era de nenhum dos três clãs. Era um Lunari.

Lidamos com os corpos. Levamos um dia inteiro esquartejando e incinerando cadáveres. Pilhamos os motorhomes e o cofre de Big Jerry... E, quando chegou a vez de Paul, Kamari botou pé firme e pediu ajuda a Leah e Luther para enterrá-lo.

Meu lobo tomou a pele e foi acompanhar de longe o enterro, naquela terra congelada, onde a lua mal batia, por causa das árvores. Só de lembrar da cena, o lobo se retraiu, silenciando em minha mente, como fazia poucas vezes.

- Não vai sair nenhuma notícia. Nós fizemos direito, Ax. Não é nossa primeira vez na estrada. Ivar apoiou os cotovelos nos joelhos, olhando-me de soslaio, sobre a gola de sua jaqueta militar fodida. Não disse antes, porque você tava espumando pela boca ainda..., mas eu sinto muito pela sua perda.
  - Não...
- *Seu lobo* perdeu. Ele tá menos presente, todos nós sentimos interrompeu-me e olhamos para as duas mesas adiante, com os seis dissidentes que restaram, e sequer tentavam disfarçar a atenção. Se você continuar, se decidir virar um imortal de vez... ele vai sumir, Axel. Vai entrar na sua essência.

Fiquei surpreso ao ouvir algo que ninguém jamais soube me explicar. Eu podia *me livrar* do lobo? Ficar sozinho com minha consciência, encerrar essa queda de braço?

— Não é tão bom quanto parece. É solitário. E tudo o que ele é, passa para a sua personalidade. Viramos outra pessoa. Eu costumava ser... inocente. — Sorriu, velhaco. — Seu pai sentia saudade do lobo dele. Nunca disse, mas sentia. Alfas tem os lobos mais fortes, eles são mais que irmãos. — Ivar ficou visivelmente abalado. Soprou, para se impedir de ficar emocionado demais. — Talvez isso não importe nada para você. Mesmo assim, vou te dizer. Eu sinto falta do meu... Vou te seguir nessa guerra, Axel. Mas, se eu sobreviver a ela, quero sentir meu lobo outra vez. Tá me entendendo?

Se eu escolhesse seguir como imortal, depois que a guerra acabasse, Ivar me abandonaria. Não era novidade e continua incomodando da mesma maneira, feito um espinho na carne, inflamado. Os metamorfos Blackthorn, Drako, Paul...

Olhei para a porta e a vi saindo de lá de dentro, trazendo sacolas de papel pardo, com a comida fedorenta. No instante em que as íris amareladas focaram nas minhas, tive a impressão de ouvir Fenrir outra vez.

"Ela também vai."

Continuar imortal me faria perder Kamari, sabia que sim.

- Loth não era *meu pai*. Arrastei as palavras, de uma forma que o beta abaixou o olhar na direção do chão.
- Seu pai foi mais manipulado que você. Fenrir não *entrou* nele, mas não o deixou em paz por séculos. Quando Aretha chegou... ela nos deu esperança. Meus rosnados ficaram mais graves, retumbando em meu peito, mas aquilo não deteve Ivar em seu discurso preparado. Se eu o tivesse acompanhado na missão que Selene deu, nada disso teria acontecido.

Segurei Ivar pela nuca, apertando meus dedos de uma forma que ele não conseguiria sair do meu agarre. Empurrei seu corpo para baixo,

até a cabeça ficar entre os calcanhares.

- O que Selene tem a ver com Loth?
- Ax! Kami se aproximou, largando as sacolas na mesa com os outros dissidentes. Entrou no meu campo de visão, mas a ignorei.
- Fala! Dei um comando-alfa em Ivar, tão pesado, que ele jamais conseguiria recusar.
- Selene contou pro teu pai o que precisava acontecer. Loth estava tentando te proteger. Se os Reid morressem, não haveria como acabar com a maldição, Luna não ajudaria Fenrir a sair, sem beneficiar seus filhos. Você jamais seria *um vaso*.

Que porra ele estava dizendo?

— Fala mais rápido ou use menos palavras. Explica. Essa. Merda!

Do ângulo em que o mantinha preso, sua voz ficava abafada, arfante, mesmo assim, Ivar contou, desde o início.

Quando Luna aprisionou Fenrir, desequilibrou tudo, a maldição foi quase um efeito colateral, um gatilho inconsciente. Luna era a real culpada pela maldição, não Fenrir.

Foi um fodido efeito borboleta, cada pequena escolha, levou a um resultado maior e mais catastrófico: Luna prendeu Fenrir; a maldição recaiu sobre os originais; eles cederam ao fardo da carne; e toda a espécie foi criada.

Um erro não justificava o outro, mas, sem isso, nenhum de nós existiria.

- E agora que ele está solto? inquiri e soltei Ivar, que se levantou, com a cara vermelha, o sangue todo na cabeça.
- Agora precisamos quebrar a maldição, o sangue dos originais precisa ser derramado. Um de cada clã tem que morrer, fazer o *sacrifício*. Essa é a verdadeira profecia. Foi o acordo que Luna fez para libertar Fenrir. Ela criou um campeão para executar o plano, um alfa forte, do clã abençoado dela, o que misturava duas linhagens... ergueu a

sobrancelha, para que eu compreendesse que falava de mim. — Mas Fenrir trapaceou e te roubou dela.

- Duas linhagens?
- Os Blackthorn são descendentes dos dois: Jonah *e Selene*. O que você acha que os metamorfos são? Aquilo não é benção, *é castigo*! Ivar gargalhou, olhando com desdém para Leah e Luther, que acompanhavam a conversa boquiabertos. Eles são mais fracos fisicamente, para compensar a personalidade de merda dos Aesire. Ela os tirou do topo da cadeia alimentar lupina e os colocou na base. *Castigo*.

Ao ouvi-lo falar, lembrei-me de que Ivar era um ancião do meu clã, um dos primeiros descendentes de Jonah, ou seja, ele enxergava a divisão do meu bando como algo natural.

Metamorfos versus lobisomens era, na realidade, Selene versus Jonah.

A divisão se perdeu nos seis séculos de existência do meu clã. Como mortais, muitas gerações passaram, a consciência coletiva do bando era nossa forma de guardar a história. *Esquecemos*! Agora as linhagens se partiam outra vez.

Os Aesire não me aceitariam como alfa deles, eu não tinha o mesmo sangue.

Foi então que a realização me atingiu, feito uma mordida na carne:

Drako era um alfa e ele estava quase todo *branco*! Ele me desafiaria!

Teria que dominá-lo ou matá-lo e transformar os metamorfos. Paul era um Lunari e seguia o meu lobo, foi um descendente roubado. Eles seriam meu exército.

— Eu sou uma *loba branca*, Axel. — Kamari deu um passo para trás, com as mãos espalmadas na barriga, a sua expressão era de pavor e desgosto.

- Kami... levantei-me e Kaleb a colocou atrás de si, entrando na frente dela, tal qual um escudo.
- Não faz isso, não *isso*... Não vou aceitar... Kami ofegou e voltou seus olhos para os amarelo-humanos, não querendo mais ouvir meus pensamentos.

Ver minha parceira correndo para dentro do restaurante, para *fugir* de mim, foi como uma porrada. Fui atrás dela, sendo atacado pelos batimentos e o cheiro de todos aqueles humanos.

O fardo de sangue havia triplicado, muito mais forte do que jamais havia sido, carcomendo minhas entranhas e tirando minha sanidade. Minhas presas cortaram meus lábios e o lobo ficou eufórico, desesperado para caçar.

Kamari era minha prioridade!

Prendi a respiração e fui atrás dela até os banheiros. Entrei no feminino, assustando duas humanas, que saíram correndo de lá de dentro, como se pressentissem que eu era um predador.

Encontrei-a encurvada sobre o sanitário, vomitando tanto que quase perdeu as forças e cair de joelhos, naquele chão com cheiro de desinfetante artificial, que queimava minhas narinas.

— *Kami* — chamei-a, passando o braço ao redor de sua cintura e a suspendendo. Segurei seu cabelo em um rabo de cavalo, sentindo os espasmos em seu abdômen. — Sou eu que estou te fazendo passar mal? Me perdoa... eu não...

Não conseguia mentir para ela, nunca consegui. Adoçar a vida para agradá-la não passaria a ser parte da nossa relação. Fui corrompido, sentia a presença de Fenrir no fundo da mente, a união com o lobo — conforme Ivar anunciou — já estava em processo. Em breve, o Axel que ela dizia amar, deixaria de existir para sempre.

Porém, não podia soltá-la e me afastar. Não conseguia, porra!

Ela tremia inteira e as palmas suadas escorregavam nos azulejos, quando tentava se apoiar, vomitando até não sobrar mais nada. Nosso laço de parceria repuxava, como se estivesse sendo sugado pelo buraco negro que ela preenchia.

Não podia perder Kamari, caralho!

- Ax... por favor... A voz se partiu, pequenininha. E colei minha testa na parte de trás da sua cabeça, tragando seu cheiro de lavanda e mel.
- Não vou transformá-los, mas precisamos deles na guerra,
   Kami. Eles vão servir a causa, querendo ou não avisei-a.
- Deixa que eu explique! Vão me ouvir, vou fazê-los me ouvir, por favor. Eles são sua família, uma hora você vai voltar e vai se arrepender...

Deixá-la ter esperança de que eu voltaria a ser "bom" era crueldade. E, se ela fosse outra, permitiria.

- Não quero que fique comigo porque pensa que pode me consertar, não sou seu projeto de caridade! Arrastei-a comigo para fora da cabine e a coloquei sentada na bancada, abrindo a pia. Essa merda é quem eu sou, você sabe, lê todos os meus pensamentos...
- Eu não sou suficiente! urrou, chorosa e cobriu o rosto com as mãos ainda trêmulas.

Do que ela estava falando? Suficiente para quê?

Sua palidez me deixava agoniado e irado, por não conseguir prover o que ela precisava. Não ser o parceiro que realmente queria. O insuficiente sempre fui eu.

Kaleb invadiu o banheiro, procurando pela filha dele, e me encontrou com as mãos espalmadas na bancada longa de mármore, enquanto Kami chorava nas mãos. Não havia julgamento em seu olhar, só aquela espera muda, o discurso que enfiou em minha mente através de seu lobo.

O amor incondicional que ele e minha mãe me deram, a porra da fé de que eu podia ser melhor que meu fardo. Não era, nunca fui. E, agora, estava pouco me fodendo para o que os Blackthorn esperavam de mim! Mas a cada soluço sofrido que minha parceira soltava, mais eu tentava me dobrar e me diminuir, caber na caixa que me apresentavam: o Axel bom, o que pensavam que eu podia ser.

— Ela estava vomitando? — Kami enxugou os olhos e enfiou a mão sob a água, fazendo um bochecho. Kal engoliu em seco e tragou o ar, como quem tomava coragem para falar: — Ax... passaram três semanas do início do cio, certo?

Minhas veias cristalizaram, congeladas. O sangue foi parando de correr, ao mesmo tempo em que o cérebro girava tão veloz, que sentia como se pudesse gerar faíscas. O fim da última lua cheia, quando a mordi e entrei nela, a cabana... estávamos no meio da lua crescente, daqui uns dias seria a lua dela.

Sim, três semanas.

Puta que pariu! Agora não, não assim!

Afastei-me da pia, enfiando as mãos no cabelo e os puxando desde a raiz. O ar entrava e enchia meus pulmões, mas não conseguia penetrar nas minhas células, porque meu sangue permanecia congelado. Meus membros não obedeciam mais, dormentes, em hipotermia.

Estávamos no meio de uma porra de uma guerra! O braço de Kamari tinha três cicatrizes das garras de outro lobisomem, minha fêmea não conseguia se proteger, mesmo que fosse extremamente poderosa.

Como eu iria atrás dos nossos inimigos e a largaria sozinha, com uma cria?! Não, não! Porra!

É hora de voltarmos para casa, filho.
 Kal segurou meu ombro, dando-me um aperto e um olhar significativo.

A minha guerra precisaria esperar.

# TRINTA E SETE



Selene Aesire

Cada toque tinha sabor de despedida. Talvez por isso não nos soltássemos, mesmo depois que a onda do cio passava.

Por isso estávamos aqui, em um sexo lânguido, sem necessidade de chegar ao orgasmo, apenas para memorizar esses momentos, contados nos dedos de uma mão. Sobre a cadeira antiga que ele trouxe para a casa abandonada, todo o cenário era uma memorabilia do "nós tortuoso": do ódio e preconceito a essa sintonia curativa.

Uma reverência e anacronismo: a casa rústica, envelhecida, abandonada no tempo, representava-o. A poltrona luxuosa e decadente, era minha alegoria perfeita. Nós dois, desde o início, até o fim.

Sentada em seu colo, com seu membro pulsando em meu canal, segurei sua nuca, enquanto ele lambia meu suor em uma trilha descendente: clavícula; entre os seios; ao redor de um mamilo ardido, de tanto ser chupado; a carne abaixo, onde deixou um arranhão de suas presas.

Minha pele arrepiava, só de imaginá-lo as cravando em minha carne, tomando posse de mim pela brutalidade, até mesmo contra minha vontade. Ansiei que me privasse da escolha de seguir meu destino e me fizesse esquecer o objetivo que busquei obstinadamente, pelo que parecia ser uma eternidade.

Devia pagar pelos meus pecados, pela arrogância com a qual conduzi meu clã para a corrupção e imortalidade suja. Abusei dos poderes que recebi, transformei os humanos em idólatras. Desdenhei da fé deles e os alienei.

Cometi os mesmos pecados que acusava Luna de cometer: manipulei a religião. Prometia paraísos sagrados, em troca de suas vidas. Quis ser adorada.

Vendo os Blackthorn ontem à noite, compreendia que Luna *precisava* parar os Aesire e ressignificar o clã, que seriam para sempre lembrados como espinhos negros. Mas, mesmo os espinheiros, floresciam.

Drako era *prova*, a segunda chance que Luna me prometeu.

Arqueei o pescoço para trás, a língua quente dele deslizou para o alto do meu abdômen. Desci o corpo, confiando que me seguraria. A mão bruta segurou minha cintura, olhando meu corpo com veneração transparente.

Não era o tipo de adoração alienada, que recebia daqueles a quem liderei. Drako não me via como uma entidade, a semideusa amaldiçoada duplamente. Esse macho me via como uma fêmea, *a dele*.

Seu olhar dourado me arrepiava inteira, feito um toque suave de seus dedos calejados. Enfiou o polegar na boca, entre as presas alongadas, e esfregou meu clitóris de baixo para cima, pressionando na medida certa, até que eu me contorcesse de prazer.

Deixei o corpo cair completamente, meu cabelo arrastou pelas tábuas de madeira, entre suas pernas. Gemi, entregue, latejando ao seu redor. O ângulo difícil da penetração tornava tudo mais lento e intenso. Arrepios, cada vez mais ardentes, percorriam minha pele, mas Drako não me deixava encontrar um ritmo para o orgasmo.

— Drako — resmunguei, mas a entonação saiu errada, uma súplica.

— Quer que eu te faça gozar? Sabe o que precisa dizer, semideusa, é só pedir — grunhiu, risonho, com a arrogância de quem me dominava sem esforço.

Queria ler sua mente, roubar as palavras que guardava, tudo que não me dizia, mas me contava comas palmas brutas em minha pele, na forma como envolvia minha coxa, puxando-me mais para perto, entrando mais fundo.

Subi meu tronco, envolvendo seu pescoço. Espalmei sua barba cheia, o polegar passeando em uma de suas presas, até furar meu dedo. Esfreguei meu sangue em sua boca e o beijei, sugando um lábio, depois o outro.

Queria o orgasmo, mas precisava dos seus beijos, das poucas memórias que se tornariam as melhores de toda uma existência milenar.

Meu coração pulsou acelerado, incendiário, flamejando em minha caixa torácica. Era pouco, muito pouco. Injusto e cruel. Invadi sua boca com a língua, sedenta dos beijos onde contávamos o indizível:

O fim da solidão, a redenção, o respiro de vida.

Ondulei o quadril, sem pressa. Meu canal agonizava, necessitado, pingando ao redor de sua ereção. A respiração pesada dele se mesclou à minha, roubando meu oxigênio, arrancando-o de meus pulmões, até me sufocar.

Uma morte maravilhosa.

Seu rosnado grave atravessou minha boca e Drako dominou o beijo. Apertou minha nádega, manipulando-me para frente e para trás. Mais forte, mais veloz, enquanto empurrava a pelve para cima, enterrando-se mais em mim, como se fosse possível.

Depositou a palma larga na lateral do meu pescoço, pressionando minha garganta com o polegar, e soltou o beijo com um som molhado. Abriu seus olhos acesos, mas manteve nossos lábios próximos e os dedos pressionando minha bunda, com força suficiente para machucar e me fazer encharcar ainda mais.

Ofeguei, entregue, mordendo meu lábio inferior até feri-lo.

— Não pode ser só isso, Selene, não é *justo*! — A voz não passava de um sussurro grave, quase indiscernível. Rasgada de raiva.

Inclinei-me para frente, o polegar subiu para o meu queixo, enquanto eu o calava com um beijo. Seus beijos de perdição, em que esquecíamos do tempo — o pouco tempo —, nublavam meu juízo, meus sentidos.

De olhos fechados, não estava mais sozinha no meu deserto. A brisa quente era a respiração de Drako, o calor infernal era seu corpo suado, esfregando no meu.

A nossa eternidade numerada.

— Drako! — Bogdan socou a porta repetidamente.

Era a primeira vez que se aproximava da porta, desde que cheguei aqui, quatro dias atrás. Soltei o beijo, olhando para Drako, como se fosse a última vez que o veria. Meus olhos arregalaram-se e se transformaram, escutando o que o beta pensava:

"Ax voltou!"

Axel Blackthorn havia retornado para o Caern de seu clã. O "tocado por Fenrir", aquele que foi criado para encerrar o fardo de sangue, o último sacrifício para o deus do caos.

Abracei o pescoço de Drako e cruzei meus calcanhares atrás de seu quadril. Ele ainda estava dentro de mim, o calor de se corpo me atravessava. E seu cheiro de lar, de pertencimento, entrava pelas minhas narinas.

### — Drako, é o Ax! Ele tá de volta!

O macho que me pertencia, pelo resto de nossas vidas, compreendeu que era uma despedida. Todos seus músculos tensionaram, vibrando a mesma agonia que a minha. O laço da parceria, quebrado e incompleto, que escolhemos manter, virou um fio desencapado, um nervo exposto. Tão dolorido, que me impedia de respirar, de tragar o cheiro de sândalo e cedro para carregar comigo.

— *Alfa*! — Bogdan bateu na porta e a madeira sacudiu. Ele a arrombaria, sem se importar com as consequências de invadir o território de um macho mais poderoso que ele. Bogdan era um filho da lua minguante. Seu lobo era uma monstruosidade, maior até que o de Drako. — O bando precisa de você, Drako! Eles vão fazer merda e querer expulsar o Ax. E ele vai perder a cabeça, vai machucar alguém.

Colei minha boca sobre a mordida que não deveria ter lhe dado, a que colocava sua vida em risco. Imploraria para minha mãe outra vez, para que desfizesse meu erro, antes que eu seguisse adiante com meu plano.

Nosso tempo acabou.

— Eu preciso ir, Selene — sussurrou pesaroso, mas também não me soltou.

Claro que precisava. Ele era um alfa melhor que eu. Afastei meu rosto da curva de seu pescoço, encontrando seus olhos dourados com o semblante entristecido. Os lábios que sempre sorriam arrogante, agora estavam pressionados juntos, quase curvados para baixo. E ele ainda me segurava firme, ambas as mãos pressionando minhas costelas, impedindo-me de sair de cima dele.

#### — Precisa.

Soltou o ar, como se sentisse a mesma dor lancinante que eu, a queimadura ardente em toda a pele, carbonizando-nos vivos.

— Fica... — Não permitiu que sua voz modulasse para um comando-alfa. — Vamos encontrar outra saída. *Fica, por favor*! — suplicou, agoniado.

"Não vou te pedir para ficar...", foi o que me disse, dias atrás. Agora havia um mundo inteiro entre nós.

Deitei minha testa em seus lábios e ele a beijou com rudeza, a barba cheia, arranhando-me, era um pequeno bálsamo para a dor tremenda de nossa parceria amaldiçoada.

— Selene, eu preciso ir, diz que vai ficar — implorou, segurando meu rosto entre as mãos, afastando-me de si, para me olhar nos olhos.

Eu tinha seis milênios de experiência em mentir, Drako não veria a verdade. Que ficaria se pudesse, se tivesse escolha. Mas bastava de ser a Selene Aesire maldita e corrompida. Era hora de pagar.

— Sim. — A mentira saltou dos meus lábios e ele se forçou a acreditar, pois precisava ir salvar seu clã, o nosso.

Esse era ele, o alfa da lua nova, herói imperfeito, cínico e crítico, que contestava a autoridade arbitrária. O que todos precisávamos que ele fosse. Meu maior sacrifício pelos meus descendentes.

Beijou-me com uma ferocidade abrasiva, erguendo-se da cadeira que parecia um trono decadente. A queda de um império, de um governo falido. Soltei-o, memorizando cada detalhe de seu rosto para levar comigo. E forcei um sorriso.

### — Vai, Blackthorn...

Semicerrou os olhos, desconfiado, mas me permitiu descer de seu colo. Catando a calça jeans que vestiu no salão comunal, depois que retornamos da corrida pela manhã. Drako me deu tudo o que eu precisava antes de partir, um bando, um olhar cuidadoso e um motivo para me sacrificar.

Quando abriu a porta, rosnou para a proximidade de Bogdan, mas o gigante apenas respirou aliviado e se afastou, sem dizer mais nada ou sequer me olhar. Drako parou antes de sair, seus dedos pressionando a madeira com tanta força que as juntas esbranquiçaram.

— Eu te esperaria para sempre. — "Como esperei", foi o que não disse. E consegui sorrir para tranquilizá-lo, mas, por dentro, queimava em labaredas infernais.

A porta se fechou em um clique suave e segurei a respiração, até ouvir as passadas leves dele se transformarem em uma corrida, junto as estrondosas de Bogdan. Reconheceria seus passos se afastando de mim em qualquer lugar. Mais uma memória que levaria comigo.

Soltei um suspiro dolorido e me ajoelhei no chão, apanhando o vestido de mangas compridas que Valkirie emprestou. Levei-o ao nariz e minha loba, instintivamente, rebelou-se contra mim, ao compreender que eu sairia dali, da bolha de paz do Caern.

"Não!" — urrou comigo, numa voz bestial.

Ela não conseguia se comunicar como o de Drako fazia, era mais animalesca que o lobo que dividia a alma com meu parceiro.

Seis mil anos de aprisionamento, como uma centelha ínfima de mim, fizeram isso com ela. E, se não fosse pelo pequeno bando que nos acompanhou ontem à noite, jamais teria encontrado o caminho de volta para a humanidade. Leif, Freya, Valkirie, Layla, Astrid, Malena, Bogdan *e Drako*, foram meu caminho de volta a um bando, à paz que perdi com a maldição.

E, por eles, precisava ir embora.

Coloquei a roupa, decidida a não permitir que ela tomasse a pele. Empurrei-a para dentro da minha consciência, em uma queda de braço que drenava minhas energias. Vesti-me e pulei a janela do quarto em que ficamos todos esses dias.

O cheiro delicioso de cio, de seu suor mesclado ao meu, era uma tentação agoniante que me arrancou um choramingo, dando voz aos clamores da loba dentro de mim e os meus.

Corri por trás do prédio imenso do celeiro-enfermaria, lançando minha rede mental até encontrar Mason e Julius, meus aliados por milênios. Ouvi a corrida deles, invadindo o território dos Blackthorn, para me alcançarem. Aquilo fez a loba se desesperar, vendo a finitude de tempo com seu parceiro.

Conectei minha mente a deles, mas outras entraram no meu campo de visão, multiplicando os pontos de vista. Nunca havia entrado naquelas mentes, aqueles lobos quase não tinham pensamentos, eram só imagens: uma floresta densa, tropical, cavernas nas montanhas, luares limpos e estrelados... pelagens marrons.

#### Lunari!

A conexão foi ficando enevoada, chuviscada. Minha corrida foi desacelerando, enquanto eu perdia um por um dos lobos. Só restaram Mason e Julius, gritando para eu acelerar o passo, pois tinham dois Blackthorn os perseguindo.

"Não os machuquem!" — ordenei, mas meu interior se rebelou contra mim, contorcendo-se em si mesmo.

A onda avassaladora do Calor fez a corrida ficar mais dificultosa. Meu corpo *chorava* por Drako, necessitado dele, mais que eu e meu coração partido ou a loba feral, implorando-me para ficar.

Concentrei toda minha força e poderes em me manter de pé, correndo cada vez mais lenta, ofegante e dolorida. No instante em que ouvi as passadas dos lobos Tyrant, que garantiriam que eu cumpriria meu verdadeiro fardo, perdi a forma. A loba tomou posse da minha pele, explodindo as roupas ao meu redor.

O lobisomem fulvo se aproximou de nós e ela tentou lutar, mas a onda de Calor a deixava debilitada, incapaz de usar sua dominância. Ela cambaleou e caiu de lado, encolhida, protegendo a barriga. A necessidade atravessava o corpo de forma excruciante.

Por favor, por favor, faça parar!

— Sel! — Julius se transformou de volta, ajoelhando-se ao lado da minha loba, que, mesmo sob uma dor tremenda, tentou morder a mão dele. — Está ferida? Vamos te tirar daqui... — Farejou o ar e as presas desceram. Ele sentiu o cheiro do meu cio, eu não tinha a marca de Drako.

Sacudiu a cabeça, os dreads finos balançando sobre os ombros. Mason, ainda transformado, parou logo atrás, farejando o ar também e um rosnado retumbou em seu peito.

Temi pelo pior, quando o lobisomem se abaixou e me carregou em seu ombro. Ouvia as passadas dos lobos Lunari se aproximando. E dos Blackthorn que os perseguiam. Não sabia dizer o que o bando feral viera fazer no território de outro clã, mas Drako estava aqui, Axel havia voltado, eles protegeriam meu bando da invasão.

Eu era necessária em outro lugar.

Os dois Tyrant correram e, a cada espasmo do Calor, mais eriçados eles ficavam, e mais eu perdia a capacidade de pensar. Já não acessava meus poderes e me sentia escorrer, drenada ao limite.

Quando chegamos ao carro, Mason, segurou-me firme com um braço, sem me deixar cair, e abriu a mala. Minha loba lutou, debatendo-se contra ele, lanhando suas costas, mordendo-o nos braços e mãos.

- Sel, calma, porra! Calma! Pega o volante, Julius! Temos que tirar ela daqui, eles estão sendo invadidos! Mason entrou na mala junto comigo, imobilizando minha loba com uma chave de braço, que foi roubando meus sentidos aos poucos.
- Eu sinto muito, Mason. Mas não vou desperdiçar a minha oportunidade. Ela tá frágil, presa numa porra de cio, prestes a virar uma feral... Julius pegou uma pistola de dardos de acônito no porta-luvas e atirou no ombro de Mason, errando-me por pouco. Vou completar a missão que deveríamos ter feito na Primeira Guerra e salvar a minha irmã! Nala esperou *tempo demais* por essa fodida profecia! Selene vai ser meu passaporte de volta para os Tyrant.

Julius já estava falando sozinho, Mason se debatia atrás de mim, envenenado. Seus olhos vermelhos e as presas de fora, enquanto ele convulsionava.

Nala, a destinada de Tyre, que meu irmão miserável mantinha em alguma prisão, para não ser a vulnerabilidade dele, era a irmã de Julius. Não havia como salvá-la. Quando Tyre morresse, ela iria junto. Julius sabia. Era isso que ele estava fazendo: usando-me como engodo, para se aproximar da irmã e se despedir.

A missão seria cumprida de uma forma ou de outra.

Mãe, por favor, por favor, ouça minha prece. Desfaça o nosso laço, deixe Drako viver para liderar meus filhos, por favor, eu imploro! — clamei por ela e senti sua presença etérea, no fundo da minha mente desconexa, mais animal que humana.

"Essa é a sua *escolha*?" — Luna questionou, com seu tom maternal.

Atendeu ao meu chamado, como fez quando implorei que me livrasse de Tyre da primeira vez. Deu-me os poderes e fez de mim sua esperança, a escolhida, sua predileta, a que cumpriria a profecia e encerraria o Sangue.

Falhei daquela vez, não falharia de novo.

Vou cumprir o meu destino, eu juro, vou fazer minha parte. Mas corta o laço, por favor, corta o laço, por favor, cortaolaço, cortaolaçocortaolaço... corta... cor

Perdi as palavras, elas não existiam mais, só imagens, memórias da corrida com o bando. O lobo de Drako, meu parceiro.

A loba que me tornei uivou de dor, pelo cio não atendido. Mordeu o ombro de Julius no banco do motorista. Então sentiu o tiro de acônito no pescoço e caiu ao lado do cadáver de Mason.

Cumpri minha missão.

# TRINTA E OITO



Axel Blackthorn

Havia um fodido pelotão dos descendentes daquela filha da puta, impedindo-me de entrar no meu Caern. No início da rua principal, todos os metamorfos Blackthorn mantinham uma espécie de barreira, que nos impedia de subir a rua para a casa do alfa, ou voltar para as nossas casas.

Deveria ter passado com os carros em cima dos malditos!

Ouvi as passadas deles dois, meus antigos betas, os corações acelerados, e os cheiros. Esperei que viessem para apaziguar a situação, mas estava enganado. Ah, como estava enganado!

Drako surgiu por trás dos membros do meu bando, abrindo o caminho para si, como se fosse um rei, liberando uma carga de dominância, tão hostil e viciosa, que fez meu lobo saltar sob minha pele, esticando-a, quase a tomando a força. A aura agressiva dele, fazia sua pele fumegar e as presas alongaram, ultrapassando o lábio inferior.

O rosnado contínuo de seu lobo me contava de sua Fúria, prestes a explodir, os olhos amarelos brilhavam espelhando a meia-lua no céu. As garras saíram, transformando suas mãos em patas branco-prateadas, e o desafio de alfa se espalhou no ar, entranhando toxicidade nos lupinos presentes.

Os metamorfos todos mostraram os pescoços para ele, o que incluía Leah e Luther, no grupo atrás de mim. Meus dissidentes

forçaram-se a manter seus pescoços erguidos para a dominância assombrosa e rosnaram de volta, afirmando, assim, que não o viam como alfa deles.

O macho diante de mim não era o mesmo que cresceu comigo, como *meu irmão*, o primeiro beta que jurou me seguir. Mas eu já sabia disso. Na última vez que nos vimos, ele não tentou me atacar. Aqui e agora? Era um alfa que teve seu território invadido.

Farejei o ar, sendo golpeado pelo aroma de sexo — esperma e boceta — e entendi o motivo da agressividade descontrolada: ele estava *no cio*, o que significava que a fêmea dele *estava aqui*. Agora que tinha uma parceira, só serviria ao Calor dela!

"Fraca, vamos matar!" — meu lobo vociferou, forçando a barreira, para tomar a pele e ir arrancar a cabeça de Selene Aesire nas presas.

Estava pouco se fodendo para o que a semideusa havia feito com minha mãe, ao matar meu pai, ele só se importava com o que a maldita fez com Kami, aprisionando-a naquela cela de prata imunda. E com Paul, criando-o por uma vida inteira, sabendo que ele precisaria *morrer*, quando Fenrir fosse liberto.

Perdi a pele em um nanossegundo e Drako fez o mesmo. O lobisomem, completamente branco, com os olhos dourados, era pouca coisa menor que eu nas duas patas, porém a dominância se equiparava à minha, e ficou muito claro que não éramos mais companheiros de bando, quando se encurvou para frente, em uma posição de caça.

À direita do lobisomem branco, Bogdan o chamou, como costumava fazer *comigo*, tentando enfiar calma na cabeça dura do meu lobo, suportando minha merda.

Bog estava à direita de Drako!

Traição e abandono vinham se tornando um ciclo vicioso da pior espécie: Kaleb e suas mentiras, Drako e a superioridade moral, Bogdan e a lealdade *ao bando*, não ao alfa... em breve seria a vez de Kamari e sua esperança infundada.

Rosnei, chamando a atenção do lobisomem branco de volta para mim.

Não haveria *conversa*, sua mente estava selada, uma muralha intransponível. Meu antigo beta não pertencia mais ao meu bando, desde que escolheu Kamari como alfa, e agora que era um também, não conseguiríamos mais nos conectar, a não ser que rasgasse o peito em deferência.

Que se fodesse, eu não o queria! Mesmo que o fizesse, ainda o mataria e sua fêmea maldita. Se era disso que eu precisava para me livrar do fardo e não perder Kami e a cria que ela estava esperando, era o que faria.

"Axel, não!" — ela implorou, enfiando seus pensamentos no meio dos meus.

Deu um passo para frente, saindo da minha direita, para se colocar como barreira física entre Drako e eu, mas Ivar a segurou e não me importei que a tocasse. Ao menos ele não mentia para mim. Que a mantivesse em segurança, até acabar com o fodido alfa Aesire!

Com a pequena distração que minha parceira causou, Drako avançou na minha direção, mais veloz que eu, e me deu uma voadora no peito, que me lançou no ar alguns metros. Caí agachado, raspando minhas garras no chão, formando sulcos profundos.

Fechei minhas mãos e reuni asfalto solto e cascalhos nas patas, lançando-as no ar, na direção de onde Drako vinha, em uma velocidade tão impressionante, que o deixava parecendo um borrão.

Parou subitamente, lanhando o ar, a terra nos olhos, e aproveitei o momento para avançar contra ele. Cravei minhas garras em seu peito, lanhando-o até o meio da barriga. Se enterrasse minha pata ali, puxaria suas vísceras para fora.

Ele se recuperou mais depressa, do que eu consegui armar o próximo golpe, e minha mandíbula se fechou vazia, onde um instante atrás estava seu ombro. Drako abaixou, abraçando meu torso e usando seu peso para me derrubar de costas no chão.

Nossos pesos combinados me fizeram perder o ar e as pedras minúsculas de asfalto entranharam na minha pelagem, perfurando a carne. Lancei uma garra na direção de seu rosto, mas Drako a anteparou com força equivalente.

Ele era mais rápido que eu, mas eu era mais forte, porra!

Bati minha cabeça no seu focinho, o que o deixou desnorteado por tempo suficiente para que eu invertesse nossas posições, montasse em seu torso e o lanhasse na cara. O corte em seu peito já havia se fechado. A cura dele também era mais acelerada que a minha.

### Caralho!

Isso significava que eu teria que machucá-lo duas vezes mais!

"Sim!" — o lobo urrou em minha mente e fechou os dentes no ombro dele, provando seu sangue.

Drako fechou a outra pata na minha garganta, em um aperto firme, que me degolaria se ele quisesse. Meu lobo se desesperou, travando os movimentos.

Nunca havíamos perdido uma luta, nunca!

Um uivo longo, à distância, fez com que me soltasse. Empurroume de cima dele, usando as patas traseiras. Minha mandíbula fechada em seu ombro arrancou um pedaço de carne, que cuspi, não desejando provar a dele.

Drako se levantou, cambaleante, segurando o ferimento aberto e então caiu de joelhos no chão, voltando à forma humana com o braço ensopado de sangue e as costas arranhadas pelo asfalto.

### Era o meu momento!

— Axel, não! — Kamari gritou, usando tanto comando-alfa que meu lobo urrou de volta, rosnando para ela.

Minha fêmea correu na nossa direção. Drako ainda estava ajoelhado, urrando descontrolado. A luz foi cegante, Kamari estava outra

vez daquela forma que ficou na minha ascensão, quando a deixei dentro do templo e a perdi.

As íris prateadas ficaram tão claras, quase engolindo as pupilas. Entrei em pânico de que Luna a tomasse outra vez, que a roubasse de mim e o lobo cedeu a pele.

A carga gigantesca de poder que atravessou meu corpo me colocou de joelhos, de costas para Drako. Os poderes de Kami removeram todas minhas emoções, até a agressividade imensa do meu lobo, só restou o pensamento racional.

Passei a mão no pescoço, onde as garras perfuraram minha pele e podiam muito bem ter me matado. Matado a mim e a Kami, *e nossa cria*. Não havia mais feridas, ela me curou.

Drako *me venceu* e podia ter me matado!

Não matou porque não quis e parou de lutar, ao escutar o uivo de sua fêmea. Era por isso que estava arriado no chão, porque alguma coisa aconteceu com ela e o laço deles.

Quando Kamari se aproximou, Drako conseguiu respirar, as feridas de sua pele desapareceram, deixando apenas os rastros de sangue. Olhou-nos por cima do ombro e eu vi o final da sua transformação: suas íris estavam como as da minha parceira, prateadas com o anel dourado.

Blackthorn e Aesire.

— Ela vai morrer! — berrou e ficou de pé. Espalmando o peito, sobre o esterno, onde o laço de parceria ficava.

Os ombros murcharam e o olhar ficou vítreo, dançando de um lado para o outro, como se estivesse pensando mil coisas ao mesmo tempo. Ele estava obviamente *desesperado*, apesar da onda massiva do poder de manipulação de humor que Kamari usava. Era como se não surtisse o mesmo efeito nele.

— Eu não sei do que você está falando... não consigo mais ouvir seus pensamentos. — Kamari se aproximou mais dele, confusa.

Drako se afastou, não permitindo que ela o tocasse. Levantei-me e fui até ela, absorvendo as informações, sem o julgamento pesado da consciência de Fenrir ou a agressividade infinita do meu lobo.

Todas as memórias das coisas que fiz nessas últimas semanas, voltaram em um maremoto que avaliei racionalmente, sem a bagunça dos sentimentos no caminho: desde que desci da montanha, determinado a mover o mundo para dar paz à minha parceira; até receber os dissidentes no meu bando, contra a vontade dos metamorfos; a maneira como agi com todo o clã, impondo meu autoritarismo sobre os Blackthorn.

Tanto fazia que eles não fossem meu clã verdadeiro, eu era um alfa, o regente, e tinha obrigação de liderar pelo coletivo. Só que a verdade era: sempre tive que me obrigar a *querer* fazer parte.

Esse bando nunca foi o meu.

Eram *família*. E família a gente não escolhe. Bando sim. Os Dissidentes de Loth, um bando de Vagantes Selvagens imortais, foram mais meu bando nessas semanas, que os metamorfos, em toda minha vida.

Seguiram meu pai, quando passou pelo mesmo fardo que o meu, com Fenrir soprando em seu ouvido e incitando o pior dele. Esperaram que ele saísse do inferno, do qual nunca se livrou, até a morte. Seu destino foi o fracasso.

Loth tentou me matar, porque sabia exatamente o que me esperava, refazer seu caminho de destruição: ser um alfa da lua cheia, expulso dos Blackthorn; virar imortal e, provavelmente, perder minha fêmea — que era melhor que eu —, quando estivesse com nossa cria no ventre; para então me tornar uma besta desgovernada até a insanidade; como ele.

O tabuleiro foi posto e eu movi as peças *da mesma maneira* que meu pai.

O fruto podre não cai muito longe da árvore.

"Você não é podre! E eu *não vou* te deixar, Axel. Mas *só eu* não vou ser *suficiente*. 'O lobo solitário morre, mas o bando sobrevive'[5]." — Virou-se para mim, estendendo a mão para tocar a marca que fez em meu pescoço.

"Meu lobo é um assassino, com ou sem fardo, isso não vai mudar" — falei com Kami em pensamento, implorando por dentro que compreendesse e parasse de esperar que eu "melhorasse", que não fizesse comigo o que toda a multidão murmurando palavras mesquinhas, atrás de mim, fez a minha vida inteira. — "Isso sou eu, princesa, o insuficiente sou eu"

Drako urrou e apontou para mim, os olhos escorrendo lágrimas de angústia.

— Se Selene vai morrer, se ela *merece* morrer pelo que fez... — Tragou o ar, estremecendo inteiro, a pele fumegando, prestes a ceder para o lobo. — Você também *merece*, Axel!

Drako estava em *agonia*, urrando e puxando os cabelos desde a raiz. As patas transformadas, o corpo nu pintado com o sangue que arranquei dele. Socou o domo de poder de Kamari, que o aprisionava ali dentro e o impedia de correr atrás da fêmea, que uivou um pedido de ajuda.

Sem a hostilidade de Fenrir e do meu lobo, conseguia compreender sem julgar. Raciocinar em paz. *Como* Drako sentia qualquer coisa, apesar do poder de Kamari, era a questão.

No entanto, não tivemos tempo para ruminar isso, pois ouvimos as corridas de um bando se aproximando, em velocidade, da nossa fronteira.

Dois lobos deltas que faziam parte do grupo de elite chegaram primeiro e foram até Bogdan. Ele explodiu no lobo gigantesco, cinzaclaro, passando por fora do domo, para proteger seu novo alfa: Drako.

Os metamorfos foram se transformando e formando um semicírculo em torno da redoma, todos eles com os pelos muito mais

claros do que eu me recordava.

Mais Aesire que Blackthorn.

O que estava acontecendo?

O poder de Kami foi desfazendo aos poucos e minhas emoções voltaram na minha cara, feito um elástico, socaram-me no peito e meu lobo tomou a pele agressivamente.

Parei ao lado de Drako, que também se transformou, rosnando comandos-alfa para o bando que o seguia. Silêncio total, não ouvia nenhum deles. Até que meus dissidentes se transformaram, parando em formação de matilha atrás de mim. Kami à minha direita, entre mim e Drako.

— Espera! — minha fêmea urgiu. — Eles não são inimigos! São lobos *Lunari*! — Cobriu a boca com as mãos, lendo as mentes deles. — O fardo acabou para eles, Axel! A morte de Paul os libertou.

"Funciona, alfa! A profecia é real." — Ivar enfiou aquele pensamento na minha mente e meu lobo vacilou com a pontada de dor, ao ouvir falar de Paul.

Ele foi o sacrifício que liberou todo um clã da maldição.

"Sabe o que isso significa, Ax?" — meu beta questionou, em tom de pesar.

Sim. Sabia, sim.

Olhei para trás, para as escadas na frente da casa do alfa. Rulf e Kaleb, estavam na forma humana, protegendo a loba branca de Layla e minha avó, Astrid. Os descendentes de Jonah foram excluídos do bando que seguia Drako.

Então olhei sobre o outro ombro, para Ivar.

Para nos livrar do fardo, um deles precisaria morrer. Minha vida estava ligada à de Kami e a da cria que ela carregava. Eu *merecia* morrer, conforme Drako havia dito, mas não se isso significasse levar minha fêmea e cria junto comigo.

*Um deles* morreria!

# TRINTA E NOVE



Drako Aesire

Escutei o uivo agoniado da loba de Selene. Empurrei Axel de cima de mim com toda minha força e meu lobo retraiu, entregando a pele, estrebuchando dentro de mim, como se estivesse morrendo. Gania e uivava de volta.

Um choque elétrico tensionou todos meus músculos, partindome ao meio e me colocando de joelhos. Caí, ofegante, segurando a ferida aberta onde Axel arrancou minha carne. E então senti os poderes de Selene me abraçarem.

Mas não era Selene... não, era Kamari.

Não, não, não! Eu não tinha força para me levantar, o lobo ainda se recusava a tomar a pele, amuado, curvado em si mesmo, com um sofrimento tão denso, que era debilitante. Mas precisava, porra, precisava ir atrás dela.

A dor cessou e, por isso, doía ainda mais.

A ausência da dor constante, aquela queimadura na carne a porra do tempo inteiro, era uma agonia por si só. Havia me acostumado com a sensação incômoda. Se era aquilo que me conectava a Selene, suportaria a vida inteira.

Parceria não deveria ser dolorosa, mas era a que tínhamos.

Sabia que Selene estava mentindo quando disse que ficaria. Estive de acordo com seu plano altruísta, com uma espécie de certeza masoquista de que, quando ela morresse, eu também iria. Nossa parceria era quebrada e incompleta, mas existia.

Passei a mão em meu pescoço, procurando, pela primeira vez, as cicatrizes da marca de seus dentes. Selene a tocava o tempo inteiro, relembrando a nós dois que, por mais que eu não pudesse marcá-la, minha parceira tomou posse de mim. Contra sua vontade, em Fúria descontrolada, mas *eu era dela*.

Não estavam ali! As cicatrizes não estavam ali!

Ela já estava morta?!

Não, não!

Luna, por favor, eu entendi, juro! Vou fazer o que pediu, vou salvar ela, vou fazer a merda que você quiser, por favor! Caralho! — implorei para a deusa, literalmente de joelhos.

Nenhuma resposta, a ausência do laço ficava mais e mais latente e latejante.

Levantei-me num impulso, cuspindo meu ódio feito veneno.

— Se Selene vai morrer, se ela *merece* morrer pelo que fez... — traguei o ar com dificuldade. Apontando para o alfa que segui por meia vida. — Você também *merece*, Axel!

O cara que foi meu irmão a vida inteira não era *aquilo ali*. Um imortal fodido, *fedendo* a carne em putrefaço! Não! Esse era meu inimigo, que queria matar minha fêmea!

Selene tinha certeza de que seu destino era morrer nas mãos de Axel, mas só por cima da porra do meu cadáver! E esse filho da puta não era páreo para mim!

"Ele morre primeiro!" — meu lobo concordou e queria tomar a pele, para continuar a luta.

Selene foi embora para matar Paul. Mataria Axel, antes que ele fosse atrás dela. *Roubaríamos* algumas décadas! E que se fodesse profecia, fardo de sangue e os deuses malditos!

Os filhos que tivéssemos, se tivéssemos, seriam os únicos Aesire a terem um fardo. Eu podia aguentar e obrigaria Selene a virar mortal outra vez. Nós podíamos fazer isso, podíamos...

Só mais um pouco!

Meu peito latejou com o coração partido, tentando expandir para preencher aquele espaço vazio, onde antes ficava a queimadura com o nome de Selene dentro de mim.

Só mais um pouco, porra!

As passadas pesadas de dois lobos fizeram Axel observar a tudo e me ignorar. Bogdan explodiu no lobo, escutando a mensagem que eles tinham para dar. Então ouvi as passadas múltiplas dos invasores.

Axel e eu nos transformamos outra vez, dessa vez com outro inimigo para atacar.

"Drako!" — A voz mental de Bogdan chamou minha merda de volta para o presente.

Quem eram esses filhos da puta invadindo meu território, andando de mansinho, ressabiados, ao verem o grupo imenso e heterogêneo atrás de mim?

— Espera! — Kami berrou. — Eles não são inimigos! São lobos Lunari! — Cobriu a boca com as mãos, arfante. — O fardo acabou para eles, Axel! A morte de Paul os libertou.

Paul estava morto?! Então onde estava Selene?!

— Eles não querem desrespeitar, estão tentando tomar a pele de seus lobos, mas é difícil, *muito difícil* para eles — Kamari explicou, parcialmente escondida atrás de Axel.

Eu não tinha tempo para essa merda! Saí em disparada na rua de baixo, correndo atrás do rastro de Selene. Bogdan tentava manter o passo junto comigo e, mesmo com sua envergadura gigantesca, não conseguia me alcançar.

Eu sempre fui veloz, mas, depois que Luna me transformou, fiquei muito mais. Farejei-a, e o cheiro de cio me deixou encolerizado, desesperado para chegar à minha parceira. Se eu não a cobrisse, ela perderia a forma para sempre, viraria uma feral.

Não, porra, não!

Passando pelo portão oeste, senti os traços, não apenas do cheiro dela, mas daqueles fodidos Tyrant que a seguiam como cachorrinhos. Eles não tinham o direito de tocá-la! Aquele bando de machos que a rodeava não a respeitaria, eles abusariam dela!

Puta que pariu!

Mal conseguia respirar, agoniado, preparado para arrancar sangue de qualquer um.

"Drako!" — Bog berrou em minha mente.

"Eles a levaram! Ela precisa de mim!"

No Calor, Selene não era páreo para ninguém. A não ser que deixasse alguém cobri-la, até passar. Ciúme e possessividade me consumiram.

Para onde a levaram?

Paul estava morto. Axel estava aqui e Selene sabia disso. Só restava um: Tyre! Nova Iorque, ela iria para Nova Iorque!

Foi então que alcancei o local em que a dupla de Tyrants acamparam por todos esses dias e vi os rastros de pneus no chão. Travei minhas passadas, observando a trilha se perder. Eu não podia *correr* atrás deles até Nova Iorque! Não com podia entrar naquela porra daquela cidade transformado!

Bogdan me alcançou, finalmente. Atrás dele, Leah e Luther, os metamorfos que eram os mais fortes, depois do meu melhor amigo. Ainda conseguia ouvi-los, o que significava que não escolheram Axel como alfa.

Não houve uma decisão consciente de eu ser o líder deles. Até ontem à noite, metade deles nem me viam mais como um "deles". Mas bastou Ax regressar, para a divisão acontecer. Era por isso que não havia dois alfas em um bando, porque uma parte do bando acabava escolhendo um alfa para obedecer, a não ser que um deles dobrasse o pescoço e rasgasse o peito.

Eu não faria, muito menos ele. Um de nós precisaria ser exilado.

"Tenho que ir atrás de Selene, ela tá fugindo de Axel e caçando Paul, para acabar com o fardo de Sangue. Ela não sabe que Paul morreu" — comuniquei-os, mas seus lobos não compreendiam toda a mensagem. Porra! — "Vamos voltar!"

Isso eles entenderam e me seguiram. Transmutei para as quatro patas, mas não aliviei minha corrida, mesmo que eles estivessem dando seu máximo, as línguas penduradas, e um pouco desnorteados com toda a bagunça.

O descanso estava muito longe de chegar.

Quando retornamos para a rua principal do Caern, apenas dois lobos Lunari haviam conseguido voltar à forma humana, os outros estavam em algum nível de transmutação, que parecia extremamente dolorosa, entre as quatro patas e a forma bestial, com partes humanas: braços, rosto, mãos, em corpos de lobisomens, ou nas quatro patas.

Parecia, de fato, uma Fúria invertida, quando os lobos não queriam entregar as peles e o bando precisava ajudar o humano a encontrar o caminho. Para os metamorfos era mais fácil. Axel ficou semanas aprisionado na forma do lobo e matou o antigo beta-regente que tentou lhe ajudar.

Não tinha tempo para ver como aquilo desenrolaria.

O Lunari que conseguiu se transformar de volta, estava de joelhos no chão, rasgando o peito para Axel. Merda! Era tudo o que ele *não* 

precisava, mais lobisomens em seu bando de desajustados.

Voltei à forma humana e fui na direção dos dois. Meus punhos cerrados doíam, do tanto que os apertava fechados, a raiva percorria minha carne e fazia a dominância ficar hostil, tão hostil, que o alfa Lunari, prestando homenagem a Axel, transformou suas presas, e seu rosto transmutou entre ambas as formas, feito flashes.

Isso acontecia com Ax, quando ele estava a um fio de cabelo de perder sua merda.

Se não fosse por Kamari e os poderes — que se assemelhavam aos de Selene — nos envolvendo, não teria sido capaz de me impedir de cair na porrada com Axel outra vez. Para mim, a capa saturada de calmaria que a keepa delineava, como um campo de força ao redor de seu parceiro, não passava de uma sugestão. Nele, era como se o robotizasse.

 Você está no meu território, recebendo novos membros para o seu bando? — rosnei, encolerizado com a arrogância.

Ax não rosnou, apenas me encarou com seus olhos transformados e as presas retrocederam.

— Os metamorfos escolheram te seguir, mas aqui ainda é o *Caern Blackthorn*. Eu sou o alfa Blackthorn, *Drako Aesire*. — Soou apático, centrado, como jamais esteve. Não era implicância, apenas a constatação de um fato.

O sibilo invertido foi coletivo, mas o choque maior foi meu. Metade dos metamorfos veio na minha direção, entrando na formação de bando, atrás de mim. Um gesto que se traduzia como "foda-se". A outra metade estava apavorada, por medo de perderem suas casas, tudo o que conheciam.

Mais da metade do meu bando nunca havia sequer saído desta montanha. Na outra, a maioria não tinha ido além da cidade vizinha. Os únicos que se aventuravam do lado de fora eram os guerreiros do grupo de Luther, mas o mais longe que foram, era Winnipeg, na missão de resgate.

Se Axel quisesse expulsá-los, eu os recusaria. Não tiraria ninguém de suas casas.

— Nada disso me importa agora, tenho problemas maiores. Selene ia matar Paul, para livrar os Lunari do fardo de sangue, antes de se sacrificar. — Virei-me para o macho selvagem. — Aparentemente, os Lunari já se livraram do fardo, ou seja, Paul está morto, não é isso?

A estrutura corporal do macho selvagem era massiva, feito Bogdan, exceto que ele parecia um fodido homem das cavernas. O cabelo comprido desgrenhado, embolado, a barba longa, que, provavelmente, jamais havia sido raspada e a pele marrom clara, indicando algum tipo de ascendência indígena.

— Ele não consegue entender o que você está dizendo, eles... eles são basicamente *ferais*, não conhecem nenhuma língua, ele pensa em imagens, como os lobos. Curvou o pescoço e rasgou o peito para Axel, por respeito, porque ele era o alfa mais forte presente — Kamari explicou, olhando para a meia dúzia de lobos marrons, com piedade, os olhos pálidos-prateados como os da minha fêmea. Abraçou a si mesma e Axel, instintivamente, puxou-a para si, colando-a em seu peito. — Vieram até aqui a mando de Luna, para ajudar na guerra. Eles... eles querem se reconectar com os humanos dentro de si. Esses são os únicos que ainda lembram do humano, os outros são animais, não conseguem mais retornar.

Meu bando foi voltando à forma humana e lamentando, junto com Kami, sobre a condição dos lobos marrons que continuavam tentando tomar a pele. Era triste de ver, mas não era meu problema!

- Eu não tenho tempo para isso. *Minha parceira* está indo em uma missão suicida contra Tyre, sozinha! Apontei na direção da entrada principal do Caern.
- Ela tem um bando de caçadores Axel parecia uma porra de máquina.

Kamari havia desligado seus sentimentos, para que ele conseguisse *conversar*, sem que brigássemos. Era algo positivo, uma vez

que ele queria matar Selene e eu salvá-la, ainda assim, deixava-me desconcertado, aumentava a profundidade do abismo entre nós.

Não mais, a maioria morreu quando os vermelhos invadiram o complexo em Winnipeg...
 Lembrei-me dela chegando aqui, esfaqueada por um dos humanos, e as memórias que a loba me mostrou, dos outros lupinos brigando com ela por comida. Fiéis, só restaram os brinquedinhos Tyrant.
 Agora só tem ela e mais dois, eles não vão cumprir a missão.

Olhei ao redor, para aquela mistura: dois lobos Tyrant compunham os Dissidentes de Loth, o bando de Vagantes Selvagens, que agora pertencia a Axel. Meia dúzia de Lunari ferais e alguns Blackthorn. Os metamorfos eram a mescla dos remanescentes Aesire, com sangue humano ou Blackthorn. Kamari e Layla eram lobas Aesire.

E eu? Não fazia ideia do que Luna havia me transformado. Mas nem os poderes de Selene e nem os de Kami funcionavam em mim, da mesma forma que nos outros.

Eu não era mais um Blackthorn? Era mesmo um Aesire?

Neste momento, só o que me importava era achar minha fêmea. O vazio da dor me agoniava demais. Passei a mão no pescoço outra vez, a cicatriz da mordida dela havia desaparecido.

— Todos aqui estão presos ao fardo de sangue, querendo ou não. Mesmo aqueles que não sentem na pele, ainda são ameaçados por aqueles que tem. Um lobisomem imortal é mais forte que um mortal, muito mais forte que um metamorfo. Ou seja, estão sob ameaça constante. — Virei-me para o grupo dos metamorfos. — Se vocês querem ser um bando só de vocês, precisam saber... Selene foi castigada por Luna, perdendo todo o seu clã, mas a deusa não os matou. Todos que nasceram metamorfos são descendentes dela, dos Aesire que a deusa poupou.

Axel cruzou os braços no torso nu, nada surpreso.

Expliquei para o bando, que ficou amedrontado com a notícia, os que haviam retornado à forma humana passariam o recado adiante, para

os que não conseguiam tomar as peles com tantos alfas presentes. Esses enfiaram os rabos entre as pernas e as orelhas desceram, pressentindo o perigo das minhas palavras: um chamado para a guerra.

— Todo o julgamento de vocês, por todos esses anos, foi hipócrita. E estou me incluindo nesse meio. Nós não fomos *abençoados por Luna* por não termos o fardo. Ela transformou o clã que mais se corrompeu, em metade do que os outros clãs são: apenas a forma animal, a transformação completa, onde somos mais fracos. Nós fomos um castigo da deusa.

"Os metamorfos Blackthorn são os Aesire que Luna teve piedade, sim, mas essa é a segunda chance deste clã. Minha parceira... — Trinquei os dentes, invadido por uma culpa tremenda, por tê-la julgado tão severamente no início. — Minha parceira *merece* uma segunda chance também, principalmente porque ela quer se sacrificar *por vocês*.

— Ela é a única com o sangue Aesire. Kamari não tem o sangue dela, nem Layla e *nem você*. Ou seja... — Axel se meteu. Envolvendo Kamari e espalmando a barriga dela.

Olhei para as íris prateadas, com o anel dourado ao redor, de Kamari Blackthorn. E ela assentiu para mim, confirmando o que o gesto de Axel representava. Ela estava carregando uma cria. Uma cria que nasceria com o fardo de sangue duplo. Aquele que apenas Selene podia quebrar.

Diante dessa informação, eu era golpeado duas vezes. O primeiro golpe: Ax já tinha motivos para querer minha fêmea morta, por tudo que ela fez para atiçá-lo e garantir que morreria pelas mãos dele e, agora, sua cria dependia disso. E o segundo golpe era: matar Axel significava matar Kamari e *um bebê*!

Não havia saída... Precisava ganhar tempo.

— Tyre é o único de seu *sangue*, ele precisa morrer para acabar com o fardo de sangue dos Tyrant. Minha... — Cobri a boca, a mão fechada em punho e funguei, para me acalmar. — Minha parceira está presa no Calor e a loba dela já era quase feral, antes disso, ela precisa de

um bando para tomar a pele de volta. Ela... Não é uma morte justa, não assim. Ela precisa de ajuda, a nossa ajuda, para completar a missão e matar Tyre.

Menti, manipulei a verdade em meu benefício. E estava pouco me fodendo.

- *Eu* preciso de ajuda admiti, sem me importar em ser um alfa, não daria comandos, obrigando-os a irem junto comigo.
- Vamos matar Tyre Tyrant. Ele me deve, por ter mandado o bando dele atrás da minha parceira. Mas, Drako, você sabe o que vai acontecer depois disso o Axel-robótico falou comigo, sem soar ameaçador, apenas racional, e isso só fazia ser pior.
- Tira esse véu dele, Kamari. Ele tem que me dizer com todas as letras o que tem que acontecer com a minha fêmea, sem a sua manipulação rosnei um comando-alfa, que a pegou de surpresa pela hostilidade.

Minhas presas desceram e a vi ficar atordoada. O domo de poder foi apagando gradualmente. Kami era uma alfa e, ainda que eu fosse mais forte, seus poderes não faziam parte do pacote.

Não me prendi a essa informação, pois notei o exato momento em que Axel Blackthorn recobrou suas emoções. As íris, já amareladas, acenderam-se como faróis, e as presas dele alongaram. A mão transmutou para uma pata animalesca negra e os Lunari, que não conseguiram voltar à forma humana, posicionaram-se atrás dele, junto dos dissidentes. O bando dele dobrou de tamanho, em um piscar de olhos.

Seria um massacre se brigássemos aqui e o real inimigo estava lá fora, prestes a colocar as patas em Selene. Axel pareceu compreender minha linha de pensamento e assentiu, soltando:

Tyre primeiro, depois nós continuamos de onde paramos,
 Aesire. — O desdém na voz dele escorria feito óleo na brasa.

Soube ali que, talvez, um de nós não retornasse com vida para este Caern. Por isso, quando Bog quis me seguir para a garagem, junto com os dissidentes e os lobos Lunari, impedi-o, pedindo que ele ficasse e protegesse os metamorfos, caso eu não retornasse.

Minha marca havia desaparecido. Se Selene morresse, eu não saberia.

Mas, se ela estivesse morta, talvez eu não quisesse sobreviver. Laço de parceria ou não, ela era minha *parceira destinada*.

E parceiros destinados viviam e morriam juntos.

## QUARENTA



Kamari Blackthorn

Axel estava indo para a guerra!

Meu coração congelou no peito, quando segurou meu rosto entre as mãos e colou a testa na minha. As respirações baforadas, pesadas, e seus e seus olhos amarelo-cintilantes, focados nos meus, passavam uma mensagem: "que eu ficasse e não tentasse segui-lo".

Neguei, tentando convencer a nós dois, mas era uma causa perdida. Envolvi seu pescoço com um braço, puxando-o para baixo e a outra mão cobriu o rosto barbado, que amava sentir nas palmas.

"Você não pode ir comigo, Kami, não pode arriscar nossa cria." — Seu pensamento digladiava entre uma súplica e uma ordem furiosa.

Alisei a barba manchada com sangue de Drako e tive medo de que eles se matassem, antes de encontrarem Selene. Ou que a encontrassem morta e isso fosse pior, para ambos. Axel queria matá-la com as próprias mãos e Drako... o urro de agonia dele ainda me fazia querer vomitar.

"Os Lunari precisam de um tradutor. Você não lê mentes..." — tentei mostrar que, mesmo que eu não fosse útil em uma batalha, seria na comunicação. Além do mais, agora eu conseguia usar meus poderes.

"O alfa rasgou o peito. Posso ver o que pensam."

Ax colou os lábios em minha testa, sua barba pinicou e fez minhas entranhas revirarem de temor. As palmas brutas desceram pelas minhas costas, pressionando-me contra si. Ao seu redor, aquela aura preta de Fenrir compelia todos a se afastarem. Uma força imparável. Como meu Ax e seu lobo.

Uma espécie de desespero desforme me possuiu, ao pensar no que os deuses planejaram para o destino do meu companheiro. Por que o escolheram para passar por tantas provações, desde que era um menino?

Entretanto, também me restava uma certa dose de fé de que ele era capaz de superar todas as expectativas, de exceder seus próprios limites.

Não compreendia por que Luna fazia as coisas do jeito que fazia, mas, estando dentro da mente de tantos membros de clãs diferentes, unidos em um propósito, conseguia entender onde essa tal profecia queria chegar. União.

Olhei ao meu redor e vi alguns metamorfos ainda transformados, as patas traseiras ariadas, os rabos entre as pernas, observando a movimentação dos mais valentes, que se prontificaram a ir com Drako para uma batalha quase suicida.

Junto dos Blackthorn, os Dissidentes de Loth. O bando que abraçava meu parceiro e que precisava ser liberto de seus fardos de sangue, eram soldados fiéis, prontos para morrer pelo seu alfa: o pai e agora o filho. E mereciam essa redenção, pois foram liderados para a imortalidade, seguindo, cegamente, um líder feroz.

E os Lunari selvagens, que Luna mandou na direção *de Axel* — não de Drako —, para que ele os liderasse e tivesse todo o arsenal que precisava para a batalha final.

Todo o grupo misto dos quatro clãs, uniu-se para encerrar o fardo de sangue. Mas a qual custo? Realmente a paz só vinha depois da guerra?

"Ax..." — chamei meu parceiro em pensamento, pois deixaria nas mãos dele a escolha mais difícil. Eu o esperaria da forma que viesse, aceitaria *meu destino*. Mas já não era apenas eu. — "Sei que odeia Luna, que acredita que ela te amaldiçoou. E ela pode não ser benevolente, como conta a lenda, mas é *justa*." — Ao me ouvir em seus pensamentos, o lobo rosnou, rebelde, reverberando na garganta de meu parceiro, o homem que eu amava. — "Ela foi muito mais severa com Selene e Drako. A marca dele sumiu. Eles não estão mais ligados. Não consigo ler os pensamentos dele e talvez nem ele saiba o motivo ainda, mas você precisa saber."

"Ele é um Aesire, como você e aquela filha da puta... Drako tem poderes?"

"Não sei, acho que nem ele sabe, mas isso é uma vantagem, caso os dois tenham poderes... Não vou te pedir pela vida de Selene." — Tive que fincar as unhas em sua barba, impedindo-o de se afastar, pois antecipou aonde eu chegaria e não queria ouvir. — "Você ainda sente, ainda se importa! Por mais que tente negar, eu vejo. Drako é seu amigo. Ainda é um companheiro de clã, seu beta, que se dane o sobrenome de bando. Matar um inimigo é diferente de matar um amigo. É a fronteira que você ainda não cruzou, uma que é irreversível. E Drako, ele está apaixonado por ela, como você é por mim. Mantenha isso em mente, antes de ceder aos impulsos, ok?"

Era a decisão final, o fim dos tempos. Para o bem ou para o mal, essa batalha mudaria todo o futuro da espécie.

— Kaleb! — Axel chamou meu pai, transmutando os olhos para o amarelo-humano, trancando-me do lado de fora, a fim de encobrir a mente e não me dar uma resposta.

Não mentiria para mim, nunca mentiu. Estava decidido a pagar *qualquer preço* para se manter vivo, pois isso garantiria a minha segurança e a do bebê.

Meus olhos aguaram e o nó em meu estômago não tinha nada a ver com a gravidez. A qual eu ainda tinha minhas dúvidas. Testes de farmácia não funcionavam em lupinas, mas todos acreditavam, tanto, que eu estava grávida, que comecei a acreditar também.

Os sinais apresentavam mais cedo, pois o tempo de gestação era menor para as lupinas mortais: metamorfas ou lobisomens. Então eu *poderia* estar grávida. E, se estivesse, Axel beijando-me para se despedir, antes de me entregar nas mãos do meu pai, era um risco que corria por três: o bebê, ele e eu.

Meu parceiro era poderoso. Tinha Fenrir o assombrando, soprando em seu ouvido e corrompendo todas suas decisões mais cruéis, mas Luna *fez* Drako. O novo campeão dela, uma vez que Fenrir roubou Axel para si.

Sequei a primeira lágrima que escorreu em meu rosto, mas outras a seguiram, descendo em torrente, ao ver meu parceiro destinado ir na direção da garagem, para a guerra.

Kaleb me envolveu com um braço passado em meus ombros, puxando-me para o seu peito. Nos últimos dias, não conversamos muito. Via seus olhares cautelosos, a espera muda, a compaixão e o *orgulho*. Orgulho de pai.

O ex-regente de paz dos Blackthorn tinha a presença de um líder. Um alfa de verdade fazia o que era melhor pelo coletivo. Por isso, ofereceu o posto ao mais feroz, quando o bando necessitava.

— Queria ter te abraçado quando você nasceu — Kaleb sussurrou para mim e me fez estremecer no abraço que chegava com vinte e um anos de atraso. — Ou quando desistiu de fazer amizades e ficou rebelde, solitária... Como não ficaria, longe do seu bando? — A fala saiu rouca e entristecida e me fez chorar mais.

Kaleb Blackthorn, o alfa, era a muralha de segurança que Malena prometeu que seria. O pai que nunca pôde ser para mim, sempre foi para todos. E, aqui, pedia desculpas com essas declarações.

— Mas, principalmente, queria nunca poder ser capaz de te abraçar, que você jamais tivesse de sentir isso que está sentindo agora, minha filha. Ver seu parceiro destinado seguir um caminho difícil e não poder ajudar, *prover*, é extremamente dolorido. Mas não se compara ao que sentimos pelas nossas crias. Nem de longe.

Ergui os olhos, observando as íris amareladas que herdei. O cabelo curtinho, grisalho, era muito discrepante da figura. Ele não parecia ter idade para ser meu pai, mas, olhando para os fios brancos no cabelo e na barba, compreendia que talvez tivesse até mais.

— Tentei poupar meus filhos, os dois. Você, de viver perseguida, cobiçada pelos piores dos piores. E ele... de se tornar a pior versão de si mesmo. Falhei com ambos.

Finalmente o abracei, pois o aroma que vertia de sua pele era de lar, de familiaridade e amor incondicional. Kaleb era muito mais controlado que Axel, em nenhum momento impôs dominância. O tom de voz veio recheado de outro sabor: a sabedoria e culpa de um pai.

- Queria que tivéssemos tido tudo isso, ainda podemos murmurei, a voz pequenininha, em meio ao nó que contraía minha garganta dolorosamente, porém, obviamente me ouviu.
- Claro que podemos. Apertou-me em seu abraço e beijou-me na testa, feito uma benção.
- Kami... Minha mãe acariciou meu cabelo e Kal abriu seu outro braço, puxando-a para nós, sem me soltar, mas sem ser egoísta com toda a saudade.

Saudade do que jamais tive, um pai, e do que sempre tive e poderia ter perdido, minha mãe. Fomos um bando de duas por uma vida inteira, agora, havia um monte de incerteza e o odor de medo remanescia pelo Caern. Mesmo assim, não me sentia mais sozinha.

— Vamos entrar... — Kaleb falou, soltando o abraço aos poucos, muito antes do que gostaria, mas não pedi por mais.

Tive medo de parecer uma garotinha carente, algo que jamais me permiti. Transformei a falta que ele fez em revolta, e, naquele momento, só queria ficar em paz com minha família e focar toda a preocupação em Axel e na possibilidade de realmente estar grávida. Meu pai deu alguns passos na direção da casa do alfa, segurando minha mãe pela mão. Mas parou, quando viu que não os segui.

— Eu vou... — Apontei com o polegar sobre o ombro, para a parte baixa da rua, para o templo de Luna. — Vou...

Nunca tive religião quando pensei que fosse humana. Uma vida inteira atrás. Por isso, os olhos da minha mãe se esbugalharam, ao compreender que eu precisava ir orar e pedir ajuda a mesma deusa que selou todo esse destino, de forma tão intensa.

Dei alguns passos de costas, distanciando-me dos meus pais, mas fiquei surpresa quando Kaleb retornou e me deu um sorriso miúdo. Segurou meu ombro, virando-me com delicadeza. Meus olhos aguados, ardidos de choro, tornaram a se encher, com a sensação de paz que ele me causava.

Era ridículo que uma mulher adulta, a parceira de um alfa, uma "tocada por Luna", precisasse de reafirmação de um pai para validar as atitudes. Mas havia limite para desejar suporte dos pais?

— Eu vou contigo. — Ainda segurando a mão de sua parceira, caminharam em silêncio, à minha direita.

Não sabia muito sobre os costumes dos lupinos, mas isso eu havia aprendido: a direita era reservada para seus betas, seu suporte na vida.

Ao chegarmos à frente do templo, os vidros da fachada refletiam minha meia-lua. Daqui dois dias, passaria pelo meu segundo ciclo de lua cheia como lupina. Uma vida inteira em algumas semanas.

Adentrei o prédio com passadas incertas. As fileiras de bancos rústicos estavam parcialmente preenchidas e muitas cabeças viraram para trás, para me olhar. A mim e minha família. Eles eram tão descendentes de Selene e Jonah quanto eu, mas o bando dividiu.

A ordem das coisas foi bagunçada depois da minha chegada e Drako estava certo. Este bando foi meu por um instante, tão breve quanto um piscar de olhos. Então Drako me escolheu como sua alfa e minha conexão com eles se perdeu. Se recusaram a liderança de Axel, o que pensavam de mim?

Ergui o queixo e enquadrei os ombros, caminhando para as fileiras da frente, onde não mais os veria.

Bogdan estava sentado sozinho no banco da primeira fileira, enquanto Malena corria de um lado para o outro, mobilizando pessoas, dando comandos de onde as coisas deveriam ficar.

— Posso me sentar aqui? — falei com o gigante.

Seus orbes cinzentos me atingiram, feito uma nuvem de tempestade. Mas o curvar leve de seus lábios brutos, o nariz quebrado e a expressão suave, contavam-me outra história. Não era ou queria ser meu inimigo.

— Não sabia que você acreditava na deusa, mas deveria saber que sim. É o avesso de Axel em tudo.

Ele se encurvou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e buscou Lena, como se estivesse imantado a ela. O amor entre eles era visível, mas ainda não havia uma linha de parceria os ligando. Não como a dos meus pais, brilhante e intrincada, feixes de luz formando uma linha. Ou como o cabo de aço que havia entre mim e meu Axel.

Não tive opção de não acreditar, ela falou comigo por sonhos e usou meu corpo por dias. Luna me ajudou a amadurecer rápido nessa coisa de me tornar uma lupina da noite para o dia — refleti, lembrandome de todas as vezes que garantiu que podia confiar minha vida a Axel.
E sei que, nós dois concordamos, ser parceira de Axel foi a melhor decisão que ela poderia ter tomado. Luna deu ao Axel os melhores parceiros que iria precisar. O que inclui seus betas. Não somos os melhores em tudo, mas somos os melhores para ele, não concorda?

Bog abaixou o olhar e seu cenho franziu, bem como os músculos hipertrofiados tensionaram, sob o tecido esticado da camisa que mal o comportava.

- Não fui eu, Kami. *Meu lobo* escolheu Drako. Porque ele é melhor para o meu bando. Mas o Ax... ele é *meu irmão*. Trincou o maxilar e o aroma que bruxuleou dele para mim, feito fumaça, foi o de honestidade e culpa.
- Nossos lobos tomam decisões que não sabemos o motivo. A minha nunca mostrou o pescoço, nunca me permitiu rasgar o peito. Se Axel não me amasse, ou a você, o lobo dele teria nos feito em pedaços.
- Ax é meu *irmão* e eu tô vendo ele se *destruir*... Ele virou um *imortal*. Sempre teve *medo* disso, porra! A ira na voz de Bog se mesclava ao aroma ácido da culpa, como se fosse responsabilidade do beta *impedir* Axel de alguma coisa. Não era assim que funcionava o livrearbítrio. E, agora, eu virei um fodido traidor, tive que sacrificar a minha relação com meu alfa, escolhendo outro, porque o *meu bando* precisa "do outro". Drako... ele ficou forte *pra caralho*, nem faz ideia do quanto. Só que também é acasalado. A fêmea vem primeiro, nós já vimos essa história.

Focou os olhos em mim, não como quem me culpava por Axel ter descarrilhado, mas como quem me deixava saber que eu fui o motivo do regente abandonar o bando. Então suspirou e voltou o olhar para o altar, onde Malena nos observava com carinho, e prosseguiu:

— Alguém tem que fazer o sacrifício de não ter essa ligação, de colocar *o bando* na frente. E eu posso *escolher*.

O sentimento era de desamparo, mas também havia uma parceria ali. Malena anuiu para o grandalhão, de cima do púlpito, segurando algumas velas aromáticas nos braços, antes de depositá-las em uma ordem específica no chão. Os dois trancaram os olhares e houve uma espécie de diálogo, um acordo entre os dois: "depois da guerra".

Malena era a futura alta sacerdotisa da deusa, ela também tinha obrigações com o bando, antes de si mesma.

— Eu *sinto muito*, Bogdan. — Segurei o antebraço musculoso. — Todos nós precisamos fazer sacrifícios.

"Alguns sacrifícios são maiores que outros, criança." — A voz de Luna, que, no início, confundia-se com a minha loba, ecoou em meus pensamentos.

Olhei sobre os ombros e vi meus pais, sentados atrás de mim, guardando-me. Um braço de Kaleb passava por cima dos ombros de Layla e seus dedos alisavam sobre a camisa de mangas longas dela, enquanto beijava sua têmpora. Tanto amor... eles também fizeram o pacto que Bogdan e Malena fizeram, de esperarem para ficarem juntos.

Fui o sacrifício de Layla e Kaleb, para me manter a salvo. Assim, Aretha se sacrificou ao abandonar Loth, por Axel. Agora que tinha uma cria dentro de mim, compreendia que nenhum preço era alto demais e que eu faria o mesmo, se fosse preciso.

Mas não seria, Axel faria as escolhas certas.

## QUARENTA E UM



Axel Blackthorn

O Lunari estava fedendo pra caralho.

No banco de trás do carro em que eu, Ivar e Ros estávamos, atravessando o Canadá de uma ponta a outra, até entrarmos nos Estados Unidos por Buffalo e seguir para Nova Iorque, o ar-condicionado intensificava muito mais o cheiro de mato e lama.

Um dia e meio de carro, sentindo o cheiro desse filho da puta, estava me tirando do sério! Meu lobo estava alucinado, rondando minha mente ininterruptamente, sem me deixar dormir. Todas as vezes que trocava o turno de direção com Ivar e minhas mãos liberavam do volante, tinha vontade de jogá-lo pela janela.

Ros, a beta que era descendente de Ivar, estava ao lado dele, rindo feito uma garotinha — o que não era seu normal, até então.

— O problema não é o cheiro e você sabe! — Ivar finalmente falou, quando entramos na cidade cinzenta em que os Tyrant viviam.

Uma fodida floresta de prédios.

Grunhi para que Ivar calasse a porra da boca e me deixasse em paz. O beta do meu pai... *meu beta*, parecia me ler feito um maldito livro e eu sabia que usava a experiência que teve com Loth para me conduzir. Odiava saber que me comparava com meu pai, mas era a verdade. E nunca menti para adoçar nada, nem para mim mesmo.

Mas o pior, o que realmente me enfurecia, era o tanto de vezes que estava certo. Ignorou meu resmungo e continuou, como se eu não o tivesse interrompido:

— O problema é o seu antigo beta, que agora é um alfa poderoso e aquela briga. Você não é acostumado a perder... nenhum alfa é. Ego é uma merda! Bem-vindo ao mundo dos *normais*, Lothson. — Gargalhou, irônico.

Minhas unhas se transformaram em garras, por isso, entrelacei os dedos, para me impedir de rasgar sua garganta. O Lunari grunhiu, como quem questionava a mudança de cheiros. Era mais animal que humano, ainda. E eu só esperava que conseguisse segurar a forma humana, senão, destruiria o carro.

Pela primeira vez na minha vida, o lobo beirando a selvageria, não era o meu. Quer dizer, não *apenas* o meu.

— Drako tem poderes, ele é rápido e tem a cura muito mais acelerada que a de qualquer outro, mas eu tenho força! No futuro, não vai se repetir.

Admitir a derrota, com promessa de revanche, era o máximo que podia fazer naquele momento. Internamente, prometia ao meu lobo o banho de sangue que ele exigia, para aliviar seu ego ferido.

Brigar com Drako teve um benefício, no entanto, tirou do miserável em mim a sensação de invencibilidade, que vinha nos corrompendo, desde a batalha do Santuário. Pelo bem de Kami e nossa cria, era bom que ele tivesse tido o ego desinflado um pouco.

Matamos todos aqueles Tyrant praticamente sozinhos. Eles não tinham poderes da deusa. O campo de batalha era justo, minha força bruta era uma vantagem.

O carro que Drako dirigia, junto com Leah, Luther e Bjorn — os melhores guerreiros dos Blackthorn, meu antigo bando — emparelhou com o nosso e, quando abri a janela, ele fez o mesmo.

— Consigo sentir o cheiro dela! — Drako falou um pouco mais alto, por causa do vento.

As pupilas prateadas — a cor de seu clã — estavam dilatadas, as presas à mostra, nitidamente entrando num frenesi de cio, para ir atrás daquela fêmea maldita.

Nada o demoveria. O céu do crepúsculo começava a alaranjar e foi muito difícil olhar para ele e me forçar a esquecer de tudo o que vivemos juntos. Quando ele se transformou e, automaticamente, entrou no ranking acima de todos os outros metamorfos, virando meu beta por escolha.

Anos depois, Bog tomou seu lugar, como o mais forte, mas não abri mão desse filho da puta, não da forma como ele fez comigo. Drako foi meu primeiro beta, o primeiro fodido a apontar dedos na minha cara, mas me defender dos outros, quando falavam de mim pelas costas.

— Eu só consigo sentir o cheiro *deles*. — Rangi os dentes, ao farejar o fedor dos Tyrant.

Mesmo em uma cidade extremamente populosa, que fazia meu lobo salivar esfomeado, o odor pútrido dos vermelhos adentrava minhas narinas, eletrificando o lobo para a batalha.

— Selene pode ter ido buscar os lupinos que trabalhavam para ela. É mais contingente — Drako debateu.

Fingiu que esse era o motivo para irmos atrás da parceira dele primeiro. Lembrei-me do que Kamari pediu, antes de eu sair do Caern, quase dois dias atrás, por isso, assenti.

O olfato de Drako nos levou para uma parte da cidade que só poderia ser descrita como residencial. Não fazia ideia de que merda a fêmea dele estaria fazendo aqui, quando não havia rastro de nenhum Tyrant na proximidade.

Ela se escondeu? Tinha medo do irmão?

Quando invadi o complexo dos Caçadores de Prata, em Winnipeg, para resgatar Kamari, ela se virou bem, com aquele fodido escudo que projetou e nos manteve a distância. Com seus poderes, repelia qualquer ataque. Talvez ela só prestasse para isso, defender-se.

O comboio de carros estacionados na frente de uma residência, com aspecto de abandonada, foi altamente suspeito. Sentia o cheiro dos humanos passando nas calçadas e os que vieram até suas janelas, para observarem. Minha boca salivou, quando desci do carona, livrando-me daquele fedor do alfa Lunari.

Fechei a porta de trás, impedindo que Ros descesse. Ela não tentou outra vez, sem se importar em ficar com ele lá dentro. Na sociedade humana, os Lunaris seriam vistos como moradores de rua, ainda que tivessem vestido roupas limpas.

Drako passou correndo por mim e arrombou o portão de grades, que separava a escada da calçada, entortando os ferros. Fiz um gesto de queixo para Ivar, na direção do portão e fui atrás do alfa Aesire. Não fui rápido o suficiente para impedi-lo de chutar a porta no chão e dar de cara com cinco lobisomens transformados lá dentro.

O que eu *realmente* não esperava, era que o rosnado dele os colocasse de joelhos, a ponto de um lobisomem fulvo perder a forma para as quatro patas. Outros dois Tyrant, um Blackthorn e um Lunari, estavam lá dentro, curvando seus pescoços e retomando à forma humana, para conversarem com Drako.

- Alfa Blackthorn o sem raça que liderava ali, o cumprimentou.
- Eu sou o alfa Blackthorn, ele é *outra coisa* debochei e me posicionei entre Drako e os vagantes, seguidores de Selene.
- Onde ela está?! E você, eu lembro de você! Drako urrou, emanando uma dominância hostil, que fazia minha pele pinicar para aceitar a porra do desafio. Apontou o dedo para o Tyrant ômega, que havia se transformado em lobo e só agora conseguia retornar à forma humana. *Você a esfaqueou*! o timbre modificou para o animalesco.

Segurei Drako pelos ombros, impedindo-o de chamar mais a atenção dos humanos do lado de fora. O rosnado gutural que perpassou

os lábios dele fez todos os lupinos ali dentro curvarem o pescoço, menos o meu. O meu queria rasgar a garganta desse babaca, por estar me desafiando assim, quando combinamos um fodido cessar fogo até matar Tyre.

Rosnei de volta, sem conseguir impedir meu lobo. Mas o obriguei a suportar, porque o macho com o cio interrompido era Drako, não eu. Pela primeira vez em toda minha vida, meu lobo compreendeu outro lobo e, ousava até dizer, havia *empatizado com ele*.

Se tivessem interrompido meu cio com minha parceira, teria avançado em qualquer um.

- Ela não tá aqui! Vai assumir o bando dela? questionei
   Drako, já sabendo a resposta.
- Não quero esses filhos da puta me seguindo, é você que tá colecionando desajustados.
   Drako se afastou de mim, furioso com a situação.

Se Selene Aesire não estava aqui, significava que: ou estava com Tyre; ou perdida para sempre, virando feral em algum lugar, por não ter sido servida em seu Calor; ou, a terceira e última opção — que para qualquer macho acasalado *era pior* —, alguém a estava servindo no lugar dele.

Virei-me de costas para o alfa, que era tão forte quanto eu, e deixei minhas mãos transformarem-se em patas humanoides.

— Duas opções: submetam-se ou morram. — Fui breve e dei alguns passos para frente, permitindo que minha dominância os intoxicasse.

O ex-Blackthorn foi o primeiro a dobrar o joelho e o pescoço, rasgando o peito. O Lunari foi logo sem seguida e a onda magnífica de poder que isso me dava era viciante.

Os Tyrant relutaram, porém, se estavam aqui esperando o retorno de Selene, bem no epicentro do território de Tyre, significava

que eram exilados, marginalizados, por serem fracos demais ou traidores.

Deles, não esperei a submissão. A régua foi outra. Era eu quem não os queria. No instante que se ajoelharam, enterrei minhas garras na garganta de um, perfurando sua traqueia e o deixando gorgolejar no sangue que banhava seu corpo nu, o outro recebeu meus dentes na curva do pescoço, arrancando um pedaço de pele que foi extremamente difícil de cuspir.

Minha fêmea era mortal, nós tínhamos entre oitenta ou noventa anos juntos, com nossa diferença de idade. Não queria viver além dela, muito menos enterrar a cria que enfiei nela, no nosso primeiro cio. Uma fodida raridade!

Estávamos a algumas batalhas de encerrar o fardo de sangue, essa fome passaria.

- Você... Cuspi o sangue do Tyrant, que morria lentamente aos meus pés, e apontei para o que Drako afirmou que feriu sua parceira.
  Eu ou ele, quem vai te matar? Você enfiou uma faca na fêmea dele. Se fosse a minha, arrancaria toda a sua pele e a usaria como um casaco, para todo mundo saber quem foi o miserável que ousou tocá-la.
- Não me importo de morrer, aquela vadia mentiu para mim e me transformou em um fodido monstro!

Olhei sobre o ombro e Drako franzia o cenho para a fala do macho de meia idade, ainda ajoelhado, sem conseguir nos olhar nos olhos.

- Ela não fez isso! Está mentindo!
- Foi o meu castigo pela facada, Mason me mordeu e agora ele está morto!
- Mason é o ruivo ou o de dreads? Drako voltou a ter interesse na conversa. Sacudi as mãos, tirando o excesso de sangue, antes de retrair minhas garras. Explica essa porra!
  - O ruivo. Ele é meu criador, senti quando ele morreu.

Ao ouvir o relato, meu lobo vacilou com a pontada de dor a respeito de Paul. Para minha parte humana, tanto fazia, mas o lobo ainda se ressentia. E se apiedou, de certa forma, do Tyrant recémtransformado, naquele covil de Selene — se era que dava para chamar disso, uma vez que mais parecia uma casa de família decadente.

- Se Mason está morto, só restou o outro... Drako ponderou.
- Julius o vagante Blackthorn explicou. Fiz um gesto de queixo para que ele prosseguisse com a informação. Ele ligou algumas horas atrás, disse que tava na cidade e que faria uma entrega, antes de retornar. Que era para estarmos prontos para desaparecer.
  - E Selene?
- Ele deu a entender que a Capitã ainda tava contigo o macho respondeu à Drako.
- Tem certeza de que ela saiu do Caern *com ele*? questionei ao meu antigo beta.
- Eu *farejei* o caminho! Os três saíram de lá, dentro do carro! E ela... não era o cheiro dela, Ax. Era da loba. Selene tem dificuldade, pra caralho, de transitar entre as formas. Ela conviveu com esses filhos da puta por anos, escondida no meio dos humanos, não devia nem se transformar. Nas quatro patas, a loba resiste a entregar a pele e ela está no Calor... porra! Colocou as duas mãos atrás da cabeça, segurando o coque baixo.

Drako era o melhor rastreador dos Blackthorn. E sua fêmea estava presa na pele animal, para além do que a Fúria faria com ela, se não fosse servida.

Por que essa imbecil saiu do Caern?!

Drako pareceu ler minha expressão e trincou o maxilar com tanta força, que ouvi seus molares raspando uns nos outros. As presas desceram e suas íris empalideceram. Ali estava a prova de que não importava trégua, não importava o passado. Ele não era mais, sequer, do meu clã.

— Se minha fêmea estiver morta ou se ela... se ela nunca mais voltar, a culpa é sua. Ela estava fugindo *de você*, porque essa é a última parte da missão que Luna e Fenrir deram a ela. Selene é um soldado com uma missão, Axel. Tudo que ela fez foi para garantir que você a matasse, mas ela ainda tinha coisas para resolver, antes de ir para a morte. Por que você voltou, caralho?!

Nada do que ele dizia combinava com as coisas que eu sabia, mas fazia sentido. Os deuses estavam manipulando tudo para que essa profecia fosse cumprida. Selene matar meus pais e atacar Kamari, com certeza seria o mesmo que assinar a própria sentença de morte.

Mas, o pior disso tudo, era saber que, todas as vezes que Drako tivesse de escolher, eu não era sua primeira opção: primeiro Kamari, agora a parceira. Ele era mais Aesire do que fazia ideia.

- Minha parceira está esperando uma cria! Eu tinha desistido de caçar a sua fêmea por enquanto, Aesire. Cuspi o sobrenome novo dele. E aquilo o enfureceu visivelmente. Fechou as mãos em punhos firmes, até as juntas esbranquiçarem e as garras cravarem nas palmas, pingando seu sangue. Nenhum de nós dois queria ser o primeiro a quebrar o cessar fogo. Não fui *atrás dela*!
- Você faz merda até quando tenta acertar! latiu e fez um gesto de cabeça na direção do Tyrant que havia tentado matar sua fêmea.

Saiu da casa, ordenando que os metamorfos voltassem para os carros.

Dei um olhar para o Blackthorn, que agora me pertencia, passando a missão adiante, e fui atrás de Drako, com meu lobo rosnando de ódio por esse filho da puta ter dado as costas para mim, literal e figurativamente.

Ouvi um berro de dor, breve demais para o que ele mereceria, se Drako o considerasse importante o suficiente.

Estava obstinado em reaver aquela fêmea maldita. Laço de parceria ou não, ele a encontraria e o que estava realmente

encolerizando Drako era saber que "a entrega" que o tal Julius foi fazer, só podia se tratar de Selene. E havia apenas outro alguém, além de mim, que desejava matar a Aesire: o irmão dela.

Uma isca viva e indefesa, presa na pele animal.

Teríamos que fazer do jeito difícil, entrar pela frente, matando nosso caminho até o topo, até Tyre Tyrant.

# **QUARENTA E DOIS**



Drako Aesire

Foi ridiculamente fácil encontrar o quartel general dos Tyrant. Ainda que Nova Iorque estivesse nos recebendo pela primeira vez e a metrópole *fedesse* à decadência da humanidade, o *bairro* deles fedia mais que os outros. E o epicentro do odor de lobisomens imortais vinha deste prédio. Um arranha-céu, com as janelas espelhando o luar.

A primeira noite de lua cheia prendia meu bando ao fardo da lua, nas peles de lobos, até que amanhecesse, daqui a algumas horas. Além disso, apenas quatro, dos seis Lunaris, conseguiu tomar a pele humana de novo, os outros ainda eram praticamente ferais.

Não seria um ataque surpresa, mas eu estava pouco me fodendo. Porque, no meio daquele mar de odor de Tyrant filhos da puta, conseguia farejar uma centelha de sálvia, lar e pertencimento, minha fêmea!

Selene estava dentro daquele covil e eu iria atrás dela!

Girei o volante, a toda velocidade, explodindo a cancela da garagem subterrânea no capô do SUV que eu dirigia. No carona, Leah segurou no console e alongou as presas, ao ver pelo retrovisor central o guarda Tyrant sair da cabine.

No carro atrás de nós, a dupla de lupinos caçadores, metralharam o segurança com dardos de acônito. O resto de carros do comboio, entrou em velocidade, atrás de nós, passando por cima do corpo, transformando-o em polpa.

Os alarmes de invasão dispararam nos andares superiores, porém, ainda conseguia escutar, os pneus cantando no subsolo e o corpo sendo esmagado sob as rodas. No instante em que um dos carros passou sobre a cabeça do segurança morto, a explosão do crânio borbulhou em minhas veias, incitando minha sede de sangue.

Larguei o carro, atravessado perto dos elevadores, e já desci do motorista, entregando a pele ao meu lobo. Nas duas patas, não enxergava nenhum pelo negro na minha pelagem, minha forma bestial era a do clã da minha parceira.

Eu era dela e estava ali para buscá-la!

Não poderíamos usar os elevadores, uma vez que a envergadura das feras era massiva demais para a caixa metálica e os lobos não conseguiam manusear os controles. Além do mais, eles poderiam tentar nos prender, desligando a energia.

Axel passou por mim, transformado no lobo completamente negro, mesclando-se à escuridão do subsolo, iluminado apenas pelas luzes de emergência. Atrás dele, outros lobos negros e alguns Tyrant, os que pertenciam aos Dissidentes de Loth.

Deixou os lobos de Selene e os Lunaris — os que não confiava em batalha —para cobrir minhas costas e dos metamorfos que viriam comigo. Bufei com a fodida dificuldade de comunicação entre membros de bandos diferentes.

Escutei o lobo psicopata destruir a porta da escada do subsolo, no lado oeste da garagem. Busquei a porta vermelha do outro lado, mais distante, e me comuniquei com os meus:

"Vamos para lá! Não saiam da porra da formação!" — O comandoalfa fez os cinco metamorfos que estavam comigo abaixarem as cabeças, mas não me importei com o uso agressivo de dominância. O recado não era apenas para eles dois. Os Lunaris e o três seguidores de Selene não rasgaram os peitos para mim e, a bem da verdade, não me importava com eles. Que fizessem o que quisessem, seguindo-me ou não.

Corri na frente, muito mais veloz que qualquer um deles conseguia acompanhar, e puxei a porta pela maçaneta, arrancando-a das dobradiças. Farejei o ar e o odor estagnado, de ar parado e o que remanescia dos lobos Tyrant, foi suficiente para me contar que aquele acesso não era muito utilizado.

Os três lobos-caçadores seguravam duas pistolas de acônito cada, tendo preferido não se transformarem.

— É mais rápido de derrubar com o veneno, alfa, e tem muita escada pela frente. Se Tyre for como Selene, vai estar na cobertura — falou comigo e concordei, permitindo que fossem à minha frente na escadaria, ainda que eu fosse o alfa.

Toda essa merda não era sobre ranking, ou demonstração de poder, era sobre *Selene*. A missão deles era encerrar o fardo de sangue de seus clãs, mas eu estava sendo egoísta pela primeira vez na porra da vida!

Minha missão era levar Selene de volta para casa, meu Caern, onde ela pertencia.

A escada estreita nos fazia subir em fila, espremidos, desacelerando a subida e me deixando agoniado. Ao menos os imortais eram rápidos, mesmo na forma humana. Não tanto quanto eu, mas os metamorfos estavam atrás de mim, sendo seguidos pelos Lunaris.

No décimo segundo andar, um pouco mais que a metade do caminho, um grupo de Tyrants entrou pelas portas do andar de baixo, trocando as peles em uma velocidade incrível. O fedor de carne podre dos membros do clã vermelho, somado ao de sujeira dos Lunari, faziame querer matar alguém!

Segurei-me nos corrimãos, entre os andares de cima e o que eu estava. Saltei no patamar onde os inimigos atacavam os lobos marrons

selvagens. Cravei as garras dos meus pés transmutados no peito do líder do grupo, derrubando-o com o peso do meu corpo.

Virei um farol, o único com a pelagem completamente brancacinzenta, dentre fulvos, marrons e cinzentos. Não havia espaço para uma luta, de fato. Por isso, outros dois Tyrant se amontoaram em mim, mordendo-me no ombro e puxando minha cauda, enquanto eu rasgava o peito do que estava aos meus pés.

Algum Lunari arrancou o Tyrant miserável que estava nas minhas costas, liberando minha cauda. Enterrei minha pata manchada de carmesim no baixo ventre do que mordia meu ombro, segurei seus órgãos e os puxei para fora. Então, dei uma cabeçada nele, fazendo-o rolar escada abaixo. Sangue e vísceras carimbaram os degraus, à medida que ele rolava até o andar inferior, de onde outros fulvos subiam.

## Puta que pariu!

Ao olhar para trás, apontei para os inimigos subindo as escadas. O alfa Lunari compreendeu os gestos, urrando um rosnado que conduzia sua matilha para segurar o forte. No andar de cima, os Tyrant e o Blackthorn que permaneceram na forma humana, trocavam os pentes de dardos de acônito, derrubando o grupo que vinha por cima.

O rastro do veneno disparado pelos lupinos-caçadores fazia meus olhos arderem e eu e meu lobo sincronizamos no ódio. Mataria a todos.

Aquela bagunça sensorial estava me tirando do sério: o espaço apertado, os disparos dos caçadores em forma humana, no andar acima do nosso; os metamorfos, rosnando, preparados para atacar, se conseguissem passar; os rugidos dos fulvos, vindo de baixo e se encontrando com os Lunaris, que ficariam para trás, para impedir a movimentação.

Urrei um rosnado tão alto, que o eco reverberou pelas colunas do prédio.

Um instante de silêncio, um nanossegundo de silêncio e eu a ouvi. Gania baixinho, uivando rouca, quase sem ar, chamando-me. A sensação foi a mesma que senti quando ela me mordeu e criou o laço de parceria em meu peito. A queimadura de seu nome. Dessa vez, desceu congelante pelas minhas entranhas.

#### Selene estava morrendo!

Pavor enregelante liderou minhas ações. Larguei o grupo dos marrons para trás e me pendurei no corrimão do andar de cima. Pisei na parede, caminhando, paralelo ao chão, algumas passadas, suficientes para ultrapassar os seis metamorfos nos degraus da escada, atrás dos caçadores.

Meu urro de dominância os fez perderem as peles, como aconteceu naquela outra vez, em que lutamos juntos no complexo de Winnipeg. Dois fulvos e um lobisomem preto, transformaram-se no espaço apertado, avançando com presas e garras ao invés das pistolas. Eles empurraram os Tyrant para as paredes, mordendo seus rostos, gargantas e onde mais alcançavam.

Usei novamente os corrimões para saltar e os ultrapassar, largando o resto do meu bando para trás. Que eles lidassem com os outros, eu subiria até onde Tyre estava, onde minha fêmea estava, caralho!

"Drako!", "Drako!", diversas vozes mentais invadiram meus pensamentos, mas os ignorei, deparando-me com uma dupla de inimigos nos degraus de cima. Eles tinham a vantagem do plano elevado, mas eu tinha desespero!

Meu coração disparado, pulsando em minhas têmporas, e o sangue correndo cada vez mais gélido, não tinham absolutamente nada a ver com o esforço ou medo de levar umas porradas. Meu desespero era não chegar nela a tempo!

Saltei no ar, ficando na mesma altura deles, mas não os ataquei pela frente. Cravei as garras da canhota na parede e empurrei o que estava mais próximo do vão da escada no corrimão. Então, saltei e usei minhas presas para morder o braço do que tentou me parar com as garras. Sacudi a cabeça e fechei a mandíbula, segurando sua mão nos

dentes. Minhas patas estavam livres para passar, feito navalhas, no pescoço e peito dele, que caiu de joelhos, puxando o braço decepado na altura do peito com cortes profundos.

Atrás de mim, Bjorn, Luther e Leah, juntavam-se para pegar o outro Tyrant que derrubei. Leah era a menor, usou o corpo inclinado para trás como escada e o mordeu na lateral do rosto, furando um olho. Luther o mordeu no braço, partindo o osso, enquanto Bjorn puxava pelo calcanhar, até derrubá-lo.

"Nós cobrimos suas costas, alfa." — Luther, parceiro da minha irmã, enviou a mensagem e sacudiu a boca, a mandíbula fechada no braço do Tyrant desmembrado, que ele dividia com mais dois metamorfos do meu bando.

Sozinhos, eles não teriam chances, mas, caçando em bando, fariam um estrago! Por isso, deixei o segundo Tyrant, ainda moribundo, para que eles terminassem o serviço.

Cuspi a pata hominídea, odiando o gosto do sangue dele em minha boca. Saliva densa e metálica pingava em meu peito, manchando minha pelagem, feito pintura de guerra.

Subi mais dois andares, sem ser interrompido e, ao passar pelo número quinze, meu lobo travou minhas passadas, farejando o ar.

Chutei a porta de metal vermelha, que caiu no chão com um estrondo.

Selene não estava no último andar, ela estava aqui. Alguns andares abaixo do fodido que se achava um rei.

Os lupinos-caçadores me alcançaram, antes dos metamorfos, e os Lunaris continuaram segurando o contingente na escadaria. Os rosnados ecoavam no andar vazio, tão alto, que tive que me concentrar para ouvir as batidas lentas do coração dela.

Meu peito comprimiu de aflição. Nosso laço estava desfeito, não a sentia dentro de mim, mas ela ainda era minha, mais minha do que foi, desde que me encontrou no templo de Luna.

Corri na direção das batidas de coração lentas, os ganidos soavam mais baixos que o bater de asas de um pássaro. Se não fosse um rastreador, não teria identificado sua presença, acima de todo aquele fodido fedor de carne podre e morte, além do sangue que revestia minha língua.

Mais uma vez, minha velocidade foi superior à do bando que cobria minhas costas, mas não podia esperar, simplesmente não podia!

Lanhei a porta no fim de um corredor, a madeira escura tinha uma daquelas fechaduras que precisavam de senha e digital para abrirem. Destruí a fechadura e soquei a porta de aço reforçado, mesclado à prata.

Minhas garras sangravam, esquentando com o atrito, enquanto eu tentava arrombar aquela porra de porta e chegar na minha parceira!

### Caralho!

"Luna, não a deixe morrer, *eu imploro*!" — orei pela segunda vez, para a fodida deusa que nos amaldiçoou. A mim, mas, principalmente, a Selene. — "Eu estou aqui! Vou salvá-la! Não foi isso que disse que eu precisava fazer?"

Escutei as passadas dos lobisomens marrons e, finalmente, a porta começou a amassar. Do outro lado do corredor, um grupo de Tyrant, nos cercou. Olhei sobre o ombro, só havia restado três, da meia dúzia de Lunari. Um dos Tyrant-caçador de prata, não chegou até aqui em cima, mas todos meus seis metamorfos estavam vivos.

Eu precisava lutar, precisava protegê-los, pois eles me escolheram como alfa.

Mas minha fêmea estava ali dentro, porra!

"Luna, faz alguma coisa, caralho!" — urrei com a deusa, enquanto os lobisomens partiam para a batalha, sem um alfa os comandando. E, quando eles caíssem, os metamorfos virariam cadáveres. — "Luna!"

Não houve nenhuma resposta, mais uma vez. Urrei e soquei a porta, a dobradiça de cima cedeu e o último Lunari foi lançado no ar,

apenas para ser pisoteado pelo pelotão de Tyrant, que vinha de dois em dois, como uma falange militar, atrás dos meus Blackthorn; dos descendentes que minha fêmea passou uma eternidade tentando reaver.

Era uma escolha impossível: salvar meu bando ou Selene.

"Essa é a *sua missão*, meu abençoado.", a voz de Luna reverberou em minha mente, mas não era de agora. Era uma lembrança, de quando levei Selene para que a deusa curasse, depois da minha primeira batalha contra os Tyrant, no complexo de Winnipeg.

Minha missão, meu *destino*, era salvá-la. Era o que a deusa queria que eu fizesse.

Mas Selene ia preferir que salvasse seus descendentes.

Espalmei a porta de aço grosso, deixando a prata queimar minhas palmas por um breve momento. Só mais um momento de dor, para me lembrar dela e da nossa parceria, que sempre foi quebrada e maldita.

Virei-me para trás e urrei um rosnado que emanava dominância pérfida. Todos os outros lobisomens perderam as peles para suas formas animais. Sorri, lupino, carcomido de ódio, ao me lembrar do tempo que levei para me ajustar à nova forma.

Recém-feito, fui derrotado por dois Tyrant. Nunca mais!

Empurrei os lobos Blackthorn do caminho, passando por dois de clãs diferentes: um preto e um fulvo. Diante de nós, um mar de vermelhos. Mataria todos eles. E deixaria Selene cumprir o destino dela. Faria o que minha parceira queria que eu fizesse, não o que a fodida deusa quis.

Selene Aesire teve escolhas roubadas e as que fez foram erradas, mas essa... essa era a certa. E era a escolha dela, era meu dever, enquanto parceiro, prover a porra toda que ela quisesse.

Avancei contra os fulvos, com o coração doendo, como se eu fosse morrer, e a bem da verdade, era o que eu queria.

# QUARENTA E TRÊS



Axel Blackthorn

A cada morte, ficava mais forte, mais sedento e mais difícil era resistir à tentação de engolir aquela carne. Era meu espólio de guerra, esses miseráveis, eram meus para fazer o que quisesse com eles.

Arranquei o coração de um Tyrant, minhas garras fincadas naquele músculo ainda pulsante. Lambi o sangue morno que escorria pelo meu punho, ao mesmo tempo em que o via, quase em câmera lenta, cair feito um saco de merda aos meus pés!

O poder vibrava em meus ossos e a presença sombria de Fenrir era combustível para o frenesi caótico que me movia. Morte era meu alimento, a glória da vitória minha recompensa.

"Ax!" — Ivar me chamou.

Sua pelagem era quase totalmente preta, mas onde acinzentava, estava tingida de carmesim. Eu e meu bando de seis, estávamos banhados de sangue, mas inteiros.

O bando tinha a força do alfa e vice-versa.

Conseguia sentir a diferença e não me arrependia da troca.

Durante a batalha do Santuário, esses foram os companheiros de bando que restaram, os mais fortes. Mesmo os deltas fracos, que haviam ido encontrar com Kaleb, sobressaíram-se. Funcionamos de forma quase simbiótica, melhores que antes, quando eu corria ou lutava junto com meus betas metamorfos.

Não havia a tensão em meu corpo sobre não ultrapassar limites e eles não estavam aqui para me conter, caso eu escorregasse para a maldade. Não. Esse "bando de desajustados", como Drako os chamou, eram *melhores*: mais fortes, menos hipócritas, que reconheciam os próprios defeitos. E, o melhor de tudo, todos haviam atravessado a linha, como eu.

Nenhum deles podia, ou tinha interesse, em me julgar.

Liberdade para *existir* da maneira que eu desejasse, era fodidamente perfeito!

Ivar uivou, convocando o bando para entrar em formação outra vez. Sem tomar a dianteira, guardando a liderança para mim. Rosalyn tomava a direita dele e Benny ficava à minha esquerda.

Estávamos subindo gradualmente, exterminando todos nos andares de baixo e subindo, para isolar Tyre. Nos primeiros andares, não encontramos ninguém. Do décimo para cima, os grupos começaram a surgir e ser exterminados.

Eu podia fazer essa merda a noite inteira!

Meu lobo estava em êxtase. Nunca pôde se divertir desta forma, jamais o permiti ser quem era, e nossa conexão era insanamente perfeita. Farejei o ar, sendo invadido pelo fedor de cachorro daquele alfa-Lunari, que entrou pela porta da escada do outro lado do amplo corredor, cambaleante, com o braço praticamente decepado. Ros ganiu e saiu da formação, correndo nas duas patas até o macho.

"Que merda ela tá fazendo?" — Pensei e enviei para meu bando, que trocou risadas lupinas, observando o casal improvável.

"Esse fodido é destinado dela" — Ivar rosnou, sendo um pai ciumento, enojado tanto quanto eu.

"Mas por que ele tá *aqui*?! — Enfureci-me com o desafio.

Ordenei que todos os fodidos selvagens e o grupo de caçadores fossem com Drako, para lhe dar alguma vantagem, mas, se esse filho da puta voltou para mim, significava que estavam mortos ou praticamente.

A cabeça dele era uma bagunça, um monte de imagens desconexas, das quais era difícil extrair significado, principalmente quando metade de mim era o meu lobo impaciente, que olhava o pelo marrom dele e ficava com raiva por ele não ser Paul.

O Não-Paul era mais lobo que humano e até o lobo dele não sabia como se comunicar, pois o humano jamais aprendeu. Enviou imagens das escadas, com Drako matando alguns dos múltiplos Tyrant inimigos e os largando para trás.

Eles foram fortemente atacados. Eu estava ficando com os restos da batalha. Estava os caçando, enquanto eles caçavam Drako. Por que eles estavam indo atrás do Aesire e me ignorando? Por que Tyre estava fazendo isso? Não me considerava um oponente à altura?

Um erro que não deveria ter cometido! Urrei um comando para que o Não-Paul nos mostrasse o caminho. Ros implorou que eu o deixasse ficar. Rosnei para ela, posicionando-me entre os dois. Seja lá onde Drako estivesse, claramente precisava de ajuda.

E era onde a ação estaria.

Quando voltamos para as escadas, escutei as passadas pesadas dos Tyrant nos andares superiores. Eles estavam descendo, encontraria com eles no meio do caminho. Mais de quinze Tyrant passaram pela porta alguns andares acima.

No décimo segundo andar, um monte de corpos estava estirado nos degraus. Corpos e membros decepados, formavam um mosaico nojento que atiçava meus sentidos. Era isso que eu queria!

Pisoteei-os, buscando chegar aonde a ação estava. Ouvi os rosnados e sons de luta. Ao mesmo tempo em que o som agudo de garras raspando metal fazia meus ouvidos zunirem.

Subi os degraus, praticamente um lance de cada vez e alcancei o último Tyrant da fileira pela nuca, enterrando minhas garras na sua cervical. Segurei-o, usando-o como escudo e, ao adentrar o andar, o cheiro de putrefação ficou exacerbado, atiçando minha fome. O fardo de sangue ampliou, principalmente naquele ambiente fechado, e minha boca encheu de saliva.

"Ax, sai dessa, porra!" — Ivar chamou minha merda e vi um dos meus Lunari voando no ar, apenas para cair no meio de diversos Tyrant, que o pisotearam.

Então a batalha suspendeu por um instante. Um urro animalesco, visceral, emanando uma dominância doentia, encoberta de dor, fez os deltas do meu novo bando ganirem e perderem a forma para as quatro patas.

Drako!

Aquele era um urro de chamado para a batalha.

O corredor iluminado indiretamente por luzes de led, clareou, a ponto de me fazer travar minhas passadas, antes de dobrar a esquina e ver Drako, com os pelos brancos-acinzentados, trocar as íris amarelas pelas prateadas, com o anel dourado ao redor, idênticas às de Kamari.

As presas de sua forma bestial eram enormes e os metamorfos atrás dele pareceram crescer, sob a luz de seu poder.

Não foi um domo, como acontecia com Kamari e Selene. O poder dele projetou em raios, alcançando os Lunaris feridos no chão e os dois lobos que pertenciam ao grupo de Selene, mas rasgaram os peitos para mim.

Em minha mente, Fenrir surgiu, murmurando que Drako não era mais forte que eu. No entanto, a lembrança de Kami me avisando que, se ele percebesse que tinha poderes, a luta não seria justa, também me assomou.

Se algum dia realmente decidisse que era meu inimigo, Drako seria o único oponente que me faria pensar duas vezes, antes de cada movimento.

Rosnei de volta, para que ele soubesse que eu estava aqui e meu bando, que tinha seis membros, mais o alfa-Lunari com o braço fodido, ganhou mais dois marrons e um Tyrant, além de um Blackthorn.

Dobramos de força, aqueles Tyrant estavam cercados.

Não conseguia mais acessar a mente de Drako, ainda assim, neste momento, estávamos conectados. Aquele não era o beta que me julgava a cada pensamento maldoso que meu lobo tinha, garantindo que eu andaria na linha e jamais me corromperia. Nem era o macho no cio, que me atacou para defender seu território e sua fêmea.

Esse bem aqui, era outro alfa, um que estava entregando sua vida a essa batalha.

Corremos ao mesmo tempo, sendo seguidos pelos nossos bandos, em um objetivo comum: exterminar os tiranos que governaram nossa espécie por tempo demais.

Abracei o torso do primeiro fulvo que encontrei pela frente e cerrei os punhos por trás de suas costas, partindo a espinha bem no tórax. Então, enterrei minhas garras e puxei as vértebras, desconectando-a, como peças de encaixar. Ivar saltou por cima de mim, lanhando o rosto de um outro, que tentava me atingir.

Ajoelhei, mordendo o miserável que Ivar tentava segurar pelo pescoço, bem no meio da barriga, e arranquei um pedaço. Cuspi aquela carne, pronto para ir para o seguinte, enquanto meu beta arrancava os órgãos dele e quebrava uma costela, atirando-a, feito uma adaga no olho do que vinha logo na sequência.

O corredor estreito não permitia um ataque de matilha, mas eu sabia que, do outro lado, Drako fazia o mesmo. Imprensando-os juntos, fazendo-os treparem uns sobre os outros, como um fodido formigueiro.

Ros e Benny puxaram pelos calcanhares, o macho que Ivar estava eviscerando, tal qual um maníaco. E abriram o caminho para mim. Segui adiante, enterrando minhas garras na têmpora de um, nos rins de outro.

Ivar mordeu o ombro do que foi golpeado nos rins, impedindo-o de me tocar. Puxei as mãos, rasgando a parte da frente do rosto, do que havia morrido com meu golpe no cérebro, e a lateral do corpo do segundo.

Quando apoiei as palmas sangrentas no chão, preparando-me para saltar sobre Ivar, Leah pulou por cima dos corpos dos caídos e arrancou uma orelha nos dentes, caindo atrás de onde eu estava com meu beta.

Ouvi um ganido e me voltei para a frente. Bjorn estava no chão, deitado de lado, balançando as patas, tentando se proteger, mas o Tyrant o mordeu na barriga, puxando seus intestinos para fora. Engoliu sua carne, com pelo e tudo e urrei, furioso, ao ver o lobo cinzento com os olhos amarelos ficando vítreos.

Drako foi mais veloz que eu, o que estava virando uma fodida regra, e segurou o inimigo pela nuca, batendo o focinho dele na parede até quebrá-lo. Continuou batendo, transformando crânio e cérebro em polpa, sob sua palma. Leah voltou à forma humana, segurando a ferida exposta de Bjorn.

Ela tentou colocar os órgãos dele de volta no lugar, mas ele já estava morto.

Transformei-me e a puxei de cima do corpo dele. Passei um braço na frente de seus ombros e o outro na barriga, carregando-a, enquanto ela se debatia.

#### — Não! Não! Ele era o último! *O último*!

Bjorn era irmão do parceiro morto de Leah, o último membro de sua família. Mas também era parceiro da irmã mais nova de Drako: Siv. O que significava que ela, provavelmente, estava morrendo lá no Caern, ou desejaria estar morta.

Busquei Drako com o olhar, mas ele sequer tomou a forma humana, se virou para o final do corredor, ignorando a massa de corpos e membros empilhados entre nós. E voltou a lanhar a porta, obstinadamente. Era esse o som que ouvi das escadas. O desespero dele em chegar na sua fêmea.

Ela estava ali dentro. Não era apenas Tyre quem precisava morrer para acabar com esse...

Meu lobo ficou com as orelhas em pé, atento, avaliando o comportamento do outro alfa, e tentando decidir se era fraqueza, ao nos dar as costas, ou se isso o fazia merecer nosso respeito.

Soltei Leah e a entreguei nas mãos da besta de Ivar, que se transformou para segurá-la, sem a machucar. A loira o abraçou, chorando e ganindo no peito ensanguentado dele.

Voltei minha atenção para a besta branca imensa, raspando as garras na porta até a dobrar o suficiente, para que eu sentisse o cheiro de morte que vinha lá de dentro. Pisei sobre os lobisomens Tyrant mortos no chão, equilibrando-me sobre os cadáveres, e me aproximei de Drako.

O lobo dele rosnou grave e baixo, malditamente deprimido, mas, mesmo assim, avisando-me para que me mantivesse afastado. Não queria lutar comigo, mas defenderia aquela maldita até o fim.

— Não vou atacar a sua fêmea, não agora.

Bufou um grunhido, os ombros tensionaram e o cheiro dele indicava desamparo. Não gostei do que aquilo fez comigo, das lembranças que trouxe à superfície: nossa infância, a primeira vez que saímos sozinhos do Caern, pouco antes de Bogdan se juntar a nós, formando nosso trio.

Drako tentou me humanizar, tentou muito, até se tornar meu carcereiro. Até passar a me detestar, ainda que me amasse. Não era justo com ele. "Não sou o guardião de meu irmão", como dizia em um dos livros sagrados dos humanos, sobre um irmão que matava o outro. Ele foi o meu guardião, esperava que não tivéssemos o mesmo fim daqueles outros irmãos.

Dei um passo para trás e o assisti, caído de seu pedestal de superioridade, vindo atrás da fêmea, que tinha infinitos pecados a mais que eu. Por dentro, a obscuridade de Fenrir me fazia pensar que era justo que ele pagasse, mas, pela segunda vez, desde que passou a me contaminar, discordei do deus do Caos: a primeira foi quando mordeu a carne de Kami, para devorar a própria parceira; a segunda acontecia bem aqui, observando Drako perder tudo.

Ele chutou a porta até que caísse. Do lado de dentro, uma fêmea magricela, com a pele retinta, estava sentada sobre uma cama luxuosa, com lençóis de seda, cor de salmão. Nos braços dela, um macho com os dreads ensanguentados, metade de seu crânio estava partido e as marcas de garras sulcavam, onde antes havia uma orelha. A pele dele empalidecera para um tom de oliva doentio, de morte.

Era a morte dele que fedia, não da fêmea de Drako.

Só então o alfa branco tomou a forma humana, caminhando para a direita, a passos lentos. Não entrei no ambiente, pois o beiral era de prata. A porta que teve dificuldade para abrir, tinha a grossura de uma porta de cofre, feita de alguma liga de metais que continha o metal venenoso para lupinos, mas ainda era extremamente densa.

As janelas eram gradeadas, revelando o nascer do sol do lado de fora. O cômodo não passava de uma cela luxuosa.

Não falei com a fêmea, ela também nos ignorou, como se não tivesse medo de morrer. No canto direito, sobre um dos múltiplos tapetes sobrepostos no chão, próxima da lareira, a loba branca encolhiase em si mesma.

Ela era *absurdamente* parecida com a de Kamari, a ponto de fazer meu coração parar por um instante, até recordar que minha fêmea estava protegida no Caern, com Kal e Bogdan. Também era bem maior que a loba filhote da minha parceira, mesmo assim, parecia pequena e desprotegida.

Havia uma espécie de revolta dentro de mim, uma fodida piedade, convergindo com a vontade extrema de me vingar. *Ela* não merecia minha empatia, se é que era isso, mas Drako... os ombros murchos e a porra do cheiro de tristeza que emanava, deixavam um gosto amargo no fundo da minha garganta.

Lembrei-me do que senti quando Kami estava sequestrada, quando nosso laço ficou inexistente. Aquela dor era a pior que alguém poderia impor a outro. Um nível acima da crueldade.

Ajoelhou no chão, puxando-a para si, até deitá-la sobre suas pernas, acariciando os pelos quase prateados. Carregou-a nos braços, enfiando o rosto no pescoço peludo. Um urro de dor perpassou seus lábios e meu lobo retraiu completamente, como se ver aquilo lhe desse pesadelos vívidos. Como se visse a parceira dele ali.

A loba branca de Selene Aesire ainda não estava morta, mas quase. De nada adiantaria colher minha vingança agora, não assim. Não seria uma luta digna. Ainda estava viva, mas o coração batia tão lentamente que mal se ouvia.

— Vou terminar o que comecei. Leva sua parceira e seu bando de volta lá para baixo. Quando acabarmos, te encontro lá.

Não esperei por uma resposta, talvez ele sequer tivesse me escutado, mas Luther sim. O macho que liderava os guerreiros gamas, da elite dos Blackthorn, havia perdido um dos seus. Um jovem demais para morrer.

Costumava gostar de Bjorn, mas, agora, sentia por aquela morte, o mesmo que pela de um conhecido distante. A conexão com os metamorfos não existia mais.

- Você ouviu, Luther? Vamos continuar caçando Tyre. Vocês não precisam vir conosco.
  - Obrigado, Axel Luther murmurou.

Ergueu o olhar, os olhos transformados no amarelo me diziam que ele era, em parte, do meu clã também. E que não me agradecia apenas por livrá-los de continuarem na batalha. Mas por tê-los protegido justamente disso.

Assenti e fiz um gesto de cabeça, convocando Ivar, que ainda estava consolando Leah. Ele a entregou para outro macho Blackthorn, um dos metamorfos que sequer parei para registrar quem era. Então,

seguimos na direção da escadaria por onde entramos. Dessa vez, não deixei nenhum dos meus dissidentes para trás. Levaria todos comigo para a luta final.

Eles foram curados por Drako. Estavam prontos para outra batalha.

# QUARENTA E QUATRO



Axel Blackthorn

Subimos as escadas, alguns na forma humana, os Lunaris presos na forma bestial. Nos andares de cima, não fomos interceptados por nenhum grupo, havia uma espécie de silêncio, de espera. Como se Tyre estivesse nos aguardando chegar.

A cobertura tinha apenas um hall de entrada e as portas duplas de madeira escura estavam abertas, de frente para um fodido trono vazio. Atrás do trono, a parede de vidro que delineava o horizonte do amanhecer da cidade.

Ao entrarmos, meu bando mesclado e eu, deparamo-nos com o luxo em que vivia o imperador dos tiranos. Era uma *mansão* no topo daquele prédio.

Diversos quadros pendurados nas paredes branco-neve, em molduras de ouro, com iluminação indireta, amarelada; estátuas romanas e displays de vidro — como nos museus —, com itens variados de civilizações mortas e tapeçarias luxuosas.

À direita, a lareira falsa, incrustada na parede de pé direito triplo, ficava abaixo de um painel entalhado em mármore, que retratava a Primeira Guerra dos Licantropos, milênios atrás, a beira de um rio.

Para os humanos, era a guerra entre romanos e egípcios, para nossa espécie, foi a queda dos Aesire. Tyre se cercava de luxo e antiguidades, com suas vitórias gravadas em pedra, para comprovar a soberania de seu clã, mas, quando confrontado com a realidade da decadência, escondia-se.

Ouvia diversos batimentos cardíacos, que não pertenciam ao grupo que me acompanhava. Farejava o odor de podridão que os vermelhos tinham, que me garantia que o salão vazio era uma farsa.

— Tyre! — urrei e meu berro ecoou pelo cômodo impessoal. Os corações aceleraram atrás daquelas paredes. — Tyre! — Minha voz se mesclou a do meu lobo, muito mais potente, rouca e animalesca.

Cerrei os punhos ao lado do corpo e prossegui urrando o nome dele, a ponto de fazer os vidros do ambiente vibrarem. Meu bando foi perdendo a pele para suas formas bestiais, tamanha dominância que eu exalava.

A presença de Fenrir sob minha pele, entranhava em meus músculos, e não era mais apenas uma sugestão silenciosa, uma corrupção ominosa. Não, o deus estava aqui comigo, chamando o inimigo para a batalha, ao entranhar seu timbre cavernoso no meu.

— *TYYYRE*! — Urros e rosnados prolongados acompanhavam cada grito, minha dominância fazia a pele esticar e fumegar, deixava meu bando em alerta máximo, rosnando e emanando a mesma energia caótica, movida a sede de sangue e destruição atrás de nós.

Passos cautelosos, múltiplos, chamaram minha atenção para os corredores mais afastados, paralelos à parede de vidro. Atrás das vidraças, um pátio com vista infinita, sem guarda-corpos, mostrava-me um helicóptero preto, vindo do horizonte do amanhecer, até se aproximar, e aterrissar no heliporto, na beira do prédio.

As hélices, girando em velocidade, zuniam em meus ouvidos e fizeram todo meu bando de dissidentes rosnar, perambulando com energia sombria incontida, mas sem sair muito da formação triangular.

Minha pulsação acelerou quando vi as fêmeas, extremamente jovens, que foram enviadas pelos corredores. Um engodo, um teste.

"Ele está te provocando." — Fenrir soprou em minha mente e minhas presas desceram de ódio.

Olhei sobre o ombro, para Rosalyn, a lupina bestial, com os pelos negros. Ela assentiu e saiu da formação, com os dois Tyrant, que faziam parte dos Dissidentes de Loth. Não-Paul saiu da formação, indo atrás de sua destinada. Era um desperdício enviar um alfa para matar fêmeas de dominância baixa.

Os quatro fizeram uma linha à minha frente, aproximando-se das quase dez fêmeas, que eram jovens demais na forma humana, mas, certamente, tinham séculos de vida.

— Tyre! Vai mandar filhotes para te defenderem?! — urrei, enquanto as fêmeas jovens trocavam de forma, explodindo as roupas e formaram uma barreira de contenção. — Tyre! Eu só quero você, seu bando pode sobreviver. Um alfa não recusa um desafio!

As passadas das bestas reverberavam dos corredores paralelos à porta de entrada, quatro de cada lado, estávamos em desvantagem.

Vai mandar todo o seu clã para a morte, antes de se entregar?
Covarde! — desdenhei e ouvi o rosnado dele ecoar vindo de cima.

Dei alguns passos para frente, saindo debaixo do mezanino.

Ao meu redor, meus lobos formavam um semicírculo, protegendo o alfa e ficando claramente cercados. Então a besta vermelha pulou do andar superior, caindo à minha frente, ainda na forma humana.

Tyre Tyrant era um alfa com uma dominância que se equiparava à minha. Mas todos os impérios caíam. Olhei ao redor por um nanossegundo, observando como ele se cercou de história. Aquele era seu ponto fraco, a soberba de um alfa da lua cheia.

Sabia disso, pois eu era um.

— Eu vou te esfolar vivo e te dar de comer para o meu lobo — anunciei para a fera de pelagem ruiva e sorri, maquiavélico. — E, então, vou garantir que ninguém fale o seu nome. Nunca mais. E você será apagado da história — debochei, apontando para todas as

quinquilharias das quais se cercou e que usava para intimidar seus oponentes.

*Tyrant* viraria sinônimo de fraqueza, humilhação.

Por dentro, meu lobo lambia as presas, a cernelha eriçada, aguardando o momento de avançar na fronteira e tomar a pele para entrar em batalha. Fenrir enviava ondas, e mais ondas, de caos sombrio em minhas veias, contaminando-me e ampliando a sensação de invencibilidade.

Tyre esticou as patas para os lados e urrou, saliva e dominância emanaram dele, como um campo elétrico. O tempo desacelerou quando urrei de volta. O grande salão de memórias, a joia de seu império, escureceu, perante minha força e eu me transformei.

Minha forma havia aumentado com a presença do deus. E o lobo fulvo vacilou, avaliando a envergadura massiva do meu lobo, completamente preto.

Uivei e avancei e o inferno começou.

Estávamos em desvantagem de dois para um, mas eu gostava das minhas chances. Corri, encurvado para frente, e o abracei no torso, usando o peso do meu corpo para derrubá-lo no chão. Antes mesmo da queda, Tyre fincou suas garras em minhas costas, tentando alcançar minha coluna.

Mordi aquele braço, porém ele o puxou a tempo, então minha mandíbula raspou seu couro, arrancando um naco de pelagem ruiva, que cuspi, enojado. Suas costas bateram no piso de mármore claro, arrancando o ar de seus pulmões.

Por puro reflexo, ergui-me a tempo, desviando de uma pisada do beta Tyrant, que me atacava pelas costas. As garras dele vieram em seguida, fazendo-me rolar para o lado.

Ivar surgiu no ar, em um salto com a boca aberta, fechando a mandíbula no ombro do beta Tyrant, e a velocidade do golpe fez ambos rolarem no chão, derrubando outros vermelhos e membros do meu bando, que lutavam no perímetro da nossa batalha.

Tyre se aproveitou da breve vantagem para erguer a pata, virando-se no chão, lanhando meu braço esquerdo. Urrei de dor, mas contra-ataquei, em sua guarda aberta. Finquei as garras da minha destra na altura de sua clavícula, rasgando músculo e tendões, até partir o osso. Puxei-o para fora, até que o pedaço partido perfurasse a pele.

Ele se levantou, protegendo o ferimento e empurrou o osso de volta para o lugar. Eu tinha alguns instantes, até o processo de cura dele remendar aquele osso. Lobos imortais tinham a cura mais veloz, mas não tanto quanto a de Drako, quanto a de um Aesire.

Espalmei o chão atrás da minha cabeça, saltando para me erguer de frente. Meus pés transmutados acertaram suas coxas, enquanto eu erguia o torso e fincava minhas garras dianteiras em seus ombros.

Dei uma mordida na direção de seu rosto, mas ele desviou a tempo e, ainda desbaratado da sequência de golpes, tentando se manter de pé, suportando meu peso e o dele, cambaleou para trás.

Plantei meus pés em seu abdômen, as garras rasgaram a carne em seu abdômen e dei um salto mortal para trás, caindo em posição de caça, os joelhos flexionados e as mãos no chão.

Tyre não era veloz como Drako e não conhecia meus movimentos, mesmo assim, tinha bons reflexos. E, quando me aproximei demais de seu corpo, lanhou meu rosto, quando fechei a mandíbula em suas costelas.

O urro de dor dele fez a batalha ao nosso redor desacelerar, por um nanossegundo.

Se um de nós caíssemos, estaria acabado, eu me tornaria o alfa de todos os vermelhos, ou meus Dissidentes estariam nas mãos dele.

O silêncio sepulcral foi interrompido por meu grunhido feral. Sacudi a cabeça, arrancando um pedaço de carne do Alfa dos alfas, o original. Engoli aquela carne com prazer. Os ombros alargaram-se, as íris vermelhas focaram em mim, com as pupilas inumanas dilatadas. Ele era meu para matar, para consumir!

Caiu para trás, protegendo a ferida, jorrando sangue. Um par de costelas estava aparecendo, sem a carne que descia pela minha garganta. O sangue empoçava no chão de mármore e seu olhar desviou de mim para o helicóptero, ainda ligado, atrás das paredes de vidro às minhas costas.

Minha envergadura sombreava seu rosto e se prolongava com a luz solar em minhas costas. Eu e meu lobo sorrimos lupinos, o deus do caos se infiltrou em todas minhas células, demandando o sacrifício.

Eu pagaria, Tyre morreria agora.

O vermelho tentou fugir, levantou-se em velocidade, preparandose para correr e viver para lutar um outro dia. Agarrei-o no ar, envolvendo seu torso com os braços e o lancei no chão outra vez, de costas. O sangue dele suou meus pelos.

Sentei-me em seu tronco, as costelas expostas machucaram minha coxa e as pressionei juntas, espremendo até parti-las. Golpeei-o com ambas as patas em garras, retalhando seu torso e a garganta. Mas não o mordi.

Os corações dos lupinos aceleraram, ao ver o alfa original ser morto por mim, o maldito, tocado por Fenrir. Abracei meu destino e me levantei com a carcaça sangrenta de Tyre Tyrant moribundo, gorgolejando o próprio sangue.

Ergui-o pelo pescoço, com ambas as mãos, e rugi em seu rosto, para que morresse.

Olhei ao redor, rosnando e exalando dominância agressiva, até ter todos os fulvos ali com os joelhos no chão e o que eu vi era ansiedade. Os machos foram os primeiros a rasgarem os peitorais, trocando a lealdade para o alfa mais forte. Então as fêmeas os seguiram, encorajadas de que Tyre morreria em breve e que eles estavam livres.

Todas aquelas mentalidades entraram na minha e vi o jugo de horror que o miserável, vivendo em tempo emprestado, fazia com os seus. Era ele o fodido psicopata, não eu e meu lobo.

Abri a boca e mordi a face de Tyre Tyrant. Sacudi a cabeça até arrancar a dele fora. E o deixei cair. Cravei as unhas no crânio em minha boca e a ergui no ar, feito um troféu.

Um instante de silêncio.

Observei toda aquela destruição. Os quadros pintados com trilhas de carmesim, os displays quebrados, vidros estilhaçados e cada um dos artigos que endeusavam o antigo alfa, quebrados, espalhados em meio ao sangue.

"Eu sou Axel Blackthorn, descendente de Jonah! O tocado por Fenrir!" — anunciei em minha mente, ainda segurando a cabeça de Tyre, mostrei-a para eles e a deixei cair à minha frente, pisoteando o crânio até esmagá-lo feito lixo. — "Eu quebrei a maldição de vocês, agradeçam!" — Voltei à forma humana e rosnei, para que eles fizessem o mesmo, e chutei a cabeça na direção do trono, que também havia virado um monte de escombros na batalha. Então prossegui: — Os Tyrant estão livres do fardo de sangue, acabou a imortalidade para o seu clã! Portanto, todos que continuarem a se alimentar de humanos serão caçados por mim. Vão embora, passem minha ordem adiante!

O grupo de olhos vermelhos se ergueu, os corpos nus pintados de sangue, as feridas cicatrizando lentamente, como mortais faziam. Curvaram os pescoços e o beta se colocou à frente, aproximando-se de mim, sob protestos de Ivar transformado, à minha direita. Ergui minha palma ensanguentada no ar e ele silenciou.

- Alfa, nós... moramos aqui há séculos.
- Não moram mais. É melhor procurar um local com território de caça animal, beta. Rangi os dentes, exalando dominância, até a pele dele fumegar e o queixo colar no peito. Nova Iorque é tentação demais para vocês. Vou repetir a última vez. Vão. Embora! Essa cidade é minha agora e vocês não são bem-vindos aqui.

Correram para os quartos, abandonando seus mortos, como os podres que eram, isso não havia como modificar.

Meus Dissidentes voltaram à forma humana e aguardaram minhas ordens.

- Ivar, você vai ficar e garantir que eles saiam da cidade. Observei os dois Tyrant do meu bando abaixarem o olhar, e não precisava estar ligado a eles em forma de lobo, para saber que pensavam que suas íris vermelhas faziam deles "o inimigo". Esses que estão aqui são a corte de Tyre, eles não servem. Mas, se houver outros… e você achar que deve, ofereça um lugar no bando.
- Vai buscar sua parceira? Ivar fez um gesto, chamando Ros e Benny, o Não-Paul acompanhou sua destinada. Estendi a palma no ar, ordenando em silêncio que ficassem. Ax... Você não vai sozinho pra lá, eles não são mais teu bando.
- Eu tenho coisas para terminar, antes de trazer minha parceira e minha cria para cá. Coisas que preciso fazer sozinho. Fixei meu olhar em Ivar e ele franziu o cenho, demonstrando a seriedade rara, quando compreendeu.

Teria que escolher um dos meus familiares para morrer. Estava deixando Ivar aqui, pois, depois de todas essas batalhas e do que fez por mim nas últimas semanas, sabia que não havia outro beta melhor.

O beta do meu pai, com a sabedoria de um ancião e o humor de merda, para compensar a falta do meu. Estendi a mão e ele segurou meu antebraço, da mesma forma que fiz com o dele. Uma aliança inquebrável, uma promessa.

- Achei que, depois do ultimato que te dei, sobre a imortalidade, você fosse me escolher para sacrificar.
- Um beta que se acovarda de dizer as merdas que precisam ser ditas, não serve para ser um beta, Ivar. E não fui apenas eu que te escolhi. Ergui a sobrancelha e o sorriso retornou para suas feições.

— Quando o meu lobo voltar, vai tirar o teu brutamontes do sério, até você querer comer minha carne! — Ivar gargalhou e deu uns passos para trás, quando meu lobo se fez presente, rosnando para a implicância. Mas seu cheiro mostrava o quanto ficou emocionado.

Minha missão agora era ir para casa e escolher qual dos descendentes de Jonah iria morrer para encerrar meu fardo de sangue e garantir que a maldição acabasse para todos os licantropos.

Meu lobo bufou, dizendo-me que eu já sabia quem eu queria que morresse: Rulf, meu tio cítrico, arrogante, mas que dizia as verdades duras, que Kaleb tentava adoçar, por medo de eu me tornar quem me tornei. E, diferente de Kal, Rulf não deu as costas para mim, quando os crescentes começaram a se rebelar à minha regência. Kal se colocou como escudo entre mim e o bando, junto com Bog.

Jamais seria um alfa digno para eles.

E Astrid... ela não sairia do Caern, mesmo que isso a tornasse uma pária. Porra! Não podia matá-la. Era uma escolha impossível!

"Eu consigo." — o lobo murmurou em minha mente, mas nem ele tinha certeza daquilo.

"Falar é diferente de fazer" — retruquei e ele não me desmentiu.

Algum deles precisava morrer. E era minha responsabilidade decidir, antes que minha cria nascesse, com a fome desenfreada que eu tinha. Recebi essa herança do meu pai, não passaria para o meu filho! Não... o fardo dos Blackthorn encerraria em mim.

Eu fui o último espinho negro a ser corrompido.

## QUARENTA E CINCO



Drako Aesire

— Ela ainda tá viva? — Luther sussurrou para Leah, carregando a carcaça do lobo de Bjorn, enrolada em um cobertor.

Luther foi buscar sozinho o companheiro de bando. Não deveria ter ido *sozinho*, mas eu não conseguia me importar. Um alfa deveria se importar, Selene teria se importado com a segurança dele...

Acompanhei os sons de destruição na cobertura, pouco me fodendo para quem venceria. Eu estava sentado dentro da mala de um dos SUVs escancarados na garagem subterrânea, com Selene em meus braços, aguardando Axel, ou Tyre descerem.

Se fosse Ax, eu a levaria para casa, para ser enterrada na montanha. Se fosse Tyre, não o desafiaria, permitiria que me matasse.

Sequer me vesti, não a soltei por um segundo, desde que a encontrei nesse estado, dentro daquele quarto no décimo quinto andar. Esperaria feito uma estátua, pelo momento em que minha parceira deixaria de existir...

Só que ela ainda estava aqui.

Alisei os pelos brancos manchados com o sangue do meu torso, sentindo a respiração rasa que saía de seu focinho. Estava gelada, então a trouxe mais para perto do meu peito. Seu cheiro característico ressecava minha boca e fazia os olhos arderem.

Continuei a abraçando e meus pensamentos se tornaram uma torrente entre devoção e revolta. Implorava à deusa por misericórdia para Selene, que me levasse no lugar, ou junto. Para amaldiçoar Luna e rosnar de ódio, logo na sequência.

Por que me dar uma parceira destinada, apenas para vê-la morrer, porra?! Que caralho essa deusa queria?!

Mentiu para mim, dizendo que estava "consertando os próprios erros" ao forjar nossa parceria destinada. Transformou-me em algo novo...

As peças encaixaram-se no lugar, fazendo meu cérebro doer, com o pensamento descarrilhando.

Puta que pariu!

Não, não me amaldiçoou. Luna me *refez.* Devolveu-me à forma natural dos Aesire. Sabendo o que sabia agora, que os metamorfos foram *castigados* a viver com metade das forças, por causa dos pecados dos antepassados; entendi que Luna tirou a maldição *de mim*.

Kamari, Layla e eu, os Aesire mortais; criados pela deusa!

Começou quando encontramos Kami. A familiaridade, meu lobo desesperado por ela, abandonando o alfa Blackthorn, pela alfa Aesire, em um piscar de olhos. E quando viu Selene, ele soube, antes de mim, *quem* ela era. Confiou nela, sem ressalvas, diferente de mim, que desperdicei nosso pouco tempo com meu ódio e prejulgamentos.

Eu só precisava de mais tempo, porra! Só o suficiente para dizer à Selene todas as coisas que não disse, para que soubesse como me sentia, antes de ir.

Aquela fêmea lá em cima morreu. Investiguei o corpo dela,
 mas ninguém a machucou, devia ser parceira de alguém.
 Luther continuou falando, para ninguém em particular.

Cada pessoa tinha mecanismos de fuga da realidade, para não encarar os problemas. A morte de Bjorn estava mexendo com o líder dos guerreiros do meu bando.

Depois da morte do irmão mais velho, antes mesmo de se transformar, Bjorn foi morar com Luther e Liv — a mais velha das minhas irmãs. Luther o criou como uma espécie de sobrinho. E, quando Bjorn escolheu Siv como parceira, não foi muita surpresa para ninguém que ela o aceitasse de imediato.

Aquele cadáver representava a morte de Siv, minha irmã mais nova, abaixo de Freya. E eu a *invejei*. Não teria de sentir a merda que eu estava sentindo.

Só de pensar que eu *sobreviveria* à morte de Selene, pois ela quebrou nosso laço de alguma maneira, meu lobo afundava mais dentro de mim. Ganindo e encurvando-se em uma bola, abraçando sua dor, tal qual uma *herança sombria*.

Me perdoa — pedi a ele. — Por ter sido um fodido imbecil, por não ter confiado no teu julgamento e escutado Selene. E não ter encontrado uma forma de salvá-la, como era nossa missão fazer.

A resposta dele foi um ganido solidário, não me culpava. Eu me culparia por nós dois.

Beijei o topo da cabeça da loba e senti suas patas se moverem. Todo meu corpo eletrificou. Busquei seus olhos, ainda fechados, ainda amolecida, muito frágil. Mas viva. Resistindo... Precisava curá-la!

— Kamari! Kami é uma keepa, ela pode tirar o veneno! — Racionalizei, lembrando-me de Selene me curando e aos meus irmãos.

Virei-me para Luther, que terminava de se vestir, ainda repetindo as mesmas informações, como se alguém quisesse ouvir aquela merda!

- Cala a boca, porra! Entra no carro e vamos para casa! Kami está no Caern, ela pode curar Selene!
- Alfa, se Axel não vencer a luta, a keepa vai morrer junto com ele. E, se ele vencer, são quase dois dias de viagem. Luther sequer me olhou, focado no lobo morto na mala de outro SUV.

De carro! Eram quase dois dias de viagem *de carro*.

Nunca entrei em um fodido avião, sequer tinha documentos e não poderia entrar em um aeroporto com a loba de Selene nos braços. Mas esses Tyrant fodidos deviam ter um em algum lugar.

Escutei as passadas ritmadas nas escadas e deixei a loba branca nela, catando uma calça na dufflel bag do banco de trás. Axel apareceu na porta destruída da escadaria. Estava coberto de sangue e trazia marcas de batalha no torso e braços, cicatrizes que provavam que ele não era invencível. Algumas delas, feitas por mim.

 Você o matou? É o alfa dos Tyrant agora? — questionei, ansioso.

Que se fodesse o tanto de poder que isso o dava, estava a ponto de implorar de joelhos.

- Eles estão abaixo de mim, mas não são *meu bando* Ax respondeu, evitando me olhar diretamente. Não a mim, Selene. A loba dela era parecida demais com a de Kami.
- Ax... eu sei o que ela te fez. Comecei a minha súplica, indo na sua direção. *Seus pais*... Seu pai perdeu a cabeça, ia matar os descendentes de Vikran, todos eles, para você jamais ter que passar por isso que está passando. Foi pelo bem-coletivo, Axel. Ela fez o sacrifício, assumiu o papel que os deuses a deram nessa merda toda. Todos nós fizemos a nossa parte.

O alfa Blackthorn retraiu o lábio superior, mostrando-me as presas. Odiava o que eu estava dizendo, tentando justificar a morte de sua mãe como um *benefício*, um efeito colateral. Pedia perdão pelo imperdoável, por Selene.

- Não vou matar sua fêmea, Drako, ela não vai pelas *minhas mãos*... Trancou suas íris amarelas em mim, querendo me dizer que ela já estava praticamente morta, de qualquer maneira. Mas ela *tem que morrer* e você sabe.
- Não! urrei, voltando até ela e depositando a mão na sua lateral, próxima da barriga macia, que não conseguia proteger. Voltou a

se mover, agora um pouco mais forte. — Ainda não. Só tem eu e ela com o fardo de sangue, nós podemos...

— Kamari *é branca* também, Drako! — Apontou o indicador na minha cara e a garra despontou, ao mesmo tempo em que sua mão se transformava. Rugiu e a voz veio com um timbre sombrio, cavernoso, que não o pertencia: — E tem a *minha cria*. A maldição tem que acabar, para todos!

O filho dele era descendente de dois clãs, como Kamari.

Fechei a boca, decidido a não falar mais com ele. Axel estava sendo prático e racional, tinha um propósito que ia na contramão do meu. E estava pouco se fodendo para minha dor. Kami era diferente, ela me ouviria.

- Não quero que ela morra na estrada, preciso chegar lá antes menti.
  - Tem um helicóptero no terraço, mas a distância é muito longa.
- Preciso de um avião. Você é o novo alfa dos Tyrant. Eles devem ter algum. Tyre precisava ir até os Primeiros de alguma forma, certo?
- Não tive tempo para perguntar se Tyre tinha uma porra de avião, Drako! — Axel estava ficando puto com a ligação que fiz entre ele e o clã vermelho, mas era a verdade.

Selene se encolheu, protegendo a barriga, e curvou o pescoço na direção da minha mão. Meu coração disparou, quando ouvi um ganido baixinho. Parecia que estava recobrando a vida aos poucos, dando-me esperança de que suportaria chegar no Caern, até Kami.

Bem neste momento, cerca de uma dúzia de Tyrant saíram dos elevadores, carregando malas. As íris avermelhadas, que para os humanos pareciam castanhas, brilhavam no escuro, mesmo com eles na forma humana. Imortais eram mais fortes porque o lobo entranhava na carne e fazia essas pequenas mutações.

— Eles devem saber. — Fiz um gesto de queixo e Ax suspirou, frustrado, e as narinas se alargaram — Por favor, por mim, por tudo o

que fiz por você, não contra você. Por favor.

Seus olhos passaram para o dourado cintilante, que os metamorfos herdaram e eu havia perdido. Minhas íris eram prateadas agora, como as da minha fêmea, a original de meu clã.

- Você! Como eu arranjo um avião privado? Apontou para o macho que seguia na frente do grupo de exilados.
- Tyre mantinha um no norte do estado, em uma pista privada, para quando queria voltar para a Europa, para lidar com os Primeiros.

"Os Primeiros Filhos", como foram apelidados os alfas dos bandos imortais mais antigos, ficaram no velho mundo e, dificilmente, vinham para as Américas.

Não havia *Blackthorn* ou Lunari fora do continente americano, os Primeiros que descendiam de Jonah e Vikran, pertenciam a Tyre, há milênios. Apenas os Aesire foram resistência desde o início.

Havia dezenas de matilhas lideradas pelos Tyrant, espalhadas em outros países. Tyre Tyrant não era chamado de "Alfa dos alfas" apenas por ser um original. Os vermelhos dominavam o resto do mundo, só não eram mais populosos que os Vagantes Selvagens.

Ao matar Tyre e encerrar o fardo de sangue de seus descendentes, Axel assumiu a responsabilidade por eles também. Talvez não tivesse se dado conta ainda. Os *Primeiros Filhos* ficariam furiosos pelo enfraquecimento, quando sentissem o fim do fardo de sangue, ou seja, sua mortalidade.

Essa guerra encontraria o alfa da lua cheia, ainda em seu tempo de vida, ou seria herdada pelas suas crias. A minha encerraria aqui.

- Você vai mostrar o caminho, beta. Sua nova missão.
- Mas e eles? questionou sobre o bando que Axel provavelmente expulsou do prédio de Nova Iorque.
  - Quem tá abaixo de você?
  - Mareska o beta Tyrant chamou uma fêmea.

Ignorei a conversa, pois não me importava, só o que eu precisava era chegar no Caern o mais rápido possível. A loba abriu os olhos e ganiu baixinho, olhando para mim.

"Só mais um pouco!", prometi silenciosamente a ela e ao meu lobo.



Voltar para casa, dessa vez, teve um sabor diferente. Não havia mais queimadura em meu peito, lembrando-me da parceria amaldiçoada. Mas havia uma loba consciente, deitada com a cabeça em meu colo.

A loba de Selene voltou a respirar mais frequente, antes mesmo de subirmos no avião. Ficou tensa e até uivou baixinho, durante a decolagem. Era como se estivesse curando a si mesma. Mas eu sabia que não, que, na forma animal, as keepa não conseguiam acessar seus poderes.

Agora, algumas horas depois que pousamos, perto da cidade perto da montanha onde ficava o Caern, ela ficou quieta, adormecida e tranquila em meu colo.

O que estava acontecendo?

— O coração dela está forte outra vez — Ax comentou, sentado no motorista, enquanto eu seguia no banco de trás com a loba de Selene.

Sequer precisamos roubar carros, o ex-beta de Tyre fez meia dúzia de ligações, para liberarem a pista de aterrissagem e arranjarem transporte para nós e os metamorfos. Axel veio sozinho, sem seu bando. E não queria imaginar o porquê.

— *Sim* — praticamente rosnei, ao ver seu semblante fechar pelo retrovisor central.

— Vai ser pior assim, Drako. — Axel desviou o olhar de volta para a frente, já na pista que dava no portão central do Caern.

Ignorei o que ele não disse: "vai ser pior assim, quando ela tiver que morrer." Era o que ele pensava. A cria dele só se transformaria a primeira vez no meio da adolescência, se fosse um macho, e no final, se fosse fêmea. Tínhamos tempo. Kami podia suportar.

Mantive o silêncio até chegarmos ao Caern. Por mais que Axel tivesse dito que o território era do de Jonah, o bando ainda era meu. E ninguém tocaria em Selene sem a minha permissão.

Ax estacionou em frente à casa do alfa, os outros dois carros, trazendo o corpo de Bjorn e o resto do meu bando, seguiram na direção da garagem. Kamari veio correndo para encontrá-lo, jogando-se nos braços dele, como se não o visse há semanas e não dias. Interrompi o abraço, carregando Selene até ela.

- Ela foi envenenada, Kami, faz alguma coisa, por favor!
- Não! Ax se meteu, rosnando para mim e puxando Kamari para suas costas. Seus olhos se transformaram e então ficaram vítreos.

Kamari saiu de trás dele, sem se aproximar de mim, ou da loba de minha parceira. Os olhos dela transformados me contavam que estava se comunicando com Axel por telepatia, como Selene fazia com o bando dela, mas não comigo.

— Não vou passar por cima do meu parceiro, Drako... — determinou, erguendo o queixo e olhando de esguelha para o macho dela. Meu sangue enregelou, porque jamais pensei que Kamari fosse capaz de fazer isso, recusar-se a me ajudar, deixar minha parceira morrer. Estendeu a mão no ar, pedindo-me paciência. — Mas vou te ajudar a curá-la. Se você é um Aesire, pode fazer.

Lembrei-me das palavras de Luna outra vez, quando levei Selene desfalecida até a deusa: "Essa é a sua missão". *Salvar Selene*, era minha missão. Eu a salvei depois da facada. *Meu lobo* a trouxe de volta!

— Ele já fez! Ela já tá melhor do que antes! — Ax resmungou e puxou Kami de volta para trás de si. — Curou meu bando no ataque ontem à noite..., mas vai ser pior, Drako!

Se Selene se curasse, Axel a mataria para livrar sua cria do fardo.

— Você não vai encostar nela! — Ajustei a loba, atravessando-a sobre meus ombros, liberando minhas mãos.

A multidão dos metamorfos começava a se aglomerar atrás de mim e, na porta da casa do alfa, os descendentes de Jonah, olhavam para nós, com seus olhos amarelos. A loba de Selene resmungou e moveu as pernas, tentando sair de onde a coloquei. Fui dando passos para trás e Kamari segurou os antebraços de Axel, procurando-me com um olhar inquisitivo.

Senti a presença dela em minha mente, como acontecia com Luna, mas eu não a ouvia, não até me concentrar em ouvir. Fiquei surpreso ao escutá-la.

"...ako! Drako!" — Era a voz de Kamari, berrando dentro da minha cabeça, mas não exatamente. Ela conseguiu sentir quando a conexão mental estabeleceu. — "Use as mãos e imagine a cura. Visualize o poder, com alguma cor. Entendeu?" — Engoli em seco, assentindo, e meus olhos estreitaram ao vê-la mudar a pegada nos braços de Ax. Ela ia tentar contê-lo? — "Eu vou segurá-lo aqui, até você estar pronto para voltar. Agora que abriu a mente, é só ver a dela. Nós estaremos aqui, quando você estiver pronto para voltar, ok?"

Ajustei minha pegada nas patas da loba e olhei para minha direita. Bogdan estava lá. Então procurei por Kaleb. Ele era justo, ia me ajudar a manter Axel afastado por tempo suficiente para eu trazer Selene de volta. O antigo regente assentiu brevemente e eu corri na direção da garagem.

Ouvi os rosnados e os urros de Axel. Mas, segundos depois, os urros cessaram. Não parei, subindo a montanha.

## **QUARENTA E SEIS**



Kamari Blackthorn

Axel parou de se debater, quando lancei o campo ao seu redor. Uma redoma brilhante, translúcida, permeada por raios brancos a circundando.

Manipulei seu humor de forma que todos os sentimentos desligassem e restasse apenas a racionalidade. Meu poder o influenciou tanto, que seus olhos voltaram ao amarelo-humano, prendendo-me do lado de fora. Por isso, falei:

— Deixe-o se *despedir*. Ele ainda tem esperança... E já é triste o suficiente que ela não esteja mais lá. Por favor, compreenda.

Quando os vi chegarem, meus olhos se transformaram automaticamente. E, assim que li a mente da loba Branca nos braços de Drako, só vi as imagens confusas, embaralhadas. Percebi *o que* ela havia se tornado: uma feral. Não havia nenhum traço da humana, só a loba. Drako compreenderia em breve. Aquela que ele carregava não era sua parceira, e sim a de seu lobo.

— Ela virou feral. — Axel se virou para mim, a expressão apática que meu poder fazia aparecer nele.

Odiei ver aquilo e *soltei* o poder, que retornou para dentro de mim, feito uma mola tensionada. Meu Ax voltou a sentir sua Fúria com a força de uma vingança. A pele fumegou e seu cheiro maravilhoso foi

tingido com o da traição, pela minha atitude. Ignorei toda a multidão e os sibilos invertidos por me verem controlar o alfa bestial, bem como os pensamentos ultrajados.

— Isso não é certo, Kamari. Ela *matou* os meus pais. — Ax não gritou, o timbre grave ressoou pelo espaço aberto, descendo pela minha garganta com o amargor da sua decepção.

Foi como uma mordida na carne. Apontou o dedo em riste para mim, o braço estremecendo de Fúria. Todos aqueles a quem ele amava, eventualmente se colocavam como barreiras entre ele e o mundo e eu havia acabado de fazer o mesmo.

Meus órgãos pareciam querer trocar de lugar, com a culpa, mas mantive o queixo erguido e a coluna ereta. Não era certo usar meus poderes nele desta forma, mas foi *necessário* e não me arrependia.

Olhei ao redor, todos os metamorfos me julgavam com seus cenhos franzidos, temerosos. Pensavam em mim como uma bruxa, que abusava dos poderes que a deusa havia me dado. Mas foi justamente por isso que Luna me deu os poderes e não me permitiu mostrar o pescoço para Axel.

Para ser sua âncora de luz, aquela que o freava e o centrava em meio à tempestade caótica de Fenrir, não podia ser *obediente* ao meu parceiro. Precisávamos ser um par *equivalente*. Avessos, como Bogdan apontou.

— *Nada disso* é certo, Ax. — Meus olhos pinicaram e o nariz ardeu, por conter o choro. — Drako merece *se despedir*. A deusa partiu o laço deles, ele tem escolha de viver ou morrer com ela. Se fosse comigo, o que ia querer que fizessem por você?

Axel deu um passo para trás e prensou os lábios juntos. Negou com a cabeça, o pescoço tenso, as veias rígidas, feito cabos de aço. Afastou-se de mim, andando na direção contrária a que Drako havia ido.

Implorei, com o olhar, para que Bogdan o seguisse e o grandalhão assentiu. No instante em que Ax e Bog desapareceram na floresta que dava na clareira, a multidão dispersou e o silêncio fez minha pele arder.

Sabia que meus pais estavam na varanda da casa do alfa, ouvia as batidas de seus corações, só não tinha coragem de encará-los ainda.

Não queria mais *ficar aqui*, queria voltar para a estrada com ele, voltar no tempo, para a cabana na montanha. Só nós dois, onde ele era só meu e não tinha de carregar o peso da obrigação de ser juiz e carrasco de ninguém. Onde seu fardo cruel não o atingia.

Mas havia feito uma promessa, precisava esperar por Drako, até que ele estivesse pronto para deixar Selene morrer. Meu beta, o novo alfa, nós éramos sangue, família. Dos poucos amigos que tive na vida, o antagonista da lua nova era o melhor deles.

"Ela não é mais um sacrifício válido, criança" — Luna falou comigo.

"Como assim?" — questionei-a, sentindo meu estômago revirar. O sangue congelou, descendo para os pés, deixando-me zonza.

"A maldição foi lançada sobre as minhas *criações*" — respondeu e senti uma espécie de afago mental. — "Sinto muito."

A maldição foi imposta em quatro *lupinos*. Selene, feral, não passava de uma loba que *um dia* foi uma licantropo. O mesmo que ocorreu com os outros descendentes de Vikran. Por isso precisaram da família de Paul.

"Mas..., mas... o sangue?" — até em pensamentos titubeei e cobri minha barriga, pensando no bebê que eu carregava. *Eu* era uma loba Aesire também.

"Selene não é mais a única Aesire *criada* por mim..." — A maciez em sua voz vinha com um pesar que podia ser manipulação, mas não parecia.

Drako, minha mãe e eu?

E meu bebê?

Meus músculos enfraqueceram, a temperatura despencou. Bati os dentes, subitamente gelada, e minha face ficou dormente. A visão afunilou, em preto e branco, a audição apagou, feito uma lâmpada, e me senti despencando eternamente.



Acordei com o aroma de pinheiros e fogo. O corpo maciço em minhas costas irradiava um calor que alcançava meu âmago e fazia o nosso laço de parceria amornar, vivo, bombeando tranquilamente.

Axel estava deitado atrás de mim, na mesma cama em que me acordou do pesadelo, semanas atrás, quando ainda tentava rejeitar nossa parceria. A palma pesada fervia, sob a camiseta que eu usava, colada em minha barriga.

— Você me assustou pra caralho, Kamari. Lobas *não desmaiam*, porra! — Respirou fundo em meu cabelo, tentando controlar a aura sombria que o rodeava. O perfume de seu medo e frustração me contavam do arrependimento. — Fui eu que fiz isso? Eu não... Prometo que não... — Sua voz ficou mais rouca e ele pigarreou. — Não vou mais...

Axel não mentia para mim e estava se debatendo, para encontrar uma maneira de prometer que não ficaria mais furioso comigo, mesmo sendo quem era.

Segurei sua mão e entrelacei nossos dedos sobre meu abdômen.

— Vai sim e tudo bem. Não quero que mude, Ax. Mas também não vou mudar. Nós sempre brigamos, ainda assim, escolhi te amar. Nunca esqueça disso, por favor. — Tomei coragem para dizer o que, certamente, ia aborrecê-lo outra vez. Meus olhos e garganta arderam e meus batimentos aceleraram vertiginosamente. Mas precisava contar: — Luna falou comigo.

O colchão afundou atrás de mim com sua movimentação rude. Manipulou-me para deitar de costas e seu rosto severo pairou sobre o meu. Estudei o cenho franzido, o "V" profundo entre as sobrancelhas grosseiras. O lábio superior retraiu, como se as presas estivessem à

mostra — um reflexo da brutalidade de seu lobo e do macho que ansiava que ficasse comigo, até nossa morte.

O olhar inquisitivo me contava de seu rancor contra a deusa. Mas eu não tinha raiva. Luna era *justa*, mas não era *piedosa*, não podia ser. Se escolhesse lados, favoreceria alguém, mudaria o curso do destino. Fenrir a avisou para não se meter e desequilibrar a harmonia outra vez.

Toda *escolha* tinha consequências.

— Selene não serve mais como sacrifício para quebrar a maldição do clã Aesire. Ferais não são criações de Luna, são natureza. Os Lunaris não serviam, por isso Paul... — Um soluço de choro me invadiu. Cobri a boca com as costas da mão, lembrando-me da morte dele. Axel se sentou e me puxou de lado, encaixando-me sobre as coxas poderosas. Engoli o nó de choro e tranquei nossos olhares. — *Eu* sou Aesire.

Ax levou apenas um segundo para compreender o desdobramento de minha fala e *inundar* o quarto com sua dominância agressiva, densa como concreto. Minha loba se remexeu, incomodada com a espécie de aprisionamento e resmungou, mas a suprimi, para que não atrapalhasse. Precisava que ele concordasse.

— *Não*! — urraram, ele e o lobo, e me apertou em seu peito.

A camiseta dele tinha cheiro de lar, de montanha. Enfiei o rosto na dobra de seu pescoço e depositei um beijo sobre a marca da parceria ali. Sua respiração pesada vibrava junto com o grunhido crescente, reverberando em minha caixa torácica.

- Não, Kami! Não é mais só você e eu! Essa deusa filha da puta!
   A cada palavra que dizia, mais suas palmas apertavam minhas costas, minhas costelas, até chegar na nuca, imobilizando-me.
- Ax... tá tudo bem menti e senti as lágrimas escaldantes inundarem meus olhos.
- Não, porra! Você não é a única Aesire! Tem o Drako e a sua
   mãe! Pareceu se acalmar ao ver saída, justamente o que eu não queria. Fechei os punhos em sua camisa.

— Também precisa de um Blackthorn com o sangue de Jonah. Drako não entrega isso. Nós, sim — sussurrei com a boca contra sua garganta, meus lábios tremiam ao beijar a pele sobre seu pomo de Adão.

Adorava a confiança que ele tinha em me deixar tocar seu pescoço — a parte mais frágil de um lobo — sempre que quisesse, confiando que jamais o machucaria. E aqui estava eu, pedindo que morresse junto comigo.

— Não! — Segurou meu rosto entre as mãos, tremendo de ódio pelo destino traiçoeiro que se descortinava. — Então não vai ter fim! Não vamos quebrar essa porra de maldição! Fim da história! Não vou deixar essa deusa miserável matar meu filho, porra!

Cobri a boca dele, impedindo-o de continuar gritando e meus pais ouvirem. De olhos arregalados, transformei-os e alcancei sua mente desgovernada, colérica.

"Todos eles se sacrificaram de alguma forma, Ax. Todos perderam alguma coisa. E nós... nós não deveríamos existir. Cumprimos nossa missão de existência, libertar Fenrir. Agora chegamos na escolha que Luna me avisou que você teria de fazer." — Enfiei meus pensamentos em sua mente e ele urrava por trás da minha palma e em sua cabeça. Ele e o lobo debatiam-se contra a ideia.

Seu rosto estava outra vez transitando entre as formas em flashes, o que me contava que estava à beira de entrar em Fúria.

Abracei-o, mas não usei meus poderes. Axel tinha o direito de sentir o que estava sentindo, assim como eu. Minha tristeza tingiu a ira dele, transitando em nosso laço de parceria. Acariciei o cabelo que alcançava sua nuca e beijei sobre a barba.

Os braços musculosos me apertaram com um sentimento avarento. Permanecia negando e pensava todo tipo de impropérios. Prometia insanidades cruéis, contra todos os membros de nossas famílias. Não o julguei, não disse mais nada, esperando a tempestade passar. Eu o traria de volta para mim, sem os poderes.

Fiquei tão envolvida com ele e em acalmá-lo, que não ouvi os passos dos meus pais.

 Nós podemos entrar? — Meu pai bateu na porta e a abriu, sem esperar resposta. — A deusa falou com a sua mãe também, Kami. Aparentemente, ela tem os preferidos e não são os descendentes de Jonah.

Kaleb tomava boa parte do portal, com a postura de um alfa de paz. O sorriso tranquilo em seus lábios era falso e, mesmo assim, rejuvenescia-o.

Atrás dele, minha mãe se encolhia, sofrendo com a dominância hostil que Axel emanava e entranhava nas paredes. Ela era uma ômega, correu ao lado de meu pai, presa no fardo da lua, *pela primeira vez*, ontem à noite. Eles foram privados de uma vida inteira como parceiros, por minha causa, e quase morreram...

Nós entregaremos o sacrifício. Uma Aesire e um Blackthorn.
 Somos nós que temos que fazer isso, Kamari. — O tom assertivo de Kal não foi um comando-alfa.

O filho da meia-lua era controlado e diplomático demais para provocar o filho da lua cheia, furioso, assim. Só que, para mim, foi uma flechada da mesma forma.

Axel se tranquilizou ao ouvi-lo, ignorando, por um instante, o que isso significava. O alívio nele foi tamanho, que sua mente se fechou para mim.

Os dois homens se encararam por um longo instante, em um diálogo silencioso de tio para sobrinho. E, quando meu parceiro assentiu, eu soube que atendia ao pedido mudo que o antigo alfa lhe fez: que fizesse a vontade deles sobre a minha.

Não vou permitir, Axel. — Afastei-me dele, arrastando-me sobre a cama, até recostar na cabeceira. — Não vou... deixar... você fazer isso! — Minha voz saiu, mesclada de choro e comando-alfa, descontrolada.

Minha tristeza o fez ficar tão agoniado, que seu lobo sequer tentou reclamar. Ax foi para a beirada da cama, plantando os pés no chão e apoiou os cotovelos nos joelhos, resignado. Era a primeira vez que enxergava um resquício do antigo Ax, antes de Fenrir.

— Drako pode querer se sacrificar pelo bando dele. Já perdeu a fêmea de qualquer forma — comentou, tentando imprimir frieza, porém sua agonia empática, atravessou nosso laço.

Se Drako quisesse se sacrificar, significava que Axel teria que *escolher* outro Blackthorn para morrer. Astrid e Rulf, seriam as únicas opções.

- Não! Nós vamos fazer isso, por vocês e o bebê. O alfa dos metamorfos já vai sofrer o suficiente, sobrevivendo sem a sua destinada.
   O bando precisa dele, Axel. Não é por isso que estamos quebrando a maldição? Kaleb virou para mim e entrou no quarto. Está tudo bem, filha...
- Não! urrei e Axel se levantou. Virou de costas para mim, falando alguma coisa com minha mãe. Não! Cobri o rosto, feito criança.

A porta fechou com um clique suave e algo dentro de mim estilhaçou. Soluços de choro nublavam tanto meus sentidos, que não conseguia acessar meus poderes. A cama afundou de ambos os lados, mas o cheiro não era de pinheiro e lenha crepitante, era o cheiro *de lar*.

- Devia ter perdoado antes! Ter ouvido quando me pediram. O choro esganiçou minha fala. Por favor, não faç...
  - Shhh Kal chiou, tranquilizando-me.

Solucei e as lágrimas borraram todas as formas. Havia uma pedra em meu peito e espinhos negros na garganta, a ponto de provar sangue. Meu pai me puxou para seu peito, oferecendo o conforto que tive tão pouco.

Kal era tudo o que Malena e Axel prometeram que seria e não era *justo* que todos tivessem tido *o meu pai,* mais do que eu.

Layla deitou a testa em minhas costas e fui atacada por uma enxurrada de memórias de nós duas: nossa casa isolada na montanha, sua arte, seu amor e compreensão da minha rebeldia. Eu e ela contra o mundo, sempre.

Qual era o sentido de tudo isso, se era para os perder quando, finalmente, podíamos ser uma família?

"Luna, por favor, tem que haver outra maneira!" — implorei, mas não me respondeu.

— Nós sacrificamos tudo por você, achei que seria um bom exemplo. Agora é a sua vez, pela sua cria. — Kaleb beijou o topo da minha cabeça, demoradamente.

Não podia ser eu ou Axel, não podia!

Meus pais me deram um exemplo melhor que esse. Contudo, quem era eu, para condenar Drako à morte? Ou Astrid, ou Rulf? A deusa nos dava escolhas. Podiam não parecer justas, mas eram as que estavam à disposição.

Meu choro dolorido vertia, quase me roubava o ar e me fazia guinchar, puxando suspiros invertidos, feito criança, no colo dos pais.

- Você precisa nos deixar ir. Se essa é a opção, nós ou você, vocês
  Layla cobriu minha mão sobre a barriga, e suas lágrimas molharam minha bochecha, ao me beijar —, não tem opção.
- Não brigue com Axel. Ele entendeu que não há escolha, e vai ser melhor pra ele também. Só *uma* morte, de alguém que está indo para ela por livre-arbítrio. Pense nele, Kamari. O tamanho do fardo que vai ter que carregar, se tiver que subir a montanha para matar Drako e depois matar *Astrid*, porque *uma mãe* jamais vai deixar sua cria ser sacrificada em seu lugar meu pai argumentou.

Isso acabaria com Axel.

— Vamos ficar até você dormir — sussurrou, em tom de despedida.

- Não, espera! Por favor, espera! Espera, espera... *Espera*! Soluçava, mas sabia que jamais haveria um momento em que eu diria que "tudo bem, podem ir". E não era justo com ninguém amargar isso por dias, semanas ou anos.
- Shhh, tá tudo bem, Kami, você vai ficar bem minha mãe prometeu, mas sua voz chorosa não me passava a mesma segurança.
- Vocês não vão, não vão conhecer ele! falei sobre o bebê, tentando negociar, em vão.
- Não chamaria *sacrifício*, se fosse fácil. Kaleb beijou minha têmpora.

Foi se esticando na cama, levando-me consigo. Fechei o punho na camisa, molhada de lágrimas, e escutei o zumbido tranquilizador que ecoava em seu peitoral largo. Enquanto minha mãe deitava o rosto no meu, encapsulando-me com o amor que sempre me ofereceu.

Ficamos assim por horas, até a lua cheia subir no céu outra vez. E eu tentei, tentei demais não dormir, mas foi como se toda minha energia fosse drenada. Em meu sono, voltei àquela floresta, com a meia-lua travada no céu e tive medo de ficar presa ali outra vez.

"Não vai, criança, eu prometo. Mas, talvez, queira voltar para cá." — A loba branca sorriu, lupina. — "Eles vão ficar aqui, nos seus sonhos, até você estar pronta para se despedir. É o máximo que posso fazer, minha pequena lua."

Meus pais? Eles ficariam presos aqui?

"Não presos, exatamente. *Acessíveis*. Mas não pode ser para sempre. Você saberá quando."

Acessíveis... Luna era sempre muito cuidadosa com a escolha de palavras, sempre falando em enigmas e meias-verdades.

"Esperta demais para uma criança." — Aproximou o focinho do meu rosto, num toque terno, afável. — "Você poderá vê-los, aqui, nesse plano, onde eles estarão comigo."

Tinha muitas perguntas para fazer, mas a lua foi descendo veloz, dando lugar ao amanhecer e acordei, na manhã seguinte. A cama estava vazia, gelada. Meu coração palpitou e me levantei em um salto, indo atrás deles, antes que fosse tarde demais.

## **QUARENTA E SETE**



Axel Blackthorn

As solas dos meus pés quebravam os gravetos na trilha para a clareira. Todo o Caern foi avisado para ficar em suas casas e não saírem. Se eles não eram mais meu bando, não mereciam fazer parte disso: o sacrifício de um alfa, por eles.

Eu não tocaria em Layla, embora fosse ser muito mais fácil para nós dois. Layla era a mãe de Kami, mas não era alguém importante para mim. Não havia memórias me consumindo a respeito dela.

Alcancei a clareira primeiro, antes do nascer do sol. Fiquei na sala da casa do alfa, ouvindo minha fêmea chorar até dormir nos braços dos pais. E esse não foi o pior momento da minha madrugada. Não, o pior foi quando Kal veio até mim, depois que ela dormiu e me pediu para que fizéssemos o que era preciso, antes que Kamari acordasse, para não a fazer passar por isso duas vezes.

Agora, eles estavam dentro da casa, despedindo-se de Astrid e Rulf, para virem para suas mortes.

Ao olhar para a clareira cerimonial do meu bando, senti ódio da deusa que eles adoravam e do fodido destino que nos mastigava sem pressa, até nos triturar e engolir. Para não matar meu filho, teria que matar *meu pai*.

Ouvi as passadas estrondosas e fechei os olhos, deixando a cabeça pender para frente. Bog entrou no meu campo de audição, muito antes de eu conseguir vê-lo.

- Veio conferir se não estou fazendo nada contra *o seu* bando, Bogdan?
- Vim conferir se meu melhor amigo tá bem. O bando não sabe o que vai fazer aqui, mas, ao contrário do que você e Drako pensam, eu não sou só um par de punhos. Se voltou, é porque a maldição dos Tyrant acabou. Agora, um Blackthorn descendente de Jonah tem que morrer, para acabar com a maldição de vocês. Não vai ser você, porque a Kami tá grávida. E você não estaria assim, se fosse matar o Rulf... Cruzou os braços no peito largo, o torso nu e os pés descalços me contavam que havia se transformado, ou pretendia.
- "Assim" como, Bog? Tentei me amparar na fúria que sempre me consumiu, mas nem Fenrir e nem o lobo estavam presentes, deixaram para mim a tarefa difícil.

Ele abriu a boca para responder, mas nós dois escutamos os passos de Kaleb e Layla se aproximando. Vieram de mãos dadas, sorrindo, cúmplices e apaixonados. Os olhos dela estavam vermelhos de choro e, se não fosse seu cabelo bem mais curto, na altura dos ombros, Layla pareceria ainda mais com Kamari.

E era justamente por olhar para ela, com o dobro da idade da minha parceira, que eu *precisava* fazer isso. Para que Kami chegasse àquela idade.

Talvez jamais me perdoasse e passasse a me odiar, mas nossa cria precisava disso. *Eu* precisava. Drako tinha certeza de que ele e a fêmea podiam resistir ao fardo. Kamari resistiria com certeza. O problema era eu.

O filho da puta sanguinário que havia provado a carne e não conseguia parar. Que fraquejaria e veria a decepção nos olhos dela, toda fodida vez.

Kal não estava fazendo o sacrifício apenas pela filha dele, estava fazendo por mim, porque era mais meu pai do que Loth jamais teria sido. Não importava boas intenções, ou que tivesse sido assombrado e injustiçado por Fenrir.

Kaleb Blackthorn era o meu pai.

E seriam os exemplos deste pai diante de mim, que tentaria repetir com os meus filhos. Repeti os ciclos viciosos de Loth, todos seus erros. Os acertos seriam uma cópia malfeita dos de Kaleb, o que já faria de mim um macho melhor do que vinha sendo.

Bogdan ficou em silêncio e, lentamente, foi se posicionando à minha direita. Neguei com a cabeça, pois era minha tarefa, meu fardo para carregar. E me forcei a focar na floresta, ganhando coragem. Fixei o olhar na mesma árvore onde quebrei a espinha de Ivar, semanas atrás, quando tomei a liderança pela hostilidade.

Dei privacidade ao casal, que se beijava em despedida e ouvi o choro baixinho de Layla. Urrei em minha mente, buscando o lobo fodido que se escondeu atrás da barreira, dando-me as costas. Amaldiçoei Fenrir por ter sumido, quando mais precisava que me possuísse, que usasse minhas mãos e fizesse a merda que precisava ser feita.

"Todas as suas escolhas foram suas, alfa. Apontei os fatos e *você agiu*, lide com isso. Eu sou particularmente fã do livre-arbítrio, então, *escolha*." — a voz cavernosa foi desaparecendo gradualmente e senti quando desapareceu.

Aquela sombra imensa que infectava meu sangue desapareceu. Fenrir me deixou sozinho no momento de maior desespero. Enfiei as mãos no cabelo, puxando-os desde a raiz e caminhei para o centro da clareira, ao ouvir Kaleb dizer que amava Layla e se afastar dela.

Não queria ver quando ele se transformasse. Kal podia tentar receber a morte de braços abertos, mas seu lobo não aceitaria facilmente, principalmente, porque isso significava matar Layla, que agora tinha uma loba para ser parceira dele.

Sabia que o humano tentaria me dar toda a vantagem possível, para fazermos isso rápido e permanecer me protegendo de mim mesmo. Mas éramos metade animais e o instinto de sobrevivência sempre vencia a racionalidade.

Senti a proximidade e sua mão em meu ombro. A mesma que o segurou, quando finalmente voltei a mim e me levou ao local onde minha mãe estava enterrada, no alto da montanha, com todos os outros, onde o sol da manhã batia.

- Filho, tá tudo bem.
- Eu sei fingi a indiferença que sentia doze horas atrás, quando cheguei no Caern. Ou vinte e quatro horas atrás, quando pensei em qual Blackthorn mataria e Kaleb *pareceu* uma opção.

Com a realidade a um centímetro de distância, eu me acovardava.

— Confio que você vai ser o melhor que conseguir ser, não por mim ou por si mesmo, mas por ela. Estou confiando a você o melhor de mim e nunca foi o bando.

Minha garganta contraiu, eu não conseguia falar.

Puxei a calça pelos quadris, despindo-me, desejando acabar logo com isso. Acabar com tudo. Tentei forçar a transformação, mas o lobo não quis sair. Havia uma nevasca em minha mente e ele estava congelado, atrás de uma parede grossa de gelo, não da teia fina que sempre esteve.

Vem ser o filho da puta sanguinário que você é, porra!, urrei com ele.

Silêncio.

Minha mão se transformou em patas hominídeos e senti a ira impulsionar a transformação. Só eu, sem o lobo, como os imortais faziam. Havia me tornado um fodido imortal, não havia? Não era por isso que agora Kal tinha que morrer?

O ódio pelo que me permiti fazer. Pela corrupção que Fenrir soprou em meus ouvidos, mas que *eu* escolhi fazer, causou. Essa era a

consequência das minhas escolhas.

Quando tomei a forma bestial, não era a mesma coisa que sempre foi, a ânsia de matar. O lobo de Kal rosnava em sua mente e ecoava na minha. Ainda pertencia ao meu bando.

Não havia me abandonado, mesmo depois do que me viu fazer na batalha do Santuário. Kal não desistiu de mim, quando pôde escolher entre mim e Drako, preferiu fazer parte do meu bando profano.

E era *assim* que o pagaria, por tudo.

"Está tudo bem, filho... está tudo bem" — atravessou a mensagem pela conexão de matilha.

Cambaleei para trás, as patas fechadas em punhos. Trinquei os dentes e grunhi, para que ele parasse de falar.

Aquele tom tranquilizador era o mesmo de quando me transformei e matei o primeiro companheiro de bando. Kaleb seria o segundo...

Kamari tinha razão. Essa linha, essa escolha, a peça do tabuleiro que não havia movido, por opção, era a mais penosa e irreversível.

Meu lobo nunca respeitou a *autoridade* de Kaleb, mas respeitava o altruísmo de seu sacrifício pela cria. O animal em mim queria ter tido a oportunidade de fazer o mesmo pela dele. *Paul Axson* mudou meu lobo, irreversivelmente, *para melhor*.

O único que desceu na espiral de corrupção e não havia chegado ao fundo fui eu.

Eu precisava fazer isso, precisava fazer isso, precisava...

Dei outro passo para trás e me distraí com o choro baixinho de Layla, à beira da clareira. Com as mãos fechadas em oração sobre a boca.

Mais um passo para trás.

Sempre fui o assassino, o brutal, o monstro amaldiçoado...

Outra lágrima perolada escorreu na bochecha castanha da mãe de Kamari. Elas eram iguais, porra!

"Não vou conseguir segurá-lo por muito tempo, Ax... você precisa fazer agora!" — Kal me incentivava, tranquilizando-me com aquela dominância de alfa pacífico, a mesma que Kamari tinha.

Perdi a forma, caindo de joelhos no centro da clareira. Kaleb estava nas duas patas, a besta grisalha como ele, circulou-me, medindo minha fraqueza, farejando a queda do predador. Minha pele fumegava e arranhei o chão, fazendo terra entrar sob minhas unhas.

Memórias de Kaleb durante toda minha vida invadiram-me em torrente: ele orgulhoso de mim, ao me nomear seu herdeiro, diante dos Blackthorn; nas quatro patas, ensinando meu lobo a caçar e controlar seus impulsos; e se colocando como escudo do bando — não apenas para protegê-los, mas para me proteger de mim mesmo e da culpa que sabia que viria, a que me chicoteava agora.

Rugi, enfurecido, cravando os dedos na terra, até minhas unhas sangrarem. As lágrimas furiosas pingaram no chão. A primeira vez que chorava, desde que subi a montanha para visitar o túmulo da minha mãe, assim que tomei a pele de volta e soube que era um maldito.

Eu não podia fazer isso, não conseguia.

Kaleb era meu pai, porra!

Eu não consigo, não consigo!, implorei para o lobo assumir, mas ele se recusou.

Bog tomou à minha direita e segurou meu ombro, apertando tão forte, que quase quebrou minha clavícula. Não ergui o olhar, derrotado, a cabeça pendida para frente. Minha pulsação retumbou em minhas têmporas, ao escutar a corrida dela, então fui invadido pelo aroma de lavanda e mel.

O que só fazia ser pior, pela primeira vez, o cheiro dela me deixou com ânsia de vômito. Kami não precisava ver isso, porra!

— Não sou teu beta só pra abaixar a cabeça, Ax... — Bog repetiu o que me dissera semanas atrás, antes de eu encontrar minha parceira naquele Café.

O lobo gigantesco explodiu ao meu lado, agora cinza bem claro, a cor de seu novo clã. Era tão grande quanto Kaleb nas duas patas. Rosnou para o lobisomem mais forte que ele e atacou.

Escutei o soluço de Kamari, mas não conseguia olhar para ela. Focado na luta desenrolando diante de mim. Bog estava arriscando *a vida*, para que eu não tivesse que matar o pai que me criou.

Sai, porra, faz o seu trabalho!, briguei com meu lobo. Silêncio.

Soquei o chão, ao ver Kaleb dar uma patada em Bogdan, que deixou o lobo cinza desnorteado. Bog sacudiu a cabeça e desviou para o lado, bem a tempo de escapar do abraço de morte, que o bípede o daria, espremendo sua coluna.

Mas não foi veloz o suficiente para desviar do golpe de suas garras. Kaleb conseguiu fazer um talho profundo no peito de Bogdan. O lobo gigante mancou, cambaleante, ganindo baixinho, claramente perdendo a luta para a dominância que Kal exalava, rosnando grave.

Bog era um beta, Kaleb era um alfa, um lobisomem.

Meu melhor amigo *morreria por mim*. Porque eu não fui brutal o suficiente para cumprir minha missão.

Escutei o choro de Kamari cada vez mais perto de mim e senti suas mãos geladas em meus ombros, usando-me como suporte para se manter de pé. Lançou um campo de poder trêmulo, soluçando seu choro dolorido, às minhas costas. Kaleb foi engolfado pela redoma e perdeu a forma.

De volta à sua humanidade, olhou-nos por cima do ombro e assentiu em despedida. O lobo gigante de Bogdan o mordeu no pescoço, mas não arrancou sua cabeça. Layla gritou, aflita, e o som rasgou minhas entranhas.

O estalo dos ossos da coluna cervical se partindo pareceram quebrar a minha. Segurei as mãos de Kamari, trazendo-a para minha frente e a deitei de lado sobre as minhas coxas, escondendo seu rosto em meu peito, impedindo-a de ver o que eu via.

Layla caída na beira da clareira e Kal morto, aos pés do lobo de Bogdan. Sangue escorria da ferida mortal em seu peito. Levantei-me, carregando Kamari nos braços, e o sol da manhã reluziu nas lágrimas dela que escorriam pela ponte do nariz.

Não havia nada que eu pudesse fazer para protegê-la dessa dor, pois a compartilhávamos através do laço da nossa parceria. O pai que ela nunca teve, foi o meu.

— Kami, Bog precisa de ajuda, ele vai morrer. — Beijei sua testa e dei mais passos na direção do gigante, que também vinha até nós. Caiu de lado no chão, ao lado do corpo de Kaleb, e eu a coloquei de pé, virada de frente para mim. — Chega de mortes. Cura ele, por favor. Por favor, Kami.

Não era justo lhe pedir para curar aquele que matou seus pais, mas não era culpa de Bogdan. Alisei suas costas, as mechas pesadas embolaram-se nas minhas mãos e beijei o topo da sua cabeça. O poder foi saindo com dificuldade. Ela fechava as unhas em garras em meu peito, arranhando-me e chorando.

As feridas foram cicatrizando, mais veloz que a hemorragia, e Bogdan voltou à forma humana, fumegante, pintado de sangue e com três novas cicatrizes em seu peito.

Os olhos cinzentos procuraram os meus e anuí, agradecendo-o pelo sacrifício e por todo o tempo em que esteve ao meu lado. Não o culpava por preferir Drako, esse era o lar dele, não mais o meu.

Mas nós dois éramos Blackthorn. Independente de bando, sangue ou de ascendência, ele era meu irmão.

Bog se sentou ao lado do corpo de Kaleb e fechou os olhos dele. Assentindo para mim, confirmando que lidaria com os corpos e com a cerimônia. Voltei a carregar Kamari nos braços e beijei suas pálpebras fechadas.

— Eu estou aqui, princesa. Já acabou... — assegurei-a e esperava que ela tivesse compreendido o que realmente queria dizer.

A maldição havia acabado. Eu poderia tentar voltar a ser o parceiro por quem ela se apaixonou. Por ela e pela nossa cria.

# **QUARENTA E OITO**



Drako Aesire

Voltei à forma humana para reacender o fogo, que apagou durante a madrugada.

Uma vez que meu lobo se recusava a me suprimir, para se tornar um feral junto com sua parceira, ao menos podia mantê-los confortáveis.

Ontem à tarde, quando subi a montanha com ela nos braços, até chegar nas cavernas, nas quais meu bando viveu no início, não esperava a queda de temperatura.

Durante a madrugada, a temperatura caiu tanto, que mesmo que meu lobo tivesse deitado de frente para a entrada da caverna onde nos abrigamos, oferecendo o calor de seu pelo para a fêmea dele, ainda foi necessário ir, em meio a neve, até as cabanas mais abaixo. Fiz algumas viagens para buscar as peles de caça e tudo que precisava para fazer uma pequena fogueira no fundo da caverna.

Fiz o que Kamari me ensinou, mas o poder de cura que eu tinha não era como o dela, ou eu que não sabia usá-lo, e a loba de Selene dormiu o tempo inteiro, desde que chegamos.

Sua mente não tinha nenhum traço de Selene. Minha parceira imortal foi extinta.

"Tá aqui" — meu lobo retrucou, pois ele não via diferença.

Quando Selene não tinha uma loba, ele se apaixonou por ela, da mesma forma que era apaixonado pela loba branca, deitada sobre a pele de caça.

Escutei a corrida dos lobos do lado de fora e me transformei direto para as quatro patas, deixando que o lobo decidisse a forma com que lidaria com a invasão de seu novo território.

Ficaríamos aqui, com ela, até o fim. O laço não nos prendia mais, mas aquela loba ainda era a parceira dele. Não permitiria que Axel a matasse, meu lobo não merecia sentir a merda que eu estava sentindo.

Eram Leif, Freya e Val, que ficou mais distante, respeitando o espaço do alfa. Os outros dois eram os filhotes irresponsáveis. Freya foi a corajosa, a que voltou à forma humana, para poder falar. Seus olhos estavam avermelhados e inchados, bem como a ponta do nariz.

— Você não voltou para casa. — Soluçou e abraçou o corpo.

O cheiro dela era de luto e fez meu lobo se aproximar, batendo o focinho em seu ombro. Lambeu suas lágrimas, com carinho. Amava-os da mesma forma que eu, não fazia diferenciação entre as formas.

Eu sim.

Queria que Selene voltasse, que me desse seus sorrisos cínicos e me provocasse, que ouvisse toda a verdade que guardei, para não a machucar não tornar seu sacrifício mais dificultoso.

— Siv e Bjorn morreram. E, agora, alfa-Kaleb e a parceira dele também. O bando precisa de você, Drako. — Freya chorou, como não fazia nunca. Sempre bancava a durona.

Tomei a pele do lobo, parando diante dela e a segurando pelos ombros.

- Kal morreu?! Por quê? Foi o Axel?
- Não... Cobriu a boca, não conseguindo conter o choro.

Então Leif se transformou, para conseguir falar. A loba de Val se escondeu atrás de uma árvore, ganindo baixinho. Não queria que a visse

chorar, por isso não tomou a pele.

— Foi o Bog, Axel não conseguiu. O alfa tinha que morrer, para acabar com a maldição, o fardo, como você disse. — Leif fungou e contorceu o rosto, prendendo o choro, porque foi ensinado que machos não podiam chorar.

Puxei-o para o meu lado, colando sua testa em meu ombro. O moleque tinha direito de ser um moleque, porra.

- Kami perdeu os pais. Diz a ela que sinto muito.
- Você não vai voltar?! Mas Siv e Bjorn... Mama precisa de você.
   O pai... o pai desceu pra cidade, não conseguiu ficar. Freya mal conseguia falar, a fala esganiçada partia o que havia restado do meu coração.

### Porra!

- Acredita em mim, Freya, Siv ia preferir morrer. Foi melhor assim. Soltei os dois e me virei para a caverna, vendo a loba branca se aproximar da entrada.
- Kamari disse que Selene não vai voltar. E que nós tínhamos que te dar tempo para se despedir, mas... Tá tudo uma merda! Você é o nosso alfa, faz alguma coisa, Drako! Cobriu o rosto e chorou nas mãos.

Foquei na loba de Selene, sem conseguir olhar para trás, ou ficaria dividido e não podia. A loba branca, ouvindo os lamentos de Freya, uivou, mas quando transformei meus olhos e foquei minha concentração nela, só via as imagens.

— Se eu deixar ela sozinha, vai se perder ou se machucar. Ela é antiga, mas não sabe caçar, não sabe ser uma loba, porque nunca foi. É minha *destinada*, não importa a forma. — Freya segurou minha mão, então ouvi os passos de Val. Deixei a cabeça pender, meu cabelo cobriu as laterais do rosto, escondendo-me dos meus irmãos, que vieram atrás de *um alfa*, não de um fodido, com pena de si mesmo. — Sinto muito por não ser o alfa que o bando queria que eu fosse. Bog pode liderar vocês, ele sempre foi o melhor de nós.

— Nós corremos juntos. Ela é meu bando também. — Val espalmou minhas costas e puxou Freya para si, consolando-a por mim.

Ficamos em silêncio por um minuto inteiro, até a loba de Selene se sentar, encarando-nos com a altivez de semideusa.

- Vou convencer meu lobo a me suprimir murmurei.
- Vai virar *feral*?! Leif empurrou meu ombro, com uma força que um lobo delta não deveria ter. Vai deixar toda a sua família por ela?! Ela nem tá mais ali! urrou comigo, com a rebeldia de um adolescente.

Segurei-o pela frente do pescoço, mostrando as presas. Minhas irmãs guincharam, mas exalei tanta dominância, que perderam as peles para as lobas, ganindo baixinho e correndo de volta para a linha das árvores, mais abaixo.

— Um dia, você vai encontrar uma fêmea, por quem vai fazer qualquer coisa, para que seja a sua parceira. E, quando isso acontecer, seja bom pra caralho pra ela, *ouviu*? O pai *não é* um bom exemplo, abandonando a fêmea dele! Quando chegar a sua vez, escolha direito, Leif. E faça melhor do que ele fez, melhor do que *eu fiz*. — Minha garganta tentava trancar as palavras dentro de mim outra vez, mas precisava ensinar isso ao meu único irmão. Ele era um metamorfo, podia escolher e fazer essa porra direito. — E você vai dizer...Vai dizer a ela, *todo fodido dia*, que ela é *a melhor*! Que a *escolheu* para ser sua parceira pela porra da vida inteira e que você é fodidamente apaixonado por ela. *Todos os dias, Leif*! Você me ouviu?!

Os olhos azulados dele estavam arregalados e aguados. O cabelo loiro caído sobre a testa. Assentiu para mim, inflando as bochechas e soprando, para não chorar. Eu tremia de ódio e frustração, porque desperdicei o meu pouco tempo e não fiz nada disso: não disse todas as coisas que precisava dizer e não dei o meu melhor, para a fêmea que foi destinada para mim.

É sua obrigação, como o macho da casa, lembrar a essas duas
fiz um gesto de cabeça na direção das lobas ganindo baixinho, como

se pudessem falar —, que se elas não receberem *exatamente* isso, de quem quer que seja que escolherem pra dividir a porra da vida, que elas podem e devem recusar. Vocês *têm escolha*, todos vocês. Essa é a minha.

Soltei-o e ele olhou para cima, esfregando os olhos com as costas das mãos. Quando abriu a boca para dizer alguma coisa, rosnei um comando, que o fez perder a pele.

— Vão embora! — ordenei, num comando tão claro, que mesmo os lobos compreenderam e obedeceram.

Entreguei a pele e meu lobo voltou para dentro da caverna, empurrando a lateral da loba branca com o focinho. Ela o acompanhou até a pele de caça com o cheiro dele e se deitou, voltando a adormecer. Ele esperou sentado, como um sentinela, depois foi se deitando aos poucos. Exausto, após dois dias sem dormir, não suportou muito tempo.

Quando o lobo fechou os olhos e dormiu, fui transportado para o mesmo lugar que Selene me levou quando me mordeu: as areias brilhantes, naquele deserto de céu estrelado.

Uma loba branca corria na minha direção, gigantesca, duas vezes maior que Bogdan. Não conseguia me mover, ou me transformar. Ela me pisotearia.

"Calma, meu abençoado. Ainda não quero te esmagar. Só se você continuar se recusando a fazer o que precisa ser feito." — Era Luna! Reconheceria essa voz em qualquer lugar.

Não encontrava palavras, não conseguia falar, sequer encadear uma sequência lógica de pensamento. Minha ira se agigantou em meu peito, junto à frustração e o pedido de misericórdia.

"Eu nunca tenho muito tempo com vocês aqui. É melhor parar e ouvir." — Deu um sorriso lupino e lambeu as presas, sentada de frente para mim. Tive que envergar o pescoço para trás, para ver seu focinho, os olhos amarelos dela eram os mais brilhantes que já havia visto. — "Você é *péssimo* nisso, achei que, com toda a sua racionalidade, conseguiria focar. Mas é o maldito orgulho da lua nova. Acha que tem

que ter voz em todas as coisas. Deu um discurso gigantesco para o seu irmãozinho, mas não sabe ouvir um, não é mesmo?"

Lembrei-me de Selene pedindo para que eu a ouvisse e o tanto que a neguei. Bufei e esperei. A deusa me castigou, fez o minuto de silêncio parecer muito mais prolongado, aumentando minha ansiedade tremendamente.

Então senti a pulsação, a queimadura no peito, e escutei as batidas de um coração.

Selene?!

"Cumpriu a sua missão com ela, Drako Aesire. Ajudou minha lua a encontrar o caminho de volta para seu bando e se tornou o campeão que eu precisava. Um campeão não tem o *direito* de desistir e abandonar o jogo, quando fica difícil."

O bando...

"Sim, 'o bando'!" — repetiu de forma jocosa. Não gostava de Luna e se pudesse falar... — "Mas não pode, não é mesmo? Desculpa, filhote, você recebe a minha pior versão. Ou a melhor, vai saber." — Uivou para a lua nova no céu, sarcástica, debochando de meu augúrio. — "Ela me implorou para quebrar o laço, para que você vivesse e pudesse ser para o bando dela, o que ela nunca foi. Sabe o quanto isso custou à minha predileta? Implorar, para mim? E a primeira coisa que você faz é abandoná-los?"

Engoli em seco, envergonhado. Ao mesmo tempo, sentido que Selene tivesse decidido me abandonar.

"Ela não decidiu nada, criança!" — A loba bufou e rolou os olhos, entediada com minha lerdeza de compreensão, sendo que estava me entregando as informações à prestação. — "Meu parceiro vai me odiar e alguém vai pagar o preço por isso, meu Aesir. Sempre que eu mexo no destino, acontece algum efeito colateral. Mas, dessa vez, não vou assumir a culpa sozinha. Você tem que escolher, tem que pedir.".

Selene, eu quero ela de volta! Quero ela de volta, quero ela de volta!, a deusa me permitiu organizar pensamentos de uma forma limitada, para respondê-la.

"Não quer saber qual é a consequência?"

Selene! Selene! Não importa!

"É você quem está pedindo por isso, Aesir. Está escolhendo ser egoísta."

Engoli em seco, titubeando por um instante. Mas meu peito queimou fulminante e doeu *deliciosamente*. *Ela* estava aqui, nessas areias, sob a minha lua. Sorri, confirmando que estava, sim, sendo um fodido egoísta e que se fodesse todo o resto.

A deusa riu junto comigo, como se fôssemos cúmplices de um crime. Eu a deixaria me corromper, pagaria qualquer preço.

"Eu disse que você iria me agradecer..."

Não tive tempo para agradecer. Acordei de volta na caverna, em minha pele e Selene estava ao meu lado, adormecida. Deitada de lado, o cabelo castanho espalhado sobre a pele de caça. O antebraço cobria um seio e deixava a marca dos dentes do meu lobo, em seu braço, exposta.

Ela era fodidamente linda! E estava aqui outra vez, teríamos tempo.

Meu coração disparou, quando seus olhos flutuaram abertos, revelando as íris castanho-avermelhadas, e o sorriso cínico da semideusa se abriu.

— *Eu perdi*. Apostei com ela que você jamais concordaria com a barganha. Que era o macho mais justo que já conheci, dono de uma bússola moral que não vacilava nunca! E que *uma vida* não valia o sacrifício.

Interrompi-a, deitando-a de costas naquele chão e beijei sua boca com uma voracidade faminta. Afastei suas pernas com as minhas e passei seus braços ao redor do meu pescoço, sentando-me, com ela montada sobre mim.

Nossas línguas rolavam apaixonadas, saudosas, cumprimentando-se. Seus gemidos roucos desciam pela minha garganta e incitavam meus grunhidos ferais. Passei as mãos em suas curvas: cintura, costelas, laterais dos seios, seus ombros. Uma parou na frente de seu pescoço e a outra se fechou em seu cabelo.

O desejo avassalador não tinha nada a ver com Calor ou cio, era só ela.

Riu, entre o beijo, ao sentir meu pau inchar em sua bunda e alisou minha barba, raspando as unhas compridas gentilmente, presenteando-me com a suavidade que era rara nela e me deixava faminto, agonizando por mais.

— Desculpa ter te feito perder... — Minhas desculpas eram por outro motivo, não por tê-la trazido de volta. — Eu sou só um reles mortal, vou errar. A semideusa aqui é você.

Colou a testa na minha, mesclando nossas respirações. A intensidade do beijo anterior não era nada comparada a que estalou, ao ter seus olhos presos nos meus, transformando-se lentamente naquele prateado, que, agora, dividíamos.

Arfou ao ver meus olhos da mesma cor. E os dela se encheram de lágrimas, quando me concentrei para deixá-la ver o que eu estava pensando:

"Eu negociaria qualquer preço para ter, nem que fosse só mais um dia, contigo, Selene. Você é tudo o que eu acreditava que não queria, mas é o que eu preciso. Pra descer do meu pedestal hipócrita e ser melhor."

Funguei, ao ver seus olhos escorrerem e passei o polegar na maçã do rosto lindo, secando suas lágrimas. Suguei-a da ponta do dedo, provando sal marinho e sálvia.

- Me perdoa, parceira.
- A parceria foi quebrada, Drako. Não somos mais destinados...
   A decepção dela me fez sorrir.

Não era possível que ela não soubesse. A semideusa milenar não fazia ideia!

— Somos sim. Basta você me querer. E não porque os deuses ou o destino mandaram, mas porque me aceitou. Vai me aceitar como seu parceiro?

# QUARENTA E NOVE SELENE AESIRE

Selene Aesire

O aroma de ansiedade que propagou no ar da caverna não foi apenas meu. E era uma característica incomum para Drako. Não o conhecia há muito tempo, muito pelo contrário, nosso tempo juntos foi muito breve e, talvez, o tempo de *uma vida*, ao seu lado, fosse pouco.

Mas não seria ingrata. Um século — se déssemos sorte — teria de ser o bastante. Principalmente, se tivesse a mesma intensidade do nosso início.

Aqui estava ele, aguardando impacientemente pela minha resposta, emanando incerteza, a cada segundo que não o respondia. O olhar prateado, denso, passava uma segurança, que seu cheiro desmentia. As batidas de seu coração galopante, pulsavam nas minhas veias, e o observei com cuidado e sem pressa.

Teria todo o tempo que quisesse para olhá-lo, para *ser dele*, porque Drako escolheu a mim, acima de barganha com a deusa e das consequências. Esse macho conheceu o meu pior, julgou-me severamente pelo meu passado e, mesmo assim, queria um futuro comigo.

O sorriso sarcástico foi se transformando em um honesto, ainda assim, malandro. Os orbes prateados tinham um anel dourado nas bordas. Imaginei-o todo branco, *todo meu*.

— Se eu estivesse dentro da sua mente antes, nada daquilo teria acontecido da forma como aconteceu.

Não sabia que ele ainda estava ouvindo meus pensamentos, uma vez que a mente dele se fechou para mim, no instante em que terminou de transportar os dele para mim.

— Não fiz de propósito, eu só tenho que me concentrar muito — respondeu ao que pensei. — Não sou como você ou Kami. É mais difícil para mim. E eu preciso de uma resposta verbal, pra te marcar aqui. — Afastou meu cabelo do pescoço e aproximou o rosto do meu ponto de pulsação, tragando o ar, como se me farejasse, feito um animal. — E, depois que cravar meus dentes, vou te foder igual a *um animal*. — Riu e depositou um beijo molhado bem ali, enquanto eu engolia em seco.

Não me importei que ele visse minha mente, não tinha mais nenhum segredo para esconder dele.

- Vai me fazer implorar, *semideusa*? Alongou o apelido debochado que me deu, o grunhido grave que atravessou de seus lábios para minha pele, desceu pela garganta e fez minha boceta molhar.
- Deveria... Prensei minhas coxas em seus quadris, ondulando para trás, até encaixar a extensão de seu membro em minhas dobras.

Alongou as presas e beliscou a pele, agulhando-a, sem perfurar. Então me lambeu, subindo até meu maxilar. Embolei minhas mãos no seu cabelo comprido, empurrando-o de volta para onde queria que me marcasse.

— Aqui? — Esfregou os dentes e seu pau pulsou sob mim. Assenti, afobada, ansiando pela marca dele, que me possuísse. — Com ou sem marca, Selene. Você é minha — respondeu aos meus pensamentos e apertou os dentes um pouco mais forte, espetando-me.

O cheiro metálico de sangue me atingiu, feito um afrodisíaco. Segurei-o pela base, movendo-me minimamente, sem querer que me soltasse. Tremia inteira, agoniada, necessitada. Mas não era por causa de nenhum Calor, era ele, nós.

"Fala, parceira. Diz o que você quer..." — Infiltrou em minha mente.

— Você vai me dar. — Sorri, ofegante, e o empurrei mais, para que me marcasse.

Drako não me esperou responder, ele sabia o que eu queria. Pelo que *ansiava*: ele. Então me mordeu e me conduziu, para me penetrar, ao mesmo tempo.

Fui levada para uma espécie de plano divino. E o cenário era como o que Luna fabricava, para que minha mente humana pudesse compreender. Criava um cenário que passasse segurança.

As areias do meu deserto brilharam em um borrão, enquanto meu corpo era projetado para frente em velocidade. Não o meu corpo, o nosso, meu e da loba feral. Eu estava dentro da mente dela e, ao mesmo tempo, fora, observando tudo como espectadora, enquanto ela corria, levando-me para o oeste.

Minha lua crescente foi sendo preenchida, mas, quando chegou na glória da lua cheia, ficou opaca, sombria, quase invisível para os olhos humanos, mas os lupinos a veriam pelo que era, a beleza sombria do amor de Luna por Fenrir.

A lua nova era o período em que a criação e caos se encontravam.

No meio daquela escuridão, o lobo branco esperava por mim, à frente de uma linha de árvores, que delineava a floresta densa, em chamas. Uivos múltiplos foram entrando em meu campo de audição e minhas lágrimas de loba caíram, emocionada com o chamado de seu bando.

Cada lágrima que caía nas areias desérticas, transformava o solo arenoso em terra molhada, e o incêndio diminuía, curava.

No instante em que alcancei Drako, abri meus olhos e o senti ainda me mordendo, deitado sobre mim, com o membro enterrado, inchado e ardido, jorrando gozo. — *Sim*... — respondi-o, finalmente, e alisei seu cabelo, tragando seu cheiro para meus pulmões.

Rodeou a marca com a língua, suavemente, então grunhiu e me deixou ver sua mente: a lembrança de como foi quando eu o mordi, naquela cela. Meu deserto. A dor que sentíamos antes, foi trocada por um órgão vivo, saudável, que pulsava sobre nossos corações, uma parte do outro dentro do peito.

Virei o rosto e olhei seu pescoço sem a cicatriz que fiz em meio a Fúria, por ódio e não pelo sentimento plácido que havia agora. Não estava mais ali. Quando implorei para Luna, para salvá-lo e não o levar para morte comigo, ela removeu a minha marca.

Faz de novo — sussurrou e voltou a girar o quadril,
 penetrando-me lenta e profundamente. — Eu sou fodidamente teu,
 Selene. Quero que todo mundo saiba, só de olhar.

Enfiou a mão sob a minha cabeça, puxando meu cabelo e angulou meu rosto para que eu o marcasse, exatamente no mesmo lugar de antes. Cravei minhas presas em sua pele e fui tomada novamente por aquele sonho acordado.

De volta à beira da floresta, Drako segurou minha mão e me puxou para as árvores. Os uivos vinham de toda a parte. Não estava mais sozinha. Emocionada, abri as presas e lambi a marca, provando sândalo e cedro e *alívio*.

Drako deitou todo o peso em cima de mim, esmagando-me deliciosamente. Ainda ofegante, riu extasiado. Sua felicidade vibrando dentro de mim.

— Dessa vez foi o inverso de uma queimadura. Puta merda, é melhor que gozar! — comentou, risonho.

Então rolou para o lado, levando-me consigo. Passou uma coxa entre as minhas e alisou a trilha de sangue, que escorreu até o meu queixo. Suas presas longas ultrapassavam seu lábio fechado e o deixavam com a aparência mais feroz.

- É assim que deveria ser, porra! Parceria destinada é o caralho! *Escolhida* é infinitamente melhor debochou e me arrancou uma risada. Então segurou minha mão e traçou a nova marca dele com nossos dedos unidos. Nós estamos juntos para sempre agora, você *nunca mais* vai ficar sozinha. E, dessa vez, quando se enfiar em uma jornada de morte, vou ter a tranquilidade de ir junto.
- A gente desafiou os deuses vezes demais, Blackthorn. Não vou a lugar nenhum prometi e seus olhos prateados pareceram acender mais. Mordeu o canto da boca, rindo enviesado, malandro.
- Tão me chamando de *Aesire* agora. Só pra você saber. Piscou e se levantou, puxando-me junto.

Minhas pernas ainda estavam bambas por causa do orgasmo. Seu esperma escorria entre as minhas coxas e havia uma trilha de sangue na linha da minha clavícula e sobre meu seio esquerdo.

— Queria poder ficar aqui contigo. Mas... — Parou de falar e me deixou ver sua mente. Drako ainda tinha dificuldade em abri-la, mas não em ler os pensamentos. Eu o ensinaria, teríamos todo tempo do mundo. — Eu volto.

Deixou-me ver o motivo, abalado, sem conseguir me contar verbalmente. Quem não tinha mais tempo era sua irmã mais nova, uma que não conheci, que morreu junto com o parceiro, que foi abatido na missão de me resgatar e derrotar Tyre.

Mostrou-me Freya, Val e Leif vindo atrás dele e ele os mandando embora, para ficar com a minha loba. A vida da família de Drako, meus descendentes, estava uma bagunça. Era egoísmo ficar aqui. Mas ele ficou, por mim. E, agora que eu estava aqui, voltava a fazer o que considerava certo, sendo o macho honrado, com a moral retilínea, que sempre foi.

- Eles precisam do irmão mais velho. E o bando precisa de um alfa. Vou contigo.
- A Kamari... ela acabou de perder os pais também. Eles se sacrificaram pra acabar com a maldição. Axel provavelmente ainda tá no Caern, pro funeral.

— Eu tenho uma infinidade de inimigos, Axel Blackthorn é só um deles, *parceiro*. — Forcei uma risada cínica, mas tive medo de ver arrependimento em seus pensamentos, por ter se amarrado a mim e meus erros e problemas.

O que vi foi possessividade.

Axel era um tópico sensível para Drako. Gostasse ou não do outro alfa, ele também era "seu irmão". Mas, para meus outros inimigos disformes, seu ódio fluía facilmente. Era bom ter um "parceiro" — para além do que o nome sugeria na cultura lupina —, um de vida, para a sorte ou o revés.

— Eu estive vulnerável e o alfa Blackthorn não me matou. Mesmo no caos, pode haver ordem — garanti-o, mesmo sem saber se era a verdade.

Luna tinha seus momentos de crueldade, dava com uma mão e tirava com a outra. Mas este era um risco necessário, pelo bem do bando. Se fosse preciso, eu me retiraria, viveria em alguma cidade próxima e dividiria Drako com o bando.

- Axel é minha família também, sim. Mas, se um dia precisar escolher outra vez... você sabe qual é a minha escolha.
- Eu sei. Mas parceria é recíproca. Se eu nunca mais vou ficar sozinha...
   Sua boca colou na minha, antes que eu terminasse de falar.

Não consegui corresponder ao beijo, sorrindo feito idiota, como a Selene que já não era mais, desde antes da maldição. A que jamais se transformou, por querer ser apenas humana.

Drako mordeu meu lábio inferior, quando não consegui beijá-lo e deu um tapa brincalhão na minha bunda, então se transformou num lobo completamente branco-cinzento. O lobo dele era exatamente igual aos meus primeiros filhos. E aquilo me emocionou tremendamente.

Uivou baixinho, chamando pela parceira, para que subissem a montanha juntos. Fechei os olhos e busquei pela loba dentro de mim.

A consciência dela era bastante animalesca, muito divergente do lobo eloquente do meu parceiro, mas consegui me comunicar. Implorei que não me aprisionasse outra vez, pois nossos parceiros precisavam do nosso equilíbrio, nossa dualidade, a harmonia.

Drako precisava de mim.

Mostrou-me suas memórias dos últimos dias: o cuidado dele com ela, quando a encontrou machucada junto com Nala e Julius, morto; como Drako a curou e acendeu uma fogueira para mantê-la aquecida. Devotou seu cuidado, mesmo acreditando que eu jamais retornaria.

Meu sentimento por esse macho não tinha mais espaço dentro de mim para comportá-lo, transbordaria.

Quando reabri os olhos, as cores estavam opacas e minhas mãos haviam se tornado patas. O lobo dele era mais alto e forte, embora esguio. Passou o focinho no meu, em minha cernelha e me empurrou para sair da caverna, na frente dele. Nada do comportamento esperado de um alfa tão poderoso.

Posicionou-se à minha direita, enviando mensagens mentais para minha loba, sobre os caminhos de pedras até o pico. Esclareceu que sabia que ela tinha fome e precisava caçar, mas não tínhamos tempo.

O início da noite iluminada pela lua cheia significava que os Blackthorn estariam em procissão, montanha acima, para a cerimônia de despedida dos companheiros de bando. Eles seriam enterrados junto com os antepassados, meus filhos que sobreviveram e tiveram vidas melhores do que a que ofereci.

Fomos juntos, em um trote confortável. Sabia que o lobo dele era muito mais veloz e já teria alcançado o grupo, que acendia tochas no alto da montanha, mas não forçou a loba além do limite e inexperiência.

Quando finalmente chegamos lá em cima, a loba cedeu a pele de volta, sem protestar. O bando estava todo ali, ao redor de quatro corpos embrulhados em tecido de algodão branco. A filhote que Luna possuiu, chorava no peito de Axel Blackthorn.

As atenções se voltaram todas para nós. Interjeições surpresas e até alguns agradecimentos à deusa chegaram aos meus ouvidos, mesclados ao vento cortante que assobiava no alto da montanha.

No entanto, não conseguia sair da prisão do olhar do alfa tocado por Fenrir. Seus olhos transformados, dourados, estavam fixos no meu rosto, mas não ousei transformar os meus e entrar em sua mente.

Axel me odiava e isso jamais mudaria. Compreendia e não merecia seu perdão. Todos nós precisávamos arcar com as consequências de nossos atos, nossas escolhas. Se tivesse que repetir todos meus atos mais sórdidos, para alcançar este fim, o livramento de toda minha espécie, faria outra vez.

Os pais dele foram um sacrifício que eu e ele teríamos que conviver pelo resto de nossas vidas. Seu ódio tinha mérito e não tentaria me vitimizar.

Cobri meus seios e vulva, pois apenas eu e Drako estávamos nus. Meu parceiro me entregou a jaqueta que Valkirie estava usando e que mal cobriu minha boceta, pois Val era mais baixa que eu. Ao menos, sentia-me menos vulnerável sob o escrutínio do loiro, emanando uma carga hostil e descontrolada de dominância.

Drako alargou as narinas, irritado com o que quer que fosse que estava escutando na mente de Axel, pois eles dois eram os únicos com os olhos transformados. Vestiu a calça jeans que Bogdan tirou para lhe entregar, ficando apenas de boxer cinza e uma camisa justa demais em seu torso imenso.

Um bando dividia. Roupas e dores. Este momento não era sobre mim e Axel, ou o que fizemos, era para o bando se despedir de seus queridos que se foram.

Fazia muitos anos que não participava de uma cerimônia assim. Quando meus caçadores morriam, eram cremados, da mesma forma que os lupinos que ficaram pelo meio do caminho, desde que cheguei ao continente americano, quinhentos anos atrás.

Essa sensação de perda coletiva, a conexão da matilha, foi arrancada de mim, quando a deusa me fez pensar que eles haviam morrido. Mas, ao ouvir Astrid cantar a prece para que Luna recebesse os quatro membros do bando que velávamos ali, e senti o poder dela se alastrar pelo bando, transformando a dor em uma saudade pungente e, então, numa felicidade entristecida, foi como se voltasse no tempo.

O vento chicoteava os cabelos e carregava o canto coletivo montanha abaixo. Como se para concretizar o luto, neve começou a cair, dançando no ar, formando rodamoinhos e espirais lindíssimos.

— Nossos corpos são emprestados, energia que precisamos devolver — Astrid declamou e, atrás de mim, Drako voltou a tirar a calça, sem pressa. — A natureza dá e ela leva. Somos aquilo que fazemos da vida e as vidas que fazemos. Nossas relações com nossos pais e irmãos, os parceiros e as crias, os companheiros de bando que seguimos e guardamos as costas; o bando... — A anciã parou de falar e olhou para Axel, que também estava se despindo, junto com Bogdan e um senhor com o cabelo grisalho comprido. — O bando e *a família* a qual pertencemos. Hoje, mais que ontem, aprendemos que não importa a cor ou a espécie, no início e no fim, somos feitos da mesma matéria.

O olhar antigo se voltou para mim e a reverenciei em sua sabedoria. Suas íris amarelas me contavam que ela era mais de Jonah que minha, todos eles eram. E Astrid estava certa, não importava cor ou o sangue, bando era o que a gente escolhia.

Drako foi para o centro do círculo vivo, disforme, no alto da montanha, e se transformou no lobo. O dele completamente branco, com a neve grudando nos pelos, e suas íris prateadas. Parou na frente do corpo da fêmea que era sua irmã e começou a cavar.

O lobo de Axel era uma monstruosidade de pelagem tão negra, quanto a noite mais escura, que tomou espaço e fez um grupo dar alguns passos para trás, para que ele pudesse fazer seu papel, cavando um buraco ao redor do corpo de um macho. Rosnou quando o lobo negro

grisalho tentou cavar o buraco do outro lado. O mais velho ganiu, entristecido, e se afastou.

Bogdan, o gigante cinza-claro, mostrava uma nova cicatriz em seu peito, que marcava na sua pelagem e não estava ali, da última vez que corremos juntos. Ele se encarregou de cavar o buraco menor, para o lobo embrulhado no tecido branco.

Axel cavou um buraco grande e profundo, para caberem dois corpos juntos, e o lobo dele foi até Kamari, uivando baixinho. Ela se ajoelhou ao lado do corpo da fêmea e pegou um punhado da terra gélida, jogando-a por cima dos dois.

O lobo de Drako uivou, chamando minha atenção. Então Deirdre, sua mãe, aproximou-se da cova e jogou o punhado de terra sobre o corpo da filha. Cada uma das irmãs repetiu o processo e, por último, Leif. Repetiram o procedimento na cova do lobo, junto a uma outra fêmea loira. E me perguntei quem era ele e se não tinha família. Mas olhando-os ali, com lágrimas nos olhos, abraçando uns aos outros, soube que tinha sim.

"Eles não são perfeitos", Drako me disse quando os apresentou para mim naquele banquete. Mas quem era isento de defeitos e pecados? Quem?!

Para mim, eles eram indefectíveis, justamente por serem imperfeitos.

### **CINQUENTA**



Kamari Blackthorn

Nem eu e nem Axel acompanhamos o bando na descida.

*Drako veio*. Selene estava de volta. Axel ficou enfurecido quando os irmãos dele voltaram da montanha, no fim da manhã, dizendo que ele não viria ao funeral. Não foram apenas meus pais que morreram, a irmã mais nova de Drako também se foi junto do parceiro. Ambos eram jovens demais e me faziam pensar na finitude da vida.

Acariciei minha barriga, recebendo beijos de neve no rosto, que queria pensar que eram dos meus pais. Minhas lágrimas congelavam, mas a lua cheia aumentava a minha temperatura e quase não sentia frio.

Ouvi um ganido baixinho e busquei de onde vinha. Astrid e Rulf estavam mais abaixo. A loba anciã não conseguia pular para o patamar onde Rulf estava. Ele ficou para trás, esperando pela mãe.

Lobos cuidavam de seus pais com idade avançada, da mesma maneira que humanos faziam. Rulf podia ser invejoso e cruel com as palavras, mas sempre havia alguma coisa que o redimia. Seu cuidado com a mãe o redimia, para mim.

E essa era uma oportunidade que eu não teria, cuidar dos meus pais em suas velhices, mas que desejava que meu bebê tivesse. Que ele não passasse pelo que eu e Axel passamos.

— Astrid precisa de ajuda, Axel.

### — Vamos descer.

Segurei a mão dele e olhei novamente para os quatro montes de terra fofa, em meio à congelada. Era um milagre que os corpos se desfizessem nessa temperatura. Quer dizer, era o trabalho de Luna.

A maioria das pessoas ficaria com raiva da divindade por ter tirado seus entes queridos cedo demais, quando não estávamos preparados para perdê-los. Mas a verdade é que jamais estaríamos preparados. Ao menos a deusa me ofereceu a oportunidade de vê-los em meus sonhos.

- Nós vamos embora... E, quando morrermos...
- Vamos embora porque queremos, não fomos exilados. Quando morrer, serei enterrado aqui, com meus pais e você com os seus.
  - Drako é o alfa, não pode ter dois alfas. É decisão dele.
  - Esse é o Caern *de Jonah*! Não importa que *ela* esteja aqui.
- Tudo bem. Espalmei seu peito, para que se acalmasse. Nós vamos embora, o sacrifício dos meus pais foi por ele também, para que Drako continuasse vivo para reger os metamorfos. Respeite a vontade deles, Ax.

Não me dignou com uma resposta, estava exalando ira, desde que botou os olhos em Selene. Não era justo pedi-lo para perdoá-la por ter matado seus pais. Mas eu não fiquei com raiva ou culpei Bogdan, como não teria culpado Axel.

No fim das contas, foi tudo pelo mesmo propósito.

Axel se transformou primeiro, mas não no lobo e, sim, na forma bestial. Seu pelo estava falhado em algumas linhas, o que me provava que ele não era invencível, apesar de ser o alfa mais forte. E ficou muito mais, depois que voltou de Nova Iorque. Antes, Drako o derrotou em batalha com sua velocidade, agora, não fazia ideia de qual seria o resultado.

Nós precisávamos ir, antes que fosse tarde demais e algum estrago fosse feito.

Tirei o casaco e o resto das roupas, amontoando-as juntas, como fizemos na subida. Minha loba ainda não tinha muita experiência, mas não teve problemas para subir com as roupas na boca.

Ele saltou direto para o patamar, onde a loba de Astrid ainda estava, com o rabo entre as patas, amedrontada. Pegou-a nos braços peludos e saltou mais para baixo, em uma parte mais fácil de continuar.

Minha loba foi saltando a escada íngreme de pedras, sem dificuldade. E, mesmo com tão pouco tempo que passamos ali, sabia que sentiria falta da floresta na montanha. Não me arrependeria, no entanto. Eu era uma Blackthorn, mas este não era o meu bando.

Drako foi meu bando, meu beta, agora ele era o alfa de outro bando. Talvez eu fosse mais descendente de Jonah do que imaginavam, quando olhavam para mim. Vagaria sozinha.

"Eu estou aqui, minha pequena lua. Você nunca esteve sozinha" — Luna sussurrou e o vento gélido, carregado de neve, perpassou meus pelos, feito uma carícia.

Sorri por dentro, pensando que ela era uma companhia infame, mas era verdade. Eu tinha Luna. Também Axel e os Dissidentes.



Quando chegamos na trilha que dava para a garagem, Rulf se transformou primeiro e foi buscar roupas para ele e Astrid. Eu me transformei e vesti as roupas que minha lobinha carregou e ficou bastante orgulhosa de si mesma por isso.

Axel estava nas quatro patas, as roupas dele ficaram no alto da montanha, pois usou os braços para carregar Astrid até as cabanas onde passamos o cio. O Caern estava estranhamente silencioso, quando descemos na última rua, na direção da casa em que ficamos, antes de toda a guerra estourar.

Drako estava na varanda da casa de Lena, junto com Bogdan *e Selene*. Acelerei o passo e fiquei na frente dele, impedindo-o de provocar uma briga. Entramos na casa que tomou para nós e, ao entrar, depareime com a destruição.

Não quis entrar ali sem ele, enquanto esteve em Nova Iorque. Mas vi o que a minha falta fazia com ele: o caos.

— Achei que eles teriam arrumado essa merda — reclamou, envergonhado.

Aproximei-me de suas costas, mas ele se afastou, agachando diante de uma dufflel bag largada no mesmo lugar que deixamos, quando viemos para cá, semanas atrás. Catou uma calça lá dentro e se vestiu.

- Sabe o que eu estou vendo?
- O meu descontrole? Riu, sem humor, passando as mãos no cabelo loiro, jogando-o para trás.
- Amor, Axel. Eu estou vendo o retrato do seu amor. Sorri, sincera, e ele franziu o cenho, daquela maneira malditamente linda, que vincava no centro de suas sobrancelhas brutas. A barba cheia, crescida, contornava o maxilar forte e o embrutecia ainda mais. Sua barba grande, o cabelo mais comprido, que você vive reclamando e nunca encontra tempo para cortar, a nossa casa destruída... Isso é o seu amor por mim. Prova de que nada mais importa, só eu. Fiquei emocionada e presunçosa, simultaneamente.
- Nada mais importa admitiu e engoliu seco. Minha respiração rareou. E eu queria ser capaz de te dar o amor bonito que você me dá. Não ia dizer até conseguir, até atingir a expectativa, mas não vou, não sou eu. Esse sou eu...
  - O monstro maldito, meu destino. O meu parceiro.
- E esse é o meu amor, Kamari. É caótico e nunca vai mudar. Eu não sou bom, entendi isso e aceito, porque *você* me aceita. Nada mais importa...
  Olhou ao redor, evidenciando toda a destruição naquela

casa. Então, abriu um de seus sorrisos de aurora boreal. — Esse sou eu e todo o amor feio que eu tenho para dar, é seu.

A beleza de Axel era impossível de ignorar, depois de notada. E o amor que ele chamava de feio, era qualquer coisa, menos isso. Avancei para ele, ao mesmo tempo em que me segurou por trás das pernas. Entrelacei os calcanhares em suas costas e o apertei tanto, que se não fosse um lupino, poderia quebrar.

- Não quero que seja nada, além do que você é. Aqui ou em qualquer lugar, por onde vagarmos...
- Eu amo você! interrompeu-me e me beijou, com a rudeza inerente de sua personalidade.

Nosso laço de parceria pulsava feito um coração acelerado. De felicidade e tristeza, luto e ansiedade pelo futuro, mas uma certeza: ninguém, nem os deuses, podiam nos separar.

— Eu quero ir embora. *Agora*. Me leva pra qualquer lugar! — pedi, sorrindo entre o beijo. Ax grunhiu e assentiu, sem me permitir afastar. — Axel, por favor! — Ri e ele rosnou.

Ouvi os passos à porta e segurei sua nuca, para que ele não corresse para ir assassinar quem quer que tivesse se aproximado.

— Ax — era Drako —, precisamos conversar.

Deslizei pela frente do corpo seminu, sentindo a ereção rígida presa na calça jeans baixa no quadril. Bufou e recobrou a calma, antes de abrir a porta. Fiquei atrás dele, pronta para impedi-lo de matar Drako, se estivesse ao lado de Selene.

Mas eram seus dois amigos, seus antigos betas.

— Vou arrumar as coisas — menti e alisei seu braço, pedindo-lhe calma e confiando que o amor caótico que dedicava a mim não era exclusividade minha.

Axel pensava que era só mau, mas não era verdade. Ele seria um pai excelente, porque teve um bom exemplo. E seria o alfa perfeito para o bando certo.

Mas, o mais importante, seria meu.

# CINQUENTA E UM



Axel Blackthorn

Fui para a varanda, encontrar os dois que cresceram comigo e foram meus betas, meus melhores amigos e *irmãos*. Bogdan era três anos mais novo que eu e Drako, apenas um ano mais velho, crescemos juntos. Mas os caminhos mudaram.

— Se é sobre a sua fêmea... — Antecipei, precisando me conter de rosnar.

Eu, não meu lobo.

- O miserável decidiu me abandonar, parecia que havíamos invertido o ponto de vista sobre as coisas. Perder Paul o abalou mais do que eu conseguia compreender. Talvez quando minha cria nascesse, pudesse empatizar com o que meu lobo sentia.
- É sobre o território Drako atirou, direto. Quero que saiba que eu não escolhi nada disso. Não pedi para ser transformado, pra virar um alfa...
- Você nunca respeitou Kaleb ou a mim como teus alfas, só à Kami, porque ela não é autoritária... Era óbvio que, se um dia tivesse escolhido se transformar e virar imortal, não continuaria sendo um beta. Obedecer às ordens não faz parte da tua personalidade.

Drako riu, o filho da puta riu!

— De qualquer forma, mesmo depois que virei um alfa, não pedi pelo bando, muito pelo contrário, *recusei* o posto várias vezes. Eles me *escolheram...* — Ficou sério, talvez pensando sobre o tamanho da responsabilidade disso. Agora que eu tinha um bando, que havia me escolhido como líder, sabia que era um sentimento potente. Drako merecia essa validação. Mas logo transformou o momento em mais um de suas sátiras irritantes: — Muito provavelmente eles vão me abandonar, quando perceberem que *não vou* ficar dando ordens neles e que vão ter que se virar. *Democracia* é diferente, difícil. Vamos ter que aprender e melhorar pra caralho. Principalmente, se tivermos que procurar outro lugar...

Investigou-me, deixando a pergunta no ar. Não o fiz esperar pela resposta.

- Eu tô indo embora, vou voltar para Nova Iorque. Vocês podem ficar, desde que aceitem Astrid e Rulf no bando.
- Vai ficar com o território do Tyrant? Bogdan perguntou, recostando no guarda corpo amolecido da varanda. A merda cederia com seu peso.

As sobrancelhas de Drako subiram em uma surpresa que era rara de demonstrar. Sempre foi o mais inteligente de nós. Geralmente, fingia tédio ou deboche e compreendia as coisas, antes de serem explicadas. Era óbvio que viraria *um alfa*! Mas o surpreender me deu um prazer sádico.

- Eles são "os vermelhos", a partir de agora. Perderam o direito a um sobrenome. Avisei àquele filho da puta que o nome dele seria apagado e vou fazer disso minha missão de vida.
- Vai atrás dos Tyrant... quer dizer, dos vermelhos? *Caçar* todos eles? Bog franziu o cenho, preocupado comigo. Quis rir, pois isso mostrava que, no fundo, conhecia-me pouco.

Eu triunfava na guerra. Se vivesse aqui, com esse bando, levando essa vidinha pacata e superprotegida, seria menos do que deveria ser.

— Só daqueles que permanecerem se alimentando de humanos. Sem a imortalidade, o plano tá igual. Com o antigo alfa derrubado, alguém tem que assumir o posto e manter os vagantes na linha.

Esse seria o meu legado. Ser um monstro furioso, mas com um propósito justo. Não me cercaria de quinquilharias que contavam minhas histórias, um museu em vida, como Tyre fez de si mesmo. Seria a porra da história.

Drako pareceu me ler, talvez tenha sentido a mudança do meu lobo, aproximando-se da superfície, eufórico com a possibilidade de repetir o banho de sangue que fizemos nessas semanas.

- Eu fico com Astrid, com certeza, ela é a alta sacerdotisa ainda e todo mundo a ama. Mas você leva o Rulf negociou, como se tivesse direito de me pedir por mais alguma coisa.
- Não vou levá-lo e você precisa dele aqui, ele é o médico debati, cruzando os braços no peito, irredutível.

Astrid não aceitaria ficar, se Rulf fosse embora comigo, e eu já teria Kamari e minha cria para me preocupar. Minha avó mal conseguia se transformar e Rulf era inútil para mim.

- Você não precisa de um médico? Tá indo para a zona de guerra. Aquela cidade é infestada dos imortais, que agora são mortais, graças a você, preciso frisar. E que vão te *odiar* por isso. A caçada não será unilateral. Espero que saiba. Disfarçou sua preocupação com ironia.
  - Eu tenho a Kami, não preciso dele.

Drako apontou com o polegar para a casa ao lado da que estávamos, com as luzes da sala e de um dos quartos acesas. Ele tinha Selene e a si mesmo. Não precisava de um médico. Rulf era inútil para todo mundo. Viraria um pária, mas, honestamente, estava pouco me fodendo para ele.

— Então me espera sair e joga ele pra fora, porra! Eu não quero!

— Astrid não vai ficar, se ele for, Drako. Já ficou com o território, aceita a porra das pedras que vem no terreno! — Bog se meteu, impaciente, esfregando a cabeça raspada e Drako estalou a língua, dando-lhe um olhar de repreensão.

Este momento, bem aqui, parecia o mesmo de sempre, eles dois se bicando por nada. E essa era a parte fácil da conversa, a parte nostálgica. Nós três nos entreolhamos e compreendemos que isso aqui, esse trio, estava desfeito.

Não era mais *responsabilidade* deles, bem como eles não eram minha *limitação*. Estávamos livres da obrigação uns com os outros e a amizade sobreviveria, mesmo à distância.

Um breve instante depois, houve uma mudança de clima, como se tivesse descido um vento da montanha. A neve aqui embaixo chegava mais espaçada, mas, mesmo no início do ciclo da lua cheia, via as fumaças das chaminés das casas serpentearem pelo ar da pequena vila em que nasci e estava decidido a só voltar para morrer.

Acreditei que seria difícil me despedir daqui, mas, ao ouvir Kamari parar atrás da porta, dando-nos o mínimo de privacidade, soube que meu tempo havia acabado e que eu não sentiria falta de ser *infeliz* aqui.

— Você tem muita guerra pela frente, Ax. Quer dizer, "Alfa dos alfas". E é isso que quer, não é mesmo? — Drako tentou desfazer a morbidez do momento com seu antagonismo sarcástico, mas via a apreensão em seu olhar, a promessa silenciosa.

"Se precisar de mim, é só me chamar.", foi o que não me disse, mas meu lobo podia provar no ar a lealdade estendida do lobo dele. Agradeci com o olhar e um leve assentir.

— Todo mundo sabia o que aconteceria quando o alfa da lua cheia ascendesse. O que ninguém fazia ideia, era o que aconteceria quando um alfa da lua nova assumisse um bando de metamorfos. — Estendi minha mão para ele, que observou minha palma, antes de segurar meu antebraço, da mesma forma que Ivar fez, quando nos

despedimos. O cumprimento dos guerreiros. — *Ela* está a salvo no seu território, Drako. Mas nunca mais quero *ver* Selene. Podemos ficar assim?

Concordou, mas senti o cheiro do seu desgosto com minha rejeição à sua outra metade.

Nesse instante, Kamari saiu da casa, carregando as coisas que trouxemos para cá, antes da cerimônia de ascensão. Bog baixou o olhar, evitando encará-la, e o cheiro da culpa dele fez a minha aumentar. Nós dois teríamos que aprender a viver com aquelas memórias.

E nunca haveria palavras suficientes para agradecê-lo.

— Está tudo bem, Bogdan. Não há mágoa e, se precisar, aceite meu perdão. — Kami foi até ele e o abraçou firme. Pareceu uma filhote, envolta nos braços do gigante. — Vou me despedir da Lena antes de irmos. Espero que agora vocês possam escolher *ser e ter* o que quiserem.

Não entendi do que ela estava falando, mas não era hora de perguntar. Drako a puxou para si e também a abraçou apertado. Os olhos dele se transformaram no prateado de seu novo clã, o mesmo da minha parceira. Não precisava ver os dela para saber que estavam prateados também e que conversavam por telepatia.

Se ele não fosse acasalado, a intimidade daquilo me irritaria. Mas a marca estava de volta no pescoço dele. O cabelo preso no coque deixava os dentes de Selene à mostra, para quem quisesse ver.

— Quando eu disse que você ia bagunçar a vida do Ax, não esperava que bagunçasse a minha também, alfa. — Os dois gargalharam de alguma piada interna. — Se cuida, princesa.

Rosnei para a forma como a chamou, o que só o fez rir mais. Despediu-se dela e fez um gesto de queixo para mim, descendo os degraus da varanda, seguindo na direção de sua casa.

Bog ficou, enquanto Kami descia a rua para a casa de Malena e abraçava a baixinha apertado.

- Achei que teríamos mais tempo antes... Bog murmurou, mas eu o interrompi.
- Antes de quê? Catei as dufflel bags e a mochila de Kami do chão, procurando o que fazer, para não enfrentar este momento bem aqui.
- Antes de *acabar*. Desviou o rosto, olhando para o outro lado, na direção da montanha. Os olhos semicerrados tentavam esconder a emoção que o cheiro dele entregava: saudade do que jamais teríamos. Sentia o mesmo.
- Você sempre foi um beta melhor do que eu merecia, Bog.
   Obrigado.
- Quem é teu beta agora? Já escolheu? Encarou-me com expectativa, o corpo tenso, preparando-se para o fim.
- *Ele* me escolheu. Ri, lembrando de Ivar tomando porradas, sem fazer cara feia, e me tirando do sério com sua língua de trapo. O beta que *eu precisava*. Meus betas sempre me escolheram, não imponho esse castigo a ninguém.
- Axel Blackthorn fez uma piada, na última vez que nos vimos.
   Vai ficar para a memória. Bog forçou um sorriso e estendeu a mão para mim.
- Não é a última vez. Segurei seu antebraço em uma pegada firme, ao mesmo tempo em que ele apertava o meu.

0 fim.

— E mentiu, na última vez que nos vimos, duas para a memória.
 — Dessa vez não nos poupou do seu olhar cinzento, preso ao meu amarelo.

Foi um olhar incisivo, em que havia um discurso inteiro, no mais pleno silêncio.

Memórias múltiplas de infância, de lealdade e amizade. Um tipo de *irmandade* que era raro pra caralho e eu tive sorte demais. Conseguia reconhecer minhas bençãos agora: Kaleb como pai; Drako e Bog, como

betas, quando eu não sabia quem era; meu novo bando, que não queria de mim mais do que eu conseguia dar; e Kamari, como minha destinada, carregando minha cria.

Não havia o que dizer para se despedir, então não dissemos nada.

Desci os degraus da varanda, sem olhar para trás, Kami subiu a rua, encontrando comigo e me deu a mão, num aperto firme que falava de sua compreensão, do amor bonito que ela sabia dar e eu jamais conseguiria retribuir da maneira como ela merecia.

Mas minha parceira recebia, satisfeita, o tipo de amor que eu conseguia dar. E se agarrava à minha maldição, da mesma maneira que me agarrava a benção que ela era.

Ficaríamos bem, onde quer que fôssemos parar.

Fomos direto para a garagem. Rulf e Astrid ainda estavam por lá. Não fazia ideia do porquê. Minha avó abriu seu sorriso manso, os cabelos brancos e compridos, ainda desgrenhados pela transformação e corrida.

— Eu sabia que vocês iam embora sem se despedir. — Astrid reclamou, com os olhos amarelos cheios de lágrimas.

Esticou a mão para tocar meu rosto, como sempre fez, e eu me abaixei, recebendo seus beijos maternais nas bochechas. Hábito entre nós desde que eu era filhote. Nunca me tocou com medo de mim, mas sempre por mim. E eu a amava por isso. Apesar de eles terem escondido milhares de segredos, Astrid e Kaleb me criaram como se fossem os pais, que não estava em meu destino ter.

Larguei as bolsas no chão e a abracei forte, suspendendo-a à minha altura. A risada rouca, de sua voz fraca, encheu-me de saudade. Só não podia levá-la comigo, ela era um deles, não tinha lugar na vida que eu levaria.

— Falei com Drako, ninguém vai te tirar do bando. Suas crias estão enterradas aqui, seu parceiro... Esse é o seu bando e sempre será.

— Luna está com você, com vocês dois. Quer dizer, *três*. Aonde quer que forem, serão abençoados. — Desci-a e ela repetiu os beijos em Kamari, que ficou emocionada e não conseguiu falar nada, apenas assentir. Segurando o rosto da minha parceira entre as mãos, pediu: — Não sei muitas coisas dos mundos dos humanos, mas me mandem fotos do filhote. Alguém vai me mostrar.

Minha garganta trancou, um pouco culpado por tirar isso dela, mas era melhor assim.

Foquei em Rulf, de braços cruzados, em frente ao carro que o antigo beta de Tyre arranjou para trazermos Selene de volta ao Caern.

- Era para ser você o alfa, ou um descendente de Jonah Rulf resmungou seu veneno.
- O clã quase extinto agora é o nosso, Rulf, acostume-se. E seja *útil*, do contrário, quando Astrid se for, será exilado. Drako não tem nenhuma obrigação contigo, como *Kaleb* tinha. Taquei na sua cara as mesmas verdades duras, que meu tio sempre gostou de atirar contra mim.

Duvidava que expulsassem um ancião do bando, mesmo sendo Rulf. Entretanto, não conseguiria me apiedar dele, se expulsassem. Éramos o que fazíamos da vida e a vida que fazíamos. Rulf não cultivou boas relações; os últimos que o amavam eram Kaleb e Astrid. Essa foi a vida que fez para si.

Esperamos os dois se afastarem na rua de cima, a que levava à casa do alfa. Então abri a mala, jogando as bolsas lá dentro. Depois, abri a porta do carona para Kamari entrar. Ela parou, olhando ao redor, e quis saber o que pensava, mas respeitei seu silêncio.

Beijei o topo de seu cabelo e acariciei sua barriga ainda plana. Os olhos amarelos encontraram com os meus e seu sorriso bonito iluminou o rosto.

Os orbes foram acendendo e empalidecendo gradualmente, transformando-se e acompanhando os meus. Bebi sua imagem, sendo atravessado pelo sentimento morno e doce, através do laço da parceria. O amor que entregava para mim com tanto, tanto zelo.

Porra!

— Vamos? — perguntei-a, fodidamente *feliz*.

"Vamos ser muito felizes, Ax. Nós três."

## CINQUENTA E DOIS



Drako Aesire

### **SEIS MESES DEPOIS**

O cheiro dela estava fantástico. Fodidamente fantástico.

Talvez fosse a lua cheia no céu, pintando a noite com o amarelo pálido que deixava até o ar mais quente; talvez fosse a brisa vindo do Sul, trazendo um resquício de verão para minha montanha nevada. Ou, talvez, fosse só ela: sálvia, sal marinho e o bendito Calor potente, que me desidrataria.

Dessa vez teríamos um cio completo ou eu mataria alguém!

Seu Calor estava bem no início, uma provocação suave e que me deixava sedento, há tanto tempo sem cobrir uma fêmea no cio. E um cio com a sua fêmea, sua destinada e escolhida, era diferente.

Minha parceira parecia comestível.

Sentada em meu colo, com as costas coladas em meu peito, no pátio externo do salão comunal, assistindo, junto comigo, o bando todo do lado de dentro. Eles estavam tentando se embriagar, para comemorar a cerimônia de acasalamento de Bog e Lena.

— *Hm...* — grunhi em suas costas.

A camisa de mangas compridas preta, pegava de ombro a ombro, e os deixava expostos, nada extremamente sensual, como as outras roupas que costumava usar. Porém, era a maldita calça de couro justa, que se moldava em suas pernas longas e torneadas, que me tirava de mim.

Arrastei as pontas dos meus dedos em garras sobre as coxas passadas sobre as minhas. Estávamos em relativa privacidade, sozinhos do lado de fora, mas eu sentia os olhos dos filhotes amigos de Leif nos olhando pelas janelas do salão.

Que olhassem e a vissem amolecer só para mim.

— Eu quero te lamber inteira — murmurei em sua nuca e o rabo de cavalo alto emaranhou em minha barba.

Selene estremeceu e riu, cínica, girando o quadril suavemente sobre minha ereção, provocando-me na frente de todo o bando. O bando dela.

Os *novos Aesire* eram mais dela que meus, embora eu fosse o regente escolhido, era à Selene que eles recorriam, quando sabiam que eu negaria o que quer que fosse. Ela era "a mãe", eu o "carrasco".

A primeira mudança que fiz foi enviar as crianças para a escola na cidade, ao invés de serem educadas informalmente, da maneira que fazíamos antes. Como eu fui. Se éramos o clã mais fraco, eles precisariam se munir de inteligência.

As fêmeas foram chorar para Selene, com medo dos filhotes ficarem sozinhos entre os humanos e eles descobrirem o que nós éramos. Era um possível problema, mas lidaria com ele, se chegasse.

Minha parceira as tranquilizou, explicando que lidou com os humanos por séculos e que as autoridades deles eram as mais interessadas em esconder o segredo, para não causar pânico na população. E, agora que não havia fardo, os Aesire não se corromperiam nunca mais, prevaleceríamos.

O único que não adotou o novo sobrenome do clã foi Rulf. E ninguém queria que ele se sentisse parte do novo clã, de qualquer forma.

Selene segurou minhas mãos em suas coxas e as empurrou para a parte interna, pressionando meus dedos bem próximos de sua virilha.

- Eu estou sentindo também, acho que vem mais forte desta vez.
- Talvez eu meta uma cria em você, agora. Rosnei a fala, meu lobo sobressaindo junto comigo, fazendo minhas presas descerem.

Segurei sua boceta em concha e, com a outra mão, pressionei sua barriga tensionada. Selene arquejou e senti atravessar o desejo fulminante pelo nosso laço de parceria vulcânico. Não era mais ferro em brasa, era uma lava deliciosa, escorrendo de mim para ela, a porra do tempo todo.

Minha fêmea desejava isso com a força de dez luas cheias. Ela queria ser mãe, era o que sempre quis ser. E era meu dever prover.

Fechou as coxas, prendendo minha mão entre suas pernas e deitou o corpo para trás. Olhamos juntos para dentro do salão. Bog e Lena estavam bem no centro da antiga "mesa do alfa". Nunca mais usei aquela merda. Queria comer em paz, não estabelecer hierarquia, a porra do tempo todo.

No pescoço de Malena, a mordida de Bog parecia uma cicatriz de batalha, pegava toda a lateral e terminava na frente. Nenhum macho jamais se aproximaria dela. Arrastei meus dentes no ombro exposto de Selene, vendo a pele se arrepiar.

— Eles estão muito felizes, consegue ouvi-los? Eu amo tanto isso.

Sim, eu havia aprendido a abrir a mente para invadir a dos outros. Meus poderes não eram ilimitados como os dela ou de Kamari e, provavelmente, era melhor assim. Não gostava da tentação de poder que ler a mente dos outros consistia. Era uma arma, não um presente da deusa.

E ainda havia a barganha que fiz com Luna, o cheque em branco de caos que entreguei na mão dela, para me responsabilizar.

— Não quero invadir as mentes deles. Ou a sua. Não agora. Quero que use as suas palavras, parceira, que diga o que quer.

Subi a mão de sua barriga para seus seios cobertos, apertando um de cada vez, então circulei o mamilo sobre o tecido, até que ficasse pontudo. Dei um chupão sobre a minha mordida no pescoço longilíneo, observando a marca roxa desvanecer na pele castanha.

### — Não!

Riu, provocante, e se inclinou para frente, reabrindo as coxas e apoiando as mãos nos meus joelhos, empinando-se para esfregar a bunda na minha ereção, dura feito pedra, sob ela. Empurrei a pelve para cima, roçando onde ela queria. O zumbido miado, que soltou, deixavame maluco e se continuasse, eu a foderia aqui, nessa cadeira, para todo o bando assistir como se cobria uma fêmea.

— Vai me negar até eu *implorar*, semideusa?

Atirou em mim com seus olhos prateados sobre o ombro direito. Fodidamente linda. Puta que pariu!

Não havia nada que eu quisesse como essa fêmea. Era a única que podia me obrigar a qualquer coisa e ainda a amaria.

Travou os movimentos, arquejando, arregalou os olhos e a boca formou um "o" delicioso, onde só imaginava meu pau fodendo lentamente, até alcançar sua garganta.

— O que você pensou?! — Girou em meu colo, ficando de lado, envolveu meu pescoço com um braço, desfazendo meu coque com as unhas compridas. — Drako, o que você pensou ainda agora?

A ansiedade dela sempre me pegava desprevenido. Nada fazia Selene Aesire descer de seu pedestal, só eu. Eu e o amor fodido que arrancou de dentro de mim com cada sorriso cínico, cada briga por motivo besta e o sexo bruto de reconciliação, que era tão bom quanto o de "boa noite".

Nem quando morei com outras três fêmeas fodi tanto na vida.

Viveria e morreria feliz.

— Que quero meter meu pau na sua boca. — Esfreguei o polegar nos lábios entreabertos, borrando o batom.

- Não, você pensou que *me ama*! desdenhou, presunçosa, cheia de si, e chupou meu polegar, sem tirar os olhos dos meus.
- Eu pensei ou você desejou, com tanta força, que *fantasiou*? Bati de volta, incitando-a a arrancar as palavras dos meus lábios.
  - Você me ama e sabe disso!
- Nem todos os seus sonhos serão realizados pela deusa, *semi*deusa.

Era nossa piada interna, quando eu esfregava na cara dela que fui seu fodido presente de paz com a mamãezinha. O que nunca dizia, mas ela sabia, era que ela foi o meu.

— Fala, Drako! — rosnou para mim, alongando as presas delicadas. — *Fala*! — Puxou meu lábio inferior, sem me beijar, e perfurou a parte interna, arrancando meu sangue. Suas unhas cravaram em meu couro cabeludo e eu sibilei, jorrando pré-gozo dentro da calça, feito um fodido filhote virgem.

Enfiei uma mão pela sua nuca, puxando seu cabelo. E a outra cercou a frente de seu pescoço, pressionando as laterais. Soltou minha boca e provei meu sangue com sabor de sândalo e cedro, como cheirava para ela.

"Eu te amo pra caralho!" — pensei, sabendo que me ouvia. Senti sua respiração ofegante na palma e pressionei mais os dedos, controlando sua entrada de ar. — "Troquei minha moralidade por você e faria de novo."

- Você me ama *pra caralho* frisou, risonha e ofegante, as pálpebras pesadas, as presas beliscando o lábio inferior com o batom borrado.
  - *Pra. Caralho*! rosnei, antes de beijá-la, fulminante.

A cada rolar de língua, um "te amo" atravessava de mim para ela e dela para mim, em nossos pensamentos, pelo laço da parceria em erupção, no cheiro de Calor, cio e lubrificação.

Agradecia à Luna por ter me dado à Selene todos os dias.

Quando acordava naquela fodida mansão do alfa, com ela ao meu lado; a cada lua cheia, que nossos lobos corriam juntos com o bando branco-cinzento atrás de nós; cada sorriso cínico ou o sarcasmo mordaz, que atirava na minha direção; por cada risada sincera, lágrima emocionada; pela sua *paixão* pelo bando; por cada conhecimento que compartilhava em migalhas e me deixava sedento pela sua companhia, admirado com a força dela e orgulhoso demais de que fosse minha.

Mas, o mais importante, agradecia a deusa por ter me feito *para ela*.

Selene não era a predileta apenas da divindade, era a minha.

## **EPÍLOGO**



Axel Blackthorn

Ayla Blackthorn nasceu na lua crescente. Kami quis homenagear os pais, nomeando sua filha com um nome que significava o mesmo que o dela, lua, como Kal havia escolhido. E tirando a primeira letra do nome de sua mãe, Layla.

O loiro de Ayla era mais claro que o meu, claro da mesma cor de seus olhos, mas eu sabia que o cabelo escureceria. Olhá-la adormecida, ao lado de Kamari, na nossa cama, com a luz da minha lua cheia incidindo sobre as duas, fazia meu lobo ficar feral, voltando a ser um psicopata possesivo, que prometia morte a quem tentasse se aproximar da cobertura do prédio em que meu bando morava.

Todos os dias, vagantes de todos os clãs, chegavam à Nova Iorque para tentarem, ou me desafiar, ou se provar hábeis o suficiente para serem aceitos como parte do meu bando, *meu exército*.

Um exército que eu aumentava com um único propósito, manter essas duas em segurança. Ninguém nunca tocaria nelas, e, por mais que Fenrir não soprasse mais em meu ouvido, havia deixado parte de seu veneno para trás.

— Você está pensando tão alto, que não consigo dormir.

Era uma piada, seus olhos amarelo-humanos se abriram para mim, reluzindo o luar. E o sorriso preguiçoso era fodidamente bonito, mas não conseguiu arrancar um meu.

- Ax, ela está a salvo. Já faz semanas que nenhum dos guerreiros que chegam em Nova Iorque tentam te desafiar. Eles vêm dobrar o pescoço e os joelhos para o Alfa dos alfas, o tocado por Fenrir. Sua fama te precede, nós estamos seguros, vem dormir.
- Já vou menti, ainda recostado na janela, bebendo a imagem das duas, tragando seus cheiros, como se fossem minha última respiração.

É claro que Kami percebeu, eu nunca conseguia mentir para ela. Mesmo assim, fechou os olhos.

"Não vamos dormir!" — o lobo vociferou, focado na pequena embrulhada nos seios de Kamari.

Não, eu nunca mais dormiria tranquilo, mas jamais me senti tão feliz. E tudo o que elas precisavam fazer era existir, estarem aqui para me lembrar do propósito, da pouca humanidade que me restava.

Saí da janela, deixando a cortina aberta e me deitei atrás de Kami, envolvendo as duas com meu braço.

- Ela não pode viver trancada nessa torre. Quero que Ayla tenha uma vida normal, como a que meus pais proporcionaram para mim.
- No meio dos humanos? Meu lobo rosnou por mim, vibrando em meu peito.
- Nos dois mundos, abraçando suas duas metades. E eu também quero voltar a estudar. Não vamos ficar aprisionadas aqui, isso não é vida.

Ela tinha razão. Mas eu as cercaria de guardiões. Kami saberia, pois não conseguia esconder nada dela, mas, para a pequena lua, minha *Ayla*, forjaria a sensação de liberdade humana e observaria, à uma distância segura, todos seus passos.

Ninguém jamais encostaria nela. Nem que precisasse me tornar o maior predador do mundo inteiro e não apenas do meu continente.

- Não pode mais me chamar de princesa, agora que tem a sua alfinetou-me, sabendo para onde meus pensamentos possessivos corriam.
  - Eu não sou *um rei*, Kami.
  - E não podemos esquecer disso satirizou, risonha.

Olhou-me sobre o ombro e eu sabia o que ela queria dizer. Poder demais corrompia e eu já estava a meio caminho de me tornar o "novo tirano".

- Você não vai deixar, lembra?
- Não vou deixar. Você é meu, Axel Blackthorn.

Não a corrigi, deixei que pensasse o que quisesse, mas a verdade era que *ela* era minha. Ela e todas as crias que tivéssemos. As bençãos que colheria, mesmo sem merecer.

Ouvi as passadas de Ivar dentro da minha casa. A cobertura que reformamos para parecer com a casa do alfa no Caern. Esta cobertura era o nosso Caern Blackthorn, protegido por Kamari e seus poderes nos blindando, como a fodida Selene a ensinou a fazer.

Apenas Ivar, Benny, Ros, Napul — Não-Paul — e Leah, conseguiam encontrar o caminho da cobertura. Qualquer outro lupino subia direto para o novo heliporto no terraço leste, perdido.

Ivar não estava sozinho. Leah era a única metamorfa do meu bando. Sem o fardo de sangue, não sabíamos se os metamorfos ainda podiam se transformar em lobisomens, ao se alimentarem de carne humana. E, para testar, ela teria que quebrar a nova lei e caçar humanos.

Abriria uma exceção para ela, mas Leah não queria. Ficou porque disse que não tinha mais nada no antigo Caern. Seus pais morreram e Bjorn era sua última família, pela parceria. Agora ela esquentava a cama de Ivar, quando queria. Um arranjo que meu beta parecia gostar, mais do que era saudável. Leah era uma *viúva*, ele teria o coração partido.

Gostava de tê-la aqui, ao menos um dos meus amigos escolheu a mim, mesmo que, da parte dela, tivesse sido falta de escolha. Saí do quarto, deixando Kami com nossa filha e fui para a sala gigantesca, onde antes era o "museu de Tyre". Agora havia as salas de jantar e estar, junto da cozinha em plano aberto. Era grande demais para nós três, mas não queria mais ninguém ali dentro. E enfiaria quantas crias pudesse em Kamari.

Grávida, ela ficava mais flexível na obediência — se é que isso existia no vocabulário da minha parceira —, não queria se arriscar tanto do lado de fora; era um benefício duplo.

- O que está acontecendo?
- Benny os encontrou, o fuso é diferente... Ivar explicou com um telefone via satélite nas mãos.

Tomei o aparelho de sua mão e coloquei no ouvido.

- Axel Blackthorn? O sotaque pesado no inglês me indicou que não era Benny do outro lado da linha.
  - Quem tá falando?
- Você deveria saber, já que matou meu criador. Mas os Blackthorn sempre foram um espinho, um incômodo, que Tyre se forçou a conviver, por causa do seu *amor* pelo fraco do Jonah. Meu lobo fez um rosnado agressivo atravessar meus lábios, provocado pelo desdém do macho do outro lado do Atlântico, ousando falar comigo daquela maneira. Os *Primeiros Filhos* não reconhecem a sua soberania. Nem eu, nem meus irmãos, vamos seguir um *filhote*.
- Seu tempo de vida é limitado agora. Apaguei seu criador da história e vou apagar vocês também. Em algumas gerações, ninguém vai saber o seu nome, como eu não sei. E você será reduzido a nada. Boa sorte com a sua mortalidade.
- O nome por essas últimas *gerações* tem sido Gaius *Tyrant*. Mas, para você escrever na sua história: *Gaius Marcius Tiranus* pronunciou, como se falasse em latim. Fica com o seu pedaço de mundo, Blackthorn.

E desligou na minha cara. Fechei minha pata no aparelho, triturando-o em pedaços afiados, que fincaram em meus dedos. Ivar coçou a barba e Leah deu um passo para trás, sentindo a vibração de pura cólera que eu vertia pelos poros.

- Quem é Gaius?! Arrastei a pergunta, tendo dificuldade para falar com as presas alongadas. Minha voz gutural ecoou no cômodo gigante.
- *O Romano*. O líder eleito do conselho de alfas dos Primeiros Filhos. Eles declararam guerra? Ivar tentou não deixar sua apreensão transparecer, mas ele *fedia* a pavor.
- Disse que os Primeiros Filhos não reconheciam minha soberania e que eu ficasse com meu *pedaço de mundo*.
- Ax, você tem problemas demais limpando o seu novo território. Não estamos, nem de longe, prontos para uma guerra contra os Primeiros. Do outro lado dos dois oceanos, *todos são Tyrant*. Mesmo os de pelos negros ou marrons. Se eles não declararam guerra, temos tempo para nos preparar, e você para aproveitar aquilo. Ivar fez um gesto de queixo, indicando as minhas costas.

Olhei para o corredor, onde Kamari estava de pé, segurando minha filha nos braços. Seu queixo teimoso erguido, os olhos brilhando prateados. Sim, eu teria tempo para elas e para me preparar para a guerra.

# AGRADECIMENTOS

#### Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus.

Escrever sempre foi meu sonho e *Deus me permitiu*. Ele me deu a benção que eu precisava, na hora da maior necessidade!

Além Dele, preciso agradecer demais às pessoas que estão sempre comigo.

Sou grata pela demais pelas minhas betas, sempre à minha direita, esperando com paciência meus altos e baixos, minhas confusões e indecisões. Dando-me um amor incondicional e bonito. Obrigada à Emy, Lis, Lud, Mari, Rana e Tam.

À leitora crítica, Aline, obrigada por ter lido a jato, segurado a minha mão e me passado segurança.

À minha revisora, Beatriz Lúcio (e à estagiária, Maria Helena, Nena, que chegou este ano de 2024). Bea, muito obrigada pela paz e os comentários que me fazem gargalhar e por não ter soltado a minha mão em momento algum!

À minha assessoria, sem a qual eu não conseguiria ter escrito e publicado *tão depressa*: Vanessa, obrigada por receber minha ligação faltando *quinze dias* para publicar "olha, vai rolar hein!" e, prontamente, agitar *tudo por mim*! Também por trazer a Eva e a Charlene. Obrigada, meninas, por administrarem meus grupos com tanto carinho. Obrigada demais!

À Ellen, que fez as capas. Cheguei chorando, pois nenhum capista conseguia entender o que eu queria. Nem eu sabia! Mas na mesma noite,

Ellen voltou com *a capa perfeita*, como se me dissesse: "É isso que você quer!". Obrigada demais!

À Elaine, da editora Cabana Vermelha, por decidir apostar nos livros físicos desta duologia, trazendo a primeira edição já em *capa dura*!

Aos ilustradores maravilhosos que se dedicaram e fizeram artes esplêndidas para essa duologia: Tai, Lívia, Iran, Anna, Lally, Gabi, Mila, Nanda, Vane, Berry e Lis! Tudo o que eu sonhei, vocês transformaram em arte.

Agradeço sem limite às *minhas parceiras* e amigas, *bookstans*, meu bando! Elas, que levantam a bandeira e panfletam. Eu *não tenho palavras* suficientes para agradecer a todas vocês. São amigas que fiz pelo meio do caminho e que me divulgam, faça chuva ou faça sol. Tenho medo de ser injusta e esquecer alguém, mas, por favor, saibam que este aqui é para vocês, viu!

Às parceiras: Adryelly, Aline, Amanda, Andreza, Ariel, Bruna, Giselle, Isadora, Jéssica, Jordanna, Júlia, Juliana, Kadja, Kassandra, Larissa, Laysa, Layza, Leandra, Lívia, Luceli, Marcelle, Maria Angélica, Maria Clara, Naiara, Nayane, Núbia, Paula Cristina, Paula Gomes, Pauliinhah Soares, Rana, Regina, Roseane, Stephanie, Suelen, Suelen, Thainara, Thaís, Thatiane e Vitória. Titia ama todas!

Às minhas amigas bookstans, que tão comigo sempre! (perdão se esquecer alguém #cry) Shirley, Anne, Lu Guarani, Glau, May & Panda.

Todas essas pessoas vieram através Dele, para me provar que eu posso continuar sonhando, porra! E sempre que eu esquecer para quê escrevo, sei que meus leitores irão me lembrar.

Por isso, por último e não menos importante — talvez até o mais importante —, obrigada a você, leitore, que chegou até aqui, que leu esta duologia ou que acompanha todo meu trabalho. Sem leitore não haveria a autora, a Seravat (só o avesso).

Sinceramente,

Agatha

## REDES SOCIAIS

Para ficar por dentro das novidades sobre os próximos lançamentos, siga a autora nas redes sociais, **@authoragatha** em todas as redes. Ou clique nos links abaixo:

INSTAGRAM | GRUPO WHATSAPP | CANAL IG

[1] Descendente latente é aquele que tem o gene, mas nunca se transforma. [2] Referência ao livro "O velho e o mar" de Ernest Hemingway. [3] Os Aesir eram os deuses guerreiros, ligados à força e às leis, que moravam no Asgard, sendo o seu chefe Odin. [4] Galera, Daniel. Cordilheira. São Paulo. 2008. [5] Game of Thrones.